

UNIVERSIDADE DO ALGARVE
FACULDADE DE ECONOMIA

**PERCEÇÃO DOS RESIDENTES SOBRE O IMPACTO DO TURISMO NA SUA
QUALIDADE DE VIDA
O CASO DO CONCELHO DE LOULÉ**

Ana Isabel da Silva Aço Renda

DOUTORAMENTO EM TURISMO

Tese Orientada por:

PROFESSOR DOUTOR JÚLIO DA COSTA MENDES
PROFESSORA DOUTORA PATRÍCIA OOM DO VALLE

Faro

2012

PERCEÇÃO DOS RESIDENTES SOBRE O IMPACTO DO TURISMO NA SUA
QUALIDADE DE VIDA
O CASO DO CONCELHO DE LOULÉ

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de documentos referida.

(Ana Isabel da Silva Aço Renda)

Copyright

A Universidade do Algarve tem o direito perpétuo e sem limites geográficos de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.”

Dedicatória

Aos meus filhos, Miguel e Rita.

Não existe um caminho para a felicidade. A felicidade é o caminho.

Mahatma Gandhi

ÍNDICE GERAL

	Página
Dedicatória	iii
ÍNDICE DE FIGURAS	viii
ÍNDICE DE TABELAS	xii
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	xx
Agradecimentos	xxi
Resumo	xxii
Abstract	xxiii
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Enquadramento do estudo e definição do tema	1
1.2. Problematização do estudo da qualidade de vida nos destinos turísticos.....	2
1.3. Objetivos da investigação	7
1.4. Desenho da pesquisa.....	8
1.5. Organização da tese	11
CAPÍTULO 2. O FENÓMENO TURÍSTICO: DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE NOS DESTINOS	13
Nota introdutória.....	13
2.1. Natureza e emergência do turismo	13
2.2. Conhecimento em turismo	17
2.3. Conceptualização do turismo.....	20
2.4. Do planeamento ao desenvolvimento competitivo e sustentável dos destinos... 27	
2.4.1. Desenvolvimento turístico e planeamento participativo.....	30
2.4.2. Necessária sustentabilidade turística	34
2.4.3. Competitividade e turismo.....	37
2.4.4. Modelos teóricos do desenvolvimento turístico	42
Síntese conclusiva.....	52
CAPÍTULO 3. OS RESIDENTES FACE AO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO	53
Nota introdutória.....	53
3.1. Interação entre residentes e turistas num destino turístico	53
3.1.1. Social Exchange Theory	54

3.1.2. Teoria da Representação Social.....	58
3.1.3. Teoria dos <i>Stakeholders</i>	61
3.1.4. Teoria da Dependência	65
3.2. Perceções e atitudes dos residentes face ao turismo	68
3.2.1. Doxey Irridex Model	72
3.2.2. Tourism Impact Attitude Scale	79
3.2.3. Perceção dos impactos económicos.....	87
3.2.4. Perceção dos impactos sociais	89
3.2.5. Perceção dos impactos culturais	93
3.2.6. Perceção dos impactos ambientais.....	95
Síntese conclusiva.....	98
CAPÍTULO 4. QUALIDADE DE VIDA DOS RESIDENTES DOS DESTINOS TURÍSTICOS	99
Nota introdutória.....	99
4.1. Qualidade de vida, necessidades humanas e expectativas.....	99
4.2. Estudo e medição da qualidade de vida	107
4.2.1. Evolução do conceito de qualidade de vida.....	107
4.2.2. Medição da qualidade de vida	119
4.3. Qualidade de vida e impactos do turismo - perceção dos residentes.....	139
4.3.1. Felicidade e qualidade de vida dos residentes	146
4.3.2. Satisfação com a vida e qualidade de vida dos residentes.....	151
Síntese conclusiva.....	155
CAPÍTULO 5. O ALGARVE E O CONCELHO DE LOULÉ.....	156
Nota introdutória.....	156
5.1. Diferenças, similitudes e particularidades do lugar turístico	156
5.2. Regiões naturais do concelho de Loulé: desenvolvimento turístico.....	160
5.3. Recursos turísticos das regiões naturais e freguesias do concelho de Loulé	165
Síntese conclusiva.....	167
CAPÍTULO 6. MODELO PROPOSTO: PERCEÇÃO DOS RESIDENTES SOBRE OS IMPACTOS DO TURISMO NA SUA QUALIDADE DE VIDA	168
Nota introdutória.....	168
6.1. Mapa da literatura	168

6.2. Quadro conceptual do estudo.....	171
6.3. Modelação das percepções dos residentes sobre o impacto do turismo e sobre a qualidade de vida	174
6.4. Modelo proposto e hipóteses de investigação	176
Síntese conclusiva.....	190
CAPÍTULO 7. METODOLOGIA.....	192
Nota introdutória.....	192
7.1. Pesquisa exploratória	192
7.1.1. Entrevistas exploratórias.....	193
7.1.2. Observação participante.....	197
7.1.3. Recolha de documentos e informação	198
7.2. Construção do questionário	199
7.2.1. Desenho do questionário.....	199
7.2.2. Variáveis latentes e indicadores.....	204
7.2.3. Pré-teste e reestruturação do questionário	208
7.3. Definição da amostra e recolha de dados	211
7.3.1. População alvo e amostra	211
7.3.2. Aplicação do questionário	214
7.4. Métodos de análise de dados	217
7.4.1. Pertinência da utilização de um modelo de equações estruturais	218
Síntese conclusiva.....	227
CAPÍTULO 8. RESULTADOS E DISCUSSÃO	228
Nota introdutória.....	228
8.1. Pesquisa exploratória	228
8.1.1. Entrevistas.....	228
8.1.2. Observação participante.....	231
8.1.3. Recolha de documentação	233
8.2. Questionário aos residentes do concelho de Loulé.....	233
8.2.1. Caracterização da amostra	233
8.2.1.1. Caracterização univariada da amostra	234
8.2.1.2. Caracterização bivariada da amostra	243
8.2.2. Análise da percepção dos impactos do turismo	255

8.2.2.1.	Caracterização univariada dos indicadores	255
8.2.2.2.	Caracterização segundo a região natural	268
8.2.2.3.	Caracterização segundo as características sociodemográficas	284
8.2.2.4.	Caracterização segundo o tipo e frequência da relação com o turismo	290
8.2.2.5.	Discussão dos principais resultados relativos à percepção dos impactos do turismo	301
8.2.3.	Análise da percepção da qualidade de vida	312
8.2.3.1.	Caracterização univariada dos indicadores	312
8.2.3.2.	Caracterização segundo a região natural	331
8.2.3.3.	Caracterização segundo as características sociodemográficas	351
8.2.3.4.	Caracterização segundo o tipo e frequência da relação com o turismo	367
8.2.3.5.	Discussão dos principais resultados relativos à percepção da qualidade de vida	378
8.2.4.	Estimação e avaliação do modelo	396
8.2.5.	Teste das hipóteses de investigação	412
8.2.6.	Discussão das hipóteses de investigação	418
	Síntese conclusiva	426
	CAPÍTULO 9. CONCLUSÕES	427
9.1.	Reflexão crítica e principais resultados	427
9.2.	Contributos e implicações do estudo	435
9.3.	Limitações do estudo	437
9.4.	Novas perspectivas de investigação	437
9.5.	Considerações finais	439
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	440
	APÊNDICE	463

ÍNDICE DE FIGURAS

	Página
Figura 1.1 – Objetivos da investigação	8
Figura 1.2 – Desenho da pesquisa	10
Figura 2.1 – Componentes de desenvolvimento de um destino turístico	29
Figura 2.2 – Possibilidades do destino	33
Figura 2.3 – Dez produtos estratégicos previstos no PENT	41
Figura 2.4 – Modelo do Butler	44
Figura 3.1 – Modelo da Social Exchange Theory	55
Figura 3.2 – <i>Stakeholders theory</i>	62
Figura 3.3 – Escalas de dependência espacial	66
Figura 3.4 – Ciclo de vida do destino versus Doxey Irridex	75
Figura 3.5 – Modelo de análise dos impactos do turismo	82
Figura 4.1 – Índice de felicidade do planeta.....	126
Figura 4.2 – Enquadramento da OCDE para a mensuração do bem-estar e do progresso	129
Figura 4.3 – Fatores determinantes da felicidade	135
Figura 4.4 – Relação entre a qualidade da experiência turística e a qualidade de vida dos residentes	140
Figura 4.5 – Dimensões e domínios no estudo da qualidade de vida.....	146
Figura 5.1 – Localização geográfica do Algarve e do concelho de Loulé	157
Figura 5.2 – Gráfico da população residente por município – Algarve (2001 e 2011)	158
Figura 5.3 – As zonas endafo-climáticas do Algarve e a distribuição das freguesias do concelho de Loulé, por regiões naturais	161
Figura 5.4. - Localização geográfica da Via Algarviana.....	161
Figura 6.1 - Mapa da Literatura.....	170
Figura 6.2 – Quadro conceptual do Estudo	172
Figura 6.3 – Modelo Proposto - Relação entre a perceção dos impactos do turismo e a perceção da qualidade de vida pelos residentes.....	177
Figura 6.4 – Relações entre variáveis.....	179
Figura 7.1 – Triangulação de Métodos.....	193
Figura 7.2 – Dimensões de análise no questionário	200
Figura 7.3 – Blocos do questionário	201

Figura 8.1 - Sexo	234
Figura 8.2 - Distribuição dos inquiridos pelas freguesias	236
Figura 8.3 - Distribuição dos inquiridos pelas regiões naturais	237
Figura 8.4 - Propriedade da Habitação	240
Figura 8.5 - Rendimento mensal médio do agregado familiar	241
Figura 8.6 - Atividade profissional do inquirido e do elemento que mais contribui para o rendimento mensal.....	242
Figura 8.7 - Características dos residentes e sua relação com o turismo	244
Figura 8.8 – Perceção dos impactos do turismo a nível global, económico, social, cultural e ambiental	256
Figura 8.9 - Perceção do impacto global do turismo.....	257
Figura 8.10 - Perceção global dos impactos económicos do turismo.....	258
Figura 8.11 – Percentagens agregadas relativas à perceção dos impactos económicos do turismo.....	260
Figura 8.12 – Perceção global dos impactos culturais do turismo	261
Figura 8.13 - Perceção dos impactos culturais do turismo	263
Figura 8.14 – Perceção dos impactos ambientais do turismo.....	265
Figura 8.15 - Perceção global dos impactos sociais do turismo.....	266
Figura 8.16 - Perceção dos impactos sociais do turismo a nível pessoal e na zona de residência.....	268
Figura 8.17 – Variáveis consideradas na descrição da perceção dos impactos do turismo	269
Figura 8.18 – Distribuição da perceção global positiva dos inquiridos face aos impactos do turismo, por região natural (em percentagem).....	271
Figura 8.19 – Distribuição do grau de concordância face à perceção dos impactos económicos do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem)	272
Figura 8.20 – Distribuição do grau de concordância face à perceção dos impactos económicos do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem) .	274
Figura 8.21 – Distribuição do grau de concordância face à perceção dos impactos sociais do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem).....	276
Figura 8.22 – Distribuição do grau de concordância face à perceção dos impactos sociais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)	278
Figura 8.23 – Distribuição do grau de concordância face à perceção dos impactos culturais do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem).....	279

Figura 8.24 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos culturais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)	280
Figura 8.25 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos ambientais do turismo, em termos pessoais, por região natural (em percentagem)	282
Figura 8.26 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos ambientais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)...	283
Figura 8.27 – Cruzamento da percepção dos residentes sobre os impactos do turismo do desenvolvimento turístico com as suas características sociodemográficas	284
Figura 8.28 – Cruzamento da percepção dos residentes com as suas características sociodemográficas e relação com o turismo.....	290
Figura 8.29 – Percepção global da qualidade de vida	314
Figura 8.30 – Percepção da satisfação global com a vida	315
Figura 8.31 – Percepção global do bem-estar material	316
Figura 8.32 – Percepção do bem-estar material	318
Figura 8.33 - Percepção global do bem-estar na saúde	319
Figura 8.34 – Percepção do bem-estar na saúde.....	320
Figura 8.35 – Percepção global do bem-estar na segurança.....	321
Figura 8.36 – Percepção do bem-estar na segurança.....	323
Figura 8.37 – Percepção global da felicidade.....	324
Figura 8.38 – Percepção global do bem-estar comunitário	325
Figura 8.39 - Percepção do bem-estar comunitário	327
Figura 8.40 – Percepção global do bem-estar emocional.....	328
Figura 8.41 – Percepção do bem-estar emocional.....	330
Figura 8.42 - Percepção global dos diferentes tipos de bem-estar	331
Figura 8.43 – Variáveis consideradas na descrição da percepção da qualidade de vida	332
Figura 8.44 – Distribuição da percepção global positiva da qualidade de vida, por região natural (em percentagem)	334
Figura 8.45 – Distribuição da percepção global positiva da felicidade e da satisfação com a vida, por região natural (em percentagem)	335
Figura 8.46 – Distribuição da percepção global do bem-estar, por região natural (em percentagem)	337
Figura 8.47 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar material, a nível pessoal, por região natural (em percentagem).....	339

Figura 8.48 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar material, na zona de residência, por região natural (em percentagem).....	341
Figura 8.49 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, a nível pessoal, por região natural (em percentagem).....	342
Figura 8.50 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, na zona de residência, por região natural (em percentagem).....	344
Figura 8.51 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar na segurança, a nível pessoal, por região natural (em percentagem).....	345
Figura 8.52 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar na segurança, na zona de residência, por região natural (em percentagem)	347
Figura 8.53 – Distribuição do grau de felicidade face ao bem-estar comunitário, por região natural (em percentagem)	349
Figura 8.54 – Distribuição do grau de felicidade face ao bem-estar emocional, por região natural (em percentagem)	350
Figura 8.55 – Cruzamento da perceção dos residentes sobre a qualidade de vida com as suas características sociodemográficas	351
Figura 8.56 – Cruzamento da perceção dos residentes sobre a qualidade de vida com a sua relação com o turismo	367
Figura 8.57 – Modelo Estrutural.....	409

ÍNDICE DE TABELAS

	Página
Tabela 2.1– Plataformas do conhecimento em turismo.....	19
Tabela 2.2 – Definições de turismo e de turista	25
Tabela 2.3 – Propostas de vários autores.....	52
Tabela 3.1 – Modelo Irridex de Doxey (1975).....	74
Tabela 6.1 - Resumo de artigos de referência para o estudo das percepções dos residentes sobre o impacto do turismo e sobre a qualidade de vida, que utilizam SEM.....	175
Tabela 6.2 – Variáveis Latentes	178
Tabela 6.3 - Objetivos e hipóteses do modelo estrutural associadas à relação entre a Percepção Global dos Impactos do Turismo e a Percepção Global da Qualidade de Vida (H1 a H4).....	181
Tabela 6.4 - Objetivos e hipóteses do modelo estrutural decorrentes da Percepção Global dos Impactos do Turismo (H5 a H8)	184
Tabela 6.5 - Objetivos e hipóteses do modelo estrutural decorrentes da Percepção Global da Qualidade de Vida (H9 e H10)	188
Tabela 7.1 – Entrevistas exploratórias realizadas.....	197
Tabela 7.2 – Principais fontes de informação.....	199
Tabela 7.3 - Variáveis e indicadores do Questionário.....	205
Tabela 7.4 – Alterações efetuadas ao questionário após o pré-teste	209
Tabela 7.5 – Dimensão da amostra.....	214
Tabela 7.6 – Locais identificados inicialmente para aplicação dos questionários aos residentes	215
Tabela 7.7 – Locais utilizados para aplicação dos questionários aos residentes	216
Tabela 8.1 – Idade – medidas descritivas	234
Tabela 8.2 – Estado civil	235
Tabela 8.3 – Naturalidade.....	235
Tabela 8.4 – Tempo de residência na freguesia e no concelho	237
Tabela 8.5 – Nível de estudos concluído.....	238
Tabela 8.6 - Situação atual face ao emprego	238
Tabela 8.7 – Área (s) em que já trabalhou.....	239
Tabela 8.8 - Composição do agregado familiar.....	240

Tabela 8.9 - Elemento do agregado familiar que mais contribui para o rendimento mensal	241
Tabela 8.10 – Frequência e tipo de contacto com os turistas	243
Tabela 8.11 - Frequência de contacto com turistas em eventos especiais e escalão etário	245
Tabela 8.12 - Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho e escalão etário	246
Tabela 8.13 - Frequência de contacto com turistas em situações de lazer e escalão etário	246
Tabela 8.14 - Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia e escalão etário	247
Tabela 8.15 - Frequência de contacto com turistas em eventos especiais e nível de escolaridade	248
Tabela 8.16 - Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho e nível de escolaridade.....	248
Tabela 8.17 - Frequência de contacto com turistas em situações de lazer e nível de escolaridade	249
Tabela 8.18 - Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia e nível de escolaridade	250
Tabela 8.19 - Frequência de contacto com turistas em eventos especiais e área de atividade	251
Tabela 8.20 - Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho e área de atividade	251
Tabela 8.21 - Frequência de contacto com turistas em situações de lazer e área de atividade	252
Tabela 8.22 - Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia e área de atividade	253
Tabela 8.23 - Frequência de contacto com turistas em eventos especiais e região natural	253
Tabela 8.24 - Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho e região natural	254
Tabela 8.25 - Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia e região natural	255
Tabela 8.26 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à perceção global dos impactos do turismo	257
Tabela 8.27 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à perceção do impacto económico do turismo	258

Tabela 8.28 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção do impacto económico do turismo, a nível pessoal e na zona de residência.....	259
Tabela 8.29 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global dos impactos culturais do turismo.....	260
Tabela 8.30 – Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção dos impactos culturais do turismo a nível pessoal e na zona de residência.....	262
Tabela 8.31 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global dos impactos ambientais do turismo	263
Tabela 8.32 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção dos impactos ambientais do turismo a nível pessoal e na zona de residência	264
Tabela 8.33 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global dos impactos sociais do turismo.....	265
Tabela 8.34 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção dos impactos sociais do turismo a nível pessoal e na zona de residência	267
Tabela 8.35 – Percepção global positiva dos impactos do turismo, por região natural .	270
Tabela 8.36 – Grau de concordância face à percepção dos impactos económicos do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem)	272
Tabela 8.37 – Grau de concordância face à percepção dos impactos económicos do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)	273
Tabela 8.38 – Grau de concordância face à percepção dos impactos sociais do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem).....	275
Tabela 8.39 – Grau de concordância face à percepção dos impactos sociais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)	277
Tabela 8.40 – Grau de concordância face à percepção dos impactos culturais do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem).....	278
Tabela 8.41– Grau de concordância face à percepção dos impactos culturais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)	280
Tabela 8.42– Grau de concordância face à percepção dos impactos ambientais do turismo, em termos pessoais, por região natural (em percentagem)	281
Tabela 8.43 – Grau de concordância face à percepção dos impactos ambientais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)	283
Tabela 8.44 – Percepção do desenvolvimento turístico e escolaridade.....	285
Tabela 8.45 – Percepção do desenvolvimento turístico e escolaridade - Percepção do desenvolvimento turístico e rendimento médio mensal do agregado familiar	285
Tabela 8.46 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível económico e rendimento mensal do agregado familiar.....	286
Tabela 8.47 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e escolaridade	287

Tabela 8.48 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e rendimento médio mensal do agregado familiar.....	287
Tabela 8.49 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e escolaridade .	288
Tabela 8.50 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e rendimento médio mensal do agregado familiar	289
Tabela 8.51 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível ambiental e rendimento médio mensal do agregado familiar	289
Tabela 8.52 - Percepção do desenvolvimento turístico e frequência de contacto com turistas em eventos especiais	291
Tabela 8.53 - Percepção do desenvolvimento turístico e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	292
Tabela 8.54 - Percepção do desenvolvimento turístico e frequência de contacto com turistas em situações de lazer.....	292
Tabela 8.55 - Percepção do desenvolvimento turístico e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	293
Tabela 8.56 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível económico e frequência de contacto com turistas em eventos especiais.....	294
Tabela 8.57 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível económico e frequência de contacto com turistas em situações de lazer	294
Tabela 8.58 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível económico e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	295
Tabela 8.59 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e frequência de contacto com turistas em eventos especiais.....	295
Tabela 8.60 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho.....	296
Tabela 8.61 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e frequência de contacto com turistas em situações de lazer	296
Tabela 8.62 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	297
Tabela 8.63 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e frequência de contacto com turistas em eventos especiais.....	297
Tabela 8.64 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho.....	298
Tabela 8.65 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e frequência de contacto com turistas em situações de lazer	298
Tabela 8.66 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	299

Tabela 8.67 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível ambiental e frequência de contacto com turistas em eventos especiais.....	300
Tabela 8.68 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível ambiental e frequência de contacto com turistas em situações de lazer	300
Tabela 8.69 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível ambiental e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	301
Tabela 8.70 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global da qualidade de vida	313
Tabela 8.71 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global da satisfação com a vida.....	314
Tabela 8.72 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar material	315
Tabela 8.73 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar material a nível pessoal e na zona de residência.....	317
Tabela 8.74 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar na saúde.....	318
Tabela 8.75 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção do bem-estar na saúde	319
Tabela 8.76 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar na segurança.....	321
Tabela 8.77 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção do bem-estar na segurança a nível pessoal e na zona de residência.....	322
Tabela 8.78 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global da felicidade	323
Tabela 8.79 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar comunitário	324
Tabela 8.80 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção do bem-estar comunitário.....	326
Tabela 8.81 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar emocional.....	328
Tabela 8.82 - Distribuição das respostas pelas opções relativas ao bem-estar emocional	329
Tabela 8.83 – Percepção global positiva da qualidade de vida, por região natural (em percentagem)	333
Tabela 8.84 – Percepção global positiva da felicidade e da satisfação com a vida, por região natural (em percentagem)	334

Tabela 8.85 – Percepção global positiva do bem-estar, por região natural (em percentagem)	336
Tabela 8.86 – Grau de satisfação face ao bem-estar material, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)	338
Tabela 8.87 – Grau de satisfação face ao bem-estar material, na zona de residência, por região natural (em percentagem)	340
Tabela 8.88 – Grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)	342
Tabela 8.89 – Grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, na zona de residência, por região natural (em percentagem)	343
Tabela 8.90 – Grau de satisfação face ao bem-estar na segurança, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)	345
Tabela 8.91 – Grau de satisfação face ao bem-estar na segurança, na zona de residência, por região natural (em percentagem)	346
Tabela 8.92 – Grau de felicidade face ao bem-estar comunitário, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)	348
Tabela 8.93 – Grau de felicidade face ao bem-estar emocional, na zona de residência, por região natural (em percentagem).....	350
Tabela 8.94 - Qualidade de vida atual e escalão etário	352
Tabela 8.95 – Qualidade de vida atual e estado civil	353
Tabela 8.96 – Qualidade de vida e escolaridade	353
Tabela 8.97 – Qualidade de vida atual e rendimento mensal do agregado familiar.....	354
Tabela 8.98 - Qualidade de vida atual e área profissional do elemento que mais contribui para o rendimento mensal do agregado familiar	355
Tabela 8.99 – Qualidade de vida atual e propriedade da habitação	355
Tabela 8.100 - Qualidade de vida atual e tempo de residência no concelho de Loulé.	356
Tabela 8.101 - Qualidade de vida na zona de residência e escalão etário	357
Tabela 8.102 - Qualidade de vida na sua zona de residência e escolaridade	358
Tabela 8.103 - Qualidade de vida na sua zona de residência e rendimento médio mensal do agregado familiar	358
Tabela 8.104 – Felicidade e escalão etário	359
Tabela 8.105 – Felicidade e estado civil.....	360
Tabela 8.106 – Felicidade e escolaridade.....	361
Tabela 8.107 – Felicidade e rendimento médio mensal do agregado familiar	361
Tabela 8.108 – Felicidade situação habitacional	362

Tabela 8.109 – Felicidade e tempo residência no concelho de Loulé	362
Tabela 8.110 - Satisfação com a vida e escalão etário	363
Tabela 8.111 – Satisfação com a vida e estado civil	364
Tabela 8.112 – Satisfação com a vida e escolaridade.....	365
Tabela 8.113 – Satisfação com a vida e rendimento médio mensal do agregado familiar	365
Tabela 8.114 – Satisfação com a vida e situação habitacional.....	366
Tabela 8.115 – Satisfação com a vida e tempo de residência no concelho de Loulé...	366
Tabela 8.116 – Qualidade de vida atual e frequência de contacto com turistas em eventos especiais.....	368
Tabela 8.117 - Qualidade de vida atual e frequência de contacto com turistas em situações de lazer.....	369
Tabela 8.118 - Qualidade de vida atual e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	370
Tabela 8.119 - Qualidade de vida na sua zona de residência e frequência de contacto com turistas em eventos especiais	371
Tabela 8.120 - Qualidade de vida na sua zona de residência e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	371
Tabela 8.121 - Qualidade de vida na zona de residência e frequência de contacto com turistas em situações de lazer.....	372
Tabela 8.122 - Qualidade de vida na sua zona de residência e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	373
Tabela 8.123 – Felicidade e frequência de contacto com turistas em eventos especiais	373
Tabela 8.124 - Felicidade e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	374
Tabela 8.125 – Felicidade e frequência de contacto com turistas em situações de lazer	374
Tabela 8.126 - Felicidade e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	375
Tabela 8.127 – Satisfação com a vida e frequência de contacto com turistas em eventos especiais.....	376
Tabela 8.128 – Satisfação com a vida e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho.....	376
Tabela 8.129 – Satisfação com a vida e frequência de contacto com turistas em situações de lazer	377

Tabela 8.130 – Satisfação com a vida e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	378
Tabela 8.131 - <i>Loadings</i> finais do modelo após reestimação.....	398
Tabela 8.132 – Consistência interna das variáveis latentes	399
Tabela 8.133 – Validade convergente das variáveis latentes (AVE)	399
Tabela 8.134 – Valores t dos <i>loadings</i>	400
Tabela 8.135 – Validade discriminante das variáveis latentes (correlação entre constructos).....	402
Tabela 8.136 – <i>Cross-loadings</i>	404
Tabela 8.137 – Resultados do modelo de medida formativo	407
Tabela 8.138 – Resultados do modelo estrutural.....	410
Tabela 8.139 – Resultados da capacidade de previsão do modelo	411
Tabela 8.140 – Testes às hipóteses de investigação que preveem efeitos diretos	413
Tabela 8.141 - Testes às hipóteses de investigação que preveem efeitos indiretos e mediadores.....	415
Tabela 8.142 - Percentil <i>Bootstrapp</i> para testar a H2.....	415
Tabela 8.143 - Percentil <i>Bootstrapp</i> para testar a H3.....	416
Tabela 8.144 – Efeitos diretos, indiretos e totais entre as variáveis latentes.....	416
Tabela 8.145 - Testes a hipótese de investigação que prevê um efeito moderador.....	417
Tabela 8.146 – Categorias consideradas e respetivas dummies	417
Tabela 8.147 – Teste aos efeitos moderadores	418
Tabela 8.148 – Síntese dos resultados dos testes das hipóteses de investigação	419

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ANA	Aeroportos de Portugal
AVE	Average Variance Extrated ou variância Média Extraída
CBS	Centro de Estudos do Butão
CCDR	Comissão de coordenação e Desenvolvimento Regional
CML	Câmara Municipal de Loulé
ERC	Existência, Relacionamento e Crescimento
FEMCTV	Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de trabalho e de Vida
FIB	Felicidade Interna Bruta
GNH	Gross National Happiness
GP	Governo de Portugal
GPI	Genuine Progress Indicator
GS	Genuin Saving Indicator
HLY	Happy-Life-Years
HPI	Happy Planet Index
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INE	Instituto Nacional de Estatística
INTEC/BTI	Sociedade Técnica de Equipamentos Industriais/Behavioral Technology Institute
ISEW	Index of Sustainable Economic Welfare
LPI	Living Planet Index
NEF	New Economic Foundation
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OECD	Organization for Economic Co-operation and Devellopment
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização não Governamental
PENT	Plano Estratégico Nacional do Turismo
PIB	Produto Interno Bruto
PLS	Partial Least Squares
PLS-PM	Partial Least Squares-Path Modeling
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PO	Programa Operacional
QREN	Quadro de Referência Estratégica Nacional
SEM	Structural Equation Model
SET	Social Exchange Theory
SNBI	Sustainable Net Benefit Index
SPSS	Statistical Package for Social Sciences
SQOL	Satisfação Global com a Vida
TALC	Tourism Area Life Cycle
TIAS	Tourism Impact Atitude Scale
TMNS	Turismo de Massa Não Sustentável
TMS	Turismo de Massa Sustentável
UN	Nações Unidas
UNWTO	United Nations World Tourism Organization
VIF	Variance Inflation Factor
WEF	World Economic Forum
WHO	World Health Organization Quality of Life- 100
WN	Well-being of Nations

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus orientadores, o Professor Doutor Júlio Mendes e a Professora Doutora Patrícia Oom do Valle, que me apoiaram sempre, encorajando e ajudando cientifica, metodologicamente e na resolução das dificuldades.

Aos residentes do concelho de Loulé que me inspiraram e que participaram no estudo, quer na fase exploratória, quer respondendo ao questionário: sem eles o estudo não existiria.

À Camara Municipal de Loulé, na pessoa do Dr. Joaquim Guerreiro, pelo apoio na aplicação do questionário. Aos Informantes-chave, pela sua participação no estudo. A todos os elementos da equipa de aplicação dos questionários, cujo trabalho árduo permitiu a realização desta tese (Paula, Bruno, Maria Jesus, Dulcelina e Maria Faísca). Aos meus colegas e amigos da Universidade do Algarve, pelo incentivo e apoio em vários momentos e, em especial, às amigas:

Manuela Guerreiro, que sempre me incentivou e não me deixou desistir.

Paula Martins, que me ouviu e me orientou, tantas vezes.

Isabel Teotónio, pela presença, por todo o apoio e pela ajuda preciosa em tudo aquilo em que tive mais dificuldade.

Filipa Perdigão, pela disponibilidade total, perspicácia e espírito crítico e também pelo incentivo constante.

Agradeço a toda a minha família, porque estão sempre comigo e conto sempre com todos.

Agradeço em especial à minha mãe, pelo amor incondicional e por todo o apoio ao longo dos anos, a mim e, especialmente, aos meus filhos. Nada foi mais importante.

À minha tia, porque está sempre disponível para me ajudar e me compreende tão bem.

À minha irmã, porque existe e me anima os dias, por toda a ajuda e porque me chama à razão.

Ao meu irmão, pelo apoio emocional e porque me ouve. Ao meu sobrinho Francisco, que me alegra os dias e me inspira.

Ao meu pai, que sei que me acompanha sempre.

Ao Jorge, por toda a paciência e amor em tantos momentos difíceis.

Aos meus filhos, Miguel e Rita, que cresceram muito rapidamente enquanto eu fazia a tese, porque são a minha felicidade sempre.

Resumo

Esta tese diz respeito ao estudo da percepção dos residentes sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida. Apresenta como estudo de caso o concelho de Loulé, localizado no Algarve e constituído por onze freguesias que se agrupam em três regiões naturais em diferentes estádios de desenvolvimento turístico.

A revisão bibliográfica da investigação centra-se fundamentalmente nas áreas científicas da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia e da Geografia e tem, como principais áreas de estudo, as percepções e atitudes dos residentes, o fenómeno turístico e o seu desenvolvimento, os impactos do turismo no destino e nos residentes, a qualidade de vida, a satisfação com a vida e a felicidade.

A investigação recorre, num primeiro momento uma metodologia qualitativa, em que se adota o método da triangulação (realização de entrevistas, observação participante e recolha de documentação) e, num segundo momento, procede-se à aplicação de um questionário a uma amostra de residentes do concelho de Loulé (metodologia quantitativa). A análise dos dados obtidos com a aplicação do questionário permite a caracterização da amostra, a descrição e caracterização da percepção dos impactos do turismo e da qualidade de vida e a estimação e avaliação do modelo de equações estruturais proposto, fazendo uso do método PLS-PM que permite o teste às hipóteses formuladas, associadas às relações entre as variáveis latentes em estudo.

Os resultados revelam o reconhecimento, por parte dos residentes, da importância do turismo como forma de desenvolvimento desejável na sua zona de residência, com contributos importantes para a sua qualidade de vida, embora identifiquem alguns impactos negativos provocados pela atividade. Constata-se que existem diferenças ao nível da percepção dos impactos do turismo por parte dos residentes, de acordo com o nível de desenvolvimento turístico, com o grau de dependência económica e profissional face a esta indústria, com a proximidade da zona de residência relativamente à principal área turística e com a frequência e tipo de contacto com o turismo e os turistas. Não se verifica, contudo o efeito moderador do nível de desenvolvimento turístico da zona de residência na relação entre a percepção dos impactos do turismo e da qualidade de vida. Os fatores demográficos não se revelam ser os mais determinantes da percepção dos impactos do turismo na qualidade de vida. Os resultados do estudo reforçam a importância de conhecer e considerar as percepções dos residentes face ao turismo como um fator determinante no desenvolvimento sustentável dos destinos turísticos, constituindo-se assim os residentes como um dos *stakeholders* fundamentais no contexto de uma abordagem holística e integrada ao planeamento e ao desenvolvimento turístico.

Palavras-chave: Percepção; Impactos do turismo; Qualidade de vida; Felicidade; Satisfação com a vida.

Abstract

This thesis focuses on the study of Residents' Perceptions of tourism impacts on their Quality of Life: a case study of the Municipality of Loulé, a geographical area with different tourism development stages, located in the tourism destination of the Algarve, Portugal.

The literature review of this research focuses primarily on the scientific areas of sociology, psychology, anthropology and geography and its main areas of study are the perceptions and attitudes of residents, the tourist phenomenon and its development, the impacts of tourism on destinations and the residents' quality of life, satisfaction with life and happiness.

This study was initially based on a qualitative methodology using a triangulatory approach (interviews, participant observation and collection of documents) and on a later stage, a questionnaire was applied to a sample of residents from the municipality of Loulé (quantitative methods). Sample characterization, description and characterization of the perception of tourism impacts and quality of life and the estimation and evaluation of the structural equation model proposed were obtained from the questionnaire data. This investigation applies the PLS-PM method, which allowed to test the initial hypotheses, associated to the relationships amongst the latent variables under study.

The results demonstrate that residents recognize both the importance of tourism and tourism development in their area, which bring major contributions to their quality of life, while they identify some negative impacts caused by this activity. However, there are different perceptions of tourism impacts from residents, according to the level of tourism development, the degree of economic and professional dependence on this industry, the proximity of the area of residence in relation to the main tourist area and the frequency and type of contact with tourism and tourists. Nonetheless, there is no moderator effect of the level of tourist development on the relationship between tourism perception and quality of life perception. Demographic factors do not seem to influence awareness of the tourism impacts, but they proved to be more significant for quality of life perception. These results reinforce the significance of understanding and considering the perceptions of residents as a determinant factor in tourism sustainable development, since residents become one of the key *stakeholders* in the context of a holistic and integrated approach to tourism development and planning.

Keywords: Perception; Tourism impacts; Quality of life; Happiness; Life Satisfaction.

CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO

Este capítulo diz respeito ao texto introdutório da tese e encontra-se estruturado em vários subcapítulos. Em primeiro lugar procede-se ao enquadramento do estudo e à definição do tema, em seguida prossegue-se com a sua problematização e com a identificação do problema de investigação. Por fim apresentam-se os objetivos do trabalho, o desenho da pesquisa e a organização da tese.

1.1. Enquadramento do estudo e definição do tema

O fenómeno turístico, pela sua complexidade, mutabilidade e carácter multifacetado, exige aos investigadores uma abordagem também ela multidisciplinar e metodologicamente diversificada, com vista a uma compreensão e aproximação mais real ao fenómeno. Esta perspetiva revela-se ainda mais pertinente para estudos que privilegiam as áreas científicas da Psicologia, Sociologia, Antropologia ou Geografia, como é o caso desta investigação, para as quais os domínios do particular, como por exemplo as manifestações únicas que em cada destino ocorrem, resultantes do contacto dos residentes com os turistas, são valorizadas e se consideram particularmente explicativas das realidades sociais.

Não se ignoram contudo, nesta investigação, áreas de estudo intimamente relacionadas com a atividade turística, tais como a Economia, o Marketing, o Ambiente, a Gestão ou a perspetiva histórica, uma vez que fornecem um contributo relevante para a compreensão do fenómeno, tanto pelas teorias e modelos que apresentam, como pelas metodologias de investigação e de sistematização da informação que utilizam.

O tema deste estudo é “A perceção dos residentes sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida”. Propõe-se um modelo explicativo das relações entre a perceção

dos residentes sobre os impactos do turismo e a sua qualidade de vida, utilizando equações estruturais para testar a relação entre os constructos objeto de análise, sendo este modelo proposto aplicado a uma zona do Algarve, o concelho de Loulé.

Nesta investigação adota-se a perspetiva dos residentes, com o objetivo de conhecer a sua perceção sobre a qualidade de vida pessoal e na sua zona de residência, na medida da sua relação com os impactos do turismo e opta-se por uma abordagem metodologicamente diversificada por forma a permitir uma reflexão crítica sobre a temática. Assim, partindo da construção de um quadro teórico que a revisão de literatura permite definir, recorre-se, como no capítulo da metodologia se descreverá em detalhe, à obtenção de informações de natureza qualitativa e quantitativa. Deste modo, numa primeira fase (metodologia qualitativa) realiza-se uma pesquisa exploratória onde se recorre ao método da triangulação através da aplicação das técnicas da entrevista, da observação participante e da recolha de informação; numa segunda fase (metodologia quantitativa), procede-se à aplicação de um questionário a uma amostra de residentes do concelho de Loulé.

1.2. Problematização do estudo da qualidade de vida nos destinos turísticos

O turismo, sendo uma atividade socioeconómica extremamente importante na atualidade e, fundamentalmente, no mundo ocidental e ocidentalizado (emissor e recetor de turistas), tem vindo a despertar um crescente interesse enquanto fenómeno a ser estudado, compreendido e explicado desde a década de 1960.

Os estudos que proliferam a nível internacional revelam-se de natureza diversa. Por um lado, encontram-se abordagens, fundamentalmente académicas e conceptuais, em diferentes, interdependentes e complementares áreas científicas; por outro lado, realizam-se estudos de natureza mais empírica e direcionada para os comportamentos dos mercados, também estes com orientações diversas, mas baseados quase sempre na dicotomia oferta/procura.

Acresce a esta realidade a competitividade atualmente acentuada entre destinos turísticos que exige, por parte dos profissionais da indústria turística, um conhecimento o mais fidedigno possível das aspirações e necessidades dos turistas para lhes providenciar as experiências e serviços desejados. Na verdade, os turistas, ao terem a oportunidade de experienciar positivamente o local que visitam, mais facilmente regressam ou recomendam o lugar a familiares, amigos e conhecidos. Esta perspectiva tem conduzido a que, também academicamente, tenha havido, durante muito tempo, a tendência para enfatizar o papel, as preocupações ou os desejos dos turistas, em detrimento de outros intervenientes na dinâmica turística como é o caso dos residentes dos territórios transformados em destinos.¹

A atividade turística representa indubitavelmente um dos maiores e mais complexos fenómenos sociais da atualidade e constitui atualmente a principal atividade económica no mundo ocidental. Assim realçou Francesco Frangialli, então secretário-geral da Organização Mundial de Turismo, na sua mensagem de abertura do Dia Mundial do Turismo, por ocasião das celebrações em Lisboa (UNWTO, 2006), ao afirmar que, nos nossos dias, o turismo é uma das maiores indústrias do setor dos serviços, sendo a que apresenta um crescimento mais rápido².

De acordo com dados recentes do Barómetro Mundial de Turismo (UNWTO, 2011), apesar da crise financeira global e da recessão económica que em 2008 e 2009 provocou uma quebra na procura turística, o ano de 2010 apresentou uma recuperação acima do que era esperado. Segundo esta fonte, o número de chegadas internacionais de turistas atingiu, em 2010, os 935 milhões, continuando a Europa a ser o principal destino turístico internacional, com 473 milhões de chegadas, seguido da Ásia, Pacífico e Médio Oriente, áreas turísticas emergentes, que apresentam um crescimento mais acelerado, na ordem dos 13%.

Na sua visão para 2011, a Organização Mundial de Turismo refere a tendência para que este crescimento continue a verificar-se, ainda que a um ritmo mais moderado

¹ Estes e outros aspetos serão desenvolvidos nos capítulos seguintes destinados à revisão da literatura.

² Na opinião de Francesco Frangialli o turismo é reconhecido como um dos caminhos-chave para trazer saúde e experiência para países ricos e pobres (UNWTO, 2011).

e realça ainda a resiliência do setor no médio e longo prazo, sendo este um fator chave no combate a problemas crescentes como o desemprego (UNWTO, 2011).

Em Portugal a atividade turística também se tem constituído como uma das principais atividades económicas, sendo que em 2010, segundo o Turismo de Portugal (TP, 2011), 11.3 milhões de turistas desembarcaram de voos internacionais nos aeroportos nacionais. A relevância e o crescimento do setor do turismo bem como a sua vocação turística são realçados pelo Governo de Portugal (GP, 2011), que refere a contribuição deste setor em 11% para o Produto Interno Bruto e em 10% para o emprego em Portugal. É de destacar ainda que Portugal se posiciona, de acordo com o relatório *The Travel & Tourism Competitiveness 2011* (WEF, 2011), no 18.º lugar como destino turístico mais competitivo mundialmente.

O desenvolvimento turístico, ao transformar um território num destino, acarreta um conjunto de consequências positivas e negativas para o lugar e transforma a vida dos residentes de forma irreversível³. Em alguns casos, a construção ou reconstrução de vantagens competitivas dos destinos passa pela valorização dos recursos naturais, construídos, históricos e humanos e pela análise das capacidades da região e das pessoas para atrair novos recursos, renovar os existentes, fixar população e atrair investimentos. Esta transformação, que pode ser entendida por uns como a melhor forma de evolução socioeconómica, é por vezes apontada por outros como grande causadora de problemas, principalmente a nível ambiental, social e cultural, mas também económico, devido por exemplo à não distribuição equitativa da riqueza gerada ou ao não incentivo ao empreendedorismo local.⁴

Os processos de planeamento turístico e de implementação das estratégias de desenvolvimento revelam-se cada vez mais uma obrigatoriedade e uma condição necessária para a sustentabilidade dos lugares, face à complexidade crescente do fenómeno turístico e da vida quotidiana, em que o urbanismo marca presença e onde cresce a necessidade, por parte do turista, de procurar formas de turismo que propiciem recuperação física e psicológica e experiências turísticas autênticas, assentes em práticas

³ No capítulo 3 desenvolve-se esta temática da perceção dos residentes face ao desenvolvimento turístico e das consequências deste desenvolvimento nos destinos.

⁴ Esta questão será aprofundada no capítulo 3 deste trabalho.

sócio - culturais das comunidades recetoras, motivada, segundo Sharpley (1994), por fatores internos e externos. A este propósito, autores como Brostin (1964), Maccannell (1989) e Choen (1988), entre outros, citados por Sharpley (1994) chegam mesmo a explorar a forma como a autenticidade, a sua ausência ou a encenação influenciam a experiência turística. Urry também se refere a esta ideia, afirmando que os turistas atualmente sabem que a autenticidade é encenada e, no entanto, não dão importância a esse facto, desde que a encenação seja de boa qualidade (Urry, 1990; 1996). Também Sousa (2005) realça a importância da autenticidade como fator determinante da experiência turística.

O conceito de autenticidade real *versus* autenticidade encenada surge como particularmente relevante para o estudo em causa uma vez que relaciona diretamente a prática turística com as atividades tradicionais e suas diferentes manifestações e, concretamente, o contacto dos turistas com a população local, aparentemente grande móbil da procura turística. Na verdade, os turistas, na sua maioria citadinos, desde há mais de vinte anos, procuram no turismo uma experiência emocional que, como por exemplo Lowenthal (1990) refere, reflete a crise eco-nostálgica em que vivemos que acaba por beneficiar o desenvolvimento de novas formas de turismo e de novas áreas destino (Armenski et al., 2011; Lowenthal, 1990).

O desenvolvimento turístico sustentável revela-se, por toda esta conjuntura, extremamente importante para o desenvolvimento socioeconómico das regiões, principalmente aquelas que enfrentam problemas neste domínio socioeconómico, e oferece às populações locais, no entender de Fernandes e Rassing (2000), a oportunidade de conciliar as suas necessidades com a preservação dos territórios e do ambiente em geral. Segundo vários autores, a participação da comunidade neste processo de desenvolvimento turístico é um dos princípios a considerar.

Neste sentido assume-se que a valorização e diferenciação turística assentam, em grande medida, no acolhimento ao turista, surge como essencial nesta investigação o estudo dos residentes face a este fenómeno. O acolhimento feito pelos residentes aos turistas, para além do papel desempenhado pelos profissionais do turismo, revela-se preponderante para a experiência turística.

Estas constatações mostram ser não só pertinente mas efetivamente necessário, nesta investigação, o estudo da questão da qualidade de vida dos residentes e do impacto que o desenvolvimento turístico tem sobre ela. Na verdade, o reconhecimento, em diversos destinos turísticos, da influência do turismo na qualidade de vida dos residentes, tem feito crescer a preocupação com a sua medição. Nos últimos anos tem-se assistido, por um lado, ao surgimento de estudos na área das perceções sobre os impactos do turismo e, por outro, a uma maior coordenação entre os responsáveis pelo desenvolvimento do turismo e os estudiosos da matéria. De facto, a opinião e os sentimentos das populações locais são cada vez mais valorizados pelos responsáveis pelo planeamento e desenvolvimento turístico passando, em alguns casos, a ser-lhes reconhecido um papel determinante neste desenvolvimento (Kastenholz, 2002).

Contudo, na dinâmica de desenvolvimento do turismo, os estudos mostram que os residentes, e, em particular, a sua opinião sobre o turismo, continuam a ser preteridos a favor das perspetivas dos agentes de desenvolvimento públicos e privados, na maioria dos destinos turísticos e também entre os estudiosos da matéria.⁵

De entre os fatores determinantes na investigação científica, que legitimam a realização deste estudo, destacam-se como preponderantes os seguintes: i) existência de questões em relação às quais se verificam lacunas no conhecimento e por isso justificam um estudo aprofundado, facto evidenciado na revisão de literatura, nomeadamente no que concerne à relação entre o turismo e a qualidade de vida dos residentes; ii) identificação de temáticas pertinentes do ponto de vista da atualidade e/ou de uma realidade em particular, o que ocorre neste caso devido à relevância do turismo, em Portugal, no Algarve, e em particular no concelho de Loulé, onde se destaca a importância dos diferentes níveis de desenvolvimento turístico das freguesias (território caracterizado no capítulo 5); iii) interesses pessoais da investigadora pelo tema, pela sua formação pessoal na área da sociologia e do turismo, pela sua atividade profissional como docente nestas mesmas áreas. Acresce ao enunciado o facto de a investigadora ser residente no destino turístico em estudo e, por esse motivo, contactar permanentemente com o fenómeno.

⁵ Esta questão será desenvolvida no capítulo 3.

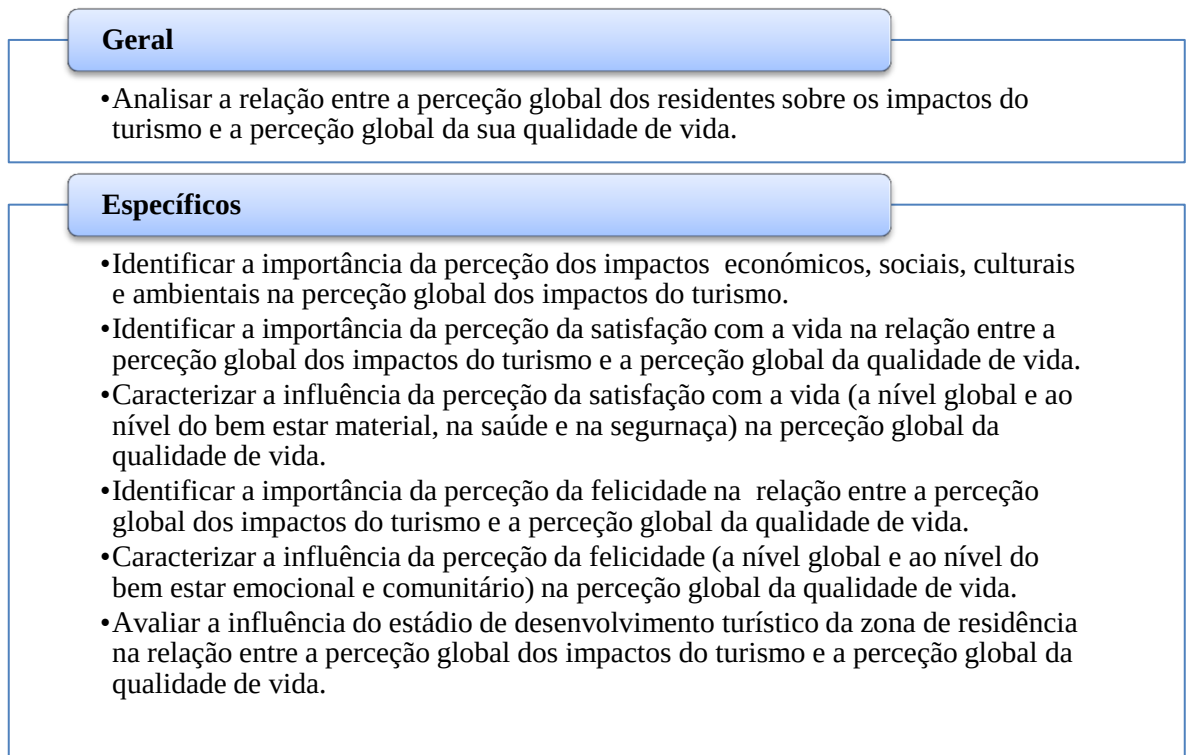
Ao refletir sobre as questões do desenvolvimento do turismo e sobre as suas consequências, um vasto número de questões se colocam que evidenciam a complexidade do fenómeno a estudar e a multiplicidade de variáveis a considerar nesta dinâmica social: Qual a relação entre o fenómeno turístico em geral e a qualidade de vida dos residentes? De que forma os residentes de um destino turístico se sentem felizes e satisfeitos com a vida devido ao desenvolvimento turístico? Como se caracteriza a atitude das populações locais bem como dos outros agentes, face ao turismo? Como se podem articular as características locais, por exemplo em termos das atividades económicas preponderantes ou das estruturas sociais vigentes, com o desenvolvimento do turismo? Poderá a identidade sociocultural das populações ser preservada com a presença de turistas? Como percecionam os residentes o desenvolvimento turístico? Em que medida será benéfico o desenvolvimento turístico para as populações locais e quais as condicionantes desse fenómeno? Como poderá o desenvolvimento turístico contribuir, de facto, para a melhoria da qualidade de vida dos residentes? Terá o Algarve, e o Concelho de Loulé em particular, condições para se constituir como um destino turístico baseado num desenvolvimento sustentável?

Assim se define a problemática desta tese que se consubstancia no seguinte problema de investigação, que serve de fio condutor ao seu desenvolvimento: **De que forma percecionam os residentes os impactos do turismo na sua qualidade de vida?**

1.3. Objetivos da investigação

A partir da problemática levantada e do problema de investigação que se definiu no ponto anterior, o presente estudo pretende atingir um conjunto de objetivos que se apresentam na figura 1.1.

Figura 1.1 – Objetivos da investigação



Fonte: Elaboração própria

1.4. Desenho da pesquisa

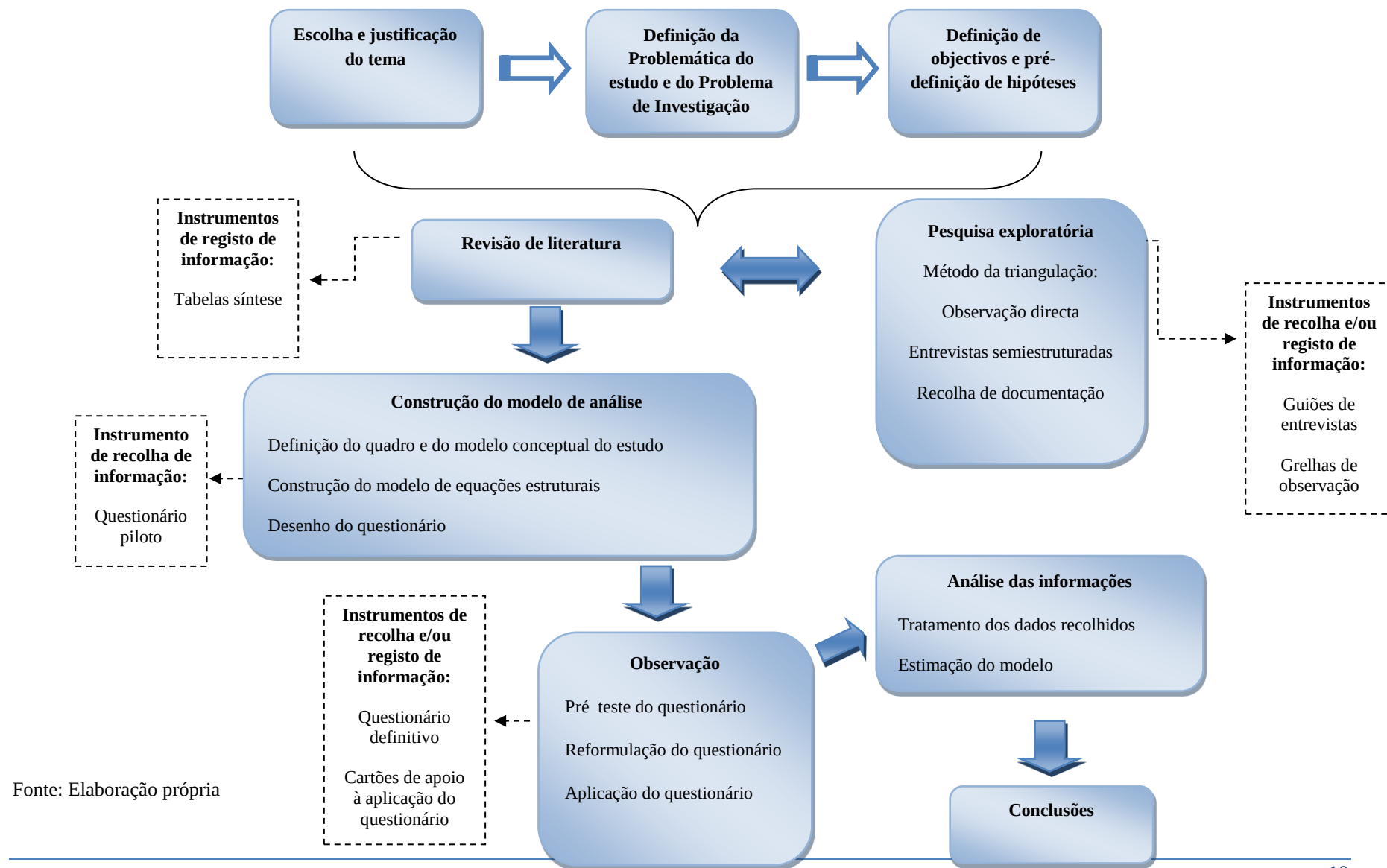
A pesquisa subjacente ao presente estudo estrutura-se em três etapas fundamentais: a primeira que aqui se designa por exploratória; a segunda, que consiste na pesquisa de campo conducente à obtenção dos dados; e a terceira que consiste na etapa de tratamento, análise e discussão dos dados.

Sendo certo que qualquer destas etapas compreende várias fases interdependentes e complementares, a sua sequência e necessária lógica inicialmente estabelecida confronta-se com ajustes permanentes ao longo do processo de investigação,

construindo-se assim uma rede de decisões únicas de acordo com a especificidade do estudo que se apresenta.

A figura 1.2 reapresenta graficamente as várias fases da investigação indicando a sua sequência e destacando, para cada momento, os instrumentos construídos para registo e/ou recolha da informação. Nos capítulos que se seguem serão detalhadas estas diferentes fases, nomeadamente as realizadas no início da pesquisa (revisão da literatura e pesquisa exploratória), a consequente construção do modelo de análise (refletindo as teorias e conceitos de referência e apresentando o instrumento de recolha de informação, o questionário), a observação no terreno, através da aplicação do questionário, o tratamento dos dados e por fim a conclusão.

Figura 1.2 – Desenho da pesquisa



Fonte: Elaboração própria

1.5. Organização da tese

Tendo em conta o tema da tese, a problemática do estudo e os objetivos da investigação, o estudo apresentado encontra-se organizado em nove capítulos.

A tese inicia-se com o capítulo da introdução, o **capítulo 1**, que agora se termina. É neste capítulo que se explicita a natureza e problemática do estudo, se identifica o problema e os objetivos de investigação, se dá a conhecer a sua lógica organizativa e se esclarecem algumas particularidades da investigação, com o objetivo fundamental de justificar a pertinência das decisões tomadas e explicar a forma como as diferentes etapas se articulam entre si.

Os três capítulos que se seguem dizem respeito à revisão da literatura: o **capítulo 2** versa sobre o fenómeno turístico; o **capítulo 3** trata as questões teóricas referentes ao estudo dos residentes face ao turismo e o **capítulo 4** dedica-se à qualidade de vida.

O **capítulo 5** tem por finalidade caracterizar, de forma sintética, o objeto de estudo, o concelho de Loulé, nomeadamente no que respeita a elementos geográficos, sociais e económicos relevantes e identificar o nível de desenvolvimento turístico.

O **capítulo 6** compreende o quadro conceptual da investigação, uma síntese da revisão da literatura na sua adequação ao estudo em curso e o modelo proposto relativo à perceção dos residentes sobre o impacto do turismo e sobre a perceção da sua qualidade de vida.

A metodologia da investigação é apresentada no **capítulo 7** onde se incluem os procedimentos relativos à pesquisa exploratória, à construção do questionário, à definição da amostra e recolha e tratamento de dados.

O **capítulo 8** inclui a apresentação e discussão dos resultados obtidos na pesquisa exploratória e com a aplicação do questionário.

Por fim, é apresentada a conclusão do estudo, no **capítulo 9**. Neste capítulo reúnem-se as principais conclusões da investigação, analisam-se os resultados obtidos face aos objetivos propostos e esclarece-se o seu contributo da mesma para a área do turismo. São ainda apresentadas as principais limitações encontradas no estudo, bem como possíveis linhas de investigação futura.

CAPÍTULO 2. O FENÓMENO TURÍSTICO: DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE NOS DESTINOS

Nota introdutória

A revisão da literatura do presente estudo assenta essencialmente em publicações científicas e obras editadas nas áreas do turismo, da psicologia, da sociologia, da geografia e da antropologia. É dada particular atenção a questões relacionadas com o planeamento e o desenvolvimento de destinos turísticos, com a percepção dos impactos do turismo nos destinos e junto dos residentes, nomeadamente no que respeita às alterações na sua qualidade de vida.

Este capítulo inicia-se com a contextualização sobre a natureza e emergência do turismo para se prosseguir com uma breve incursão sobre a evolução do conhecimento nesta área. Em seguida, identificam-se as perspetivas disciplinares que se consideram mais relevantes para esclarecer o conceito de turismo aqui adotado. Prossegue-se fazendo referência a autores e teorias na área do desenvolvimento turístico e exploram-se, na perspetiva do estudo em causa, as questões do planeamento e os conceitos de sustentabilidade e de competitividade dos destinos.

2.1. Natureza e emergência do turismo

A inevitabilidade do turismo é marcante na sociedade atual. Trata-se de um fenómeno social da modernidade, de dimensão global e com manifestações diferenciadas nos territórios, que se veem progressiva ou drasticamente transformados em destinos. Considera-se, como Kastenholz refere, que o turismo pode ser considerado um fenómeno omnipresente na sociedade moderna (Kastenholz, 2002).

Atualmente, no mundo ocidentalizado e nas regiões destino, todos estão, de alguma forma, envolvidos no fenómeno turístico: porque são turistas ou porque não podem ou não o querem ser; porque trabalham no turismo ou para ele; porque são responsáveis pelo desenvolvimento dos lugares; porque lhes cabe a função de garantir o equilíbrio no desenvolvimento dos mesmos ou ainda porque acolhem os turistas. A realidade descrita, e que se vive atualmente, nem sempre se configurou desta forma. Assistiu-se a uma evolução que conduziu à transformação de uma prática esporádica e apenas acessível a alguns, num hábito e necessidade da maioria, constituindo até, segundo (Nash, 1996), uma “terapia social” e aquilo a que o autor designa “viagem sagrada”. Trata-se de um novo paradigma na relação trabalho – lazer, e na vivência do quotidiano que se faz, grande parte das vezes, pelo turismo (Graburn, 1983).

O desenvolvimento turístico é muitas vezes apontado como um fenómeno positivo associado à sua vertente cultural, uma vez que põe em contacto indivíduos com origens, práticas sociais e culturais diferenciadas (Besculides et al., 2002; Richards, 2011). O turismo tem sido entendido como uma prática capaz de promover a troca cultural, o desenvolvimento social, o entendimento e a paz entre os povos e, não sendo uma indústria poluente, tem sido também considerada uma forma adequada e promissora de desenvolvimento dos territórios, sendo mesmo encarada como uma atividade promotora do ambiente (Butler e Butler, 2007; Oviedo-Garcia et al., 2008).

Contudo, esta visão sobre o turismo tem vindo a sofrer alterações ao longo dos anos, devido às consequências originadas pela sua difusão, evolução e dimensão, uma vez que o seu desenvolvimento não só beneficia os territórios onde ocorre mas também origina consequências negativas (Allen et al., 1988; Ap e Crompton, 1998; Belisle e Hoy, 1980; Cummins, 1997; Diener e Fujita, 1995; Haralambopoulos e Pizam, 1996; Jurowski e Gursoy et al. 2004; Lankford et al., 1994; Liu e Var, 1986; Madrigal, 1993; Pearce et al., 1996; Perdue et al., 1990; Pizam, 1978; Sheldon e Var, 1984).

Assim, o turismo é hoje entendido, pela maioria, como um fenómeno marcante e determinante da evolução e desenvolvimento dos destinos, originando neles um compósito de consequências que se revela diferente em cada território em função das suas especificidades naturais, organizacionais, populacionais e também em função do

tipo e frequência da procura turística. Esta alteração de perspetiva que veio a verificar-se relativamente ao fenómeno turístico será desenvolvida com maior detalhe no capítulo 3, dedicado aos impactos do turismo.

Apesar do reconhecimento dos impactos negativos associados ao turístico, as dinâmicas originadas pelo seu desenvolvimento tornaram esta atividade o fator chave do progresso social e económico de muitos países e regiões. Esse crescimento, segundo a Organização Mundial de turismo (UNWTO, 2011), “anda de mãos dadas” com a crescente diversificação e competitividade entre os destinos.

Como já foi referido na introdução deste estudo, o turismo é, indubitavelmente, uma atividade económica de extrema importância e constitui um motor de desenvolvimento para as regiões onde está presente, contribuindo para o aumento significativo do produto interno bruto e dos postos de trabalho, promovendo o desenvolvimento de infraestruturas e impulsionando, graças ao seu efeito multiplicador, outras atividades económicas e profissionais (Pratt, 2011). Para a (UNWTO, 2011), o turismo contribui para a atividade económica mundial em cerca de 5% e para o emprego em cerca de 6 a 7%. Ao nível das chegadas internacionais de turistas verifica-se, segundo a mesma fonte, desde 1950, um aumento anual de 6,2%, atingindo no último ano os 940 milhões de turistas. A mesma fonte refere que, entre janeiro e agosto de 2012 se registaram internacionalmente 705 milhões de chegadas de turistas o que representa mais 28 milhões do que o número registados no mesmo período em 2011. Na Europa, apesar das dificuldades económicas, regista-se 3% de crescimento relativamente ao ano de 2011.

À semelhança do que ocorre mundialmente, Portugal tem também beneficiado da atividade turística que se revela dinamizadora da economia do país e constitui um elemento determinante para a sua competitividade para o aumento do PIB e para o crescimento do emprego. No que respeita ao Algarve, onde se situa o concelho em estudo, a região atingiu, no ano de 2009, os 5.06.801 passageiros, apesar do decréscimo de 7,1 %relativamente ao ano anterior (ANA, 2011) e apresentou 2.739.621 hóspedes instalados em estabelecimentos hoteleiros, aldeamentos e apartamentos turísticos, o que revela a importância turística da região.

A importância do turismo, enquanto atividade económica e fenómeno social das massas, dos segmentos ou dos nichos, é inquestionável e reconhecida pelo setor público, pelas empresas do setor do turismo e de outros setores, pelas organizações não lucrativas, pelos residentes e pelos académicos e estudiosos da matéria, que lhes dedicam cada vez mais atenção, no sentido de perceber como se caracteriza e assim poder agir em conformidade. Neste contexto, os organismos públicos responsáveis pelo desenvolvimento dos territórios assumem um papel preponderante na medida em que lhes cabe a função de propiciar as condições necessárias para que a atividade turística se possa desenvolver de forma sustentável. Em Portugal, várias medidas têm vindo a ser tomadas neste sentido, nomeadamente a inclusão, nos sucessivos programas governamentais, da vertente turística como um fator prioritário com vista ao desenvolvimento e à competitividade do país e a elaboração de programas estratégicos e operacionais para que este desenvolvimento ocorra da forma melhor forma para o país.⁶

O XIX Programa do Governo (GP, 2011: 51) a propósito dos seus objetivos estratégicos, e perante a crise económica e financeira que o país enfrenta, realça a importância do turismo consubstanciada nos seguintes aspetos:

Diferenciação e autenticidade do serviço e do produto, com presença numa combinação de mercados que reduzam as debilidades atuais de concentração em mercados e produtos, através da incorporação de elementos de inovação, eficiência na gestão dos recursos financeiros e regulação da atividade, com vista ao reforço da competitividade e massa crítica dos agentes económicos na cena internacional.

Esta definição de objetivos estratégicos apresentada revela-se importante no contexto do presente estudo, não só pelo facto de serem definidos pelo Governo, principal responsável e dinamizador da atividade turística mas por fazer referência à importância da diferenciação e da autenticidade, o que, neste estudo se acredita ser possível, fundamentalmente, através da participação ativa e motivada dos residentes dos destinos.

⁶ As questões do planeamento turístico para o desenvolvimento sustentável e para a competitividade serão objeto de análise no subcapítulo 2.4.

Ainda no mesmo programa, o governo português enfatiza a necessidade de adoção de medidas que permitam (i) “criar mecanismos e instrumentos de apoio” às empresas turísticas, fatores determinantes da competitividade das mesmas e promotores da empregabilidade; (ii) “reforçar a atratividade turística” através do ordenamento do espaço, ambiente, transportes, saúde, mar e cultura; (iii) “reforçar a ação reguladora e a visão estratégica partilhada entre atores públicos e privados”; (iv) incrementar o Turismo Sénior, o Turismo para Emigrantes e o Turismo para Cidadãos com deficiências e incapacidades, o Turismo Religioso e o Turismo de Saúde; (v) “aumentar o crescimento da receita por turista”; (vi) “simplificar a legislação do turismo”.

O governo considera ainda que é determinante a aposta na “Marca Portugal”, a recuperação de mercados estratégicos e a afirmação do mercado interno como prioritário e a promoção de novos conteúdos de valorização do destino Portugal, com base na história, valores partilhados e autenticidade do produto turístico, em cooperação com as indústrias criativas. Constatase, desta forma, a importância reconhecida por parte do poder político, em relação ao turismo e ao seu papel preponderante no desenvolvimento do país.

Outros aspetos relevantes que demonstram a dimensão e reconhecimento da importância política, social e económica do turismo são, por um lado, a oferta formativa especializada a nível universitário na área do turismo (Eurico, 2011) e (Jafari, 2005), por outro lado, as publicações neste domínio que proliferam nos últimos anos, assumindo natureza científica, técnica, jornalística ou literária.

2.2. Conhecimento em turismo

A revisão da literatura na área do turismo permite constatar a complexidade do fenómeno e o interesse que este suscita por parte de diversas disciplinas científicas. Este facto conduz à existência de estudos diversificados e numerosos sobre o turismo que contribuem, no seu conjunto, para um conhecimento cada vez mais aprofundado da sua natureza multifacetada. Para esta investigação interessam em particular os estudos e

publicações científicas e técnicas, dada a natureza do trabalho em questão. Neste contexto, importa dar a conhecer as dimensões teóricas do estudo do turismo que se revelam determinantes nesta pesquisa, bem como as principais tendências na evolução do conhecimento em turismo.

O fenómeno turístico, no seu percurso rumo ao reconhecimento como disciplina científica, tem sido marcado, segundo (Jafari, 2005), por diferentes e sequenciais plataformas teóricas: (i) a plataforma de defesa (advocacy platform), período em que se enfatizavam os benefícios económicos do turismo, sendo o fenómeno visto como trazendo apenas benefícios para os destinos e por esse motivo, acerrimamente defendido pelos investidores e empresas do setor, bem como por organizações internacionais; (ii) a plataforma da advertência (cautionary platform), que ocorre a partir do momento em que se percebe que o turismo não tem só consequências positivas mas também impactos negativos; (iii) a plataforma de adaptação (adaptancy platform), que enfatiza as formas alternativas de turismo no sentido de minimizar os seus impactos negativos e na qual a comunidade académica e as organizações não-governamentais (ONG) assumem uma função importante, apesar de as pequenas empresas turísticas, os organismos governamentais e os responsáveis pelo planeamento comunitário terem também um papel ativo, como ocorre também em Portugal; (iv) a plataforma baseada no conhecimento (knowledge-based platform), dominada pela comunidade académica, que realça a necessidade de uma abordagem sistémica ao fenómeno turístico, entendendo-o numa perspetiva holística que compreende não só vários pontos de vista disciplinares, mas também os diferentes papéis de todos os envolvidos na atividade.

Mais recentemente, Jafari (2010) vem afirmar que, na atualidade, se pode identificar uma nova plataforma, que o autor designa de interesse público, tendo tido o seu início no atentado de 11 de setembro de 2001, contra as Torres Gémeas em Nova York. Esta plataforma marca a conversão do turismo num fenómeno sociopolítico, com uma função pública e grande importância social. Esta plataforma, que o autor acredita estar a formar-se, assenta em agentes externos que apoiam e estão envolvidos na indústria turística e com a própria indústria.

A tabela 2.1, abaixo apresentada, sintetiza as principais características que, segundo Jafari (2005), caracterizam cada uma das plataformas teóricas.

Tabela 2.1– Plataformas do conhecimento em turismo

Plataformas	Período	Principais características	Tónica discursiva
Defesa	Anos 60 “Turismo: o bom”	Benefícios económicos: cria emprego; gera divisas; utiliza infraestruturas existentes; usa produtos locais; facilita o desenvolvimento económico; completa outras atividades económicas; tem efeitos multiplicadores. Benefícios socioculturais: melhora a educação; promove o entendimento internacional e a paz; reduz barreiras; reforça a identidade cultural e o património; promove o cosmopolitismo a participação na comunidade global; melhora a apreciação da própria cultura.	Indústria turística Imprensa
Advertência	Anos 70/80 “Turismo: o mau”	Custos económicos: causa inflação; aumenta importações supérfluas; cria estacionalidade; contribui para o desemprego; é suscetível de mudanças; desenvolve desequilíbrios; cria dependências exteriores; cria efeitos de demonstração; destrói os recursos e cria poluição visual. Custos socioculturais: cria barreiras de comunicação; gera estereótipos; induz à xenofobia; polui social e ambientalmente; mercantiliza as comunidades e a sua cultura, religião, artes etc.; debilita a estrutura familiar; aumenta a delinquência; gera conflitos nas comunidades acolhedoras.	Académicos; Associações ambientalistas
Adaptação	Anos 90 “Turismo: como?”	Identifica formas de turismo alternativo; favorece o respeito pelo ambiente sociocultural e natural; propicia novas experiências; enfatiza as comunidades e nos recursos locais; beneficia anfitriões e turistas; apresenta-se como alternativa ao turismo de massas; consubstanciam-se iniciativas de pequena dimensão.	Setor público; Indústria turística
Conhecimento	Última década do século XX “Turismo: porquê?”	Fundamenta-se cientificamente; defende a objetividade; estuda sistematicamente a estrutura do turismo em continuidade com diversos campos de investigação, ou disciplinas; assume-se no contexto interdisciplinar; analisa-se em termos pessoais, grupais, empresariais, governamentais e sistémicos; identifica fatores de influência associados ao turismo; trata o turismo como fenómeno total; forma um campo de conhecimento em turismo.	Membros da comunidade académica e investigadores
Interesse público	Depois do 11 de setembro “Turismo: quem?”	Converte o turismo num fenómeno sociopolítico; reconhece ao turismo uma função pública de grande importância social; forma-se uma plataforma pública de agentes externos que apoiam e estão envolvidos na indústria turística e com a própria indústria.	Setor público; ONG

Fonte: Adaptado de Jafari (2005; 2010)

Grande parte dos estudos científicos na área do turismo centra a sua atenção nos turistas e no turismo, particularmente na sua dimensão como fenómeno socioeconómico relevante para as sociedades e para o seu desenvolvimento. Os estudos que enfatizam as questões relacionadas com as consequências do desenvolvimento do turismo, apesar de se iniciarem nos anos 60, começam a surgir com maior frequência a partir dos anos 1970/1980, nomeadamente aqueles que se reportam aos impactos ambientais, económicos, sociais e culturais e à necessidade e utilidade do planeamento para o desenvolvimento turístico sustentável e para a competitividade dos destinos.

A partir dos finais dos anos 80, início dos anos 90, começa a ser mais evidente o estudo não só dos turistas, do setor público e da indústria turística, mas também dos residentes e da sociedade civil organizada. No entanto, verifica-se que esta vertente não se encontra ainda suficientemente explorada na literatura, sendo, por isso, o foco central do presente estudo a análise da perspetiva dos residentes no contexto do desenvolvimento turístico equilibrado os destinos (Almeida-Santos e Buzinde, 2007; Andriotis e Vaughan, 2003; Inbakaran e Jackson, 2005; Ishikawa e Fukushima, 2006; Jurowski et al., 1997; Lepp, 2007; McGehee e Andereck, 2004; Ryan e Cave, 2005; Schoroeder, 1996; Vargas-Sánchez et al., 2011).

2.3. Conceptualização do turismo

A natureza multifacetada, interdisciplinar e complexa do turismo conduz a que seja alvo de abordagens diversas por parte das ciências sociais e dos estudiosos da matéria (Echtner e Jamal, 1997; Harill, 2004). Esta realidade tem dado origem a uma diversidade de definições de turismo que refletem a formação académica e a perspetiva pessoal dos investigadores, bem como a uma abordagem disciplinar enfatizada em cada investigação e no tipo de estudo empreendido (McIntosh e Goeldner, 1990; Smith, 1989). Ryan (1991) realça que o turismo pode ser definido de acordo com vários pontos de vista pois a sua natureza interdisciplinar conduz a que cada disciplina científica enfatize aspetos particulares no estudo do turismo.

Para a **economia**, o turismo é a indústria dos serviços, sendo este analisado do ponto de vista da oferta e da procura, da relação entre o custo e o lucro (Archer, 1996; Fletcher, 1989). Por sua vez os **ecologistas e os ambientalistas** (Farrel e Runyan, 1991) e Ryan (1991), entendem o turismo como uma atividade humana que ocorre num meio ambiente, analisam os impactos ambientais provocados num contexto de desenvolvimento sustentável, preocupando-se com as relações entre os *stakeholders* e entre estes e o ambiente (Farrel e Runyan, 1991). A **geografia** foca-se no estudo do espaço e da presença humana nesse espaço, na deslocação de pessoas entre lugares, no estudo dos movimentos dos turistas, nos processos de desenvolvimento turístico e nas suas implicações nos territórios (Gunn, 1994; Mitchell e Murphy, 1991). Já a **sociologia** encara o turismo como uma prática e fenómeno social contemporâneo,⁷ inserido no tempo de lazer⁸ do indivíduo, dedicando-se ao estudo dos turistas e dos impactos do fenómeno turístico nos destinos e nos que neles residem (Cohen, 1988; Dann e Cohen, 1991; Giddens, 2000; Gunn, 1994; Mitchell e Murphy, 1991; Urry, 1990).

A **antropologia** entende o turismo como um fenómeno complexo, baseado na experiência de alteridade de turista e residente. Estuda a hospitalidade, o encontro dos locais com os visitantes, dos produtores com os consumidores de bens turísticos (Echtner e Jamal, 1997; Nash e Smith, 1991). Como refere, o turismo pode ser entendido como uma nova forma de aculturação.

Para a **psicologia** a principal preocupação são os processos individuais de entendimento e vivência do turismo (Plog, 1977) e, para Boyer (1972), citado por Joaquim (1994:17), “o turismo é um ato de mobilidade que pretende satisfazer, no contexto do lazer, as necessidades culturais da civilização industrializada”.

⁷O conceito de contemporâneo refere-se aos fenómenos que ocorrem no momento atual em que o sujeito vive. O conceito acarreta alguma subjetividade na medida em que, dependendo da rapidez ou lentidão com que se operam modificações a nível social se pode referir a acontecimentos ocorridos num determinado ano, década ou século.

⁸A distinção entre turismo e lazer é relevante no contexto do estudo do turismo e particularmente no presente trabalho que se centra nos residentes e na sua dinâmica quotidiana no espaço turístico, incluindo a utilizações de espaços e atividades em comum com os turistas. O lazer pode ser definido de forma restrita como o tempo disponível depois de cumpridas as obrigações diárias, tais como o trabalho, cuidados da casa, compras, etc. Num sentido mais lato pode ser considerado um estilo de vida marcado pelo voluntarismo, autodeterminação, prazer e autorrealização que eventualmente pode estar presente nas obrigações diárias e ausente no tempo livre. Nem todo o lazer é turismo, o turismo insere-se numa das possíveis atividades a praticar no sentido de lazer e este pode resultar também de atividades praticadas em casa, na zona de residência e inclusivamente durante o dia de trabalho ou a semana. Para Dumazedier (1962) o lazer surge como sendo uma força determinante da vida humana na sociedade moderna, assunção válida para as viagens de lazer, o que já Krippendorff (1989) reitera ao afirmar que o turismo é uma forma de escape face à sociedade atual, que ajuda a manter a própria sociedade.

Como Félix Martins (2000) refere, ao citar Echtner e Jamal (1997), a fragmentação teórica constitui uma barreira à melhoria da investigação e educação em turismo, bem como à sua legitimação enquanto corpo de conhecimento. Félix Martins (2000) reforça que, tendo em conta a perspectiva de Kuhn (2009), a constituição do turismo como uma disciplina distinta é, de alguma forma, improvável e, por isso, sugere uma matriz interdisciplinar. Contudo, alguns autores, a propósito de uma melhor aproximação ao estudo do turismo, defendem que este se deve constituir como uma ciência distinta e independente das restantes (Leiper, 1983), enquanto outros argumentam precisamente o contrário, que o turismo deve ser entendido como uma área de investigação. Jafari (2001) afirma que a investigação em turismo deve basear-se nas disciplinas existentes mas recomenda, simultaneamente, uma plataforma baseada no conhecimento, numa abordagem holística.

Na presente investigação, adota-se esta última perspectiva por se considerar que é a que melhor contribui para o conhecimento do fenómeno em si mesmo e porque, simultaneamente, é a que melhor permite o desenvolvimento das ciências sociais, devido aos desafios que o estudo de um fenómeno particularmente complexo como o turismo lhes coloca conceptual e metodologicamente.

Considera-se ainda que, independentemente de se defender que o turismo seja ou caminhe para se constituir como uma disciplina científica, o fenómeno recebe um contributo particularmente importante dos autores que o definem como um sistema (Gunn, 1994; Inskip, 1994; Leiper, 1979; Maitheson e Wall, 1982; Mill e Morrison, 1992; Moscardo, 2011; Poon, 1993), uma vez que estes enfatizam a interdependência entre os diversos atores locais. Neste contexto, o modelo de Leiper (1979) oferece uma abordagem bastante clara e adaptável à interdisciplinaridade do fenómeno turístico uma vez que incorpora diferentes elementos (humano, organizacional e geográfico), interligando-os entre si. O autor identifica os turistas, como o elemento humano característico da procura, e associa a indústria turística, que representa a oferta, às regiões de destino e de trânsito.

Uma abordagem que pode ser útil ao entendimento das questões relacionadas com a definição de turismo é, como Beni (1997) refere, a sua distinção em dois grupos: as definições técnicas e as definições holísticas.

As definições técnicas são sobretudo propostas por organizações governamentais e têm como principais objetivos, não apenas definir o que se entende por turismo, do ponto de vista teórico, mas também encontrar forma de, objetivamente, o caracterizar e medir, de forma comparável em termos internacionais. Neste sentido, a definição que até hoje mais consenso reúne, quer para técnicos da área do turismo, quer para investigadores em diversas áreas científicas, é a proposta pela Organização Mundial de Turismo (CEC et al., 2001: 1):

Tourism is defined as the activities of persons travelling to and staying in places outside their usual environment for not more than one consecutive year for leisure, business and other purposes not related to the exercise of inactivity remunerated from within the place visited.⁹

As definições holísticas, por sua vez, procuram, como a própria designação sugere, abranger de forma global ou total o fenómeno. Assim, segundo Hunziker e Krapf (1942), citados por (Holloway, 1995: 1) o turismo é definido como: “...*the sum of the phenomena and relationships arising from the travel and stay of non-residents, in so far as they do not lead to permanent residence and are not connected to any earning activity*”. (Jafari, 2005) afirma, a este propósito, que o turismo diz respeito, por um lado, ao estudo daqueles que viajam e que estão fora do seu ambiente habitual de residência e, por outro lado, à indústria e aos impactos dos turistas e da indústria nos destinos (em termos sociais, económicos, culturais e ambientais). Para Baptista (1997), o turismo é o fenómeno humano e social que consiste na deslocação de pessoas, de forma provisória por um tempo limitado, não implicando, por isso, transferência do local habitual de residência. Maitheson e Wall (1982) afirmam que o turismo se caracteriza pela deslocação temporária de pessoas para destinos que se situam fora do seu local normal de trabalho e residência, as atividades desenvolvidas durante a sua estada e as facilidades criadas para responder às suas necessidades”.

⁹Tourism Satellite Account: Recommended Methodological Framework, Eurostat, OECD, WTO, UNSD, 2001.

O turismo é visto por Sharpley (1994) como um fenómeno social da modernidade, que envolve o movimento de pessoas para vários destinos e a sua permanência nos mesmos, possuindo ainda, segundo o autor, as seguintes características: (i) normalmente é visto como uma atividade de lazer e geralmente é associado a uma fuga ou mudança, por um período de curta duração, em relação à rotina diária; 10 (ii) é socialmente determinado. O seu processo evolutivo comprova-o, nomeadamente o fenómeno da sua democratização;¹¹ (iii) a indústria turística internacional é diversificada, fragmentada e multissetorial. A diversificação vertical e horizontal resulta no domínio da indústria por um pequeno número de multinacionais, maioritariamente sediadas nos países industrializados que são também os países geradores; (iv) está dependente dos atributos físicos, sociais e culturais do destino que são comercializados para os turistas, atuais ou potenciais, associados a promessas de excitação, autenticidade, exotismo; (v) é uma atividade comercial baseada nos encontros entre os turistas e as populações locais, atua como um catalisador do desenvolvimento e da hospitalidade comercializada e como um agente de mudança social; (iv) é um setor do mercado de lazer, que é mais amplo, e reflete tendências e mudanças das sociedades geradoras.

De acordo com a Organização Mundial de Turismo, considera-se turista qualquer pessoa que passe, pelo menos, 24 horas fora da sua residência habitual ou pernoite noutro local, no próprio país ou no estrangeiro, por outros motivos que não o exercício de uma atividade remunerada permanente no destino visitado (UNWTO, 1994)

¹⁰Implícita à ideia de turismo está a ideia de libertação do trabalho, apesar de haver viagens associadas, por exemplo, a expedições ou relacionadas com o trabalho que também são aceites como turismo.

¹¹Por democratização do turismo designa-se o fenómeno progressivo caracterizado pela possibilidade que passa a ser oferecida aos indivíduos, de diferentes proveniências e estratos sociais, de aceder à prática turística.

Tabela 2.2 – Definições de turismo e de turista

Autores e ano da publicação	Abordagem teórica	Definições de turismo/ turista
Baptista (1997: 40)	Procura	O turismo é o fenómeno humano e social que consiste na deslocação de pessoas, de forma provisória por um tempo limitado, não implicando por isso transferência do local habitual de residência.
Bull (1996)	Oferta	O turismo é a oferta organizada de bens e serviços aos visitantes num destino.
Herman von Schulland (1910) em Ignarra (2003:12)	Economia - Procura	Soma das operações, fundamentalmente de natureza económica, diretamente relacionadas com a entrada e o movimento de estrangeiros dentro de um determinado país, cidade ou região.
Hunziker e Krapf (1942) em Holloway (1995:1)	Procura	O turismo é a soma dos fenómenos e das relações que resultam da viagem e da permanência de todos os indivíduos que, não sendo residentes num determinado território, nele permanecem e não exercem atividade remunerada.
Jafari em Beni (1997:36)	Oferta/procura	O turismo diz respeito ao estudo daqueles que viajam e que estão fora do seu ambiente habitual de residência, à indústria turística e aos impactos dos turistas e indústria nos destinos (em termos sociais, económicos, culturais e ambientais).
Leiper (1979)	Oferta	O turismo é um setor que é constituído por empresas, organizações e equipamentos que satisfazem necessidades específicas dos turistas, através do fornecimento de bens e serviços.
Mathison e Wall (1992)	Procura	Turismo é a deslocação temporária de pessoas para destinos fora do seu local normal de trabalho e residência, as atividades desenvolvidas durante a sua estada e as facilidades criadas para responder às suas necessidades.
Mcintosh e Goeldner (1990)	Oferta	O turismo é entendido como um setor fragmentado em partes e atividades.
Murphy e Watson (1995)	Oferta	A oferta de turismo é altamente fragmentada (vários tipos de negócio e níveis de industrialização) com a finalidade de satisfazer o visitante.
Nash (1981:462)	Procura	The activity of person at leisure who also travels. Tourism is presented as an antithesis to work activities.
Unwto (1994)	Procura	Turismo diz respeito as atividades praticadas pelos indivíduos durante as suas viagens e permanências em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período contínuo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, negócios e outros.
Smith (1988)	Oferta	Bens e serviços utilizados pelos visitantes, sendo que alguns desses bens e serviços são destinados exclusivamente aos visitantes e outros podem ser utilizados por visitantes e residentes.
Smith (1989:1)	Procura	Um turista é a pessoa que temporariamente e de forma voluntária visita um lugar fora do seu local de residência, com o objetivo de experimentar uma mudança.

Fonte: Autoria própria

Neste estudo, assumem particular importância as definições holísticas, enfatizando as perspetivas das áreas disciplinares centrais desta investigação,¹² como as que a suportam teoricamente. As definições técnicas, não deixando de ser relevantes para o entendimento do sistema turístico e da sua relação com os residentes, são menos desenvolvidas e exploradas, uma vez que não se pretende um estudo na perspetiva de mercado.

A abordagem sistémica, e em particular o modelo de Leiper (1979), são um contributo importante para a definição de turismo neste estudo. No entanto, este modelo adota uma abordagem que enfatiza a dinâmica oferta - procura, privilegiando a perspetiva do turista, como o principal elemento humano no sistema turístico, o que, no caso deste estudo, não é a perspetiva adotada. Interessa por isso definir e explorar o fenómeno turístico de um ponto vista sistémico mas especificando as particularidades que este fenómeno apresenta para os residentes. Por esse motivo se têm em consideração abordagens assentes no conceito de “*tourism community approach*” que pressupõe o envolvimento da comunidade nos processos de desenvolvimento turístico.

Neste sentido, é importante para a definição do conceito de turismo, atender à perspetiva de autores como (Murphy, 1985) que afirma que os destinos são os locais de ligação entre os turistas e as comunidades locais, sendo neles que os impactos negativos do turismo são sentidos de forma mais intensa e onde a ação corretiva é necessária (Murphy, 1985: 1) refere que:

A community emphasis would temper the economic concerns with environmental and social considerations. The spatial impact of national policies and individual developments can be traced though a nation, thanks to the multisscale interpretation and interlinkage of the term “community”. Finally, the importance of community survival, as a permanent home in which to live, work and play can be acknowledged in addition to the focus on its tourism potential.

Tal como Murphy refere, considera-se neste estudo indispensável a ênfase nos residentes e, por isso, a sua perspetiva sobre os impactos do turismo na sua qualidade de vida e no seu espaço de vivência e pertença permanente.

¹² Enunciadas na introdução (a sociologia, a psicologia, a antropologia e a geografia).

2.4. Do planeamento ao desenvolvimento competitivo e sustentável dos destinos

O conceito de destino turístico não reúne também consenso na literatura, à semelhança do que ocorre com o conceito de turismo (Laws, 1995), utilizando-se frequentemente o termo de forma indistinta para designar um país, uma região, um *resort*¹³ ou simplesmente uma unidade de alojamento. No entanto, vários autores têm contribuído para o seu esclarecimento, apesar da diversidade dos destinos, das suas características particulares e dos problemas e oportunidades singulares dos mesmos (Ashworth e Voogdt, 1991; Cooper et al., 1998; Holloway, 1995; Laws, 1995; Lumsdon, 2000; Mill e Morrison, 1992) um destino é constituído por “focos de equipamentos e serviços combinados para satisfazer as necessidades dos turistas”, enquanto Lundberg (1990) define destino como uma unidade geográfica que pode ser reconhecida como tendo uma imagem comum. Mill e Morrison (1992), por sua vez, realçam que um destino, uma vez que se constitui como um conjunto de atrações e serviços, pode ser melhor ou menos bem-sucedido em função do seu poder de atração e capacidade de satisfação dos visitantes, de forma global, e não em cada uma das suas componentes isoladamente. Por este motivo alguns autores utilizam o termo “*destination mix*” para realçar o carácter multifacetado do destino e, simultaneamente, a forma como, em interligação, as várias componentes determinam a experiência do turista no lugar. Esta mesma ideia é transmitida por exemplo por Ashworth e Voogdt (1991) ao definirem o destino como produto, entendendo-o como o local de consumo de um conjunto de atividades, serviços e bens vendidos pelos agentes turísticos, mas também como um produto em si mesmo, daí que afirmem que “the place is both the product and the container of an assemblage of products”, Ashworth e Voogdt (1991: 9).

Deste modo, e seguindo a perspetiva de Butler neste estudo, define-se um destino turístico pela existência de elementos físicos (naturais e construídos), elementos humanos e elementos socioculturais interligados, que se constituem num espaço geográfico em mutação constante. Para Butler (2011: 33), o destino turístico é definido como “A place where tourists plan to spend time away from home.” Para o autor, esta

¹³ *Resort* turístico, segundo Butler (2011), é um termo utilizado para designar uma área geográfica com atrações e serviços turísticos onde a população, na época alta, é maioritariamente constituída por visitantes. A economia do *resort* turístico é baseada no turismo e nas transações realizadas pelos turistas.

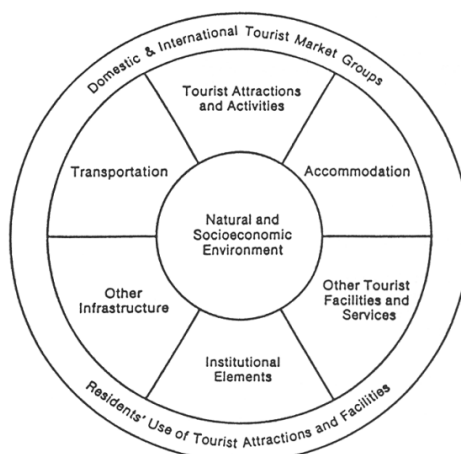
área pode ser pequena, como um lugar, uma vila ou uma cidade ou pode ser mais abrangente, como uma região, ilha ou país. O destino compreende em si mesmo todas as organizações, empresas, indivíduos e órgãos do estado que oferecem produtos e serviços aos visitantes do destino, incluindo também os recursos naturais, artificiais e as atrações. Entende-se aqui o destino como o lugar (restrito ou abrangente) que leva o indivíduo a sair da sua casa e é portanto o objeto e objetivo da sua escolha para permanecer durante um determinado período de tempo.

No que respeita ao desenvolvimento turístico, este pode ser definido como um processo que evolui ao longo do tempo e que diz respeito ao turismo, sendo certo que esta evolução resulta de processos de transformação global e origina alterações em várias áreas e setores da sociedade.

O desenvolvimento turístico revela-se atraente para regiões e países desenvolvidos mas também para os que se encontram em vias de desenvolvimento (Goeldner et al., 2002) e constitui não só um fator de desenvolvimento económico e social para muitas regiões, como uma oportunidade, por vezes única, de reconverter espaços, economias e dinâmicas sociais em declínio.

No entanto, para que estas consequências do desenvolvimento turístico se revelem positivas, é necessário que se verifiquem determinadas condições. Neste sentido, Inskeep (1991) identifica o que considera serem as condições fundamentais dos destinos para um desenvolvimento sustentável. A figura 2.1 apresenta não só as condições necessárias ao desenvolvimento do destino como permite perceber as suas relações de interdependência e a articulação necessárias na dinâmica de desenvolvimento do turismo.

Figura 2.1 – Componentes de desenvolvimento de um destino turístico



Fonte: (Inskeep, 1991)

O modelo de Inskeep revela-se particularmente importante para esta investigação, desde logo porque realça a necessária adequação ao ambiente socioeconómico e ambiental, tal como Pearce (2002) defende, e por duas outras ordens de razões, abaixo explicitadas.

A primeira razão resulta da identificação das componentes essenciais ao desenvolvimento turístico de um destino, uma vez que o modelo contempla as várias componentes da oferta turística: (i) atrações e atividades turísticas - que incluem os recursos naturais e culturais: especificidades do destino capazes de atrair os visitantes; (ii) alojamento – o elemento fundamental para que se possa desenvolver o turismo; (iii) outras facilidades e serviços turísticos – que incluem todos os equipamentos e serviços para o desenvolvimento turístico, como sejam a restauração, os operadores turísticos e agentes de viagem, os bancos e os serviços médicos e de segurança; (iv) as instituições – essenciais para a gestão dos destinos: organizações públicas e privadas que visam promover o desenvolvimento sustentado do turismo; (v) outras infraestruturas – englobam todos os elementos que garantem as condições básicas para a vivência social e para o turismo (por exemplo o abastecimento de água, a recolha e tratamento de resíduos sólidos, o saneamento básico, os serviços de telecomunicações); (vi) transportes – outra componente essencial ao turismo na medida em que permite a mobilidade dos turistas.

A segunda razão prende-se com o facto de o modelo destacar os vários utilizadores do espaço turístico: o mercado turístico internacional, o doméstico e os residentes, englobando por isso o grupo a que se dá relevo neste estudo.

Neste estudo sobre as percepções sobre o turismo e sobre a qualidade de vida, sendo os residentes o elemento central, o modelo de Inskeep revela-se útil uma vez que prevê a possibilidade de usufruto, por parte dos residentes, de espaços, atividade e infraestruturas a que estes não teriam acesso caso não existisse turismo. Este modelo também permite avaliar o tipo de relação que, num mesmo espaço, os residentes podem estabelecer com os turistas e com a indústria e por isso pode ter um peso decisivo na sua percepção do fenómeno e consequentemente na percepção da sua qualidade de vida.

2.4.1. Desenvolvimento turístico e planeamento participativo

No contexto do desenvolvimento turístico, o planeamento revela-se um fator essencial e constitui um estímulo à sustentabilidade, uma vez que antecipa a identificação de consequências nefastas do turismo e, dessa forma, possibilita a prevenção da insatisfação de residentes e turistas. O desenvolvimento turístico deve, no entender de muitos autores tais como Formica e Uysal (1998), Gunn (1994) e Inskeep (1994), ser baseado no processo de planeamento, assente no reconhecimento dos recursos dos destinos e na sua potencial atratividade.

A questão da medição dos recursos turísticos tem sido objeto de preocupação e estudo por parte dos governos e académicos e reflete-se nos planos turísticos como condicionante do desenvolvimento a longo prazo dos destinos turísticos, nomeadamente em destinos focados na sua revitalização e atratividade duradoura (Formica e Uysal, 1998, McIntoch e Goeldner, 1990).

O reconhecimento dos benefícios, mas também dos problemas associados ao desenvolvimento turístico, para territórios e residentes, resulta no estudo dos impactos

do turismo em várias áreas, incluindo a do marketing dos destinos, que enfatiza a necessidade de planeamento destes territórios.

As ações de planeamento e de marketing têm sido orientadas, em primeiro lugar, para o turista e para as suas necessidades, mas reconhece-se atualmente que este planeamento deve incluir um esforço para ter em conta a vontade dos residentes. O planeamento assume cada vez mais uma abordagem holística, que inclui preocupações com a qualidade de vida dos residentes, influenciada pelo turismo, a preocupação central deste estudo.

De forma progressiva, nas últimas décadas, o planeamento em turismo impõe-se como uma necessidade real para os destinos e, como afirma Costa (2006:236) "the re-invention of tourism planning has come to the top of the planners agenda".

Diversos autores têm vindo a desenvolver modelos de análise e de gestão estratégica para o setor do turismo que permitem organizar metodologicamente todo o processo de planeamento desta atividade. Como exemplos paradigmáticos destas modelizações podem-se apontar: (i) o modelo turístico de Getz (1986), que começa por ser desenvolvido em 1970 e se baseia na perspetiva do planeamento físico, integrando a teoria e a prática através da identificação do problema e das soluções possíveis, numa interação entre as fases de diagnóstico e planeamento, implementação e monitorização; (ii) o modelo de Mill e Morrison (1992) que se aplica essencialmente à política turística no planeamento desta atividade e permite fazer o levantamento das características do território e estabelecer ligações com a população residente e com as necessidades do destino;¹⁴ (iii) o modelo Alberta (Gunn, 1994) que identifica várias fases no processo de planeamento, desde o inventário dos recursos até à sua implementação, destacando o papel das entidades com responsabilidade a este nível; (iv) o modelo proposto por Inskip (1991), acima referido, que tem como núcleo central tem o ambiente socioeconómico e ambiental, circundado por vários elementos infraestruturais, dizendo o último respeito aos diferentes mercados e à utilização das atrações pelos residentes; (v) o modelo baseado na relação Produto – Espaço, proposto por Costa (2001) para a

¹⁴ Neste modelo a política do turismo surge da junção dos objetivos turísticos com os constrangimentos encontrados da análise realizada.

construção da estratégia/política em várias dimensões;¹⁵ (vi) o modelo proposto por Ritchie e Crouch (2003), que agrupa as ideias presentes nos modelos anteriormente referidos e de outros existentes e se assume como um modelo de competitividade do destino, partindo do levantamento dos recursos para identificar os que podem constituir os fatores críticos de sucesso ou o recurso ou atração considerada o “core” e que prevê a gestão planeada do destino, incluindo a definição de políticas e planos de desenvolvimento e qualificação da oferta.

Como Costa (2006) refere, modelos como os de Getz (1986), Mill e Morrison (1992) e Inskeep (1991), revelam que o planeamento turístico, entre 1980 e 1990, começou a emergir como uma disciplina distinta e diferenciada do planeamento urbanístico das cidades, apesar de muito associado ao mesmo, apresentando um carácter estratégico e não apenas físico como até então.

O planeamento turístico, depois de 1990, e ainda segundo Costa (2006:238), apresenta uma nova fase no seu processo evolutivo, marcada essencialmente por uma maior representatividade do setor privado, o que se revela deveras decisivo em todo o processo de planeamento e desenvolvimento turístico. A este propósito, o autor referenciam os modelos de planeamento turístico de Pearce (1982) e Costa (1996) que contemplam já esta perspetiva participativa no processo de tomada de decisão para o planeamento, nomeadamente com a inclusão das organizações do setor privado e das comunidades locais.

Em qualquer destas abordagens está presente a necessidade de existir um exaustivo estudo preparatório que inclua referências credíveis, levantamento das características da realidade em causa, sua análise e síntese, formulação de objetivos claros, identificação de políticas e preparação do projeto propriamente dito, onde se incluam os planos de ação e a sua forma de implementação e monitorização.

De forma a atuar com maior objetividade em toda a cadeia de produção e comercialização dos produtos turísticos, este levantamento pressupõe que se conheça

¹⁵ Neste caso, a inventariação dos recursos surge como relevante para identificar *clusters* que permitam determinar produtos estruturantes, ideia decorrente da identificação e análise das estruturas organizacionais, criando redes de organizações.

em pormenor o setor do turismo, passando pelos diferentes intervenientes e pelas relações que entre eles se estabelecem (operadores turísticos, agências de viagens, transportes, alojamento e restauração, atividades e serviços de apoio e infraestruturas).

É portanto fundamental a recolha de informação sobre a procura atual e potencial (por exemplo as características dos visitantes e as tendências do mercado), sobre a oferta, no que respeita aos recursos naturais e patrimoniais (muitas vezes os mais determinantes para a procura turística), sobre o tecido empresarial e seus recursos humanos (incluindo as questões relacionadas com a formação e a educação), sobre os recursos dependentes dos organismos públicos (determinantes das condições políticas, legais e físicas de usufruto do território por parte dos visitantes e da sua partilha com a população local).

A gestão do destino, para o seu desenvolvimento, é encarada por (Weaver, 2000) num contexto amplo, em que quatro possibilidades se apresentam (ver figura 2.2.), conforme o volume de negócios turísticos existentes e o grau de regulação organizacional no mesmo. O autor apresenta um modelo de gestão de destinos turísticos, que foi aplicado à Gold Coast na Austrália.

Figura 2.2 – Possibilidades do destino

Alternativas deliberadas para o turismo (ADT)	Turismo de massa sustentável (TMS)
Alternativas circunstanciais para o turismo (ACT)	Turismo de massa não sustentável (TMNS)

Fonte: adaptado de (Weaver, 2000: 218)

Neste modelo o autor identifica quatro possibilidades de desenvolvimento, associando o grau de regulação à intensidade turística, realçando assim que, conforme o número de turistas que afluem ao destino, assim a maior ou menor exigência em termos de regulação e o leque de opções em termos de oferta turística. O autor identifica quatro hipóteses: (a) Alternativas deliberadas para o turismo (*Deliberate Alternative Tourism*) (b) Alternativas circunstanciais para o turismo (*Circunstancial Alternative Tourism*); (c) Turismo de massas sustentável (*Sustainable Mass Tourism*); (d) Turismo de massas não sustentável (*Unsustainable Mass Tourism*). As situações a) e c) são aquelas que pressupõem a deliberada definição de objetivos estratégicos e, por isso, as mais desejáveis do ponto de vista do desenvolvimento do destino.

2.4.2. Necessária sustentabilidade turística

A revisão da literatura permite identificar a importância do conceito de sustentabilidade nos estudos do turismo. A questão da sustentabilidade, sendo atualmente objeto de preocupação no quadro do desenvolvimento turístico, tem conduzido a que diversos esforços tenham sido empreendidos, por parte de diversas entidades, nomeadamente pela (UNWTO, 2004), no sentido de esclarecer o conceito:

Sustainable tourism development guidelines and management practices are applicable to all forms of tourism in all types of destinations, including mass tourism and the various niche tourism segments. Sustainability principles refer to the environmental, economic and sociocultural aspects of tourism development, and a suitable balance must be established between these three dimensions to guarantee its long-term sustainability.

Intimamente associado ao conceito de sustentabilidade está o conceito de capacidade de carga, relativamente ao qual O' Reilly (1986) identifica existirem duas escolas. A primeira considera que a capacidade de carga é a capacidade que um destino tem de absorver turistas antes que a população sinta efeitos negativos da atividade, indicando o nível a partir do qual o turismo tenderá a declinar pois certas características, percebidas pelos turistas, atingiram o ponto de rutura e o destino deixa de ter capacidade

para os atrair; a segunda afirma que a capacidade de carga é o número máximo de pessoas que podem utilizar um lugar sem este sofrer alterações ambientais ou perder atratividade e ainda mantendo a qualidade da experiência (Maitheson e Wall, 1982). Os autores acrescentam que a capacidade de carga económica é a capacidade de absorver funções turísticas sem esmagar atividades locais desejáveis.

A capacidade de carga é definida por Martin e Uysal (1990) como o número de visitantes que podem ser acomodados numa área sem que surjam efeitos negativos (físicos, psicológicos, ambientais, sociais). Os autores realçam que se pode falar em capacidade de carga física, que envolve a atual limitação física da área e a deterioração do ambiente, causada pelo turismo; capacidade de carga psicológica, que ocorre quando os turistas deixam de estar confortáveis na área-destino por razões que podem incluir atitudes negativas nos locais/áreas congestionadas ou a deterioração do ambiente físico; capacidade de carga social que é atingida quando os residentes locais não querem mais turistas porque estes destroem o ambiente, danificam a cultura ou os lugares e as atrações encontram-se com elevada densidade humana. Para Martin e Uysal (1990), a capacidade de carga de um destino é diferente para cada estágio do ciclo de vida da área destino.

Cunha (2006: 277) afirma, por isso, que não existe uma capacidade de carga mas várias, consoante as áreas. Para este autor, apesar de existirem várias perspetivas quanto à capacidade de carga, todas incluem o princípio de que existe um limite de crescimento que não se pode ultrapassar e o respeito pela capacidade de carga é um dos mecanismos que pode contribuir positivamente para o desenvolvimento sustentável do turismo nas suas diferentes dimensões.

Cooper et al. (2007) abordam a temática da capacidade de carga tendo em consideração a dimensão sociocultural, nomeadamente o número de visitantes e o desenvolvimento turístico que a população residente tolera. Dyer et al. (2007:409), por seu turno, realçam a importância da comunidade para o desenvolvimento turístico, ao citarem Lawson et al. (1998) que referem a necessidade de dar a palavra à comunidade: “«a community mandate» is necessary for sustaining the tourism industry and managing the «more critical aspects that appear as a tourism destination reaches maturity»”.

A literatura sugere, como se verifica, que, por parte das comunidades, há uma certa capacidade para absorver turistas e que, a partir de um determinado ponto essa capacidade se esgota. Para Butler a capacidade de carga é definida como “the maximum number of people or level of use that an environment (such as a destination) can accommodate without experiencing irreparable change” (Butler, 2001: 20).

A monitorização do destino turístico apresenta-se como um dos aspetos importantes na análise dos destinos, pela sua relevância económica e social, transversalidade, e interdependência (Cunha, 2006). Neste contexto, o desenvolvimento de indicadores é cada vez mais considerado pelos poderes públicos e pelas organizações em geral como um fator determinante para a gestão sustentada dos destinos.

De acordo com a UNWTO (2004), os indicadores devem refletir as preocupações ambientais, económicas, culturais e sociais, questões cada vez mais relacionadas com o planeamento e poderão ser categorizados como pertencentes a aspetos relacionados com: 1-Alerta precoce (por ex. a diminuição do número de turistas); 2- Pressão sobre o sistema (por ex. a escassez de água ou aumento do índice de criminalidade ou de poluição); 3 - Indicadores para medir o estado dos recursos básicos naturais e da procura; 4 - Medição dos impactos do desenvolvimento turístico sobre o ambiente biofísico e socioeconómico; 5 - Ações e esforços de gestão (por ex. a recolha de resíduos); 6 - Impacto da gestão.

Este estudo, não tendo como objetivo medir a sustentabilidade dos destinos turísticos permite compreender melhor de que forma um destino turístico sustentável propicia a perceção direta e positiva por parte dos residentes sobre a influência deste na sua qualidade de vida.

2.4.3. Competitividade e turismo

Nas últimas décadas a questão da competitividade tem vindo a ser intensamente debatida entre académicos como Porter (1980), Poon (1993), Ritchie e Crouch (2003) e, bem como nos meios políticos e pelos responsáveis de empresas. Esta questão assume uma importância cada vez maior em várias áreas de atividade, ao nível da competitividade dos países ou da vantagem competitiva das nações (Porter, 1990). Também no que respeita à atividade turística, nomeadamente para os destinos, as estratégias para a competitividade são urgentes, face ao fenómeno da globalização.

Vários autores têm desenvolvido estudos no sentido da clarificação daquilo que se entende por competitividade, com o objetivo de criar modelos para a sua análise. Alguns exemplos desses esforços são os trabalhos de Porter (1990), Gilbert (1990), Poon (1993), Bordas (1994), Buhalis (2000), Dwyer et al. (2009) e Ritchie e Crouch (2003). Apesar de a grande maioria dos modelos de competitividade serem desenvolvidos no contexto da indústria, das regiões ou dos países, muitos deles têm sido aplicados aos destinos turísticos. Recentemente, vários autores desenvolvem modelos específicos de competitividade no âmbito dos destinos turísticos como é o caso do modelo de Poon (1993), Gilbert (1990) e Ritchie e Crouch (2003). Não existe contudo consenso em relação ao conceito de competitividade, apesar de se encontrarem algumas semelhanças nas diferentes abordagens teóricas. Uma análise interessante destas semelhanças é a que Buhalis (2000) apresenta, com base na comparação entre o modelo de Porter (1990), que identifica três grandes estratégias (custos, diferenciação e focalização)¹⁶, o modelo de Gilbert,¹⁷ em que é estudada a evolução de uma área inicial designada “commodity area” para uma posterior “status area” e o modelo de Poon (1993)¹⁸ que, ao falar de velho e de novo turismo, introduz o conceito de especialização flexível.

¹⁶ As três estratégias genéricas de Porter podem descrever-se sinteticamente: Estratégia de Custos – consiste na minimização dos custos de produção, na produção em massa e no controle apertado das principais funções das empresas; Estratégia de Diferenciação – aplicada a produtos ou serviços de forma a garantir que a oferta seja percebida pelo consumidor como única e que efetivamente se distinga da oferta dos concorrentes; Estratégia de Focalização – estratégia que se dirige a um grupo muito específico e restrito de consumidores e que se pode basear nos custos ou na diferenciação.

¹⁷ O modelo de Gilbert (1990) realça o facto de destinos turísticos caracterizados pela designada “commodity area” serem facilmente substituíveis e sensíveis ao preço e a qualquer alteração económica que influencie o consumidor. Em relação a destinos desta natureza o turista decide fundamentalmente em função da variável preço. Partindo desta constatação o autor sugere, como melhor estratégia para os destinos turísticos, a sua transformação numa “status area” com vista a realçar, perante o consumidor, os benefícios e características únicas do destino e assim melhorar a sua imagem.

¹⁸ O modelo de Poon (1993) apresenta a oposição entre o “velho turismo” e o “novo turismo” associando esta alteração a um novo perfil de consumidor que se caracteriza, entre outros aspetos, pelo seu carácter mais independente, informado e exigente. O “novo

Como semelhanças entre os três modelos, Buhalis (2000) identifica, por um lado, a coincidência dos conceitos associados às designadas “status areas”, com a diferenciação e especialização flexível e, por outro lado, a liderança pelos custos, que se aproxima do conceito de estandarização e de “commodity area”.

A ideia principal que resulta destas perspetivas sobre o turismo e sobre a competitividade dos destinos é a de que, cada vez mais, é necessária a aposta na diferenciação, ao invés do combate pelos custos que não evidencia, perante os turistas, os benefícios que as experiências nestes destinos podem proporcionar.

Na realidade, a grande maioria dos consumidores turistas adotam, nos dias de hoje, uma atitude muito mais ativa e consciente, estando particularmente atentos a ofertas sustentáveis e autênticas.

No contexto deste trabalho a questão da competitividade revela-se importante como fator integrador da perceção da qualidade de vida pelos residentes, na sua articulação com o turismo. Como se referiu, a literatura aponta no sentido de destacar que, atualmente, a competitividade dos países e das regiões assenta fundamentalmente no seu carácter diferenciador, nomeadamente nas suas características culturais e sociais e nas questões associadas ao acolhimento ao turista (por parte da indústria turística, mas cada vez mais, por parte também das comunidades) e à sustentabilidade. Defende-se neste estudo que, se os residentes percebem como positiva a influência do turismo na sua qualidade de vida, são mais recetivos ao seu desenvolvimento, apoiam o turismo e os turistas, podem ser mais empreendedores e assim, contribuem para a competitividade do destino.

Ritchie e Crouch (2003), no seu modelo designado “Destination Competitiveness & Sustainability”, apresentam precisamente a questão da sustentabilidade intimamente relacionada com a competitividade.¹⁹ O modelo, não se assumindo como uma ferramenta de planeamento e desenvolvimento, permite identificar princípios e

turismo” é descrito como mais flexível e adaptável a segmentos de mercados cada vez mais diferenciados e com grande consciência ambiental.

¹⁹ Neste modelo, Ritchie e Crouch (2003) apresentam, em primeiro lugar, os diversos recursos base dos destinos, os seus elementos de suporte (por exemplo as infraestruturas e as acessibilidades), em seguida os elementos relacionados com a gestão do destino, políticas, planeamento e desenvolvimento e, por último, no topo, as designadas “Qualifying & Amplifying Determinants”. Estes diversos elementos, integrados verticalmente surgem enquadrados num contexto ambiental macro e num micro-ambiente competitivo. Os elementos-chave do modelo são os fatores que permitem o desenvolvimento de destinos turísticos, o ambiente competitivo macro e micro e a vantagem comparativa transformada em vantagem competitiva, sendo esta resultante de uma política e estratégia assente na sustentabilidade.

orientações gerais, o que se revela extremamente importante face ao fenómeno da globalização, intimamente associado a mutações constantes e rápidas que se verificam nas sociedades atuais (mudanças a nível económico, sociocultural, político, ambiental e tecnológico, entre outras) e que origina uma concorrência mais acentuada à qual acresce maior informação e exigência por parte do consumidor turista. Neste contexto, é cada vez mais urgente o diagnóstico constante e atualizado das potencialidades dos destinos, um planeamento estratégico consentâneo com o diagnóstico realizado e uma operacionalização viável, coordenada e controlada.²⁰

Esta competitividade é tão mais importante quanto mais a vida dos residentes de um destino, é afetada, por vezes muito rapidamente, devido ao desenvolvimento turístico. Nesta medida reconhece-se, neste estudo a importância da informação e da participação das comunidades na definição das estratégias de desenvolvimento do local onde vivem como forma de mais facilmente se adaptarem às alterações que o fenómeno suscita e de aceitarem, apoiarem ou mesmo promoverem o seu desenvolvimento.

Em Portugal, para além dos documentos oficiais, outras iniciativas têm vindo a ser tomadas no âmbito da competitividade, como é o caso do designado Fórum para a Competitividade,²¹ que Luís Mira Amaral refere como uma “instituição ativa na promoção do aumento da competitividade de Portugal” (Fórum para a competitividade, 2008). Para Sousa (2008), “o principal fator de sucesso, seja de uma nação, região ou organização, passa pela sua capacidade de se adaptar continuamente à sua envolvente”²². Neste enquadramento, Geert Hofstede²³ afirma: "Culture is more often a source of conflict than of synergy. Cultural differences are a nuisance at best and often a disaster."

²⁰ Como Poon (1993) afirma “The more rapid changes in the tourism environment, the more important becomes strategy formulation and implementation. The travel and industry is undergoing rapid and radical transformation. Therefore, competitive strategies are more important than ever for survival and competitiveness of industries players.”

²¹ Fórum para a Competitividade: associação de direito privado sem fins lucrativos, constituída em 1994, no seguimento das propostas apresentadas no estudo encomendado pelo Ministério da Indústria e Energia (presidido na altura pelo Eng.º Mira Amaral), sob a direção do Professor Michael Porter.

²² Acrescenta ainda que “O nível de adaptabilidade que se exige não se coaduna com um excesso de regulamentação e com rigidez das estruturas de decisão hierárquicas tradicionais”.

²³ Prof. Geert Hofstede, Emeritus Professor, Maastricht University, acedido em: <http://www.geert-hofstede.com/>

A questão da competitividade surge também no QREN²⁴ 2007-2013 (MAOTDR, 2007) como uma das três grandes agendas temáticas²⁵ para a concretização do grande Desígnio Estratégico Nacional de qualificação da população portuguesa, de valorização do conhecimento, da ciência, da tecnologia e da inovação e ainda da promoção de elevados níveis de desenvolvimento sustentável, para além do aumento da eficiência e qualidade das instituições públicas, num quadro de valorização da igualdade de oportunidades.

Ao nível da região do Algarve, e inserido no QREN, o Programa Operacional Regional do Algarve 2007-2013, PO Algarve 21,²⁶(GP, 1997) é outro instrumento político indispensável para afirmar o Algarve como uma região dinâmica, competitiva e solidária,²⁷ o que, no contexto do turismo, é extremamente importante.

Também Campos Ferreira²⁸ refere, como palavras-chave para o futuro da região, a competitividade e o emprego qualificado, acrescentando ainda que o “*Cluster* do turismo/lazer deverá continuar a ser o motor da economia do Algarve”, no sentido de “tornar o Algarve mais competitivo” (CCDRAlg, 2006: 3)

Quanto à atividade turística, o Plano Estratégico Nacional do Turismo – PENT²⁹, define a base das ações a empreender para o crescimento sustentado da atividade turística em Portugal, para o período de 2006 a 2015.³⁰ Neste documento, o Algarve, onde se insere o concelho de Loulé que se estuda nesta investigação, é apresentado como uma das zonas turísticas mais importantes, prevendo a revitalização de produtos turísticos já oferecidos e o desenvolvimento de novos produtos considerados estratégicos para a região (TP, 2006).

²⁴ QREN - Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007-2013

²⁵ As três grandes agendas temáticas são (QREN, 2007-2013): Agenda para o Potencial Humano; Agenda para os Fatores de Competitividade; Agenda para a Valorização do Território.

²⁶ O Investimento previsto no PO Algarve 21 (subsidiado em 175 milhões de euros pelo FEDER) está orientado em três eixos prioritários: competitividade, inovação e conhecimento (eixo no qual está prevista especificamente a valorização do *cluster* turismo/lazer), proteção e qualificação ambiental, valorização e desenvolvimento urbano.

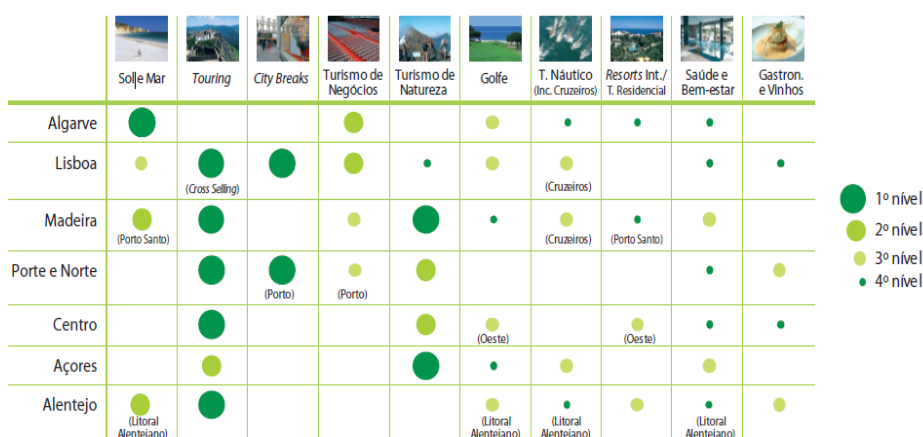
²⁷ Esta afirmação poderá ocorrer através da concretização de objetivos como o da qualificação, inovação e robustecimento da economia, a valorização dos recursos humanos e a criação de mais competências, a promoção de um modelo territorial equilibrado e competitivo e a consolidação de um sistema ambiental sustentável.

²⁸ Na nota de apresentação da Estratégia de Desenvolvimento do Algarve 2007-2013.

²⁹ Este plano resulta da resolução do Conselho de Ministros n.º 53/2007, de 4 de abril, onde se afirma que “o desenvolvimento do turismo deve estar baseado na qualificação e competitividade da oferta, alavancado na excelência ambiental e urbanística, na formação dos recursos humanos e na dinâmica e modernização empresarial”. O documento foi atualizado em 2011.

³⁰ O PENT assenta em cinco eixos estratégicos: Eixo I – Território, Destinos e Produtos; Eixo II – Marcas e Mercados; Eixo III – Qualificação dos Recursos; Eixo IV – Distribuição e Comercialização; Eixo V – Inovação e Conhecimento

Figura 2.3 – Dez produtos estratégicos previstos no PENT



Fonte: Adaptado de TP (2006)

No documento intitulado Alinhamento do Plano Regional de Turismo com o PENT (TP, 2009:2) é reconhecido, para o Algarve, o objetivo de “Definir uma estratégia de desenvolvimento do Turismo do Algarve que minimize os efeitos da crise económica mundial e prepare a região para tirar partido da fase de recuperação que se seguirá”.

Neste mesmo documento reconhece-se que a competitividade do Algarve, enquanto região turística, assenta fundamentalmente no desenvolvimento do já referenciado *cluster* turismo/lazer, na intervenção por parte dos produtores de conhecimento a nível regional e na atuação dos agentes de inovação e baseia-se em quatro objetivos estratégicos fundamentais, que se enumeram:³¹ (i) qualificar, inovar e robustecer a economia; (ii) valorizar os recursos humanos e criar mais competências; (iii) promover um modelo equilibrado e competitivo e (iv) consolidar um sistema ambiental sustentável.

A diversificação³² e qualificação do *cluster* turismo/lazer é extremamente determinante para a criação de uma posição mais competitiva de uma região como o Algarve, dado o seu carácter predominantemente turístico, contribui para o combate à

³¹ Objetivos estratégicos enunciados na “Estratégia de Desenvolvimento do Algarve 2007-2013”.

³² Neste contexto, a diversificação de mercados e produtos é fundamental, evitando a dependência de poucos mercados emissores de turistas e permitindo a criação de uma oferta alargada, mais do agrado dos diferentes segmentos de mercado a atrair para a região.

sazonalidade do turismo e do emprego no setor e para incrementar a competitividade das empresas turísticas da região.

Esta preocupação com a competitividade do país está ainda expressa nas prioridades definidas para a presidência portuguesa da União Europeia e o turismo europeu tem assumido um papel extremamente relevante para a concretização dos objetivos da Estratégia de Lisboa³³.

A competitividade turística é portanto um dos aspetos relevantes a ter em consideração no desenvolvimento dos destinos turísticos e deve incluir a consciência da importância da participação dos residentes.

2.4.4. Modelos teóricos do desenvolvimento turístico

No contexto do desenvolvimento sustentável do turismo, o modelo do ciclo de vida do destino revela-se importante para perceber de que forma o mesmo se comporta nas suas dinâmicas internas perante o fenómeno turístico e, em particular, relativamente aos seus impactos na qualidade de vida dos residentes e na forma como estes o percecionam.

De entre as explicações teóricas em diversas áreas, a literatura apresenta várias teorias no âmbito do ciclo de desenvolvimento turístico (Butler, 1980; Christaller, 1963; Doxey, 1975; Gilbert, 1989; Smith e Eadington, 1992) que, como acima se disse, são geralmente baseadas no conceito de capacidade de carga³⁴ (Long et al., 1990; Madrigal, 1993). A premissa base de todas elas assenta no facto do turismo provocar alterações nos territórios onde se desenvolve, com consequências que se vão acentuando, ao longo desse período de desenvolvimento. Em simultâneo, surgem alterações no tipo de turistas que procuram o destino, assim como nas percepções e atitudes dos residentes face ao

³³ A Estratégia de Lisboa identifica como objetivo máximo a atingir o posicionamento da Europa como um espaço competitivo à escala global sem pôr em causa a coesão social e a sustentabilidade ambiental.

³⁴ Ver capítulo 2.

fenómeno e ainda nas ações dos poderes públicos e privados, como agentes de desenvolvimento.

A revisão da literatura na área do desenvolvimento turístico permite identificar a existência de vários modelos explicativos do desenvolvimento dos destinos, de entre os quais se destaca o modelo de Butler (1980), um dos modelos mais referenciados e aplicados no estudo do turismo. Este modelo adequa-se ao tipo de análise que se pretende no presente estudo, pelo que é objeto de detalhe, sem contudo deixar de referir alguns outros modelos teóricos relevantes que permitem compreender melhor o fenómeno.

O modelo do ciclo de vida do destino (TALC – Tourism Area Life Cycle) de Butler (1980), aplicável, como a sua designação indica, à análise do ciclo de vida dos destinos, baseia-se em várias ideias propostas anteriormente por diversos autores em diferentes áreas (Christaller, 1963, Cohen, 1972, Getz, 1992, Gilbert, 1989, Plog, 1977) e configura-se como a curva do ciclo de vida do produto, utilizada fundamentalmente nas áreas da economia e do marketing, como forma de descrever o comportamento do mercado para bens e serviços. Butler (2011: 33) define TALC como:

A process describing how a destination starts off slowly with visitor numbers limited by the facilities and access. As the destination attracts more visitors, amenities are improved, and visitor numbers grow rapidly towards and sometimes beyond the carrying capacity of the destination.

O modelo do ciclo de vida de Butler (1980) tem constituído uma ferramenta de análise importante desde a sua criação e integra-se no paradigma da perspectiva difusionista de desenvolvimento, uma vez que assenta no efeito de polarização, isto é, o processo de desenvolvimento turístico inicia-se num determinado ponto e a partir deste difunde-se para áreas mais abrangentes. O turismo começa por ser encarado nos anos 60 como um instrumento poderoso de desenvolvimento de regiões periféricas devido ao seu efeito multiplicador, sendo o seu desenvolvimento entendido como ocorrendo por etapas e difundido do centro para a periferia.

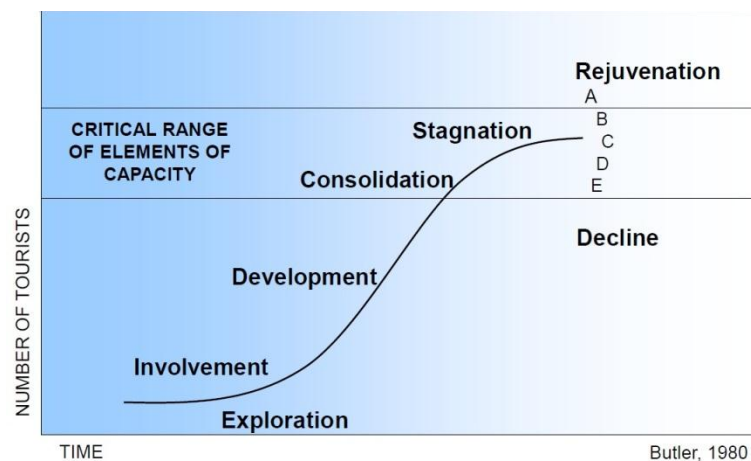
A utilização deste modelo ajuda a entender as vantagens, as vicissitudes, os desafios e as oportunidades do destino, no seu percurso de desenvolvimento. Segundo

Harrison, 1995) citado por Weaver (1998: 217), há um reconhecimento da utilidade do modelo como o “tipo-ideal”,³⁵ possível de confrontar com a vida real e assim prever desvios.

Butler (1980) defende que existe uma relação direta entre o número de turistas e a evolução da área turística ao longo do tempo. O autor propõe uma metodologia de análise da evolução do turismo num determinado território através da identificação de cinco etapas³⁶: (i) exploração; (ii) envolvimento; (iii) desenvolvimento; (iv) consolidação; (v) estagnação. A partir do estágio da estagnação vários cenários se podem apresentar ao destino turístico: o rejuvenescimento, a continuação do estágio de estagnação e o declínio.

A figura 2. representa graficamente o modelo proposto por Butler (1980). No eixo das ordenadas encontramos o número de turistas e no eixo das abcissas o tempo. O aumento em ambos os eixos significa uma redução geral da qualidade do destino e da sua atratividade. A curva ilustra o desenvolvimento de uma área destino, identificando os quatro estádios propostos e as três possibilidades de desenvolvimento após a estagnação.

Figura 2.4 – Modelo do Butler



Fonte: Butler (2011)

³⁵ “Tipo-ideal” é um conceito atribuído a Max Weber, que o entende como um instrumento de análise sociológica que permite ao cientista social apreender a sociedade e tem como objetivo criar tipologias puras, destituídas de avaliação. O tipo ideal oferece assim um recurso analítico baseado em conceitos e não corresponde à realidade, mas pode ajudar à sua compreensão.

³⁶ Vários são os autores que utilizam o modelo de forma simplificada identificando quatro níveis de desenvolvimento: introdução, desenvolvimento, maturidade e declínio.

No primeiro estágio de desenvolvimento de um destino, a fase da **exploração ou introdução**, como muitas vezes é também designada, os destinos caracterizam-se por ter pouca procura turística. Nesta fase, os turistas que chegam ao lugar, para além de serem em número reduzido, são normalmente aventureiros e atraídos pelas características naturais do local. Esta fase do ciclo de vida corresponde, no modelo de Christaller (1963),³⁷ ao turismo que pode ser caracterizado pela presença de visitantes não locais atraídos para a área pelo seu caráter único e diferente, principalmente em termos naturais.

Estes turistas, que são pelos residentes recebidos mais como hóspedes do que como clientes (Sharpley, 1994), são os que Plog (2002) designa por *alocêntricos*; procuram ambientes diferentes dos que conhecem e culturas distintas das suas. São indivíduos aventureiros, autoconfiantes e com facilidade de tomar decisões em situações imprevistas e com algum poder económico. Cohen (1979) designa o tipo de turista característico desta fase de desenvolvimento, como *explorador*. Estes turistas são aqueles que organizam as suas próprias viagens e fogem dos padrões de comportamento típico. São os turistas que Smith (1989) denomina de *off-beat*. Trata-se de indivíduos que anseiam por locais pouco ou nada explorados e conhecidos, buscam o autêntico em locais que ainda não possuem uma indústria turística estruturada e, por isso, Cohen (1979), ao caracterizá-los em função da presença ou não da indústria turística, designa-os por não institucionalizados. Para o presente estudo faz todo o sentido considerar também este tipo de turistas associados a certas zonas do concelho de Loulé que possuem pouco ou nenhum desenvolvimento turístico e são por isso procuradas por turistas com características coincidentes com as definidas pelos autores.

A indústria turística ainda não está implementada nesta fase e os acessos ao destino e no destino são difíceis, não só devido à ausência de rede de transportes estruturada, como pela falta de infraestruturas específicas de apoio ao turista. A este propósito Butler (1980) refere que o crescimento pode variar conforme o destino e as

³⁷Christaller (1963) apresenta um modelo explicativo de desenvolvimento do turismo, assente no paradigma difusionista. Segundo o autor, o desenvolvimento é inevitável e ocorre por estádios, do centro para a periferia. Outros autores defendem também este princípio, tais como Miossec (1977), Thurot (1973) e Butler (1980). Para Christaller o impulso de desenvolvimento decorre das áreas mais desenvolvidas para as menos desenvolvidas e acredita que o turismo é um setor de atividade capaz de constituir um pólo de crescimento, dada a sua capacidade para atrair turistas. No entanto alguns autores vêm posteriormente questionar se efetivamente o turismo tem esta capacidade de agente de difusão uma vez que a realidade constatada mostra que os grandes centros são aqueles que mais turismo apresentam e não o contrário.

circunstâncias concretas de desenvolvimento da atividade e Haywood (1988) adverte que este estágio se prolonga geralmente por vários anos.

Alguns autores afirmam que se trata de uma fase em que o contacto dos turistas com a população é maior mas, no entanto, uma vez que o número de turistas é reduzido, existem poucos impactos na comunidade (Weaver, 2006).

A fase de **envolvimento** é caracterizada pelo facto de os turistas chegarem com maior regularidade e começarem a existir picos de procura devido, segundo (Weaver, 2006), ao surgimento dos primeiros pacotes de férias, promovidos por operadores turísticos, o que origina um aumento sazonal da procura turística. Os empresários locais e a população residente começam a identificar o turismo como uma oportunidade de negócio e de desenvolvimento da economia local Weaver (2000). Assim, o investimento tende a crescer e criam-se infraestruturas de apoio ao turismo que propiciam o aumento da procura. Segundo Cooper (1994) e Reid e Bojanic (2006), nesta fase há um envolvimento marcante da comunidade residente que começa a empreender, muitas vezes através de pequenas iniciativas familiares (por exemplo a oferta de serviços de alojamento aos turistas, ou a venda de artesanato). A comunidade percebe que a atividade pode trazer benefícios para as suas vidas e para o território e procura relacionar-se de forma harmoniosa com os turistas (Sharpley, 1994). Trata-se de uma fase em que a indústria turística se implementa lentamente e na qual predomina o carácter informal da atividade. O aumento da procura exerce pressão sobre o setor público, no sentido de criar infraestruturas de apoio ao desenvolvimento do destino e promover o investimento privado (Cooper, 1994, Reid e Bojanic, 2006).

A fase de **desenvolvimento** ou crescimento reflete uma área turística mais definida. Diminui rapidamente o envolvimento da comunidade e o controle do desenvolvimento turístico por empresas locais, para dar lugar, como Butler (1980) refere, à presença de investidores estrangeiros (muitas vezes grandes grupos económicos, nomeadamente ao nível do alojamento e dos operadores turísticos). O número de turistas aumenta rapidamente, em muitos casos igualando ou excedendo, na época alta, a população local (Haywood, 1988), como é o caso da região estudada nesta

investigação, o concelho de Loulé. Esta fase é emblemática dos anos 70/80 no Algarve e no concelho de Loulé.

Nos destinos começam a verificar-se alterações na estrutura económica, nas práticas sociais, nos elementos culturais e no ambiente. Ocorrem por exemplo modificações ao nível da paisagem, os próprios residentes começam, como Toh et al. (2001) referem, a manifestar interesse por viajar.

Nesta fase, segundo Butler (2006), o destino assume características internacionais e, por isso, mais próximas da cultura dos visitantes dos que dos visitados. É frequente encontrar destinos que, nesta fase, cometem erros urbanísticos e de ordenamento do território e que se tornam demasiado dependentes da atividade turística, de alguns operadores turísticos e ainda de alguns mercados emissores. Esta situação é particularmente importante para a investigação em curso, uma vez que se reconhece como característica de algumas zonas do concelho de Loulé, tal como ocorre também noutras zonas do Algarve e também em Espanha.

A proximidade que existia inicialmente entre residentes e turistas tende a modificar-se (Weaver, 2006). Sharpley (1994:175) realça, a propósito desta fase que “(...) local residents become increasingly marginalized as tourism becomes dominated by external interests.”

Trata-se de uma fase em que os impactos do desenvolvimento turístico são evidentes, nomeadamente os negativos, pelo que o setor do turismo e o setor público começam a perceber a necessidade de encontrar estratégias para solucionar, resolver e evitar problemas.

Os turistas que procuram o destino, nesta fase de crescimento, são os que Plog (1977), designa como sendo mediocêntricos (indivíduos que se situam numa posição intermédia relativamente às tipologias de psicocêntricos e alocêntricos). Estes turistas procuram destinos de alguma forma já conhecidos e que estão a perder o interesse por parte dos alocêntricos. Nestes destinos, a indústria turística já está implementada e isso confere as condições necessárias para que os mediocêntricos se interessem e sintam

bem no destino. Para Cohen (1972,1982), estes turistas são designados por turistas de massas individuais e Smith e Krannich (1998) identifica-os como sendo os turistas de massas (turistas que apreciam a presença da indústria turística, que têm gosto por viajar e que procuram locais conhecidos e referenciados por amigos e familiares, de preferência não muito caros).

Na fase de **consolidação**, Butler (1980) refere que se regista uma desaceleração das taxas de crescimento. Segundo Haywood (1988), neste estágio de desenvolvimento, a taxa de crescimento do turismo já não é positiva. A capacidade da oferta, em algumas áreas (por exemplo no ambiente e em termos sociais), já terá sido excedida e o destino, estando estabelecido, deixou de estar na moda. As atrações naturais e culturais tradicionais foram provavelmente substituídas por outras artificiais e há uma grande incidência de visitantes e turistas de repetição. O destino encontra-se extremamente dependente do turismo e tende a ser associado ao turismo de massas, o que também contribui para a diminuição da procura (Butler, 1980, Butler e Butler, 2007, Cooper, 1994).

Neste momento, o visitante-tipo é o identificado por Cohen (1979) como “turista de massas organizado” que corresponde, ao que Plog (2001) designa por “psicocêntricos”, sendo aquele que procura destinos conhecidos, familiares, com infraestruturas bem conhecidas. Para estes turistas, o facto de o destino ser muito conhecido confere-lhes tranquilidade, uma vez que são pessoas ansiosas e com medos associados à prática turística.

Os problemas originados pelo turismo tornam-se não só evidentes mas crescentes, do ponto de vista económico, social, ambiental e cultural, o que conduz a um desinteresse também por parte dos investidores internacionais.

Os residentes locais passam a ter muito menos contacto com os turistas, mesmo os que têm os seus próprios negócios na área, uma vez que os turistas se concentram maioritariamente na principal zona turística e muitas vezes dentro dos *resorts*. No caso do concelho de Loulé, esta fase verifica-se a partir do final dos anos 80, início dos anos 90.

A fase de **estagnação** é aquela em que a capacidade de carga do destino foi atingida ou mesmo ultrapassada e os problemas associados ao desenvolvimento turístico, já identificados na fase anterior se acentuam. Como a procura decresce, os equipamentos turísticos ficam obsoletos e deterioram-se, há a tendência da indústria começar a concorrer pelo preço para atrair mais turistas e compensar as quebras verificadas. Nesta fase novos turistas não se sentem atraídos pelo destino (Sharpley, 1994) e, segundo Butler (1980) , tende a haver uma perda de identidade da região e a massificação dos serviços. A década de 90 e o início dos anos 2000 foram, para o caso do Algarve, caracterizados pela tendência para a estagnação.

A partir desta fase o destino pode enfrentar, segundo Butler (1980), três situações:

- Declínio – o destino vai progressivamente enfraquecendo e a sua competitividade diminui. Deixa de ser apelativo e é procurado quase exclusivamente para fins de semana ou viagens de curta duração, sendo escolhido fundamentalmente com base no preço.

Na fase de declínio, como o próprio nome indica, a área turística não é capaz de competir com novas atrações noutros destinos, que entretanto vão surgindo, e começa a declinar. A rotatividade da posse das propriedades é grande. Como Sharpley (1994) refere, os equipamentos turísticos são reconvertidos, podendo os hotéis ser utilizados, por exemplo, como condomínios ou como locais de convalescença. As atrações turísticas desaparecem à medida que as áreas se tornam menos atrativas, podendo estas perder completamente a sua vocação turística. Contudo, nesta fase, o envolvimento local tende a crescer, uma vez que os empresários locais conseguem aceder mais facilmente a determinado tipo de infraestruturas a preços bem mais reduzidos, e o destino tende a diversificar a oferta acrescentando-lhe algum valor.

- Continuar na fase de estagnação - Nesta situação o destino procura manter a posição que ocupa no mercado turístico, embora sem crescer. Procuram-se estratégias que façam os turistas habituais continuar a vir para o destino.
- Rejuvenescimento – esta solução é conseguida quando há possibilidade de uma estratégia concertada e um planeamento conjunto e realista entre as partes

envolvidas – setor público, setor privado e terceiro setor. Normalmente implica o reposicionamento do destino, a reformulações na oferta de acordo com a nova realidade e em função dos segmentos turísticos a atrair para o destino. É frequente a introdução de novos produtos turísticos e a renovação da imagem do destino.

Tal como ocorre com todos os modelos teóricos também o modelo de Butler está sujeito a críticas. As principais críticas que são apresentadas ao modelo de Butler dizem respeito:

- À sua dificuldade de aplicação como modelo de previsão;
- À sua aplicação restrita na medida em que analisa o destino como um único produto quando na realidade este compreende em si mesmo vários produtos;
- Ao facto de omitir a escala de destinos turísticos (local, regional, nacional);
- À não previsão da possibilidade de diversos ciclos de evolução.

Getz (1992), citado por (Sharpley, 1994), refere, a propósito da aplicação do modelo de Butler ao estudo do turismo nas Cataratas do Niagara, que os estádios de consolidação e de estagnação, declínio e rejuvenescimento não são separáveis e facilmente identificáveis, tratando-se de um processo perpétuo ou seja, os responsáveis pelo desenvolvimento dos destinos turísticos têm continuamente que responder a alterações na procura e a outros problemas que os destinos enfrentam e estes encontram-se num estado de maturidade. Getz afirma, por isso, que a maturidade, para muitos destinos, será uma condição permanente.

Outro modelo com bastante interesse para o estudo do desenvolvimento turístico dos lugares é o proposto por Lewis e Green (1988), baseado no seu estudo efetuado em comunidades rurais norte-americanas. O autor identifica quatro estádios de desenvolvimento do destino mas realça a importância da existência de estádios transitórios de intervenção:

1. Evolução – correspondente ao estágio inicial do desenvolvimento do destino, sem planeamento ou publicidade e em que o destino cresce naturalmente pela procura turística e se baseia nos serviços de origem local.

Transição n.º 1 – início da criação de infraestruturas turísticas, negócios e organizações do setor.

2. Formação – corresponde ao estágio em que as infraestruturas turísticas, negócios e organizações do setor já estão em funcionamento e começa-se a pensar no planeamento turístico.

Transição n.º 2 – Iniciam-se os eventos turísticos, constroem-se o oferecem-se atrações, começam a existir programas de marketing para o local.

3. Desenvolvimento – o terceiro estágio de desenvolvimento é marcado pelo estabelecimento de eventos e atrações especiais, aumenta a promoção dos negócios individuais, eventos e do próprio destino. Começam a surgir conflitos.

Transições n.º 3 – começam a existir taxas turísticas, aumenta a necessidade de coordenação entre os fornecedores turísticos e a forma como se oferece o destino.

4. Centralização – estágio final de desenvolvimento. Estabelecimento de convenções e comités de visitantes; implementação de taxas turísticas, coordenação do planeamento turístico, promoção e publicidade ao destino a nível local, regional e nacional.

Lewis e Green (1988) afirma que a habilidade dos residentes locais para aumentar o seu controle sobre o processo de desenvolvimento turístico, aliada ao seu desejo de controlar esse mesmo desenvolvimento, são as principais características deste modelo que permitem diferenciá-lo dos modelos de Butler (1980) e de Doxey (1975). No entanto, há que realçar que este controle por parte dos residentes, verificado no estudo de Lewis, se pode dever ao facto de dizer respeito a pequenas comunidades rurais e com um desenvolvimento turístico limitado onde a indústria turística não está presente de forma muito determinante.

O destino turístico Algarve possui vários níveis de desenvolvimento turístico nas suas diferentes zonas e o concelho de Loulé é exemplo disso pelo que se torna interessante verificar em que medida as perceções e atitudes dos residentes neste território correspondem aos previstos nos modelos de desenvolvimento turístico enunciados, nomeadamente os de Butler, de Doxey e de Lewis.

Na tabela 2.3 apresenta-se uma síntese dos principais contributos teóricos considerados importantes para esta investigação, no que respeita ao entendimento da

evolução de um lugar enquanto destino turístico, nas suas diversas fases, e da forma como turistas e residentes coabitam nos lugares destino.

Tabela 2.3 – Propostas de vários autores

Destino		Turistas					Residentes	
Gilbert (1989)	Butler (1980)	Cohen (1972)		Plog (1977)	Smith 1989	Cohen (1979) 1976?	Doxey (1975) ou1976	Ap&Crompton
Descoberta	Exploração	Não institucionalizados	Sem destino	Alocêntrico	Explorador	Existencial	Euforia	“Abraçam o turismo”
	Envolvimento		Explorador		Elite	Experimental		
					OffBeat	Experiencial	Apatia	
					Turistas invulgares			
Crescimento	Desenvolvimento	Institucionalizados	Turista de massas individual	Mid-Cêntrico	Massas principiantes	Diversão	Irritação	Toleram o turismo
Maturidade	Consolidação			Psicocêntrico	Massas	Recreação	Antagonismo	Ajustam o seu comportamento
	Estagnação							
Declínio	- Pós-estagnação - Rejuvenescimento - Declínio			Turista de massas organizado		Massas (charter)	----	----

Fonte: Elaboração Própria

Síntese conclusiva

Neste capítulo destacam-se algumas questões importantes para a definição e estudo do turismo, identificando aquelas que mais contribuem para o presente estudo. Apresentam-se de forma resumida os principais autores e teorias nas áreas do desenvolvimento dos destinos turísticos e da sustentabilidade, aspetos relevantes para os estudos em turismo e que permitem a análise em particular do objeto do presente estudo.

CAPÍTULO 3. OS RESIDENTES FACE AO DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Nota introdutória

Este capítulo diz respeito à revisão de literatura na área das perceções e das atitudes face ao turismo. Enfatizam-se os estudos que se reportam à perspetiva dos residentes dos destinos turísticos, em particular os que aplicam teorias e modelos que constituem o quadro teórico da pesquisa, pela sua adequabilidade aos objetivos propostos. Exploram-se questões de base sobre os conceitos e teorias nas áreas das perceções e das atitudes e prossegue-se desenvolvendo sequencialmente o contributo que estas dimensões psicológicas trazem para o entendimento do fenómeno turístico. Por fim, procede-se à caracterização dos principais aspetos relativos aos impactos do turismo percebidos pelos residentes nos destinos.

3.1. Interação entre residentes e turistas num destino turístico

Áreas bastante estudadas na área do turismo são as que dizem respeito à interação entre turistas e residentes ou à relação entre estes e a indústria turística no destino. Nestes estudos várias são as abordagens adotadas pelos autores. Nuns casos, enfatizam a perspetiva da indústria turística; noutros casos, a dos turistas e noutros ainda a dos residentes. Como já houve oportunidade de referir em momentos anteriores, o presente estudo insere-se neste último grupo que conta com o contributo de variados autores tais como (Andereck e Vogt, 2000; Jurowski et al., 1997, Lankford et al., 1994, Perdue et al., 1987), pelo que se passa a descrever alguns dos contributos teóricos considerados mais relevantes para esta investigação.

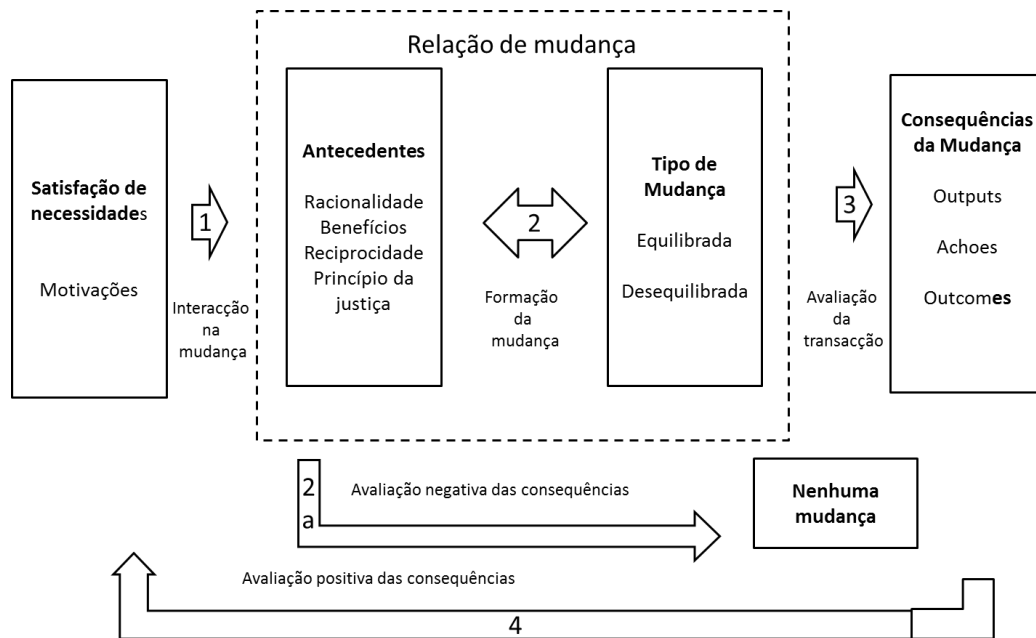
3.1.1. Social Exchange Theory

Os estudos sobre as percepções e atitudes dos residentes relativamente ao desenvolvimento do turismo nas suas áreas de residência recorrem frequentemente à teoria designada por Social Exchange Theory (SET), com o intuito de explicitar de que forma as relações entre os residentes e os turistas, no lugar turístico, se caracterizam por trocas entre as partes e conduzem a resultados que são levados em consideração pelos atores, determinando ações futuras.

A SET, que tem a sua origem no estudo das organizações, constituindo, neste contexto, como um contributo importante a nível teórico para explicar a mudança e/ou a estabilidade como resultado de um processo de negociação entre as partes, revela-se também de interesse no estudo do turismo, nomeadamente quando se contempla, como é o caso, a relação entre residentes e turistas.

A ideia base em que a teoria assenta é a de que as relações humanas são formadas a partir da avaliação subjetiva sobre o custo das trocas *versus* o benefício que originam, face às alternativas possíveis. (Ap, 1992) afirma que se trata de uma teoria sociológica geral, preocupada em perceber as trocas de recursos entre os indivíduos e os grupos, em situações de interação. A teoria tenta explicar os comportamentos individuais, como consequência da troca, na qual assumem relevância as recompensas e os custos (o que o indivíduo ganha e as consequências negativas da relação de troca). Os custos e benefícios percebidos são referidos como determinantes por autores como Thibaut e Kelley (1959) ou (Mcgehee e Andereck, 2004) como dissuasores ou encorajadores do comportamento individual face ao turismo. À semelhança da teoria behaviorista, a Social Exchange Theory baseia-se no princípio do condicionamento operante, ou seja, os indivíduos tendem a repetir, em situações futuras, comportamentos associados a situações passadas positivamente recompensadas.

Figura 3.1 – Modelo da Social Exchange Theory



Fonte: Adaptado de Ap (1992: 670)

A este propósito, a perspetiva económica afirma que as pessoas, sendo racionais, tendem a procurar formas de maximizar os seus ganhos nas situações em que interagem com os outros. Do ponto de vista da psicologia do comportamento, acentua-se o facto de os seres humanos privilegiarem comportamentos que produzem maiores recompensas e, de acordo com a antropologia cultural, o processo de troca deriva da tentativa individual de satisfação das necessidades.

Homans (1958), reconhecido como o responsável pela fundação e consolidação desta teoria, defende a existência de contingências de reforço que determinam o comportamento social. O autor aponta quatro aspetos fundamentais neste contexto: (1) as pessoas adotam comportamentos deliberados em função da recompensa esperada; (2) quanto mais semelhante uma situação for em relação a outra anteriormente vivenciada, mais provável é que o resultado das ações seja semelhante; (3) a incapacidade de obter as recompensas esperadas pode provocar sentimento de revolta e as recompensas não esperadas tendem a conduzir ao sentimento de felicidade; (4) a frequência com que uma

pessoa realiza uma determinada ação depende do valor do resultado e da probabilidade de o obter.

Nesta investigação, apesar de não se estudar o comportamento mas sim a percepção dos residentes, as ideias defendidas por Homans e pelos seus seguidores surgem como elementos importantes a ter em consideração visto que, por um lado, são as percepções dos residentes sobre o fenómeno turístico e/ou sobre os turistas que determinam o seu comportamento e, por outro lado, esse comportamento e situação vivenciada influencia as percepções e comportamentos futuros dos residentes.

No contexto da Social Exchange Theory, destacam-se ainda outros autores tais como: Blau (1964), que reconhece que das estruturas sociais emergem propriedades, não fundadas nos elementos individuais, e identifica como determinante a norma da reciprocidade, a forma mais elementar da interação humana; Mauss (1926), que desenfaz a procura da satisfação das necessidades psicológicas, por parte dos indivíduos, e se concentra na importância das normas do grupo de pertença como reguladoras das relações de troca e Lévi-Strauss (1958), que realça o ponto de vista da troca coletiva e o facto de os padrões de comportamento, subjacentes a cada sociedade, poderem determinar custos a nível individual.

Outro contributo neste domínio é dado por Emerson (1972) que se centra naquilo que as pessoas investem nas relações e no que beneficiam com as mesmas. O autor, apesar de se centrar nesta análise dicotómica, realça que há formas mais complexas nas relações e assume que tudo o que fazemos tem custos e benefícios associados (que se pretendem minimizar e maximizar, respetivamente), os quais variam desde os mais subtis aos mais explícitos.

No estudo do turismo, a literatura revela que vários autores recorrem à Social Exchange Theory, defendendo mesmo a sua aplicabilidade e utilidade como *framework* de referência para análise das atitudes dos residentes face ao turismo. (Ap, 1992) realça que as atitudes positivas e negativas dos residentes podem ser mais facilmente entendidas e explicadas pela Social Exchange Theory. Também (Gursoy et al., 2002) constata, num estudo realizado em pequenas comunidades rurais no Colorado, que o

turismo é influenciado pelo estado da economia local que, por sua vez, influencia as percepções dos residentes sobre os benefícios e os custos associados ao desenvolvimento turístico.

Seguindo a Social Exchange Theory pode-se perceber de que forma os valores dos residentes influenciam a percepção do turismo de um modo geral, e os seus benefícios em particular. Williams e Lawson (2001) realçam que as diferenças entre os grupos de residentes são mais significativas se se tiver em conta os interesses comunitários em vez de se considerarem as características sociodemográficas. Estes autores defendem que esta é a forma mais apropriada para compreender as percepções dos residentes sobre o turismo.

No entanto, Fredline e Faulkner (2000) alertam para algumas limitações da Social Exchange Theory, sendo a primeira delas o facto de a teoria assumir que a forma como os indivíduos percebem assenta em procedimentos sistemáticos, enquanto a investigação psicológica sugere que as percepções são reflexo da satisfação mental e emocional provocada pela troca ocorrida entre residentes e turistas. Outro problema que os autores referem é que o conhecimento individual é socialmente adquirido, o que significa que a experiência dos outros (amigos ou familiares) determina a sua percepção sobre o valor da troca social. O terceiro problema apontado é o facto de as percepções serem formadas num determinado contexto social e histórico, o que faz com que não sejam necessariamente coincidentes com as formadas noutra comunidade.

Estas limitações da Social Exchange Theory são, no presente estudo, tidas em consideração, o que conduz a que primeiro, se contemplem também conceptualmente as teorias psicológicas associadas às dimensões objetivas e subjetivas da qualidade de vida, como será desenvolvido no capítulo quatro; e, segundo, se analisem contextos socialmente diferentes, compreendidos na área em estudo (as várias freguesias e regiões naturais do concelho de Loulé).

Um estudo recente que utiliza a Social Exchange Theory refere um conjunto de variáveis associadas às atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico e à adoção de um turismo sustentável. Os autores (Choi e Murray, 2010) aplicaram um

questionário a residentes do Texas, após terem realizado uma abrangente revisão da literatura sobre o papel dos residentes no desenvolvimento turístico e sobre a utilização da Social Exchange Theory nestas áreas. Este estudo utiliza um modelo de equações estruturais para explicar o efeito das componentes da sustentabilidade na atitude dos residentes face à possibilidade de mais desenvolvimento turístico na sua área de residência. Os resultados revelam que existem, para os residentes, três componentes consideradas críticas para a aceitação e apoio ao desenvolvimento turístico e ainda relativamente aos impactos do turismo: o planeamento de longo prazo, a sustentabilidade ambiental e a participação integral da comunidade local no processo.

Alguns estudos têm permitido fundamentar a utilização da Social Exchange Theory no estudo do turismo enquanto outros não se revelaram conclusivos (Ap, 1992, Jurowski et al., 1997, Lindberg e Johnson, 1997a, 1997b, Mcgehee e Andereck, 2004). Para Andereck et al. (2005) estas diferenças podem dever-se à natureza das interações dos residentes com os turistas, uma vez que aqueles que tiveram encontros desagradáveis com os turistas podem perceber maiores custos do que aqueles que não os tiveram.

No presente estudo pretende-se verificar de que forma a Social Exchange Theory se aplica ao caso dos residentes do concelho de Loulé. Em particular importa verificar se os residentes com diferentes tipos de ligações ao turismo e diferentes benefícios e custos associados à atividade a percebem de forma diferenciada.

3.1.2. Teoria da Representação Social

A teoria da Representação Social defende que as representações sociais, resultantes da interação dos indivíduos, permitem, relativamente a um dado acontecimento, pessoa ou objeto, associar um conjunto de explicações, crenças e ideias, sendo essas associações comuns a um determinado grupo (Moscovici, 1981).

Moscovici rejeita a definição formal do conceito por acreditar que nas ciências do comportamento, a procura da exatidão tem tido um efeito pernicioso. No entanto, o autor realça que o objetivo da teoria das Representações Sociais se prende com a intenção de explicar os fenómenos em que o ser humano está envolvido, a partir de uma perspetiva coletiva, embora sem ignorar a individualidade do sujeito.

No contexto do estudo da Representação Social destaca-se, para o presente estudo, a perspetiva de Jodelet (1985), que a define como uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada por um conjunto social, possuindo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum. As representações são fenómenos sociais e, por esse motivo, têm que ser entendidas a partir do contexto da sua produção, ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas que as constroem.

Esta é uma teoria enquadrada no denominado interacionismo simbólico, que conta com o contributo de muitos outros autores, tais como Mead (1934) e Goffman (1959), e que assenta no estudo das simbologias sociais, ou seja, no estudo das trocas simbólicas que proliferam nos diversos ambientes sociais e nas relações interpessoais, e da sua influência na construção do conhecimento partilhado e da cultura.

A teoria da representação social tem como principal finalidade, tornar familiar algo que não o é, através da criação de classificações alternativas, nomeações de acontecimentos ou ideias até então desconhecidas e, deste modo, possibilita a compreensão e manipulação das novas realidades a partir de ideias, valores e teorias preexistentes, interiorizadas e amplamente aceites pela sociedade.

Esta forma de interiorização social de novas realidades está presente em qualquer destino turístico, assumindo, em cada um, particularidades merecedoras de atenção detalhada, o que se procura fazer neste estudo.

Para Moscovici (2007), as representações que fabricamos são resultado de um esforço constante de tornar real algo incomum ou não-familiar. A representação permite superar o problema, integrá-lo e, por ajustamentos sucessivos, enriquecê-lo e transformá-lo. Assim, segundo o autor, o que estava longe, parece atingível e o que era

abstrato torna-se concreto e quase normal. As imagens e ideias utilizadas para compreender o não-usual trazem de volta o já conhecido e familiar. Este processo conduz à transformação de valores e, consequentemente, condiciona o comportamento humano. Para Moscovici (2007), a dinâmica das relações é a dinâmica de familiarização e o que é percebido resulta da experiência anterior e dos paradigmas de referência.

No estudo do turismo e, concretamente, na relação entre os residentes e os turistas ou entre os primeiros e o fenómeno ou a indústria turística, a questão da representação social permite compreender mais facilmente a forma como os residentes percebem a nova realidade e as implicações desta na sua vida quotidiana, quer trabalhem e dependam diretamente do turismo, quer estejam apenas circunstancial e geograficamente ligados ao fenómeno.

Na verdade, os residentes adotam estratégias comportamentais que constituem, em si mesmas, formas de representação da nova realidade e, simultaneamente, respostas adaptativas à mesma. Estas representações, que se manifestam de forma individual ou através da sociedade civil organizada, são muitas vezes propostas e impostas pela indústria turística que geralmente possui maior poder do que os residentes, de impor condutas e procedimentos associados à relação turística. Como Sharpley (1994) refere, será natural que uma comunidade que sente que controla o desenvolvimento turístico seja mais favorável ao seu desenvolvimento do que uma comunidade que, pelo contrário, sinta que o turismo lhe é imposto e está dependente deste. Para este último grupo, o autor realça que, tal como Nash (1989b) refere, o turismo pode ser entendido como uma forma de imperialismo, ou como, no entender de Maitheson e Wall (1982), neocolonialismo. Do ponto de vista sociológico, esta relação turista/hospedeiro (o residente ou comunidade) pode ser baseada no conflito. No caso do presente estudo, uma vez que no concelho de Loulé é uma zona turística importante no destino turístico Algarve e que se verifica a presença de um número cada vez mais elevado de residentes estrangeiros e de turistas que permanecem no território durante um largo período de tempo, é relevante a análise da relação que se estabelece entre estes diferentes tipos de visitantes, turistas e residentes estrangeiros com os residentes locais que cumprem o papel de hospedeiros.

No entender de autores tais como (Fredline e Faulkner, 2000), a teoria da Representação Social vem de alguma forma colmatar as limitações da Social Exchange Theory, por constituir um sistema de ideias, imagens e valores com um significado próprio na cultura de origem e independentes da experiência individual. Para estes autores podem identificar-se três fontes de representação social: a experiência direta com os turistas e com o sistema turístico; a interação social com familiares, colegas ou indivíduos com quem ocasionalmente os residentes se confrontam e os *media*, que atuam na sociedade atual com um grande poder de persuasão.

A Teoria da Representação Social revela-se útil para esta investigação na medida em que contribui para um estudo das razões que podem levar os residentes a percecionar, de forma diferenciada, os impactos do turismo e as alterações na sua qualidade de vida.

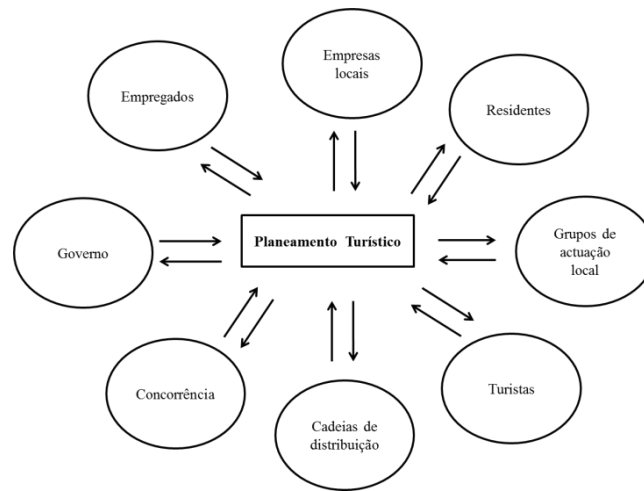
3.1.3. Teoria dos *Stakeholders*

A participação dos residentes no planeamento e nas decisões sobre o desenvolvimento turístico do lugar onde residem começa a ganhar dimensão em alguns destinos turísticos e tende a generalizar-se devido à importância reconhecida do seu papel como intervenientes ativos no território, quer em termos individuais, quer, mais frequentemente, através da designada sociedade civil organizada.

A literatura fornece-nos estudos relevantes sobre o papel dos *stakeholders* no desenvolvimento dos territórios e, particularmente, face ao desenvolvimento turístico (Hunt, 1991; Jamal e Getz, 1995; Keogh, 1990; Long et al., 1990).

Assim sendo, a teoria dos *stakeholders* (Freeman, 1984), fornece contributos importantes para o presente estudo, na medida em que considera, entre outros, o papel dos residentes (ver figura 3.2).

Figura 3.2 – Stakeholders theory



Fonte: Adaptado de (Sautter e Leisen, 1999) adaptado de Freeman (1984:55)

Segundo o esquema proposto por (Sautter e Leisen, 1999), os responsáveis pelo planeamento turístico deverão estabelecer relações simultâneas com diferentes *stakeholders*, sendo o contributo de todos eles e de cada um em particular igualmente importantes para o planeamento turístico. A relação dos responsáveis pelo desenvolvimento turístico com cada um destes intervenientes estabelece-se nos dois sentidos, o que deixa antever a cada vez mais valorizada situação de coprodução no destino turístico. Realça-se neste esquema a diversidade de *stakeholders* e a inclusão dos residentes, aspeto particularmente relevante neste estudo.

Para Stoner et al (1995:63), citado por Murphy e Murphy (2004), o termo “*stakeholder*” tem sido, na literatura de gestão, definido como “os grupos ou os indivíduos que, direta ou indiretamente, são afetados pelos objetivos de uma organização”. Os autores realçam que os *stakeholders* podem ter diferentes tipos de relações com o negócio, podendo identificar-se como: (i) *stakeholders* internos (por exemplo os proprietários ou os empregados); (ii) *stakeholders* externos (os consumidores, os fornecedores ou os grupos de interesse).

Segundo Murphy (1989), as decisões tomadas com um número limitado de participantes tendem a sobreviver apenas no curto prazo e, na área do turismo, esta

situação é tanto mais verdadeira quanto menos tem sido dada a devida importância à participação ativa dos diferentes *stakeholders* na tomada de decisão, sendo esta assumida normalmente pelo poder político e/ou pelos grandes investidores.

Murphy e Murphy (2004) destacam que muitos *stakeholders* têm que lutar para serem incluídos nos processos de decisão e que, mesmo depois de serem incluídos, podem não vir a conseguir participar efetivamente nas decisões que acabam, na maior parte dos casos, por ser tomadas por uma minoria, como atrás se referiu.

É certo que aqueles que vivem numa comunidade com significativa atividade turística podem eventualmente desempenhar múltiplos papéis em relação à indústria e os que vivem na região e trabalham diretamente nesta área ou que têm familiares que nela trabalham, se comparados com os que vivem no destino mas que não dependem do turismo, tendem a ter uma opinião diferente sobre a atividade. (Lankford e Howard, 1994, Milman e Pizam, 1988, Williams e Lawson, 2001).

Murphy (1983) refere ainda que se devem considerar também os indivíduos que propõe designar por *shareholders*, por apresentarem frequentemente opiniões diversas dos demais. O autor considera que os *shareholders* são os indivíduos que não trabalham diretamente na indústria nem estão indiretamente ligados à mesma, pelas suas atividades, mas que se relacionam com o fenómeno e são influenciados pelo turismo. Esta ideia é interessante porque revela o que acontece muitas vezes aos residentes de um destino turístico.

Na identificação dos grupos de indivíduos a considerar como *stakeholders* Murphy e Murphy (2004:189), encontram-se na literatura várias propostas de organização: (i) Wheeler (1994) organiza os interesses turísticos em três grupos - os fornecedores, os turistas e a população local; (ii) Wearing e Neil (1999), ao estudar o ecoturismo, dividem a comunidade de *stakeholders* em quatro grupos - a indústria turística, o governo a comunidade e as organizações não-governamentais; (iii) Cock (2000) propõem a divisão da comunidade de *stakeholders* em quatro grupos: ambientalistas; indústria turística, comunidade hospedeira e visitantes; (iv) Ritchie

(2002), por seu lado, considera existirem na comunidade quatro grupos de *stakeholders* - os residentes, a indústria, os visitantes e o governo local.

Em qualquer destas propostas, embora sob diferentes designações, os residentes são considerados como elementos importantes a ter em consideração no contexto do desenvolvimento turístico, em conjunto com os restantes *stakeholders* e representando papéis diferenciados destes.

Alguns autores sugerem que uma representação mais detalhada é necessária e que medidas concretas devem ser adotadas para a efetiva participação dos diferentes intervenientes nos processos de desenvolvimento. A este propósito Jamal e Getz (1995:187) argumentam sobre a importância do envolvimento da comunidade no processo, realçando o papel crítico do planeamento e afirmam que a colaboração para o planeamento turístico deve abranger associações da indústria turística e do setor público, convention bureau, autoridades turísticas regionais, organizações turísticas, agências sociais e interesses de grupos especiais.

Como (Gray, 1984) refere, os *stakeholders* são os que têm o direito e a capacidade de participar no processo de decisão e Blank (1989) faz notar que qualquer comunidade deve assegurar-se que os *stakeholders* considerados são capazes de representar os seus interesses. Neste contexto, é necessário não só uma atitude de reconhecimento da importância da participação dos diversos *stakeholders*, identificados como forças vivas dinamizadoras do lugar, como a sua efetiva participação e envolvimento ativo no processo de planeamento e implementação dos planos para o desenvolvimento turístico.

No presente trabalho, acredita-se que a participação dos residentes nestes processos, para além de ser conveniente que ocorra a título individual e voluntário é também importante que se manifeste através da sociedade civil organizada, por exemplo através de associações sociais, culturais, ambientais, associações de desenvolvimento local ou outras, às quais os indivíduos pertençam e em que estejam envolvidos. Na verdade, os estudos apontam para uma maior assertividade quando existem já consensos em grupos mais restritos, para que estas perspetivas sejam depois articuladas em

contexto mais alargado, como é o caso das reuniões com os diversos *stakeholders* num destino.

Neste estudo, embora se adote a perspetiva dos residentes do destino turístico, nomeadamente através do estudo de caso do concelho de Loulé, no Algarve, procura-se contextualizar e tipificar a sua participação, articulada com os restantes *stakeholders* do local considerado³⁸.

3.1.4. Teoria da Dependência

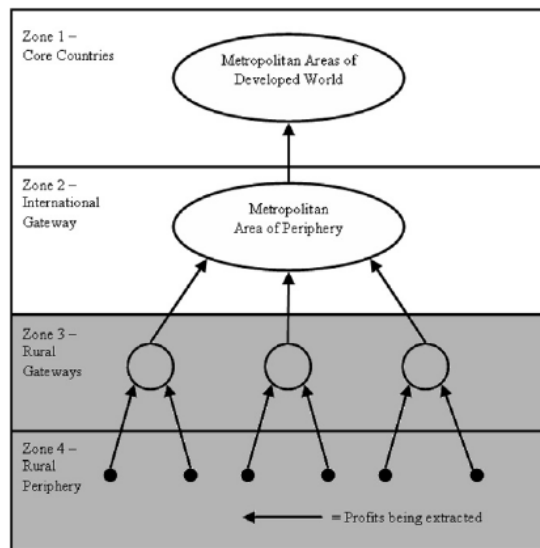
A literatura na área do turismo demonstra também uma preocupação crescente com a forma como o desenvolvimento turístico ocorre nos destinos, nomeadamente no que respeita à distribuição equitativa da riqueza e do poder gerado pela atividade.

Muitos estudos apontam no sentido de realçar que, na maior parte dos casos, existe o domínio de empresas, grupos estrangeiros e dos próprios países desenvolvidos sobre os destinos. Esta tendência acentua-se quando existem maiores diferenças de desenvolvimento entre os países emissores e recetores de turismo (Britton, 1982, Brohman, 1996, Khan, 1997). De facto, os estudos têm demonstrado que apenas uma pequena fração dos resultados do consumo turístico permanece no local, facto este que limita um desenvolvimento económico real do destino, ver por exemplo Mbaiwa (2011) ou Milne (1987).

A figura 3.3 representa, segundo (Lacher e Nepal, 2010), as relações entre os países e/ou regiões que possuem, nuns casos, a centralidade e poder em termos de desenvolvimento turístico e, noutros casos, considerados não centrais, um poder e capacidade de desenvolvimento limitado e condicionado por estas mesmas relações.

³⁸ Elabora-se, no capítulo 5, respeitante à caracterização do objeto de estudo, uma caracterização sumária das características do concelho de Loulé e dos *stakeholders* identificados como fundamentais, conducente à compreensão da participação dos residentes no desenvolvimento da atividade turística e à avaliação da qualidade de vida e dos impactos do turismo pelos mesmos.

Figura 3.3 – Escalas de dependência espacial



Fonte: Lacher e Nepal (2010: 951)

Neste contexto, surgem argumentos na literatura a favor do desenvolvimento de formas de turismo consideradas alternativas relativamente às tradicionais, como, por exemplo, o turismo de aventura, o cultural ou o ecoturismo, uma vez que nestes casos se enfatiza o desenvolvimento local e se promove o envolvimento das populações recetoras (Brohman, 1996; Kontogeorgopoulos, 1998; Lindberg et al., 1996; Scheyvens, 2002). A OMT concorda com esta perspetiva e afirma mesmo que as formas adequadas de turismo podem reduzir a pobreza, aumentar o desenvolvimento social e promover o desenvolvimento sustentável (UNWTO, 2004).

No entanto, tal como Lacher e Nepal (2010) fazem notar, outros autores argumentam que, apesar dos objetivos idealistas das formas alternativas de turismo, estas também sofrem com a dependência externa (Campbell, 1999; Walpole e Goodwin, 2000) e muitos investigadores defendem mesmo a importância das relações centro-periferia nos avanços ou restrições do impacto económico da indústria. Os autores que aplicam a perspetiva do ciclo de vida e modernização associada, realçam o benefício destas relações com investidores estrangeiros, pela sua experiência e pelo facto de trazerem mais dinheiro para a região (Brohman, 1996; Kontogeorgopoulos, 1998, Lindberg et al., 1996; Scheyvens, 2002; Sharpley, 2008; Telfer e Sharpley, 2008).

Contrariamente, os estudiosos que enfatizam a perspectiva da dependência defendem que o núcleo central de desenvolvimento turístico e os que o dominam, são capazes de usar o seu poder económico e geográfico para assegurar que a maioria dos gastos dos turistas vai para o núcleo desenvolvido e assim prevalece a desigualdade económica entre o núcleo e a periferia (Britton, 1982; Mbaiwa, 2005; Walpole e Goodwin, 2000; Weaver, 1998). A teoria da dependência tem sido tradicionalmente limitada à análise da relação desigual entre centro e periferia à escala internacional (Britton, 1982), não sendo aplicada em pesquisas em menor escala espacial, apesar de haver estudos a apontarem para a relevância da teoria da dependência nestes contextos (Walpole e Goodwin, 2000; Weaver, 1998), como é o caso do estudo de Lacher e Nepal (2010) que analisam a utilidade da teoria da dependência a uma escala regional, num estudo realizado no norte da Tailândia.

Britton (1982) examina a política económica no turismo internacional e chega a conclusões semelhantes às dos teóricos da teoria da dependência. O autor conclui que a capacidade empresarial, os recursos e o poder comercial dos países mais desenvolvidos permitem que estes desviem a maior parte do lucro obtido através do turismo nos países periféricos (os países subdesenvolvidos ou em vias de desenvolvimento) para as grandes potências.

A teoria da dependência relaciona-se, de alguma forma, com as já referidas ideias associadas ao turismo como forma de imperialismo ou neocolonialismo, referidas anteriormente, em que se enfatiza o poder assumido pela indústria turística e pelos países emissores de turistas, sobre o destino e os seus residentes.

No contexto do presente estudo, a teoria da dependência apresenta-se como uma base de reflexão comparativa visto que, nos estudos sobre os residentes, na área do turismo, a literatura faz frequentemente referência à importância da ligação e dependência dos residentes face ao turismo como determinante da sua perceção sobre este fenómeno. Vargas-Sánchez et al. (2009) destacam que, a maior dependência económica do turismo, em termos individuais ou como comunidade, conduz a uma atitude mais favorável face ao turismo (Harill, 2004, Pizam, 1978) e face a um maior desenvolvimento turístico Mcgehee e Andereck (2004), enquanto que a ausência de

dependência económica relativamente ao turismo está associada à falta de apoio ao seu desenvolvimento (Snaith e Haley, 1999). Vargas-Sánchez et al. (2009) lembram, contudo, que o estudo de Smith e Krannich (1998) constata precisamente o oposto, ou seja, que os residentes que se encontram dependentes do turismo estão menos dispostos a que este se desenvolva, pois possuem uma maior noção dos impactos negativos da atividade turística, se comparada com a dos residentes que menos contacto têm com o turismo e que dele não dependem.

Pretende-se, neste estudo, verificar de que forma a teoria da dependência se aplica ou não na área geográfica considerada na investigação e, concretamente, se influencia as perceções dos residentes sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida. Especificamente pretende-se verificar dois aspetos: o primeiro que se relaciona com o grau de dependência do concelho de Loulé, e das suas onze freguesias, relativamente à atividade turística, avaliando em particular o nível de desenvolvimento turístico das regiões naturais do concelho em que cada freguesia se situa e o grau de dependência, externa ou interna, desse desenvolvimento turístico, bem como a existência ou não de outras atividades económicas e profissionais em cada zona; o segundo, relacionado com o grau de dependência pessoal e da comunidade em relação ao turismo, pelo facto de trabalharem e dependerem economicamente deste, situação condicionante ou não da sua perceção face ao fenómeno.

3.2. Perceções e atitudes dos residentes face ao turismo

A magnitude que a atividade turística atinge à medida que se vai desenvolvendo e complexificando conduz à necessidade de se empreenderem estudos dedicados à temática da perceção dos impactos por si originada e relativos às atitudes dos residentes dos destinos face a este fenómeno marcante da atualidade. Com efeito, o desenvolvimento turístico, ao provocar consequências nos locais onde ocorre, conduz a que, tanto os estudiosos da matéria como os promotores e os responsáveis pelo desenvolvimento dos territórios, lhes dediquem crescente atenção. Sendo certo que essas consequências podem apresentar-se com carácter positivo ou negativo, a verdade é

que as consequências negativas são objeto de maior dedicação uma vez que requerem medidas de prevenção e/ou correção aplicadas a cada realidade.

Os estudos sobre os impactos do turismo nos destinos têm vindo a desenvolver-se na medida correspondente ao crescimento do próprio fenómeno turístico, em termos mundiais, e em cada região ou país em particular, incluindo-se o concelho de Loulé nesta mesma realidade. Deste facto resulta que a relevância atribuída aos diferentes impactos corresponde à forma de entendimento do turismo ao longo do tempo, a qual tem vindo a modificar-se, como se refere no capítulo 3.

O turismo apresenta-se como um agente determinante de mudança, num contexto em que, como Maitheson e Wall (1982) referem, as suas consequências se tornaram complexas e contraditórias e se manifestam das formas mais inusitadas.

No sentido de explorar os impactos percebidos do turismo, diversos estudos têm vindo a ser conduzidos (Ap e Crompton, 1998), tais como os de Allen et al. (1988), Belisle e Hoy (1980b), Doxey (1975); Murphy (1985).

As razões que levam a que este crescimento ocorra são várias e têm vindo a modificar-se ao longo dos anos. Neste contexto, Ap e Crompton (1998) referem-se nomeadamente aos trabalhos desenvolvidos por Pizam (1978), Maitheson e Wall (1982) e Keogh (1990). Ap e Crompton (1998) realçam, por exemplo, que, na antropologia, se destacam autores como (Farell, 1977) e Smith (1989), na economia, Archer (1973), Peters (1969) e Liu (1979), na geografia Butler (1974), Murphy (1981), Keogh (1990) e na sociologia Cohen (1979); Dekadt (1979), Turner e Ash (1975). Segundo os autores, nos anos 60, a tendência notória era para estudar o turismo com um otimismo associado à análise dos impactos económicos positivos do turismo.

A década de 70 revela-se mais crítica e pessimista face ao fenómeno, devido, fundamentalmente, aos contributos das áreas da antropologia, sociologia e geografia (Butler, 1980; Dekadt, 1979; Farell, 1977; Smith, 1989; Turner e Ash, 1975; Young, 1973). Segundo Vargas-Sánchez et al. (2011), é apenas a partir desta década que os residentes começam a merecer uma maior atenção na área de estudo do turismo. Ainda

a este propósito, Ap e Crompton (1998) referem que Cohen (1979) destaca a necessidade de uma análise contextual do contributo global do turismo para a comunidade, uma vez que se sobrevalorizou as suas consequências negativas.

Vargas-Sánchez et al. (2011) fazem ainda lembrar que os anos 80 e 90 se caracterizam pela adoção de uma perspetiva mais equilibrada relativamente ao turismo, que avalia em simultâneo os seus impactos positivos e negativos, o que corrobora a ideia defendida por (Jurowski et al., 1997) que defendem que, a partir desta fase, tende a constituir-se uma abordagem holística associada ao desenvolvimento turístico sustentável.

Na verdade, teorias e modelos explicativos da perceção dos residentes sobre os impactos do turismo surgem, fundamentalmente, a partir do início da década de 90 (Teye et al., 2002). Estes modelos incluem, entre outros, o modelo Irridex (Doxey, 1975), os modelos de atitude e comportamentais (Lindberg e Johnson, 1997b; Madrigal, 1993; Pearce et al., 1996); a teoria do ciclo de vida de Butler (1980), desenvolvida no capítulo seguinte, a teoria da representação social (Madrigal, 1993; Pearce et al., 1996), a Social Exchange Theory (Andereck et al., 2005; Ap, 1990, 1992; Jurowski et al., 1997; Madrigal, 1993; Pearce et al., 1996; Perdue et al., 1990; Teye et al., 2002) e a teoria da dependência.³⁹

Atualmente reconhece-se como essencial o conhecimento das reações dos residentes face ao desenvolvimento turístico (Williams e Lawson, 2001), facto este que resulta da experiência acumulada e dos estudos realizados até à data sobre o fenómeno, como atrás foi referido. A literatura e a indústria turística reconhecem hoje que, uma vez que as comunidades recetoras são afetadas (positiva ou negativamente), pelo desenvolvimento turístico, percebem o fenómeno de forma diferenciada e tendem a agir em conformidade com essa perceção. Deste facto resulta uma influência importante das atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico, favorecendo-o ou dificultando-o conforme se sintam beneficiados ou prejudicados com este desenvolvimento.

³⁹ Contributos estes enunciados nos capítulos anteriores.

O conhecimento das perceções dos residentes é extremamente relevante no contexto de um planeamento sustentável, em que não só se valoriza o desenvolvimento da atividade, como se pretende um equilíbrio em termos ambientais, sociais, económicos e culturais. Neste contexto, os agentes responsáveis pelo planeamento turístico e os empreendedores tendem a reconhecer estas consequências e a dar cada vez mais importância à melhoria da qualidade de vida das populações e a um destino turístico sustentado.

A importância desta temática está refletida em muitas publicações que versam o tema, como por exemplo as de Gunn (1994), McIntosh e Goeldner (1990), Mill e Morrison (1992), Murphy (1985). De facto, num número crescente de investigadores, de diversas áreas, dedicam as suas investigações ao estudo dos impactos do turismo e das atitudes dos residentes (Belisle e Hoy, 1980; Liu e Var, 1986; Perdue et al., 1987; Sheldon e Var, 1984). Estes autores contribuem para a identificação de variáveis de análise do fenómeno, definem aproximações metodológicas e apresentam formas diferentes de delinear o problema a investigar.

Contudo, apesar de a literatura na área das perceções e das atitudes ser já vasta, verifica-se a necessidade de desenvolver modelos mais seguros para a sua medição (Ap, 1990; Ap e Crompton, 1998; Belisle e Hoy, 1980; Liu e Var, 1986; Perdue et al., 1990; Sheldon e Var, 1984).

No sentido de documentar o esforço que tem vindo a ser desenvolvido por este número crescente de investigadores, caracteriza-se, nos subcapítulos seguintes, alguns dos modelos e teorias que se consideram mais determinantes, no contexto do presente estudo, para o conhecimento e análise das perceções dos residentes sobre os impactos do turismo.

3.2.1. Doxey Irridex Model

Uma teoria muito utilizada nos estudos do turismo, que adota uma perspetiva de análise diferente das referenciadas no capítulo relativo ao desenvolvimento dos destinos turísticos, é a apresentada por Doxey (1975) e denominada Irridex Model. Neste modelo o autor defende que, à medida que o destino turístico se vai desenvolvendo e complexificando, os residentes encaram o turismo e os turistas de forma diferente. O modelo Irridex, sintetizado na figura 3.1, pretende identificar e explicar os efeitos cumulativos do desenvolvimento do turismo sobre as relações sociais entre residentes e turistas e, por isso, revela-se extremamente importante para a análise a empreender nesse estudo, uma vez que, no concelho de Loulé, se encontram freguesias com estádios diferentes de desenvolvimento turístico, o que condiciona a perceção e atitudes dos residentes face ao fenómeno.

Doxey (1975) identifica quatro estádios de desenvolvimento do destino turístico, que correspondem quatro atitudes dos residentes face ao fenómeno:

O estágio inicial de exploração do destino corresponde a uma atitude de Euforia dos residentes. De acordo com o modelo, num primeiro momento, a população acolhe os turistas com entusiasmo e euforia sendo o turismo visto como fonte de prazer e desenvolvimento. Os visitantes são bem recebidos e, como são em número reduzido, o contacto que se estabelece entre turistas e residentes é equilibrado e frequente. Esta ideia é reforçada por Sharpley (1994) que refere que os residentes encaram o contacto turístico como uma forma de contacto diferenciado, entendendo-o como a possibilidade de ter acesso ao que o autor designa como “the outside world”.

Uma vez que os impactos negativos do turismo não são ainda evidentes, o desenvolvimento turístico é, para os residentes, uma oportunidade de crescimento, desenvolvimento e mudança. Daí o estado de euforia e a expectativa positiva a este associado. Para além deste aspeto, os residentes reconhecem no turismo uma nova e importante fonte de rendimento familiar.

Ocorre, nesta fase, o êxodo das populações residentes no meio rural, em direção às zonas de desenvolvimento turístico, que geralmente são as regiões do litoral ou os centros urbanos.⁴⁰ No capítulo 5, relativo à caracterização do objeto de estudo, faz-se referência a esta situação a propósito das diferentes zonas em estudo.

O estágio seguinte, designado por **Apatia**, refere-se ao que ocorre no destino à medida que o turismo e o investimento em infraestruturas crescem. Menos elementos da população local contactam diretamente com os turistas e a presença destes passa a ser entendida como garantida pelos primeiros, sendo o contacto entre as duas partes motivado por interesses particulares de ambos, o que o torna esse contacto menos pessoal, passando a ser marcado, por parte dos locais, pelo interesse no ganho material. Devido a este menor envolvimento, a atitude dos residentes tende a ser a de apatia face aos turistas e ao turismo, que já não é encarado como uma novidade.⁴¹

O terceiro estágio, designado por Doxey por estágio de **Irritação**, é aquele em que começam a notar-se mudanças na localidade, como, por exemplo, o congestionamento humano e de tráfego, os preços elevados, os problemas sociais mais frequentes. Como Sharpley (1994) refere, o maior número de turistas presentes no local significa que o dia-a-dia dos residentes é alterado. Os residentes começam a sentir-se marginalizados no seu próprio território pois tudo é preparado para dar resposta às expectativas e necessidades dos turistas. Os limites de tolerância da comunidade começam a ser atingidos, verifica-se descontentamento e irritação nos residentes⁴².

O estágio quatro caracteriza-se por ser aquele em que os custos associados ao desenvolvimento turístico excedem os benefícios que este proporciona. Por este motivo a percepção e atitude dos residentes modifica-se e estes mostram-se muitas vezes hostis em relação aos turistas. Doxey (1975) designa esta atitude dos residentes como **Antagonismo**. Os residentes estão demasiado dependentes do turismo e sentem que já não controlam a situação. Os turistas passam a ser vistos pelos residentes como os culpados pelas mudanças negativas operadas no destino.

⁴⁰ O que acontece no concelho de Loulé (ver capítulo 5).

⁴¹ No concelho de Loulé existem zona onde tal situação ocorre, como se pode verificar no capítulo 5.

⁴² Esta atitude de irritação face ao turismo é ilustrada no capítulo x, quando se descrevem algumas das freguesias do concelho de Loulé.

A situação de antagonismo também se manifesta em alguns locais do concelho em estudo, como se evidencia no capítulo da sua caracterização.

Tabela 3.1 – Modelo Irridex de Doxey (1975)

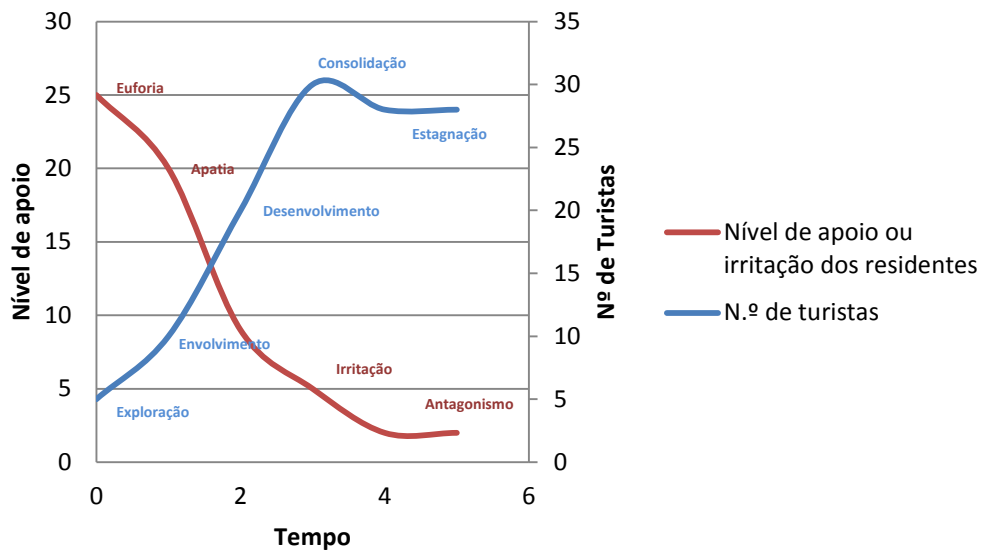
Fase			
Euforia	Apatia	Irritação	Antagonismo
Fase inicial do desenvolvimento turístico	Os visitantes são valorizados.	Aumenta a concorrência na indústria	Os visitantes são vistos como a causa de todos os problemas
Visitantes e investidores da atividade são bem-vindos	O turismo é visto como uma atividade de lucros.	Residentes sentem-se saturados com a chegada de turistas	Há uma oposição ao turismo e aos turistas, um clima de hostilidade
O turismo é visto como fonte de emprego e rendimento pelos residentes	O contacto entre visitantes e visitados é mais formal.	Passam a desconfiar e a duvidar dos benefícios da indústria turística	O número de turistas atingiu ou ultrapassou o limite desejável
Reduzido número de turistas	Existe o predomínio de interesses comerciais, por parte dos residentes, no contacto com turistas	O número de turistas aumenta drasticamente	
	O número de turistas aumenta	O nível de irritação dos residentes é grande	

Fonte: Elaboração própria a partir de Doxey (1975)

A teoria de Doxey (1975) defende que o desenvolvimento do turismo tem um efeito contrário à atitude dos residentes face ao mesmo, isto é, quanto mais o turismo se desenvolve, mais negativas tendem a ser as percepções e atitudes dos residentes.

A figura 3.4 permite comparar o modelo de Doxey com o modelo de Butler, destacando como se relaciona o número de turistas com a percepção e atitude dos residentes do destino, nas diferentes fases do desenvolvimento do lugar enquanto destino turístico.

Figura 3.4 – Ciclo de vida do destino versus Doxey Irridex



Fonte: adaptado de Butler (1980) e Doxey (1975)

A partir desta comparação entre as duas teorias é possível sugerir e/ou prever uma fase seguinte no desenvolvimento do destino, associada a atitudes também diferentes por parte dos residentes. Considera-se que, no momento que se segue ao declínio da atividade e procura turística num destino, os residentes modificam, mais uma vez, a sua atitude face ao fenómeno, passando a ser dominados por um sentimento de nostalgia. Na verdade, quando o turismo declina, existe por parte dos residentes a recordação dos momentos anteriores, em que esta atividade crescia e prosperava, associada aos benefícios trazidos pelo seu desenvolvimento e estes começam a desejar que tal situação volte a ocorrer.

Tal como outras teorias e modelos, também o modelo Irridex é alvo de críticas por parte de diversos autores. Trata-se de um modelo de natureza qualitativa, considerado generalista por estudiosos tais como Souza e Dall Agnol (2008), Barreto (2005), Brunt e Courtney (1999), mas que é referido também como de considerável valor teórico para o estudo do turismo. Barreto (2005) afirma que se trata de um dos poucos modelos que tem sido testados e comprovados em diversos contextos turísticos, sendo de grande utilidade para o planeamento dos destinos pela possibilidade de antecipar possíveis consequências associadas a cada uma das fases.

Como Murphy e Murphy (2004) referem, o modelo de Doxey demonstra que o autor acredita que a relação entre residentes e turistas é unidirecional e inevitavelmente apocalíptica, uma vez que, à medida que a exposição dos residentes ao turismo se intensifica, estes começam a adotar reações cada vez mais negativas.

De acordo com Brunt e Courtney (1999) e Carmichael (2000), a maior debilidade no modelo de Doxey é justamente o facto de os residentes não formarem, como o modelo sugere, um grupo homogéneo mas constituírem, sim, comunidades heterogéneas⁴³, o que implica a existência, em simultâneo, de diversas atitudes dos residentes num mesmo destino. Trata-se, por isso, para Murphy e Murphy (2004), de um modelo simplista que não revela toda a complexidade da realidade do destino. No entender destes autores, a situação descrita no modelo, ao invés de ser encarada como uma fatalidade, deverá ser vista como uma situação que exige intervenção com técnicas de gestão, tais como o planeamento físico e a gestão comportamental, de forma a reduzir os efeitos negativos do aumento do número de turistas.

Tendo em consideração esta crítica ao modelo, que realça a diversidade de atitudes e percepções por parte dos residentes, constituindo grupos diferenciados dentro de uma mesma comunidade, referem-se, mais à frente, alguns estudos que identificam precisamente a existência de tipologias de residentes diferenciadas uma vez que se reconhece que, num destino, a atitude e percepção dos residentes varia não só com o desenvolvimento turístico mas também com outros fatores, pelo que é necessário identificar essas diferenças.

O modelo de Doxey é ainda criticado por ser determinista e generalista. De facto, este modelo apresenta como algo inevitável e previsível, o destino da comunidade que se desenvolve turisticamente, quando, na verdade, pode haver várias possibilidades de desenvolvimento. O seu carácter generalista deixa implícito que todos os destinos estão predestinados a vivenciar sequencialmente as quatro fases descritas, o que também nem sempre é verdade.

⁴³ À semelhança do que ocorre com as comunidades estudadas nesta investigação.

Reconhece-se na literatura a frequente proposta de tipologias como meio de categorizar as relações e caracterizar os intervenientes na atividade turística. Nas tipologias mais frequentemente associadas aos turistas, diferentes autores procuram caracterizar os seus comportamentos, atitudes e expectativas, definindo perfis que permitam distinguir grupos de turistas. Também no estudo dos residentes a literatura tenta explicar a relação da comunidade com a indústria e com o turismo, como é o caso de Jurowski (2004), Singh (2011). Estes autores tipificam as relações entre os residentes e a indústria como podendo ser de quatro tipos: (i) aquela em que ambas as partes beneficiam (a mais desejável e favorável); (ii) a situação em que a comunidade beneficia mas o setor turístico não (situação pouco frequente); (iii) o caso em que a comunidade não beneficia mas a indústria turística sim (situação mais comum); (iv) a situação em que ambas as partes perdem (que pode ocorrer, nomeadamente, quando os destinos atingem o seu estado de declínio).

No presente estudo, o termo comunidade é utilizado no sentido atribuído por (Williams e Lawson, 2001) que a definem como um grupo de pessoas que partilham objetivos e opiniões. Entende-se esse grupo de pessoas, neste caso, como sendo constituído pelos residentes e analisa-se a sua relação com a indústria turística e com os turistas de forma a perceber as possíveis particularidades existentes no concelho de Loulé.

No sentido de distinguir vários tipos de residentes, no que respeita às suas diferentes perspetivas sobre o turismo, Davis et al. (1988) identificam cinco segmentos de residentes que incluem desde os que mais gostam e apoiam o turismo aos que mais se recusam a aceitá-lo ou não o apoiam, cujas percentagens se apresentam para cada categoria: (1) *Lovers* (20% da amostra), aqueles que não têm qualquer opinião negativa sobre o turismo; (2) *Love them for a reason* (26%), os que são pró-turismo mas de forma menos marcante que os *Lovers* (3) *Causticromantics* (21%), os que, apesar de terem uma atitude positiva face ao turismo, reconhecem alguns aspetos negativos; (4) *In-betweeners* (18%), os que têm opiniões moderadas, concordam com as afirmações num grau mais intermédio do que os *Lovers* ou os *Haters*; (5) *Haters* (16%), os que têm uma opinião extremamente negativa face ao turismo e aos turistas. Com o mesmo

objetivo, Ryan e Montgomery (1994) identificaram, a partir de um estudo realizado em Bakerell, Inglaterra, três *clusters* de residentes: (1) os entusiastas (22%), são os que suportam/apoiam o turismo mas sem ser excessivamente; (2) os de alguma forma irritados (23,5%), que têm uma opinião negativa sobre o impacto do turismo e especialmente sobre os seus benefícios; (3) os *Middle-of-the roaders* (54,3%), que geralmente se situam entre os outros dois, como a designação desde logo sugere.

A identificação de *clusters* de residentes é também apresentada por Williams e Lawson (2001), a partir de um estudo efetuado em cidades da Nova Zelândia onde foram aplicados questionários a 1062 residentes. Este estudo permite aos autores identificar quatro *clusters* de residentes que classificam da seguinte forma: (1) Lovers (44%), são os que aprovam e acreditam no turismo e nos seus benefícios distribuídos na comunidade; (2) Cínicos (10%), são os que aprovam o mínimo possível e acreditam que o turismo modificou, para pior, a comunidade; (3) Taxpayers (25%), são os que não sentem muito o que tem a ver com o turismo a não ser no que respeita aos impostos que pagam; (4) Inocentes (20%), são os que parecem não perceber os benefícios e os malefícios do turismo devido ao seu contacto pouco direto com o mesmo.

No contexto da presente investigação, entende-se como relevante a identificação do estágio de desenvolvimento turístico da zona de residência. Assim, pretende-se, como foi referido na introdução: (i) verificar se esse estágio de desenvolvimento turístico influencia as percepções dos residentes sobre o impacto do turismo; (ii) identificar se existe correspondência, para o caso do concelho de Loulé, entre o nível de desenvolvimento turístico e as diferentes fases propostas por Doxey (características das percepções e atitudes dos residentes dos destinos); (iii) perceber em que medida é possível identificar diferentes tipologias de residentes, nas freguesias do concelho, baseando esta tipificação na percepção dos impactos do turismo na sua qualidade de vida; (iv) perceber eventuais diferenças na percepção dos residentes, que resultem de fatores não associados ao nível de desenvolvimento turístico.

3.2.2. Tourism Impact Attitude Scale

No contexto dos estudos sobre os impactos do turismo, um dos tópicos de interesse tem sido o desenvolvimento de uma escala de medida (Chen, 2000). Neste sentido, realça-se o contributo de Pizam (1978), ao identificar os atributos dos impactos do turismo, que foram posteriormente reagrupados em vários domínios, por vários outros autores (Liu et al., 1987; Liu e Var, 1986). Neste domínio podem-se identificar diversos estudos que, entre outros, se destacam (Ap e Crompton, 1993; 1998; Faulkner e Tideswell, 1997; Ko e Stewart, 2002; Lankford e Howard, 1994; Perdue et al., 1990).

Com base na ideia de que, para o turismo prosperar num determinado local, é essencial o apoio dos residentes, (Ap e Crompton, 1993; 1998) desenvolvem uma escala de medida do impacto do turismo na qual propõem trinta e cinco itens, organizados em sete domínios: social e cultural, económico, congestionamento humano e de tráfego, ambiental, serviços, impostos e atitudes comunitárias e, além disso, avaliam os impactos do turismo, levando em consideração as crenças e os sentimentos expressos pelos inquiridos nas entrevistas realizadas. O estudo permite-lhes identificar quatro comportamentos que os residentes adotam, em resposta ao nível de desenvolvimento turístico. Estes comportamentos, segundo os autores, parecem resultar mais de reações ao número de turistas do que da existência de diferenças culturais entre residentes e turistas. No estágio que se pode associar ao que Doxey designa por euforia, os autores referem que os residentes “abraçam” o turismo, o que significa que acolhem de bom grado os turistas e se esforçam por estabelecer com estes relações fortes e duradouras, o que pode conduzir à fidelização dos últimos ao destino. À medida que o turismo se vai desenvolvendo e o número de turistas aumenta (o estágio de apatia de Doxey), os residentes apresentam, segundo (Ap e Crompton, 1993), em relação aos turistas, uma atitude de tolerância uma vez que, apesar dos problemas que o turismo começa a originar, há o sentimento generalizado de que a economia local beneficia com o turismo. Os residentes toleram ruturas no seu quotidiano devido ao turismo, por perceberem estas vantagens. Contudo, e ainda para os mesmos autores (Weaver e Lawton, 2001), os residentes ajustam os seus comportamentos quotidianos às novas situações, escolhendo alturas em que sabem que haverá menos turistas, por exemplo, nos serviços públicos, para resolverem as suas questões do dia-a-dia. Este comportamento assemelha-se ao descrito anteriormente como associado ao estágio de

irritação de Doxey. Quando o destino atinge o estado de consolidação e os turistas dominam a vida dos residentes, estes tornam-se antagónicos relativamente ao turismo. Nessa fase, os residentes, se tiverem essa possibilidade, vão para fora temporariamente ou durante toda a época alta. Em casos extremos os residentes podem mesmo mudar de local de residência.

Os estudos apontam para o facto de o nível de desenvolvimento turístico não só influenciar as atitudes e percepções dos residentes como também modificar os seus comportamentos face aos turistas. A literatura também defende que fatores como a dependência económica e profissional do turismo (direta ou através de familiares próximos) e a proximidade da zona de residência face à principal zona turística, são fatores determinantes das alterações verificadas nas percepções e atitudes dos residentes face ao turismo (Belisle e Hoy, 1980; Jurowski e Gursoy, 2004; Mansfeld e Ginosar, 1994; Weaver e Lawton, 2001).

Lankford e Howard (1994) constataam que existe uma diversidade de procedimentos e métodos de investigação associados aos esforços dos investigadores para medir a atitude dos residentes face ao turismo e advertem para o facto de o termo **atitude**, que possui um significado técnico na psicologia social, ser por vezes utilizado, no contexto do turismo, no seu sentido coloquial, correspondendo na maioria dos estudos, à opinião expressa pelos indivíduos (Williams e Lawson, 2001) Considera-se que ocorre algo semelhante no que respeita ao termo **percepção** que surge, na literatura na área do turismo, associada também à opinião expressa dos inquiridos e muitas vezes com significados muito próximos dos adotados para o termo **atitude**.

Com a intenção de propor uma escala de medição da atitude dos residentes face ao turismo, a **Tourism Impact Attitude Scale** (TIAS), (Lankford e Howard, 1994) identificam as variáveis que consideram poder influenciar a opinião destes sobre o turismo e que, no seu entender, vêm colmatar as lacunas do modelo de Doxey (1975). Apresentam-se, em seguida, listadas as variáveis consideradas por (Lankford e Howard, 1994), num estudo em que os autores testam a influência das seguintes variáveis independentes na atitude dos residentes face ao turismo: (1) tempo de residência ou permanência no local (length of residency); (2) dependência económica do turismo; (3)

distância da zona de residência relativamente ao centro da atividade turística; (4) envolvimento do residente no processo de tomada de decisão em turismo; (5) local de nascimento; (6) nível de conhecimento; (7) nível de contacto com o turismo; (8) características demográficas; (9) impactos percebidos nas atividades de recreação fora de casa; (10) taxa de crescimento populacional.

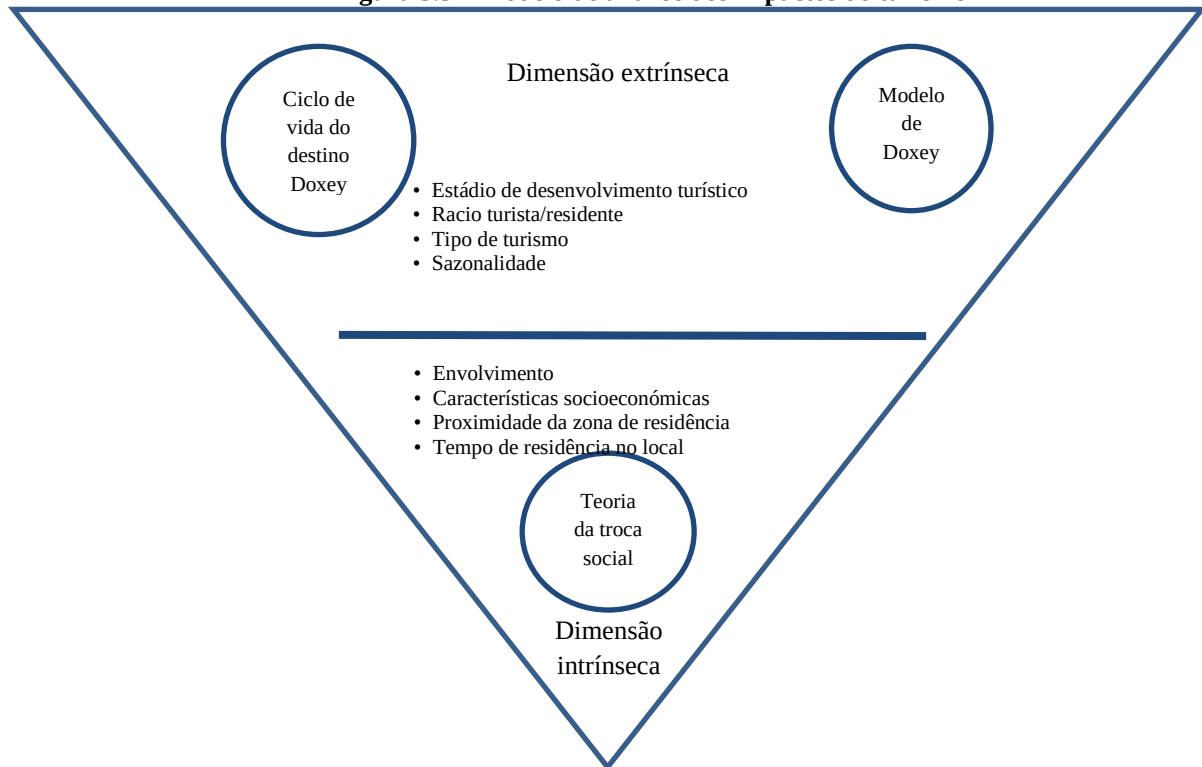
O estudo de (Lankford e Howard, 1994), aplicado em pequenas comunidades rurais, permite identificar dois fatores significativos associados à atitude dos residentes, que incorporam três das variáveis listadas: as atitudes motivacionais importantes para estas comunidades, a preocupação com o desenvolvimento turístico local e os benefícios pessoais e comunitários percebidos. Os autores verificam que se os residentes sentem que o turismo limita as suas possibilidades de utilizar as áreas recreativas fora de casa, o seu nível de apoio ao desenvolvimento turístico decresce drasticamente. Os resultados apontam ainda para o facto de serem os residentes que trabalham no turismo os que mais apoiam o desenvolvimento do turismo.

Andereck et al. (2005) fazem notar que Lankford e Howard (1994) sugerem que os residentes que manifestam perceções mais negativas face ao turismo são os que vivem no destino há muito tempo; no entanto, outros autores encontram uma relação neutra ou nenhuma relação entre estas variáveis (Davis et al., 1988; Gursoy et al., 2002; McCool e Moisey, 2009). Esta constatação leva Andereck et al. (2005) a supor que se pode tratar de um problema de operacionalização uma vez que nos estudos do turismo são geralmente utilizados como indicadores para medir a ligação à comunidade, o tempo de residência no local e/ou o facto de o residente ter nascido nesse local Sheldon e Var (1984). No entanto, por exemplo Gursoy et al. (2002) utilizam também como indicador o facto de o residente ter ou não pena de deixar o local onde vive.

Outro contributo importante para o entendimento dos fatores condicionantes da atitude dos residentes é o proposto por Faulkner e Tideswell (1997), apresentado na figura 3.5. Trata-se de um modelo multidimensional, organizado em duas grandes áreas: a dimensão extrínseca e a dimensão intrínseca. O modelo incorpora, na primeira dimensão, o rácio residente-turista sugerido no modelo de Doxey (1975), o estágio de desenvolvimento do destino, de acordo com o modelo de (Butler et al., 2002) , a

identificação do tipo de turista e a influência da sazonalidade da procura neste contexto. Na segunda dimensão, os autores propõem a inclusão de variáveis como o envolvimento pessoal com a indústria, o *status* socioeconómico, o tempo de residência no local e a proximidade de residência relativamente à principal área turística. Esta dimensão intrínseca diz respeito à forma como os residentes reagem aos fatores externos e como tentam integrar o turismo na sua vida quotidiana. Esta adaptação tende a ocorrer de acordo com o defendido pela Social Exchange Theory.

Figura 3.5 – Modelo de análise dos impactos do turismo



Fonte: Faulkner e Tideswell (1997: 6)

O estudo de Faulkner e Tideswell (1997), realizado junto de residentes na Gold Coast, (um destino de praia maduro), permitiu identificar que, por um lado, se verifica a apreciação dos benefícios do turismo e, por outro lado, se reconhecem os seus custos.

Para além deste, muitos estudos empíricos suportam a existência de um padrão complexo de relação entre as perceções dos residentes relativamente aos impactos do turismo no seu local de residência, bem como em relação à sua atitude face ao desenvolvimento da atividade.

Um outro estudo com contributos importantes para o conhecimento das atitudes e perceções dos residentes face aos impactos do turismo é o apresentado por Jurowski et al. (1997) aplicado a uma amostra de residentes na Virgínia, com o objetivo de determinar a interação entre os fatores que influenciam as suas perceções. Para o efeito, os autores utilizaram uma análise de caminhos para traçar a ligação entre a perceção dos residentes sobre os impactos económicos, sociais e ambientais do turismo e os seus valores pessoais. Identificam, assim, as possibilidades que se indicam: (i) ganho económico – o potencial benefício económico em termos pessoais e comunitários; (ii) uso dos recursos – a importância atribuída pelos residentes relativamente à utilização dos recursos locais como por exemplo os parques e as praias; (iii) envolvimento e identificação com a comunidade (*community attachment*) - os sentimentos dos residentes relativamente ao seu local de residência e zona envolvente; (iv) atitude ecocêntrica – a perspetiva ecológica dos residentes, em particular no que respeita à manutenção do ecossistema do território.

Murphy e Murphy (2004) referem que o estudo de Jurowski et al. (1997) ajuda a explicar algumas ambiguidades em relação ao ponto de vista dos residentes sobre o turismo uma vez que demonstra como os valores e as experiências enquadram as suas perceções sobre os impactos do turismo. Os autores concluem que, como variáveis positivamente determinantes da perceção dos residentes, se evidenciam o envolvimento e identificação comunitária e o potencial ganho económico, ao invés da utilização dos recursos ou da atitude ecológica que se revelaram negativamente relacionadas com a perceção dos residentes. No entanto, Murphy e Murphy (2004) fazem notar que a relação não se revela linear, pois podem identificar-se subgrupos de residentes com opiniões diferentes, tendo em conta a forma como estes percecionam os vários tipos de impactos.

Ap e Crompton (1993,1998) enfatizam o contributo da escala criada por Lankford e Howard (1994) e referem que os estudos realizados demonstram que uma grande afluência de turistas ao destino pode influenciar negativamente as percepções dos residentes e, por esse motivo, justifica-se a criação de um instrumento de medida capaz de monitorizar os impactos percebidos e, assim, contribuir para um desenvolvimento sustentável da atividade. Neste contexto, os autores desenvolvem um instrumento de medida das percepções dos impactos do turismo pelos residentes, partindo da constatação de que estes tendem a valorizar a chegada de turistas ao seu local de residência devido à expectativa criada em relação à potencial melhoria das condições de vida que a indústria turística sugere proporcionar. Os mesmos autores afirmam que, enquanto alguns elementos da comunidade percebem positivamente as consequências do turismo na sua qualidade de vida, outros percebem-nas negativamente, por terem sido afetados diretamente pelas mesmas.

A escala desenvolvida por Ap e Crompton (1998), constituída por 35 itens de medida e designada **Index for Tourism Impacts (ITI)**, é aplicada em três comunidades do Texas para medir as componentes físicas, ecológicas, sociais e culturais e o grau de aceitação do desenvolvimento do turismo por parte dos residentes. O ITI contempla duas componentes: a primeira é o facto de aos residentes ser pedido que classifiquem a sua opinião, para 35 itens apresentados, sobre a mudança que entendem ter ocorrido devido ao turismo, a segunda prende-se com o facto de terem sido questionados sobre o grau de agrado ou desagrado relativamente a cada uma das alterações detetadas para cada item.

Ko e Stewart (2002), partindo do modelo de Perdue et al. (1990), sugerem também um modelo de equações estruturais em que relacionam as percepções e atitudes dos residentes face ao turismo. O modelo de Perdue et al. (1990) avalia a relação entre a percepção dos impactos do turismo, por parte dos residentes, e o seu nível de apoio ao desenvolvimento turístico e relativamente às políticas do turismo. Os autores concluem que os residentes que beneficiam direta e pessoalmente do turismo estão mais facilmente dispostos a apoiar o seu desenvolvimento. Neste modelo, Perdue et al. (1990) colocam como hipóteses que, se os benefícios pessoais não fossem colocados no modelo, então os impactos percebidos não estariam relacionados com as características

peçoais dos residentes e demonstra que o nível de apoio ao desenvolvimento turístico está relacionado com a perceção dos impactos positivos ou negativos do mesmo.

No modelo proposto por Ko e Stewart (2002), são utilizados cinco constructos latentes sobre o desenvolvimento do turismo e a satisfação da comunidade, identificando-se as relações entre estes constructos, sob a forma de relação hipotética (positiva ou negativa), entre os cinco constructos latentes: benefícios pessoais de desenvolvimento do turismo, impactos positivos do turismo percebidos, impactos negativos do turismo percebidos, satisfação da comunidade em geral e atitudes para o desenvolvimento turístico adicional.

O estudo de Ko e Stewart (2002) permite constatar que a satisfação por parte dos residentes na comunidade se encontra fortemente relacionada com a perceção positiva dos impactos do turismo. Os impactos positivos e negativos percebidos pelos residentes encontram-se diretamente relacionados com a atitude face a desenvolvimento adicional da atividade turística. O estudo verificou, tal como ocorre como os de Liu e Var (1986), Milman e Pizam (1988) e Perdue et al. (1990), que o apoio ao desenvolvimento adicional do turismo se encontra negativamente associado com um futuro positivo para a comunidade. O desenvolvimento do turismo é visto não como um objetivo, mas como uma ferramenta ou um meio de desenvolvimento da comunidade.

Neste trabalho, pretende-se estudar a perceção dos residentes sobre o impacto do turismo e a influência do turismo na perceção dos residentes sobre a sua qualidade de vida e não se procura avaliar de que forma os residentes estão dispostos a aceitar ou apoiar um maior desenvolvimento do turismo na sua zona de residência. Neste sentido, não são tidas em consideração as questões que avaliam o nível de apoio ao desenvolvimento turístico ou os apoios relativamente às políticas do turismo, mas apenas as propostas dos autores no que respeita à avaliação da perceção dos impactos positivos e negativos do turismo para a satisfação dos residentes.

Na revisão da literatura verifica-se que, como principais fatores de influência do desenvolvimento do turismo no destino, são referidos os relacionados com a tipologia e o número de turistas, com a importância e a presença da indústria turística no destino e

com o ritmo de crescimento do turismo. Na generalidade, os estudos revelam que os residentes percebem o efeito económico positivo do turismo mas estão também conscientes de impactos negativos potenciais tais como congestionamento do tráfego, crime, segurança pública e poluição.

A literatura examina as diferenças entre os impactos percebidos por parte de diferentes tipos de residentes locais e utiliza, entre outros, fatores sociodemográficos (Belisle e Hoy, 1980; Liu e Var, 1986; Liu e Var, 1986; Milman e Pizam, 1988; Pizam, 1978); distância do local de residência relativamente à principal área turística (Belisle e Hoy, 1980; Liu e ;Var, 1986); dependência económica do turismo, medida através do emprego (Milman e Pizam, 1988; Pizam, 1978); nível de empreendedorismo local, público e por parte dos residentes (Lankford et al., 1994).

Em termos gerais, os estudos detetam pouca consistência nas diferenças entre as percepções dos residentes com base nos critérios sociodemográficos e revelam que os impactos percebidos do turismo tendem a decrescer à medida que a distância entre a zona de residência e a principal zona turística é maior e, de uma forma geral, a percepção favorável relativamente aos impactos do turismo aumenta com a dependência económica deste.

Internacionalmente há consenso sobre o tipo de impactos que precisam de ser considerados neste tipo de análise. Trata-se de fatores sociais, económicos, culturais, psicológico-sociais e, eventualmente, políticos. Recentemente, a tendência é para que se simplifique a abordagem e que sejam considerados os impactos percebidos no domínio económico, social, cultural e ambiental.

No presente estudo adota-se esta organização em quatro domínios, pelo que se passa em seguida a caracterizar cada tipo de impacto, identificando os fatores que, na literatura, são utilizados mais frequentemente para a análise.

3.2.3. Percepção dos impactos económicos

Os impactos económicos do turismo são, como já houve oportunidade de referir anteriormente, os que em primeiro lugar chamaram a atenção dos investigadores em diversas áreas das ciências sociais.

Os estudos demonstram que os residentes identificam impactos económicos positivos e negativos gerados pelo turismo, quer em termos individuais quer para a sua zona de residência.

Na literatura existe consenso quanto ao facto de o desenvolvimento turístico gerar mais emprego e esse fator ser percebido pelos residentes como uma clara evidência positiva (Belisle e Hoy, 1980; Davis et al., 1988; Keogh, 1990; Liu e Var, 1986; Pizam, 1978; Tosun, 2002; Weaver e Lawton, 2001). De uma forma geral, ao turismo são atribuídos benefícios económicos para os negócios locais e para o nível de vida, existe a percepção positiva do valor do rendimento que advém do turismo e é reconhecido o seu papel importante na ajuda à comunidade a (Ahmed e Krohn, 1992; Backman e Backman, 1997; Milman e Pizam, 1988).

Autores como Allen et al. (1988) e Ritchie (1988) afirmam que os residentes sentem que o turismo incrementa a economia e melhora o estilo de vida. Também é referido por vários autores que o turismo tende a aumentar o investimento (Liu et al., 1987) e a desenvolver as atividades económicas e profissionais (Backman e Backman, 1997; Belisle e Hoy, 1984; Prentice, 1993; Tosun, 2002; Um e Crompton, 1990).

Para Faulkner e Tideswell (1997), o desenvolvimento turístico contribui para o crescimento económico e aumenta as oportunidades de emprego numa região e Liu e Var (1986) referem que os residentes do Havai concordam que o desenvolvimento turístico conduz a benefícios económicos, a oportunidades de trabalho e ao aumento do investimento. Easterling (2004:51) também destaca que o turismo: (i) aumenta as oportunidades de emprego (aspeto suportado por outros estudos anteriores de autores como Ap e Crompton (1998); Belisle e Hoy (1980); Carmichael (2000); Weaver e

Lawton (2001); (ii) incrementa o nível de vida da comunidade recetora p. ex. Akis et al. (1996); Belisle e Hoy (1980); Liu e Var (1986); Long et al. (1990), Pizam (1978); (iii) cria e melhora as infraestruturas e aumenta também o investimento (Akis et al., 1996; Ap e Crompton, 1998; Sharpley, 1994); (iv) aumenta o crescimento económico (Ahmed, 1986; Brayley e Var, 1989; Perdue et al., 1990; Sheldon e Var, 1984).

Contudo, os resultados dos estudos revelam também que os residentes percebem de forma diferenciada as taxas de retorno da atividade turística. Uns consideram que os proveitos do turismo os podem beneficiar (Tosun, 2002; Tyrrell e Spaulding, 1984), outros reconhecem que podem resultar em maiores impostos (Allen et al., 1993; Perdue et al., 1987).

O estudo de Belisle e Hoy (1980) revela que grande parte dos residentes considera que o desenvolvimento turístico está associado a impostos acrescidos para os residentes locais e Prentice (1993) refere que aos residentes desagrada esse aumento dos impostos quando não beneficiam diretamente com o turismo. Alguns estudos referem ainda que o turismo contribui para o ressentimento, por parte dos residentes, no que respeita ao emprego de não locais na sua zona de residência e trabalho e que estes estabelecem uma relação entre o turismo e o aumento do preço dos terrenos, das casas, dos bens e dos serviços (p. ex. Var e Kim, 1989). A este propósito, Pizam (1978) já tinha realçado que os residentes reconhecem o aumento do custo das casas e dos terrenos como um efeito negativo do turismo e Lundberg (1990) confirma que estes reconhecem que o preço dos terrenos aumenta rapidamente com o desenvolvimento turístico.

Relativamente ao custo de vida, vários estudos revelam que os residentes percebem o aumento do preço dos bens e serviços como um impacto negativo do turismo (Belisle e Hoy, 1980; Keogh, 1990; Pizam, 1978; Tosun, 2002; Weaver e Lawton, 2001). No entanto, alguns estudos, como o de Sheldon e Var (1984), identificam este reconhecimento de forma moderada e Husband (1989) encontra poucos residentes que estabeleçam esta associação.

Easterling (2004) sintetiza como os principais impactos negativos do turismo, percebidos pelos residentes os que se prendem com: (i) o aumento do custo de vida para

as populações locais (Carmichael, 2000; Faulkner e Tideswell, 1997; Laws, 1995; Liu e Var, 1986; Prentice, 1993); (ii) o aumento dos preços de forma generalizada, por exemplo nos serviços e produtos, no preço dos terrenos e das casas (Ahmed, 1986; Akis et al., 1996; Husband, 1989; Lawson et al., 1998; Liu et al., 1987; Long et al., 1990; Perdue et al., 1987; Pizam, 1978; Ross, 1992); (iii) os benefícios não distribuídos de igual forma pelos residentes (Belisle e Hoy, 1980; Getz, 1994; Lindberg et al., 2001; Prentice, 1993); (iv) o emprego sazonal, normalmente mal pago e com horas de trabalho em demasia (Sharpley, 1994; Tosun, 2002); (v) o aumento da instabilidade económica, uma vez que os residentes acreditam que o turismo é responsável por flutuações no rendimento e nos preços Gee et al. (1989).

A diversidade de resultados sugere que, apesar de os residentes associarem normalmente aspetos económicos positivos ao desenvolvimento turístico, existem também perceções diferenciadas entre grupos de residentes de destinos diferentes ou até mesmo num único destino. Esta constatação enfatiza a necessidade de estudos que permitam perceber os principais fatores económicos que determinam a perceção dos residentes e as particularidades que possam existir nos destinos turísticos, como se pretende fazer no presente estudo.

3.2.4. Perceção dos impactos sociais

Os impactos sociais do turismo revelam-se de forma menos imediata e mais subtilmente que os impactos económicos anteriormente descritos, estando contudo intimamente a eles associados. Estes impactos correspondem a alterações, por exemplo, ao nível do comportamento moral, da estrutura familiar, dos papéis sociais ou dos hábitos religiosos.

Alguns dos impactos mais evidentes e frequentemente apontados como resultantes do desenvolvimento turístico nos destinos são os que invocam a melhoria da qualidade de vida dos residentes e a mudança nos papéis sociais desempenhados e na estrutura social da comunidade. Burns (1996), com base num estudo desenvolvido junto de 112

residentes entrevistados, refere que os impactos mais valorizados pelos residentes são os socioculturais.

Como fatores positivos impulsionados pelo turismo a literatura refere com frequência as melhores infraestruturas básicas e de apoio às atividades, direta e indiretamente associadas ao turismo, a maior e melhor oferta de serviços e comércio e a maior e mais diversificada oferta recreativa fora de casa (Lankford et al., 1994; Liu e Var, 1986).

O efeito positivo do turismo na melhoria dos serviços locais está também representado na literatura. Sethna e Richmond (1978) referem que os residentes das ilhas da Virgínia consideram que a receita que advém do turismo permite melhorar os serviços públicos e Pizam (1978) reconhece que, em Cape Cod, os residentes percecionam os efeitos positivos do turismo nos serviços locais.

Allen et al. (1993) fazem notar que os residentes reconhecem que o desenvolvimento turístico aumenta a sensibilidade dos responsáveis para alterar e melhorar os serviços públicos. No entanto, conclui que a satisfação dos residentes com estes serviços e a disponibilidade dos mesmos é mais uma função da dimensão da população do que do impacto turístico.

Os efeitos positivos do turismo, na esfera do social, na perspetiva dos residentes, podem ser sintetizados, segundo Easterling (2004), como estando associados a fatores como a revitalização das práticas tradicionais (Besculides et al., 2002; Dekadt, 1979); o aumento da procura de artesanato e outras oferta locais e tradicionais (Ap e Crompton, 1998; Liu e Var, 1986); o aumento do orgulho de pertença à comunidade e reforço da coesão social (Ap e Crompton, 1998); o aumento da qualidade de vida dos locais, em termos globais (Burns, 1996; Milman e Pizam, 1988; Perdue et al., 1990; Pizam, 1978).

É frequente, na literatura na área do turismo, o estudo das consequências diretas da interação entre os turistas e os residentes. Neste contexto, é normalmente referido o efeito de demonstração que diz respeito às alterações no comportamento dos residentes, como consequência do contacto com os turistas.

Para Fisher (2004) é necessário que este efeito seja isolado de outros fenómenos causadores de alterações do comportamento. O autor defende que o efeito pode ocorrer de quatro formas: imitação exata, imitação deliberada inexata, imitação accidental inexata e aprendizagem social. Cada uma destas formas decorre do processo que se inicia quando o potencial imitador (o residente) entra em contacto com o demonstrador (o turista). Fisher (2004) defende que, ao perceber como as decisões são tomadas, se pode distinguir entre as que resultam deste contacto e as que têm outra origem.

De uma forma geral, a literatura aponta, como resultado do desenvolvimento turístico, o aumento dos problemas sociais e dos comportamentos antissociais, a demasiada concentração de pessoas nos espaços públicos, as alterações associadas à prática religiosa, o aumento e congestionamento do trânsito, dos níveis de criminalidade e de prostituição, o aumento do consumo de álcool e de drogas. Exemplo disto são os estudos de Kim e Crompton (1990), que verificam que os residentes percebem o turismo como um fator que origina o incremento do alcoolismo e do crime e o estudo de Smith (1992b), que vem suportar o ponto de vista de que o desenvolvimento turístico tende a desenvolver a prostituição, o abuso de drogas, as doenças sexualmente transmissíveis e aumenta a corrupção policial.

No entanto, também existem estudos, como o de Liu e Var (1986), no Hawaii, em que os resultados apontam para uma associação ao turismo, por parte dos residentes, em apenas 37% dos casos de crimes e o de Allen et al. (1993) que revela, de uma forma geral, fraca perceção por parte dos residentes da relação entre crime e turismo. Murphy e Tan (2003) também conclui que há diferenças na forma como, entre os residentes com diferentes papéis sociais e profissões, os impactos sociais do turismo são percecionados. Outros autores realçam que o turismo é por vezes apontado como originado alterações na sociedade tradicional e deterioração da cultura tradicional e dos costumes dos países recetores (Ahmed e Krohn, 1992; Backman e Backman, 1997)

No que respeita ao congestionamento, Rothman (1978) conclui que este facto e os grandes aglomerados populacionais levam a que os residentes evitem, sempre que lhes é possível, realizar as suas atividades quotidianas durante os picos de procura turística. É neste sentido que o estudo de Liu e Var (1986a) aponta, ao referir que os residentes

reconhecem que o congestionamento das vias rodoviárias, dos estacionamento e nas lojas se deve ao turismo. Muitos outros estudos também demonstram que os residentes referem o trânsito como o maior problema originado pelas atividades turísticas (Keogh, 1990; Long et al., 1990; Prentice, 1993).

Contudo, Davis et al. (1988) alertam para o facto de as percepções dos residentes sobre o congestionamento do trânsito serem menos graves do que as que se podiam prever. O estudo destes autores, realizado junto de residentes na Florida, revela que estes não acreditam que os problemas do trânsito desaparecessem se não houvesse turismo.

Um conceito intimamente associado ao fenómeno do congestionamento é o da capacidade de carga⁴⁴, definida na literatura como o momento em que o nível de tolerância por parte dos residentes e do território é excedido (Belisle e Hoy, 1980).

Os impactos sociais negativos do desenvolvimento turístico, percecionados pelos residentes, podem, no entender de Easterling (2004) ser sintetizados como estando relacionados com o aumento da prostituição (Belisle e Hoy, 1980; Liu et al., 1987; Liu e Var, 1986); destruição das relações comunitárias habituais, acentuando a divisão de classes e aumentando o conflito social (Allen et al., 1988; Brayley et al., 1990; Krippendorf, 1987), aumento progressivo do comportamento hostil dos residentes para com o turismo e aumento do conflito (Dogan, 1989; Doxey, 1975; Husband, 1989); aumento do stress dos residentes e maiores exigências de horários de trabalho para os trabalhadores (Brayley et al., 1990).

Verifica-se que a percepção dos residentes sobre os impactos sociais do turismo, apesar de, na globalidade, revelar o reconhecimento de benefícios desta atividade, enfatiza os impactos negativos pelo facto de, por um lado, reconhecerem alterações importantes na vivência social associada a práticas tradicionais e culturais, por outro, interferirem com a vida quotidiana e, em alguns casos, com questões associadas à segurança e à saúde da comunidade.

⁴⁴ Capacidade de carga – conceito já apresentado no capítulo 2.

Pretende-se, nesta investigação, verificar se, efetivamente, para o caso do concelho de Loulé, se verifica esta dupla perceção e medir a sua importância relativa.

3.2.5. Perceção dos impactos culturais

O turismo é, muitas vezes, e cada vez mais, apontado como causador de alterações em termos culturais, nas comunidades recetoras. Normalmente, as alterações culturais manifestam-se de forma mais lenta e progressiva do que quaisquer outras, sem que, contudo, isso seja sinónimo de alterações menos importantes ou marcantes.

A propósito dos impactos culturais do turismo nos destinos, é frequente a literatura fazer referência à **aculturação**, à **dependência cultural**⁴⁵ relativamente aos países ou regiões emissores de turistas e ao efeito mimético⁴⁶ que o turismo tende a originar.

O conceito de **aculturação** diz respeito ao processo social e às consequências sociais, culturais e psicológicas que ocorrem na sequência do contacto de indivíduos de culturas diferentes (Nash, 1989a). Associado a este conceito encontra-se o conceito de difusão, que se refere à aquisição, pelos indivíduos, de uma cultura ou de traços de outra cultura, o que permite distinguir do fenómeno da evolução e mudança cultural no interior de uma determinada sociedade. O conceito deve ser efetivamente distinguido dos conceitos de **assimilação** e de **enculturação** ou **socialização** que estão associados aos processos naturais de crescimento de um indivíduo na sua cultura de origem.

Na investigação em turismo, este conceito é extremamente importante, uma vez que, em cada e em todos os momentos, o residente se confronta com grupos diferenciados de turistas, com culturas de origens diferentes entre si e diferentes da sua. É esta situação que ocorre no destino turístico Algarve e no concelho de Loulé, embora

⁴⁵ Ver teoria da dependência apresentada no subcapítulo 3.1.4.

⁴⁶ O efeito mimético diz respeito ao ato de reprodução, por parte de quem imita, de comportamentos ou atitudes características de outros. O efeito mimético encontra-se estreitamente relacionado com o conceito de aculturação, acima descrito brevemente, e com o fenómeno da representação social enunciado no capítulo 3.1.2.

com intensidades diferentes nas várias freguesias em estudo, como se verificará mais à frente neste trabalho.

Relativamente ao tipo de impactos culturais positivos provocados pelo turismo, Easterling (2004) identifica o aumento do conhecimento de outras culturas (Ap, 1992; Brayley et al., 1990; Liu et al., 1987; Liu e Var, 1986; Maitheson e Wall, 1982; Milman e Pizam, 1988; Pizam, 1978; Sheldon e Var, 1984); o aumento da preocupação com a preservação da identidade local e reforço da mesma (Liu e Var, 1986); a promoção das trocas e mudanças culturais pela oportunidade de contactos com pessoas de outras sociedades (Belisle e Hoy, 1980; Liu et al., 1987, Liu e Var, 1986; Sheldon e Var, 1984).

Segundo (Var et al., 1989), apesar do turismo incentivar e promover a recuperação das artes e do artesanato tradicional, a verdade é que é frequentemente criticado pela perturbação que causa na estrutura social, na cultura tradicional e no comportamento padronizado da população.

Para Liu e Var (1986), quando duas ou mais culturas entram em contacto durante um período de forma constante e as ideias se alteram, a aculturação ocorre. As culturas locais, e os costumes dos países menos desenvolvidos, tendem a ser modificados pelas culturas oriundas de países mais desenvolvidos, especialmente pelas culturas ocidentais, quando se confrontam sociedades muito diferentes culturalmente (Liu e Var, 1986; Weaver e Lawton, 2001). No contexto turístico, esta situação tende a agravar-se, pois grande parte das vezes a indústria turística modifica os padrões de comportamentos locais para agradar aos turistas.

Na literatura, o debate em torno da influência do turismo na cultura local tem sido intenso e tem permitido refletir sobre a forma como a atividade pode contribuir para a preservar ou destruir a cultura. Os autores referem que, regra geral, se encontram efeitos negativos do turismo em termos culturais (Maitheson e Wall, 1982). De facto, o turismo é acusado de ser responsável pela diminuição da diversidade cultural não ocidental e de provocar mudanças na estrutura social, nos padrões de uso da terra e no sistema de valores (Turner e Ash, 1975).

Os estudos das atitudes dos residentes não são verdadeiramente conclusivos relativamente à percepção dos impactos culturais no destino, como positivos ou negativos. Alguns estudos permitem concluir que os residentes acreditam que o turismo é um veículo de preservação e/ou enriquecimento da cultura local. Por exemplo, Pizam (1978) regista que os residentes percebem que o turismo tem um efeito positivo na identidade cultural, mas outros, como o de Belisle e Hoy (1980) e Liu e Var (1986), constataam que esse fenómeno tem um efeito negativo na evolução cultural das tradições. Contudo, no que respeita às trocas culturais (Coppock, 1977; White, 1974) entre turistas e residentes, há grande parte das vezes uma percepção positiva. Os residentes desejam conhecer turistas oriundos de outras culturas (Liu et al., 1987). Belisle e Hoy (1980) verificam que os residentes sentem a exposição a culturas diferentes através do turismo como um efeito positivo do mesmo e outros autores como Keogh (1990) constataam que os residentes aprovam o turismo.

Easterling (2004) sintetiza alguns dos impactos culturais negativos, percebidos pelos residentes enunciados na literatura: alterações ao nível da linguagem utilizada e da própria língua, devido ao contacto constante dos residentes com outras línguas (Coppock, 1977; White, 1974); desenvolvimento de comportamentos inautênticos que provocam perda de autenticidade (Brougham e Butler, 1981). Apesar dos efeitos negativos que, em termos culturais os residentes identificam, a maioria dos estudos aponta para o facto de estes suportarem e apoiarem o desenvolvimento turístico na sua zona de residência, devido a outros efeitos positivos identificados, nomeadamente, os económicos e alguns a nível social.

3.2.6. Percepção dos impactos ambientais

Os estudos revelam que os residentes percecionam também positiva e negativamente os impactos ambientais da atividade turística. Alguns referem que o turismo ajuda a criar uma maior sensibilidade e apreciação relativamente ao meio ambiente, originando maiores investimentos em infraestruturas de suporte. Outros entendem o turismo como uma “indústria limpa”, sem problemas ambientais

associados, se comparada com outras indústrias e, por isso, apoiam o seu desenvolvimento.

Os residentes expressam a sua opinião concordante relativamente a afirmações que sugerem que o turismo aumenta e melhora a aparência do seu espaço de residência e arredores ou que aumenta a qualidade das atrações e promove a manutenção dos parques nacionais (Perdue, 1987).

No entanto, Pizam (1978) verificou que, na opinião dos residentes, o turismo afeta negativamente a qualidade da água e aumenta o nível de ruído e de lixo existindo um número crescente de residentes a reconhecer que os impactos ambientais do território, tais como o aumento da poluição, a destruição dos recursos naturais, a degradação da vegetação e da vida selvagem ocorrem de forma mais intensa devido ao turismo (Ahmed e Krohn, 1992; Andereck, 1995; Coppock, 1977; Var, 1993)

Associado ao problema da relação entre poluição e turismo, os transportes são um dos principais problemas, uma vez que as deslocações, nomeadamente o transporte aéreo, se desenvolveram muito com o turismo e apresentam consequências nefastas e irreversíveis a nível ambiental. A literatura refere que se verifica um aumento da poluição do ar nas épocas altas de procura turística (Andereck, 1995; Coppock, 1977; Romeril, 1985; Var, 1993) adverte para o facto de os recursos hídricos, um dos principais atrativos turísticos, sofrerem frequentemente, vendo aumentados os seus níveis de poluição.

O aumento dos resíduos sólidos, resultado da grande concentração humana provocada pelo desenvolvimento turístico, é outra evidência dos impactos negativos da atividade, o que se torna particularmente preocupante em destinos com menor capacidade para tratar esses resíduos (Andreck, 1995). Os estudos de Lankford e Howard (1994), mostram que os residentes sentem que o turismo acarreta mais lixo e problemas associados e Liu e Var (1986) no Hawaii, identificaram respostas de 62% dos residentes com o sentimento de que o governo deveria tomar medidas de proteção ambiental em vez de encorajar o aumento do número de visitantes.

Ainda sobre os impactos negativos do turismo no ambiente, Vickerman (1988) adverte para o facto de o conhecimento em relação aos efeitos do turismo na vida selvagem ser limitado e Liu et al. (1987) realçam que os residentes no Havaii não concordam com as afirmações de que os benefícios económicos são mais importantes que os ambientais ou que o turismo não contribui para a degradação ambiental. A maior parte de estudantes inquiridos por Brayley e Var (1989) não concorda que o turismo conserve o ambiente natural.

Também os estudos de Sheldon e Var (1984) revelam que os residentes do norte do País de Gales admitem que o turismo tem um papel importante na degradação ambiental. No entanto, há a confiança de que, com um planeamento a longo prazo, é possível controlar os impactos negativos do turismo no ambiente.

Easterling (2004) identifica vários estudos que abordam esta temática dos impactos negativos do turismo, percebidos pelos residentes, organizando-os por grandes domínios: aumento da poluição (Akis et al., 1996; Gunn, 1994; Lawson et al., 1998; Pizam, 1978; Rothman, 1978; Tyrrel e Spauling, 1984); destruição da beleza natural e diminuição da tranquilidade, (Akis et al., 1996; Ap e Crompton, 1998; Faulkner e Tideswell, 1997); maior densidade humana nos mesmos espaços (Akis et al., 1996, Ap e Crompton, 1998; Brougham e Butler, 1981; Liu e Var, 1986; Var, 1993); aumento do trânsito e tráfego congestionado (Akis et al., 1996; Ap e ;Crompton, 1998; Bro;ugham e Butler, 1981; Perdue et al., 1990); maior dificuldade em utilizar espaços públicos (Cook, 1982; Gunn, 1994; Kendall e Var, 1984).

A questão dos impactos ambientais do turismo suscita particular preocupação pelo facto de se tratar, em grande parte dos casos, de interferências definitivas nas condições físicas do território, uma vez que os recursos dos destinos são limitados e particularmente frágeis.

Esta situação é um dos aspetos importantes no contexto do presente estudo, pela fragilidade do território, particularmente nas zonas protegidas existentes no concelho de Loulé em várias freguesias, tanto do litoral como do interior.

Síntese conclusiva

Este capítulo da revisão da literatura, dedicado aos estudos sobre as percepções e atitudes dos residentes face ao turismo, explicita a importância desta temática entre os estudiosos e para a indústria turística, revelando a forma como este reconhecimento tem vindo a ganhar evidência ao longo dos anos.

Esta circunstância resulta dos efeitos do desenvolvimento do turismo nos destinos e na comunidade, constatando-se que os residentes percebem o turismo de formas diversificadas, condicionadas, em grande parte dos casos, pela sua dependência relativamente a este e tendo em conta a sua proximidade pessoal ao fenómeno na vida quotidiana.

Os estudos apresentados indicam-nos alguma homogeneidade de percepções e atitudes dos residentes em vários locais relativamente ao turismo. Por um lado, os residentes percebem, valorizam e reconhecem o importante papel desempenhado pelo turismo na qualidade de vida do destino e na sua própria qualidade de vida, mas, por outro lado, identificam os impactos negativos do turismo e opõem-se, em algumas circunstâncias, ao seu desenvolvimento.

O capítulo reporta alguns dos mais importantes contributos na área do turismo, para a avaliação das atitudes e percepções dos residentes, relativamente ao turismo (Gursoy et al., 2004; Haralambopoulos e Pizam, 1996; Mason e Cheyne, 2000); e para a criação de escalas de medição destas atitudes e percepções face ao desenvolvimento turístico (Ap e Crompton, 1998; Lankford et al., 1994; Perdue et al., 1990).

CAPÍTULO 4. QUALIDADE DE VIDA DOS RESIDENTES DOS DESTINOS TURÍSTICOS

Nota introdutória

O presente capítulo é dedicado às questões da qualidade de vida. O capítulo apresenta definições conceptuais, faz referência aos principais estudos empreendidos neste domínio e contempla a sua relação com o turismo, enfatizando a perspectiva dos residentes dos destinos. Começam por ser apresentados alguns contributos considerados relevantes nas áreas da motivação, das necessidades humanas e das expectativas e são posteriormente discutidos, entre outros, os conceitos de qualidade de vida, felicidade e satisfação com a vida, bem-estar subjetivo e objetivo.

4.1. Qualidade de vida, necessidades humanas e expectativas

A maior parte dos estudos e das teorias sobre motivação, necessidades humanas ou expectativas desenvolve-se em contexto organizacional, com o intuito de compreender os colaboradores e encontrar formas de melhor gerir os recursos humanos, melhorar o desempenho das organizações e aumentar a satisfação das pessoas. Neste contexto, a **teoria das relações humanas** (Chiavenato, 1982) constitui um marco importante na transição de um discurso organizacional, com ênfase nas tarefas e nas estruturas, para um discurso assente nas pessoas e no homem social.

Estes mesmos temas são estudados na área do turismo, mais frequentemente aplicados ao estudo do turista, explorando, nomeadamente, as motivações de viagem, as práticas turísticas e as expectativas.

A área da psicologia enfatiza, frequentemente, as questões relacionadas com a forma como a satisfação das necessidades humanas e as expectativas criadas pelos indivíduos os condiciona ou determina a sua satisfação e o seu bem-estar.

Nesta investigação, o estudo da qualidade de vida e do bem-estar dos indivíduos, com especial interesse nos residentes, implica que se atribua particular atenção a fatores psicológicos relacionados com as necessidades humanas e com as expectativas criadas perante determinadas circunstâncias vividas ou que se perspetive vivenciar, como é o caso dos residentes num território que se desenvolve como destino turístico.

É neste contexto que se dedica este subcapítulo a uma síntese caracterizadora e reflexiva de algumas teorias da motivação humana da sua utilidade para o estudo dos residentes de um destino turístico.

No domínio das teorias motivacionais podem distinguir-se duas abordagens diferentes que permitem uma visão geral da dinâmica motivacional: (1) as **teorias de conteúdo**, que se focalizam, principalmente, nas necessidades do indivíduo e sugerem que a chave para a motivação no trabalho é a existência de um ambiente que reaja de forma positiva às necessidades dos trabalhadores, ajudando a avaliar o valor motivacional das recompensas, com base na sua capacidade de resposta às necessidades humanas (enquadram-se nesta abordagem a teoria das necessidades de Maslow (1943); a teoria da **Existência, Relacionamento e Crescimento** (ERC) de Adelfer (1969); a **Teoria dos dois Fatores** de Herzberg (1966); a **Teoria das Necessidades Adquiridas/Aprendidas** de McClelland (1961); (2) as **teorias de processo**, que explicam e descrevem os processos cognitivos que influenciam o comportamento e identificam, por exemplo, os motivos pelos quais a oportunidade de obter uma promoção pode ser atraente para uma pessoa e não despertar interesse noutra (nesta abordagem enquadram-se, por exemplo, a teoria da Equidade de Adams (1965); a teoria da expectativa de Vroom (1964); a teoria de Reforço de Skinner (1953); a teoria do Estabelecimento de Objetivos de Locke (1968).

No âmbito das teorias de conteúdo, uma referência importante é a teoria de Maslow (1943) em que o autor apresenta as necessidades humanas hierarquizadas num

modelo em forma de pirâmide: na base da pirâmide, as necessidades fisiológicas, consideradas básicas e comuns a todos os indivíduos; num segundo patamar, as necessidades de segurança, aquelas que se prendem com a integridade física; num terceiro nível são identificadas por Maslow as necessidades sociais; num nível seguinte as necessidades respeitantes à autoestima; por fim, num último nível, no topo da pirâmide, as necessidades de autorrealização. Segundo a teoria de Maslow (1943), um indivíduo só aspira à satisfação das necessidades de um nível superior da pirâmide quando já tem, até certo ponto, as necessidades do nível anterior satisfeitas.

A revisão da literatura revela que, quando se analisa o turismo tendo como referência a teoria de Maslow (1943), a tendência é para que a pirâmide se apresente invertida uma vez que, na atualidade, e na maior parte dos casos, o que verdadeiramente motiva a maior parte dos turistas a viajar são razões que se prendem com os níveis superiores da pirâmide (necessidades sociais, autoestima e auto realização). A procura de satisfação das necessidades básicas não se revela, por si só, motivadora da prática turística (Csikszentimihalyi, 1998; Pearce, 1988; Ryan, 2002).

Esta constatação, podendo parecer contraditória relativamente à teoria proposta por Maslow, vem, contudo, ganhar dimensão se a analisarmos comparativamente com a teoria de Herzberg (1966) que defende que existem dois fatores associados à motivação humana: os fatores higiénicos e os fatores motivacionais. Como fatores higiénicos o autor aponta aqueles que têm um caráter profilático, isto é, que previnem ou impedem a insatisfação, mas não a promovem. Como exemplos desses fatores, no contexto organizacional, Herzberg refere as condições de trabalho, o salário justo e a organização do trabalho. Estes são fatores que, comparados com a pirâmide da hierarquia das necessidades proposta por Maslow, correspondem aos dois primeiros níveis, uma vez que são os que garantem, por exemplo, a subsistência e a integridade física. Como fatores motivacionais, Herzberg indica os que permitem o desenvolvimento individual e a promoção das relações sociais. Mais uma vez se pode associar estes fatores, àqueles que se situam, segundo Maslow, no topo da pirâmide.

Desta forma, pode-se constatar que, na área do turismo, quando se questionam os turistas sobre as suas motivações, as respostas normalmente apontam para fatores que se

prendem com os que Herzberg indica como sendo os motivacionais e, portanto, os fatores associados à autorrealização, autoestima e relações sociais, segundo Maslow.

Contudo, aquando da escolha do destino ou do tipo de turismo a realizar, os turistas preocupam-se frequentemente com escolhas ao nível da comodidade, das refeições e com as questões da segurança, durante a viagem e no destino. Desta constatação resulta que as necessidades correspondentes aos dois primeiros níveis da pirâmide de Maslow são reconhecidas pelos turistas como necessárias e entendidas como o ponto de partida para a decisão final, apesar de, na maior parte dos casos, as verdadeiras motivações estarem associadas à satisfação de necessidades de níveis mais elevados (Csikszentmihalyi, 1998; Pearce, 1988; Ryan, 2002).

Neste estudo, ao pretender entender e explicar a forma como os diversos domínios do bem-estar contribuem para a avaliação da qualidade de vida, por parte dos residentes, associando-lhes os constructos da felicidade e da satisfação com a vida, pode-se estabelecer também uma relação entre aquilo que são, segundo Maslow, as necessidades básicas e de segurança, correspondentes aos fatores higiénicos referidos por Herzberg, e os domínios do bem-estar em termos materiais, de saúde e de segurança, a componente cognitiva da qualidade de vida, que se designa neste estudo como satisfação com a vida. Em complemento, os domínios do bem-estar a nível comunitário e emocional, correspondentes à componente afetiva da qualidade de vida, aqui designada por felicidade, corresponderão aos níveis superiores da pirâmide de Maslow e ao que Herzberg entende por fatores motivacionais.⁴⁷

Neste contexto, pode-se perceber que, se para o turista é verdade que são os fatores de carácter mais afetivo e relacional que o motivam para a prática turística, também para os residentes a satisfação destas necessidades ocorre cada vez mais com evidente interesse, o que se torna mobilizador do seu comportamento. Constata-se que os residentes associam ao desenvolvimento turístico não só a satisfação das necessidades básicas mas também, ou fundamentalmente, a satisfação de necessidades sociais e de autorrealização. Este aspeto torna-se particularmente relevante quando se

⁴⁷ Os conceitos de bem-estar, felicidade e satisfação com a vida serão desenvolvidos nos subcapítulos seguintes.

percebe a importância da motivação dos residentes e do seu papel ativo no planeamento e desenvolvimento turístico.

Outro autor com um contributo importante na área da motivação é o psicólogo Clayton Adelfer (1969) que, a partir da teoria de Maslow, desenvolve a teoria ERC (Existência, Relacionamento e Crescimento). O autor aponta três fatores essenciais para medir a motivação humana: (i) a necessidade existencial, que se associa ao que Maslow designa como necessidades básicas e de sobrevivência; (ii) as necessidades de relacionamento, que incluem as necessidades associadas aos relacionamentos interpessoais, ou seja, todas as questões da sociabilidade e relacionamento social; (iii) as necessidades de crescimento, associadas ao crescimento e desenvolvimento do potencial humano e à necessidade de, por exemplo, dar opinião, conhecer ou participar nas decisões. No entanto, Adelfer (1969), em vez de afirmar que os indivíduos aspiram progressivamente à satisfação de necessidades em níveis hierarquicamente superiores, afirma que estes, aquando da procura da sua satisfação não seguem uma hierarquia de necessidades, oscilando entre vários níveis conforme as circunstâncias.

Adelfer (1969) defende que mais do que uma necessidade pode ser focalizada simultaneamente e que uma necessidade classificada como inferior na hierarquia, pode ser ativada quando uma mais elevada não pode ser satisfeita. O autor designa este fator por princípio da frustração-regressão.

Do ponto de vista do presente estudo, esta teoria surge também como um contributo reflexivo importante uma vez que se o residente percebe o desenvolvimento turístico como possibilitador da satisfação de necessidades a que confere importância para o seu bem-estar, independentemente da posição que estas ocupam umas em relação às outras, todas elas devem ser consideradas de igual forma quando se analisa a percepção dos indivíduos face a estas mesmas necessidades.

No que respeita às teorias de processo, destacam-se algumas das referidas anteriormente como é o caso da teoria da expectativa de Vroom (1964) associada à motivação humana e à satisfação das necessidades dos indivíduos. Esta teoria, apesar de não ter sido exaustivamente testada pelos investigadores, apresenta o princípio da

racionalidade sobre as ações dos indivíduos que ajuda a compreender a motivação e o comportamento humano. Vroom (1964) parte de quatro pressupostos sobre os comportamentos dos indivíduos⁴⁸ nas organizações que fazemos aqui corresponder às situações associadas ao contexto turístico: (i) o comportamento dos indivíduos é motivado por uma combinação de fatores individuais e dependentes do ambiente em que se inserem; (ii) os indivíduos tomam decisões sobre o seu comportamento; (iii) os indivíduos têm necessidades, desejos e objetivos diferentes; (iv) os indivíduos decidem o seu comportamento perante alternativas, baseados na expectativa de que um determinado comportamento conduzirá a um resultado desejado.

Nesta teoria, Vroom (1964) defende que os principais conceitos a ter em conta, no contexto da motivação (M), são: 1-Valência (V) - valor subjetivo relacionado com um objetivo ou recompensa e, por isso, condicionante do desejo de um indivíduo para um resultado particular; 2- expectativa (E) – explicada pelo conjunto dos esforços necessários para os resultados, isto é, os indivíduos acreditam que os seus esforços conduzirão aos resultados desejados; 3 - Instrumentalidade (I) – relação entre o desempenho e a recompensa. Assim, quando os esforços são devidamente recompensados a relação é positiva e, no caso contrário, é negativa. Neste contexto o autor chega mesmo a propor a seguinte fórmula: $M=E \times I \times V$, que, no seu entender, exprime estas relações evidenciadas.

Para o autor, os indivíduos fazem escolhas baseadas nos seus ideais de recompensa ainda não conseguidos e essas recompensas são avaliadas tendo em consideração um período de tempo médio, revelando assim a relação entre o desempenho e a recompensa, sabendo o indivíduo o que se espera dele e tendendo a comportar-se da forma esperada.

No contexto do turismo, a expectativa revela-se um fator determinante tanto para os turistas como para os residentes. Para os turistas, pelo facto de condicionar positiva ou negativamente a experiência turística. Para os residentes porque condiciona ou determina a sua perceção, atitude e comportamento face ao desenvolvimento turístico e às suas consequências no destino e nas suas vidas.

⁴⁸ Esta teoria é também desenvolvida no contexto das organizações, podendo ser aplicada a outros contextos como é o caso do presente estudo.

Os estudos apontam para o facto de quando o turista desenvolve expectativas muito elevadas relativamente a um destino turístico ou a uma viagem e é confrontado com discrepâncias da vivência real face à expectativa criada, principalmente se estas forem negativas, tem tendência a avaliar de forma negativa toda a viagem (Hung et al., 2003; Kotler e Gertner, 2002; Zeithaml e Bitner, 1996). Pelo contrário, quando o turista desconhece o local ou o tipo de produto turístico, ou quando não desenvolve grandes expectativas relativamente à experiência a vivenciar, regra geral sente-se mais satisfeito com a mesma, uma vez que não há discrepância ou desilusão. Esta constatação leva a reconhecer a importância do marketing uma vez que, por um lado, as promessas ao turista, eventualmente discrepantes da realidade, podem ter efeitos negativos ao nível da experiência turística e, consequentemente, para o destino, por outro lado, a partilha de experiências individuais, positivas ou negativas, por parte de amigos, conhecidos ou familiares, é outro fator determinante na expectativa e, consequentemente, na experiência. Este último fator revela-se difícil, senão impossível de controlar, uma vez que ocorre normalmente na esfera privada e muitas vezes é de carácter subjetivo ou indiretamente relacionado com a prática turística a que diz respeito.

No que se refere aos residentes, esta **teoria da expectativa** revela-se também muito pertinente no entendimento da forma como os residentes percecionam e atuam perante o turismo e os turistas.

Os estudos na área do turismo⁴⁹ revelam que os residentes, perante a perspectiva de desenvolvimento turístico na sua região de residência, ou na fase inicial deste desenvolvimento, criam expectativas positivas relativamente a esta atividade e aos benefícios que daí podem advir, quer em termos pessoais quer para o destino. Revelam também que a sua perceção do fenómeno e as suas atitudes e comportamento tendem a modificar-se ao longo do tempo, resultando de situações em que as expectativas iniciais não se verificam ou são contrariadas. Constata-se ainda que aqueles que diretamente dependem e beneficiam do turismo tendem a ser mais favoráveis à atividade e a afirmar que o seu desenvolvimento corresponde às expectativas criadas e à satisfação das suas necessidades. Estes factos vêm corroborar a teoria de Vroom desenvolvida em contexto organizacional.

⁴⁹ Referidos no capítulo 2.

A **teoria da equidade** (Adams, 1965) é outra das teorias na área da motivação humana que pode trazer um contributo importante para o estudo do turismo. Esta teoria, como o seu nome desde logo sugere, fundamenta-se no facto de os indivíduos procurarem a justiça nas recompensas recebidas, comparando-se com os seus pares. A equidade, neste contexto, é a relação entre a contribuição que o indivíduo dá no seu trabalho e as recompensas que recebe, comparadas com as dos outros. Trata-se de uma comparação social, focalizada nos resultados obtidos face aos esforços desenvolvidos. A iniquidade resulta da desigualdade nesta relação e pode ser positiva, quando o indivíduo recebe mais do que os outros e negativa quando ocorre o inverso.

Nesta situação de iniquidade, os comportamentos tendem a alterar-se e, segundo Adams (1965), pode ocorrer, por exemplo nas organizações, o aumento ou a redução do nível de esforço, a tentativa de alterar os resultados ou distorcer os recursos, a mudança de setor de atividade ou de emprego, a tentativa de mudança nos outros ou a troca de grupo. Esta questão da equidade é, contudo, bastante complexa, uma vez que comporta em si mesma grande subjetividade. Com efeito, o que pode parecer justo para uns pode não parecer para outros, o que leva a que maior atenção seja atribuída ao sentimento geral do contexto ambiental.

A equidade revela-se uma temática cada vez mais presente nos estudos na área do turismo, nomeadamente ao nível dos impactos do fenómeno em destinos pouco desenvolvidos em que o turismo ainda não está muito implementado. Nestes casos, o interesse e expectativa por parte das comunidades locais são grandes, perspetivando benefícios com o desenvolvimento. Contudo, muitas vezes encontram-se grandes desigualdades na distribuição da riqueza gerada pelo turismo a qual, frequentemente, regressa aos países a que pertencem os principais investidores, não criando, como geralmente é prometido inicialmente, uma melhor qualidade de vida para os residentes locais.

Outro contributo importante para a análise do turismo, associado à perceção e motivação humana face ao turismo e à atividade turística, é a teoria de Skinner (1953) que afirma que o reforço condiciona o comportamento e é determinado pelas experiências, quer positivas quer negativas. O importante, como o autor afirma, é que os

agentes responsáveis estimulem os comportamentos desejáveis e desencorajem os não agradáveis. Estes aspetos, no que respeita ao turismo, revelam-se determinantes, por exemplo, quando os residentes contactam com os turistas em contexto de trabalho ou de lazer e daí resultam experiências positivas ou negativas para ambas as partes, condicionando e reforçando, no mesmo sentido, experiências futuras ou determinando não experiências. Cabe aqui aos agentes promotores das atividades turísticas um papel ativo e determinante para a promoção de circunstâncias positivas para o desenvolvimento turístico benéfico para ambas as partes.

4.2. Estudo e medição da qualidade de vida

4.2.1. Evolução do conceito de qualidade de vida

O termo qualidade de vida é utilizado em muitos contextos, incluindo áreas como o desenvolvimento internacional, a saúde, a psicologia, a política e destina-se geralmente a avaliar o bem-estar dos indivíduos e das sociedades.

A definição do conceito de qualidade de vida levanta, desde logo, um conjunto de dificuldades que se prendem, por um lado, com a diversidade de abordagens científicas e técnicas que o seu estudo suscita e, por outro, com a interpretação diversa que o conceito pode assumir em contextos sociais distintos (por exemplo, em sociedades ocidentais ou ocidentalizadas *versus* orientais ou em países desenvolvidos *versus* países em vias de desenvolvimento). De facto, a natureza deste conceito é, em muitos casos, discutível, o que torna mais difícil a sua definição apesar de, em muitos domínios (políticos, económicos e sociais), implícita ou explicitamente, ser já apresentada como uma meta a atingir (Constanza et al., 2007).

Neste contexto da conceptualização da qualidade de vida, identificam-se frequentemente na literatura, em diversas áreas científicas, autores que recorrem a outros termos, tais como o bem-estar, a felicidade, o bem-estar subjetivo ou a satisfação com a vida, utilizando-os como sinónimos de qualidade de vida. Veenhoven (2000:1)

refere, a este propósito: “The terms «quality-of-life, wellbeing and happiness» denote different meanings; sometimes they are used as an umbrella term for all of value, and the other times to denote especial merits”.

A dificuldade em definir qualidade de vida prende-se também com fatores como: (1) o seu carácter multidimensional, uma vez que compreende múltiplas facetas e dimensões; (2) o facto de não ser diretamente mensurável, o que leva a que seja medida através de outros conceitos e a que sejam utilizados indicadores sociais; (3) o seu carácter dinâmico, uma vez que as atitudes e percepções dos indivíduos se modificam ao longo do tempo, apesar de a maior parte dos estudos considerarem um momento delimitado (Brickman et al., 1978; Campbell, 1976); (4) o facto de ser multidisciplinar, o que lhe oferece várias perspetivas; (5) o seu carácter universal, uma vez que existe em todas as sociedades, embora com características particulares em cada uma; (6) a sua heterogeneidade, pois compreende vários tipos de informação.

Tendo em conta estas constatações, considera-se importante começar por identificar de que forma estes conceitos (qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida e bem-estar) são definidos na língua portuguesa, para, em seguida, prosseguir para os estudos científicos que se debruçam sobre esta temática.

Do ponto de vista linguístico a **qualidade de vida** é definida pelo *Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa* como o “conjunto de condições favoráveis ao bem-estar e à realização pessoal” (ACL e FCG, 2001: 3020) e no *Dicionário Houaiss* como o “equilíbrio nas condições sociais e ambientais” (Houaiss e Villar, 2005: 7210).

No que respeita à **felicidade**, entende-se que esta representa o “estado de plena satisfação íntima, de bem-estar, no qual se encontram satisfeitas todas as aspirações do ser humano” (ACL e FCG, 2001:1720), ou seja, o estado de quem é feliz (Houaiss e Villar, 2005: 3799) ou ainda o “estado de completa satisfação, de plenitude; grande alegria, contentamento interior; circunstância favorável, alegria, prazer (Oliveira, 1977: 2948).

Por **satisfação** entende-se a “ação de pôr termo a um desejo, a uma necessidade; ato ou efeito de satisfazer ou satisfazer-se”; o “sentimento de bem-estar, contentamento que se manifesta nas pessoas e que resulta na realização do que se espera ou deseja ou do bom êxito de qualquer atividade” (ACL e FCG, 2001: 3346; 3347). A satisfação é definida também como o “ato ou efeito de satisfazer (-se); contentamento, prazer advindo da realização do que se espera, do que se deseja” (Houaiss 2005: 7216) ou referente ao “contentamento, prazer, alegria; prazer que resulta da realização do que se espera, do que se deseja” (Oliveira, 1977: 6256).

O conceito de bem-estar pode ser apresentado como o “Estado de contentamento físico e espiritual; tranquilidade, conforto” (Infopédia, 2011), como o “Efeito de estar bem, satisfeito nas suas necessidades ou isento de inquietações; sentimento agradável que resulta dessa situação.”; “conforto material ou financeiro” (Oliveira, 1977: 996), como o “estado de satisfação plena das exigências do corpo e/ou do espírito; sensação de segurança, conforto, tranquilidade; condição material capaz de ensejar uma existência agradável; prosperidade” (Houaiss e Villar, 2005: 1230).

Contudo, estas definições não se revelam suficientemente esclarecedoras para o entendimento do conceito de qualidade de vida e dos conceitos de felicidade, satisfação com a vida ou bem-estar. No entanto, permitem, por um lado, perceber a relação intrínseca que os conceitos possuem em si mesmos e, por outro, identificar alguns aspetos que lhes são de alguma forma distintos.

Nas definições de qualidade de vida são realçados aspetos que se prendem com as condições em que o indivíduo vive, tal como ocorre na definição de bem-estar onde se enuncia a importância do estado de equilíbrio. Estes dois conceitos compreendem uma ideia global da situação do indivíduo, facto este que conduz a que sejam como se referiu, muitas vezes utilizados, por alguns autores, como sinónimos, em abordagens científicas diferentes.

No que respeita à definição de **felicidade** ressalta o sentimento de interioridade e alegria do sujeito que, existindo, aumenta a sua qualidade de vida e bem-estar. Pelo

contrário, a definição de **satisfação** surge associada à ação e à realização alcançada com essa ação, a qual deverá conduzir ao bem-estar e à qualidade de vida.

Perante estas definições e ideias reforça-se a necessidade de uma análise mais detalhada destes conceitos, recorrendo a uma breve contextualização histórica e aos contributos de diversos autores que se dedicam cientificamente ao estudo do fenómeno.

Raízes históricas do estudo e da conceptualização da qualidade de vida

O conceito de qualidade de vida e de bem-estar subjetivo tem raízes ideológicas no iluminismo⁵⁰ do século XVIII, época em que o desenvolvimento pessoal e a felicidade são valores centrais, sendo a sociedade entendida como um meio de proporcionar a satisfação das necessidades e uma boa vida aos seus cidadãos (Galinha e Ribeiro, 2005).

Segundo Veenhoven (1996), esta ideia manifesta-se no século XIX, através dos princípios do utilitarismo,⁵¹ que defende que a melhor sociedade é aquela que proporciona a felicidade a um maior número de pessoas.

O século XX vem originar medidas de reforma social que influenciam o desenvolvimento do estado de providência (*welfare state*)⁵² e, com ele, a identificação do bem-estar e da qualidade de vida com uma abordagem essencialmente economicista, em que o crescimento económico das sociedades é medido pelo Produto Interno Bruto ou pelo rendimento *per capita* (Cummins, 2000; Rapley, 2003).

⁵⁰ Por iluminismo entende-se o movimento cultural que se verificou na Europa no decurso do séc. XVIII cujas características fundamentais eram a confiança total na razão e na ciência, o incentivo à liberdade de pensamento e a defesa dos direitos do cidadão.

⁵¹ O utilitarismo é o sistema moral em que o interesse pessoal ou geral regula a ação e se baseia no útil como princípio de todos os valores.

⁵² A designação “estado de providência” ou “*welfare state*” refere-se à organização política e económica em que cabe ao estado a garantia do bem-estar social, nomeadamente os serviços públicos e a proteção da população. Baseia-se nos princípios da igualdade de oportunidades, na distribuição da riqueza e na responsabilidade pública perante aqueles que são incapazes de valer-se das disposições mínimas para uma boa vida.

Nas décadas de 60 a 80 do século XX surgem múltiplos estudos americanos sobre bem-estar subjetivo,⁵³ cuja utilidade é realçada por Andrews e Robinson (1991) para uma mais precisa identificação da forma como os indivíduos percebem o conceito.

Também Veenhoven (1996) destaca, a propósito desta época, o estudo de Cantril (1967), realizado em treze países, e o estudo levado a cabo em sessenta países, pelo Gallup International Research Institute, que incluía itens sobre felicidade e satisfação com a vida em domínios específicos.

A referência à qualidade de vida nos documentos oficiais marca a sua presença de forma cada vez mais evidente desde esta época, sendo exemplo disso a inclusão na Constituição da República Portuguesa, da qualidade de vida como uma das tarefas fundamentais do estado (alínea d) do artigo 9.º):

Promover o bem-estar e a qualidade de vida do povo e a igualdade real entre os portugueses, bem como a efetivação dos direitos económicos, sociais, culturais e ambientais, mediante a transformação e modernização das estruturas económicas e sociais.

Galinha e Ribeiro (2005) destacam que uma herança histórica importante no estudo do bem-estar subjetivo e da qualidade de vida é a resultante da segunda revolução na saúde, na década de 70, em que é assumido o combate a comportamentos prejudiciais ao ser humano, causadores de uma maior taxa de mortalidade.⁵⁴ Nesta fase, o conceito de bem-estar desenvolve-se associado ao conceito de saúde (O' Donnel, 1986; Terris, 1975). A partir desta época inicia-se a preocupação com o estudo do bem-estar subjetivo e a psicologia passa a interessar-se pelos aspetos positivos da saúde ao invés de se focar apenas, como anteriormente, nos problemas dos indivíduos. O desenvolvimento dos estudos da qualidade de vida surge também na sequência do despertar do interesse e da necessidade de analisar o crescimento e o desenvolvimento dos países, procedendo a comparações entre eles.

⁵³ Exemplos desses estudos são os desenvolvidos por Andrews e Withey (1974, 1976) e Campbell, Converse e Rogers (1976), e o Eurobarómetro que, desde 1973 é aplicado à maior parte dos países da União Europeia, o que tem vindo a permitir informação comparável entre os países.

⁵⁴ Por exemplo fumar, consumir drogas e álcool.

Neste contexto, o relatório de Meadows et al. (1972), intitulado *The Limits to Growth* (Limites do Crescimento), veio contestar, como refere Louette, a ideia da abundância económica e do crescimento sem limites e a associação deste crescimento económico a uma melhoria da qualidade de vida (Louette, 2007). Neste relatório já se afirmava ser possível alterar a tendência de crescimento e garantir condições de estabilidade económica sustentável a longo prazo. Também nesta época a União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais⁵⁵ utiliza já o termo “desenvolvimento sustentável” para se referir à forma adequada de preservar o planeta (Louette, 2007).

A qualidade de vida, nomeadamente com enfoque na dimensão humana associada ao conceito de desenvolvimento sustentável, é reforçada no Relatório de Brundtland (UN, 1987),⁵⁶ nomeadamente pela especial atenção conferida à pobreza extrema e à desigualdade que levantam graves problemas em termos de equidade.

Em 1992 os três pilares da sustentabilidade são aceites e formalizados na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro: o ambiental, o social e o económico. Nesta conferência identifica-se claramente a necessidade de desenvolver indicadores capazes de avaliar a sustentabilidade, uma vez que os instrumentos até então utilizados, nomeadamente o Produto Interno Bruto (PIB), não se revelam suficientes face a estes objetivos. Desta conferência resulta a Agenda 21, assinada por 178 países. Este documento destaca a necessidade de encontrar indicadores mais precisos para a sustentabilidade e compromete, neste sentido, os países envolvidos.

Desde então, várias iniciativas têm dado continuidade ao processo de reconhecimento da necessidade de criação de indicadores mais adequados à análise do desenvolvimento dos países e da sua relação com a qualidade de vida das populações (Louette, 2007) Estas iniciativas, da responsabilidade de diversos organismos e grupos de investigadores que se dedicam a esta temática, têm permitido ajudar a identificar e a

⁵⁵ International Union for Conservation of Nature and Natural Resources – IUCN

⁵⁶ Relatório da responsabilidade da Comissão Mundial da organização das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (United Nations World Commission on Environment and Development).

divulgar as iniciativas em vigor em diversos contextos sociais e, assim, caminhar para índices mais adequados para medir o progresso.⁵⁷

O estudo da qualidade de vida e do bem-estar subjetivo tem também suscitado um interesse generalizado em diversas vertentes da psicologia pelo que o posiciona num ponto de interseção entre a psicologia social, a psicologia da saúde e a psicologia clínica, nas quais se realizam a maior parte dos estudos científicos sobre qualidade de vida e bem-estar, nomeadamente aplicados a grupos de indivíduos com características particulares que os tornam mais suscetíveis a alterações na sua qualidade de vida e que, por isso, são mais frequentemente objeto de estudo (por exemplo pessoas com doenças crónicas ou pessoas idosas).

Os vários estudos que têm vindo a ser realizados nestas áreas têm conduzido ao reforço da sua identidade como área disciplinar e, segundo Galinha e Ribeiro (2005), o bem-estar subjetivo, sendo um conceito complexo, uma vez que integra as dimensões cognitiva e afetiva e se associa a outros grandes conceitos como o da qualidade de vida e dos afetos (positivos e negativos), é hoje em dia encarado como uma dimensão positiva da saúde.

O conceito de bem-estar subjetivo surge, pela primeira vez, por meio de Wilson (1967) que, segundo Diener et al. (1999), o utiliza com um significado próximo do que hoje lhe é atribuído (Galinha e Ribeiro, 2005). Wilson (1967) relaciona os conceitos de satisfação e de felicidade em duas perspetivas: (i) uma perspetiva base-topo (bottom up), em que a satisfação imediata de necessidades produz felicidade, enquanto a persistência de necessidades por satisfazer causa infelicidade; (ii) uma perspetiva topo-base (top down) em que o grau de satisfação necessário para produzir felicidade depende da adaptação ou nível de aspiração, que, por sua vez, é influenciado pelas

⁵⁷Enunciam-se alguns desses momentos, que, entre outros, têm vindo a desenhar o percurso rumo a uma mais adequada análise do desenvolvimento e da qualidade de vida:

- 1995 - Conferência do Parlamento Europeu intitulada “Considerando a Natureza”;
- 1998 - Conferência “Beyond Growth: Policies and Institutions for Sustainability”, realizada no Chile;
- 2000 - Encontro das Nações Unidas sobre “Conservação da Biodiversidade”, em Kuala Lumpur, onde são assumidos os Objetivos do Milénio (Millennium Development Goals);
- 2002 - Conferência intitulada “World Summit on Sustainable Development”, que teve lugar em Joanesburgo;
- 2006 - Fórum “Medindo o Bem-Estar e o Progresso das Sociedades”, em Milão;
- 2007 - Fórum “Medindo e Fomentando o Progresso das Sociedades”, em Istambul, organizado pela OCDE;
- 2007 - Conferência da União Europeia “Além do PIB: Medindo o Progresso, a verdadeira riqueza e o Bem-estar”, em Bruxelas;
- 2008 - Fórum “Estatísticas, Conhecimento e Políticas”, em Palermo.
- 2011 – Conferência da responsabilidade das Nações Unidas (novembro);
- 2012 – A conferência designada Rio+20, para a qual são convidados a participar organizações governamentais e não-governamentais e pessoas comprometidas na conservação global (a realizar em junho)

experiências do passado, pelas comparações com os outros, pelos valores pessoais e por outros fatores (Galinha e Ribeiro, 2005).

A qualidade de vida, na psicologia clássica, é normalmente estudada na sua vertente da felicidade e do bem-estar subjetivo. Contudo, o estudo da felicidade esteve, durante muito tempo, surpreendentemente associado ao estudo da infelicidade, quando, de facto, a não existência de sofrimento não significa a existência de felicidade. Apenas recentemente a psicologia positiva (Seligman e Csikszentimihalyi, 2000) se centrou no estudo da felicidade e passou-se a questionar “porque é que as pessoas são felizes?” em vez de se perguntar “porque são infelizes?”

Apesar de as primeiras tentativas para medir a qualidade de vida terem surgido a partir do movimento social na década de 60 e (Biderman, 1974; Parke e Sheldon, 1974), é apenas a partir de 1998 que Martin Seligman, então presidente da American Psychological Association (APA), afirma que a prática da psicologia se encontra incompleta e promove condições que permitem o desenvolvimento da psicologia positiva (Seligman e Csikszentimihalyi, 2000). A publicação de artigos sobre bem-estar subjetivo (subjective well-being - SWB) começa a ocorrer com muito maior regularidade e inicia-se a conceptualização hedónica da felicidade,⁵⁸ tendo as publicações, nesta área, aumentado exponencialmente a partir desse momento (Veenhoven, 2010). Atualmente, a psicologia positiva constitui-se como uma das áreas florescente de investigação no campo da psicologia (Ortega, 2008).

Definição de qualidade de vida

A conceptualização da qualidade de vida emerge de duas dimensões: (1) dimensões qualitativas e subjetivas a nível individual (por exemplo as perceções sobre a própria vida e as suas condicionantes, a satisfação com a vida, a felicidade, o bem-estar) e a nível coletivo (as perceções sociais sobre a comunidade e o grau de participação e influência sobre as decisões bem como sobre os desígnios de cada comunidade); (2)

⁵⁸ Ciência hedónica - o termo refere-se à pesquisa científica sobre as fontes da felicidade humana. Os estudos neste domínio revelam que, até um certo nível de riqueza, a felicidade aumenta (por exemplo em casos em que o indivíduo progride, de um estado de pobreza e miséria absoluta para um estado em que tem as suas necessidades básicas satisfeitas ou quando passa de uma vida confortável para um certo grau de luxo. Contudo, a partir de um certo ponto, o aumento dos bens materiais ou do rendimento não trazem mais satisfação, passando a ser atribuída maior importância pelo indivíduo aos fatores não materiais tais como a amizade, o companheirismo, a harmonia na família, a vida amorosa.

dimensões quantitativas e objetivas, que condicionam a vida individual, por exemplo, instrução, rendimento, acesso a bens e serviços, e a vida coletiva tais como as condicionantes ambientais, o desempenho dos sistemas sociais e as condições económicas (Villavicencio e Prado, 1999).

As definições de qualidade de vida podem estar associadas a várias perspetivas: (i) a uma visão económica, centrando o seu interesse em aspetos materiais relacionados com a existência humana; (ii) as visões que dão primazia ao bem-estar humano; (iii) as abordagens que consideram o ser humano numa perspetiva integral (materialidade e espiritualidade); (iv) as abordagens que centram a sua atenção numa só componente da qualidade de vida, por motivos circunstanciais; (v) as perspetivas que tomam a saúde como fator exclusivo da qualidade de vida; (vi) as abordagens que tentam introduzir, no estudo, apenas um dos seus elementos, relacionando-o com outros (Villavicencio e Prado, 1999). A revisão da literatura na área da qualidade de vida permite verificar que alguns autores adotam, nos seus estudos, uma abordagem geral ao conceito (Cummins, 1997; Diener e Suh, 1997; Jurovski, 2004), outros, como Veenhoven (2005), destacam mais especificamente o constructo da felicidade, enquanto outros ainda, como Andrews e Withey (1976) ou Kim (2002), se focam na satisfação de vida.

Para Cummins (1997) a complexidade implícita ao conceito de qualidade de vida explica a dificuldade em defini-la e em medi-la e, como forma de clarificar o conceito, propõe a seguinte definição:

“Quality of life is both objective and subjective, each axis being the aggregate of seven domains: material well-being, health, productivity, intimacy, safety, community and emotional well-being. Objective domains comprise culturally – relevant measures of objective well-being. Subjective domains comprise domain satisfaction weighted by their importance to the individual” Cummins (1997:1)

A Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Trabalho e de Vida (FEMCTV, 2003) refere que a qualidade de vida está relacionada com a possibilidade de as pessoas alcançarem os seus objetivos e escolherem o seu estilo de vida ideal. (INTEC, 2009).

Para a Organização Mundial de Saúde (The WHOQOL Group, 1995) a qualidade de vida define-se da seguinte forma: “individuals' perception of their position in life in the context of the culture and value systems in which they live and in relation to their goals, expectations, standards and concerns”.

Para Constanza et al. (2007) a qualidade de vida refere-se ao nível em relação ao qual as necessidades humanas estão satisfeitas ou insatisfeitas em vários domínios da vida e engloba a percepção da satisfação por parte dos indivíduos, o que implica a utilização de indicadores objetivos e subjetivos. Como Carneiro e Eusébio (2011) afirmam, a qualidade de vida pode ser considerada como resultado da satisfação percebida pelos indivíduos com os domínios da sua vida, incluindo as suas necessidades e expectativas. Neste mesmo sentido, Neal (2000) realça que os estudos na área da qualidade de vida são objetivos e subjetivos e que os primeiros se centram na identificação e análise de indicadores sociais como por exemplo a idade, o rendimento e os segundos na satisfação percebida pelos indivíduos durante a sua vida.

Veenhoven (1991) define felicidade como o grau relativamente ao qual o indivíduo efetua um juízo pessoal sobre a sua qualidade de vida e sumariza a teoria da felicidade em três postulados e quatro inferências. Como postulados refere: (a) que a felicidade resulta da comparação; (b) que os níveis de comparação se ajustam; (c) que os níveis de comparação são arbitrários. Quanto às inferências Veenhoven (1991) afirma que: (i) a felicidade é insensível à atual qualidade de vida: as pessoas podem ser subjetivamente felizes em más condições objetivas ou infelizes em boas condições pois a felicidade é uma função do cérebro; (ii) a felicidade não pode existir permanentemente porque os *standards* se ajustam a mudanças para melhor ou para pior e têm um efeito muito pequeno na felicidade; (iii) a felicidade constrói-se nas dificuldades pois as pessoas tendem a sentir-se mais felizes depois de tempos difíceis pois os *standards* de comparação estão ancorados na experiência anterior; (iv) a felicidade tende para a estabilidade o que significa que as pessoas são tipicamente neutrais sobre as suas vidas porque os padrões se ajustam continuamente, em vez de positivas ou negativas.

O autor conclui, contudo, que a apreciação global da vida, não resulta exclusivamente de uma comparação consciente e contínua mas depende também de

como o indivíduo se sente efetivamente e, por isso, define felicidade como o grau em que um indivíduo ajuíza a sua qualidade de vida globalmente de forma positiva. De acordo com Veenhoven (2005:61), a qualidade de vida "pode ser medida pela forma como as pessoas têm uma vida longa e feliz."

Sirgy (2001) considera que a satisfação com a vida envolve a avaliação de cada indivíduo com o que consegue alcançar relativamente a algum modelo padrão e enfatiza que a felicidade e a satisfação são dois constructos distintos: o primeiro afetivo e o segundo cognitivo. O autor adverte os investigadores da qualidade de vida para este facto, aconselhando a não utilizar os constructos felicidade e satisfação com a vida indiscriminadamente. A importância de considerar, na análise do bem-estar e da qualidade de vida com vista a um estudo holístico, fatores subjetivos e objetivos é enfatizada também por Diener e Suh (1997:191).

Os aspetos subjetivos da qualidade de vida incluem, para Sirgy, a satisfação com a vida, os afetos (positivos e negativos), o bem-estar subjetivo, a felicidade e a percepção de qualidade de vida. A felicidade é definida como a combinação de três aspetos: o grau e a frequência de sentimentos positivos; o nível médio de satisfação que a pessoa reporta durante um período mais alongado de tempo; o grau e a ausência de sentimentos negativos, tais como a depressão (Sirgy et al., 2000).

A literatura mostra que o divertimento e a família contribuem mais para a felicidade do que para a satisfação com a vida e que, contrariamente, o dinheiro, a segurança económica, a posse de casa e de bens e serviços, contribuem mais para a satisfação com a vida do que para a felicidade (Andrews e Withey, 1976; Michalos, 1980).

No que diz respeito ao conceito de bem-estar, no entender de Diener (1984), este deve incluir a análise de três aspetos que considera fundamentais: o facto de se tratar de um conceito subjetivo, uma vez que assenta na experiência do indivíduo; a circunstância de não implicar apenas a ausência de fatores negativos; a necessidade de incluir também uma avaliação global positiva. O bem-estar subjetivo é um estado geral do indivíduo que expressa, segundo o autor, a forma como a pessoa gosta da vida que tem.

No presente estudo analisa-se, de forma diferenciada mas interdependente, os conceitos de **qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida e bem-estar**, e consideram-se dois pontos de vista na análise: (1) o individual, uma vez que interessa compreender de que forma os residentes percebem, a influência do turismo na sua qualidade de vida; (2) o comunitário, em dois sentidos: (a) por um lado, pretende-se conhecer a forma como os residentes percecionam os impactos do turismo na sua comunidade, (b) por outro lado, tem-se a preocupação de identificar o nível de desenvolvimento turístico das zonas em estudo e associa-se a estas zonas diferentes padrões de qualidade de vida (sob o ponto de vista da análise externa) como forma de comparação e base de reflexão das percepções expressas pelos residentes através do questionário aplicado.

Como Manso e Simões (2007) referem, citando Ferrão (2004), as novas visões sobre a qualidade de vida valorizam o envolvimento e a participação dos residentes na vida comunitária e realçam a importância das percepções destes e da sua capacidade de influenciar o desenvolvimento, incluindo o conhecimento do impacto dos modelos de desenvolvimento nas condições de vida das populações.

Os dois constructos - satisfação com a vida e felicidade - são utilizados neste estudo porque se consideram explicativos da qualidade de vida, em conformidade com o que Sirgy (2001) defende ao dizer que estes conceitos não devem ser utilizados indiscriminadamente pois a felicidade implica uma natureza emocional e a satisfação com a vida possui um carácter cognitivo, envolvendo a autoavaliação da própria vida ou realizações face a algum padrão. Assume-se, portanto, que a felicidade e satisfação com a vida são dois constructos de qualidade de vida e que a sua análise distintiva permite uma definição mais clara da percepção da qualidade de vida por parte dos residentes. Por esta razão se exploram, associados à qualidade de vida, os constructos da felicidade (incluindo as formas de bem estar comunitário e emocional) e da satisfação com a vida (a que se encontram associados o bem-estar material, na saúde e na segurança).

A literatura apresenta vários contributos de diversos autores no sentido de identificar fatores a considerar na medição da qualidade de vida Bubolz et al. (1980), que investigam itens a considerar neste tipo de estudo ou, por exemplo, Andrews e

Withey (1976), que chegaram à conclusão de que quatro variáveis explicam, em mais de metade, a qualidade de vida: conseguir algo, vida familiar, trabalho e segurança financeira.

Outros autores, como Cummins (1997) apresentam argumentos empíricos e teóricos para considerar na análise e propõem os seguintes domínios do bem-estar: bem-estar material; saúde, produtividade, intimidade, segurança, bem-estar comunitário e emocional.

As últimas definições correspondem à abordagem privilegiada neste estudo uma vez que permitem avaliar a qualidade de vida nas suas várias dimensões do bem-estar, associadas à felicidade e à satisfação com a vida, do ponto de vista do sujeito em análise, ou seja, os residentes do concelho de Loulé.

4.2.2. Medição da qualidade de vida

Para além da conceptualização teórica da temática da qualidade de vida, tratada no ponto anterior, outra questão que tem vindo a merecer cada vez mais atenção é a que respeita à sua medição.

Podem identificar-se, na revisão da literatura, duas grandes linhas de estudo no que respeita à medição da qualidade de vida: (1) por um lado, a que se dedica a conhecer e explicar a qualidade de vida das populações, normalmente aplicada a países e regiões, a qual desperta o interesse de todos aqueles que são responsáveis pelo desenvolvimento dos territórios e que tem vindo, também a nível académico, a ganhar importância; (2) por outro lado, a que se dedica ao estudo da qualidade de vida a nível individual ou de pequenos grupos que constituem, geralmente, exemplos paradigmáticos de grupos mais alargados, como sejam, por exemplo, grupos de estudantes universitários, pessoas mais idosas ou com doenças crónicas. São principalmente as áreas da psicologia e da saúde as que lideram estas investigações que, progressivamente, se têm estendido a outras áreas como a da sociologia e da economia,

aplicando-as, normalmente, a realidades particulares, como, por exemplo, as dos destinos turísticos.

As duas abordagens, pela sua aplicabilidade direta ao tema do presente estudo, são detalhadas em seguida, em primeiro lugar, de forma independente e, num segundo momento, integradas na sua articulação com o turismo e com os residentes dos destinos.

A qualidade de vida pode, na verdade, ser analisada sob o ponto de vista individual, familiar, comunitário ou social (Ducan, 1975; Metzen et al., 1997). No presente estudo, as abordagens em termos individuais e comunitários são as privilegiadas.

Em termos individuais podem considerar-se duas dimensões: 1) subjetiva *versus* objetiva; 2) reflexiva *versus* formativa. A este propósito, Sirgy (2001) subdivide estas dimensões de análise em quatro categorias: (i) indicadores reflexivos e subjetivos; (ii) indicadores reflexivos e objetivos; (iii) indicadores formativos e subjetivos; (iv) indicadores formativos e objetivos.

Para o autor, os indicadores reflexivos são medidas excêntricas do constructo e refletem uma visão unidimensional e a medida da qualidade de vida envolve, a maior parte das vezes, um item de medida. A medida, em si mesma, capta o constructo de uma forma global, não sendo uma composição de outras que tentem medir as suas dimensões. Pelo contrário, os indicadores formativos apresentam frequentemente uma visão multidimensional, uma vez que incluem as composições de várias dimensões que fazem parte do constructo e podem ser pensadas como determinantes do mesmo.

Relativamente à medição do bem-estar, os investigadores distinguem frequentemente dois aspetos: (1) o bem-estar em si mesmo, em que os inquiridos são questionados sobre a qualidade das suas experiências quotidianas, nomeadamente sobre a sua frequência e intensidade (por exemplo experiências de alegria, stress, tristeza, raiva ou carinho); (2) a avaliação da vida, em que os indivíduos são convidados a pensar sobre a sua vida em termos gerais e a avaliá-la utilizando uma escala que lhes é apresentada.

De acordo com Argyle (1996), a qualidade de vida é medida pelo conceito formativo e pelo bem-estar subjetivo, constituído pela felicidade, satisfação com a vida e ausência de doença e está associado ao conceito de qualidade de vida está associado às necessidades e desejos humanos e à experiência vivida.

No estudo da qualidade de vida e na sua medição, pode ser adotado um enfoque tradicional, que mede o conceito através de uma única variável e que, normalmente, tem um carácter económico ou um enfoque multidimensional, em que o número de variáveis a utilizar, para medir e analisar, se multiplica.

Neste estudo, a perspetiva que se adota é a última, a multidimensional, uma vez que se reconhece que a qualidade de vida depende de vários fatores que devem ser considerados, sendo entendida como um composto de elementos específicos e distintos da vida. Esta abordagem, fortemente influenciada pela psicologia, defende, como Campbell (1972) afirma, que a qualidade de vida deve ser considerada a partir dos olhos do indivíduo que, no caso do presente estudo, é o residente de um destino turístico.

A medição da qualidade de vida, de uma forma global, ou de um domínio específico da vida, pode ser realizada através de indicadores subjetivos ou objetivos (Sirgy e Samli, 1995), como foi já referido. Os indicadores objetivos são, como o próprio nome sugere, medidas desprovidas de avaliações subjetivas e, de acordo com Diener e Suh (1997), apresentam como grande vantagem o facto de poderem ser facilmente utilizados para medir e quantificar, sem estar sujeitos a apreciações individuais. No entanto, como Andrews e Withey (1976) advertem, estes indicadores possuem também limitações, sendo a principal o facto de poderem não exprimir a verdadeira experiência de bem-estar dos indivíduos.

Os indicadores subjetivos, pelo contrário, são baseados fundamentalmente em respostas psicológicas tais como a satisfação em geral com o trabalho, ou com a felicidade pessoal. Apesar de, à partida, poder parecer que os indicadores subjetivos são menos fiáveis cientificamente, o facto é que apresentam vantagens que se prendem com a sua capacidade de captarem as experiências individuais, com o facto de permitirem medir experiências de bem-estar e de poderem mais facilmente ser comparados, em

diferentes contextos, do que os indicadores objetivos que muitas vezes utilizam diferentes escalas de medição.

Diener e Fujita (1995), a propósito da medição da qualidade de vida, apontam, como principais problemas, entre outros, a dificuldade do efetivo uso de medidas subjetivas da qualidade de vida, as falhas de memória dos inquiridos ou a falta de explicitação das normas de comunicação. Como forma de colmatar as imprecisões destes indicadores os autores recomendam a utilização de vários métodos de medida da satisfação, a variedade de questões e a aplicação dos instrumentos de recolha de informação em vários momentos, associados a estados de humor ou circunstâncias diferentes dos inquiridos. Neste sentido, e com o intuito de identificar os principais fatores que influenciam o bem-estar subjetivo, Parker (1997) utiliza o método do caso de vida, um método de análise qualitativa, que consiste na recolha de narrativas históricas individuais. Os resultados indicam que a qualidade de vida das pessoas participantes no estudo é influenciada pelo sentimento de medo de perda da família, das relações sociais, do papel social desempenhado e da herança cultural para futuras gerações.⁵⁹

A presente investigação adota, em simultâneo, uma abordagem subjetiva e objetiva: (i) a abordagem subjetiva, na medida em que, ao estudar as perceções dos residentes sobre os impactos do turismo e sobre a sua qualidade de vida, a subjetividade é incontornável e determinante, uma vez que está associada às interpretações individuais; (ii) a abordagem objetiva, visto que, na análise, são também tidos em consideração indicadores de natureza objetiva, nomeadamente, ao caracterizar o objeto de estudo, determinando, através de medidas objetivas e a partir de dados secundários, o nível de desenvolvimento turístico das diversas zonas e a qualidade de vida dos seus residentes e questionando os inquiridos a propósito de elementos concretos da sua vida.

Destacam-se em seguida alguns dos contributos considerados mais relevantes na medição deste constructo, tendo em conta o objetivo do estudo da perceção da qualidade de vida por parte dos residentes de um destino turístico.

⁵⁹ Estudo desenvolvido em locais como Camboja, Laos, Vietnam, Minneapolis, EUA.

Assim, em primeiro lugar, identificam-se algumas iniciativas institucionais, associadas à medição da qualidade de vida no contexto das regiões e/ou dos países e do seu desenvolvimento sustentável e, em seguida, apresentam-se alguns estudos relevantes medição da qualidade de vida em termos individuais.

Medição nas regiões ou países

O indicador mais utilizado internacionalmente para medir o progresso económico dos países ou das regiões tem vindo a ser, desde a II Guerra Mundial, o Produto Interno Bruto (PIB), como atrás foi referido. Este indicador, utilizado como medida de crescimento macroeconómico e como a base do sistema de contas nacionais, permite a comparação internacional graças à sua metodologia rigorosa. Trata-se de um indicador que combina o valor total dos bens e serviços produzidos dentro do território económico de um país, num determinado período de tempo.

No entanto, ao longo dos anos, tem sido possível constatar que, por si só, este indicador não reflete a verdadeira natureza do progresso. Como principais problemas associados à utilização do PIB como único indicador, a literatura identifica a exclusão de alguns mercados e serviços⁶⁰, as possíveis falhas de cálculo e, principalmente, o facto de ser exclusivamente de natureza económica (Diener e Suh, 1997; Liu, 1979) .

Efetivamente, o PIB tem sido muito contestado por não contemplar os impactos negativos do crescimento económico, nomeadamente em termos ambientais, e por não ter em conta outros fatores que afetam o bem-estar das populações e a sustentabilidade dos territórios, nomeadamente as questões sociais, culturais e ambientais.

São cada vez mais discutidas medidas corretivas a este indicador que permitam avaliar a performance, não só a nível económico, mas também social e ambiental, acentuando a importância da medição da quantidade mas também da qualidade do crescimento. Esta necessidade enfatiza-se pelo facto de, como Andereck et al. (2005),

⁶⁰ Por exemplo mercados de serviços sociais e ambientais, falhas de cálculo, serviços não prestados e não identificados.

entre outros autores, fazem notar, apesar da produção de bens e serviços ter aumentado nos últimos quarenta anos nos Estados Unidos da América, os estudos sobre qualidade de vida revelam que esta tem vindo a declinar.

A criação de princípios orientadores para avaliação do progresso rumo ao desenvolvimento sustentável é fruto do trabalho de especialistas e académicos e tem resultado em diversas iniciativas, por parte de vários organismos e investigadores. Referem-se, em seguida, algumas das que se consideram mais importantes ao nível do estudo do desenvolvimento sustentável e da medição da qualidade de vida dos países e/ou das regiões.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), proposto pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano (Onu, 2011), introduzido na década de 1990, é um dos índices que se tornou uma referência mundial. Neste caso trata-se, como Andereck e Jurowski (2006) realçam, de um índice compósito, que avalia os resultados em três dimensões: (1) uma vida longa e saudável, calculada pela esperança de vida à nascença; (2) a educação, que tem em conta a taxa de literacia dos adultos; (3) o rendimento, PIB *per capita* (Massam, 2002, Onu, 2011). No entanto, também este índice se revela insuficiente para explicar a diversidade e complexidade de fatores que determinam o desenvolvimento dos países.

Outro índice que tem vindo a ganhar projeção mundial é o Gross National Happiness (GNH). Este índice mede a Felicidade Interna Bruta e tem as suas raízes na opinião expressa em 1972 pelo rei do Butão quando declarou que “A Felicidade Interna Bruta é mais importante que o Produto Interno Bruto”.

Na sequência desta nova visão, foi criado em 1999, o Centro para Estudos do Butão (CBS) e, a partir dessa altura, tendo em conta o conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB) vários projetos têm sido patrocinados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), visando a implementação do FIB não só no Butão mas também tendo como objetivo a sua disseminação pelo mundo⁶¹. O objetivo tem

⁶¹ A par destas iniciativas, têm vindo a ser realizadas diversas conferências internacionais sobre o FIB (no Butão, no Canadá, na Tailândia e no Brasil) e a ideia tem sido desenvolvida também associada a outros projetos em várias regiões e países.

sido desenvolver e constituir o FIB como um indicador socioeconómico, englobando também a sustentabilidade ambiental. As dimensões propostas pelo CBS para medir a FIB têm gerado um crescente interesse internacional, principalmente devido à abordagem holística adotada, que integra as aspirações individuais e nacionais e que não foi concebida para substituir o PIB mas sim para o complementar (Veenhoven, 2005).

O FIB é definido como o grau relativamente ao qual os cidadãos de um país apreciam a vida que vivem, sendo nesta linha defendido que a felicidade individual pode ser medida através de uma simples pergunta estandardizada e das respostas médias dos inquiridos, combinadas com a esperança de vida num determinado país. O índice que resulta desta combinação é expresso num número comparável entre os países, designado por Happy-Life-Years (HLY), que demonstra até quando e quão felizes os indivíduos vivem.

Os nove domínios considerados no FIB foram desenvolvidos por uma equipa de especialistas internacionais a trabalhar em conjunto sobre a felicidade para o Centro para Estudos do Butão: nível de vida económico, governação, educação, saúde, vitalidade comunitária, resiliência ambiental, acesso à cultura, gestão equilibrada do tempo e bem-estar psicológico. Este grupo considera que os fatores que contribuem para a felicidade são os mesmos nas diversas culturas, não excluindo as possíveis diferenças na ênfase colocada nos diferentes indicadores, defende ainda a ideia de criar uma estrutura transcultural com base empírica, não baseada na filosofia tradicional ou na religião budista mas em pesquisas científicas sobre felicidade feitas através de várias culturas e crenças religiosas para garantir a sua universalidade e utilidade (GNH, 2012).

Outros contributos importantes na área da medição do desenvolvimento sustentável e da qualidade de vida são o designado Calvert-Henderson Quality of Life Indicators (CHQLI, 2012)⁶² e o Genuine Progress Indicator (GPI) (Pembina, 2001), desenvolvido em Alberta, no Canadá, a partir de 1995. Este último índice utiliza cinquenta e um indicadores económicos, sociais e ambientais para medir a forma como os indivíduos, as famílias e as comunidades se estão a “sair bem”. O GPI inclui, entre

⁶² Os indicadores da qualidade de vida - Quality Calvert-Henderson, publicado pela primeira vez em 2000 em forma de livro, são o resultado de um estudo de seis anos por um extenso grupo multidisciplinar constituído por profissionais e académicos, por agências governamentais, empresas com fins lucrativos e organizações sem fins lucrativos a partir do reconhecimento da necessidade de encontrar formas mais rigorosas de medir a qualidade de vida dos indivíduos em contexto social.

outros, indicadores tais como a distribuição do rendimento, o trabalho doméstico, o voluntariado, a educação, o crime, o esgotamento de recursos, a poluição, os danos ambientais a longo prazo, as mudanças no tempo livre, as despesas defensivas, a dependência do exterior, proporcionando assim informação detalhada sobre o progresso.

Também o Banco Mundial propõe um índice, o Genuine Saving Indicator (GS) (WB, 1995) que, segundo Andereck e Jurowski (2005), conta apenas em 20% com os bens e serviços produzidos (correspondentes ao produto interno bruto) e valoriza fortemente outros aspetos que não os económicos. As autoras lembram que Massam (2002) já havia realçado que, para medir a prosperidade do estado, deverão ser utilizados indicadores associados às famílias, às comunidades, às instituições, ao ambiente, aos recursos humanos e ao capital social.

Outro índice com relevância nesta área é o Happy Planet Index (HPI), da New Economic Foundation (NEF), (Marks, 2006). Trata-se de um índice de medida da eficiência que tem em consideração o grau em que os indivíduos têm uma vida longa e feliz, e é obtido através da satisfação com a vida e da esperança de vida, na sua relação com o impacto ambiental. Este índice é representado do seguinte modo:

Figura 4.1 – Índice de felicidade do planeta

$$\text{Índice de Felicidade do Planeta} \cong \frac{\text{Número de anos de vida felizes}}{\text{Pegada ecológica}}$$

Fonte: Adaptado de NEF (2009)

Outros indicadores desenvolvidos com este intuito de medição da qualidade de vida dos países são, por exemplo, o LPI - Living Planet Index, que se posiciona mais no contexto ambiental e o WN – The Well-being of Nations que inclui também as questões do desenvolvimento humano e da conservação ambiental para a avaliação do bem-estar.⁶³

⁶³ O WN – The Well-being of Nations avalia 180 países e mede o desenvolvimento humano e a conservação ambiental por meio do método de avaliação do bem-estar. Este índice tem o objetivo de promover altos níveis de bem-estar humano e do ecossistema, demonstrar a aplicabilidade prática e o potencial do método de avaliação de bem-estar e encorajar países, comunidades e

Uma das iniciativas mais importantes, na área da qualidade de vida, é a da Organização Mundial de Saúde, que desenvolveu um instrumento de medida da Qualidade de Vida, através da aplicação, desde 1991, de um questionário denominado WHOQOL-100 (The WHOQOL Group, 1995)⁶⁴. Trata-se de um instrumento que avalia a qualidade de vida em termos pessoais, acentuando aspetos relacionados com a saúde mental e física, numa abordagem holística que integra as condicionantes sociais e de contexto, mas que pretende e permite, com ligeiras adaptações, estabelecer comparações entre os países, uma vez que o mesmo instrumento é aplicado internacionalmente. Este instrumento inclui, à semelhança de outros nesta área: (i) os domínios objetivos - como por exemplo a ausência de doença, a energia que se possui, a oportunidade de dormir ou repousar, a capacidade de trabalho, a mobilidade pessoal ou a independência (Álvarez et al., 2010; Fleck et al., 1999; Pukeliene e Starkauskiene, 2009; Skevington et al., 2004); (ii) os domínios subjetivos – relacionados, por exemplo, com emoções e sentimentos, com a autoestima e a capacidade para aprender (Chen e Yao, 2010; Pukeliene e Starkauskiene, 2009).

Outras referências são ainda o Index of Sustainable Economic Welfare (ISEW), que se baseia na necessidade de identificar uma combinação de indicadores que se influenciam mutuamente e que afetam os norte-americanos em todos os estágios de sua vida ou em cada um deles: infância, juventude, idade adulta, velhice Daly e Cobb (1989) e o Sustainable Net Benefit Index (SNBI) que vem dar resposta à necessidade de análise custos/benefícios em relação ao ambiente Lawn e Sanders (1999) e Lawn (2003).

Especificamente dedicado ao estudo da felicidade, nesta perspetiva de comparação entre os países, o World Database of Happiness, desenvolvida por Veenhoven (2010), é a principal referência. Neste centro de estudos, Veenhoven associa autores de diversas proveniências científicas e geográficas e explora, fundamentalmente, como a sua designação indica, a questão da felicidade, no contexto da qualidade de vida dos países e regiões.

corporações a realizar suas próprias avaliações de bem-estar. Pretende aumentar a consciencialização sobre a necessidade de planeamento e gestão do desenvolvimento humano e da proteção ao ecossistema.

⁶⁴ O instrumento de medida da qualidade de vida conta com duas versões, uma mais extensa (WHOQOL-100) e outra mais resumida (WHOQOL-Bref), ambas para aplicação em vários contextos e em vários países, com as devidas adaptações da responsabilidade das equipas responsáveis pelas traduções.

Outro estudo de referência nesta área do desenvolvimento e da qualidade de vida é o elaborado pela Comissão para a Mensuração do Progresso Económico e Social, presidida por Joseph Stiglitz (Stiglitz et al., 2009)⁶⁵. Este estudo, de 2009, surge por solicitação de Nicholas Sarkozy, então presidente de França⁶⁶, e resulta na elaboração de um relatório onde se identificam as limitações do PIB e avalia a viabilidade de medidas alternativas ou complementares. No que respeita às críticas apresentadas neste relatório relativamente ao PIB, podem-se apontar como exemplos, o facto de se reconhecer que o PIB não tem em conta a distribuição e a sustentabilidade, não contabiliza várias atividades que têm lugar fora do mercado e têm um contributo grande para o bem-estar individual e social como, por exemplo, o trabalho doméstico, a ajuda de vizinhos ou de outras pessoas, os cuidados com crianças e o trabalho voluntário (Stiglitz et al., 2009).

O relatório realça a importância de medir o bem-estar das pessoas em vez da produção e, nesse sentido, propõe três conjuntos de indicadores do progresso: (1) PIB revisto; (2) indicadores objetivos da sustentabilidade ambiental; (3) indicadores do bem-estar e para a felicidade (conceito este semelhante ao da Felicidade Interna Bruta).

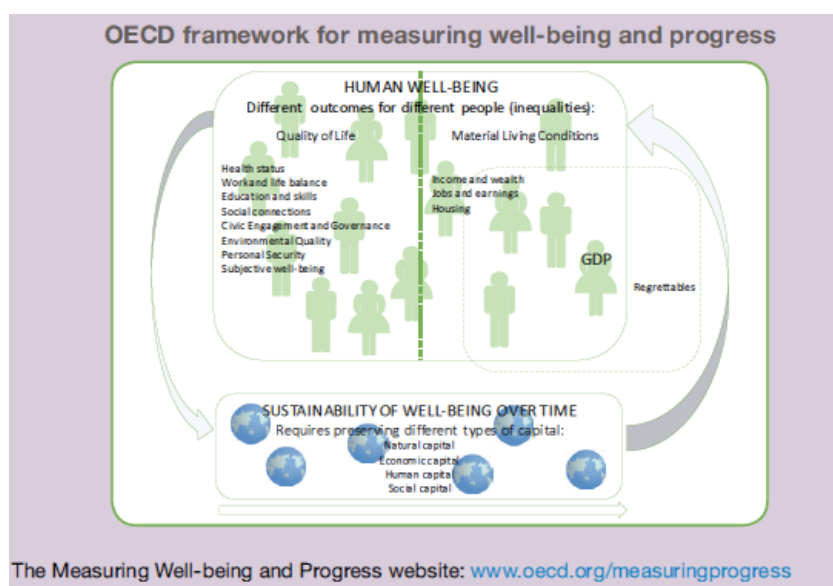
A comissão Stiglitz propõe ainda que sejam consideradas, em particular, oito áreas da qualidade de vida: (1) nível de vida material, como, por exemplo, o rendimento, a riqueza, o consumo; (2) saúde; (3) educação; (4) atividades pessoais (incluindo o trabalho); (5) política e governança; (6) relações sociais e contactos; (7) ambiente (condições presentes e futuras); (8) insegurança (económica e física).

Para a OCDE uma das suas prioridades-chave é medir o bem-estar e o progresso. Esta organização realça que se devem adotar indicadores sociais e subjetivos, mais diretamente relacionados com a vida das pessoas, para além dos habituais indicadores quantitativos como, por exemplo, o rendimento (OECD, 2011). Neste sentido, a OCDE propõe um *framework* para a medição do bem-estar e do progresso que contempla as condições de vida materiais, a qualidade de vida e a sustentabilidade, como se pode observar na figura 4.2..

⁶⁵ A comissão é constituída, para além do seu coordenador, Joseph Stiglitz, prémio Nobel da economia, por outros profissionais reconhecidos na área.

⁶⁶ Nicholas Sarkozy

Figura 4.2 – Enquadramento da OCDE para a mensuração do bem-estar e do progresso



Fonte: OECD (2011)

O estudo dirigido por Cummins (1997), sobre a qualidade de vida na Austrália, fornece também contributos extremamente relevantes para a análise da qualidade de vida e propõe uma escala que incorpora a conceção contemporânea da qualidade de vida pelo que possui as seguintes características: (a) é multidimensional; (b) é multiaxial⁶⁷; (c) pode ser aplicada a qualquer parte da população⁶⁸; (d) é psicométrica⁶⁹; (e) a soma dos scores dos vários domínios pode ser comparada com o valor padrão.

Este instrumento é baseado nas seguintes preposições: (1) a qualidade de vida pode ser descrita de forma objetiva e subjetiva; (2) cada aspeto, objetivo e subjetivo, é composto por sete domínios: bem-estar material; saúde; produtividade; intimidade; segurança; lugar comunitário; bem-estar emocional; (3) a medição de cada domínio da qualidade de vida, obtido através de um score agregado dos índices mais relevantes em cada domínio (por exemplo, o bem estar material é medido pelo score agregado que

⁶⁷ A escala é multiaxial porque compreende duas formas: a primeira é a que respeita, em separado, as componentes subjetiva e objetiva, constituindo o conjunto das duas, o constructo da qualidade de vida; a segunda resulta da avaliação independente das medidas subjetivas pois considera-se a importância e a satisfação expressa pelos indivíduos em relação aos aspetos em análise.

⁶⁸ Foram desenvolvidos instrumentos específicos para adultos, jovens e pessoas com deficiências.

⁶⁹ A escala é fiável, estável, válida e sensível.

resulta do rendimento, do tipo de casa e das posses pessoais; (4) a medição de cada domínio da qualidade de vida é atingido pela obtenção do score de satisfação do domínio, ponderado pela importância percebida deste domínio para o indivíduo Cummins (1997). Assim, a expressão que o autor utiliza para medir a satisfação global com a qualidade de vida (SQOL) é:

$$SQOL = \sum (\text{domínio satisfação} \times \text{domínio importância}).$$

Na Europa pode-se identificar um outro estudo de referência, dirigido pela Comissão Europeia, que tem como objetivo constituir-se como um instrumento de monitorização compatível com a missão da Comissão Europeia de promover a melhoria das condições de trabalho (Eurofound), de disponibilizar informação relevante aos responsáveis políticos, quer autoridades públicas quer parceiros sociais, especialmente no espaço europeu. Também este organismo foca a sua atenção mais na qualidade de vida do que nas condições de vida e refere que mede “resources and living conditions through objective and descriptive indicators, [it] also incorporates subjective information” (Anderson et al., 2009).

Em Portugal podem destacar-se três estudos nesta área, aplicados aos municípios do país, os quais, embora reconheçam a relevância de considerarem indicadores objetivos e subjetivos na avaliação da qualidade de vida, se consubstanciam fundamentalmente como abordagens económicas e políticas com vista ao planeamento e ao desenvolvimento dos territórios.

O primeiro, o estudo de Ferrão (2004) realça a importância de três aspetos fundamentais para orientar o estudo da qualidade de vida: a necessidade de valorizar as

dimensões do bem-estar subjetivo; a necessidade de avaliar o desempenho a partir de uma bateria alargada de indicadores e a necessidade de integrar as preocupações da sustentabilidade.

O segundo, de Manso e Simões (2007:21-22) propõe uma única medida que permita estabelecer um ranking de bem-estar e qualidade de vida nos municípios portugueses e, neste sentido, consideram três domínios: (i) as condições materiais onde incluem os equipamentos de comunicação, culturais, de saúde, educativos e infraestruturas básicas; (ii) as condições sociais, onde os autores consideram os indicadores associados à dinâmica cultural, educação, população, saúde, segurança e ambiente; (iii) as condições económicas, que englobam o dinamismo económico, os mercados de habitação e de trabalho e o rendimento/consumo. Após a análise dos dados, os autores identificam três fatores relativamente aos quais destacam “as variáveis que têm mais em comum com cada um deles”: fator 1 “Educação e Emprego”- educação, população, mercado de trabalho, rendimento/consumo; fator 2 “Infraestruturas”- equipamentos culturais, de saúde e infraestruturas básicas; fator 3 “Ambiente Económico e Habitacional” - ambiente, dinamismo económico e mercado de habitação (Manso e Simões, 2007: 34).

O terceiro estudo, de Palma e Lopes (2008),⁷⁰ intitulado *Os Municípios e a Qualidade de Vida em Portugal*, realça as vantagens deste tipo de estudo para os municípios por vários motivos: (1) permitir atrair recursos humanos e atividades sociais e empresariais conducentes ao desenvolvimento económico e social das regiões; (2) facilitar a implementação de planos concretos de ação para a melhoria da qualidade de

⁷⁰ Estudo que utiliza como referência fundamental o *Second European Quality of Life Survey Overview* (2009) da Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Trabalho e de Vida.

vida; (3) possibilitar a identificação, do ponto de vista das empresas, das zonas de concentração das pessoas que pretendem atrair; (4) fomentar a deslocação dos indivíduos para concelhos que mais se adequam às suas necessidades, de uma forma informada e esclarecida. Os autores consideram três pilares: as condições objetivas de vida (*having*), condições objetivas e oportunidades disponíveis nos municípios; o bem-estar subjetivo (*being*), satisfação com as condições objetivas da vida e felicidade com a vida em geral; qualidade percebida das relações (*loving*), relações entre diferentes grupos sociais e culturais (por exemplo, grupos étnicos, religiosos ou estrangeiros). Os domínios considerados por estes autores para o estudo da qualidade de vida são: felicidade; saúde; urbanismo e arquitetura; ambiente, acessibilidade e transportes; turismo; economia e emprego; ensino e formação e, por fim, identidade, cultura e lazer, diversidade e tolerância.

Medição ao nível dos indivíduos

Até muito recentemente os cientistas sociais evitavam discutir o tema da felicidade, facto este em grande medida justificado pela ideia da dificuldade em medi-la. Como Myers e Diener (1996) enfatizam, no período de 1967 a 1994, a partir da análise dos abstracts dos 46.300 artigos indexados na área da psicologia, apenas 2.389 falavam de felicidade, contra, por exemplo, os que se referiam à depressão que somavam 36.851. Contudo, como os mesmos autores referem que, nas últimas décadas, a pesquisa na perspetiva hedónica teve um crescimento acentuado e as publicações em revistas científicas aumentaram. Novos métodos e técnicas de estudo, como, por exemplo, o imageamento por ressonância magnética ou a tomografia cerebral, a eletromiografia, os

níveis hormonais e a utilização de questionários de avaliação do bem-estar subjetivo, têm permitido realizar estudos científicos neste domínio, comparar resultados em grupos distintos e verificar que efetivamente a felicidade pode ser medida.

O estudo da qualidade de vida ao nível dos indivíduos é normalmente abordado sob a designação de bem-estar ou de felicidade e os investigadores questionam-se sobre o que a determina, argumentando que a habilidade para se ser feliz e para se estar satisfeito com a vida constitui um critério central da adaptação humana e da saúde mental, ver por exemplo Diener (1984), Taylor e Brown (1988).

Uma das técnicas mais utilizadas para medir a felicidade, por parte dos investigadores, é a que consiste em pedir às pessoas para exprimirem os seus sentimentos de felicidade ou infelicidade e classificarem, de forma global, quão feliz é a sua vida. Estes indivíduos, quando acompanhados ao longo de alguns anos, revelam consistência nas suas respostas.

Myers e Diener (1996) referem que, como principais resultados de mais de uma década de estudos científicos efetuados, de uma forma geral, os indivíduos se identificam como sendo mais felizes do que o que se poderia supor à partida. Para além desta conclusão genérica, os autores realçam que aqueles que se sentem felizes e satisfeitos são mais próximos dos seus amigos e familiares, experimentam mais emoções positivas e sorriem mais no seu quotidiano do que aqueles que se reconhecem como menos felizes ou infelizes. Em vários domínios do bem-estar os autores identificam que os indivíduos que se reconhecem como felizes são menos depressivos, menos confusos, menos hostis e menos suscetíveis às doenças. Os autores realçam ainda como conclusões dos seus estudos que: (i) estratégias diferentes para medir a felicidade

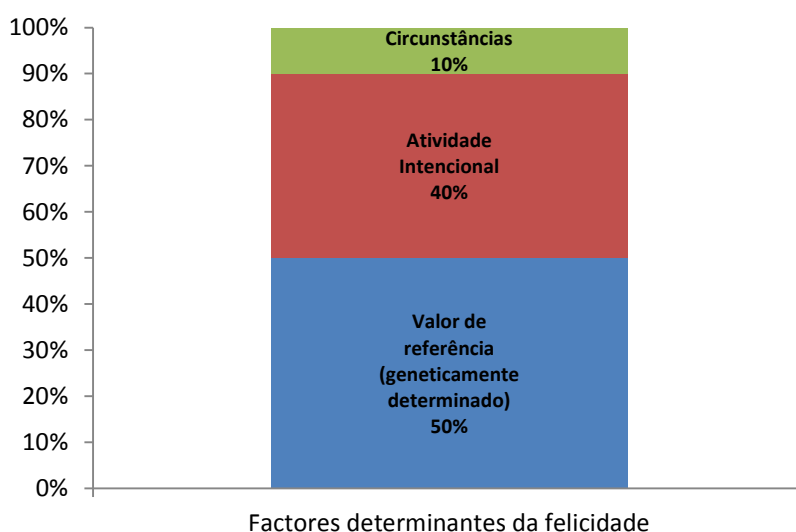
chegam ao mesmo tipo de resultados; (ii) a felicidade se manifesta da mesma forma em todas as idades, níveis económicos, raças e níveis de educação (Okun et al., 1984); (iii) o estado civil influencia o nível de felicidade - as pessoas casadas apresentam níveis de felicidade mais elevados dos que as que nunca o foram; (iv) a religiosidade e espiritualidade são fatores importantes que incrementam a felicidade.

Também Seligman (2004) dá destaque à variabilidade de fatores com maior e menor influência na felicidade do indivíduo. Para este autor os resultados são coincidentes com os da maioria dos estudos. Seligman afirma que: (i) a propósito da riqueza, “em nações muito pobres, onde a pobreza ameaça a própria vida, ser rico antecipa um maior bem-estar. Contudo, em nações mais ricas, onde quase toda a gente tem uma rede de segurança básica, os aumentos no que diz respeito à riqueza têm efeitos negligenciáveis na felicidade pessoal” Seligman (2004:76); (ii) o casamento está fortemente relacionado com um aumento da felicidade, mas o autor não deixa de realçar que, entre os casados, os que têm casamentos “não muito felizes” revelam níveis mais baixos de felicidade do que os não casados ou divorciados; (vi) a vida social tem um efeito muito positivo na felicidade; (v) existe apenas uma correlação negativa moderada entre a emoção negativa e positiva, o que significa que quem tem muitas emoções negativas não quer dizer que tenha poucas positivas e vice-versa; (vi) a idade afeta não tanto a felicidade mas a intensidade das emoções; (vii) na saúde, o que determina a felicidade é efetivamente a forma como ela é avaliada pelo sujeito e não pelo médico; daí que um indivíduo com uma doença grave que seja internado possa sentir-se muito mais feliz após sair do hospital do que um outro com várias doenças; (viii) os fatores educação, clima, raça, género não se revelam determinantes para a felicidade; (ix) a religião está relacionada com o aumento da felicidade.

Lyumbomirsky et al. (2005) identificam três fatores determinantes da felicidade, que vêm corroborar os resultados obtidos por autores já referidos, como Argyle (1999), Diener et al. (1999): o valor de referência, a atividade intencional e as circunstâncias.

Os resultados deste estudo, representado no gráfico abaixo, revelam que, mesmo depois de ter em conta a personalidade dos indivíduos, determinada geneticamente (50%), e as circunstâncias da vida de cada um (10%), ainda existem 40% de fatores que determinam a felicidade e que dependem do comportamento e da vontade do indivíduo, ou seja, das suas ações deliberadas e quotidianas. Estes fatores podem ser controlados pelos indivíduos e podem constituir o caminho para a construção da felicidade ou bem-estar.

Figura 4.3 – Fatores determinantes da felicidade



Fonte: Elaboração própria a partir de Lyumbomirsky et al. (2005)

Os autores identificam, com base em investigações científicas realizadas junto de pessoas felizes, um conjunto de comportamentos a implementar no quotidiano, conducentes ao aumento da felicidade, que vêm reforçar as investigações referidas anteriormente por Myers e Diener (1996). A literatura revela que as pessoas mais

felizes, participantes dos estudos, são geralmente as que apresentam as características que se enumeram (Lyumbomirsky, 2001):

- Dedicam muito do seu tempo à família e aos amigos. Fortalecem as suas relações sociais e desfrutam delas;
- Expressam a sua gratidão pelo que têm e sentem-se bem com isso;
- São normalmente solidárias, oferecendo os seus préstimos a conhecidos e desconhecidos de forma espontânea;
- Imaginam o futuro com otimismo;
- Vivem o presente e saboreiam os prazeres da vida;
- Têm o hábito de fazer exercício físico regularmente;
- Encontram-se comprometidos com objetivos e ambições que querem cumprir na vida (como, por exemplo, combater a fraude, educar os filhos, transmitir determinados valores);
- Enfrentam com otimismo as adversidades das suas vidas.

Lyumbomirsky (2001), que utiliza o termo felicidade para se referir à experiência de alegria, satisfação ou bem-estar positivo, combinada com a sensação de que a vida é boa e vale a pena, lembra que, em termos académicos, muitas vezes a felicidade é designada pela expressão bem-estar subjetivo ou simplesmente bem-estar. Para a autora a felicidade humana é um *continuum*, que varia entre o muito pouco feliz, o muito feliz e extremamente feliz. Assim, como para outros estudiosos da matéria, a felicidade define-se em termos de frequência de afetos positivos, altos níveis de satisfação e ocasionais afetos negativos (Diener, 1984; Diener, 1994; Diener et al., 1999; Lyumbomirsky et al., 2005).

Lyumbomirsky (2001), para a avaliação da felicidade, propõe uma escala, a escala da felicidade subjetiva, em que o respondente tem que assinalar um dos sete pontos referentes ao menor ou maior nível de felicidade sentido, para cada uma das quatro afirmações apresentadas.⁷¹

⁷¹ Aos participantes dos estudos a quem esta escala foi apresentada é pedido, em primeiro lugar, que indiquem como se consideram em termos gerais e em comparação com os seus semelhantes, utilizando para o efeito uma escala de 1 a 7, em que 1 corresponde a não muito feliz e 7 a muito feliz. Em segundo lugar, é pedido que respondam até que ponto a seguinte descrição é válida para elas: “Algumas pessoas são geralmente muito felizes. Apreciam a vida, independentemente do que se passe à sua volta, aproveitando-a ao máximo”. Neste caso é utilizada uma escala onde 1 significa quase nada e 7 significa bastante. Por fim, perante a frase “Algumas pessoas são geralmente muito infelizes e, embora não estejam deprimidas, nunca parecem tão alegres como poderiam estar”, pede-se, de novo, para os indivíduos dizerem até que ponto a descrição é válida para o seu caso, sendo a escala neste caso utilizada a que faz corresponder a 1, “Bastante” e a 7, “Quase nada”.

A investigação conduzida por Lyumbomirsky (2001) refuta alguns mitos, que de certa forma se contradizem, sobre a felicidade: Mito 1 - A felicidade pode ser “encontrada”: as investigações científicas comprovam que 40% da nossa felicidade é determinada por uma atividade deliberada, não resulta do acaso, mas depende de cada indivíduo; Mito 2 – A felicidade é possível se alterarmos as circunstâncias: a investigação revela que apenas 10% da nossa felicidade depende das circunstâncias; Mito 3 – A felicidade ou se tem ou não se tem: mais uma vez, a ciência tem vindo a comprovar que podemos alterar a nossa programação genética, o que faz com que nem tudo seja adquirido à nascença.

Um aspeto muito relevante no estudo da felicidade é o que se prende com a adaptação hedonista. Esta ideia está precisamente associada a um dos mitos anteriores: a ideia que prevalece de que os indivíduos só poderão ser felizes se mudarem as circunstâncias da sua vida. Na verdade, a ciência revela que as mudanças na vida dos indivíduos têm muito pouca importância devido ao que os psicólogos designam por “adaptação hedonista”, ou seja, a capacidade dos seres humanos se acostumarem rapidamente às mudanças sensoriais e /ou fisiológicas. Esta adaptação hedonística ocorre devido a dois fatores principais: (1) o aumento das aspirações – uma vez que, quando nos habituamos a uma situação que inicialmente era diferente e melhor que a anterior, essa nova situação passa a ser sentida como natural. Sentimos uma espécie de “normalidade progressiva”; (2) a comparação social - porque constantemente nos comparamos, consciente ou inconscientemente, com os nossos amigos, vizinhos de bairro, pessoas a quem atribuímos importância.

A adaptação hedonística tende a eliminar a felicidade e a satisfação perante qualquer acontecimento ou alteração da vida mas, por outro lado, também ajuda o indivíduo a ultrapassar as dificuldades, porque se adapta a estas. Para melhor esclarecer este fenómeno, os investigadores, no estudo da felicidade, testam a relação entre a felicidade e variadíssimos domínios da vida tais como a riqueza material, a beleza, o casamento, a idade, a gratidão, o otimismo, a comparação social, a generosidade, o

apoio social, o perdão, as experiências de fluxo⁷² (Csikszentimihalyi, 1998), os objetivos na vida (intrínsecos, extrínsecos), a espiritualidade, a atividade física.

Recentemente, foi criado em 2011, em Portugal, o Instituto da Felicidade, promovido pela Coca-Cola (2011) e que se baseia em estudos científicos e pretende congrega investigadores da área. Lê-se na sua página da internet que “tem como objetivo a divulgação e a difusão de conhecimento sobre a felicidade com a finalidade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos portugueses.” Os responsáveis pelo instituto em Portugal⁷³ afirmam: “O nosso trabalho visa investigar e dar a conhecer melhor as variáveis que influenciam a felicidade dos portugueses”.⁷⁴

O primeiro estudo deste instituto em Portugal⁷⁵ refere, entre os aspetos importantes, que a investigação científica sobre a felicidade identifica quatro dimensões: a felicidade em geral (observada através da medida da satisfação com a vida como um todo e a existência de energia para efetuar as tarefas diárias); a felicidade hedónica (observada através da medida da avaliação positiva das pequenas coisas do quotidiano e da consideração dos maus momentos em cada dia; a felicidade social (observada através da medida em que as pessoas avaliam que a sociedade em que vivem lhes permite realizar o seu potencial; a felicidade eudaimónica (observada através da medida em que as pessoas avaliam a utilidade e valor das suas vidas, da satisfação consigo mesmos, de considerarem que as suas vidas estão cheias de experiências e desafios que os fazem crescer, da ligação com as outras pessoas à sua volta, da possibilidade de resolver a maior parte dos seus problemas diários e da capacidade de serem elas próprias em áreas importantes das suas experiências).

⁷² Estas experiências enquadram-se na teoria designada por *flow theory*, uma teoria proposta por Mihaly (Csikszentimihalyi, 1998), na área da psicologia positiva e que tem sido amplamente referenciada em várias áreas de estudo. Para o autor, o fluxo é o foco motivacional completo do indivíduo e a sua imersão total e feliz numa atividade. É o estado em que uma pessoa se encontra, resultante da prática de uma atividade em que está totalmente imerso com um sentimento agradável. Trata-se da situação em que a energia está totalmente focalizada na atividade e o envolvimento do indivíduo é total e feliz.

⁷³ Helena Águeda Marujo e Luís Miguel Neto, professores universitários, membros do Board of Directors da International Positive Psychology Association, membros da Comissão Científica da Associação, Portuguesa de Estudos e Intervenções em Psicologia Positiva. Millward Brown é a entidade responsável pela investigação.

⁷⁴ Os autores acrescentam ainda que “de repente, a ciência entrou decidida pela felicidade adentro. [...] Saiu das margens da filosofia, da religião [...] e galgou a economia, a política, a psicologia, o marketing.”

⁷⁵ Avaliação subjetiva da felicidade dos Portugueses: um estudo do Instituto da Felicidade Coca-Cola Portugal.

4.3. Qualidade de vida e impactos do turismo - percepção dos residentes

Este ponto aborda as questões da qualidade de vida, associadas aos impactos do turismo, adotando a perspectiva dos residentes, uma vez que esta é a vertente explorada neste estudo.

A relação da qualidade de vida dos residentes de um destino com o desenvolvimento turístico dos territórios tem merecido, como atrás se referiu, um interesse crescente nos últimos anos, à semelhança do que ocorre com o estudo sobre a qualidade de vida ou o turismo, em termos globais (Carneiro e Eusébio, 2011; Constanza et al., 2007; Pukeliene e Starkauskiene, 2009; Sirgy et al., 2006). Trata-se, como Andereck et al. (2007) afirmam, de uma questão cada vez mais debatida nas comunidades residentes, entre académicos de diversas áreas científicas e nos domínios económico e político.

Apesar do crescimento do interesse pelo estudo da qualidade de vida nas últimas décadas, a investigação nestas áreas tem assentado essencialmente em medidas quantitativas e em áreas específicas de investigação tais como a medicina ou a psicologia (Carneiro e Eusébio, 2011; Constanza et al., 2007; Pukeliene e Starkauskiene, 2009; Sirgy et al., 2006)

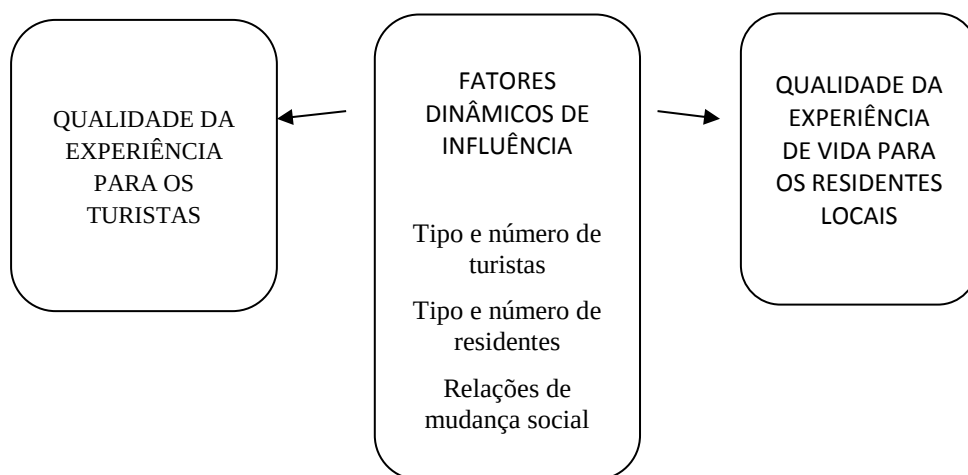
No entanto, é reconhecido como determinante, na investigação da qualidade de vida, a inclusão de medidas subjetivas para um mais aprofundado conhecimento deste constructo e para a identificação de medidas que permitam aumentar a qualidade de vida dos indivíduos. De facto, investigadores e atores locais, representantes de diferentes papéis sociais, reconhecem, por um lado, que a qualidade de vida e o bem-estar de uma comunidade dependem do desenvolvimento do território e que, em simultâneo, os seus impactos também muitas vezes se repercutem negativamente nessa mesma comunidade; por outro lado, é também consensual que a qualidade de vida das comunidades influencia o desenvolvimento turístico, favorecendo-o ou dificultando-o. Andereck e Jurowski (2006:137) reforçam a importância de investigar a qualidade de vida: “it is particularly important for tourism development programs to address quality-of-life issues because quality experiences depend on a receptive host population and an attractive natural environment”. Na verdade, os turistas podem ter as suas férias estragadas ou melhoradas por influência dos residentes e estes podem ver a sua vida

quotidiana enriquecida ou degradada devido ao fluxo interminável de turistas (Ap, 1992; Carmichael, 2006; Carr, 2006; Knox, 1982).

Bramwell (2003) questiona-se sobre as razões pelas quais a qualidade da experiência percebida pelos turistas pode ter correspondência idêntica com a dos residentes do destino e a literatura realça a influência de múltiplos aspetos que influenciam a atitude dos residentes face ao turismo e à sua qualidade de vida, enfatizando que estes aspetos devem ser levados em consideração nos estudos a empreender.

Neste contexto, segundo Carmichael (2006), há um conjunto de fatores comuns que influenciam, de forma dinâmica e simultaneamente, a qualidade da experiência turística e a qualidade de vida dos residentes de um destino turístico: (i) o número e tipo de residentes; (ii) o número e tipo de turistas; (iii) as relações sociais de troca entre residentes e turistas; (iv) as representações sociais dos sujeitos envolvidos e (v) o tipo de desenvolvimento turístico.

Figura 4.4 – Relação entre a qualidade da experiência turística e a qualidade de vida dos residentes



Fonte: Adaptado de Carmichael (2006)

A autora realça também o facto de, na literatura, a utilização explícita do conceito de qualidade de vida nos estudos nas áreas das perceções, atitudes e impactos do turismo, nem sempre ocorrer, apesar da sua presença está implícita na sua maioria Carmichael (2006).

Um outro conceito que tem vindo a ganhar relevo no contexto da literatura na área da qualidade de vida é o de *livability*, proposto por Veenhoven (2000:5), para quem o termo se “refere explicitamente a uma característica do ambiente e não tem uma conotação limitada apenas a condições materiais”. Não existindo em português tradução exata para esta expressão propõe-se neste estudo a utilização do termo em inglês ou a introdução do termo *vivabilidade*. Por *livability* ou *vivabilidade* entende-se o conjunto das condições de vida e habitabilidade, constituindo um ambiente globalmente favorável à vivência do lugar.

Na verdade, o termo qualidade de vida é também utilizado por políticos e economistas para medir a *liveability* de um lugar. Duas medidas conhecidas da *liveability* são o Economist Intelligence Unit's Quality-of-life Index e os Mercer's Quality of Living Reports. As duas medidas calculam a *liveability* dos países e das cidades em todo o mundo através de uma combinação da satisfação subjetiva com a vida e das determinantes objetivas da qualidade de vida, tais como as taxas de divórcio, a segurança e as infraestruturas. Estas medidas dizem mais respeito à qualidade de vida das populações de uma cidade ou de um país do que à qualidade de vida a nível individual.

O conceito de *livability* revela-se importante no contexto do presente estudo uma vez que, como foi referido em capítulos anteriores, a ligação do residente ao local onde vive, a importância da sua qualidade de vida, satisfação e felicidade e uma experiência positiva por parte do turista, são resultado e condicionam o ambiente do lugar, sendo este fundamental para ambas as partes. De facto, um lugar aprazível e convidativo para se viver é um lugar interessante e acolhedor para visitar. Se os residentes gostam de viver onde vivem e se, para além disso, participam e apoiam o desenvolvimento do turismo na sua área de residência, haverá experiências mais positivas para os turistas e a atividade tende a desenvolver-se.

O conceito de *vivabilidade* assenta nesta relação positiva existente entre variáveis objetivas e subjetivas que podem ser medidas individual e coletivamente num determinado lugar, que, no caso deste estudo, é um destino turístico. Quando se fala de *vivabilidade* considera-se, por um lado, os factos observáveis e os indicadores objetivos

da qualidade de vida (como, por exemplo, o número de parques, as infraestruturas e a habitabilidade das casas). Por outro lado, são também tidos em conta os indicadores subjetivos que afetam a vida dos lugares, como por exemplo a atmosfera do local, as relações sociais, os acontecimentos do dia-a-dia ou os eventos.

Defende-se também neste estudo que estes requisitos não passam apenas pelas condições materiais necessárias à vida mas também por uma multiplicidade de fatores conjugados que conferem ao lugar características únicas e favoráveis à vivência quotidiana e à experiência turística, uma vez que a vivabilidade de um lugar favorece a qualidade de vida dos residentes e promove o desenvolvimento do turismo. Neste contexto, Andereck et al. (2007) lembram que vários investigadores realçam que os residentes locais devem ser envolvidos no desenvolvimento turístico, inclusivamente como parte integrante do “recurso turístico”.

Como Moscardo (2006) faz notar, existe consenso na literatura no que respeita às componentes principais a considerar para classificar e medir a qualidade de vida. A autora realça ser fundamental ter em consideração variáveis tais como as necessidades fisiológicas básicas, de segurança, de pertença e autoestima, mas enfatiza, contudo, a necessidade de algumas adaptações do estudo da qualidade de vida quando aplicado ao contexto turístico, no sentido de tornar a linguagem, as técnicas e os métodos mais adaptados ao fenómeno. Citando Vemuri e Costanza (2006), Moscardo (2009) sugere também que se considerem, no destino turístico, cinco tipos de necessidades humanas: as sociais, as pessoais, as físicas, as financeiras e o capital natural.

No entanto, como foi referido no ponto anterior, a maior parte dos estudos sobre qualidade de vida dos indivíduos tem tradicionalmente sido desenvolvida nas áreas da saúde e da psicologia, particularmente aplicada a casos de grupos sociais específicos como sejam a população idosa, os pacientes com doenças crónicas e/ou terminais, por exemplo insuficientes renais ou doentes de cancro (Galinha e Ribeiro, 2005).

O estudo da qualidade de vida no contexto do turismo tem sido, segundo Carneiro e Eusébio (2011), sobretudo aplicado aos residentes dos destinos turísticos, podendo neste contexto ser destacados estudos como os de Andereck et al. (2007), Andereck e Nyaupane (2011); Cahhabra e Gursoy (2009) destacam alguns que se destinam ao

estudo da qualidade de vida dos turistas tais como os de Michalkó et al. (2009), Moscardo (2009); Neal et al. (1999).

O estudo da qualidade de vida aplicado aos países ou regiões é outra vertente de investigação entre académicos, privilegiando a perspectiva dos responsáveis pelo desenvolvimento dos territórios e dos investidores locais. Os organismos, de cariz público ou privado (por exemplo, as associações de hoteleiros e/ ou as regiões de turismo) analisam cada vez mais frequentemente a qualidade de vida no territórios, fazendo refletir estes resultados em estudos de diagnóstico das potencialidades dos territórios ou em planos estratégicos. Na maioria destes estudos sobre a qualidade de vida nas regiões ou países, as análises são conduzidas sob o ponto de vista externo, relativamente aos sujeitos, considerando na análise essencialmente os comportamentos dos residentes, as situações ou elementos físicos associados à posse e usufruto de bens, serviços e infraestruturas, por parte destes, e avaliando a sua relação com o turismo.

Efetivamente, a avaliação da qualidade de vida dos residentes é, a maior parte das vezes, realizada sob o ponto de vista dos fatores externos que a determinam e não tendo em conta os fatores subjetivos individuais que influenciam a apreciação do residente sobre a sua qualidade de vida afetada pelo turismo. Apesar desta tendência, existem já estudos que avaliam a qualidade de vida dos residentes, enfatizando as suas próprias perspectivas sobre a questão (Andereck e Vogt, 2000). No entanto, nem todos apresentam um contributo teórico-empírico direto na área da qualidade de vida, uma vez que muitos se centram nas atitudes face ao turismo ou na tolerância e apoio dos residentes relativamente ao desenvolvimento desta atividade. Como Sirgy et al. (2006) referem, o conceito de qualidade de vida não tem sido explorado diretamente.

Segundo Andereck e Jurowski (2005:137), os esforços no sentido de medir a qualidade de vida ao nível dos países ou regiões ocorre frequentemente através de um agregado de medidas económicas as quais, se tidas em conta de forma isolada, deixam de parte outros fatores que afetam a qualidade de vida da comunidade recetora (Dowrick et al., 2003; Lawn, 2003; Massam, 2002). Exemplo disso é a utilização do rendimento gerado pela atividade turística, como indicador de medida da qualidade de vida associada ao turismo. Este indicador, por si só, não é revelador da qualidade de vida uma vez que, por exemplo, não contempla a forma de distribuição do rendimento

pela população, nem garante a efetiva melhoria do bem-estar das populações. A utilização do Produto Interno Bruto (PIB), como indicador da qualidade de vida dos residentes de países e regiões é também, no contexto do turismo, apresentado como revelando fragilidades na sua avaliação. Vários autores, tais como Andereck e Jurowski (2005:137), referem que o crescimento do PIB não tem necessariamente um impacto na qualidade de vida da comunidade pois não só não contempla a sua equitativa distribuição pelos diversos intervenientes, como não avalia as implicações deste aumento aos vários níveis, nomeadamente a nível ambiental.

Muitos autores chegam mesmo a defender que, a partir de certo ponto, o aumento do PIB, resulta numa diminuição da qualidade de vida pelo facto de os custos necessários para a sua produção excederem os benefícios, por exemplo Lawn (2003) e Max-Neef (1995). A medição da qualidade de vida deve ter em conta não só os indicadores económicos como também indicadores sociais e ambientais relacionadas com as condições de vida e de trabalho desejáveis (Pembina, 2001).

Os custos para a qualidade de vida da comunidade, associados ao desenvolvimento económico, incluem normalmente, como Andereck e Jurowski (2005:137) referem, fatores como a maior fragilidade da estrutura familiar, a disrupção social, a perda de integridade cultural, a degradação das infraestruturas históricas e do ambiente (por exemplo, através do aumento do barulho, do lixo, do congestionamento do trânsito, da poluição da água e do ar).⁷⁶

De facto, os indicadores associados ao progresso económico, medido através do PIB *per capita* ou do PIB do país, têm sido os mais utilizados a nível mundial, em termos gerais e para o turismo. Contudo, esta situação tem vindo a alterar-se gradualmente, como foi referido no ponto anterior, sendo que, nos últimos anos, e particularmente devido à crise económica mundial, tem sido posto em causa o modelo de desenvolvimento assente fundamentalmente nas componentes associadas aos aspetos objetivos e ao crescimento e poder económico.

No presente estudo estuda-se a perceção da qualidade de vida por parte dos residentes, associada à sua perceção dos impactos do turismo na zona onde residem e,

⁷⁶ Aspetos estes referidos no capítulo anterior a propósito dos impactos do turismo nos destinos.

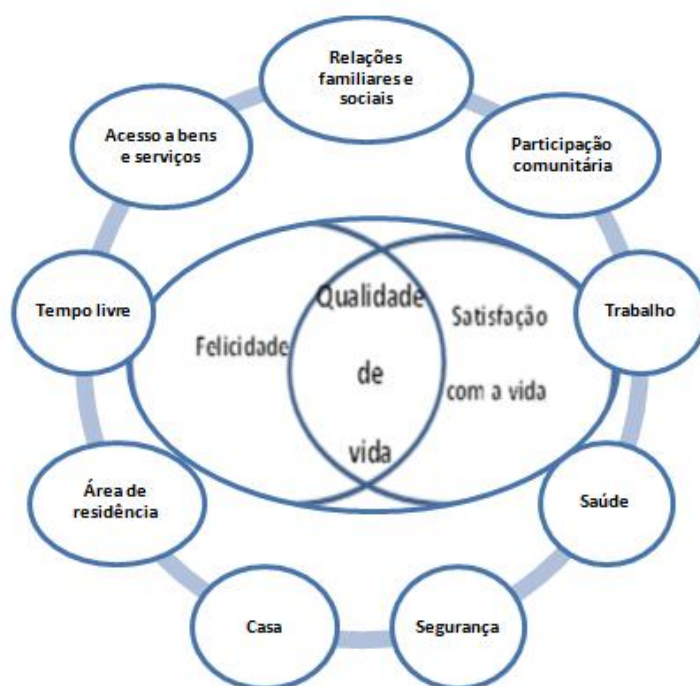
como tal, tem-se em consideração, como já foi enfatizado, componentes objetivas e subjetivas do bem-estar. Como a literatura evidencia, reconhece-se a necessidade de distinguir várias dimensões de bem-estar, e torna-se necessário perceber que dimensões são as que os residentes valorizam ao avaliarem a sua qualidade de vida.

A partir das propostas de Sirgy (2002) e Kim (2002), que se referem a quatro dimensões do bem-estar⁷⁷, os domínios do bem-estar considerados neste estudo são organizados em cinco grupos: (i) o bem-estar material, incluindo indicadores tais como a propriedade da habitação, o emprego estável e o rendimento, que são exploradas por autores como André e Withey (1976), Campbell (1976) e Cummins (1996). (ii) o bem-estar comunitário, que inclui aspetos relacionados com a vida comunitária, a integração e a participação social Davis et al. (1988); (iii) o bem-estar emocional que explora a componente afetiva da vida, como, por exemplo, a vida amorosa e familiar (Andrews e Withey 1976; (iv) o bem-estar na saúde que inclui itens como a ausência de doença ou os serviços de saúde disponíveis; (iv) o bem-estar em termos de segurança pessoal e na área de residência (Andrews e Withey, 1976; Brown, 1998).

A presente investigação organiza, com base na revisão da literatura, nove dimensões a considerar na análise da qualidade de vida, nas suas componentes da felicidade e da satisfação com a vida, ou seja, analisando cada uma destas dimensões sob o ponto de vista dos cinco domínios do bem-estar acima enunciados: (1) associados à satisfação com a vida, o bem-estar material, na saúde e na segurança; (2) associados à felicidade, o bem-estar comunitário e emocional. A figura 4.5, abaixo apresentada, identifica as nove dimensões consideradas e reflete a interligação das mesmas entre si e no contexto da análise da qualidade de vida.

⁷⁷ Os autores propõem quatro tipos de bem-estar: o bem-estar material, o bem-estar comunitário, o bem-estar emocional e o bem-estar na saúde e segurança.

Figura 4.5 – Dimensões e domínios no estudo da qualidade de vida



Fonte: Elaboração própria

Cada uma destas dimensões dá origem, no presente estudo, à identificação de indicadores de natureza objetiva e subjetiva, incluídos no questionário a aplicar aos residentes. O instrumento de pesquisa inclui por isso questões relacionadas com as dimensões do bem-estar global (material, na saúde, na segurança, emocional e comunitário) e perguntas em que apresentam, de forma mais detalhada, aspetos particulares para cada tipo de bem-estar para que os residentes se possam pronunciar sobre os mesmos.

4.3.1. Felicidade e qualidade de vida dos residentes

Bem-estar comunitário

Como no início deste capítulo foi referido, o interesse progressivo pelo bem-estar, por parte de muitos responsáveis pelo desenvolvimento económico dos territórios, têm vindo cada vez mais a ser dirigido para fatores sociais e não apenas para os económicos.

Os indicadores sociais são reconhecidos como determinantes na avaliação da qualidade de vida das comunidades e tem um importante papel importante na avaliação global da qualidade de vida. Para os residentes, a informação comunicada, nomeadamente nos domínios da segurança, do crime e dos programas comunitários, é essencial para uma percepção positiva.

Cummins (1997) afirma que a satisfação associada ao bem-estar comunitário acontece quando as pessoas se sentem bem ao nível da educação, da vizinhança, dos serviços e de outras condições gerais da vida social e das relações sociais. Autores como Norman et al. (1997) mostram que o bem-estar comunitário tem grande importância na percepção dos residentes sobre a sua qualidade de vida pessoal e que os serviços recreativos proporcionados na zona de residência afetam positivamente a satisfação comunitária.

Ao examinar as consequências e os fatores determinantes da percepção da qualidade de vida comunitária, Wagner (1995) conclui que o bem-estar ao nível da comunidade tem um grande efeito na percepção da qualidade de vida. Sirgy (2001), Sirgy e Cornwell (2001), por seu lado, referem, ampliando o estudo de Sirgy et al. (2000), que a satisfação comunitária é fortemente determinada pela satisfação com os serviços governamentais, pelos negócios, pelos serviços não lucrativos e por outros aspetos da vida comunitária, como por exemplo a qualidade do ambiente e as mudanças na paisagem.

Neste contexto, autores como O'Brien e Lange (1986) e Schuman et al. (1972) alertam para a importância de considerar a percepção individual da qualidade dos serviços públicos como um fator que pode afetar a percepção da qualidade de vida e por exemplo Roach e O'brien (1982) mostram que a utilização de serviços locais aumenta o sentido de comunidade.

No estudo do turismo, as questões associadas à comunidade e ao sentido de pertença em relação ao grupo e ao local onde se vive, aos valores e às tradições da comunidade, constituem elementos extremamente importantes para a compreensão do fenómeno.

A relação entre os fatores comunitários, a avaliação da qualidade de vida e a percepção, por parte dos residentes, sobre os impactos do turismo na sua qualidade de vida, é um dos objetivos da investigação deste estudo.

Bem-estar emocional

O domínio do bem-estar emocional provém maioritariamente, segundo Cummins (1997), das atividades de lazer, religiosas, recreativas e dos *hobbies*. As atividades de lazer são consideradas na literatura como as que se realizam depois de cumpridas as atividades de trabalho e as obrigações sociais (Page-Wood et al., 1990, Vickerman, 1980, Wang e Pfister, 2008). Cummins (1997) refere que a maior parte dos estudos incluem o bem-estar emocional como uma forma de lazer e o bem-estar espiritual surge, nas opiniões expressas pelos indivíduos, associado à sua importância. O autor afirma que, a maior parte dos inquiridos, respondem que o bem-estar emocional advém de atividades espirituais e de lazer. Os estudos de Flanagan (1978) e Krupinski (1980) revelam também que a maioria dos inquiridos classificam o bem-estar emocional nas categorias que permitem identificá-los como os mais importantes para a sua qualidade de vida.

Os investigadores que se dedicam ao estudo da qualidade de vida conceptualizam o bem-estar tendo em conta que este se associa a vários fatores: (1) a fatores que os residentes reconhecem como importantes na sua vida (Neal et al., 1999, Norman et al., 1997); (2) a fatores associados ao lazer, nomeadamente à experiência construída e medida em termos de lazer ou tédio (Haggard, 1995); (3) a fatores relacionados com a satisfação em atividades que não as de trabalho (Campbell, 1976); (4) a fatores relacionado com o nível de divertimento de cada indivíduo (Andrews e Withey, 1976); (5) a fatores referentes às atividades em família (Andrews e Withey, 1976); (6) a fatores relacionados com o tempo que resta depois das obrigações cumpridas (Andrews e Withey, 1976); (7) a fatores associados à experiência turística (Unger e Kernan, 1983).

O lazer é portanto considerado uma importante fonte de bem-estar subjetivo. Allen (1997) refere que a satisfação de um indivíduo, proveniente do lazer, tem um

contributo positivo para a percepção da sua qualidade de vida e que há uma relação importante entre a experiência de lazer na vida e a qualidade de vida. No entanto, o seu efeito não é direto, mas sim através de variáveis que intervêm na relação, como, por exemplo, a realização dessas atividades em família ou com amigos ou a saúde mental.

Neal et al. (1999) mostraram empiricamente que o lazer tem um papel significativo que afeta a avaliação da vida, contribuindo fortemente para a felicidade. Os autores desenvolvem um modelo conceptual para medir a relação entre vários aspetos do turismo, o lazer e a vida em geral. Esta avaliação compreende dois aspetos principais: a experiência de lazer fora de casa e em casa. A primeira advém das viagens, dos serviços turísticos, da própria preparação da viagem e de programas fora de casa no quotidiano, com amigos e/ou familiares; a segunda relaciona-se com atividades realizadas em casa, individualmente, com a família ou com os amigos.

Outros domínios do bem-estar relevantes e que devem ser considerados são os que dizem respeito ao bem-estar familiar. A qualidade de vida familiar assume um papel muito importante no contexto da felicidade. A literatura aponta no sentido da qualidade de vida estar diretamente relacionada com a qualidade da relação na família. Neste contexto, a **Perceptual Indicators of family Life Quality** (PIFQ), desenvolvida por Rettig e Leichtentritt (1999), apresentam, nas suas conclusões, seis recursos considerados fundamentais pelos indivíduos: amor, *status*, serviços, informação, bens e dinheiro. No mesmo sentido, Walker et al. (1990), estudam a importância desta questão para a qualidade de vida, utilizando, para o efeito, a escala designada **Kansas Family Life Satisfaction Scale** Schumm et al. (1986), onde utilizam quatro afirmações numa escala de sete pontos desde o completamente insatisfeito até ao totalmente satisfeito.

Neste contexto, os investigadores atribuem importância também ao bem-estar espiritual e definem-no de várias formas. Uma definição relaciona-se com o grau de satisfação que cada indivíduo sente em relação à sua própria concepção de Deus e outra prende-se com a avaliação do sentido da vida (Paloutzian e Ellison, 1982). Ellison (1983) e Paloutzian (1997) argumentam que o bem-estar espiritual tem um papel importante no contexto da atribuição do sentido subjetivo da vida, fundamentalmente perante situações de doenças terminais. Em qualquer caso, porque associado à vida de

uma forma global e existencial, assume preponderância na avaliação da qualidade de vida.

A medição do bem-estar espiritual foi originalmente desenvolvida por Paloutzian (1997), Paloutzian e Ellison (1982) e retestada por Brinkman (1989), Bufford et al. (1991), Scott et al. (1998). Estes últimos autores demonstraram que há três fatores incorporados nesta medida, as relações, a alienação e a insatisfação com a vida.

A literatura sugere que se considerem vários fatores que afetam o bem-estar e o lazer para avaliar a qualidade de vida, tais como a avaliação do tempo com significado, a preferência por atividades que envolvem competências, identidade, autonomia, diferenças dos indivíduos. Ao examinar os padrões familiares habituais e desejados para o tempo livre, Staats et al. (1993) concluem que a maior parte das pessoas gastam o seu tempo livre com a família e com os amigos e desejam que assim seja. Estas conclusões revelam-se importantes para a tomada de decisões, por exemplo, do ponto de vista do marketing ou do planeamento dos destinos, pois devem conduzir ao desenho de produtos e serviços turísticos que privilegiem, também para os residentes, a interação entre amigos e família.

As questões do bem-estar emocional não são usualmente tidas em consideração nos estudos na área do turismo, particularmente naqueles que estudam os residentes, por se tratar de fatores de natureza mais subjetiva e por isso de mais difícil identificação. Contudo, estes fatores são extremamente relevantes na compreensão das verdadeiras determinantes da qualidade de vida, em termos individuais, uma vez que os indivíduos apreciam a sua qualidade de vida enfatizando os aspetos da sua vivência a que dão mais valor, independentemente de outros aspetos que reconheçam objetivamente importantes.

Assim sendo, uma vez que os estudos apontam para o facto de os indivíduos valorizarem a vivência familiar e o tempo de lazer, mais do que outros aspetos da sua vida, será imprescindível ter em conta a forma como o turismo se revela condicionante (positiva e negativamente) nestes domínios. Pretende-se perceber se o envolvimento emocional, por parte dos residentes, no fenómeno turístico, através da participação não só individual mas também familiar, através da utilização do tempo de lazer, será mais

provável que exista uma percepção mais positiva sobre o impacto do desenvolvimento turístico na sua vida.

4.3.2. Satisfação com a vida e a qualidade de vida dos residentes

Bem-estar material

O domínio do bem-estar material é apontado por alguns autores como Campbell et al. (1976), Flanagan (1978) e Krupinski (1980), como um dos domínios mais importantes a tem em conta no estudo da qualidade de vida.

Neste domínio há que considerar várias dimensões como seja, desde logo, o nível de vida. De acordo com Cummins (1996), a satisfação com o nível de vida é parte determinante da qualidade de vida, sendo determinada pela avaliação que o indivíduo faz do seu nível de vida atual, comparado com o nível de vida desejado.

Sirgy (1998) define o domínio material como o espaço psicológico ocupado pelas crenças relativas ao nível de vida, relacionadas com a posse de bens materiais, saúde e rendimentos. Autores como Belk (1988), Day et al. (2002) e Leelakulthanit et al. (1991) referem que deverão ser consideradas duas dimensões do nível de vida, a aquisição e a posse. Neste sentido, por exemplo a designada **Overall Consumer Satisfaction Composite**, baseada na noção de satisfação hierárquica, proposta por Meadow (1983) permite medir a satisfação ou insatisfação no consumo.

Outro aspeto relevante é o que diz respeito ao rendimento e ao emprego. O dinheiro é reconhecido como tendo importância em todas as sociedades e está associado ao nível de vida. Verifica-se, contudo, que aumentos do rendimento nem sempre correspondem a um aumento da satisfação Ducan (1975). O índice económico, sendo um fator relevante, pode não ser o mais importante para a avaliação da qualidade de vida dos indivíduos (Campbell, 1981). Efetivamente, reconhece-se que o bem-estar material é construído com base em indicadores subjetivos e objetivos.

Neste contexto, Lane (1991) enfatiza o sentimento de orgulho e controle pessoal como muito importante nos sentimentos gerais sobre a satisfação com a vida o autor refere também que o bem-estar subjetivo afeta o bem-estar financeiro pelo que, aqueles que se sentem felizes com a vida em geral, tendem a trabalhar mais e isso gera mais rendimento.

Easterlin (1973) refere que os indivíduos avaliam o seu bem-estar material em relação à norma social e não em termos absolutos. Os indicadores subjetivos do bem-estar material envolvem tipicamente, em termos absolutos, a quantidade de bens que se possui. Andrew & Withey (1976) medem o bem-estar material através do sentimento expresso pelos indivíduos sobre a sua segurança financeira, rendimento económico e pela avaliação que fazem do que entendem como “estar bem na vida”.

Veenhoven (1991) afirma que há uma forte relação entre o rendimento e o bem-estar material na sua associação à felicidade, enquanto Diener (1994) demonstra que a felicidade nos EUA, França e Japão não mudou desde a II Guerra Mundial, apesar do rápido crescimento económico nestes países. Por sua vez, Duncan (1975) também verifica que não há mudança agregada nos níveis de vida num período de dezasseis anos e que, em termos reais, crescentes níveis de vida não conduzem a um aumento subjetivo no nível de vida das populações como um todo.

Na área do turismo, o bem-estar material é a dimensão mais explorada e mais consensual relativamente à qualidade de vida dos residentes. Quer se fale do bem-estar objetivo ou do subjetivo, é frequente a identificação de fatores materiais, relacionados com o turismo, que se associam a uma melhoria de vida dos residentes de um destino. Estes fatores são geralmente reconhecidos como importantes, tanto pelos poderes locais e investidores como pelos próprios residentes.

Bem-estar na saúde

Autores como Bubloz et al. (1980), Raphael et al. (1996) consideram serem determinantes para a qualidade de vida as questões sociais ao nível da saúde, facto que deve conduzir à criação e preservação de um ambiente que garanta os recursos necessários para satisfazer estas necessidades humanas.

Muitos investigadores demonstraram que os sentimentos sobre a saúde pessoal são os mais importantes pois a saúde é considerada o maior valor da vida (Andrew e Withey, 1976). Por exemplo, Maddox e Douglas (1978) demonstraram que quanto mais saudável uma pessoa idosa se sente mais facilmente esta refere sentir-se satisfeita com a vida.

Contudo, a crença subjetiva de que alguém pode ser mais ou menos saudável pode ser mais importante para o sentimento de qualidade de vida que o estado atual da medicina para prever o nível de saúde dos indivíduos. Os mesmos autores investigaram a relação entre o estado de saúde dos indivíduos, medido pelos médicos e pelos próprios, chegando à conclusão que, em todas as observações, num painel de pessoas idosas, os resultados são congruentes e vêm dar suporte à hipótese de que a avaliação da sua própria saúde ou doença, de forma subjetiva, tem maior importância do que a avaliação médica.

Okun et al. (1984) realçam que as medidas objetivas e subjetivas da saúde contam entre 8 e 14 % para a variância no bem-estar subjetivo e Walker et al. (1990) mostraram que o número de sintomas de saúde está significativamente relacionado com a qualidade de vida global e com a felicidade conjugal.

Rahtz et al. (1989) exploram o papel da saúde pessoal na relação entre a comunidade e a satisfação com os cuidados de saúde entre os idosos. O estudo revela que, quando a saúde pessoal é débil, existe uma forte relação entre a satisfação comunitária, os cuidados de saúde e a satisfação com a vida.

Sirgy et al. (1995) conduziram um estudo para investigar o papel mediador da satisfação com a saúde pessoal enquanto fator que extravasa a percepção da saúde comunitária e a percepção dos cuidados de saúde e da satisfação com a vida em geral. Os resultados indicam que a satisfação com a saúde pessoal é mediadora entre a satisfação com os cuidados de saúde comunitários, entre pessoas idosas.

A questão do bem-estar na saúde é uma das mais determinantes na vivência dos indivíduos, estando ou não associada ao contexto turístico. Do ponto de vista da psicologia e da saúde este bem-estar é fundamental na avaliação da qualidade de vida, revelando-se o fator primordial, seguido da componente emocional e amorosa.

Como foi referido no capítulo sobre os impactos sociais do turismo, existem várias associações dos impactos negativos do turismo à degradação das condições de saúde no destino e nos residentes, pelo que este aspeto se torna um fator extremamente importante a ter em consideração no estudo do turismo numa perspetiva dos residentes.

Bem-estar na segurança

No que respeita ao bem-estar em termos de segurança, os estudos revelam que, do ponto de vista dos destinos turísticos, este é um aspeto particularmente preocupante para a indústria, para os turistas e para os residentes. Os estudos apontam para o facto de, com o desenvolvimento do turismo, a segurança do destino ser mais problemática, uma vez que as atividades ilícitas tendem a desenvolver-se com maior rapidez, sendo os destinos, por vezes, alvos de atentados e situações de perigo.

Por outro lado, de uma forma geral, independentemente do turismo, a segurança surge sempre associada à qualidade de vida, uma vez que representa uma das necessidades humanas fundamentais, à semelhança do que ocorre com a saúde.

Um aspeto importante neste contexto é o bem-estar na vizinhança que pode também afetar a satisfação com a vida de uma forma global e tem em conta as

experiências dos vizinhos e as suas condições de vida em geral (por exemplo, se os vizinhos são vítimas de um assalto, esse acontecimento tende a conduzir, segundo Wilson (1975), ao aumento do medo associado ao crime).

No presente estudo estes fatores revelam-se importantes uma vez que, em termos pessoais, se pretende verificar até que ponto a segurança é reconhecida por parte dos residentes como fator determinante da qualidade de vida e se procura também associar o nível de segurança ao desenvolvimento turístico e à qualidade de vida nas zonas em estudo.

Síntese conclusiva

Neste capítulo foram abordadas as questões relativas à qualidade de vida de uma forma global, identificando as principais áreas em que este conceito é objeto de estudo e contextualizando em termos históricos e conceptuais a sua discussão. O capítulo apresenta também, neste sentido, um conjunto de outros conceitos teóricos relacionados com a qualidade de vida, aplicada ao estudo dos residentes de um destino turístico e identifica as principais formas que têm vindo a ser utilizadas para a sua medição, no contexto dos países e em termos individuais.

Por fim, particulariza-se, para o caso dos cinco tipos de bem-estar estudados nesta investigação, a forma como estes se articulam com os conceitos de felicidade e satisfação com a vida, com o objetivo de compreender a perceção dos residentes de um destino turístico face à sua qualidade de vida.

CAPÍTULO 5. O ALGARVE E O CONCELHO DE LOULÉ

Nota introdutória

Este capítulo destina-se a caracterizar o concelho de Loulé, objeto de estudo desta tese. É dada particular atenção à caracterização das freguesias do concelho, organizadas por regiões naturais, identificando o seu nível de desenvolvimento turístico com base na perceção de informantes chave inquiridos, na observação participante e em dados secundários disponíveis.

Neste capítulo começa-se por contextualizar o concelho de Loulé no território Algarvio, destacando as razões da escolha deste concelho como objeto do presente estudo. Realçam-se, em seguida, algumas características particulares do lugar, relacionadas com os seus elementos naturais, culturais e sociais e no que respeita ao desenvolvimento turístico. Neste contexto, faz-se referência a elementos comuns e diferenciadores do território em si mesmo e relativamente a outras zonas turísticas.

5.1. Diferenças, similitudes e particularidades do lugar turístico

A região do Algarve, situada no sul de Portugal, possui uma área de 5 412 km² e é constituída por dezasseis concelhos, destacando-se como a região turística mais importante de Portugal e uma das mais importantes da Europa, possuindo uma população de 451 005 habitantes, correspondente a 4,5% do Continente e 4,3% de Portugal (INE, 2012).

Sendo uma das regiões mais desenvolvidas do país⁷⁸, o Algarve é procurado para viver e visitar. Trata-se de uma região atraente, não só para turistas nacionais e estrangeiros como para os residentes, também nacionais e estrangeiros, por uma

⁷⁸ O Algarve é atualmente a terceira região mais rica de Portugal, a seguir a Lisboa e à Madeira, com um PIB *per capita* de 86% da média europeia (INE, 2012).

multiplicidade de fatores de entre os quais se destacam, por exemplo, o clima temperado mediterrânico, as águas tépidas e calmas que banham a costa sul, a gastronomia, a diversidade de recursos naturais e construídos no litoral e no interior algarvio e um importante património histórico e etnográfico.

O concelho de Loulé, situado no Algarve, apresenta particularidades que justificam a sua escolha como estudo de caso na presente investigação (figura 5.1). Por um lado, a sua localização geográfica na região, que lhe confere centralidade e o posiciona favoravelmente, do ponto de vista do visitante, para qualquer incursão turística que pretenda fazer no território, do ponto de vista do residente, como local privilegiado para viver. Por outro lado, as características geográficas e demográficas revelam a sua importância no contexto do Algarve e para o estudo do turismo⁷⁹: trata-se do maior concelho do Algarve, com uma superfície de 765,13 km², correspondentes a 15,3% do total da superfície Algarvia e possui características físicas, sociodemográficas e económicas marcantes e distintas das dos outros concelhos. O concelho estende-se desde a costa sul, junto ao oceano Atlântico, até norte onde confronta com o distrito de Beja (Alentejo).

Figura 5.1 – Localização geográfica do Algarve e do concelho de Loulé



Fonte: CML (2012)

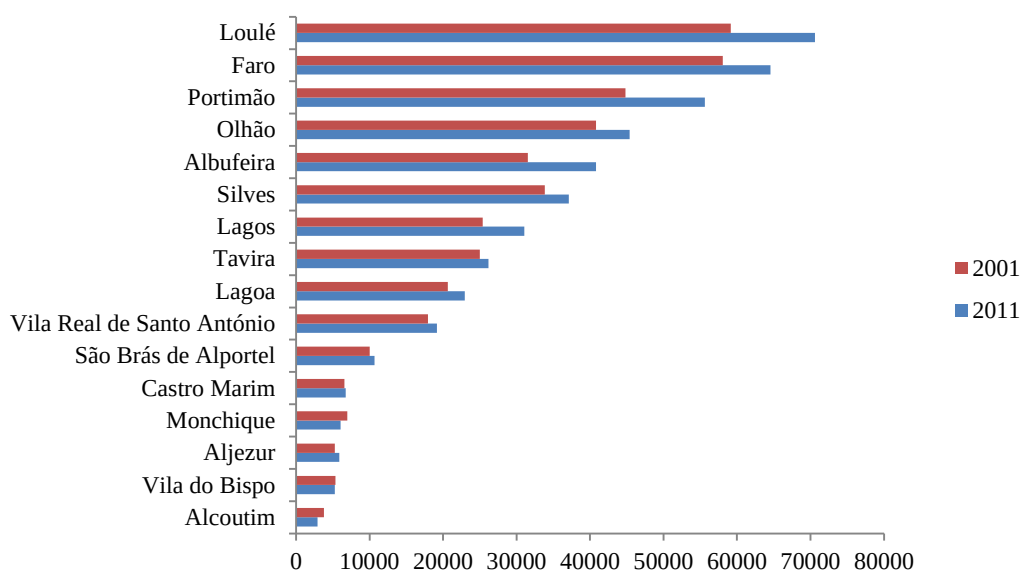
No que respeita à ocupação humana, o concelho de Loulé acolhe cerca de 15% da população algarvia sendo, por isso, segundo os resultados dos CENSOS 2001, o concelho algarvio mais populoso, tendência que se mantém, de acordo com os primeiros resultados provisórios dos últimos CENSOS (INE, 2010),⁸⁰ como se pode observar na figura 5.2, abaixo apresentada. No entanto, este é também um dos concelhos de menor

⁷⁹ Desde a década de 70 que o Algarve é uma região de forte atração populacional e o concelho de Loulé é um exemplo paradigmático desse facto (INE, 2012).

⁸⁰ Neste estudo não se utilizamos os dados dos Censos 2001 uma vez que, à data de aplicação dos questionários os dados relativos aos Censos 2011 não se encontravam ainda disponíveis.

densidade populacional, facto que se deve à existência de grandes áreas no interior com baixa densidade populacional.

Figura 5.2 – Gráfico da população residente por município – Algarve (2001 e 2011)



Fonte: Adaptado de INE (2012)

Segundo o município de Loulé, prevê-se um crescimento demográfico, nas freguesias de Quarteira e de S. Clemente, nas próximas décadas, pelo facto de estas freguesias oferecerem maior número de atividades de suporte ao bem-estar social da população (CML, 2012). No que diz respeito às freguesias do interior, e segundo a mesma fonte, prevê-se que a população se mantenha como consequência das intervenções previstas no âmbito do Plano Diretor Municipal (2010). Ainda de acordo com a Câmara Municipal de Loulé (2012), o concelho de Loulé apresenta um dinamismo populacional que se prevê que vá continuar, associado ao desenvolvimento turístico dos últimos anos, e que resulta, não só das boas condições climatéricas, mas também da oferta de bens e serviços que faz deste concelho um território de lazer e de oportunidades para atividades diversificadas.

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento do Algarve (Ccdralg, 2011), citando os resultados preliminares do XV Recenseamento Geral da População e do V Recenseamento Geral da Habitação (INE, 2010), e o Observatório das Dinâmicas Regionais, refere que, nos últimos dez anos, o Algarve foi a região do país com o maior crescimento populacional, tendo aumentado cerca de 14% nos últimos dez anos, e contribuindo, assim, em 28% para o crescimento total do país (1,9%); esta região apresenta também um crescimento do número de alojamentos substancialmente superior ao do número de famílias (36,9% contra 24,8%), o que deixa antever que o alojamento de uso sazonal ou secundário na região do Algarve deverá já atingir, ou mesmo ultrapassar, 50% do total de alojamentos da região.

Verifica-se que, tal como no período anterior (CCDRAlg, 2011), a dinâmica da procura continua a ser muito mais acentuada no litoral do que no interior e que as freguesias do Barrocal beneficiaram da capacidade de atração da região, mostrando alguma dinâmica. Pelo contrário, acentuou-se o declínio populacional nas freguesias da serra e do nordeste.

Em termos de atividades económicas, predomina, no concelho de Loulé, o setor dos serviços, o qual apresenta um maior crescimento, em grande parte devido à atividade turística, apesar de este concelho ainda possuir habitantes que se dedicam a outras atividades económicas, fundamentalmente, às do setor primário.

O concelho de Loulé e as suas freguesias oferecem a residentes e turistas uma diversidade alargada em termos de recursos naturais, património construído, infraestruturas básicas e de suporte às diversas atividades e atrações existentes, criadas ou não especificamente para o lazer e para os turistas. Trata-se de um território que permite experiências diversificadas e únicas na vivência do lugar. Apontam-se, em seguida, de forma breve, algumas destas particularidades que conferem a esta zona a capacidade para atrair pessoas. Este concelho possui cerca de 51,3% da sua superfície classificada como área protegida e Rede Natura 2000 (por exemplo o Parque Natural da Ria Formosa e a Paisagem protegida local da Rocha da Pena e da Fonte da Benémola) e conta com um potencial de relevo no que respeita à cultura material e imaterial, a qual se consubstancia, por exemplo, na diversidade de monumentos e locais de interesse, tais como os castelos de Loulé e Salir, a ponte da Tôr, os edifícios do Mercado Municipal e

do Cineteatro Louletano, reabilitados recentemente na cidade de Loulé. Conventos, igrejas e estatuária, por todo o concelho, marcam presença e a oferta de animação é também uma constante, podendo, neste contexto, destacar-se o centenário Carnaval de Loulé, a festa religiosa da Mãe Soberana e os eventos Salir no Tempo e Festival MED que atraem, em cada ano, mais visitantes à cidade de Loulé e à vila de Salir, respetivamente.

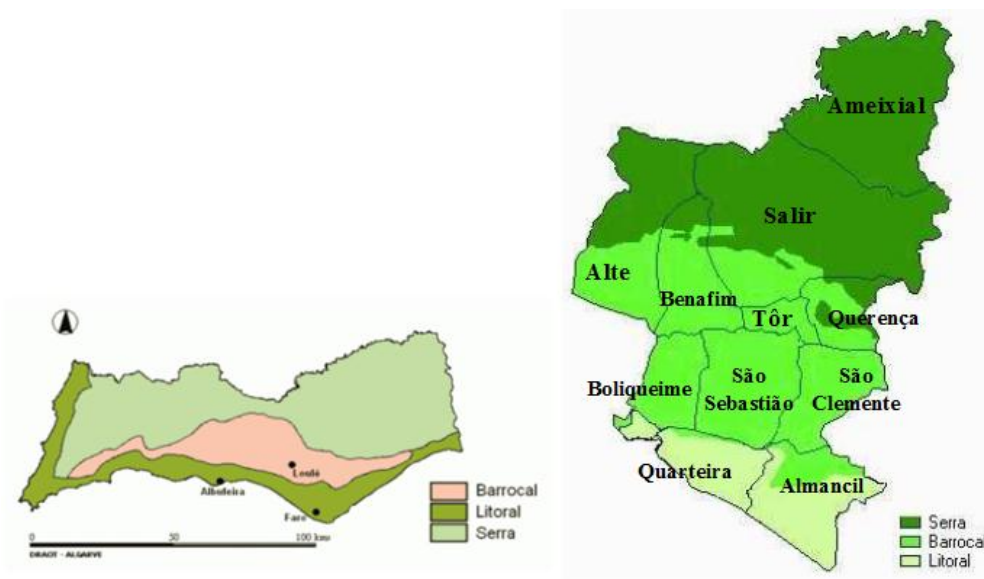
O concelho de Loulé apresenta, no entanto, alguns desequilíbrios territoriais no que respeita à ocupação humana nas suas sub-regiões (ou regiões como doravante se passarão a designar), sendo marcante a assimetria demográfica entre a zona do Litoral, muito procurada para viver e trabalhar, o Barrocal, com alguma diminuição populacional e a Serra, em desertificação humana acelerada devido às maiores dificuldades como zona habitacional e de trabalho (ver figura 5.3), fatores que conduzem ao envelhecimento da população, ao êxodo rural e à maior baixa taxa de natalidade, quando comparada com as restantes zonas⁸¹. Este concelho, à semelhança da restante região algarvia, encontra-se muito dependente da atividade turística, como principal atividade económica, sendo evidente que é no litoral que esta se concentra. Acresce a este problema a questão da sazonalidade da procura, aspeto particularmente importante no turismo e ainda mais relevante em destinos, como é o caso, que têm como produto turístico âncora o turismo balnear, ele próprio marcadamente sazonal.

5.2. Regiões naturais do concelho de Loulé: desenvolvimento turístico

As onze freguesias do concelho de Loulé (Almancil, Alte, Ameixial, Benafim, Boliqueime; Quarteira, Querença, Salir, São Clemente, São Sebastião e Tôr) apresentam níveis de desenvolvimento turístico distintos pelo que são consideradas de forma independente neste estudo, associadas às regiões naturais em que se inserem no concelho (Litoral, Barrocal e Serra), de forma a analisar a eventual influência que este fator distintivo pode ter nas perceções dos residentes sobre o turismo na sua qualidade de vida.

⁸¹ Para além destas regiões alguns autores identificam ainda uma zona com particularidades fito-edafo-climáticas próprias, denominada Beira Serra, que se situa entre o Barrocal e a Serra, no concelho de Loulé, abrangendo algumas das freguesias deste concelho. No entanto, neste estudo serão tidas em conta apenas as três regiões naturais: Litoral, Barrocal e Serra.

Figura 5.3 – As zonas endofo-climáticas do Algarve e a distribuição das freguesias do concelho de Loulé, por regiões naturais



Fonte: Adaptado de Lopes e Monteiro (2010) e de Vicente e Silva (2006:20)

Para o estudo empírico, e concretamente para a definição da amostra e subsequente aplicação dos questionários aos residentes, utilizou-se o critério político-administrativo uma vez que, desta forma, se tinha acesso aos dados sobre o universo através das estatísticas do INE. No entanto, para uma análise posterior, utiliza-se a organização por regiões naturais. Desta forma, associam-se as freguesias à região natural a que pertencem, tendo em consideração a localização geográfica da maior parte da área geográfica onde a freguesia se situa. Daqui resulta que as freguesias que se consideram pertencer ao Litoral são as de Almancil e de Quarteira. A região do Barrocal é a que concentra a maior parte das freguesias do concelho: Boliqueime, S. Clemente, S. Sebastião, Alte, Benafim, Tôr e Querença. Neste caso, há que realçar os casos particulares das freguesias de S. Clemente e de S. Sebastião (situadas na cidade de Loulé, sede de concelho), por serem freguesias maioritariamente urbanas, embora ambas incluam também zonas rurais. É ainda de referir a freguesia de Alte, que se situa em parte na zona de Barrocal mas que possui uma grande extensão na zona considerada Serra; neste caso optou-se por incluir Alte na zona do Barrocal pela sua proximidade não só geográfica mas também socioeconómica da freguesia vizinha de Benafim. Na zona natural da Serra incluem-se, neste estudo, as freguesias do Ameixial e de Salir. Salir, a maior freguesia do concelho, está situada maioritariamente na zona da Serra,

pelo que se decidiu incluí-la nesta região, apesar da sede de freguesia se situar na região do Barrocal.

O Litoral possui uma faixa costeira com cerca de 13,5km, com praias extremamente atrativas de areia fina e temperaturas médias da água do mar na ordem do 22.º C, e engloba também a zona que se estende aproximadamente em 12km para norte. Trata-se de uma região natural com grande capacidade de oferta turística. Aqui situam-se algumas das melhores estruturas turísticas do Algarve e do país, pelo que este local se apresenta como um dos principais destinos de férias para portugueses e estrangeiros. Podem-se destacar, no Litoral do concelho de Loulé e a título ilustrativo, a zona de Vilamoura e a sua marina, internacionalmente reconhecida, a variedade de alojamentos turísticos, nomeadamente a hotelaria de 4 e 5 estrelas que constitui grande parte da oferta da zona; os internacionalmente reconhecidos empreendimentos turísticos de Vale do Lobo e da Quinta do Lago, uma oferta concentrada de campos de golfe de excelência, restauração, atrações culturais, como por exemplo as ruínas romanas do Cerro da Vila em Vilamoura e parques temáticos.

O Litoral possui a maior densidade populacional do concelho e caracteriza-se, também em termos populacionais, pela sua grande diversidade. Nesta zona convivem, diariamente, a população oriunda do local e estrangeiros residentes no local, por razões de lazer e/ou de trabalho. Na verdade, neste espaço encontram-se residentes provenientes do Reino Unido e do norte da Europa, que escolhem o Algarve para residir de forma permanente ou durante alguns períodos de tempo alargados, ao longo do ano. Também residem nesta zona pessoas provenientes de África, Brasil ou países do leste europeu, que procuram, fundamentalmente, melhores oportunidades de trabalho.

A principal atividade económica e social no litoral do concelho de Loulé reside nos serviços. Neste contexto, são particularmente importantes as atividades diretamente relacionadas com o turismo (por exemplo, a hotelaria, os operadores turísticos e as agências de viagens, as rent-a-cars) mas também se destacam outras atividades económicas impulsionadas pelo desenvolvimento turístico, por exemplo na área dos serviços e do comércio.

No Barrocal e na Serra do concelho de Loulé as freguesias apresentam características de ruralidade e baixas densidades populacionais (que se revelam inferiores às da região Litoral e à média do país). Nestes territórios de interior, com um índice de envelhecimento acentuado, 133.4,⁸² (Pordata, 2012), apesar do esforço que tem sido feito pelas entidades competentes para reduzir o seu caráter periférico face à região Litoral, continua a constatar-se a necessidade de criação de melhores condições de vida para os residentes e de formas de atração de novos residentes e visitantes, reconhecendo-se que estes últimos se interessam cada vez mais pelas particularidades do rural e pelas práticas e valores associados a estes locais. É de realçar, no entanto, que a baixa densidade populacional e o reduzido ou inexistente desenvolvimento turístico, tem permitido preservar muitos dos recursos naturais e construídos existentes, o que constitui um potencial turístico importante para estas regiões naturais do interior do concelho.

O Barrocal, caracterizado pela presença da atividade agrícola, fundamentalmente pelos pomares de sequeiro e de citrinos, hortas e vinhas, é uma zona menos povoada do que a do Litoral. Alguma população local ainda se dedica à criação de gado de pequeno porte, fundamentalmente para consumo familiar, e o estilo de vida dos habitantes continua a apresentar marcas tradicionais, embora em vários momentos se registem alterações socioculturais, resultantes, em parte, das experiências de encontro entre residentes e turistas em eventos /ou locais que transportam as marcas de modernidade.

Muitos dos residentes nesta região trabalham em Loulé, Albufeira ou Faro e, uma parte deles, na indústria turística, a qual ainda não se encontra muito presente no Barrocal. No entanto, o território tem vindo cada vez mais a despertar o interesse de turistas e da própria indústria, havendo já uma oferta concertada para o turismo no interior do concelho apesar de, na maior parte dos casos, os turistas não pernoitarem nesta zona mas regressarem ao Litoral.

⁸²Valor provisório. Índice de Envelhecimento - Relação entre a população idosa e a população jovem, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos (expressa habitualmente por 100 (10²) pessoas dos 0 aos 14 anos). Fonte: metainformação – INE (Pordata, 2012).

Nesta região natural registam-se algumas dinâmicas positivas de desenvolvimento endógeno, como é o caso da Via Algarviana⁸³, particularmente em alguns centros urbanos do interior mais atrativos turisticamente, núcleos antigos, centros históricos e património arqueológico importantes.

Figura 5.4. - Localização geográfica da Via Algarviana



Fonte: Almargem (2012)

A região natural da Serra situa-se a norte do concelho de Loulé e faz fronteira com o Alentejo. É a região que apresenta um menor número de residentes sendo a procura e oferta turística quase inexistentes. Pode-se afirmar que, nesta região, o evento que se revela mais atrativo em termos turísticos é o Rally de Portugal que passa pela Serra do Caldeirão. A Serra é uma zona montanhosa onde o sobreiral marca presença. Apresenta um clima mais agreste do que as outras duas zonas (mais frio no inverno e mais quente e seco no verão). As acessibilidades a este território, e no seu interior, são mais difíceis, o mesmo acontecendo às oportunidades de emprego que são escassas. A principal atividade económica da Serra é a que resulta da exploração da cortiça, do fabrico da aguardente de medronho e dos enchidos de carne de porco. A apicultura também é uma atividade importante nesta zona.

Para identificar com maior clareza o nível de desenvolvimento turístico das regiões naturais do concelho de Loulé foi contactado um conjunto de indivíduos

⁸³ Via Algarviana - percurso pedestre revitalizado pela Almargem, que percorre todo o Algarve, pelo interior, e que atravessa o concelho de Loulé na zona do Barrocal (mais concretamente na Beira-serra).

considerados informantes chave para validar a distinção do nível de desenvolvimento turístico entre as regiões. Os informantes chave foram inquiridos *on-line*,⁸⁴ através de formulário eletrónico, sendo solicitado que classificassem, para cada região, o nível de desenvolvimento turístico, de acordo com a seguinte escala: Início, Desenvolvimento, Maturidade e Declínio. Esta escala baseou-se na proposta de Butler (1980) dos quatro níveis de desenvolvimento dos destinos, sem se considerar as estratégias de atuação identificadas por este autor.

As respostas dos informantes-chave, que são apresentadas⁸⁵ no apêndice 2, vêm confirmar a descrição anteriormente efetuada sobre as regiões e os níveis de desenvolvimento turístico, que a observação no terreno e a documentação sobre estes territórios também sugerem. Assim sendo, e tendo por base as respostas dos informantes-chave ao inquérito, pode-se considerar que, relativamente ao nível de desenvolvimento turístico, o Litoral se encontra na fase de maturidade, o Barrocal numa fase de crescimento e a Serra numa fase inicial.

5.3. Recursos turísticos das regiões naturais e freguesias do concelho de Loulé

Relativamente aos recursos existentes no território em estudo e ao seu atual ou potencial desenvolvimento do ponto de vista do turismo, apresenta-se seguidamente uma compilação, por região natural e por freguesia, elaborada com base em informação disponível no site oficial da Câmara Municipal de Loulé, com o objetivo de melhor caracterizar estas três regiões.

A recolha de informação na Câmara Municipal de Loulé⁸⁶ permite constatar a discrepância entre as freguesias do concelho de Loulé, relativamente à presença da indústria turística, nomeadamente ao nível do alojamento, da restauração, da animação e do golfe.

⁸⁴ Ver Inquérito aos Informantes-chave - apêndice 1.

⁸⁵ Ver Respostas dos Informantes-chave - apêndice 2

⁸⁶ Ver Caracterização dos recursos naturais e turísticos das freguesias do concelho de Loulé - apêndice 3.

As freguesias do Litoral do concelho são as que possuem uma oferta alargada nestes domínios. Algumas freguesias do Barrocal possuem alguma oferta turística e esta oferta tende a diminuir acentuadamente à medida que se avança para o interior. No entanto, no que respeita ao património natural e construído, existe uma diversidade de recursos nas três regiões que permite um desenvolvimento turístico aliciante em qualquer das três regiões.

O Barrocal apresenta uma oferta de alguma forma diversificada uma vez que possui freguesias urbanas e rurais. A atividade turística revela-se mais marcante nas freguesias urbanas desta zona, que correspondem também a freguesias onde há mais habitantes. Assim, é natural a diferença que se pode observar, por exemplo, relativamente à oferta ao nível da restauração.

A Serra possui recursos naturais com potencial turístico, como atrás foi referido, mas quase nenhuma oferta organizada na área do turismo. É de destacar, contudo, que é na freguesia do Ameixial que se situa o único estacionamento e área de serviço para autocaravanas.

É importante referir que a identificação dos diversos tipos de recursos apresentados na tabela resulta, exclusivamente, da informação disponível no site da Câmara Municipal de Loulé. Uma análise exaustiva junto de outros organismos oficiais e, em particular, o levantamento de recursos no terreno, seriam uma mais-valia para esta avaliação comparativa. No entanto, uma vez que o objetivo do presente trabalho não é a determinação exata do nível de desenvolvimento turístico das regiões naturais do concelho, não se efetuou essa pesquisa mais detalhada.

Síntese conclusiva

Neste capítulo, caracteriza-se de forma breve as três regiões naturais, no sentido de identificar o seu nível de desenvolvimento turístico. Para o efeito, foram recolhidos dados secundários disponíveis, foi feita observação *in loco* e utilizada a opinião de informantes chave, expressa através de questionário aplicado especificamente para o efeito.

Esta caracterização permite identificar de forma consensual a diferença no nível de desenvolvimento turístico nas três regiões naturais. O Litoral apresenta-se como a zona mais desenvolvida, encontrando-se numa fase de maturidade. Ao Barrocal são reconhecidos sinais de crescimento turístico, encontrando-se em fase de desenvolvimento. Na Serra, o nível de desenvolvimento turístico é muito reduzido, pelo que se pode considerar que a região se encontra na fase inicial.

CAPÍTULO 6. MODELO PROPOSTO: PERCEÇÃO DOS RESIDENTES SOBRE OS IMPACTOS DO TURISMO NA SUA QUALIDADE DE VIDA

Nota introdutória

Este capítulo reúne os principais conceitos e teorias desenvolvidos nos capítulos respeitantes à revisão da literatura, representando uma síntese do enquadramento teórico da tese. Neste sentido, apresenta-se o mapa da literatura e o quadro conceptual da investigação.

O capítulo dedica-se ainda às questões relacionadas com a descrição e fundamentação do modelo que se propõe para medir a percepção dos residentes sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida. Explicita-se a pertinência e utilidade de recorrer aos modelos de equações estruturais através da técnica PLS-PM e identificam-se as variáveis e indicadores utilizados, bem como as relações diretas e indiretas a estudar, que se formalizam sob a forma de hipóteses de investigação.

6.1. Mapa da literatura

Com o intuito de sistematizar a revisão de literatura efetuada, foram elaboradas tabelas síntese⁸⁷ com as principais conceitos e teorias propostos e/ou debatidos pelos autores, a metodologia utilizada nos estudos em causa e os principais resultados e referências bibliográficas desses mesmos estudos.

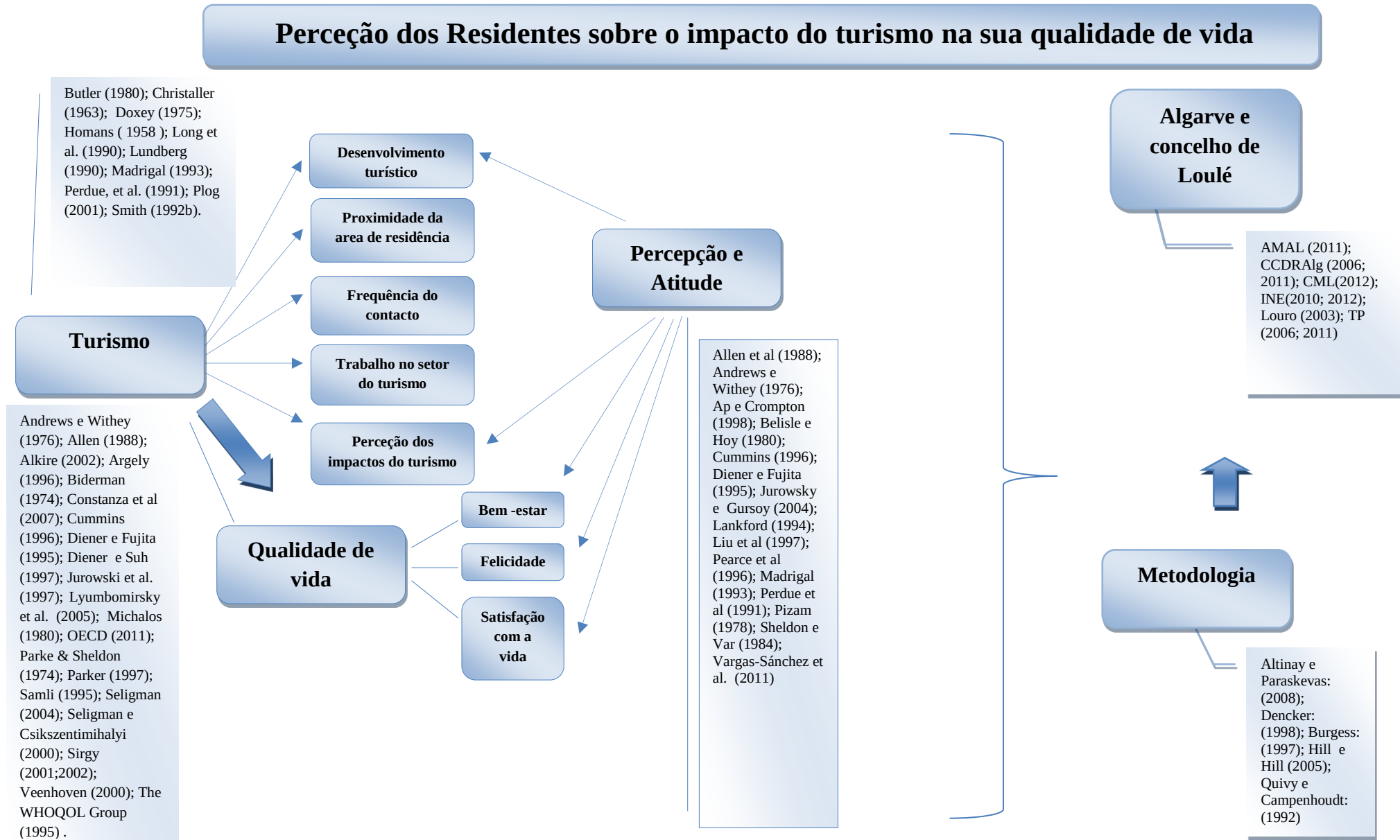
A revisão da literatura efetuada permitiu analisar um conjunto de conceitos e teorias, de forma integrada, com um objetivo duplo: perceber a relação entre a percepção

⁸⁷ Estas tabelas síntese foram elaboradas para os documentos consultados e considerados relevantes para a investigação. Ver Exemplo de Tabela-síntese de artigo científico - apêndice 4.

dos residentes sobre os impactos do turismo e a sua percepção sobre a qualidade de vida e permitir caracterizar o local e a população em estudo, no contexto do desenvolvimento turístico. Foi também de relevo a revisão bibliográfica de apoio à investigação no domínio da metodologia.

A figura 6.1, Mapa da Literatura, representa esquematicamente e de forma resumida a revisão da literatura da presente investigação. Neste esquema identificam-se as diversas áreas e conceitos explorados a que se associam os principais autores, por forma a explicitar a articulação pretendida entre estes.

Figura 6.1 - Mapa da Literatura



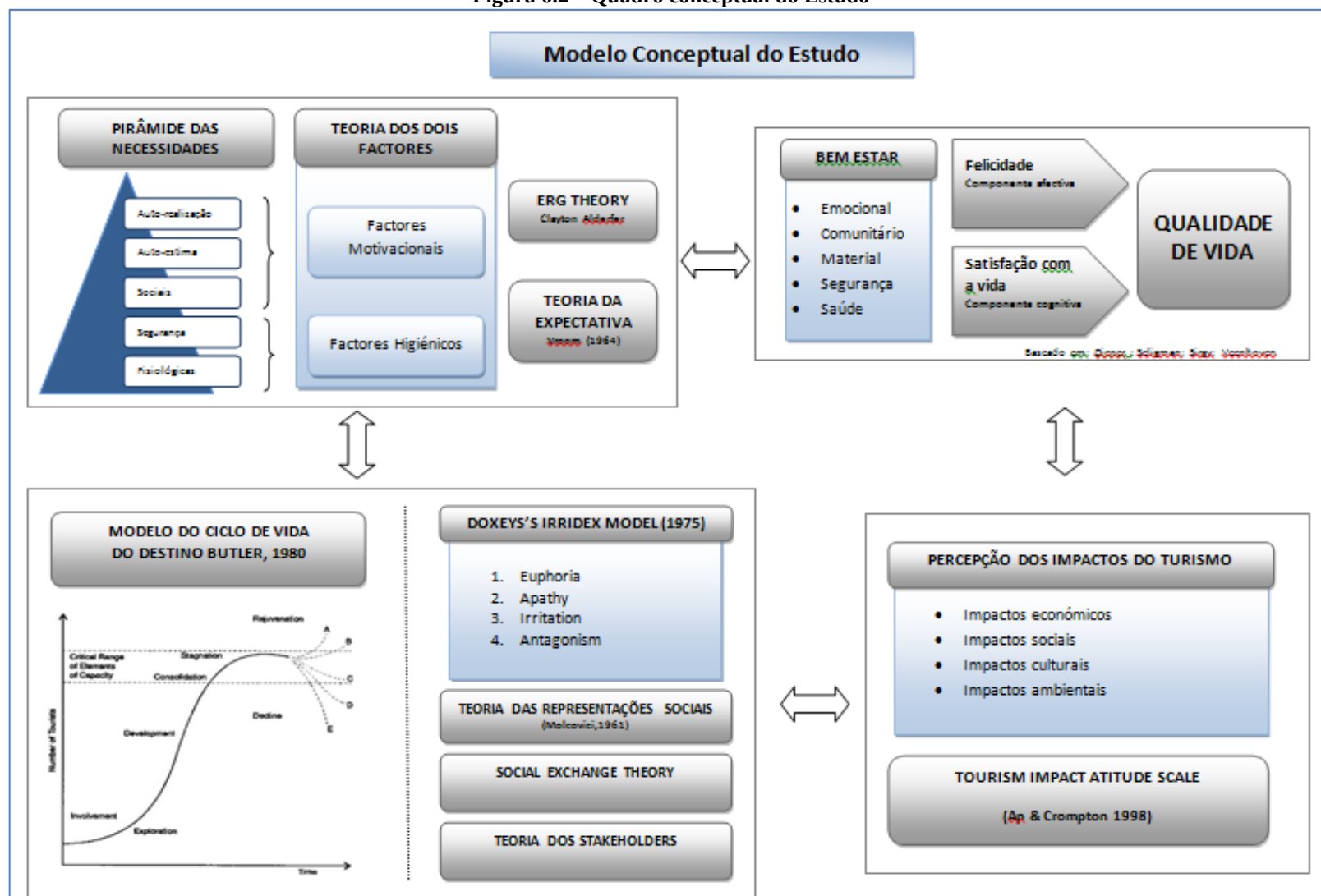
6.2. Quadro conceptual do estudo

Para além da revisão bibliográfica referida anteriormente, a investigação contou também com a recolha de dados secundários e primários, através de uma metodologia mista que engloba as abordagens qualitativa e quantitativa. Esta recolha de dados tem início com a denominada pesquisa exploratória e toma forma mais objetiva num momento posterior, com a realização do trabalho de campo, cujos resultados se passará a descrever no capítulo 8.

A revisão da literatura e a pesquisa exploratória realizada, bem como o trabalho de campo previsto, permitem definir o quadro conceptual do estudo e o modelo de análise, uma das etapas determinantes da investigação científica.

Entende-se por quadro conceptual o conjunto de conceitos e teorias que, após a revisão da literatura, se revelam ser os mais adequados para constituir o referencial teórico do estudo. Acresce ainda a esta escolha seletiva e criteriosa, o estabelecimento das relações entre os conceitos e teorias a explorar na investigação, as quais, necessariamente, estarão em consonância com o problema de investigação e se articulam com as informações possíveis de obter na investigação exploratória. O quadro conceptual da presente investigação é representado esquematicamente na figura 6.2 e assenta, como se referiu, na revisão bibliográfica compreendida nos capítulos da revisão da literatura apresentada esquematicamente no Mapa da Literatura (figura 6.1). Pretende-se, assim, estabelecer a relação entre um conjunto de teorias e conceitos originários das áreas científicas privilegiadas na investigação, o tema e a realidade em estudo.

Figura 6.2 – Quadro conceptual do Estudo



Fonte: Elaboração própria

Assim, no quadro conceptual do estudo, quadrante superior direito, são identificados os principais contributos para o estudo da qualidade de vida na área da psicologia, considerando a felicidade e a satisfação com a vida associadas ao bem-estar objetivo e subjetivo (bem-estar material, na saúde e na segurança, bem-estar emocional e comunitário). Tem-se em consideração o bem-estar segundo as aproximações teóricas de Diener (1984): top-down e bottom-up e enquadra-se esta abordagem do bem-estar e da qualidade de vida nas perspetivas das teorias da motivação, focalizando esta relação pelo lado das necessidades, uma vez que estas se relacionam diretamente com a avaliação da qualidade de vida.

Aplicando os conceitos e teorias propostas à percepção dos residentes dos destinos turísticos, no quadrante superior esquerdo, parte-se de duas das teorias clássicas da motivação, a pirâmide das necessidades de Maslow (1954), e a teoria dos dois fatores de Herzberg (1966) as quais nos conduzem às perspetivas contemporâneas de Adelfer (1969), a ERG (Existence, Relatedness, and Growth) de Vroom (1964).

O quadro conceptual contempla também a essencial referência a autores e teorias aplicadas ao turismo (quadrante inferior esquerdo). Assim, a teoria de Butler (1980) é um dos pontos de partida, uma vez que se analisa um destino turístico com zonas que se encontram em diversos estádios de desenvolvimento turístico, pretendendo-se explicar a influência destas diferenças na percepção dos impactos do turismo. Considera-se, em conjugação com esta teoria, o modelo de Doxey (1975), que identifica diferentes atitudes/comportamentos dos residentes face ao desenvolvimento turístico no seu território, que vão desde o estado que o autor designa de euforia ao estado de antagonismo. Tem-se ainda em conta a Social Exchange Theory⁸⁸ (Homans, 1958) e a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1981) que permitem uma compreensão mais aprofundada da temática, ao contextualizar e particularizar o estudo e a escala de atitude relativa aos impactos do turismo, a Tourism Impact Attitude Scale (TIAS), desenvolvida por Ap e Crompton (1998).

⁸⁸ Teoria da Troca Social

Inerente a estas teorias e à análise que se efetua, o quadro conceptual compreende ainda os conceitos de **sustentabilidade** (Un, 1987) e o de Livability (Veenhoven, 1996), bem como o conceito de **percepção dos impactos** do turismo e de **experiência** de qualidade de vida individual e na zona de residência (quadrante inferior direito).

6.3. Modelação das percepções dos residentes sobre o impacto do turismo e sobre a qualidade de vida

Muitos dos estudos realizados na área do turismo, que pretendem explorar as temáticas das atitudes e das percepções, utilizam modelos de equações estruturais (SEM, Structural Equation Model), como é o caso do presente estudo, e recorrem a metodologias e *softwares* diferentes para medir as relações entre variáveis latentes.

Uma vez que o presente estudo relaciona o turismo com a qualidade de vida dos residentes, foi imprescindível proceder a uma revisão bibliográfica aprofundada nestas áreas, como se referiu no capítulo 4, destacando-se em particular os estudos que utilizam modelos de equações estruturais. Na tabela 6.1 identificam-se os principais autores e estudos considerados nesta investigação, enunciando também as principais variáveis consideradas em cada estudo.

Tabela 6.1 - Resumo de artigos de referência para o estudo das percepções dos residentes sobre o impacto do turismo e sobre a qualidade de vida, que utilizam SEM

Autor e data publicação	Principais variáveis consideradas
Aziz et al. (2010)	Benefícios pessoais; nível de tolerância ao turismo; Preocupação com o turismo; Marketing interno; qualidade de vida; Percepção dos impactos positivos e negativos do turismo; Satisfação da comunidade com maior desenvolvimento turístico; apoio à estratégia de marketing
Bachleitner e Zins (1999)	Tourism Impact Attitude Scale (TIAS); desenvolvimento turístico; benefícios económicos pessoais; infraestruturas; aglomerado populacional; poluição; discriminação.
Dyer et al. (2007)	Percepção dos impactos do turismo: económicos positivos; socioeconómicos negativos; sociais positivos e negativos; culturais positivos; apoio ao desenvolvimento turístico.
Gursoy e Kendall (2006)	Preocupação com a comunidade; ligação à comunidade; atitude ecocêntrica; benefícios percebidos; custos percebidos; apoio relativamente a mega eventos.
Gursoy e Rutherford (2004)	Preocupação com a comunidade; ligação à comunidade; atitude ecocêntrica; utilização de recursos turísticos pelos residentes; estado da economia local; percepção dos benefícios económicos, sociais e culturais; percepção dos custos sociais e culturais.
Gursoy et al. (2002)	Preocupação com a comunidade; ligação à comunidade; atitude ecocêntrica; utilização de recursos turísticos pelos residentes; estado da economia local; benefícios percebidos; custos percebidos; apoio ao turismo
Gursoy et al. (2009)	Preocupação com a comunidade; ligação à comunidade; atitude ecocêntrica; utilização dos recursos turísticos pelos residentes; estado da economia local; benefícios económicos, sociais e culturais; custos sociais e socioeconómicos percebidos; atitudes face a dois tipos de desenvolvimento: turismo de massas e turismo alternativo.
Jurowski e Gursoy (2004)	Preocupação com a comunidade; atitude ecocêntrica; utilização de recursos turísticos pelos residentes; estado da economia local; benefícios e custos percebidos; apoio ao desenvolvimento turístico nas áreas culturais ou históricas e populares
Ko e Stewart (2002b)	Benefícios pessoais com o desenvolvimento turístico; percepção dos impactos negativos e positivos do turismo (económicos, sociais; culturais e ambientais); satisfação global com a comunidade; aceitação de maior desenvolvimento turístico;
Lindberg e Johnson (1997)	Variáveis demográficas; valores; atitudes perante o desenvolvimento turístico.
Nicholas et al. (2009)	Ligação à comunidade; atitudes ambientais; envolvimento local; percepção do local; apoio ao desenvolvimento turístico adicional; apoio à classificação do local como património da humanidade
Oviedo-Garcia et al. (2008)	Impactos positivos e negativos do turismo (económicos, socioculturais; ambientais; avaliação global do turismo; apoio dos residentes ao desenvolvimento turístico; apoio ao planeamento turístico; informação demográficas.
Sirgy et al. (2000)	Satisfação global com a vida; satisfação global comunitária; satisfação global com o trabalho; satisfação global com a família; satisfação financeira global
Vargas-Sánchez et al. (2011)	Atitude dos residentes face ao turismo; benefícios pessoais do desenvolvimento turístico; benefícios pessoais com o desenvolvimento turístico; percepção dos impactos negativos e positivos do turismo (económicos, sociais; culturais e ambientais); satisfação global com a comunidade; aceitação de maior desenvolvimento turístico.
Vargas-Sánchez et al. (2009)	Atitude face ao desenvolvimento turístico adicional; benefícios pessoais provenientes do desenvolvimento turístico; percepção dos impactos negativos do turismo; percepção positiva dos impactos do turismo; percepção positiva dos impactos sociais e culturais; percepção positiva dos impactos ambientais do turismo; satisfação comunitária global.
Yoon et al. (2001)	Impactos económicos, sociais, culturais e ambientais; impactos totais; apoio ao desenvolvimento turístico baseado em quatro tipologias (atrações naturais, culturais ou históricas; atrações desenhadas para grande número de turistas; eventos e atividades no exterior; desenvolvimento e serviços de apoio.

Fonte: Elaboração própria a partir de Vargas- Sánchez et al. (2009)

6.4. Modelo proposto e hipóteses de investigação

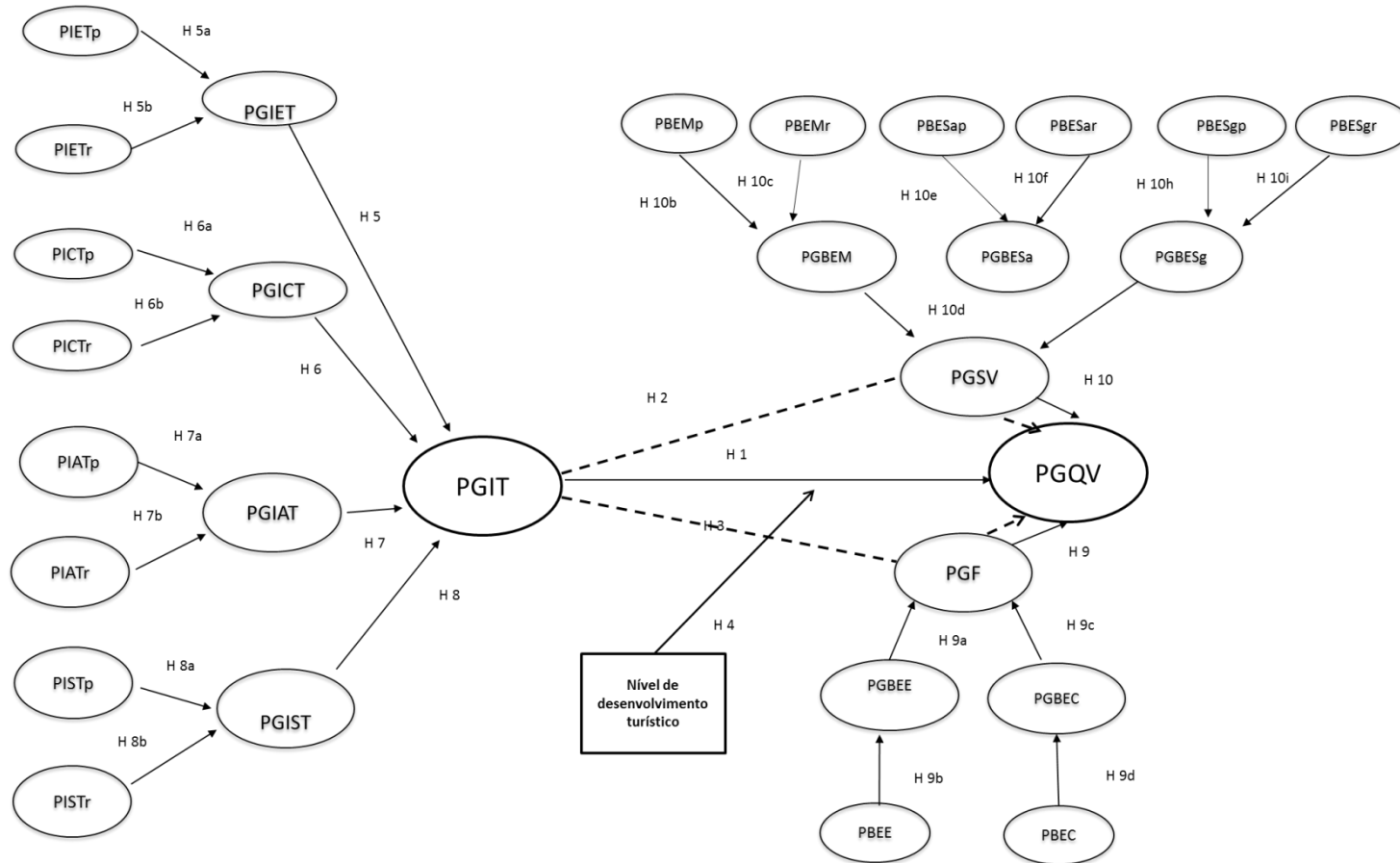
A presente investigação propõe um modelo que pretende analisar a relação entre a percepção dos residentes sobre os impactos do turismo e a percepção dos mesmos sobre a sua qualidade de vida. No modelo proposto, apresentado na figura 6.3, incluem-se as variáveis em estudo e as suas relações, bem como as hipóteses que se pretendem testar com os resultados da investigação.

A construção deste modelo assenta na revisão bibliográfica efetuada, nomeadamente nos estudos de alguns autores e nos resultados obtidos da pesquisa exploratória realizada no concelho de Loulé (Ap e Crompton, 1993; Diener, 1984; Gilbert e Clark, 1997; Haralambopoulos e Pizam, 1996; Lankford et al., 1994; McCool e Martin, 1994; Sirgy, 2001; Veenhoven, 1991).

Na presente investigação, a variável Percepção Global dos Impactos do Turismo (PGIT) é medida pelas variáveis Percepção Global dos Impactos Económicos, Sociais, Culturais e Ambientais do turismo (PGIET, PGIST, PGICT, PGIAT), sendo cada uma destas quatro variáveis medida pela percepção dos impactos do turismo em termos pessoais e na zona de residência (variáveis observáveis).

A variável Percepção Global da Qualidade de Vida (PGQV) é medida pelas variáveis percepção global da felicidade e percepção global da satisfação com a vida que, por sua vez, são medidas pelas variáveis da percepção do bem-estar emocional e comunitário, no que concerne à felicidade e pela percepção do bem-estar a nível material, na saúde e na segurança, no que se refere à satisfação com a vida.

Figura 6.3 – Modelo Proposto - Relação entre a percepção dos impactos do turismo e a percepção da qualidade de vida pelos residentes



Fonte: Elaboração própria

A tabela 6.2 refere-se às variáveis consideradas no estudo e apresentadas no modelo e inclui as siglas atribuídas a cada uma destas variáveis⁸⁹.

Tabela 6.2 – Variáveis Latentes

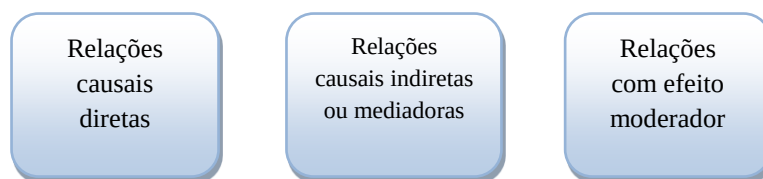
	Variável	Sigla utilizada
Percepção dos Impactos do Turismo	Percepção Global do Impacto do Turismo	PGIT
	Percepção Global do Impacto Económico do Turismo	PGIET
	Percepção dos Impactos Económicos do Turismo em termos pessoais	PIETp
	Percepção dos Impactos Económicos do Turismo na zona de residência	PIETr
	Percepção Global do Impacto Cultural do Turismo	PGICT
	Percepção dos Impactos Cultural do Turismo em termos pessoais	PICTp
	Percepção dos Impactos Cultural do Turismo na zona de residência	PICTr
	Percepção Global do Impacto Social do Turismo	PGIST
	Percepção dos Impactos Sociais do Turismo em termos pessoais	PISTp
	Percepção dos Impactos Sociais do Turismo na zona de residência	PISTr
	Percepção Global do Impacto Ambiental do Turismo	PGIAT
	Percepção dos Impactos Ambientais do Turismo em termos pessoais	PIATp
	Percepção dos Impactos Ambientais do Turismo na zona de residência	PIATr
Percepção da Qualidade de Vida	Percepção Global da Qualidade de Vida	PGQV
	Percepção Global da Felicidade	PGF
	Percepção Global do Bem-Estar Emocional	PGBEE
	Percepção do Bem-Estar Emocional	PBEE
	Percepção Global do Bem-Estar Comunitário	PGBEC
	Percepção do Bem-Estar Comunitário	PBEC
	Percepção Global da Satisfação com a Vida	PGSV
	Percepção Global do Bem-Estar Material	PGBEM
	Percepção do Bem-Estar Material em termos pessoais	PBEMp
	Percepção do Bem-Estar Material na zona de residência	PBEMr
	Percepção Global do Bem-Estar na Saúde	PGBESa
	Percepção do Bem-Estar na Saúde em termos pessoais	PBESap
	Percepção do Bem-Estar na Saúde na zona de residência	PBESar
	Percepção Global do Bem-Estar na Segurança	PGBESg
	Percepção do Bem-Estar na Segurança em termos pessoais	PBESgp
	Percepção do Bem-Estar na Segurança na zona de residência	PBESgr

Fonte: Elaboração própria

Os diferentes tipos de relações entre as variáveis latentes que se pretende analisar neste estudo, e que correspondem aos objetivos gerais da investigação, podem organizar-se em três grupos fundamentais, de acordo com o apresentado na figura 6.4.

⁸⁹ Carácter dependente ou independente das variáveis em estudo - apêndice 5.

Figura 6.4 – Relações entre variáveis



Fonte: Elaboração própria

À semelhança do que ocorre com as variáveis, também estas relações são representadas graficamente no modelo, assim como as hipóteses em que se consubstanciam e que são definidas no estudo, com o intuito de serem testadas.

A definição de hipóteses de investigação revela-se extremamente importante para o estudo uma vez que, ao serem proposições provisórias sujeitas a verificação, constituem, em articulação com o problema de investigação, um guia orientador na pesquisa. Efetivamente, a definição das hipóteses desempenha um papel essencial em todo o processo de investigação, constituindo-se como o seu fio condutor Hill e Hill (2005) e orientando na definição dos indicadores precisos que permitem, através dos instrumentos de recolha de informação, a sua validação ou infirmação.

A revisão da literatura, apresentada nos capítulos anteriores e sintetizada no início deste capítulo, permite a formulação das hipóteses a testar posteriormente a partir dos dados obtidos com a aplicação do questionário⁹⁰ e em função dos objetivos definidos na pesquisa, a uma amostra de residentes no concelho de Loulé. Neste sentido, apresentam-se, em seguida os objetivos e as hipóteses de investigação.

⁹⁰ O processo de construção do questionário é apresentado no capítulo 7.

Hipóteses associadas à relação entre a Percepção Global dos Impactos do Turismo e a Percepção Global da Qualidade de Vida (H1 a H4)

A tabela 6.3 apresenta os objetivos e hipóteses do modelo estrutural associadas à relação entre a Percepção Global dos Impactos do Turismo e a Percepção Global da Qualidade de Vida. Assim, a hipótese 1 (H1) refere-se ao **efeito direto** da percepção dos impactos do turismo na percepção da qualidade de vida e as hipóteses 2 e 3 (H2 e H3), dizem respeito ao **efeito indireto** da percepção dos impactos do turismo na percepção da qualidade de vida, via satisfação com a vida e via felicidade, respetivamente. A hipótese 4 (H4) está associada ao **efeito moderador** do nível de desenvolvimento turístico entre a percepção dos impactos do turismo e a percepção da qualidade de vida.

Tabela 6.3 - Objetivos e hipóteses do modelo estrutural associadas à relação entre a Percepção Global dos Impactos do Turismo e a Percepção Global da Qualidade de Vida (H1 a H4)

Objetivos Gerais	Objetivos específicos	Hipóteses
Analisar a relação causal direta entre a percepção global dos residentes sobre os impactos do turismo e a percepção global da sua qualidade de vida.	Caracterizar a percepção global dos impactos do turismo, por parte dos residentes. Caracterizar a percepção da qualidade de vida, por parte dos residentes. Identificar de que forma a percepção global dos impactos do turismo (económicos, sociais, culturais e ambientais) influencia a percepção global dos residentes sobre a sua qualidade de vida.	H1 - A percepção global dos impactos do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global da sua qualidade de vida.
Analisar o efeito indireto da percepção global dos impactos do turismo na percepção global da qualidade de vida, pelos residentes, através da percepção da satisfação com a vida.	Caracterizar a influência da percepção global dos impactos do turismo na percepção da satisfação com a vida, pelos residentes. Identificar a relação entre a satisfação com a vida e a avaliação dos residentes sobre os impactos do turismo na sua qualidade de vida.	H2 - A percepção global dos impactos do turismo tem um efeito indireto positivo na percepção global da qualidade de vida, via satisfação com a vida.
Analisar o efeito indireto da percepção da felicidade na relação entre a percepção global dos impactos do turismo e a percepção global da qualidade de vida pelos residentes.	Caracterizar a influência da percepção global dos impactos do turismo na felicidade. Identificar a relação entre a percepção da felicidade e a avaliação os residentes sobre os impactos do turismo na sua qualidade de vida.	H3 - A percepção global dos impactos do turismo tem um efeito indireto positivo na percepção global da qualidade de vida, via felicidade.
Avaliar o efeito moderador do estágio de desenvolvimento turístico da zona de residência na relação entre a percepção global dos impactos do turismo e a percepção global da qualidade de vida, pelos residentes.	Caracterizar o estágio de desenvolvimento turístico das freguesias do concelho de Loulé. Identificar o efeito do estágio de desenvolvimento turístico da zona de residência (inicial, crescimento, maturidade ou declínio) na relação que os residentes estabelecem entre a percepção global dos impactos do turismo e a sua qualidade de vida global.	H4- O nível de desenvolvimento turístico da zona de residência tem um efeito moderador positivo sobre a relação entre a percepção global dos impactos do turismo e a percepção da qualidade de vida.

O estudo da relação entre a percepção dos impactos do turismo e a percepção da qualidade de vida, na perspetiva dos residentes, revela que, como foi referido nos capítulos da revisão da literatura, de uma forma geral, os residentes percecionam esta relação como positiva, embora também reconheçam consequências negativas resultantes do desenvolvimento turístico (Ap e Crompton, 1993; Gursoy et al., 2002; Haralambopoulos e Pizam, 1996; Jurowski et al., 1997; Lankford et al., 1994; Liu e

Var, 1986; Perdue et al., 1990; Tosun, 2000). Desta forma, formula-se a primeira e mais importante hipótese desta investigação (H1).

- **H1** - A percepção global dos impactos do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global da qualidade de vida.

Do ponto de vista do estudo da qualidade de vida, dois aspetos complementares devem ser considerados, a satisfação com a vida e a felicidade, sugerindo a literatura que, ao considerar cada uma destas variáveis, existem diferenças na relação entre a percepção global do turismo e a percepção da qualidade de vida (Andereck e Jurowski, 2005; Diener, 1984; Ferrão, 2004; Manso e Simões, 2007; Sirgy, 2001; Veenhoven, 1991; The WHOQL Group, 1995). Assim, consideram-se a felicidade e a satisfação com a vida variáveis mediadoras desta relação e formulam-se as hipóteses (H2 e H3), que se apresentam abaixo.

- **H2** - A percepção global dos impactos do turismo tem um efeito indireto positivo na percepção global da qualidade de vida, via satisfação com a vida.
- **H3** - A percepção global dos impactos do turismo tem um efeito indireto positivo na percepção global da qualidade de vida, via felicidade.

Outro aspeto que merece um destaque especial, no âmbito dos estudos na área do turismo e da qualidade de vida nos destinos turísticos, é o que se prende com o desenvolvimento turístico dos territórios (Butler, 1980; Doxey, 1975) e com a forma como este desenvolvimento pode influenciar as percepções dos residentes relativamente a estas duas variáveis latentes. Com efeito, a literatura demonstra que o desenvolvimento turístico tende a condicionar o tipo e a frequência da relação dos residentes com o turismo e com os turistas, conduz à eventual dependência económica do turismo (a nível pessoal ou do agregado familiar), determina as condições de vida pessoais e na zona de residência, influencia as características ambientais do território bem como as experiências quotidianas, as oportunidades de emprego e a vivência sociocultural de forma global. Considera-se, por isso, relevante explorar a forma como a relação entre a percepção global dos impactos do turismo e a percepção global da qualidade de vida é moderada pelo desenvolvimento turístico da zona de residência. Neste sentido, formula-se a hipótese 4 (H4).

- **H4** - O nível de desenvolvimento turístico da zona de residência tem um efeito moderador positivo sobre a relação entre a percepção global dos impactos do turismo e a percepção da qualidade de vida.

Hipóteses decorrentes da Percepção Global dos Impactos do Turismo (H5 a H8)

As hipóteses 5, 6, 7, 8 (H5, H6, H7, H8) são apresentadas na tabela 6.4, tal como ocorre relativamente aos objetivos correspondentes. Neste caso os objetivos enunciados e as hipóteses formuladas, relativos ao modelo estrutural, estão associados à Percepção Global dos Impactos do Turismo. Destas quatro hipóteses decorrem outras que são apresentadas na tabela e que expressam especificidades em termos pessoais e na zona de residência quanto à percepção dos impactos do turismo.

Tabela 6.4 - Objetivos e hipóteses do modelo estrutural decorrentes da Percepção Global dos Impactos do Turismo (H5 a H8)

Objetivos Gerais	Objetivos específicos	Hipóteses
Avaliar o efeito direto da percepção global dos impactos económicos do turismo na percepção global dos impactos do mesmo.	Caracterizar a percepção dos residentes relativamente aos impactos económicos do turismo em termos pessoais e na sua zona de residência. Identificar a importância da percepção dos impactos económicos do turismo na percepção global dos impactos do turismo.	H5 - A percepção global dos impactos económicos do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo. H5a – A percepção dos impactos económicos do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos económicos do turismo. H5b – A percepção dos impactos económicos do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos económicos do turismo.
Avaliar o efeito direto da percepção global dos impactos culturais do turismo na percepção global dos impactos do mesmo.	Caracterizar a percepção dos residentes, relativamente aos impactos culturais do turismo, em termos pessoais e na sua zona de residência Identificar a importância da percepção dos impactos culturais do turismo na percepção global dos impactos do turismo,	H6 - A percepção global dos impactos culturais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo. H6a - A percepção dos impactos culturais do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos culturais do turismo. H6b - A percepção dos impactos culturais do turismo na zona de residência influencia direta e positivamente a percepção global dos impactos culturais do turismo.
Avaliar o efeito direto da percepção global dos impactos ambientais do turismo na percepção global dos impactos do mesmo.	Caracterizar a percepção dos residentes relativamente aos impactos ambientais do turismo em termos pessoais e na sua zona de residência Identificar a importância da percepção dos impactos ambientais do turismo na percepção global dos impactos do turismo.	H7 - A percepção global dos impactos ambientais do turismo influencia direta e positivamente a percepção global dos impactos do turismo. H7a – A percepção dos impactos ambientais do turismo em termos pessoais, influencia direta e positivamente, a percepção global dos impactos ambientais do turismo. H7b - A percepção dos impactos ambientais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos ambientais do turismo.
Avaliar o efeito direto da percepção global dos impactos sociais do turismo na percepção global dos impactos do mesmo.	Caracterizar a percepção dos residentes, relativamente aos impactos sociais do turismo, em termos pessoais e na sua zona de residência. Identificar a importância da percepção dos impactos sociais do turismo na percepção global dos impactos do turismo.	H8 - A percepção global dos impactos sociais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo. H8a – A percepção dos impactos sociais do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos sociais do turismo. H8b - A percepção dos impactos sociais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos sociais do turismo.

No que respeita à percepção dos impactos do turismo, muitos são os contributos, de diferentes autores, que destacam a existência de impactos reconhecidamente negativos e positivos, a nível pessoal e na zona onde os indivíduos residem (por exemplo (Akis et al., 1996; Andereck, 1995; Andereck e Vogt, 2000; Ap e Crompton, 1993; 1998; Gilbert e Clark, 1997; Haralambopoulos e Pizam, 1996; Jurowski et al., 1997; Lankford et al., 1994; Liu e Var, 1986; McCool e Martin, 1994; Perdue et al., 1990; Tosun, 2002)).

Quanto à percepção dos impactos económicos, constata-se uma forte tendência para associar positivamente o turismo à melhoria das condições económicas individuais e nos destinos (Backman e Backman, 1997; Getz, 1986; Liu et al., 1987; Tosun, 2002; Walpole e Goodwin, 2000), pelo que se formulam as três hipóteses seguintes:

- **H5** - A percepção global dos impactos económicos do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.
- **H5a** - A percepção dos impactos económicos do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos económicos do turismo.
- **H5b** - A percepção dos impactos económicos do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos económicos do turismo.

A percepção dos impactos culturais do turismo surge na literatura, de forma menos consensual, do que a percepção dos impactos económicos ou sociais. Alguns estudos evidenciam o reconhecimento de impactos negativos do turismo na cultura, outros identificam consequências positivas mas, de uma forma geral, denota-se uma menor ênfase, por parte dos residentes, na identificação deste tipo de impactos, se comparados com outros (Belisle e Hoy, 1980; Besculides et al., 2002; Cohen, 1988; Liu e Var, 1986; Maitheson e Wall, 1982; Pizam, 1978; Sharpley, 1994; Weaver e Lawton, 2001). Da revisão da literatura decorre a formulação de três hipóteses associadas à percepção dos impactos culturais.

- **H6** - A percepção global dos impactos culturais do turismo influencia, direta e positivamente a percepção global dos impactos do turismo.

- **H6a** – A percepção dos impactos culturais do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos culturais do turismo.
- **H6b** - A percepção dos impactos culturais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos culturais do turismo.

A questão do ambiente revela uma presença marcante na literatura na área do turismo (Andereck, 1995; Liu et al., 1987; Perdue, 1987; Pizam, 1978, Ritchie, 1988). A percepção dos impactos ambientais do turismo surge associada a fatores negativos e positivos em relação aos destinos turísticos mas também em termos pessoais. No entanto, os estudos revelam-se muitas vezes contraditórios, percebendo-se que existe uma associação clara entre as percepções dos impactos ambientais e as características do território em estudo.

- **H7** - A percepção global dos impactos ambientais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.
- **H7a** – A percepção dos impactos ambientais do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos ambientais do turismo.
- **H7b** - A percepção dos impactos ambientais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos ambientais do turismo.

Relativamente aos impactos sociais do turismo, a literatura aponta também no sentido de considerar o turismo como um fator positivo, apesar de, neste caso, serem mais frequentes estudos cujas conclusões apontam para a existência de consequências negativas, associadas à atividade turística, nomeadamente quanto à identidade e ao sentimento de pertença nas comunidades recetoras (Ahmed e Krohn, 1992; Backman e Backman, 1997; Brunt e Courtney, 1999; Davis et al., 1988; Liu e Var, 1986; Long et al., 1990; Perdue et al., 1991; Tyrrel e Spauling, 1984). Com base nos estudos destes e de outros autores referenciados nos capítulos teóricos, formulam-se três hipóteses relacionadas com a percepção dos impactos sociais do turismo.

- **H8** - A percepção global dos impactos sociais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.
- **H8a** - A percepção dos impactos sociais do turismo em termos pessoais influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos sociais do turismo.
- **H8b** - A percepção dos impactos sociais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos sociais do turismo.
-

Hipóteses decorrentes da Percepção Global da Qualidade de Vida (H9 e H10)

Por último, a tabela 6.5 diz respeito aos objetivos e hipóteses do modelo estrutural decorrentes da Percepção Global da Qualidade de Vida (H9 e H10). Mais uma vez se apresentam os objetivos associados a cada grupo de hipóteses para uma melhor compreensão da natureza das mesmas.

Tabela 6.5 - Objetivos e hipóteses do modelo estrutural decorrentes da Percepção Global da Qualidade de Vida (H9 e H10)

Objetivos Gerais	Objetivos específicos	Hipóteses
Avaliar o efeito direto da percepção da felicidade na percepção global da qualidade de vida pelos residentes.	Caracterizar a percepção dos residentes sobre a sua felicidade. Caracterizar a influência do bem-estar comunitário e do bem-estar emocional na percepção da felicidade, pelos residentes. Identificar a relação entre a percepção da felicidade e a percepção global da qualidade de vida, pelos residentes.	H9 - A percepção global da felicidade influencia direta e positivamente a percepção global da qualidade de vida. H9a – A percepção global do bem-estar emocional influencia, direta e positivamente, a percepção global da felicidade. H9b - A percepção do bem-estar emocional influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar emocional. H9c - A percepção global do bem-estar comunitário influencia, direta e positivamente, a percepção global da felicidade. H9d - A percepção do bem-estar comunitário influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar comunitário.
Avaliar o efeito direto da percepção da satisfação com a vida na percepção global da qualidade de vida pelos residentes.	Caracterizar a percepção dos residentes sobre a sua satisfação com a vida Caracterizar a influência do bem-estar material, do bem-estar na saúde e do bem-estar na segurança, na percepção da qualidade de vida, pelos residentes. Identificar a relação entre a percepção da satisfação com a vida e a percepção global da qualidade de vida, pelos residentes.	H10 - A percepção global da satisfação com a vida influencia, direta e positivamente, a percepção da qualidade de vida pelos residentes. H10a – A percepção global do bem-estar material influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida. H10b – A percepção do bem-estar material, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar material. H10c – A percepção do bem-estar material, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar material. H10d – A percepção global do bem-estar na saúde influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida. H10e – A percepção do bem-estar na saúde, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na saúde. H10f – A percepção do bem-estar na saúde, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na saúde. H10 g- A percepção global do bem-estar na segurança influencia, direta e positivamente, a percepção global

		da satisfação com a vida. H10 h- A percepção do bem-estar na segurança em termos pessoais influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na segurança. H10i- A percepção do bem-estar na segurança, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na segurança.

A revisão da literatura, ao permitir identificar a complexidade associada aos constructos Percepção Global dos Impactos do Turismo e Percepção Global da Qualidade de Vida conduziu à identificação dos conceitos e ideias a estudar e à formulação das hipóteses apresentadas na tabela anterior e que se passam agora a explicitar.

A literatura na área da qualidade de vida realça a importância de considerar, nos estudos a empreender, conceitos associados às suas dimensões emocional e cognitiva (Alkire, 2002; Andrews e Withey, 1976; Argyle, 1996; Biderman, 1974; Constanza et al., 2007; Cummins, 1997; Diener, 1984; Jurovski et al., 1997; OECD, 2011; Seligman e Csikszentmihalyi, 2000; Sirgy, 2002).

Assim, considera-se, por um lado, a variável latente felicidade (componente emocional), a que se associam os constructos do bem-estar emocional e comunitário (Andereck, 1995; Andrews e Withey, 1976; Brinkman, 1989; Cummins, 1997; Flanagan, 1978; Kim e Crompton, 1990; Krupinski, 1980; Liu et al., 1987; Neal et al., 1997; Neal et al., 1999; Paloutzian e Ellison, 1982; Perdue et al., 1987; Ritchie, 1988; Scott et al., 1998; Vickerman, 1980).

No que diz respeito à percepção da felicidade formulam-se as seguintes hipóteses:

- **H9** - A percepção global da felicidade influencia, direta e positivamente, a percepção da qualidade de vida pelos residentes.
- **H9a** – A percepção global do bem-estar emocional influencia, direta e positivamente, a percepção global da felicidade.
- **H9b** - A percepção do bem-estar emocional influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar emocional.
- **H9c** - A percepção do bem-estar comunitário influencia, direta e positivamente, a percepção global da felicidade.

- **H9d** - A percepção do bem-estar comunitário influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar comunitário.

Por outro lado, considera-se a satisfação com a vida (componente cognitiva), expressa pelos constructos bem-estar material, bem-estar na saúde e bem-estar na segurança, analisados em termos pessoais e na zona de residência (Andrews e Withey, 1976; Campbell, 1976; Cummins, 1996; Diener, 1994; Ducan, 1975; Flanagan, 1978; Krupinski, 1980; Sirgy et al., 1995; Veenhoven, 1991). Neste caso, as hipóteses formuladas são as abaixo apresentadas.

- **H10** - A percepção global da satisfação com a vida influencia, direta e positivamente, a percepção da qualidade de vida.
- **H10a** – A percepção global do bem-estar material influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida.
- **H10b** – A percepção do bem-estar material, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar material.
- **H10c** – A percepção do bem-estar material na zona de residência influencia direta e positivamente a percepção global do bem-estar material.
- **H10d** – A percepção global do bem-estar na saúde influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida.
- **H10e** – A percepção do bem-estar na saúde, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na saúde.
- **H10f** - A percepção do bem-estar na saúde, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na saúde.
- **H10g**- A percepção global do bem-estar na segurança influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida.
- **H10 h**- A percepção do bem-estar na segurança, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na segurança.
- **H10i**- A percepção do bem-estar na segurança, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na segurança.

Síntese conclusiva

Neste capítulo apresenta-se uma síntese da revisão da literatura através da inclusão de diagrama comentado, designado por Mapa da Literatura e explicita-se o

quadro conceptual do estudo. Destacam-se os principais estudos que utilizam modelos de equações estruturais no âmbito do estudo do turismo e da qualidade de vida, e que são tidos em consideração nesta investigação. Apresenta-se o modelo proposto no estudo, explicitando as variáveis latentes consideradas e as suas relações, esclarecendo as hipóteses formuladas e a sua relação com os objetivos da investigação.

CAPÍTULO 7. METODOLOGIA

Nota introdutória

O presente capítulo tem como objetivo fundamental esclarecer o processo de investigação adotado e justificar as escolhas efetuadas em função do problema de investigação, dos objetivos da pesquisa e das hipóteses a testar.

Este capítulo surge na sequência das questões metodológicas referidas na introdução, onde se contextualizam as decisões tomadas ao longo do processo de investigação e se identificam as diferentes etapas subjacentes ao processo, a nível teórico e conceptual - razão pela qual se descrevem detalhadamente os procedimentos adotados para a construção dos instrumentos de pesquisa, definição da amostra, recolha e tratamento dos dados -fases exploratória e de trabalho de campo.

7.1. Pesquisa exploratória

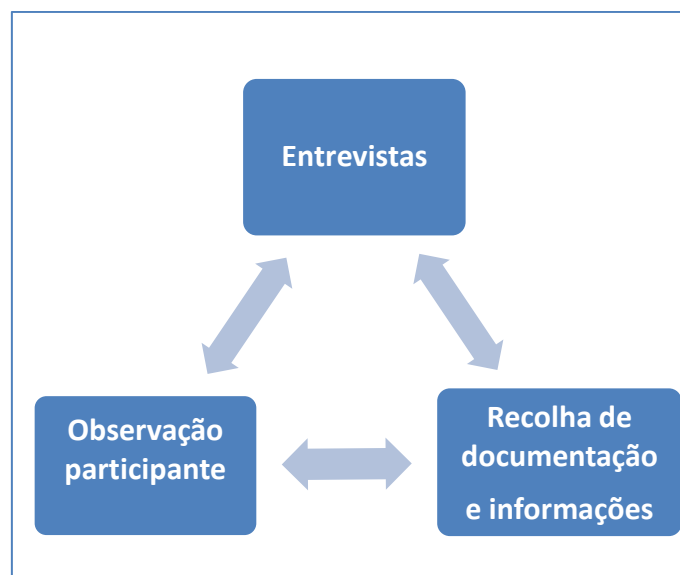
Tendo em conta a temática da presente investigação e face às características do território em estudo, nomeadamente a sua assimétrica distribuição demográfica e o diferenciado desenvolvimento económico, social e turístico, revelou-se adequado realizar um estudo que englobasse todo o concelho de Loulé, levando em consideração as onze freguesias, situadas nas três regiões naturais do Algarve - o Litoral, o Barrocal e a Serra, como no capítulo 5 foi referido.

A pesquisa apoiou-se na revisão alargada da literatura nas áreas científicas consideradas nesta investigação como referências teóricas de base e optou-se por uma abordagem mista no que respeita à recolha de dados primários. Numa primeira fase, exploratória, enfatizou-se a vertente qualitativa da pesquisa e, num momento seguinte,

realizou-se uma análise extensiva e quantitativa na qual se aplica um questionário a uma amostra representativa da população em estudo.

Por primeira fase entende-se a pesquisa exploratória que assentou, nesta investigação, no método da triangulação (figura 7.1), no qual se utilizaram, como a designação sugere, três técnicas em simultâneo: as entrevistas, a observação participante e a recolha de informações e documentação junto de fontes privilegiadas. Este método permite a comparação de informações provenientes das diversas técnicas utilizadas e fornece elementos fundamentais para, em conjugação com os resultados da revisão da literatura, construir o questionário (Quivy e Campenhoudt, 1992).

Figura 7.1 – Triangulação de Métodos



Fonte: Elaboração própria

7.1.1. Entrevistas exploratórias

Com a realização de entrevistas exploratórias pretendeu-se, por um lado, aprofundar o conhecimento relativamente às perspetivas de diferentes *stakeholders* face ao desenvolvimento da atividade turística na zona em estudo e avaliar as perceções, atitudes e expectativas que lhe estão associadas e, por outro lado, verificar a pertinência

do tema e a sua adequabilidade empírica à zona considerada na investigação. Neste sentido, as entrevistas exploratórias realizadas foram de carácter semiestruturado, de forma a permitir a sua orientação no sentido de atingir os objetivos propostos sem, contudo, condicionar a liberdade de expressão ao entrevistado (Altinay e Paraskevas, 2008; Burgess, 1997; Dencker, 1998; Quivy e Campenhoudt, 1992) Em função dos objetivos definidos para as entrevistas exploratórias, foram elaborados guiões de entrevista, de base comum mas suficientemente diferenciados para cada tipologia de entrevistados no concelho de Loulé. Os guiões de entrevista⁹¹, foram organizados segundo a sequência lógica dos temas a abordar e sobre os quais se pretendia conhecer a opinião dos entrevistados. Assim foram formuladas questões abertas com a principal função de orientar a entrevista e não determiná-la ou limitá-la.

A sequência das perguntas incluídas nos guiões foi pensada no sentido de colocar aos inquiridos, em primeiro lugar, questões sobre as características gerais da área sobre a qual se pronunciavam, sobre a imagem que têm dessa região, sobre as suas qualidades e debilidades ou problemas e, só depois, sobre o turismo. Na verdade, escolheu-se propositadamente não questionar os entrevistados logo de início sobre o turismo e sobre os seus impactos: (i) pretendia-se não condicionar ou restringir as respostas sobre a zona em causa, a fatores positivos ou negativos relacionados com o turismo; (ii) desejava-se verificar, em resposta livre, se os entrevistados faziam referência ao turismo, aos turistas, ao efeito do desenvolvimento turístico ou à vontade que esse desenvolvimento ocorra.

Os entrevistados, representantes de organismos públicos, instituições, empresas e pessoas consideradas líderes de opinião locais, foram contactados telefonicamente para marcar o dia, a hora e o local mais favorável para se realizar a entrevista enquanto os residentes entrevistados foram contactados pessoalmente.

Alguns dos entrevistados manifestaram, logo no primeiro contacto, interesse ou maior disponibilidade para responder por e-mail e, uma vez que se tratava de uma fase exploratória, com o principal objetivo de recolher o maior número possível de dados diversificados do maior número de informantes possível, as duas situações foram

⁹¹ Ver Guiões de entrevistas exploratórias - apêndice 6.

adotadas, a entrevista presencial e a entrevista por e-mail. Esta fase decorreu durante o segundo semestre do ano de 2009 e o primeiro semestre de 2010.

Utilizou-se os mesmos guiões de entrevista, no caso das entrevistas pessoalmente realizadas e nas entrevistas via e-mail. Foi adotado, para o registo das respostas obtidas nas entrevistas e para cada tipologia de entrevistados, o formulário eletrónico criado no Google Docs, ou seja, nesses formulários eletrónicos registou-se as respostas obtidas nas entrevistas pessoalmente realizadas e os inquiridos, a quem foram enviadas as questões por e-mail, efetuaram diretamente o registo das suas opiniões.

Nem todas as entrevistas realizadas pessoalmente foram gravadas uma vez que nem todos os entrevistados se sentiam à vontade nessas circunstâncias. Deste modo, as opiniões e informações recolhidas foram registadas no momento da entrevista e, mais detalhadamente, imediatamente após a sua realização. O formulário *on-line* foi utilizado pela entrevistadora, após cada entrevista, para registar as respostas obtidas, garantindo assim a uniformidade no registo das respostas e facilitando o posterior tratamento e análise da informação recolhida.

Quando os entrevistados permitiram o registo áudio das entrevistas, o trabalho *a posteriori* ficou facilitado, permitindo a transcrição integral das respostas obtidas, uma vez que a gravação possibilita, para além das anotações feitas *in loco* e da memorização por parte da entrevistadora, das ideias apresentadas voltar a ouvir a entrevista, sempre que necessário e assim esclarecer alguma dúvida que possa ter subsistido ou corrigir alguma imprecisão que eventualmente possa ter ocorrido.

As entrevistas tiveram uma duração média de 40 minutos. Verificou-se que as entrevistas mais longas, que chegaram em alguns casos a atingir os 60 minutos, foram as efetuadas aos presidentes das juntas de freguesia, a algumas das associações e a alguns líderes de opinião. As entrevistas com residentes e com empresas foram, regra geral, as de menor duração, não sendo, contudo, inferiores a 30 minutos.

Para as entrevistas realizadas na fase exploratória foram contactados todos os representantes das onze juntas de freguesia do concelho de Loulé com o objetivo de ser

realizada uma entrevista presencial. No que respeita às organizações sem fins lucrativos, foram identificadas as que se consideram ter um papel mais determinante no concelho e que mais diretamente pudessem ter uma perceção sobre o impacto do turismo na qualidade de vida dos residentes. Foi também considerada a localização geográfica das organizações para que houvesse representatividade das várias freguesias. A mesma preocupação norteou a escolha de algumas empresas que foram entrevistadas. Quanto aos líderes de opinião, tentou-se identificar pessoas com esta característica nas onze freguesias, tendo-se concluído que quem reunia características de liderança, de forma idêntica, em todas as freguesias em estudo, eram, por um lado, os padres e, por outro, os dirigentes das associações locais (sociais, culturais, desportivas ou Casas do Povo). Assim sendo, foi solicitada a colaboração a todos os padres das freguesias em estudo e aos representantes das associações locais. Foram também identificadas outras pessoas nas freguesias, tais como residentes ou negociantes com carácter de líder, sendo por isso também contactados nessa qualidade. Nas entrevistas a residentes procurou-se contactar pessoas de várias idades, sexo, habilitações e ocupação profissional, de forma a perceber, desde logo, possíveis diferenças de perceção relativamente aos assuntos em estudo.

Posteriormente, foi ainda realizado um outro inquérito exploratório *on-line* a informantes-chave (em julho de 2012), com o objetivo de validar a identificação do nível de desenvolvimento turístico das três regiões naturais do concelho de Loulé. Os informantes-chave foram selecionados tendo em consideração o seu conhecimento teórico e/ou empírico sobre o território em estudo e na área do desenvolvimento turístico, tendo sido contactados 38 indivíduos no total. Houve a preocupação de diversificar os informantes criando vários grupos com diferentes tipos de informação sobre o local: Universidade do Algarve; juntas de freguesia; associações locais; comunicação social local; Câmara Municipal de Loulé; Associação de Turismo do Algarve, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Regional do Algarve; líderes de opinião locais.

A tabela 7.1 sintetiza o número de entrevistas realizadas pessoalmente e o número de formulários preenchidos pelos entrevistados, identificando as respetivas tipologias em que se enquadram.

Tabela 7.1 – Entrevistas exploratórias realizadas

Técnica utilizada	Tipologia do entrevistado					Total
	Presidentes de Junta de Freguesia	Responsável por organização não lucrativa	Líder de Opinião	Empresa	Residente	
Entrevista pessoal	6	3	3	2	6	20
Formulário <i>on-line</i>	----	3	----	2	7	12
Total de entrevistas						32
Inquérito a informantes-chave						24

Fonte: Elaboração própria

A informação e opiniões recolhidas nas entrevistas foram submetidas a uma análise comparativa tendo em conta vários aspetos considerados relevantes. Por um lado, a opinião expressa por cada tipologia de entrevistados; por outro lado, a freguesia que o entrevistado tem como referência para as suas respostas e relativamente à qual é questionado e, por fim, o nível de desenvolvimento turístico da região natural em que a freguesia respetiva se inscreve.

No contexto da análise das entrevistas, e apesar de a opinião de todos os entrevistados ser importante, foi dada particular atenção às entrevistas realizadas aos presidentes das juntas de freguesia pois um dos objetivos do estudo é perceber se existem diferenças na perceção da qualidade de vida nas onze freguesias devido ao desigual seu nível de desenvolvimento turístico.

7.1.2. Observação participante

A observação participante foi realizada de forma descontínua no tempo e no espaço. A escolha dos momentos de observação teve a preocupação de, em primeiro lugar, observar a vida quotidiana das populações e assim recolher elementos relevantes

para a sua caracterização, que permitissem, simultaneamente, a identificação de indicadores a utilizar aquando da construção do questionário. Em segundo lugar, houve a participação voluntária em ocasiões especiais nas várias localidades do concelho, como por exemplo participação em festivais, encontros e exposições, festas populares ou das paróquias, as quais implicam, em grande parte dos casos, a coexistência entre residentes, turistas e/ou visitantes, o que permitiu perceber *in loco* a interação entre os diversos autores.

À semelhança do que ocorreu para as entrevistas, também para a observação participante foram previstas técnicas de registo específicas e, nesse sentido, foram criadas grelhas de observação.⁹² As grelhas de observação permitiram registar as informações, de forma sistemática, *in loco* e/ou *a posteriori*, de acordo com as circunstâncias do momento observado.

7.1.3. Recolha de documentos e informação

Ainda nesta fase exploratória, procedeu-se à recolha de documentos e de outras informações, sobre o concelho de Loulé sobre as freguesias e, em particular, sobre o desenvolvimento turístico deste território. Esta recolha de informação teve lugar em diversos contextos, tendo ocorrido, em grande parte, nas freguesias e também das entrevistas exploratórias realizadas. Recorreu-se também a pesquisas efetuadas *on-line*, nos organismos locais e de contactos estabelecidos com várias entidades no Algarve. As principais fontes de informação, apresentadas na tabela 7.2 foram utilizadas nesta fase exploratória e continuaram, no decorrer da pesquisa, a ser consultadas como forma de completar e atualizar a informação.

⁹² Ver Exemplo de Grelha de observação - apêndice 7

Tabela 7.2 – Principais fontes de informação

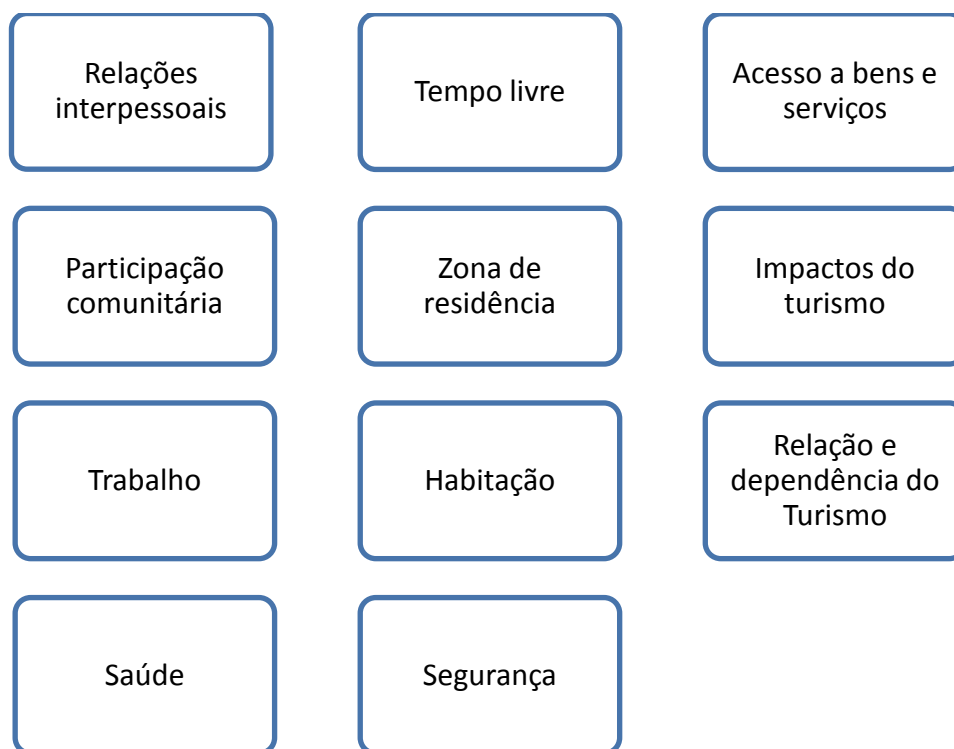
Origem da informação	Tipo de informação	Forma de obtenção
INE	Estatística	<i>Online</i>
IMPACTUR	Estatística	<i>Online</i>
CCDRA	Estatística; legislação; estudos e projetos	<i>Online e in loco</i>
AMAL	Estatística; estudos e projetos	<i>Online</i>
Câmara Municipal de Loulé	Legislação, estudos e projetos, informações em geral (eventos, medidas, etc.)	<i>Online e in loco</i>
Juntas de freguesia do Concelho de Loulé	Boletins; iniciativas; candidaturas; projetos	<i>in loco</i>
Associações locais	Boletins; iniciativas; candidaturas; projetos	<i>in loco</i>
Associações regionais	Estudos e projetos; informações em geral (eventos, medidas, etc.)	<i>Online e in loco</i>
Fonte: Elaboração própria		

7.2. Construção do questionário

7.2.1. Desenho do questionário

Para a construção do questionário foi, em primeiro lugar, identificada a informação que interessava recolher. Neste contexto, assumem um papel determinante, como foi anteriormente referido, a revisão da literatura efetuada e os resultados obtidos na pesquisa exploratória. Tendo em conta o principal objetivo que norteia a investigação - conhecer a perceção dos residentes sobre o impacto do turismo na sua qualidade de vida - foram identificadas as principais dimensões de análise a considerar no questionário.

Figura 7.2 – Dimensões de análise no questionário

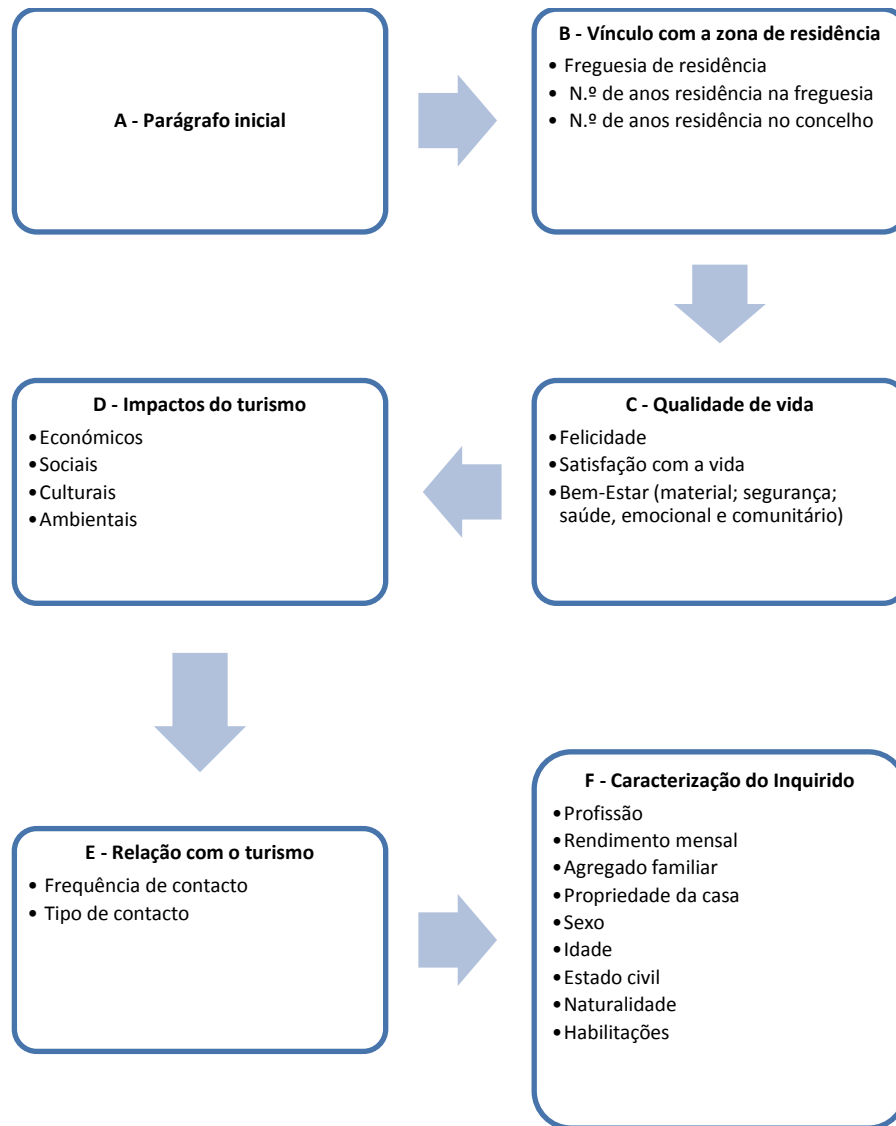


Fonte: Elaboração própria

Estas onze dimensões de análise foram incorporadas no questionário através de questões colocadas aos inquiridos e visaram englobar a perspectiva subjetiva e objetiva do bem-estar.

O instrumento de recolha de informação, neste caso o questionário, é constituído por uma sequência de blocos de perguntas (A a F), conforme apresentado na figura 7.3.

Figura 7.3 – Blocos do questionário



Fonte: Elaboração própria

A. Parágrafo inicial

O questionário inicia-se com uma breve apresentação da investigadora e do estudo, referindo também o carácter voluntário da colaboração e realçando a confidencialidade dos dados e opiniões prestadas pelos inquiridos. Termina-se este parágrafo inicial com um agradecimento antecipado pela colaboração.

B. Vínculo com a zona de residência

Em seguida, o questionário apresenta um conjunto de três perguntas que pretendem identificar o vínculo do inquirido com a freguesia e o concelho em estudo. É por este motivo que se pede informação sobre a freguesia onde o inquirido reside e sobre o número de anos de residência na mesma e no concelho. As restantes perguntas de caracterização são deixadas para o final do questionário para não sobrecarregar o inquirido com o pedido de informações que não exigem grande reflexão da sua parte e que, se fossem colocadas no início, provocariam cansaço ou desmotivação para responder às perguntas que respeitam à temática em estudo, e, por isso, se revestem de maior importância.

C. Qualidade de vida

Neste bloco do questionário parte-se do mais geral para o particular. Começa-se por se colocar questões sobre a perceção global da qualidade de vida, em termos pessoais e no que respeita aos diferentes grupos de contacto, pertença e/ou referência (família, vizinhos, amigos, colegas). Incluem-se ainda duas questões sobre a qualidade de vida na zona de residência e na zona geográfica próxima.

Seguem-se perguntas sobre a felicidade de forma global e sobre a satisfação global com a vida, para depois se passar a particularizar, questionando sobre a perceção do bem-estar a vários níveis. Neste sentido, colocam-se, em primeiro lugar, questões sobre a apreciação global do bem-estar a nível material, comunitário, emocional, na saúde e na segurança e, num momento seguinte, questiona-se o residente sobre o seu grau de satisfação em termos pessoais e relativamente à sua zona de residência, no que respeita ao bem-estar material, na segurança e na saúde.

No que se refere ao bem-estar comunitário e ao bem-estar emocional, uma vez que se trata de domínios mais subjetivos, não se subdividem as perguntas em termos individuais e em relação à zona de residência.

D. Impactos do turismo

As questões sobre os impactos do turismo são colocadas a partir desta parte do questionário, seguindo, mais uma vez, a lógica de partir do geral para o particular.

Assim, um primeiro conjunto de questões diz respeito à apreciação global dos impactos do turismo como um todo e em termos económicos, sociais, culturais e ambientais. Em seguida, questiona-se o residente sobre o seu grau de concordância relativamente a questões relacionadas com o desenvolvimento turístico, distinguindo entre as consequências pessoais e, segundo o seu ponto de vista, em relação à sua zona de residência. Os conjuntos de perguntas que se seguem pormenorizam esta opinião, questionando, com maior precisão, sobre a percepção dos impactos económicos, sociais, culturais e ambientais.

E. Relação com o turismo

Esta secção do questionário pretende esclarecer o tipo e a frequência de contacto do residente com o turismo. Neste sentido, questiona-se o inquirido sobre os locais onde contacta com os turistas, pedindo-lhe que classifique a frequência com que esse contacto ocorre.

F. Caracterização do Inquirido

O bloco de questões dedicado à caracterização do inquirido pretende traçar o seu perfil em termos pessoais e sociais e obter um conjunto de informações que permitam perceber o tipo de relação que este estabelece com o turismo, nomeadamente no que respeita à sua ligação profissional ao setor e à sua dependência económica relativamente ao turismo. São, por isso, apresentadas questões que permitam a sua caracterização por sexo, idade, habilitações, estado civil, e também outras que dizem respeito ao agregado familiar e propriedade da habitação, rendimento, profissão atual e anterior.

Na construção do questionário procurou-se a maior simplificação possível e a adaptação da linguagem aos inquiridos. Foi neste sentido de facilitação da resposta que

se utilizam perguntas fechadas, recorrendo, na sua maioria, a uma escala de Likert de cinco pontos, como ocorre na maior parte dos estudos na área do turismo, constituindo-se como escala de concordância, de satisfação ou de felicidade, consoante as perguntas.

Optou-se por não colocar no enunciado do questionário a possibilidade “Não sabe/Não responde ou Não se aplica”, para não induzir o inquirido a esta resposta. Foram por isso dadas instruções aos inquiridores para, no caso de os inquiridos manifestarem efetivamente dificuldade na resposta e responderem que não é aplicável, se deixasse essa pergunta sem resposta, sendo posteriormente codificada nestes termos.

7.2.2. Variáveis latentes e indicadores

A tabela 7.3 apresenta as variáveis latentes e os respetivos indicadores utilizados, que deram origem às perguntas do questionário aplicado à amostra de residentes. Apresenta-se ainda nesta tabela as principais referências bibliográficas tidas em consideração para definir os indicadores da pesquisa e cuja identificação resultou da revisão da literatura efetuada.

Para as três primeiras (PBEM, PBESa e PBESg) considerou-se, à semelhança do que se adota para a análise da perceção de cada tipo de impacto, a perceção a nível pessoal e quanto à região. Para o bem-estar comunitário e emocional não foi efetuada esta distinção uma vez que se trata da componente subjetiva e mais pessoal da qualidade de vida e carece de ser analisada apenas do ponto de vista individual.

Tabela 7.3 - Variáveis e indicadores do Questionário

Variável Latente	Indicadores	Principais Referencias Bibliográficas
Percepção global da qualidade de vida (Questão 4)	Qualidade de vida atual (QVG1) Qualidade de vida da sua família (QVG2) Qualidade de vida dos seus vizinhos (QVG3) Qualidade de vida dos seus amigos (QVG4) Qualidade de vida dos seus colegas (QVG5) Qualidade de vida no Algarve (QVG6) Qualidade de vida na sua zona de residência (QVG7)	Andereck et al (2005, 2007); Andrews e Withey (1976); Argyle (1999); Constanza et al (2007); Cummins (1997); Davis et al (1998); Diener e Fujita (1995); Diener (1984); Lane (1994); Lyubomirsky (2001); Moscardo (2009) Seligman e Csikszentmihalyin (2000); Sheldon (2004); Sirgy (2002); Sirgy et al. (1995); Veenhoven (1999; 2000).
Percepção global da satisfação com a vida (Questões 5, 6, 7, 8 e 9)	Percepção global da satisfação com a vida (SVG1) Percepção global do bem-estar material (BEGM1) Em termos pessoais Condições de trabalho (BEMp1) Progressão no trabalho (BEMp2) Rendimento/ordenado (BEMp3) Casa (BEMp4) Bens (BEMp5) Serviços a que acede (BEMp6) Estabilidade económica (BEMp7) Na sua zona de residência Desenvolvimento económico (BEMr1) Investimento público (BEMr2) Investimento privado (BEMr3) Estabelecimentos de ensino (BEMr4) Acessibilidades (BEMr5) Transportes públicos (BEMr6) Saneamento (BEMr7) Serviços públicos (BEMr8) Serviços privados (BEMr9)	Andereck et al (2005, 2007); Gursoy et al. (2002); Juroski e Gursoy (2004); Moscardo (2009); Vargas-Sánchez et al. (2009; 2011).
	Percepção global do bem-estar na saúde (BEGSa1) Em termos pessoais Saúde pessoal (BESap1) Saúde da família (BESap2) Serviços de saúde a que acede (BESap3) Sistema de saúde (BESap4) Na sua zona de residência Serviços públicos de saúde (BESar1) Serviços privados de saúde (BESar2)	Andereck et al (2005, 2007); Juroski e Gursoy (2004); Moscardo (2009).
	Percepção global do bem-estar na segurança (BEGsg1) Em termos pessoais Pessoal (BESgp1) Familiar (BESgp2) Em casa (BESgp3)	Andereck et al (2005, 2007); Gursoy et al. (2002); Juroski e Gursoy (2004); Moscardo (2009).

Variável Latente	Indicadores	Principais Referencias Bibliográficas
	Na sua zona de residência Local onde vive (BESgr1) Serviços de segurança pública (BESgr2) Serviços privados de segurança (BESgr3) Controle de atividades ilícitas (BESgr4) Tolerância em relação a residentes estrangeiros (BESgr5) Tolerância em relação à presença de turistas (BESgr6)	
Perceção global da felicidade (Questões 5, 6, 10, 11)	Perceção global da felicidade (FG1) Perceção global do bem-estar comunitário (BEGC1) Relação com amigos (BEC1) Relação com vizinhos (BEC2) Relações no trabalho (BEC3) Participação política (BEC4) Participação religiosa (BEC5) Participação associativa (BEC6) Zona onde vive (BEC7) Pertença à comunidade (BEC8) Identificação com a comunidade (BEC9) Residência de estrangeiros na zona (BEC10) Presença de turistas na zona (BEC11) Perceção global do bem-estar emocional (BEGE1) Vida familiar (BEE1) Vida amorosa (BEE2) Trabalho (BEE3) Realização profissional (BEE4) Estabilidade no trabalho (BEE5) Formação/educação (BEE6) Tempo livre (BEE7) Utilização do tempo livre (BEE8)	Andereck et al (2005, 2007); Andrews e Withey (1976); Argyle (1999); Constanza et al. (2007); Cummins (1997); Davis et al (1988); Diener e Fujita (1995); Diener (1984); Gursoy e Rutherford (2004); Gursoy et al. (2002); Jurowski e Gursoy (2004); Ko e Stewart (2002); Lane (1994); Lyubomirsky (2001); Moscardo (2009); Seligman e Csikszentmihalyin (2000); Sheldon e Var (1984); Sheldon (2004). Andrews e Withey (1976); Argely (1999); Constanza et al. (2007); Cummins (1997) ; Davis et al (1998) ; Diener e Fujita (1995); Diener (1984); Lane (1994); Lyubomirsky (2001); Seligman & Csikszentmihalyin (2000); Sheldon e Var (1984); Sheldon (2004); Sirgy (2002); Sirgy et al. (1995); Veenhoven (1999; 2000).
Perceção global dos impactos do turismo (Questão 12)	Perceção a nível global (IGT1) Perceção a nível económico (IGET1) Perceção a nível social (IGST1) Perceção a nível cultural (IGCT1) Perceção a nível ambiental (IGAT1)	Andereck et al (2005, 2007); Dyer et al.(2007); Gursoy e Rutherford (2004); Gursoy et al. (2002); Jurowski e Gursoy (2004); Ko e Stewart (2002); Moscardo (2009); Oviedo-Garcia et al. (2008); Perdue et al. (1990).
Perceção Global dos impactos económicos do Turismo	Em termos pessoais Rendimento (IETp1) Nível de vida (IETp2)	Andereck et al (2005, 2007); Dyer et al.(2007);

Variável Latente	Indicadores	Principais Referencias Bibliográficas
(Questão 13)	Na sua zona de residência Oportunidades de emprego (IETr1) Investimento e empreendedorismo (IETr2) Custo de vida (IETr3) Impostos e taxas (IETr4) Outras atividades económicas (IETr5)	Gursoy e Rutherford (2004); Gursoy et al. (2002); Jurowski e Gursoy (2004); Ko e Stewart (2002); Moscardo (2009); Oviedo-Garcia et al. (2008); Perdue et al. (1990).
Perceção global dos impactos sociais do turismo (Questão 14)	Em termos pessoais Convívio com pessoas diferentes (ISTp1) Estilo de vida (ISTp2) Laços sociais na comunidade (ISTp3) Sentimento de orgulho em relação à comunidade (ISTp4) Sentimento de pertença à comunidade (ISTp5) Tranquilidade pessoal (ISTp6) Na sua zona de residência Infraestruturas (ISTr1) Disponibilidade de serviços (ISTr2) Disponibilidade de atividades recreativas (ISTr3) Procura de atividades recreativas (ISTr4) Segurança pública (ISTr5) Participação dos residentes nas decisões locais (ISTr6) Sentimento de orgulho e pertença à comunidade (ISTr7) Estilo de vida dos residentes (ISTr8) Procura de formação pelos residentes (ISTr9) Atividades ilícitas (ISTr10)	Andereck et al (2005, 2007); Dyer et al.(2007); Gursoy e Rutherford (2004) ; Gursoy et al. (2002); Jurowski e Gursoy (2004); Ko e Stewart (2002); Moscardo (2009); Oviedo-Garcia et al. (2008); Perdue et al. (1990).
Perceção global dos impactos ambientais do turismo (Questão 15)	Em termos pessoais Áreas públicas com acesso livre (IATp1) Vida ao ar livre (IATp2) Preocupação com o ambiente (IATp3) Na sua zona de residência Embelezamento da zona (IATr1) Preservação do ambiente (IATr2) Problemas de tráfego (IATr3) Destruição dos ecossistemas (IATr4) Aumento da poluição (IATr5)	Andereck et al (2005, 2007); Gursoy et al. (2002); Jurowski e Gursoy (2004); Ko e Stewart (2002); Moscardo (2009); Oviedo-Garcia et al. (2008).
Perceção global dos impactos culturais do turismo (Questão 16)	Em termos pessoais Conhecimento de outras culturas (ICTp1) Conhecimento da cultura local (ICTp2) Desenvolvimento de capacidades linguísticas (ICTp3) Motivação para estudar e/ou aperfeiçoar competências (ICTp4) Na sua zona de residência Disponibilidade de serviços e de atividades culturais (ICTr1) Procura de atividades culturais (ICTr2) Conhecimento de outras culturas (ICTr3) Afirmação identidade local (ICTr4) Alteração das tradições da zona (ICTr5) Alteração dos valores da comunidade (ICTr6) Contribuição para a preservação e promoção do património (ICTr7)	Andereck et al (2005, 2007); Dyer et al.(2007); Gursoy e Rutherford (2004); Gursoy et al. (2002); Jurowski et al.(2002); Moscardo (2009); Oviedo-Garcia et al. (2008); Perdue et al.(1990).

Um conjunto de indicadores, criteriosamente escolhidos e adaptados a partir da revisão da literatura, foram incluídos no questionário para medir os diferentes tipos de impacto percebido, relativamente às cinco dimensões do bem-estar consideradas.

7.2.3. Pré-teste e reestruturação do questionário

O pré-teste, sendo uma fase da pesquisa que compreende os procedimentos que permitem avaliar a adequabilidade dos instrumentos construídos para recolher a informação, é uma etapa fundamental em qualquer investigação que utilize o questionário como instrumento de recolha de dados (Altinay e Paraskevas, 2008; Burgess, 1997; Dencker, 1998; Quivy e Campenhoudt, 1992). Assim sendo, após o desenho do questionário, foi realizado um pré-teste do mesmo,⁹³ o que permitiu aferir a sua capacidade para recolher a informação pretendida.

Para a realização do pré teste foram aplicados questionários a 30 residentes, uma vez que, tal como Campanelli (2008) refere, apesar de não existir consenso na literatura quanto ao número de sujeitos a inquirir nesta fase, os autores apontam para números entre os 20 ou os 50 indivíduos ou entre os 15 e os 35, conforme a realidade em estudo e de acordo com a disponibilidade em termos de orçamento e tempo.

Assim, na presente investigação, a aplicação do pré-teste teve em conta a diversidade da zona em estudo e as características sociodemográficas, de acordo com os critérios anteriormente definidos: residentes nas onze freguesias do concelho de Loulé, com 18 anos ou mais, de nacionalidade portuguesa.

Após o pré-teste foi possível concluir que o questionário permitia obter a informação desejada. A forma de aplicação adotada no pré-teste foi a administração direta, tendo-se constatado que alguns inquiridos, principalmente nas freguesias do interior, não responderam a todas as perguntas, revelavam alguma desconcentração e perguntaram se podiam responder oralmente. Este facto pareceu estar relacionado com a idade e com o nível de instrução (literacia reduzido ou mesmo iliteracia). Contudo, na

⁹³ Questionário piloto aos residentes do concelho de Loulé – apêndice 8.

maioria dos casos, o método revelou-se adequado. Foi possível ainda, com a realização do pré-teste, identificar algumas perguntas passíveis de serem reajustadas, melhoradas, simplificadas ou reordenadas. Procedeu-se então a uma reestruturação do questionário a qual, de seguida, se explica.⁹⁴

As alterações efetuadas ao questionário piloto, realizadas a partir das constatações resultantes do pré-teste, foram efetuadas tendo como objetivo primordial a melhoria do instrumento de pesquisa. Assim, retificaram-se e reordenaram-se perguntas de forma a permitir um melhoramento do mesmo e uma maior fiabilidade na sua aplicação. As alterações efetuadas foram as apresentadas na **Erro! A origem da referência não foi encontrada..**

Tabela 7.4 – Alterações efetuadas ao questionário após o pré-teste

N.º pergunta Questionário piloto	N.º pergunta Questionário definitivo	Alteração efetuada	Objetivo da alteração e Observações
1	1	Foi acrescentada uma linha, à frente da pergunta sobre a freguesia de residência, para o registo do nome da freguesia.	Garantir a resposta à pergunta. No pré-teste verificaram-se algumas não respostas e trata-se de uma pergunta crucial.
2	2 e 3	Foi subdividida, dando origem às perguntas 2 e 3. Pergunta n.º 2 - n.º de anos de residência Pergunta n.º 3 - n.º de anos de residência no concelho	Aumentar o n.º de respostas. No pré-teste verificaram-se algumas não respostas devido à inclusão, numa mesma pergunta, de duas respostas. Trata-se de uma pergunta importante.
17	18	Foi solicitada, à frente da opção “Estou a trabalhar”, a indicação da profissão do inquirido.	Simplificar o questionário, solicitando no mesmo momento duas informações sobre a profissão
19	21	A redação da pergunta foi alterada: em vez de perguntar: “Como é composto o seu agregado familiar? (indique as pessoas que vivem em sua casa)” a pergunta passou a ser: “Quem vive consigo?”. Por este motivo as opções de resposta também sofreram alteração, sendo eliminada a alínea prevista para assinalar o próprio inquirido. Alterou-se também a última	Aumentar a veracidade da resposta. Verificou-se no pré-teste, que alguns inquiridos desconheciam o significado de agregado familiar e que se excluía do mesmo. Algumas pessoas, no pré-teste, não responderam à solicitação de indicação sobre quem vivia mais em sua casa e colocaram sim o n.º de pessoas.

⁹⁴ Ver enunciado do Questionário aos residentes do concelho de Loulé – apêndice 8.

N.º pergunta Questionário piloto	N.º pergunta Questionário definitivo	Alteração efetuada	Objetivo da alteração e Observações
		hipótese de resposta que era apresentada como “Outras pessoas. Quem?” e passou-se a solicitar a resposta de “Outras pessoas. Quantas?”	
22	20	Foram corrigidas questões de português nas opções de resposta: em vez de se incluir as hipóteses: “É sua” e “É sua mas está a pagar empréstimo ao banco” passou-se a incluir as hipóteses: “É minha; É minha, mas estou a pagar empréstimo ao banco”	Correção de português.
22	24	Forma acrescentados dois quadrados para registar a idade.	Aumentar o n.º de respostas. No pré teste verificou-se que esta pergunta podia passar despercebida.
24	----	Foi eliminada a pergunta sobre a nacionalidade	Uma vez que só se consideram para a amostra residentes de nacionalidade portuguesa e que essa pergunta tem que ser colocada oralmente antes de iniciar a resposta ao questionário, a pergunta deixou de fazer sentido no questionário.
26	25	Foi modificada a forma de perguntar: em vez de “Naturalidade” passou a constar também a indicação “Local onde nasceu”	Garantir a resposta adequada. Verificou-se, no pré teste, que alguns inquiridos confundiam a naturalidade com a nacionalidade pelo que se optou por perguntar de forma diferente.
26	27	Foi acrescentado o nível de ensino “Ensino secundário (10.º; 11.º ou 12.º ano)” que, por lapso, não constava.	Corrigir nível de ensino em falta.
28	28	Acrescentaram-se opções de resposta em vez de se apresentar uma pergunta aberta.	Aumentar o n.º de respostas e garantir a interpretação exata do que se pretendia saber. Verificou-se um elevado número de não respostas no questionário.
29	19	A pergunta foi colocada numa posição diferente no questionário e foi simplificada passando a perguntar apenas sobre a(s) área(s) em que já trabalhou.	Aumentar o número de respostas e melhorar o grau de veracidade das mesmas. Como na pergunta 18 foi incluída a solicitação sobre a profissão atual, não fazia sentido voltar a perguntar. A colocação das duas perguntas sequencialmente foi também propositada.

Fonte: Elaboração própria

7.3. Definição da amostra e recolha de dados

7.3.1. População alvo e amostra

A definição da amostra revela-se um dos momentos fundamentais para garantia de rigor no processo de recolha de dados primários. Neste sentido, o plano de amostragem deve começar pela determinação da população em estudo (Carmo e Ferreira, 1998), que designam por casos de investigação ou universo do estudo. Como ocorre em grande parte dos estudos em ciências sociais, principalmente quando o universo é grande, como nesta investigação, a dificuldade em abarcar todo o universo conduz a que se opte por uma amostra representativa, através da utilização de métodos amostrais definidos previamente (Hill e Hill, 2005), de forma a que seja possível a generalização dos resultados (Fortin, 1999; Hill e Hill, 2005).

Num primeiro momento da investigação ponderou-se considerar como universo todos os residentes do concelho de Loulé com 18 anos ou mais, independentemente da nacionalidade. No entanto, num momento seguinte, optou-se por centrar esforços apenas nos residentes de nacionalidade portuguesa por um conjunto de razões que se apontam:

- Na sua maioria, os residentes de nacionalidade portuguesa são aqueles que terão acompanhado a transformação do território em estudo num destino turístico, tornando-se, por isso, interessante analisar a sua perceção do fenómeno. Apesar de este não ser um estudo longitudinal, mas sim um estudo que diz respeito à perceção dos inquiridos sobre a realidade num dado momento, o questionário pretende perceber de que forma os residentes de nacionalidade portuguesa percecionam o desenvolvimento turístico e as suas implicações na sua qualidade de vida, tendo em conta algum carácter evolutivo. Este carácter evolutivo está subjacente à própria perceção uma vez que esta se baseia sempre numa comparação com referências anteriores.
- Os residentes de nacionalidade portuguesa ou estrangeira caracterizam-se cultural e socialmente de forma diferenciada pelo que, no caso de serem consideradas no estudo todas as nacionalidades presentes no concelho de Loulé, isso exigiria uma contextualização diferenciada dos diferentes grupos e,

simultaneamente, acarretava a construção de instrumentos de pesquisa também eles diferenciados. Apesar do indubitável interesse da adoção desta diversidade na amostra, optou-se por considerar apenas os residentes portugueses uma vez que se reconhece também a existência de diversidade entre estes devido a vários fatores entre os quais se destaca a maior ou menor proximidade do litoral e dos centros urbanos, as habilitações e a ligação ao setor do turismo.

Assim, neste estudo, a população alvo foi identificada como sendo os residentes no concelho de Loulé, há um ano ou mais, de nacionalidade portuguesa, a partir dos 18 anos, inclusive, sendo a base de amostragem considerada nesta investigação os dados dos CENSOS 2001 (INE, 2010) uma vez que eram os disponíveis à data da pesquisa no terreno.

A definição da técnica e do método de amostragem regeu-se pelos procedimentos formais de amostragem casual ou probabilísticos que garantem a representatividade da amostra e permitem estimar o grau de confiança das extrapolações a efetuar com os resultados obtidos (Hill e Hill, 2000).

Para definir a dimensão da amostra devem ser consideradas as características do universo, o grau de precisão e confiança desejados, os recursos disponíveis e as técnicas estatísticas a utilizar (referência colocar). Assim, para uma população alvo de 59160 indivíduos residentes no concelho de Loulé (INE, 2010), com uma margem de erro de 3% e um grau de confiança de 95%, definiu-se uma amostra constituída por 1049 indivíduos (ver tabela 7.5) distribuídos de acordo com os critérios atrás descritos. A dimensão da amostra foi calculada recorrendo à fórmula de Cochran (1963), corrigida para populações finitas e considerando 50% como valor máximo para a variabilidade da proporção da população. Assim, para uma população alvo de 59160 indivíduos, uma margem de erro de 3% e um grau de confiança de 95% a dimensão amostral necessária é de 1049 indivíduos.

Foi também tida em consideração, neste processo de amostragem, a adequação da amostra à estimação do modelo de equações estruturais através da utilização da técnica PLS-PM (Partial Least Squares Path Modeling). Muito embora a técnica PLS-PM

permita estimar modelos de equações estruturais com amostras pequenas, pressupõe-se que, em cada região natural, haja um número mínimo de observações que permita, caso necessário, estimar o modelo para cada região.

Tendo em consideração a natureza e os objetivos da presente investigação, o método de amostragem adotado foi a amostragem por conglomerados, aplicável especialmente a universos de grande dimensão que podem ser agrupados em unidades ou *clusters* (Malhotra, 2004; Smith, 2010), como ocorre neste estudo em que os *clusters* considerados foram de natureza geográfica e administrativa. Segundo Malhotra (2004), este tipo de amostra permite que a representatividade do universo aumente e que os custos da investigação diminuam.

Tal como outros métodos de amostragem, o método de amostragem por *clusters* aplica-se quando há dificuldade em aceder a uma listagem com todos os elementos da população alvo ou quando essa listagem até é possível de obter mas os custos de implementar o método de amostragem aleatória simples são muito elevados. A aplicação do método de amostragem por *clusters* implica a definição de pelo menos dois tipos de unidades amostrais: primeiramente, são escolhidas aleatoriamente as unidades maiores (os *clusters* ou unidades primárias); seguidamente, e dessas unidades maiores, são selecionadas todas ou algumas unidades estatísticas (unidades secundárias). Na sua aplicação a lugares, Lohr (2009) refere que uma vantagem do método é não exigir uma listagem de todas as famílias ou pessoas desse lugar. Assim, no presente estudo, em cada freguesia do concelho de Loulé, foram selecionados aleatoriamente locais considerados estratégicos para aplicação do questionário, pela sua centralidade e frequência quotidiana, por parte dos residentes. Nesses locais em horários pré-definidos, todos os residentes presentes no local foram convidados a responder ao questionário, tendo a sua aplicação terminado quando se viram cumpridos os critérios definidos aquando da definição da amostra – número de residentes por freguesia, com 18 anos ou mais. Desta forma foi possível garantir a representação em pequena escala da população em estudo (Malhotra, 2004).

Tabela 7.5 – Dimensão da amostra

FREGUESIA	Dimensão da amostra	
	Total	Total
Almancil	8799	156
Alte	2176	39
Ameixial	604	11
Benafim	1141	20
Boliqueime	4473	79
Quarteira	16129	286
Querença	788	14
Salir	3023	54
São Clemente (Loulé)	14406	255
São Sebastião (Loulé)	6734	119
Tôr	887	16
Total	59160	1049

Fonte: Elaboração própria

7.3.2. Aplicação do questionário

No que respeita à aplicação do questionário revelou-se necessário identificar, em cada freguesia do concelho de Loulé, os locais para a sua aplicação. Neste sentido foi efetuado um levantamento dos locais que pelas suas características em termos de espaço, funções e localização se revelaram adequados à aplicação do questionário e aos residentes a inquirir. Esta identificação dos locais onde aplicar o questionário resultou da observação efetuada aquando da pesquisa exploratória e da opinião expressa pelos stakeholders conectados nesta mesma fase, nomeadamente nas entrevistas realizadas. A tabela 7.6 enumera os locais onde foi efetuada a aplicação dos questionários, em cada freguesia.

Tabela 7. 6 – Locais identificados inicialmente para aplicação dos questionários aos residentes

Freguesia	Locais para aplicação do questionário
Almancil	Junta de freguesia Jardim público Zonas comerciais Centro comunitário
Alte	Junta de freguesia Adro da Igreja Fonte grande e Fonte pequena Rua principal
Ameixial	Junta de freguesia Adro da Igreja Café central Rua Principal
Benafim	Junta de freguesia Rua principal Centro comunitário Adro da Igreja
Boliqueime	Junta de freguesia Ruas principais Adro da Igreja Centro social
Quarteira	Junta de freguesia Marginal Zona comercial – Rua Vasco da Gama Av. Sá Carneiro
Querença	Junta de freguesia Café D. Rosa Adro da Igreja Fundação Manuel Viegas Guerreiro
Salir	Junta de freguesia Adro da Igreja Zona central da vila Centro comunitário
São Clemente (Loulé)	Junta de freguesia Mercado municipal Avenida José da Costa Mealha Avenida 25 de Abril
São Sebastião (Loulé)	Junta de freguesia Mercado semanal Rua das Lojas Largo de São Francisco
Tôr	Junta de freguesia Adro da Igreja Centro comunitário Sociedade recreativa Toreense

Para garantir que todos os locais selecionados para a aplicação do questionário tinham a mesma probabilidade de serem escolhidos, foi atribuído um número de 1 a 4 aos diversos locais identificados por freguesia e recorreu-se à amostragem aleatória simples. Assim foi definida a amostra dos locais para a aplicação do questionário (tabela 7.7).

Tabela 7. 7 – Locais utilizados para aplicação dos questionários aos residentes

Freguesia	Locais para aplicação do questionário
Almancil	Junta de freguesia Centro comunitário
Alte	Fonte grande e Fonte pequena Rua principal
Ameixial	Café central Rua Principal
Benafim	Junta de freguesia Adro da Igreja
Boliqueime	Ruas principais Adro da Igreja
Quarteira	Marginal Zona comercial – Rua Vasco da Gama
Querença	Adro da Igreja Fundação Manuel Viegas Guerreiro
Salir	Junta de freguesia Zona central da vila
São Clemente (Loulé)	Mercado municipal Avenida 25 de Abril
São Sebastião (Loulé)	Rua das Lojas Largo de São Francisco
Tôr	Junta de freguesia Centro comunitário

A forma definida para aplicação do questionário foi a administração direta, permitindo assim ao inquirido registar as respostas diretamente no formulário do questionário. Considerou-se que, de uma forma geral, a aplicação direta conduziria a uma maior sinceridade na resposta e, nos casos em que o inquirido não soubesse ler e escrever, ou em que pedisse explicitamente para ser o inquiridor a registar, haveria essa possibilidade uma vez que estava sempre algum inquiridor presente no local, podendo, nestes casos, preencher o questionário à medida que colocava as perguntas oralmente ao inquirido. Foram ainda criados cartões de apoio à aplicação do questionário⁹⁵, com as escalas utilizadas para resposta a cada pergunta, para serem utilizados nos casos dos inquiridos que, sabendo ler e escrever, preferiam que os inquiridores registassem as suas respostas. Nestes casos, aos inquiridos eram entregues, durante o questionário e de acordo com cada pergunta, o cartão de apoio correspondente.

⁹⁵ Ver Apêndice 10 - Cartões de apoio à aplicação dos questionários

Para aplicação dos questionários foi constituída uma equipa de cinco pessoas a quem foram dadas instruções sobre os procedimentos a adotar. Neste sentido, foi realizada uma reunião inicial com todos os inquiridores com os seguintes objetivos:

- Explicitação das regras de aplicação;
- Indicações sobre a amostra pretendida;
- Distribuição dos questionários;
- Distribuição de cartões de apoio;
- Distribuição de um resumo dos procedimentos a adotar;⁹⁶
- Esclarecimento de dúvidas.

Os questionários foram aplicados em todas as freguesias do concelho de Loulé, durante os meses de março e abril de 2011 das 9:30 às 12:30 e das 14:00 às 17:00. Optou-se por esta época do ano para que, nas suas respostas, os residentes não estivessem pressionados pela presença acentuada de turistas que ocorre na época alta, coincidente nesta região, com o verão. Durante estes dois meses em que se procedeu à aplicação dos questionários, foram realizadas reuniões semanais com os inquiridores para avaliar o decorrer do trabalho e esclarecer dúvidas. Este processo decorreu até que fosse atingido o número de inquiridos, previsto na amostra.

7.4. Métodos de análise de dados

Depois de recolhidos os dados, através da aplicação dos questionários à amostra dos residentes do concelho de Loulé, procedeu-se ao tratamento estatístico dos mesmos.

Num primeiro momento os dados foram inseridos no programa de análise estatística SPSS (Statistical Package for Social Sciences), utilizando a versão 19 deste programa. O SPSS permitiu, numa primeira fase, efetuar a caracterização da amostra, através da utilização de medidas de localização e de dispersão (Pestana e Gageiro, 2003) e da sua posterior apresentação em tabelas ou em gráficos. Para a comparação das percentagens de respostas dos inquiridos, relativamente aos indicadores utilizados para cada variável latente, foram tidas em consideração as frequências, a moda e a mediana, dada a natureza ordinal das variáveis utilizadas (Smith, 2010). Para esta análise

⁹⁶ Ver Apêndice 11 - Procedimentos a adotar na aplicação dos questionários

efetuaram-se ainda alguns agrupamentos de categorias, como forma de melhor perceber o grau de concordância ou discordância, felicidade ou infelicidade, satisfação ou insatisfação.

Num segundo momento utiliza-se o *software* SmartPLS, na versão 2.0 M3 (Ringle et al., 2005), com o objetivo de estimar o modelo de equações estruturais proposto neste estudo que inclui a análise da relação entre as variáveis latentes e da relação entre estas e os seus indicadores. A escolha deste método de modelação estatística justifica-se precisamente por permitir operar sobre este tipo de variáveis.

7.4.1. Pertinência da utilização de um modelo de equações estruturais

A utilização de um modelo de equações estruturais tem como principal objetivo estimar as relações diretas e indiretas entre variáveis latentes ou constructos (variáveis que não são diretamente observáveis) e entre estas variáveis e as variáveis observáveis (ou indicadores), que são aferidas a partir do questionário (Maruyama, 1998).

Através da sua utilização, os modelos de equações estruturais permitem ao investigador, por um lado, determinar se existe ou não uma relação de causa-efeito entre as variáveis latentes consideradas no estudo e, por outro lado, avaliar a adequação e a fiabilidade das variáveis observadas no sentido de medir as variáveis latentes (Farias e Santos, 2000).

Os modelos de equações estruturais, designados frequentemente na literatura pela sua abreviatura SEM (Structural Equation Models), derivada da língua inglesa, surgem nos anos 60/70 para dar resposta a necessidades sentidas ao nível da análise de dados em ciências sociais. Estes modelos, que se baseiam em técnicas de estatística multivariada e constituem ferramentas de análise de dados, têm vindo a originar o desenvolvimento de *software* específico destinado a esta análise e são classificados como de segunda geração, distinguindo-se dos da primeira geração por permitirem combinar duas perspetivas de análise, a medição de variáveis latentes através de

variáveis observáveis (a perspetiva psicométrica), e a predição (a perspetiva econométrica).

As abordagens dos estudos que utilizam modelos SEM podem ser identificadas como pertencendo a dois grandes grupos: (i) os que se baseiam na covariância e que usam *software* como o LISREL - Linear Modelling Relationships (Joreskog e Sorbom, 1998) e o AMOS Analysis of Moment Structures (Arbuckle, 2005); (ii) os que se baseiam na variância e que recorrem a *softwares* como é o caso do SmartPLS (Cassel et al., 2000; Chin, 1998).

A comunidade académica tem vindo a interessar-se cada vez mais pela técnica PLS-PM - Partial Least Squares Path Modeling (Fornell e Bookstein, 1982; Lohmoller, 1989; Vinzi et al., 2010), e este crescente interesse deve-se, em grande medida, às vantagens que lhes estão associadas, tais como o facto de possibilitar muito facilmente tratar constructos formativos e refletivos o seu bom desempenho na estimação de modelos complexos, a possibilidade de poder contemplar vários tipos de indicadores e escalas, o facto de permitir estimar os scores das variáveis latentes e ainda a possibilidade de estimar modelos de amostras de dimensão reduzida (Chin e Newsted, 1999).

Neste estudo, para estimar e avaliar o modelo que se propõe, utiliza-se o método PLS-PM através da utilização do *software* SmartPLS 2 M3 (Ringle et al., 2005). Seguem-se os procedimentos previstos para estimar as relações entre as variáveis latentes, pelo que se procede à distinção e análise do modelo de estrutural (*inner model*) e do modelo de medida (*outer model*), as duas componentes do modelo de equações estruturais com variáveis latentes.

O modelo estrutural representa, através de um diagrama de caminhos, as relações entre as variáveis latentes consideradas no estudo. Neste domínio deve-se distinguir as variáveis latentes exógenas e as endógenas, sendo as primeiras aquelas que não possuem nenhum outro constructo latente que as determine e as segundas, pelo contrário, explicadas por outras variáveis latentes (Hair et al., 2011).

O modelo de medida, por sua vez, inclui as relações preditivas unidirecionais entre cada variável latente e os indicadores a si associados, não sendo permitida a existência de múltiplas relações, ou seja, cada indicador apenas pode estar associado à variável latente que pretende medir. Também neste modelo é essencial distinguir entre variáveis observadas dependentes (endógenas), que medem variáveis latentes dependentes, e variáveis observadas dependentes (exógenas), que medem variáveis latentes independentes (Hair et al., 2011)

Outro aspeto relevante para a análise do modelo de equações estruturais é a distinção entre natureza formativa ou refletiva do mesmo uma vez que procedimentos diferentes são necessários na validação dos mesmos, em consonância com o tipo de ligação entre cada constructo e indicador (Jarvis et al., 2003). Os modelos de medida refletivos são vistos, segundo Hair et al. (2011), como funções da variável latente, de forma que, mudanças nas variáveis latentes refletem-se em mudanças nos indicadores. Graficamente, estes indicadores estão ligados à variável latente por uma seta cujo sentido aponta para o indicador e os coeficientes associados a esta relação denominam-se, no PLS-PM, *outer loadings*. Nos modelos formativos, os indicadores são encarados como sendo a causa da variável latente e, por isso, ao contrário dos refletivos, as alterações que possam ocorrer nos indicadores determinam mudanças no valor das variáveis latentes (Diamantopoulos et al., 2008; Diamantopoulos e Winklhofer, 2001). Neste caso, a seta de ligação entre indicador e variável latente aponta no sentido desta última e os coeficientes associados denominam-se no PLS-PM *outer weights*.

O modelo proposto nesta investigação inclui um elevado número de variáveis latentes e indicadores e compreende uma componente refletiva e uma componente formativa⁹⁷, pelo que, dada a sua complexidade, se utiliza o PLS –PM através do *software* SmartPLS, como foi acima referido.

A componente refletiva do modelo que se propõe respeita à avaliação da perceção dos impactos do turismo, fazendo sentido que seja refletivo uma vez que o que se pretende é observar de que forma alterações em aspetos específicos relacionados com o turismo são reflexo da perceção global dos impactos do turismo. Pelo contrário, no que

⁹⁷ No subcapítulo 8.4.2. são detalhados os procedimentos necessários à aplicação do método.

respeita à percepção global da qualidade de vida, o que se pretende estudar é a forma como as alterações em domínios particulares da vida (os diferentes tipos de bem estar considerados) influenciam a percepção dos residentes sobre a sua qualidade de vida de uma forma global, ou seja, como é formada esta percepção global e que indicadores se destacam como mais relevantes neste contexto.

Há ainda que referir que, para determinar a significância estatística dos coeficientes do modelo de medida e dos coeficientes do modelo estrutural, se procede ao método da reamostragem. Neste caso, trata-se de uma técnica não paramétrica que se operacionaliza recorrendo à reamostragem aleatória com reposição, que permite avaliar a estabilidade das estimativas resultantes da aplicação do SmartPLS. Este método faz uso da técnica *bootstrapping*, na qual, segundo Efron (1979) é utilizado um número elevado de amostras com o mesmo número de observações da amostra original para estimar a forma e a dispersão da distribuição amostral de cada estatística. Para cada amostra *bootstrapping*, o PLS-PM estima os coeficientes do modelo de medida e do modelo estrutural. Assim, para 1000 amostras decorrem 1000 estimativas por coeficiente o que, segundo Henseler et al. (2009) se aproxima da correspondente distribuição amostral. Com base na qual é produzida uma estatística *t* utilizada posteriormente para testar a significância individual de cada coeficiente (Henseler et al., 2009).

A avaliação do modelo de equações estruturais, pela abordagem PLS-PM, pressupõe duas etapas distintas e sequenciais: a avaliação do modelo de medida e a avaliação do modelo estrutural (Chin, 2010). Neste sentido, passa-se a explicar os procedimentos a adotar na avaliação de cada um dos modelos.

➤ **Avaliação do modelo de medida**

Na avaliação do modelo de medida é essencial começar por distinguir se se trata de um modelo refletivo ou formativo, uma vez que os procedimentos são diferentes para cada caso. No caso do presente estudo, como foi já referido, o modelo proposto

apresenta uma componente refletiva e uma formativa, sendo por isso essencial que se aborde, cada uma delas, isoladamente, com o objetivo de esclarecer as etapas necessárias à cada validação.

Modelo de medida refletivo

Para a avaliação do modelo de medida refletivo procede-se à análise da consistência interna e à análise da sua validade convergente e discriminante (Henseler et al., 2009).

Consistência interna

A avaliação da consistência interna deve ser analisada relativamente a cada indicador, na medida em que a sua variância é explicada pela variável latente a que está associado. A consistência interna dos indicadores é avaliada a partir da análise dos *loadings*, que não são mais do que coeficientes de correlação entre a variável latente e o indicador, permitindo verificar que contribuição o indicador tem na variável latente a que se encontra ligado (Henseler et al., 2009). Designadamente, cada indicador deverá apresentar um valor superior a 0.7, sendo, todavia, aceitável um valor mínimo igual a 0.5 (Barclay et al., 1995; Chin, 1998; Hair, 1998).

Para além da necessidade de se avaliar a aceitação ou não de um determinado indicador, Gotz et al. (2010) recomendam ainda que se analise a consistência interna da variável latente a que este se associa (*construct reliability*). Neste caso, dever-se-á recorrer ao coeficiente de consistência interna compósita (*composite reliability*) que varia entre 0 e 1. Para este coeficiente considera-se os valores entre 0.8 a 0.9 muito bons ou excelentes, devendo evitar-se valores inferiores a 0.5 (Henseler et al., 2009; Sharma, 1996). Esta análise da consistência interna permite, nos indicadores refletivos, eliminar os que não contribuem para a interpretação da variável latente em análise e considerar apenas os indicadores que apresentam *loadings* elevados, com clara associação entre si, o que reflete que se encontram a medir o mesmo constructo.

Validade convergente e discriminante

A análise da validade convergente visa avaliar a existência ou não de ligação entre os indicadores e o constructo que estão a medir e reflete a força dessa correlação, ou seja, se estes representam um único e o mesmo conceito (Gotz et al., 2010). Nesta análise importa observar: (1) a variância partilhada entre uma variável latente e os seus indicadores (Variância Média Extraída ou Average Variance Extracted – AVE), que deve apresentar no mínimo o valor de 0.5 (Fornell e Larcker, 1981); (2) a significância estatística dos *loadings* dos indicadores, ou seja, a estatística *t* (*bootstrap*) a eles associada deve ultrapassar o valor de referência 1.96 para os testes bilaterais, admitindo um nível de significância de 5%.

A análise da validade discriminante permite verificar se duas variáveis latentes estão de facto a medir conceitos distintos (Henseler et al., 2009). Para esta avaliação deve-se observar: (1) a aplicabilidade do critério de Fornell e Larcker (1981), que determina que uma variável latente deve partilhar mais variância com os seus indicadores do que com qualquer outra variável latente⁹⁸; (2) a análise dos *cross-loadings* que, idealmente, devem ser superiores para os indicadores que se associam à variável que querem medir. Pelo contrário, se um indicador possui um *loading* superior numa outra variável que não aquela a que se encontra ligado o modelo de medida deve ser reajustada (Barclay et al., 1995; Chin e Newsted, 1999; Gotz et al., 2010; Henseler et al., 2009).

Modelo de medida formativo

Para a avaliação do modelo formativo não se aplicam os mesmos critérios utilizados aquando da validação do modelo refletivo (Bagozzi e Yi, 1989; Bollen, 1989; Henseler et al., 2009). Nestes modelos há que considerar os pesos (*weights*) ou seja, a importância relativa dos indicadores utilizados, avaliando a sua significância através da técnica do *bootstrapping*. Deve ainda avaliar-se o nível de multicolinearidade exibida

⁹⁸ Daqui resulta que a AVE de uma variável latente deve exceder a mais elevada correlação ao quadrado entre essa variável latente e as restantes (ou de forma similar, comparar a raiz quadrada da AVE com as correlações entre as variáveis latentes).

pelos indicadores formativos. Para este efeito é calculado o fator de inflação da variância (*variance inflation fator*, VIF) sendo que um VIF superior a 5 revela um nível de multicolinearidade crítico (Hair et al., 2011).

Avaliação do modelo estrutural

A validação do modelo estrutural requer vários procedimentos que se descrevem sinteticamente:

- (1) Observação dos coeficientes do modelo estrutural. Neste caso trata-se de determinar a significância estatística das relações entre as variáveis latentes, bem como a sua magnitude e sentido. Como Henseler et al. (2009) referem, na análise individual dos coeficientes do modelo, o coeficiente estimado deve traduzir as relações mais fortes entre as variáveis latentes. A confirmação de uma hipótese depende do facto do coeficiente estrutural apresentar o sinal esperado e um valor t significativo, isto é, um valor superior ou igual ao valor de referência (1.96 para teste bilaterais e 1.645 para testes unilaterais, admitindo um nível de significância de 5%).
- (2) Análise do coeficiente de determinação, R^2 , das variáveis latentes endógenas. Este valor varia entre 0 e 1 e é tanto melhor quanto mais perto de 1 estiver. No âmbito do PLS-PM, o valor do R^2 de cada variável latente endógena indica a variância da variável latente, explicada pelas variáveis latentes independentes (Chin, 2010). Apesar de não haver consenso a este propósito, a literatura sugere que se considere 0.67 como valor de referência mínimo (Backhaus et al., 2003, Chin, 1998) e que reconheça como moderado um R^2 entre 0.19 e os 0.33.
- (3) Avaliação da capacidade de previsão do modelo. O índice de Stone-Geisser (Q^2) permite determinar a capacidade preditiva do modelo. Trata-se de um indicador de relevância preditiva aplicável apenas a variáveis latentes endógenas em modelos de medida do tipo refletivo (Henseler et al., 2009). Através do PLS-PM, o cálculo deste índice realiza-se através da técnica de *blindfolding*. Esta técnica caracteriza-se por omitir parte dos dados relativos a um indicador durante o processo em que decorre a estimação dos parâmetros para depois estimar os dados omitidos através dos parâmetros estimados (Chin, 2010). Para alguns autores a relevância preditiva do modelo estrutural é verificada se todos

os Q^2 (os associados às variáveis endógenas) forem superiores a zero (Chin, 2010) e para autores como Henseler et al. (2009) esta capacidade pode ser classificada como reduzida, média e elevada, consoante supere os valores de referência, 0.02, 0.15 e 0.35, respetivamente.

Para determinar, através do SmartPLS, a significância estatística dos coeficientes do modelo de medida e do modelo estrutural, é utilizado, mais uma vez, o método de reamostragem aleatório com reposição (*bootstrapping*). Através deste método são estimados os coeficientes dos modelos de medida e estrutural que devem ser entendidos como uma aproximação da correspondente distribuição amostral.

Testes aos efeitos indiretos entre variáveis latentes

Como já foi anteriormente referido, as relações entre as variáveis latentes, podem também caracterizar-se por serem indiretas ou mediadoras. Considera-se haver um efeito indireto na situação em que uma variável independente tem um impacto numa outra variável que, por sua vez, influencia uma terceira (Henseler e Fassot, 2010). No presente trabalho, existem duas hipóteses que propõem uma relação indireta entre duas variáveis latentes, as hipóteses H2 e H3. Neste sentido, calculam-se os efeitos indiretos através da multiplicação dos correspondentes efeitos diretos (Chin, 2010).

Como Chin (2010) refere, a literatura aponta para a necessária estimação da significância dos efeitos indiretos, no contexto da modelação por via do PLS-PM, através da técnica *bootstrapping*. O programa informático SmartPLS 2.0 M3 não permite, contudo, testar de forma imediata a existência de efeitos indiretos significativos entre variáveis, pelo que o teste aos efeitos indiretos deve ser realizado em duas fases.

Assim, num primeiro momento, dever-se-á estimar o modelo, escolhendo 1000 amostras *bootstrapping*, incluindo efeitos diretos e indiretos, e calcular o produto dos efeitos diretos que formam cada efeito indireto em questão (Chin, 2010). Neste estudo, para o teste das hipóteses H2 e H3, a partir dos resultados obtidos pelo SmartPLS 2.0 M3, calcularam-se, no programa Excel, os efeitos indiretos através da multiplicação dos correspondentes efeitos diretos. Num segundo momento, a significância do efeito

indireto é estimado fazendo uso do percentil *bootstrap*. Este procedimento permite obter um intervalo de confiança bilateral $(1-\alpha)$ para a estimativa *bootstrap* do parâmetro em análise e os percentis empíricos $\alpha/2$ e $(1-\alpha/2)$ das replicações *bootstrap* poderão ser usados como limites inferior e superior do intervalo de confiança. Este intervalo pode, segundo Schmidheiny (2009), ser posteriormente utilizado para realizar testes de hipóteses bilaterais. A hipótese nula em análise, de que o coeficiente associado ao efeito indireto é zero, não deverá ser rejeitada se o valor em teste na hipótese nula estiver compreendido no intervalo de confiança. Neste caso, significa que o efeito indireto entre as variáveis não é significativo. Para este trabalho considerou-se um nível de significância de 5%, sendo os limites do intervalo correspondentes os percentis 2.5 e 97.5 (percentis calculados utilizando o programa informático SPSS 18).

Testes aos efeitos moderadores entre variáveis latentes

Os testes aos efeitos moderadores entre variáveis latentes consideradas, no âmbito do modelo de equações estruturais, dizem respeito à medida da influência que uma ou mais variáveis podem ter na magnitude e no sinal da relação direta entre dois constructos (Baron e Kenny, 1986).

O presente estudo compreende também a análise do efeito moderador do nível de desenvolvimento turístico da zona de residência (variável categórica com três categorias que correspondem às três regiões naturais: Litoral, Barrocal e Serra) na relação entre a PGIT com a PGQV, efeito este que é avaliado através da H4.

À semelhança do que ocorre com a estimação dos efeitos indiretos, também para o caso dos efeitos moderadores o *software* utilizado (Smart PLS) não permite estimar de forma direta estes efeitos. Assim, e de acordo com Henseler e Fassot (2010:721), há que determinar esta influência através da abordagem multiplicativa (*product term approach*) que permite resultados superiores aos calculados pela abordagem comparativa (*group comparison approach*).

Tendo em conta o método sugerido por estes autores, adota-se neste estudo a primeira abordagem e, nesse sentido, calcula-se o efeito moderador do nível de desenvolvimento turístico na relação entre a PGIT e a PGQV com base no produto que resulta dos indicadores da variável latente independente pelos indicadores da variável moderadora. No caso das variáveis latentes categóricas com mais de duas categorias, como é o caso do presente estudo, devem ser definidas variáveis dummy binárias com codificação 1/0. No caso em concreto, foram definidas as variáveis Dummy D1 e D2 que identificam com o valor 1 os residentes que habitam nas regiões naturais do Litoral e do Barrocal, respetivamente, e com o valor zero os restantes residentes.

O teste dos efeitos moderadores através do PLS-PM deve ser efetuado recorrendo à técnica *bootstrapp* (Henseler e Fassot, 2010) e consiste em avaliar se o coeficiente estrutural difere significativamente de zero. Estes mesmos autores referem ainda que, para interpretar os coeficientes dos efeitos moderadores, os valores das variáveis observadas não devem ser estandardizados.

Síntese conclusiva

Neste capítulo começa-se por descrever os procedimentos adotados na fase exploratória da investigação, detalhando os métodos e técnicas utilizados e identificando a sua pertinência e utilidade. O capítulo inclui em seguida a identificação e explicação sobre a fase posterior da pesquisa, referente à construção do instrumento de recolha de informação, o questionário, ao pré- teste deste instrumento e sua posterior alteração. Num momento seguinte explicita-se os procedimentos adotados na sua aplicação do questionário nas freguesias do concelho de Loulé e prossegue-se explicando o tratamento de dados subsequente a esta aplicação.

CAPÍTULO 8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nota introdutória

A apresentação dos resultados da pesquisa no terreno e a discussão dos resultados constituem o capítulo 8 desta tese. Num primeiro momento, apresentam-se as informações resultantes da pesquisa exploratória e os dados obtidos através dos questionários aos residentes do concelho de Loulé. Num segundo momento, analisam-se estes resultados face aos objetivos e problema de investigação definido e ainda em função da revisão da literatura efetuada.

8.1. Pesquisa exploratória

8.1.1. Entrevistas

As entrevistas realizadas permitiram verificar que, de uma forma geral, todos os *stakeholders* no concelho de Loulé percecionam positivamente o turismo e perspetivam com agrado o seu desenvolvimento nas zonas em estudo. Alguns deles revelam, contudo, alguma apreensão no que respeita, em particular, aos recursos ambientais, fundamentalmente nas freguesias do interior, ainda muito ligadas a atividades agrícolas e em contacto permanente com a natureza. Em zonas onde já existem práticas turísticas, os residentes identificam mais facilmente alguns efeitos negativos da atividade em termos sociais.

Pode-se, assim, perceber que as opiniões dos entrevistados quanto ao desenvolvimento turístico, aos impactos do turismo, às perceções e às atitudes face a este fenómeno, tendem a coincidir com o que a literatura sugere (Allen et al., 1993; Andereck, 1995; Butler, 1980; Gursoy et al., 2002; Jurowski e Gursoy, 2004; Jurowski et al., 1997; Lankford, 1994; Lindberg e Johnson, 1997; Liu et al., 1987; Maitheson e

Wall, 1982; Pizam, 1978; Plog, 2001; Sheldon e Var, 1984; Smith, 1992; Weaver e Lawton, 2001).

Com efeito, das entrevistas realizadas nesta fase exploratória, conclui-se que parece existir:

- Uma atitude consistentemente positiva em relação ao desenvolvimento turístico.
- Uma percepção positiva do turismo como forma de desenvolvimento da sua área de residência a qual, em muitos casos, enfrenta problemas económicos e sociais, principalmente devido à falta de oportunidades de emprego.
- Uma crescente atenção dos residentes relativamente aos fatores ambientais, especialmente os que se relacionam com recursos escassos como a água.
- Maior capacidade de aceitar o desenvolvimento turístico quando os residentes não percebem negativamente os impactos do turismo na sua área de residência.
- Uma avaliação positiva dos benefícios económicos e sociais do turismo.
- Diferentes percepções entre os residentes, de acordo com os diferentes níveis de desenvolvimento turístico nas zonas de residência; a distância da zona de residência relativamente à principal área turística; a frequência de contacto com os turistas; a dependência económica do turismo; os fatores pessoais, tais como número de anos de residência no local, idade ou qualificações.

No que respeita à qualidade de vida, ao bem-estar, à felicidade e à satisfação com a vida, este estudo exploratório também vem reforçar o esperado a partir da revisão de literatura efetuada (Andrews e Withey, 1976; Argyle, 1999; Constanza et al., 2007; Cummins, 1997; Diener, 1984; Diener e Fujita, 1995; Lane, 1994; Lyumbomirsky, 2001; Lyumbomirsky et al., 2005; Seligman e Csikszentimihalyi, 2000; Sheldon, 2004; Sirgy, 2002; Sirgy et al., 1995; Veenhoven, 1996, 1999). Neste domínio, os resultados da pesquisa exploratória reafirmam a necessidade de incluir no estudo, as dimensões do bem-estar (emocional, comunitário, material, na saúde e na segurança) e mostraram-se fundamentais para alertar para a necessidade de conhecer de que forma os residentes percebem estas dimensões e como as têm em consideração quando avaliam a sua qualidade de vida de forma global.

O estudo exploratório permitiu ainda verificar que os constructos “Felicidade “e “Satisfação com a Vida” devem ser considerados de forma independente pois representam diferentes dimensões na avaliação da qualidade de vida. Estas constatações revelam-se em afirmações dos residentes entrevistados, tais como as que se passa a citar: ” Eu não estou satisfeita com a minha vida, queria uma vida melhor e penso que se pode sempre melhorar... mas sou feliz, tenho saúde, uma família unida e dou-me bem com os meus vizinhos”; De uma forma global posso dizer que estou satisfeito com a vida que tenho. Há muitos em situações piores que a minha. Se sou feliz? Para ser mesmo feliz tinha que ter os meus filhos junto de mim!”.

O resultado desta análise qualitativa revela que, por parte dos presidentes das juntas de freguesia, existem efetivamente perceções diferentes sobre as potencialidades e sobre os problemas associados à atividade turística. De uma forma geral, os presidentes entrevistados, responsáveis por zonas onde existe um desenvolvimento turístico acentuado, têm uma consciência mais realista sobre as vantagens e os problemas associados a este desenvolvimento do que os responsáveis por zonas em que o turismo se apresenta em estado incipiente ou apresenta ainda pouco desenvolvimento. Nos restantes casos, verifica-se maior expectativa relativamente ao turismo, particularmente quanto aos seus benefícios.

A análise exploratória revelou-se de grande utilidade para compreender melhor como cada grupo de entrevistados percebe a sua zona de atuação ou vivência, a sua qualidade de vida e como perceciona o turismo e a sua importância no contexto do desenvolvimento.

8.1.2. Observação participante

A observação participante, anteriormente descrita, teve lugar nas diversas freguesias do concelho de Loulé e desenvolveu-se no período durante o qual decorreu a investigação, tendo, no entanto, sido mais intensiva na fase inicial da pesquisa. O contacto direto com os residentes nas situações do dia-a-dia e aquando da participação nas diversas atividades ou eventos, nas onze freguesias em estudo, tornou possível conhecer com maior realismo o modo como estes territórios se caracterizam e a vivência associada a cada local⁹⁹. Esta técnica teve ainda como objetivo observar o nível de desenvolvimento turístico das três regiões naturais (Litoral, Barrocal e Serra) e o comportamento dos residentes face à presença de turistas no seu espaço de vida quotidiana.

Os resultados obtidos revelam que, de uma forma geral, os residentes convivem bem com os turistas. Constata-se uma fácil integração dos residentes nos eventos mais vocacionados para os turistas e verifica-se a aceitação dos turistas em momentos festivos tradicionais da comunidade e também na convivência diária.

No entanto, foi possível verificar algumas diferenças nas três regiões naturais devido ao tipo de situação em que ocorre o encontro entre hospedeiro e turista e também como consequência da periodicidade de tal encontro. De facto, observa-se que, nas freguesias pertencentes à região natural do Litoral, os residentes contactam no dia-a-dia com os turistas, por exemplo quando frequentam a sua pastelaria preferida para tomar o café, quando fazem as suas compras, quando utilizam os serviços de saúde ou simplesmente enquanto se deslocam a pé ou de automóvel na sua localidade ou na região. Para além destas situações quotidianas, o encontro tem lugar também em eventos especiais e aquando da frequência de espaços originalmente criados para os turistas mas que os residentes também utilizam em situações de lazer ou trabalho (por exemplo, espetáculos em recintos de acesso reservado ou público e parques temáticos). Embora com menor frequência, ocorrem contactos entre residentes e turistas, em situações ou encontros que fazem parte de rotinas ou celebrações características das comunidades locais em que os turistas também estão presentes porque se interessam e

⁹⁹ No capítulo 5 caracteriza-se o objeto de estudo.

as procuram ou porque, causalmente, se apercebem da sua existência e participam (é o caso de festas religiosas ou de eventos semanais ou mensais, como feiras e mercados).

No Barrocal, as freguesias urbanas apresentam situações de contacto semelhantes às descritas para o Litoral, especialmente na época alta do turismo, embora ocorram com menor frequência. Em termos globais, na região do Barrocal, a situação é, de alguma forma, distinta em relação à do Litoral e também diferente nas várias freguesias devido essencialmente à menor pressão turística nesta zona. Nas freguesias rurais existem algumas diferenças conforme os eventos que se realizam em cada uma e de acordo com a sua capacidade de atrair turistas. De facto, as freguesias de Alte e Querença têm apresentado, nos últimos anos, uma maior dinâmica em termos de oferta de animação pelo que permitem aos residentes experienciar com maior frequência a presença dos turistas. As freguesias da Tôr, de Benafim e de Boliqueime não apresentam esta dinâmica, apesar de existirem momentos em que residentes e turistas se encontram - situações associadas a práticas tradicionais que atraem turistas. É de realçar, contudo, que em zonas menos desenvolvidas turisticamente os contactos entre residentes e turistas são muito mais promotores do diálogo e geradores de empatia do que os que ocorrem em zonas muito turísticas.

Na Serra os encontros entre residentes e turistas são muito mais esporádicos e existe pouca ou nenhuma oferta turística. Nesta região natural destaca-se a Festa da Espiga, que ocorre na vila de Salir, na qual participam representantes dos vários lugares desta freguesia e que constitui um atrativo turístico. Na freguesia do Ameixial a frequência turística é menos significativa ou quase inexistente. Verifica-se, contudo, o crescente interesse dos turistas pela participação em visitas orientadas, normalmente por associações ou empresas ligadas ao ambiente. Foi contudo possível observar que, quando ocorrem contactos entre os residentes e os turistas, os primeiros se mostram entusiasmados e manifestam o desejo que esses encontros sejam mais frequentes.

8.1.3. Recolha de documentação

A recolha de documentação efetuada nesta fase exploratória resultou dos contactos com os entrevistados e com diversas entidades, instituições e empresas locais e da região do Algarve. A documentação reunida permitiu perceber claramente as diferenças entre as três regiões, nomeadamente no que respeita à distinção entre as áreas de menor densidade populacional e em vias de despovoamento e as zonas mais populosas e mais dinâmicas em termos socioeconómicos. Tornou possível, também, identificar fragilidades das referidas regiões, por exemplo, em termos ambientais e culturais. Esta documentação permitiu a caracterização do território, na medida da sua relevância para o estudo em causa, e facilitou a elaboração do questionário a aplicar aos residentes do concelho de Loulé.

8.2. Questionário aos residentes do concelho de Loulé

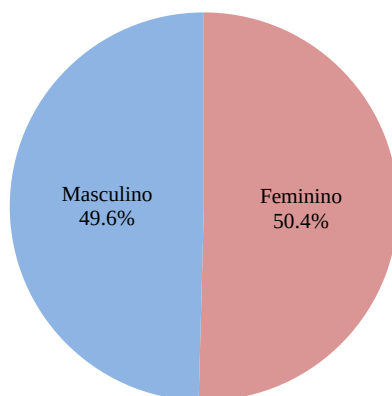
8.2.1. Caracterização da amostra

Na caracterização da amostra procede-se, em primeiro lugar, à descrição da mesma através da análise univariada tendo em consideração as características dos inquiridos que se consideram mais determinantes para a análise em curso. Assim sendo serão considerados os seguintes aspetos: sexo, idade, estado civil, naturalidade, freguesia e região natural de residência, tempo de residência na freguesia e no concelho, nível de estudos concluídos, situação atual face ao emprego, área (s) em que já trabalhou, propriedade da habitação, agregado familiar, rendimento mensal médio do agregado familiar, elemento do agregado que mais contribui para o rendimento mensal, atividade profissional do elemento que mais contribui para o rendimento, frequência e tipo de contacto com os turistas. Num segundo momento realiza-se a análise bivariada em que se efetua o cruzamento das características dos inquiridos com a sua frequência e tipo de contacto com o turismo.

8.2.1.1. Caracterização univariada da amostra

Relativamente à distribuição dos inquiridos segundo o género, pode-se verificar, pela observação da figura 8.1, que a amostra se encontra quase igualmente repartida entre homens (49.6%) e mulheres (50.4%).

Figura 8.1 - Sexo



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

A idade dos indivíduos considerados na amostra do presente estudo varia entre os 18 e os 87 anos e corresponde a uma média de idades de 43.3 anos e a uma mediana de 41 anos (DP=15.552 anos), constituindo-se assim como uma amostra heterogénea que, em termos médios, se caracteriza por ser de meia-idade (tabela 8.1).

Tabela 8.1 – Idade – medidas descritivas

	Mínimo	Máximo	Média	Mediana	DP
Idade	18	87	43.30	41.00	15.552

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que respeita ao estado civil, como a tabela 8.2 ilustra, a maioria dos inquiridos (64.7%) encontra-se casado(a) ou vive em união de facto. A categoria dos solteiros

representa 23.6% e os divorciados e viúvos correspondem a percentagens muito mais baixas (7.7 e 3.9%, respetivamente).

Tabela 8.2 – Estado civil

		n	%
Estado Civil	Casado(a)/União de Facto	679	64.7
	Solteiro(a)	248	23.6
	Divorciado(a)/Separado(a)	81	7.7
	Viúvo(a)	41	3.9
	Total	1049	100.0

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

As respostas obtidas no que respeita à naturalidade (tabela 8.3) revelam que a maioria dos inquiridos nasceu fora do Algarve (38.3%), o que deixa perceber que a freguesia de residência foi uma escolha. A percentagem dos que residem na freguesia onde nasceram é também elevada (34.1%), o que revela a capacidade de fixação populacional das freguesias relativamente à sua população natural e pode ter um reflexo positivo no reforço da identidade local.

A tabela 8.3 permite ainda verificar que a percentagem dos que nasceram no concelho de Loulé, mas noutras freguesias que não aquela onde residem atualmente, é de 15.5% e que os que nasceram nos concelhos limítrofes representam 9.0%.¹⁰⁰ Estes dados vêm reforçar o que se enunciou sobre as características atrativas do concelho como zona de residência. Os inquiridos que nasceram noutros concelhos do Algarve representam apenas cerca de 3% dos inquiridos.

Tabela 8.3 – Naturalidade

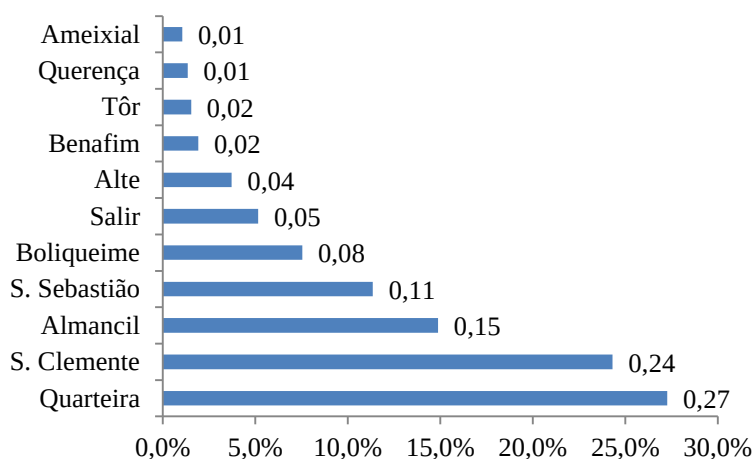
		n	%
Local de nascimento	Fora do Algarve	402	38.3
	Na freguesia de residência	358	34.1
	No concelho de residência	163	15.5
	Num concelho limítrofe Algarvio ¹⁰¹	94	9.0
	Noutro concelho Algarvio	32	3.1
	Total	1049	100.0

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

¹⁰⁰ Os concelhos limítrofes ao concelho de Loulé, pertencentes ao Algarve, são os concelhos de São Brás de Alportel, Faro, Albufeira.

Ao observarmos a figura 8.2, relativa à distribuição dos inquiridos por freguesia de residência, constata-se que a freguesia com uma percentagem mais elevada é a de Quarteira (27.3%) seguida de S. Clemente (24.3%), Almancil (14.9%) e S. Sebastião (11.3%). Estas freguesias correspondem às freguesias do Litoral do concelho (Quarteira e Almancil) e às freguesias urbanas (S. Clemente e S. Sebastião) localizadas na cidade de Loulé, sede do concelho. As restantes freguesias apresentam percentagens de residentes inquiridos sempre inferior a 10%, chegando a freguesia do Ameixial a representar apenas 1% de inquiridos.

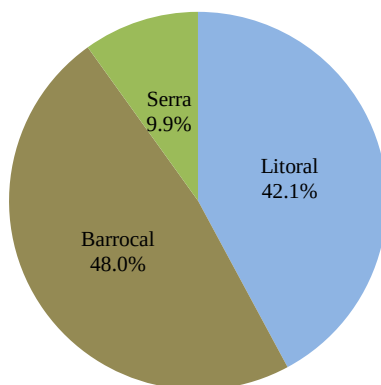
Figura 8.2 - Distribuição dos inquiridos pelas freguesias



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

Quando efetuada a análise da distribuição percentual dos residentes pelas regiões naturais do concelho, agrupando as freguesias segundo este critério, verifica-se que 48% dos inquiridos reside em freguesias do Barrocal, 42.1% em freguesias do Litoral e apenas 9.9% nas freguesias da Serra, uma minoria notória (figura 8.3). Estes dados demonstram a capacidade do litoral para atrair residentes e a importância dos centros urbanos situados no Barrocal como locais privilegiados para habitar.

Figura 8.3 - Distribuição dos inquiridos pelas regiões naturais



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

Aos inquiridos foi também solicitado que respondessem às questões: “há quanto tempo reside na freguesia?” e “há quanto tempo reside no concelho de Loulé?”. Os resultados mostram que, relativamente ao tempo de residência na freguesia, o número de anos varia entre 1 e 85, correspondendo a uma média de 28.3 anos, com um desvio padrão de 18.37 anos. No que respeita ao concelho, a média de anos de residência, expressa pelos inquiridos, é de 32.25. Neste caso o desvio padrão corresponde a 18.65 anos e a mediana a 30 anos (tabela 8.4).

Estes dados revelam que existe uma ligação duradoura da maior parte dos inquiridos com o local de residência (tanto no que respeita à freguesia como ao concelho), o que pode conduzir a um reforço da identidade local e a particularidades na perceção dos fenómenos de desenvolvimento no seu espaço de residência, restrito ou alargado (no caso deste estudo, relativamente ao desenvolvimento da atividade turística).

Tabela 8.4 – Tempo de residência na freguesia e no concelho

	Mínimo	Máximo	Média	Mediana	DP
Tempo de residência na freguesia	1.00	85.00	28.34	26.00	18.37
Tempo de residência no concelho	1.00	85.00	32.25	30.00	18.65

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

Ao observar a tabela de frequências referente à escolaridade (tabela 8.5), constata-se que praticamente metade dos inquiridos (47.7%) tem formação ao nível do ensino secundário ou do ensino superior, embora não pós-graduado. É de destacar que na amostra existe um número reduzido de analfabetos (1.1%). Este facto pode deixar antever que, apesar de todos os residentes presentes nos locais, aleatoriamente escolhidos para aplicação do questionário, terem sido convidados a responder, os residentes com menos estudos ou analfabetos se recusam mais vezes a fazê-lo do que os que possuem mais qualificações. Estes dados vêm reforçar observações dos inquiridores que registaram precisamente a recusa em colaborar por parte de alguns residentes que não se consideravam devidamente informado para o fazer e que, apesar do apoio prestados pelos primeiros, preferiram não participar no estudo.

Tabela 8.5 – Nível de estudos concluído

		n	%
Escolaridade	Ensino secundário	286	27.3
	Bacharelato/Licenciatura	214	20.4
	3º ciclo/ 7º, 8º ou 9º ano	191	18.2
	1º ciclo/ensino primário	137	13.1
	2º ciclo/5º ou 6º ano	94	9.0
	Ensino profissional	77	7.3
	Mestrado/Doutoramento/Formação Pós-Graduada	38	3.6
	Analfabeto(a)	12	1.1
	Total	1049	100.0

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente à questão colocada sobre a situação face ao emprego, a (tabla 8.6) realça que a maioria dos inquiridos se encontra empregada (64.3%), sendo a percentagem de reformados 14.6 % e de desempregados 9.9 %.

Tabela 8.6 - Situação atual face ao emprego

		n	%
Situação profissional	Empregado(a)	674	64.3
	Reformado(a)	153	14.6
	Desempregado(a)	104	9.9
	Estudante	82	7.8
	Doméstico(a)	34	3.2
	Outra situação:		
	Bolseiro	1	0.1
	Estagiário	1	0.1
	Total	1049	100.0

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

As respostas à questão colocada aos residentes sobre as “áreas em que já trabalhou” (tabela 8.7), sendo uma questão de resposta múltipla, ou seja, em que os inquiridos podem escolher mais do que uma das alternativas apresentadas, revelam que 73.8% dos residentes inquiridos já trabalhou na área do turismo e 73.6% no comércio. Pelo contrário, os setores, primário e secundário, apresentam as mais baixas taxas de resposta. Estes dados revelam a predominância do setor dos serviços no concelho de Loulé e, em particular, a relação de trabalho frequente dos residentes com o turismo.

Esta ligação ao turismo pode considerar-se reforçada se se tiver em conta que uma parte significativa dos residentes que dizem trabalhar no comércio também contactam, e em muitos casos dependem, diretamente do turismo. A ligação próxima ao turismo também ocorre pelo menos para alguns residentes que trabalham nos serviços (53.7%), uma vez que nesta categoria estão incluídos, por exemplo, os serviços municipais, inclusive os postos de turismo, os serviços bancários e os serviços de saúde.

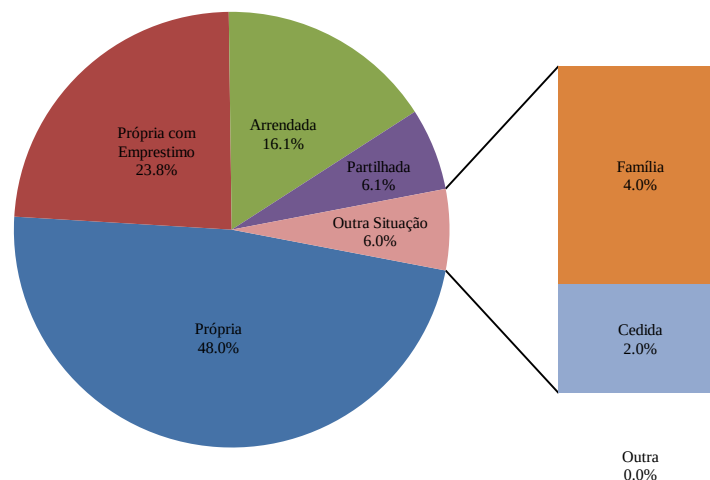
Tabela 8.7 – Área (s) em que já trabalhou

			n	%
Área(s) em que já trabalhou	Agricultura/pesca	Não	950	90.6%
		Sim	99	9.4%
	Indústria	Não	957	91.2%
		Sim	92	8.8%
	Turismo	Não	774	73.8%
		Sim	275	26.2%
	Comércio	Não	772	73.6%
		Sim	277	26.4%
	Serviços	Não	563	53.7%
		Sim	486	46.3%

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.4 mostra que a maioria dos inquiridos (71.8%) afirma residir em casa própria (com ou sem empréstimo ao banco) enquanto apenas 16.1% dos residentes que responderam ao questionário admitem viver em casa arrendada e 6.1% em casa partilhada. A percentagem dos que escolhem outra situação como resposta corresponde também a 6%, podendo neste grupo distinguir-se os que dizem viver em casa de familiares (4%) e os que residem em casa cedida (2%). Estas respostas revelam a importância atribuída pelos residentes à posse de casa, que, em regra, está associada a um sentimento de segurança acrescido por parte dos indivíduos.

Figura 8.4 - Propriedade da Habitação



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

Relativamente ao agregado familiar, 69.0% dos inquiridos vivem com o cônjuge/companheiro(a), 34.3% com filhos menores e 20.7% afirmam ainda ter filhos maiores a viver na sua casa. É de destacar que 21.0% dos residentes referem que, do seu agregado familiar, fazem parte outras pessoas (tabela 8.8). Constata-se, assim, que a maioria dos inquiridos não vive sozinho e que, na maior parte dos casos, os filhos maiores têm já a sua independência, sendo também em número mais reduzido os casos dos inquiridos que partilham a sua casa com outras pessoas.

Tabela 8.8 - Composição do agregado familiar

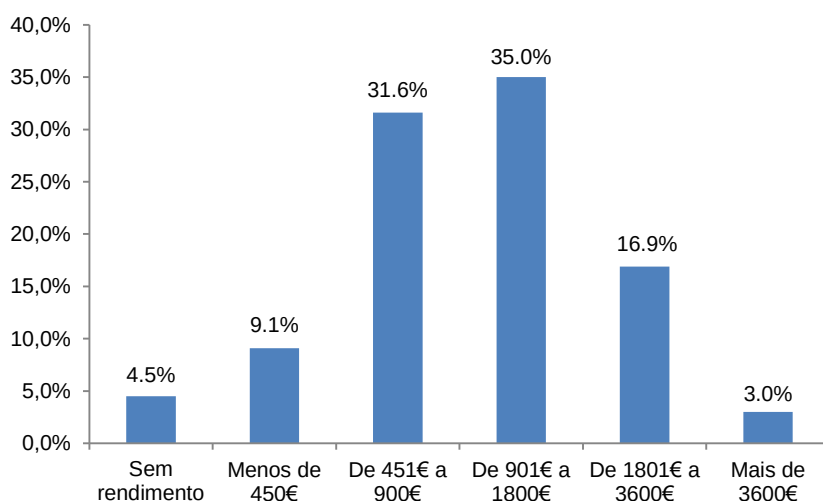
			n	%
Agregado familiar	Cônjuge/Companheiro(a)	Não	325	31.0%
		Sim	724	69.0%
	Filhos Menores	Não	689	65.7%
		Sim	360	34.3%
	Filhos Maiores	Não	832	79.3%
		Sim	217	20.7%
	Outras Pessoas?	Não	829	79.0%
		Sim	220	21.0%

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

Quando questionados sobre o rendimento médio mensal do agregado familiar verifica-se que 66.6% dos inquiridos referem que os seus agregados possuem um rendimento médio entre 451 € e 1800 € e apenas 3% dos inquiridos assumem ter um

rendimento médio no agregado familiar superior a 3600 € (figura 8.5). Sendo esta uma questão delicada, relativamente à qual muitas vezes o número de não respostas é elevado e em que os indivíduos têm tendência a não responder com total sinceridade, não é de estranhar que os valores referidos mais frequentemente sejam os centrais.

Figura 8.5 - Rendimento mensal médio do agregado familiar



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

Relativamente ao contributo principal para o rendimento do agregado familiar (tabela 9), constata-se 14 não respostas, o que corresponde a uma percentagem de 1.3%. Em 67.0% das respostas dos inquiridos verifica-se que a maior contribuição para o rendimento familiar é obtida pelo próprio (40.1%) ou pelo cônjuge/companheiro(a) (26.9%). No entanto, é também de destacar que em 24.7% dos casos os inquiridos assumem que, todos de igual forma, contribuem para o rendimento mensal.

Tabela 8.9 - Elemento do agregado familiar que mais contribui para o rendimento mensal

		n	%
Maior contributo para rendimento mensal	O Próprio	415	40.1
	O Cônjuge/Companheiro(a)	278	26.9
	Todos de Igual Forma	256	24.7
	Outro Elemento	86	8.3
	Total	1035	100.0

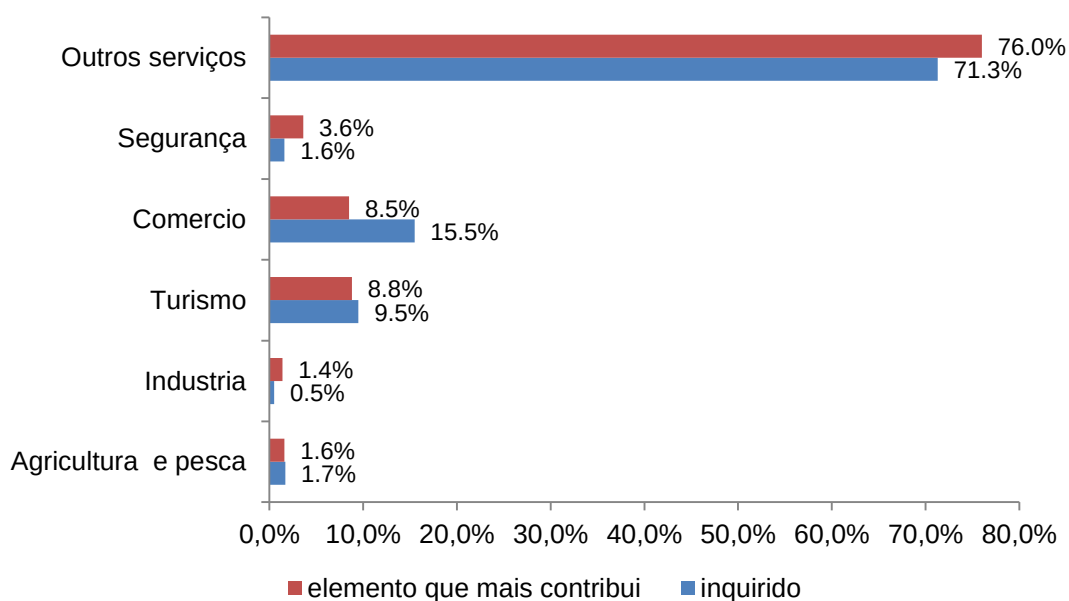
Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Uma vez que se constatou a existência de uma grande variedade de profissões referidas pelos inquiridos decidiu-se agrupar essas profissões em categorias de atividade

profissional: (1) "Agricultura/pesca"; (2) "Indústria"; (3) "Turismo"; (4) "Comercio"; (5) "Segurança"; (6) "Outros serviços". Esta análise foi realizada quer para a atividade profissional do inquirido quer para a atividade profissional do elemento do agregado familiar que mais contribui para o rendimento mensal.

Quer os inquiridos quer o elemento do agregado familiar que mais contribui para o rendimento mensal, trabalham, na sua maioria, em “Outros serviços” (71.3% e 76%, respetivamente). As atividades ligadas ao “Comércio” apresentam uma taxa de resposta de 15.5% e de 8.5%, para estes dois tipos de indivíduos. As atividades relacionadas com o “Turismo” apresentam percentagens de resposta de 8.8% para o elemento que mais contribui para o rendimento do agregado familiar e de 9.5% para o inquirido (figura 8.6).

Figura 8.6 - Atividade profissional do inquirido e do elemento que mais contribui para o rendimento mensal



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

Da análise da frequência de contacto com os turistas (tabela 8.10), verifica-se que, em qualquer das situações apresentadas (eventos especiais; situações relacionadas com trabalho, situações de lazer e situações do dia-a-dia), a maior parte dos inquiridos responde que contacta esporadicamente com os mesmos. Tendo em consideração esta frequência de contacto esporádica, as situações que se destacam com uma maior

percentagem de respostas são os “eventos especiais” (59.0%) e as “situações de lazer” (53.0%). Para o caso do contacto do residente com os turistas em situações relacionadas com o trabalho, é de realçar que 32.9% refere nunca contactar e 15.6% admite contactar todos os dias. Estes dados não se revelam discrepantes dos apresentados na figura 8.6, sobre a profissão do inquirido uma vez que são apenas 25% os que referem trabalhar no turismo e no comércio.

Tabela 8.10 – Frequência e tipo de contacto com os turistas

Indique com que frequência contacta com turistas								
	Eventos especiais		Situações relacionadas com trabalho		Situações de lazer		Situações do dia-a-dia	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Nunca	213	20.3	342	32.9	262	25.0	185	17.6
Esporadicamente	619	59.0	361	34.8	556	53.0	471	44.9
Todos os meses	99	9.4	84	8.1	88	8.4	106	10.1
Todas as semanas	67	6.4	89	8.6	86	8.2	105	10.0
Todos os dias	51	4.9	162	15.6	57	5.4	182	17.3
Total	1049	100.0	1038	100.0	1049	100.0	1049	100.0

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

8.2.1.2. Caracterização bivariada da amostra

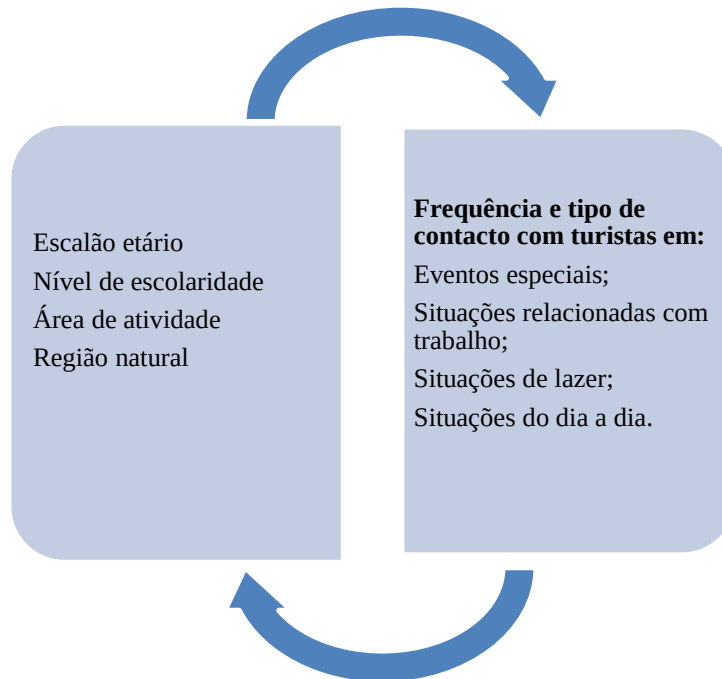
Para além da análise descritiva que se realizou e apresentou anteriormente, uma abordagem de cariz inferencial foi também efetuada como modo de avaliar a significância estatística das relações entre as variáveis estudadas no ponto anterior.

A análise da relação entre variáveis foi efetuada através do teste de independência do Qui-quadrado de Pearson, que testa a hipótese nula de ausência de uma relação de dependência entre duas variáveis. Nesta secção comentam-se as relações estatisticamente significativas.

De todas as relações analisadas, apenas se apresentam no corpo do texto aquelas que revelaram a existência de associação entre as variáveis e que, simultaneamente, se relacionam com as principais dimensões referidas na literatura e resultantes da pesquisa exploratória, nomeadamente das entrevistas aos *stakeholders* (figura 8.7).¹⁰²

¹⁰² Ver Apêndice 12 - Listagem dos cruzamentos efetuados

Figura 8.7 - Características dos residentes e sua relação com o turismo



Fonte: Elaboração própria

“Escalão etário” versus frequência e tipo de contacto com os turistas

A observação da tabela 8.11 permite verificar que a maioria dos inquiridos, de todos os escalões etários, afirma contactar esporadicamente com os turistas em eventos especiais (em todos os casos as percentagens situam-se acima dos 60%). No entanto, também se constata que são os mais novos que dizem contactar com frequência com os turistas neste tipo de eventos (respostas de mais de 13% nos escalões etários até aos 44 anos) e que os inquiridos inseridos nos escalões etários superiores (a partir dos 45 anos) apresentam percentagens de respostas acima dos 20% na opção relativa à não existência de contacto com os turistas.

Mais uma vez se verifica que os escalões etários dos mais elevadas na opção de contacto com frequência com os turistas, do que os outros escalões etários (16.3% de respostas de indivíduos com idades compreendidas entre os escalões etários, como a opção com menos percentagem de residentes.

O facto de os jovens contactarem mais frequentemente com os turistas em eventos especiais pode estar associado à maior frequência de participação em eventos de uma forma geral, ao contrário do que tende a ocorrer com as pessoas mais velhas.

Tabela 8.11 - Frequência de contacto com turistas em eventos especiais e escalão etário

		Escalões Etários						Total	Teste
		18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	> 65		
Nunca	n	16	39	48	47	25	38	213	$\chi^2(10) = 21.966$ $p = 0.015$
	%	16.3	15.7	19.0	21.3	22.7	31.7	20.3	
Esporadicamente	n	68	176	170	150	79	75	718	
	%	69.4	71.0	67.5	67.9	71.8	62.5	68.4	
Com frequência	n	14	33	34	24	6	7	118	
	%	14.3	13.3	13.5	10.9	5.5	5.8	11.2	
Total	n	98	248	252	221	110	120	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 11.02.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que respeita às situações relacionadas com o trabalho (tabela 8.12), verifica-se que no escalão etário dos 25-34 anos 31.2% dos inquiridos dizem contactar com frequência com os turistas, 29.4% dos que possuem idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos admitem fazê-lo e 28.2% dos que se situam no escalão etário dos 35 e os 44 anos também o referem. Pode verificar-se que, relativamente aos residentes que dizem nunca contactar com os turistas, são os dois escalões etários, correspondentes aos inquiridos mais velhos, que apresentam as percentagens de respostas mais elevadas (41.7% de respostas dos residentes dos 55 aos 64 anos, e 59,1 % dos inquiridos que possuem mais de 65 anos,). O facto de existirem percentagens tão elevadas de residentes destes dois escalões etários a responder que nunca contactam com o turismo poderá explicar-se pelo facto de grande parte destes indivíduos se encontrarem já aposentados e por isso terem menos contactos fora do ambiente familiar ou por, eventualmente, não trabalharem em áreas associadas ao turismo.

Tabela 8.12 - Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho e escalão etário

		Escalões Etários						Total	Teste
		18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	> 65		
Nunca	n	30	65	67	67	45	68	342	$\chi^2(10) = 69.14$
	%	30.6	26.3	26.6	30.7	41.7	59.1	32.9	
Esporadicamente	n	50	105	114	87	49	40	445	p = 0.000
	%	51.0	42.5	45.2	39.9	45.4	34.8	42.9	
Com frequência	n	18	77	71	64	14	7	251	
	%	18.4	31.2	28.2	29.4	13.0	6.1	24.2	
Total	n	98	247	252	218	108	115	1038	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 23.70.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que respeita às situações de lazer (tabela 8.13), a maior percentagem de respostas concentra-se, para todos os escalões etários, no contacto esporádico com os turistas (61.4%). A percentagem dos inquiridos que refere nunca contactar com os turistas nestas situações é 25.0% e apenas 13.6% afirma contactar com frequência em situações de lazer. Estes dados podem revelar que as situações de lazer dos residentes são vivenciadas com os seus familiares e amigos, em ambientes provavelmente não frequentados pelos turistas.

Tabela 8.13 - Frequência de contacto com turistas em situações de lazer e escalão etário

		Escalões Etários						Total	Teste
		18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	> 65		
Nunca	n	18	48	59	59	29	49	262	$\chi^2(10) = 37.82$
	%	18.4	19.4	23.4	26.7	26.4	40.8	25.0	
Esporadicamente	n	64	154	160	127	76	63	644	p = 0.000
	%	65.3	62.1	63.5	57.5	69.1	52.5	61.4	
Com frequência	n	16	46	33	35	5	8	143	
	%	16.3	18.5	13.1	15.8	4.5	6.7	13.6	
Total	n	98	248	252	221	110	120	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 13.36.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

As respostas dos residentes relativamente ao contacto com os turistas em situações do dia-a-dia (tabela 8.14), apresentam resultados de alguma forma distintos dos encontrados nas respostas relativas às situações de lazer. De facto, apesar de, entre termos globais, a maior percentagem de resposta (55.0%) ser relativa ao contacto

esporádico com os turistas, são apenas 17.6% os que referem nunca contactar quotidianamente com estes. Pelo contrário, 27.1% admite a maior frequência de contacto com os turistas. No entanto, há que registar que os residentes inquiridos pertencentes aos escalões etários dos 55-64 e a partir dos 65 anos, ao contrário dos que se enquadram nos restantes escalões etários, apresentam percentagens de respostas mais elevadas na opção em que assumem nunca contactar com os turistas (21.8%, para os primeiros e 33.3% para os segundos).

É nos escalões etários compreendidos entre os 25 e os 54 anos que se verificam as percentagens mais elevadas de frequência de contacto com os turistas (acima dos 30%). Esta circunstância pode estar associada ao facto de estes residentes representarem a população ativa e, eventualmente por esse motivo mesmo em situações do dia-a-dia, contactarem mais frequentemente com os turistas por terem uma rede de contactos mais alargada, resultante da sua atividade profissional.

Tabela 8.14 - Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia e escalão etário

		Escalões Etários						Total	Teste
		18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	> 65		
Nunca	n	17	39	28	37	24	40	185	$\chi^2(10) = 53.971$ $p = 0.000$
	%	17.3	15.7	11.1	16.7	21.8	33.3	17.6	
Esporadicamente	n	57	130	147	107	71	65	577	
	%	58.2	52.4	58.3	48.4	64.5	54.2	55.0	
Com frequência	n	24	79	77	77	15	15	287	
	%	24.5	31.9	30.6	34.8	13.6	12.5	27.4	
Total	n	98	248	252	221	110	120	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 17.28.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Nível de escolaridade” versus frequência e tipo de contacto com os turistas

A tabela 8.15, referente à frequência de contacto dos residentes com os turistas em eventos especiais, tendo em consideração o nível de escolaridade dos primeiros, permite constatar que 79.8% dos inquiridos com ensino superior e pós graduado afirma contactar esporadicamente com os turistas. Esta é também a opção que apresenta maiores percentagens de resposta para os residentes com outros níveis de ensino (analfabetos: 75.0%; ensino básico: 63.7%; ensino secundário: 65.8%).

Tabela 8.15 - Frequência de contacto com turistas em eventos especiais e nível de escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós Graduado		
Nunca	n	2	120	67	24	213	$\chi^2(6) = 44.334$ p = 0.000
	%	16.7	28.4	18.5	9.5	20.3	
Esporadicamente	n	9	269	239	201	718	
	%	75.0	63.7	65.8	79.8	68.4	
Com frequência	n	1	33	57	27	118	p = 0.000
	%	8.3	7.8	15.7	10.7	11.2	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 1.35.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente às situações relacionadas com o trabalho (tabela 8.16), apenas os analfabetos apresentam uma percentagem elevada de respostas associadas ao facto de nunca contactarem com os turistas (66.7%). Nos restantes casos, os residentes referem contactar esporadicamente com os turistas (47.8% para inquiridos com o ensino superior e pós graduado; 43.4% ensino com o ensino secundário ou profissional e 40.2% com o ensino básico).

Estes dados sugerem que, efetivamente, quanto maior a formação mais contacto com os turistas tendem a ocorrer em contexto de trabalho. Reconhece-se que, os indivíduos com maiores habilitações tendem a trabalhar mais no setor terciário e, por isso, é natural que contactem mais com turistas dos que os indivíduos que trabalham no setor primário e secundário.

Tabela 8.16 - Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho e nível de escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós Graduado		
Nunca	n	8	162	97	75	342	$\chi^2(6) = 25.658$ p = 0.000
	%	66.7	39.2	26.8	29.9	32.9	
Esporadicamente	n	2	166	157	120	445	
	%	16.7	40.2	43.4	47.8	42.9	
Com frequência	n	2	85	108	56	251	p = 0.000
	%	16.7	20.6	29.8	22.3	24.2	
Total	n	12	413	362	251	1038	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 2.90.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.17 revela que uma elevada percentagem de inquiridos com ensino superior e pós-graduado (71.8%) reconhece contactar esporadicamente com os turistas em situações de lazer e que 63.4% dos residentes com o ensino secundário e profissional e 54.0% dos residentes com o ensino básico escolhem esta opção como a que exprime melhor a sua relação com o turista. Pelo contrário, 50.0% dos analfabetos reconhece nunca contactar com os turistas em situações de lazer e 41.7 % dizem fazê-lo esporadicamente. Estes resultados permitem constatar que existe mais contacto entre residentes e turistas em situações de lazer para os residentes com maiores habilitações o que sugere que as escolhas dos residentes em termos de atividades de lazer e recreativas se aproximam mais das escolhas dos turistas para o caso dos indivíduos com maiores habilitações, havendo portanto uma maior aproximação sociocultural.

Tabela 8.17 - Frequência de contacto com turistas em situações de lazer e nível de escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós-Graduado		
Nunca	n	6	156	69	31	262	$\chi^2(6) = 69.933$ $p = 0.000$
	%	50.0	37.0	19.0	12.3	25.0	
Esporadicamente	n	5	228	230	181	644	
	%	41.7	54.0	63.4	71.8	61.4	
Com frequência	n	1	38	64	40	143	
	%	8.3	9.0	17.6	15.9	13.6	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

a. 2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 1.64.
 * $p < 0.05$

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que diz respeito ao contacto dos residentes com os turistas em situações do dia-a-dia (tabela 8.18), 34.2% dos inquiridos com formação ao nível do ensino secundário e profissional afirmam contactar frequentemente com os turistas e 27.8% com formação superior também admitem esse contacto frequente. No entanto, a maioria dos inquiridos diz contactar esporadicamente com os turistas: 62.7% com formação superior, 54.7% com o ensino básico e 51.2% com o ensino secundário e profissional. Este cruzamento vem reforçar os anteriores, destacando que, efetivamente, habilitações mais elevadas tendem a aumentar o contacto com os turistas também no dia-a-dia, possivelmente porque os espaços quotidianos são semelhantes aos da experiência dos turistas.

Tabela 8.18 - Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia e nível de escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós Graduado		
Nunca	n	8	100	53	24	185	$\chi^2(6) = 55.140$ p = 0.000
	%	66.7	23.7	14.6	9.5	17.6	
Esporadicamente	n	2	231	186	158	577	
	%	16.7	54.7	51.2	62.7	55.0	
Com frequência	n	2	91	124	70	287	$\chi^2(6) = 55.140$ p = 0.000
	%	16.7	21.6	34.2	27.8	27.4	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 2.12.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Área de atividade” versus frequência e tipo de contacto com os turistas

Ao cruzar as respostas dos inquiridos relativamente à frequência de contacto com turistas em eventos especiais (tabela 8.19), com a sua área de atividade, verifica-se que os valores mais elevados estão associados ao contacto esporádico com os turistas (Agricultura/pesca/indústria, com 71.4%; Turismo com 65.6%; Comércio com 61.6% e Segurança e outros serviços com 73.6%). Outro aspeto a realçar é que a segunda opção com maior percentagem de respostas é a relativa ao contacto frequente com os turistas (26.2% dos indivíduos que trabalham no setor primário e secundário e 21.4% dos que trabalham no turismo).

No entanto, entre os inquiridos que trabalham no comércio, apenas 14.1% admitem contactar com turistas em eventos especiais e a opção “Nunca” reúne 24.2% das respostas, sendo seguidos pelos 17.0% que trabalham na segurança e noutros serviços. No caso dos indivíduos que trabalham no comércio, as suas respostas podem revelar que, em eventos especiais, a sua procura incide em ambientes fora do contexto em que normalmente trabalham e por isso mais afastados da convivência com os turistas. Quanto aos que trabalham no turismo, a percentagem de resposta mais elevada poderá estar associada à procura propositada de eventos especiais em que os turistas também estão presentes, pelo facto de terem mais facilmente conhecimento da sua existência e, no caso dos inquiridos dos setores primário e secundário, pode ocorrer que este contacto resulte mais do tipo de turista e das suas escolhas que proporcionem aos residentes este tipo de vivência.

Tabela 8.19 - Frequência de contacto com turistas em eventos especiais e área de atividade

		Área de atividade				Total	Teste
		Agricultura / pesca / indústria	Turismo	Comércio	Segurança e outros serviços		
Nunca	n	1	5	24	79	109	$\chi^2(6) = 22.763$ p = 0.001
	%	7.1	8.2	24.2	17.0	17.0	
Esporadicamente	n	10	40	61	343	454	
	%	71.4	65.6	61.6	73.6	70.9	
Com frequência	n	3	16	14	44	77	
	%	21.4	26.2	14.1	9.4	12.0	
Total	n	14	61	99	466	640	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 1.68.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que respeita ao contacto com os turistas em situação relacionadas com o trabalho (tabela 8.20), 73.8% dos inquiridos que trabalham no turismo, 46.5% dos que trabalham no comércio e 35.7% dos que trabalham na agricultura, pesca ou indústria, admitem fazê-lo com frequência. Como era esperado, os residentes que trabalham nas áreas do turismo ou em áreas diretamente associadas, como a do comércio, contactam mais frequentemente com os turistas.

Tabela 8.20 - Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho e área de atividade

		Áreas de atividade				Total	Teste
		Agricultura / pesca / indústria	Turismo	Comércio	Segurança e outros serviços		
Nunca	n	3	5	17	137	162	$\chi^2(6) = 76.165$ p = 0.000
	%	21.4	8.2	17.2	29.4	25.3	
Esporadicamente	n	6	11	36	221	274	
	%	42.9	18.0	36.4	47.4	42.8	
Com frequência	n	5	45	46	108	204	
	%	35.7	73.8	46.5	23.2	31.9	
Total	n	14	61	99	466	640	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 3.54.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.21 mostra a resposta dos inquiridos das diversas áreas de atividade consideradas, relativamente à sua frequência de contacto com os turistas em situações de lazer. Dos inquiridos que trabalham no turismo 54.1% afirmam contactar esporadicamente com os turistas, a que se seguem 32.8% que reconhecem que o fazem com frequência. Apenas 13.1% destes indivíduos assumem nunca contactar com os

turistas. Pelo contrário, nas outras áreas de atividade verificam-se percentagens de ausência de contacto substancialmente mais elevada. Efetivamente, neste caso, registam-se nesta categoria 35.7% de respostas dos indivíduos que trabalham nos setores primário e secundário, 27.3% dos que trabalham no comércio e 21.2% dos residentes que trabalham noutros serviços. Realça-se, contudo, que a opção de resposta “esporadicamente” apresenta, em todas as atividades, as percentagens mais elevadas de resposta. No que respeita à maior frequência de contacto é na atividade profissional associada ao turismo que se observa maior percentagem de resposta (32.8%).

Estes resultados são de alguma forma expectáveis dada a frequência generalizada dos residentes de um destino turístico com os turistas, mesmo que não trabalhem diretamente no turismo uma vez que ocorre, com frequência a utilização dos mesmos espaços, por residentes e turistas. O maior contacto evidenciado pelos que trabalham no turismo e no comércio vem também reforçar o que era esperado.

Tabela 8.21 - Frequência de contacto com turistas em situações de lazer e área de atividade

		Área de atividade				Total	Teste
		Agricultura / pesca / indústria	Turismo	Comércio	Segurança e outros serviços		
Nunca	n	5	8	27	99	139	$\chi^2(6) = 34.867$ p = 0.000
	%	35.7	13.1	27.3	21.2	21.7	
Esporadicamente	n	7	33	47	315	402	
	%	50.0	54.1	47.5	67.6	62.8	
Com frequência	n	2	20	25	52	99	$\chi^2(6) = 34.867$ p = 0.000
	%	14.3	32.8	25.3	11.2	15.5	
Total	n	14	61	99	466	640	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 2.17.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente às situações do dia-a-dia (tabela 8.22), 63.9% dos residentes que trabalham no turismo admitem contactar com frequência com os turistas e 26.2% dizem fazê-lo esporadicamente. As percentagens dos inquiridos que trabalham no comércio estão mais equilibradas entre os que afirmam contactar com frequência (45.5%) e esporadicamente (44.4%) com os turistas. O mesmo não acontece para os inquiridos que trabalham na agricultura/pesca/indústria ou na segurança e outros serviços em que 57.1% e 58.6%, respetivamente, afirmam contactar esporadicamente com os turistas. Pode-se claramente associar um maior contacto dos residentes com os turistas nas

situações do dia-a-dia entre aqueles que trabalham no setor do turismo ou em áreas diretamente associadas ao turismo, como por exemplo o comércio.

Tabela 8.22 - Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia e área de atividade

		Área de atividade				Total	Teste
		Agricultura / pesca / indústria	Turismo	Comércio	Segurança e outros serviços		
Nunca	n	2	6	10	64	82	$\chi^2(6) = 39.207$ p = 0.000
	%	14.3	9.8	10.1	13.7	12.8	
Esporadicamente	n	8	16	44	273	341	
	%	57.1	26.2	44.4	58.6	53.3	
Com frequência	n	4	39	45	129	217	
	%	28.6	63.9	45.5	27.7	33.9	
Total	n	14	61	99	466	640	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 1.79.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Região natural” versus frequência e tipo de contacto com os turistas

A análise da tabela 8.23 permite constatar que as percentagens mais elevadas de resposta dos inquiridos em relação à frequência de contacto com os turistas em eventos especiais são as que se referem ao contacto esporádico, sendo o valor mais elevado o da Serra (76.0%), seguidos do Barrocal (71.8%) e do Litoral (62.9%). Esta mesma tendência pode verificar-se relativamente às outras opções de resposta o que não é surpreendente uma vez que na Serra existe menos oferta e procura turística do que no Barrocal ou no Litoral.

Tabela 8.23 - Frequência de contacto com turistas em eventos especiais e região natural

		Regiões naturais do concelho			Total	Teste
		Litoral	Barrocal	Serra		
Nunca	n	107	89	17	213	$\chi^2(4) = 11.929$ p = 0.018
	%	24.2	17.7	16.3	20.3	
Esporadicamente	n	278	361	79	718	
	%	62.9	71.8	76.0	68.4	
Com frequência	n	57	53	8	118	
	%	12.9	10.5	7.7	11.2	
Total	n	442	503	104	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 11.70.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente ao contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho (tabela 8.24), grande parte dos residentes das três regiões respondem, mais uma vez, que este ocorre esporadicamente (Litoral 37.8%; Barrocal 47.6% e Serra 42.0%). O Litoral é a região natural que apresenta uma maior percentagem de resposta, na opção “Com frequência” (28.5%), o que se poderá explicar pelo facto de ser nesta zona que se situa a maior concentração da oferta turística.

Tabela 8.24 - Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho e região natural

		Regiões naturais do concelho			Total	Teste
		Litoral	Barrocal	Serra		
Nunca	n	149	149	44	342	$\chi^2(4) = 18.684$ $p = 0.001$
	%	33.7	30.0	44.0	32.9	
Esporadicamente	n	167	236	42	445	
	%	37.8	47.6	42.0	42.9	
Com frequência	n	126	111	14	251	
	%	28.5	22.4	14.0	24.2	
Total	n	442	496	100	1038	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 24.18.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que diz respeito às respostas dos inquiridos sobre o seu contacto com os turistas nas situações do dia-a-dia, pode-se constatar (tabela 8.25) que a maioria dos inquiridos das três regiões diz contactar esporadicamente com os mesmos (no Barrocal 57.3% das respostas; na Serra 56.7% e no Litoral 52.3%). Em relação ao reconhecimento da maior frequência de contacto com os turistas verifica-se que as percentagens mais elevadas são no Litoral (29.2%), onde efetivamente existe a grande concentração turística do concelho, a que se segue o Barrocal com 27.6% das respostas e, por fim surge a Serra com apenas 18.3%, percentagem substancialmente mais baixa do que as anteriores, o que resulta, certamente, do quase inexistente desenvolvimento turístico nesta região natural.

Tabela 8.25 - Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia e região natural

		Regiões naturais do concelho			Total	Teste
		Litoral	Barrocal	Serra		
Nunca	n	82	77	26	185	$\chi^2(4) = 9.693$ $p = 0.046$
	%	18.6	15.3	25.0	17.6	
Esporadicamente	n	231	287	59	577	
	%	52.3	57.1	56.7	55.0	
Com frequência	n	129	139	19	287	
	%	29.2	27.6	18.3	27.4	
Total	n	442	503	104	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 18.34.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

8.2.2. Análise da percepção dos impactos do turismo

8.2.2.1. Caracterização univariada dos indicadores

A caracterização dos indicadores afetos a cada variável latente relacionada com a percepção dos impactos do turismo e considerada no modelo proposto, constitui-se como uma das etapas fundamentais para a sua compreensão. Neste sentido apresenta-se, em tabelas, os indicadores organizados tendo em conta os constructos a medir e as correspondentes respostas dos inquiridos bem como as respetivas moda e mediana.

Para uma melhor visualização das respostas, apresenta-se também em gráficos os resultados obtidos. Neste último caso, procede-se ao agrupamento de algumas das categorias de resposta.¹⁰³ Para a pergunta relativa às percepções globais dos impactos do turismo agruparam-se os níveis negativos (“nada positivo” e “pouco positivo”) e os níveis positivos (“positivo”, “muito positivo” e “extremamente positivo”). Para as restantes questões, relacionadas com a percepção dos impactos do turismo, agruparam-se os níveis de discordância (“discordo totalmente” e “discordo”) e os níveis de concordância (“concordo” e “concordo totalmente”).

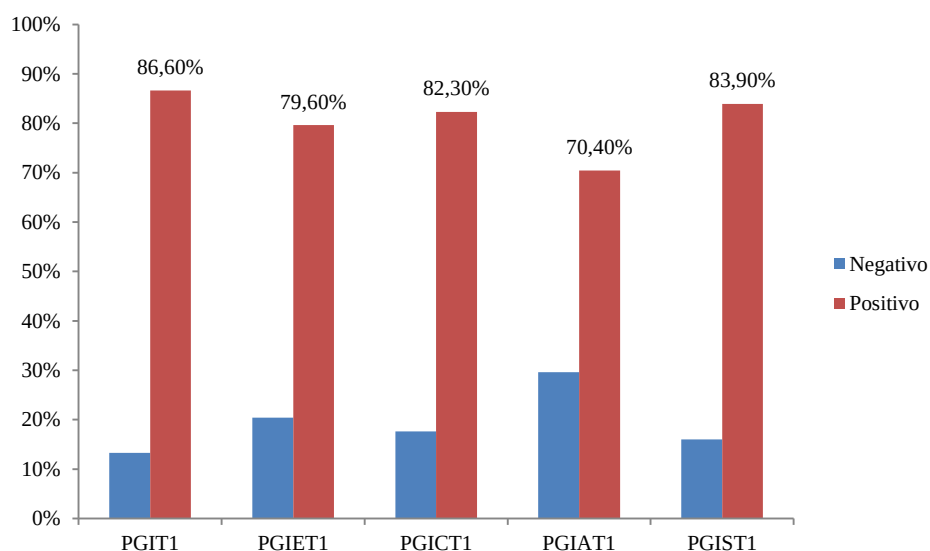
Nesta investigação, os indicadores utilizados para estudar a percepção dos residentes, referem-se ao estudo dos impactos globais do turismo e dos impactos económicos,

¹⁰³ O agrupamento é efetuado a partir da escala de Likert de 5 pontos utilizada no estudo.

sociais, culturais e ambientais de forma global e, com maior detalhe, a nível pessoal e na zona de residência.

A figura 8.8 ilustra as respostas dos inquiridos relativamente à perceção dos impactos do turismo a nível global (PGIT1) e quanto aos impactos económicos (PGIET1), culturais (PGICT1), ambientais (PGIAT1) e sociais (PGIST1), também de forma global. Como se observa, a perceção dos residentes é muito positiva a todos os níveis. Pode-se, contudo, constatar uma perceção menos positiva relativamente aos impactos ambientais do turismo.

Figura 8.8 – Perceção dos impactos do turismo a nível global, económico, social, cultural e ambiental



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Indicadores afetos à perceção global dos impactos do turismo

Em relação à perceção global dos impactos do turismo, a análise da tabela 8.26 permite constatar que, tanto a moda como a mediana, incidem no valor 3 que corresponde à apreciação do desenvolvimento turístico como “positivo”.

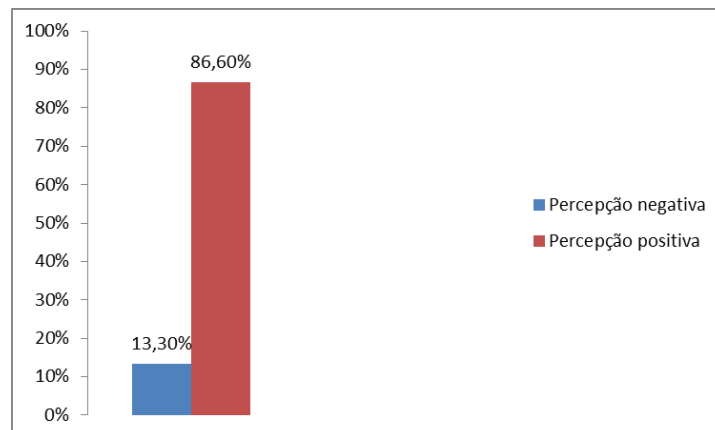
Tabela 8.26 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global dos impactos do turismo

	Nada Positivo (1)	Pouco Positivo (2)	Positivo (3)	Muito Positivo (4)	Extremamente Positivo (5)	Total %	Moda	Mediana
PGIT1 - Em que medida considera positivo o desenvolvimento turístico a nível global?	1.6%	11.7%	56.8%	21.4%	8.4%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Como se pode observar na figura 8.9, a percentagem dos que consideram o impacto global do turismo positivo, muito positivo ou extremamente positivo atinge os 86.6%. Esta constatação revela que a grande maioria dos inquiridos, de uma forma geral, percebe positivamente os impactos do turismo.

Figura 8.9 - Percepção do impacto global do turismo



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Indicadores afetos à percepção dos impactos económicos do turismo

A tabela 8.27 permite observar que, no que respeita aos indicadores afetos à percepção global do impacto económico do turismo a moda situa-se no valor 3. Do total dos inquiridos, 45.5% revelam considerar positivo o impacto do turismo a nível económico, seguidos de 22.5% que o consideram muito positivo e 11.6% extremamente positivo.

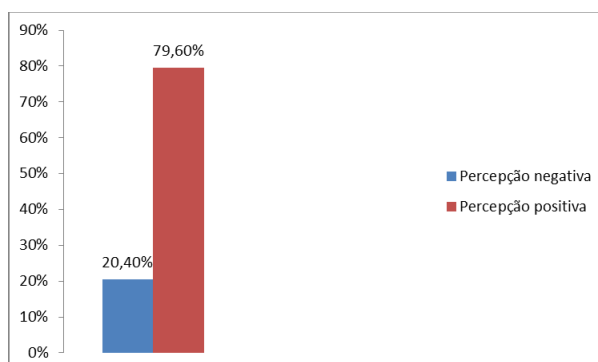
Tabela 8.27 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção do impacto económico do turismo

	Nada Positivo (1)	Pouco Positivo (2)	Positivo (3)	Muito Positivo (4)	Extremamente Positivo (5)	Total %	Moda	Mediana
PGIET1 - Em que medida considera positivo o desenvolvimento turístico a nível económico?	3.1%	17.3%	45.5%	22.5%	11.6%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Na globalidade, os inquiridos que se posicionam como percecionando negativamente o turismo face aos aspetos económicos são apenas 20.4% contra 79.6% que o percecionam positivamente. Denota-se uma percepção positiva notória face aos impactos económicos do turismo (figura 8.10).

Figura 8.10 - Percepção global dos impactos económicos do turismo



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Quando questionados sobre o grau de concordância relativamente ao impacto económico do turismo a nível pessoal e na zona de residência (tabela 8.28), verifica-se que, para as respostas a nível pessoal, a moda e a mediana apresentam nível 3. Ao invés, no que respeita à zona de residência, o valor da moda é 4 para todos os indicadores exceto para os que se relacionam com o aumento dos impostos e taxas e com a dificuldade de desenvolvimento de outras atividades económicas, os quais apresentam uma moda e uma mediana de 3. Estes dados sugerem que os indivíduos tendem a apreciar de forma mais positiva os aspetos económicos relacionados com a zona onde vivem e que não sentem efeitos tão positivos a nível pessoal.

Tabela 8.28 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção do impacto económico do turismo, a nível pessoal e na zona de residência

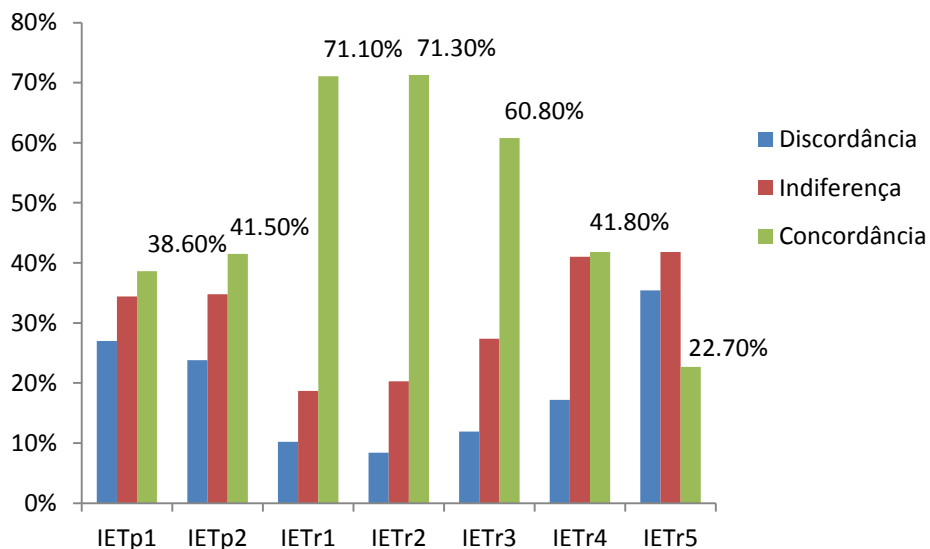
Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência		Discordo Totalmente (1)	Discordo (2)	Nem concordo nem discordo (3)	Concordo (4)	Concordo totalmente (5)	Total %	Moda	Mediana
A nível pessoal	IETp1 - Aumenta o seu rendimento	7.7%	19.3%	34.4%	30.3%	8.3%	100	3	3
	IETp2 - Melhora o seu nível de vida	6.6%	17.2%	34.8%	33.2%	8.3%	100	3	3
Na zona de residência	IETr1 - Aumenta as oportunidades de emprego	3.3%	6.9%	18.7%	54.7%	16.4%	100	4	4
	IETr2 - Aumenta o investimento e o empreendedorismo	2.5%	5.9%	20.3%	55.7%	15.6%	100	4	4
	IETr3 - Aumenta o custo de vida	2.8%	9.1%	27.4%	48.8%	12.0%	100	4	4
	IETr4 - Aumenta os impostos e as taxas	3.9%	13.3%	41.0%	35.4%	6.4%	100	3	3
	IETr5 - Dificulta o desenvolvimento de outras atividades económicas	5.9%	29.5%	41.8%	19.6%	3.1%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.11 permite observar, como se referiu, que o nível de concordância manifestado pelos inquiridos, relativamente aos impactos económicos do turismo a nível pessoal, é inferior ao percecionado em relação à zona de residência, excetuando-se o indicador IETr5, relacionado com a dificuldade de desenvolvimento de outras atividades económicas, que apresenta apenas 22.70% de respostas concordantes, o que revela que os inquiridos não consideram que o turismo prejudique o desenvolvimento de outras atividades económicas. Os indicadores que apresentam maiores níveis de concordância são os que dizem respeito à zona de residência, realçando-se, neste contexto, o potencial efeito do turismo no aumento do investimento e do empreendedorismo (71.30 %); no aumento das oportunidades de emprego (71.10 %) e

no aumento do custo de vida (60.80 %), sendo apenas este último um efeito negativo do turismo reconhecido pelos inquiridos.

Figura 8.11 – Percentagens agregadas relativas à percepção dos impactos económicos do turismo



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Indicadores afetos à percepção dos impactos culturais do turismo

O indicador global para a avaliação do impacto cultural do turismo apresenta uma moda de 3. A tabela (tabela 8.29) evidência que apenas 1.8% dos inquiridos percecionam o desenvolvimento turístico em termos culturais como “nada positivo” o que revela que o impacto cultural negativo do fenómeno turístico na comunidade não é notório.

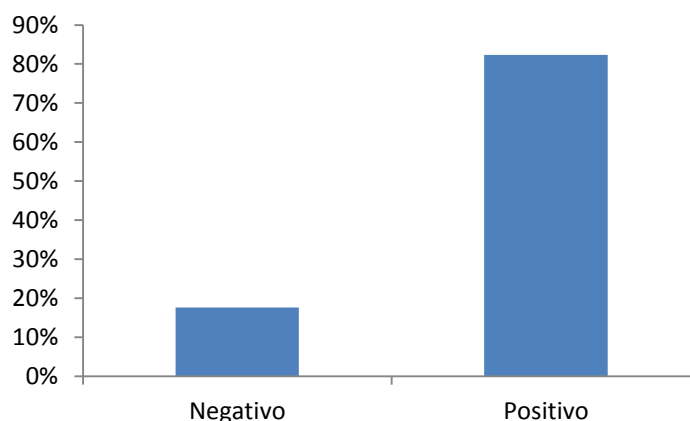
Tabela 8.29 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global dos impactos culturais do turismo

	Nada Positivo (1)	Pouco Positivo (2)	Positivo (3)	Muito Positivo (4)	Extremamente Positivo (5)	Total %	Moda	Mediana
PIAT1 - Em que medida considera positivo o desenvolvimento turístico a nível cultural?	1.8%	15.8%	54.8%	19.9%	7.6%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Os residentes inquiridos, na sua maioria (54.8%), consideram o desenvolvimento turístico positivo, 19.9% identificam-no como muito positivo e 7.6% como extremamente positivo. Esta percepção positiva total dos impactos do turismo, em termos culturais (82.3%), contrasta fortemente com a percepção negativa dos inquiridos, neste contexto, que totaliza 17.6% (figura 8.12)

Figura 8.12 – Percepção global dos impactos culturais do turismo



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Quanto aos indicadores relacionados com a percepção dos impactos culturais do turismo a nível pessoal e na zona de residência (tabela 8.30), a moda incide no valor 4 para sete dos indicadores. É de destacar que, em termos pessoais, o indicador que apresenta uma percentagem de resposta mais elevada é o que está associado ao conhecimento de outras culturas (60.5%). Os restantes indicadores, todos eles relacionados com a zona de residência (ICTr2; ICTr4; ICTr5; ICTr6), apresentam moda de 3.

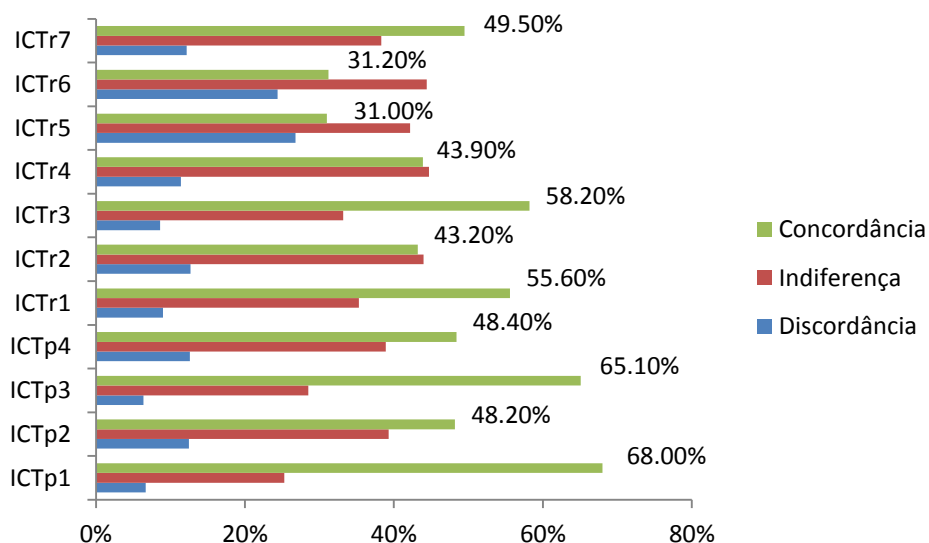
Tabela 8.30 – Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção dos impactos culturais do turismo a nível pessoal e na zona de residência

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência		Discordo Totalmente (1)	Discordo (2)	Nem Concordo Nem Discordo (3)	Concordo (4)	Concordo Totalmente (5)	Total %	Moda	Mediana
A nível pessoal	ICTp1 - Aumenta o seu conhecimento de outras culturas	.8%	5.9%	25.3%	60.5%	7.5%	100	4	4
	ICTp2 - Aumenta o seu conhecimento da cultura local	1.0%	11.5%	39.3%	43.3%	4.9%	100	4	3
	ICTp3 - Desenvolve as suas capacidades linguísticas	1.0%	5.4%	28.5%	56.7%	8.4%	100	4	4
	ICTp4 - Motiva-o(a) a estudar mais e/ou a aperfeiçoar as suas competências profissionais	1.0%	11.6%	38.9%	42.8%	5.6%	100	4	3
Na zona de residência	ICTr1 - Aumenta a disponibilidade de serviços e de atividades culturais	1.1%	7.9%	35.3%	50.3%	5.3%	100	4	4
	ICTr2 - Aumenta a procura de atividades culturais pelos residentes	1.1%	11.6%	44.0%	40.6%	2.6%	100	3	3
	ICTr3 - Aumenta o conhecimento de outras culturas por parte dos residentes	.9%	7.7%	33.2%	55.1%	3.1%	100	4	4
	ICTr4 - Afirma a identidade local	1.8%	9.6%	44.7%	40.8%	3.1%	100	3	3
	ICTr5 - Altera as tradições da zona	3.7%	23.1%	42.2%	29.4%	1.6%	100	3	3
	ICTr6 - Altera os valores da comunidade	3.0%	21.4%	44.4%	29.6%	1.6%	100	3	3
	ICTr7 - Contribui para a preservação e promoção do património	1,1%	11,1%	38,3%	43,8%	5,7%	100	4	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.13 permite observar que os maiores níveis de discordância total são os que dizem respeito à alteração de valores e de tradições o que revela que os residentes inquiridos não consideram que ocorram grandes alterações culturais no local onde vivem. Os níveis de concordância total associados aos impactos culturais positivos do turismo são evidentes, principalmente no âmbito pessoal e, em particular, quanto ao maior conhecimento pessoal de outras culturas (68.0%) e à melhoria das capacidades linguísticas pessoais (65.10%).

Figura 8.13 - Percepção dos impactos culturais do turismo



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Indicadores afetos à percepção dos impactos ambientais do turismo

No que diz respeito aos indicadores associados à percepção dos impactos ambientais (tabela 8.31), 54.8% dos inquiridos demonstram considerar positivo o desenvolvimento turístico. Contudo, 26.0% afirma ser pouco positivo este desenvolvimento. Assim, embora de uma forma global 70.4% afirmem ser positivo, muito positivo ou extremamente positivo o desenvolvimento turístico para o ambiente, são ainda 29.6% os que percebem negativamente este tipo de impacto, o que pode revelar uma sensibilidade maior dos inquiridos quanto aos fatores ambientais do que relativamente a outros fatores, como por exemplo os culturais.

Tabela 8.31 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global dos impactos ambientais do turismo

	Nada Positivo (1)	Pouco Positivo (2)	Positivo (3)	Muito Positivo (4)	Extremamente Positivo (5)	Total %	Moda	Mediana
PGIAT1 - Em que medida considera positivo o desenvolvimento turístico a nível ambiental?	3.6%	26.0%	54.8%	11.2%	4.4%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

As respostas dos inquiridos relativamente aos indicadores considerados como associados ao impacto ambiental a nível pessoal e na zona de residência (tabela 8.32) demonstram que os que reúnem a maior percentagem de respostas são, no caso da zona de residência, o contributo do desenvolvimento turístico para o embelezamento da zona (51.4%) e o aumento dos problemas de tráfego (50.7%). No que refere ao contexto pessoal, a influência do turismo na promoção da vida pessoal ao ar livre reúne 46.5% das respostas. Relativamente à restrição às áreas de acesso livre, 40.8% dos respondentes mostram-se indiferentes, 30.2% discordam da afirmação e 22.6% concordam com ela. Este facto pode revelar que não existe o sentimento muito acentuado por parte dos residentes sobre o domínio do seu local de residência pelos turistas.

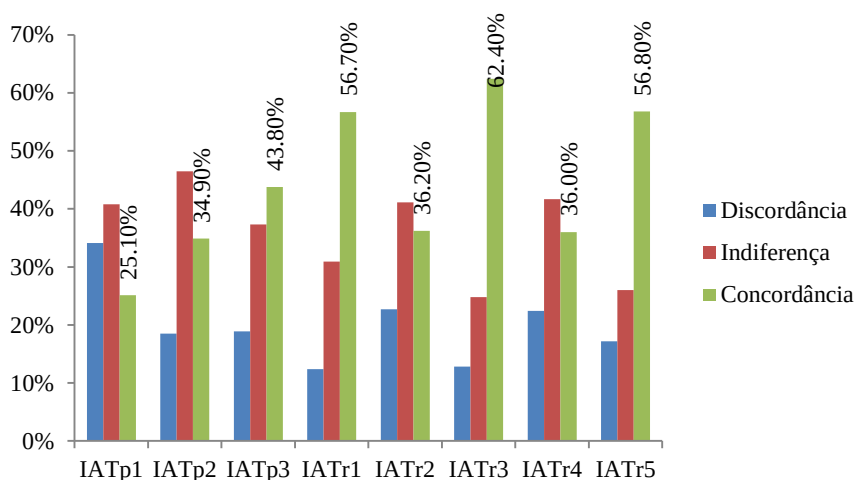
Tabela 8.32 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção dos impactos ambientais do turismo a nível pessoal e na zona de residência

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência		Discordo Totalmente (1)	Discordo (2)	Nem Concordo Nem Discordo (3)	Concordo (4)	Concordo Totalmente (5)	Total	Moda	Mediana
A nível pessoal	IATp1 - Restringe o número de áreas públicas a que tem acesso livre	3.9%	30.2%	40.8%	22.6%	2.5%	100.0%	3	3
	IATp2 -Promove a sua vida ao ar livre	1.4%	17.1%	46.5%	31.7%	3.2%	100.0%	3	3
	IATp3 -Aumenta a sua preocupação com o ambiente	2.2%	16.7%	37.3%	40.2%	3.6%	100.0%	4	3
Na zona de residência	IATr1 -Contribui para o embelezamento da zona	1.7%	10.7%	30.9%	51.4%	5.3%	100.0%	4	4
	IATr2 -Contribui para preservar o ambiente	2.1%	20.6%	41.1%	32.4%	3.8%	100.0%	3	3
	IATr3 -Aumenta os problemas de tráfego	2.1%	10.7%	24.8%	50.7%	11.7%	100.0%	4	4
	IATr4 -Destrói os ecossistemas	3.8%	18.6%	41.7%	31.3%	4.7%	100.0%	3	3
	IATr5 -Aumenta a poluição (água, ar, lixo, ruído)	2.7%	14.5%	26.0%	46.5%	10.3%	100.0%	4	4

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.14 permite ilustrar com maior clareza as diferenças nas percepções positivas e negativas associadas ao desenvolvimento turístico na sua relação com o ambiente.

Figura 8.14 – Percepção dos impactos ambientais do turismo



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Indicadores afetos à percepção dos impactos sociais do turismo

O indicador da percepção global dos impactos sociais do turismo apresenta uma concentração das respostas no nível “positivo” (56.6%), apresentando uma moda de valor 3. Realça-se que apenas 2.2% dos inquiridos referem como “nada positivo” para o ambiente, o desenvolvimento turístico pelos seus efeitos sociais (tabela 8.33).

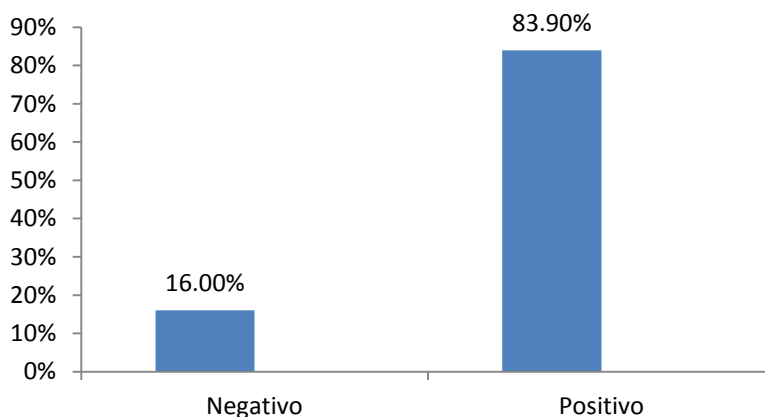
Tabela 8.33 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global dos impactos sociais do turismo

	Nada Positivo (1)	Pouco Positivo (2)	Positivo (3)	Muito Positivo (4)	Extremamente Positivo (5)	Total %	Moda	Mediana
PGIST1 - Em que medida considera positivo o desenvolvimento turístico a nível social?	2.2%	13.8%	56.6%	19.9%	7.4%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.15 permite visualizar a percepção positiva e negativa revelada pelas respostas dos inquiridos destacando-se os 83.90% para a primeira e 16.0% para a segunda. Estes valores revelam o nítido impacto do desenvolvimento turístico percebido pelos residentes inquiridos no concelho de Loulé.

Figura 8.15 - Percepção global dos impactos sociais do turismo



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Os indicadores relacionados com a percepção dos impactos sociais do turismo, a nível pessoal (tabela 8.34), apresentam um valor de moda igual a 3 para todos os casos, exceto para o indicador associado ao aumento das possibilidades de conviver com pessoas diferentes, como se pode observar na tabela em que esse valor corresponde a 4 sendo que 59.4% dos inquiridos revelam concordar com a afirmação (indicador ISTp1 - Aumenta as possibilidades de conviver com pessoas diferentes). Quanto aos impactos sociais associados à zona de residência, a moda de quatro dos indicadores é 4 (melhoria das infraestruturas; aumento da disponibilidade de serviços; aumento da disponibilidade de atividades recreativas; aumento das atividades ilícitas) sendo para os restantes 3. O indicador que apresenta, ao nível da região, uma maior percentagem de respostas é o que diz respeito ao efeito positivo do turismo no aumento da participação dos residentes nas decisões a nível local (52.0%) – ISTR6 (Diminui a sua tranquilidade).

Tabela 8.34 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção dos impactos sociais do turismo a nível pessoal e na zona de residência

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência		Discordo Totalmente (1)	Discordo (2)	Nem Concordo Nem Discordo (3)	Concordo (4)	Concordo Totalmente (5)	Total %	Moda	Mediana
A nível pessoal	ISTp1 - Aumenta as possibilidades de conviver com pessoas diferentes	1.0%	4.9%	25.5%	59.4%	9.2%	100	4	4
	ISTp2 - Altera o seu estilo de vida	2.8%	22.4%	45.7%	26.2%	3.0%	100	3	3
	ISTp3 - Reforça os laços sociais na comunidade	1.4%	12.2%	46.6%	35.9%	3.8%	100	3	3
	ISTp4 - Aumenta o sentimento de orgulho em relação à comunidade	1.1%	11.5%	52.3%	31.3%	3.7%	100	3	3
	ISTp5 - Aumenta o sentimento de pertença à comunidade	1.9%	11.5%	55.0%	28.9%	2.7%	100	3	3
	ISTp6 - Diminui a sua tranquilidade	3.9%	26.8%	37.8%	29.4%	2.1%	100	3	3
Na zona de residência	ISTr1 - Melhora as infraestruturas	2.2%	12.6%	35.7%	45.1%	4.4%	100	4	3
	ISTr2 - Aumenta a disponibilidade de serviços	1.9%	13.6%	35.3%	45.0%	4.2%	100	4	3
	ISTr3 - Aumenta a disponibilidade de atividades recreativas	1.5%	10.7%	34.8%	47.3%	5.7%	100	4	4
	ISTr4 - Aumenta a procura de atividades recreativas pelos residentes	1.8%	12.8%	42.3%	39.8%	3.3%	100	3	3
	ISTr5 - Melhora a segurança pública	3.5%	19.0%	39.6%	34.9%	3.1%	100	3	3
	ISTr6 - Aumenta a participação dos residentes nas decisões a nível local	2.8%	20.3%	52.0%	22.9%	2.1%	100	3	3
	ISTr7 - Aumenta o sentimento de orgulho e pertença à comunidade	1.9%	15.3%	51.7%	28.4%	2.7%	100	3	3
	ISTr8 - Muda o estilo de vida dos residentes	2.4%	16.8%	41.1%	37.0%	2.8%	100	3	3
	ISTr9 - Aumenta a procura de formação por parte dos residentes	2.1%	13.8%	43.2%	38.6%	2.3%	100	3	3
	ISTr10 - Aumenta as atividades ilícitas	3.4%	13.5%	33.7%	41.4%	7.9%	100	4	3

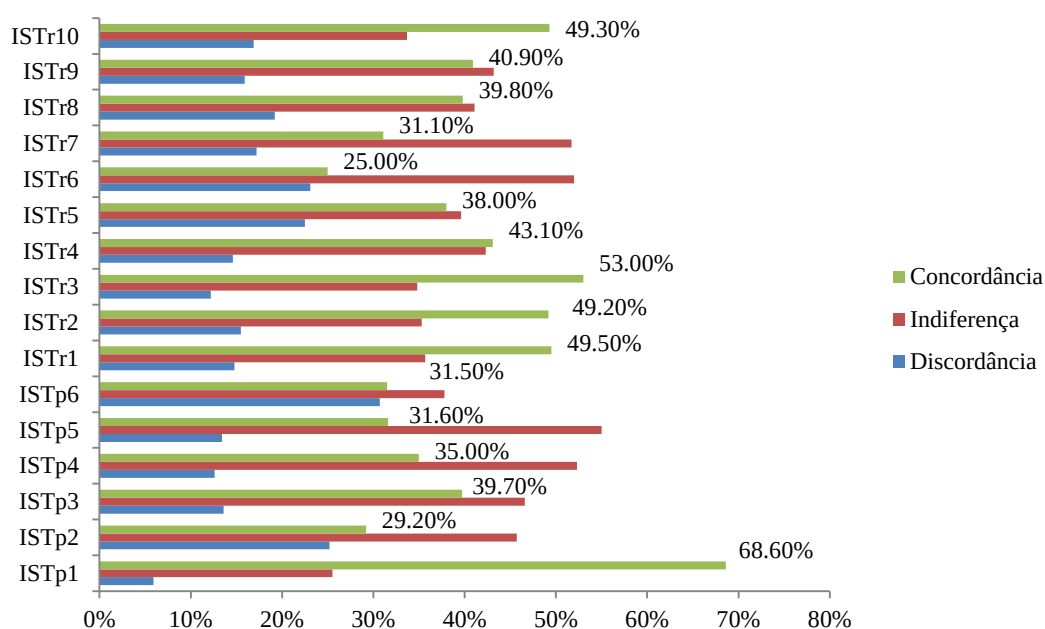
Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A análise das respostas dos residentes inquiridos sobre a percepção dos impactos sociais do turismo a nível pessoal e na zona de residência, como se pode observar na figura 8.16, revela que a discordância apresenta as percentagens mais baixas de resposta para todos os indicadores. Relativamente à concordância, destacam-se os indicadores ISTp1 (68.6%), ISTR3 (53.0%), ISTR1 (49.5%), ISTR10 (49.3%), ISTR2 (49.2%),

correspondentes aos indicadores relacionados com o aumento das possibilidades de conviver com pessoas diferentes, com o reforço dos laços sociais na comunidade, com a melhoria das infraestruturas, com o aumento das atividades ilícitas e com o aumento da disponibilidade de serviços.

Neste contexto, é de destacar a importância do indicador ISTR10 (aumento das atividades ilícitas) o que revela que quase metade dos inquiridos admite que este fator está associado ao desenvolvimento turístico e que o reconhece como um impacto negativo do mesmo.

Figura 8.16 - Perceção dos impactos sociais do turismo a nível pessoal e na zona de residência



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

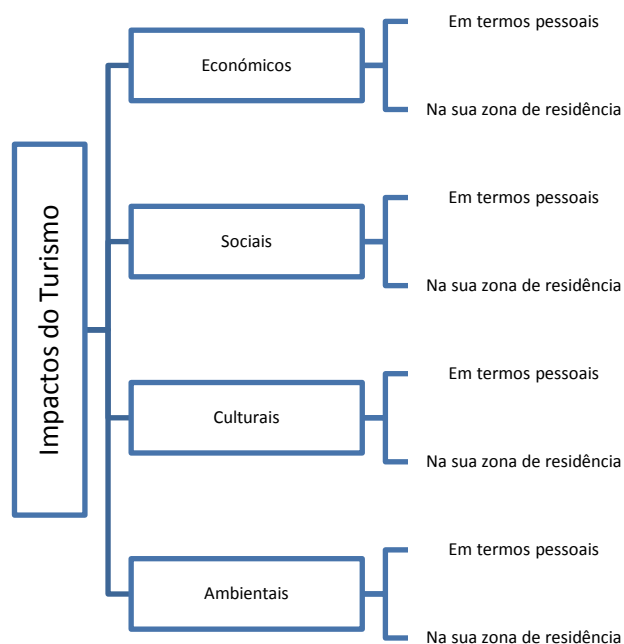
8.2.2.2. Caracterização segundo a região natural

Para a análise da perceção dos residentes do concelho de Loulé sobre os impactos do turismo procede-se também a uma análise descritiva das variáveis consideradas no estudo, estabelecendo a relação entre estas e as regiões naturais onde se posicionam. Para o efeito, leva-se em consideração a freguesia de residência indicada pelo inquirido

e a sua situação geográfica no concelho de Loulé, associando-a assim à região natural correspondente – Litoral, Barrocal ou Serra. As percentagens apresentadas são calculadas com base nos tamanhos amostrais em cada uma das regiões naturais (442 inquiridos no Litoral; 503 inquiridos no Barrocal e 104 inquiridos na Serra). Desta forma, pretende-se identificar diferenças e/ou semelhanças que possam existir entre as perceções dos residentes no contexto da zona geográfica e das suas características inerentes.

O esquema apresentado abaixo (figura 8.17) mostra as variáveis tidas em conta nesta análise da percepção dos impactos do turismo, a qual inclui os quatro tipos de impacto considerados e a sua apreciação em termos globais e no que diz respeito ao indivíduo e à sua zona de residência.

Figura 8.17 – Variáveis consideradas na descrição da percepção dos impactos do turismo



Fonte: Elaboração própria

Para a análise da percepção global dos impactos do turismo, procede-se ao agrupamento das respostas positivas (positivo; muito positivo e extremamente positivo). No caso das restantes perguntas sobre os impactos do turismo, uma vez que são

utilizadas escalas de concordância, agrupam-se os níveis (“concordo” e “concordo totalmente”). Considera-se que esse procedimento permite uma interpretação mais esclarecedora dos resultados obtidos, sendo, no entanto, as tabelas de frequências, para todos os níveis de resposta. Como se referiu no capítulo 7, Metodologia, optou-se por adotar, neste trabalho, uma perspectiva não conservadora face às escalas de Likert, tratando as respetivas variáveis como ordinais, ao invés de intervalares. Neste contexto, a análise prossegue com a observação e comparação de percentagens e frequências, ao invés de médias.

Perceção global dos impactos do turismo

Os residentes, ao serem questionados sobre o impacto do turismo em termos globais e a nível económico, social, cultural e ambiental revelam claramente que o consideram positivo (tabela 8.35 e figura 8.18), apresentando todos os indicadores valores superiores a 70% e atingindo, no caso da perceção global dos impactos do turismo, 87.56% no Litoral, 86.08% no Barrocal, 85.58% na Serra.

Tabela 8.35 – Perceção global positiva dos impactos do turismo, por região natural

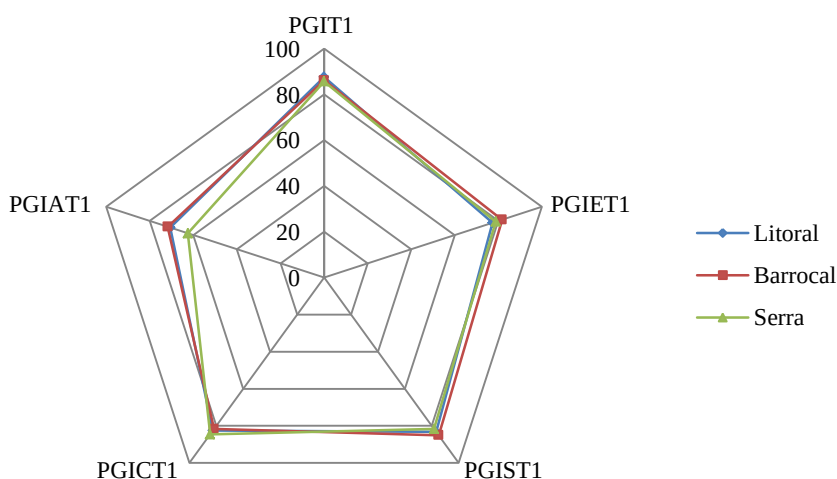
Em que medida considera positivo o desenvolvimento turístico	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
PGIT1 - A nível global	87.56	86.08	85.58
PGIET1 - A nível económico	77.38	81.71	78.85
PGIST1 - A nível social	83.26	85.09	81.73
PGICT1 - A nível cultural	82.58	81.71	84.62
PGIAT1 - A nível ambiental	70.59	71.77	62.50

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* Excel

A visualização da figura 8.18 permite constatar que, relativamente à avaliação positiva que os residentes fazem dos impactos económicos, sociais, culturais e ambientais, estes últimos são os que apresentam, para as três regiões, as menores percentagens de resposta. É de realçar ainda que é na região da Serra que os residentes

percecionam menos positivamente os impactos ambientais do turismo em termos globais.

Figura 8.18 – Distribuição da percepção global positiva dos inquiridos face aos impactos do turismo, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Percepção dos impactos económicos do turismo

No que diz respeito ao grau de concordância dos residentes relativamente aos impactos económicos do turismo (tabela 8.36), tendo em consideração a sua influência a nível pessoal, verifica-se algumas diferenças nas três regiões naturais. Efetivamente, é no Litoral do concelho de Loulé que os residentes reconhecem com maior evidência a influência do turismo em termos económicos nas suas vidas, nomeadamente em relação ao rendimento (45.02%) e à melhoria do nível de vida (45.48%). Quanto a este último indicador, 39.56% dos residentes do Barrocal concordam que o desenvolvimento turístico melhora o seu nível de vida. Os valores mais baixos (28.85% e 33.65%) são os apresentados pelos residentes da zona da Serra no que respeita ao seu rendimento e nível de vida, respetivamente.

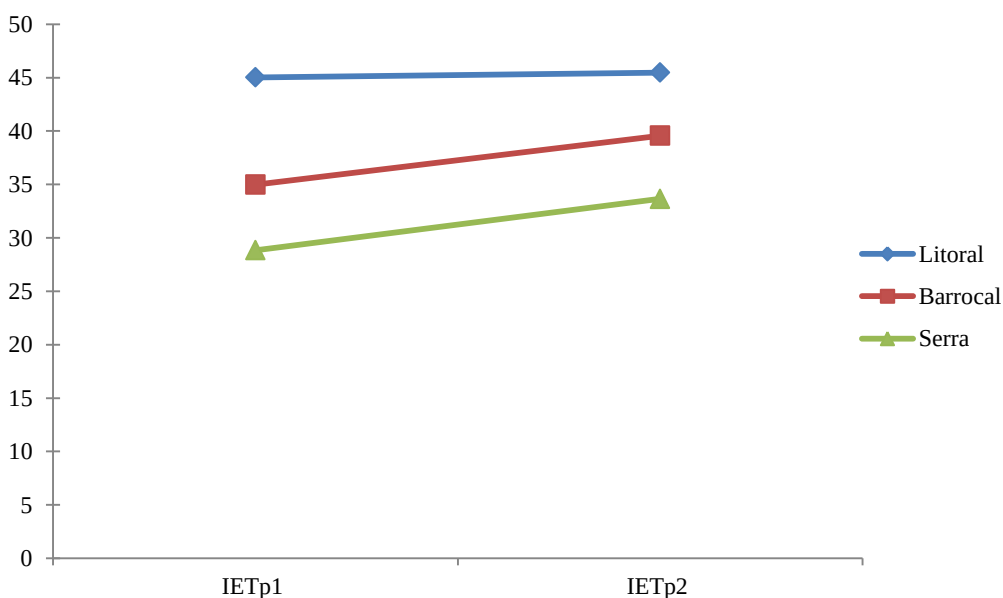
Tabela 8.36 – Grau de concordância face à percepção dos impactos económicos do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem)

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência em termos pessoais:	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
IETp1 - Aumenta o seu rendimento	45.02	34.99	28.85
IETp2 - Melhora o seu nível de vida	45.48	39.56	33.65

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.19 permite visualizar a forma como se distribui o grau de concordância dos inquiridos residentes no Litoral, no Barrocal e na Serra, relativamente a estes dois indicadores associados aos impactos económicos do turismo. Assim, verifica-se a percepção mais positiva por parte dos residentes no Litoral, seguidos dos do Barrocal e com percepções com valores mais baixos, os da Serra. É de realçar também que, para o caso dos inquiridos no Barrocal e na Serra, a concordância relativamente ao impacto positivo do turismo no seu nível de vida é mais elevada do que em relação ao rendimento. No Litoral, embora exista esta tendência, a diferença não é tão acentuada.

Figura 8.19 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos económicos do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A percepção dos impactos do turismo na zona de residência, apresentada na tabela 8.37, revela que os indicadores que reúnem maior concordância por parte dos inquiridos

são, para as três regiões, o aumento das oportunidades de emprego e o aumento do investimento e do empreendedorismo, apresentando o Litoral 72.17% e 69.46%; o Barrocal 73.17 % e 73.16 %; e a Serra 51.74 % e 50.19 %, respetivamente. Verifica-se que a perceção do aumento das oportunidades de emprego é igual no Litoral e no Barrocal e inferior na Serra e é ainda de notar que os residentes do Barrocal são os que sentem um maior aumento do investimento e empreendedorismo devido ao turismo, ao contrário dos inquiridos do litoral.

Com valores de resposta acima dos 50% destaca-se também o aumento do custo de vida. Para este indicador é de realçar a percentagem mais elevada dos inquiridos do Barrocal (62.43%), à qual se segue os 59.95% de respostas de residentes do Litoral.

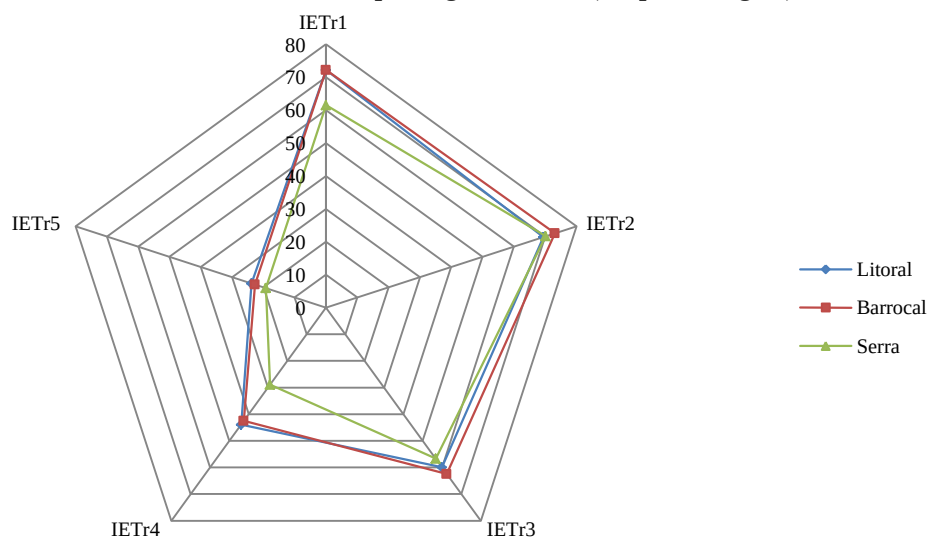
Tabela 8.37 – Grau de concordância face à perceção dos impactos económicos do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência:	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
IETr1 - Aumenta as oportunidades de emprego	72.17	72.17	61.54
IETr2 - Aumenta o investimento e o empreendedorismo	69.46	73.16	70.19
IETr3 - Aumenta o custo de vida	59.95	62.43	56.73
IETr4 - Aumenta os impostos e as taxas	43.89	42.54	28.85
IETr5 - Dificulta o desenvolvimento de outras atividades económicas	23.76	22.66	19.23

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura abaixo apresentada (figura 8.20) permite observar a forma como as respostas dos inquiridos se expressam para cada indicador, por região natural. Da análise da figura destaca-se, desde logo, o indicador IETr5, relativo ao desenvolvimento de outras atividades económicas, para o qual, em nenhuma das regiões naturais se observam percentagens elevadas de resposta o que significa que os residentes, de uma forma geral, não atribuem ao turismo a responsabilidade de, na sua zona de residência, não se desenvolverem outras atividades económicas.

Figura 8.20 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos económicos do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Percepção dos impactos sociais do turismo

No que diz respeito à percepção dos residentes inquiridos sobre os impactos sociais do turismo (tabela 8.38), pode-se realçar que 78.85% dos inquiridos da Serra referem concordar com a sua influência no que respeita ao aumento das possibilidades de convivência com pessoas diferentes. Este indicador é também o que apresenta percentagens mais elevadas nas outras duas regiões (67.79 no Barrocal e 67.19 no Litoral).

Relativamente ao indicador ISTp2 (alteração do estilo de vida) é de realçar o facto de ser no Litoral que se atinge uma percentagem mais elevada de respostas (33.26%) que contrasta com os 17.31 % da Serra. Estas respostas vêm reforçar a ideia de que a proximidade da zona de residência dos residentes da principal zona turística provoca mais alterações no estilo de vida dos habitantes locais.

Os sentimentos relacionados com o reforço dos laços na comunidade e orgulho de pertença em relação à mesma apresentam, nas três regiões, valores entre os 30% e os 40% o que revela que há um considerável nível de concordância relativamente ao impacto do turismo nestes domínios.

A percentagem de respostas é mais baixa em relação ao indicador ISTp6 respeitante à diminuição da tranquilidade é registado no Barrocal (28.63) e o mais elevado no Litoral (34.84%) o que sugere a relação entre as características destas zonas, em particular a última, enquanto recetoras de turismo, ao contrário da zona da Serra que, apesar de não possuir grandes fluxos turísticos, não deixa de apresentar 32.69% de respostas neste item.

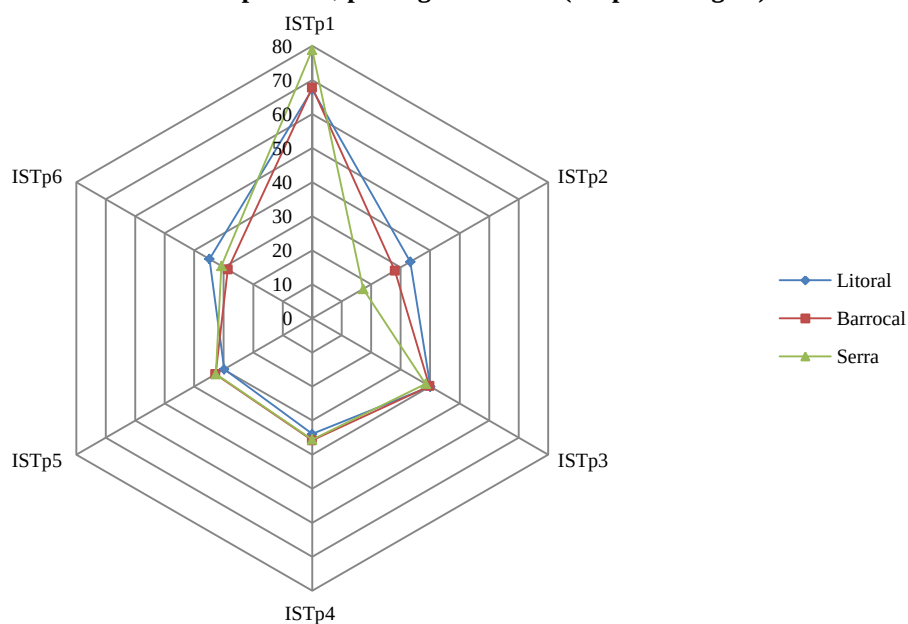
Tabela 8.38 – Grau de concordância face à percepção dos impactos sociais do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem)

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência, em termos pessoais	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
ISTp1 - Aumenta as possibilidades de conviver com pessoas diferentes	67.19	67.79	78.85
ISTp2 - Altera o seu estilo de vida	33.26	28.03	17.31
ISTp3 - Reforça os laços sociais na comunidade	40.05	39.76	38.46
ISTp4 - Aumenta o sentimento de orgulho em relação à comunidade	33.94	35.79	35.58
ISTp5 - Aumenta o sentimento de pertença à comunidade	29.86	32.80	32.69
ISTp6 - Diminui a sua tranquilidade	34.84	28.63	30.77

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A observação da figura 8.21, relativa ao grau de concordância face à percepção dos impactos sociais do turismo em termos pessoais, por região natural, permite constatar, desde logo, a diferença acentuada na percentagem de respostas, para as três regiões, do indicador ISTp1 (possibilidade de conviver com pessoas diferentes) face aos restantes indicadores. Neste caso, destaca-se ainda a região da Serra. No que respeita ao indicador ISTp2 (alteração do estilo de vida pessoal), como foi referido anteriormente, o Litoral e o Barrocal apresentam percentagens mais elevadas do que a Serra. O Litoral diferencia-se das duas outras regiões no que respeita à percepção da diminuição da tranquilidade (ISTp6). Nos restantes indicadores, verifica-se a coincidência de opiniões entre os inquiridos nas três regiões naturais.

Figura 8.21 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos sociais do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A análise da tabela 8.39 permite observar que a disponibilidade de atividades recreativas (ISTr3) é reconhecida como tendo aumentado devido ao desenvolvimento turístico por 55.43% dos inquiridos no Litoral e 52.09% no Barrocal, sendo nestas duas regiões o indicador social ao nível da zona de residência que reúne uma maior percentagem de respostas. No caso da Serra, a melhoria das infraestruturas (ISTr1) é o indicador com uma maior percentagem de respostas (52.88%), seguido da maior disponibilidade de serviços e da maior disponibilidade de atividades recreativas (47.12% em ambos os indicadores).

Um outro aspeto a realçar é o facto da percentagem de inquiridos que concordam que o desenvolvimento turístico aumenta as atividades ilícitas ser maior no Litoral (52.26%), diminuir no Barrocal (49.11%) e voltar a diminuir na Serra (37.5%). Esta tendência parece estar associada ao maior desenvolvimento turístico, mais acentuado no Litoral e menor nas zonas do interior do concelho.

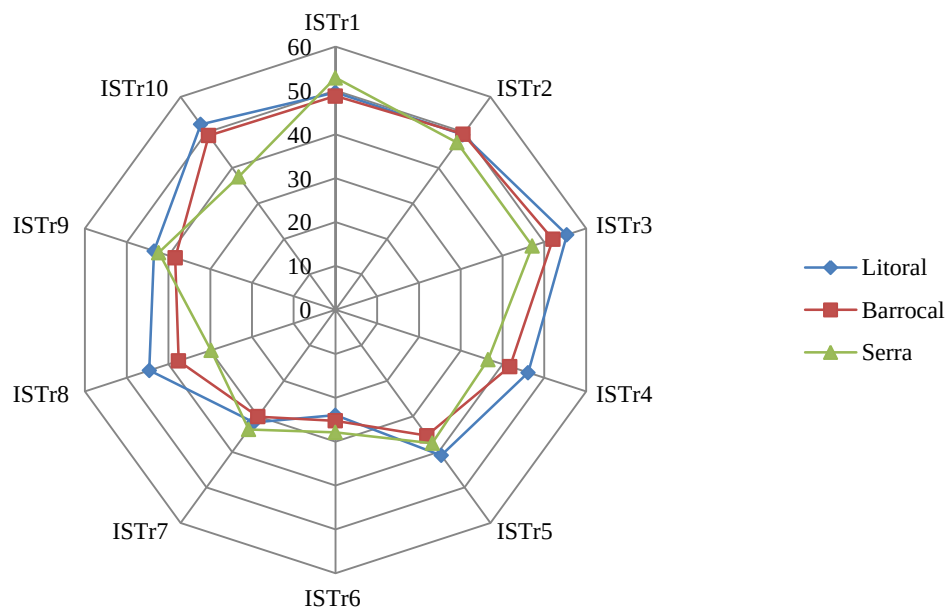
Tabela 8.39 – Grau de concordância face à percepção dos impactos sociais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
ISTr1 - Melhora as infraestruturas	49.55	48.71	52.88
ISTr2 - Aumenta a disponibilidade de serviços	49.32	49.50	47.12
ISTr3 - Aumenta a disponibilidade de atividades recreativas	55.43	52.09	47.12
ISTr4 - Aumenta a procura de atividades recreativas pelos residentes	46.15	41.75	36.54
ISTr5 - Melhora a segurança pública	40.95	35.39	37.50
ISTr6 - Aumenta a participação dos residentes nas decisões a nível local	23.98	25.25	27.88
ISTr7 - Aumenta o sentimento de orgulho e pertença à comunidade	31.67	30.02	33.65
ISTr8 - Muda o estilo de vida dos residentes	44.57	37.57	29.81
ISTr9 - Aumenta a procura de formação por parte dos residentes	43.44	38.37	42.31
ISTr10 - Aumenta as atividades ilícitas (crimes, drogas, prostituição, roubos)	52.26	49.11	37.50

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos sociais do turismo na zona de residência (figura 8.22) revela que, de uma forma geral, os residentes do Litoral atingem percentagens mais elevadas de resposta aos itens apresentados do que as outras duas regiões. Excetuam-se os indicadores ISTR1, ISTR6 e ISTR7 em que os inquiridos da Serra apresentam maiores níveis de concordância. É de notar que os indicadores ISTR6 e ISTR7 se referem à concordância com o aumento da participação dos residentes nas decisões a nível local e ao aumento do sentimento de orgulho e pertença à comunidade. É também importante destacar que a Serra também se diferencia das outras duas regiões, apresentando menor nível de concordância relativamente ao aumento das atividades ilícitas, à mudança do estilo de vida dos residentes, ao aumento da procura de atividades recreativas pelos residentes e ao aumento da disponibilidade de atividades recreativas.

Figura 8.22 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos sociais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Perceção dos impactos culturais do turismo

As percentagens mais elevadas de concordância, em relação ao aumento do conhecimento de outras culturas, no que respeita aos impactos do turismo em termos pessoais (tabela 8.40), são a registada na Serra (71.15%) e no Barrocal (69.78%). No Litoral, o indicador que revela maior percentagem de respostas é o relativo ao desenvolvimento das capacidades linguísticas (66.29%).

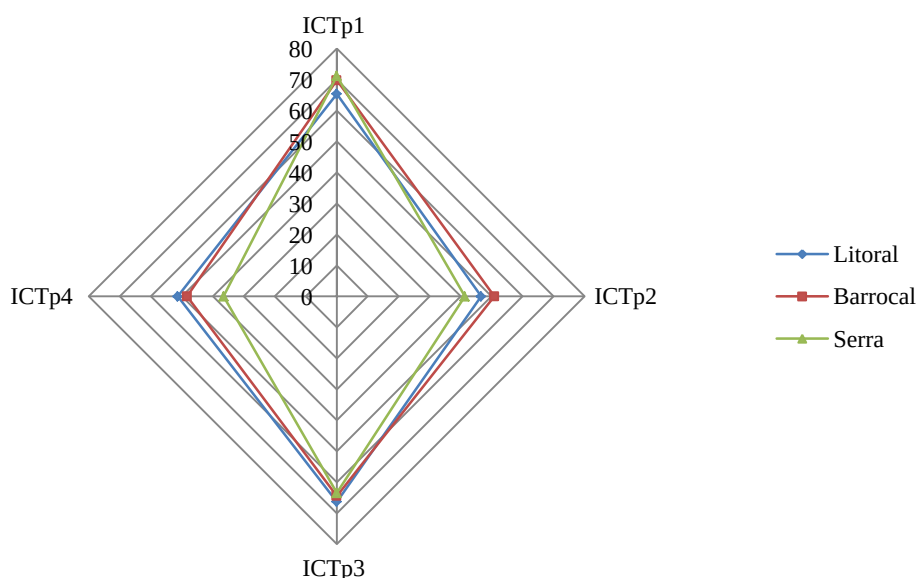
Tabela 8.40 – Grau de concordância face à percepção dos impactos culturais do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem)

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência em termos pessoais	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
ICTp1 - Aumenta o seu conhecimento de outras culturas	65.38	69.78	71.15
ICTp2 - Aumenta o seu conhecimento da cultura local	46.61	50.89	41.35
ICTp3 - Desenvolve as suas capacidades linguísticas	66.29	64.41	63.46
ICTp4 - Motiva-o(a) a estudar mais e/ou a aperfeiçoar as suas competências profissionais	51.36	48.31	36.54

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.23 permite observar que os indicadores ICTp2 e ICTp4 são os que possuem menores percentagens de concordância nas três regiões, destacando-se a Serra com os menores valores. Relativamente aos dois outros indicadores, as três regiões apresentam percentagens de resposta muito semelhantes. Estes dados revelam que os residentes não sentem de forma tão evidente que o turismo os beneficia em termos pessoais no que toca ao conhecimento da sua cultura local ou à sua motivação para estudar, embora reconheçam o desenvolvimento das suas capacidades linguísticas e dos conhecimentos sobre outras culturas.

Figura 8.23 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos culturais do turismo em termos pessoais, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Quanto à percepção dos impactos culturais na zona de residência (tabela 8.41), 71.15% dos residentes da Serra e 60.83% do Barrocal reconhecem que o turismo permite o aumento do conhecimento de outras culturas por parte dos residentes. Em todas as regiões, o aumento da disponibilidade de serviços e de atividades culturais apresenta mais de 50% de concordância. Neste domínio percebe-se o claro reconhecimento do turismo como um fenómeno importante para a oferta cultural para a valorização cultural dos residentes.

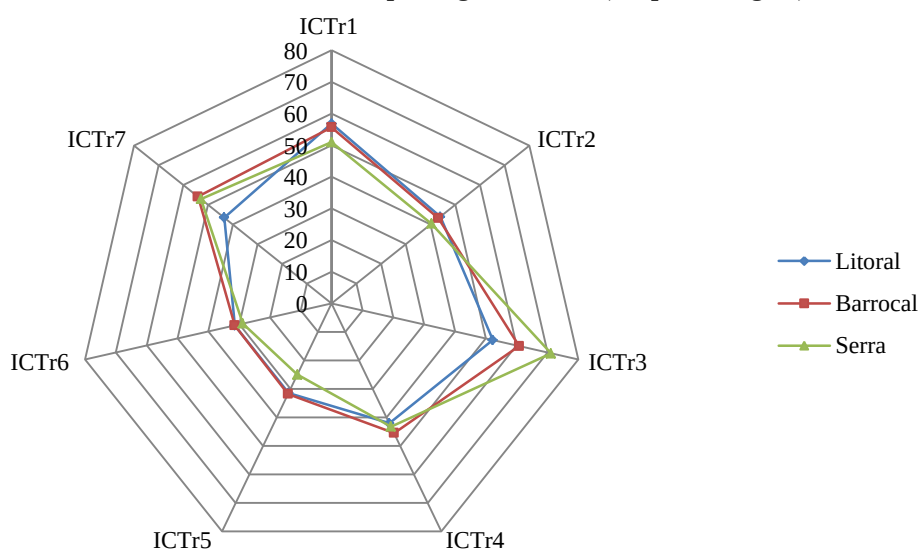
Tabela 8.41– Grau de concordância face à percepção dos impactos culturais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência:	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
ICTr1 - Aumenta a disponibilidade de serviços e de atividades culturais	56.79	55.67	50.96
ICTr2 - Aumenta a procura de atividades culturais pelos residentes	43.89	43.14	40.38
ICTr3 - Aumenta o conhecimento de outras culturas por parte dos residentes	52.26	60.83	71.15
ICTr4 - Afirma a identidade local	42.08	45.53	43.27
ICTr5 - Altera as tradições da zona	31.45	31.81	25.00
ICTr6 - Altera os valores da comunidade	31.45	31.41	28.85
ICTr7 - Contribui para a preservação e promoção do património	43.44	54.08	52.88

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.24 evidencia a relevância do indicador ICTr3 nas três regiões, destacando-se a Serra com maior percentagem de concordância relativamente a este indicador associado ao conhecimento de outras culturas por parte dos residentes. A menor percentagem de concordância regista-se no indicador que se refere às alterações das tradições da zona. A região do Litoral apresenta percentagens de resposta mais baixas nos indicadores ICTr3, acima referido e ICTr7, relativo ao contributo do turismo para a preservação e promoção do património.

Figura 8.24 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos culturais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Percepção dos impactos ambientais do turismo

No que respeita aos impactos ambientais (tabela 8.42), os residentes percecionam, a nível pessoal, que o desenvolvimento turístico aumenta a sua preocupação com o ambiente (46.15% na Serra; 44.34% no Litoral e 42.94% no Barrocal). A promoção da vida ao ar livre é o segundo indicador, a nível pessoal, que reúne maior percentagem de concordância dos inquiridos nas três zonas, havendo, contudo, uma diferença entre a Serra (26.92%) e o Litoral (44.34%), diferença esta que se pode dever ao facto de os residentes da Serra terem um estilo de vida mas diretamente ligado à natureza e, por isso, não sentirem de forma tão evidente esta alteração. Relativamente ao sentimento de restrição de utilização de espaços na zona de residência devido ao turismo, as percentagens de resposta nas três regiões oscilam entre os 24% e os 28%, não sendo por isso muito relevantes.

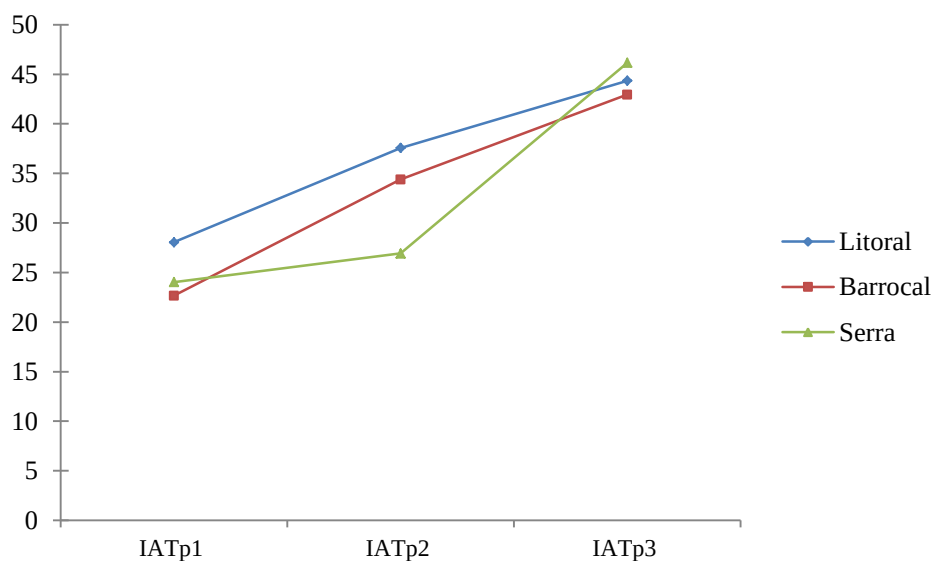
Tabela 8.42– Grau de concordância face à percepção dos impactos ambientais do turismo, em termos pessoais, por região natural (em percentagem)

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência em termos pessoais	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
IATp1 - Restringe o número de áreas públicas a que tem acesso livre	28.05	22.66	24.04
IATp2 -Promove a sua vida ao ar livre	37.56	34.39	26.92
IATp3 -Aumenta a sua preocupação com o ambiente	44.34	42.94	46.15

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.25 ilustra as respostas dos inquiridos nas três regiões naturais relativamente aos três indicadores sobre os quais se solicita a indicação do grau de concordância. Observa-se claramente que o indicador IATp3 (aumento da preocupação com o ambiente) apresenta as percentagens mais elevadas de concordância, destacando-se a Serra com uma percentagem maior de respostas (46.15%). Nos outros dois indicadores, o Litoral apresenta, claramente, percentagens de concordância maiores e o Barrocal valores centrais. O menor grau de concordância do IATp2 para a Serra, anteriormente referido, destaca-se claramente no gráfico apresentado.

Figura 8.25 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos ambientais do turismo, em termos pessoais, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.43 revela a sensibilidade dos inquiridos relativamente às questões ambientais associadas ao desenvolvimento turístico. O reconhecimento do aumento dos problemas de tráfego relacionados com o desenvolvimento turístico é o item que reúne maiores percentagens de concordância no Litoral e no Barrocal (66.52% e 61.43%, respetivamente). Na Serra, 50.0% dos inquiridos também reconhecem os problemas de tráfego, no entanto, o indicador relativo ao embelezamento da zona é o que apresenta uma percentagem de respostas mais elevada (54.81%).

No Litoral e no Barrocal, o aumento da poluição apresenta 61.09% e 54.27% de respostas, respetivamente. Na Serra 50.96% dos inquiridos também referem concordar com esta consequência do turismo. No que diz respeito ao indicador IATr1, embelezamento da zona, as respostas dos inquiridos são também, para todas as regiões, superiores aos 50%. Percebe-se por estes dados que os residentes reconhecem impactos negativos associados ao desenvolvimento turístico mas também lhe associam aspetos positivos na zona de residência.

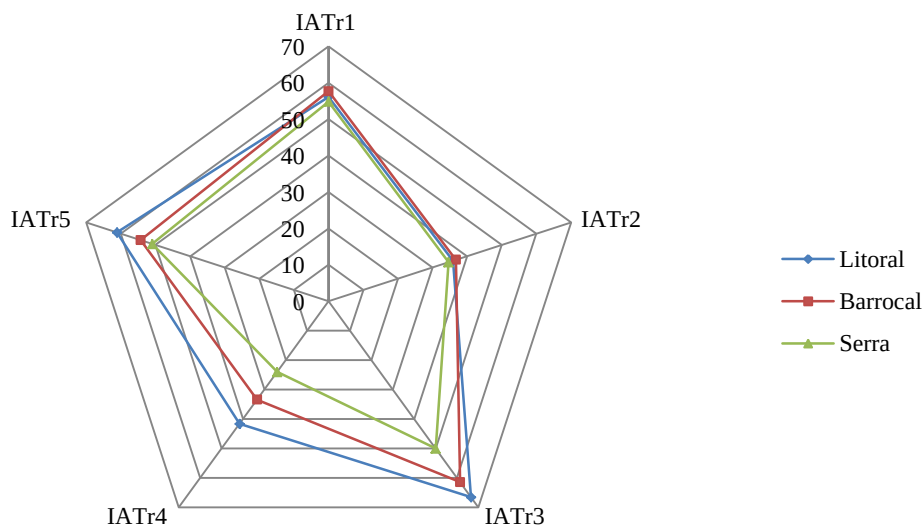
Tabela 8.43 – Grau de concordância face à percepção dos impactos ambientais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)

Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência:	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
IATr1 -Contribui para o embelezamento da zona	56.11	57.65	54.81
IATr2 -Contribui para preservar o ambiente	35.97	36.78	34.62
IATr3 -Aumenta os problemas de tráfego	66.52	61.43	50.00
IATr4 -Destroi os ecossistemas	41.63	33.40	24.04
IATr5 -Aumenta a poluição (água, ar, lixo, ruído)	61.09	54.27	50.96

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.26 evidencia a percepção dos residentes sobre os impactos do turismo no ambiente nas regiões naturais. Constata-se que o item que apresenta menor percentagem de respostas é o relativo à contribuição do turismo para a preservação do ambiente e o que maior concordância reúne é o que reconhece o aumento de tráfego, como atrás foi referido. Tanto este indicador, IATr3 como os indicadores IATr4 e IATr5, são reveladores da percepção dos impactos negativos do turismo e apresentam maiores percentagens de concordância no Litoral e menor concordância na Serra.

Figura 8.26 – Distribuição do grau de concordância face à percepção dos impactos ambientais do turismo na zona de residência, por região natural (em percentagem)



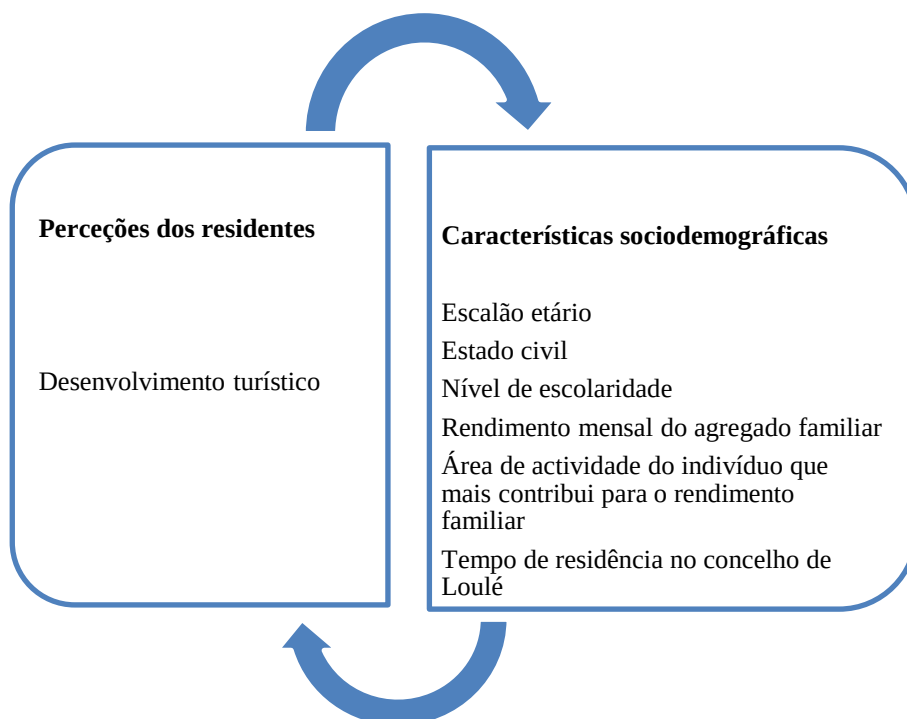
Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

8.2.2.3. Caracterização segundo as características sociodemográficas

Considerou-se também pertinente a análise das relações existentes entre as características sociodemográficas dos inquiridos e as variáveis associadas aos impactos do turismo. Assim, procedeu-se ao agrupamento das respostas dos residentes, associando, conforme o caso e em cada questão, as respostas reveladoras de percepções positivas e negativas, de concordância, indiferença ou discordância.

Foram realizados vários cruzamentos¹⁰⁴, enumerados no apêndice 12, para analisar a existência de associação entre as variáveis em estudo. No entanto, no corpo do texto, apresentam-se apenas as tabelas relativas aos cruzamentos quem revelaram associação significativa entre as variáveis e que, simultaneamente se consideram mais importantes no estudo (figura 8.27).

Figura 8.27 – Cruzamento da percepção dos residentes sobre os impactos do turismo do desenvolvimento turístico com as suas características sociodemográficas



Fonte: Elaboração própria

¹⁰⁴ Cruzamentos enumerados no apêndice 12.

“Percepção global do desenvolvimento turístico versus características sociodemográficas dos residentes

A tabela 8.44 permite constatar que a percepção positiva e negativa do desenvolvimento turístico aumenta com o nível de escolaridade, o que revela que, quanto mais formação os indivíduos possuem, mais conscientes estão dos impactos do fenómeno turístico.

Tabela 8.44 – Percepção do desenvolvimento turístico e escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós-Graduado		
Negativo	n	3	84	33	20	140	$\chi^2_{26} = 29.168$
	%	25.0	19.9	9.1	7.9	13.3	
Positivo	n	9	338	330	232	909	p = 0.000
	%	75.0	80.1	90.9	92.1	86.7	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (12.5%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 1.60.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente ao rendimento médio mensal e à sua associação com a percepção do desenvolvimento turístico, também se verifica que a percepção dos aspetos positivos do mesmo aumenta com o aumento do rendimento mensal (tabela 8.45). Este facto pode eventualmente justificar-se pela maior facilidade de acesso por parte dos residentes com maior rendimento a lugares e serviços que existem no destino turístico.

Tabela 8.45 – Percepção do desenvolvimento turístico e escolaridade - Percepção do desenvolvimento turístico e rendimento médio mensal do agregado familiar

		Rendimento médio mensal do agregado familiar						Total	Teste
		Sem rendimento	Menos de 450.00€	De 451.00€ a 900.00€	De 901.00€ a 1800.00€	De 1801.00€ a 3600.00€	Mais de 3600.00€		
Negativo	n	14	23	48	42	10	3	140	$\chi^2_{210} = 31.611$
	%	29.8	24.2	14.5	11.4	5.6	9.7	13.3	
Positivo	n	33	72	284	325	167	28	909	p = 0.000
	%	70.2	75.8	85.5	88.6	94.4	90.3	86.7	
Total	n	47	95	332	367	177	31	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (8.3%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 4.14.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Percepção global dos impactos económicos do turismo ” versus características sociodemográficas dos residentes

O cruzamento da percepção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico a nível económico com o rendimento médio mensal do seu agregado familiar (tabela 8.46) permite verificar, mais uma vez, que a percepção positiva sobre os impactos deste desenvolvimento aumenta à medida que aumenta o rendimento e o contrário acontece relativamente à percepção negativa que diminui com o aumento do rendimento mensal. Há, contudo, que realçar que os indivíduos que dizem não possuir rendimento apresentam, em ambos os casos, percentagens de resposta contrárias a esta tendência.

Tabela 8.46 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível económico e rendimento mensal do agregado familiar

		Rendimento médio mensal do agregado familiar (€)						Total	Teste
		Sem rendimento	< 450.00	De 451.00 - 900.00	De 901.00 a 1800.00	De 1801.00 a 3600.00	>3600.00		
Negativo	n	17	35	75	64	20	3	214	$\chi^2_{25} = 37.199$ $p = 0.000$
	%	36.2	36.8	22.6	17.4	11.3	9.7	20.4	
Positivo	n	30	60	257	303	157	28	835	
	%	63.8	63.2	77.4	82.6	88.7	90.3	79.6	
Total	n	47	95	332	367	177	31	1049	$p = 0.000$
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 6.32.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Percepção global dos impactos sociais do turismo ” versus características sociodemográficas dos residentes e sua relação com o turismo

No que respeita à associação entre a percepção relativamente ao desenvolvimento turístico a nível social e a escolaridade (tabela 8.47) pode-se observar que a percepção positiva aumenta com o grau de escolaridade e que a percepção negativa diminui com o maior nível de habilitações dos residentes. De uma forma global, constata-se que a grande maioria dos residentes inquiridos (84.0%) percecionam positivamente o desenvolvimento turístico.

Tabela 8.47 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós Graduado		
Negativo	n	3	98	41	26	168	$\chi^2_6 = 29.115$
	%	25.0	23.2	11.3	10.3	16.0	
Positivo	n	9	324	322	226	881	p = 0.000
	%	75.0	76.8	88.7	89.7	84.0	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (12.5%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 1.92. $p < 0.05$

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que se refere ao rendimento do agregado familiar, a partir da tabela 8.48 pode-se verificar que também predomina uma percepção positiva por parte de todos os inquiridos com qualquer dos níveis de habilitações (84.0%). A percepção dos benefícios sociais do turismo é mais positiva entre os inquiridos com rendimentos familiares superiores.

Quanto às percepções negativas pode-se constatar que diminuem à medida que o rendimento do agregado familiar aumenta, destacando-se em particular a diferença entre a percentagem de resposta dos inquiridos sem rendimento (36.2 %) e os que possuem rendimento acima dos 3600.00€ (3.2%).

Tabela 8.48 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e rendimento médio mensal do agregado familiar

		Rendimento médio mensal do seu agregado familiar						Total	Teste
		Sem rendimento	Menos de 450.00€	De 451.00€ a 900.00€	De 901.00€ a 1800.00€	De 1801.00€ a 3600.00€	Mais de 3600.00€		
Negativo	n	17	31	57	47	15	1	168	$\chi^2_5 = 48.086$
	%	36.2	32.6	17.2	12.8	8.5	3.2	16.0	
Positivo	n	30	64	275	320	162	30	881	p = 0.000
	%	63.8	67.4	82.8	87.2	91.5	96.8	84.0	
Total	n	47	95	332	367	177	31	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (8.3%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 4.96.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Percepção global dos impactos culturais do turismo ” *versus* características sociodemográficas dos residentes

O cruzamento da percepção dos impactos culturais do desenvolvimento turístico, por parte dos residentes, associada à escolaridade dos mesmos (tabela 8.49) permite evidenciar a predominância dos aspetos positivos (82.4%) valorizados pelos residentes de uma forma geral. Neste grupo, destaca-se a percentagem de respostas dos inquiridos com ensino secundário ou profissional (88.2%), seguida da relativa aos que possuem habilitações ao nível do ensino superior (84.1%) que, naturalmente, poderão estar mais informados e mais sensíveis relativamente às questões culturais. Esta percentagem é bastante mais baixa entre os residentes que têm o ensino básico (76.5%).

Tabela 8.49 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós Graduado		
Negativo	n	2	100	43	40	185	$\chi^2_{26} = 19.597$
	%	16.7	23.7	11.8	15.9	17.6	
Positivo	n	10	322	320	212	864	p = 0.000
	%	83.3	76.3	88.2	84.1	82.4	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (12.5%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 2.12.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A análise da tabela 8.50 permite verificar que 82.4% dos residentes consideram positivo o desenvolvimento turístico em termos culturais e que apenas 17.6% o consideram negativo, tendo em conta o rendimento do agregado familiar. A percentagem dos que consideram positivo o desenvolvimento turístico aumenta com o aumento do rendimento, excetuando-se os que não têm rendimento. Também em relação à percepção dos impactos culturais negativos, em função do rendimento do agregado familiar, se pode constatar que as percepções diminuem com o aumento do rendimento.

Tabela 8.50 - Perceção do desenvolvimento turístico a nível cultural e rendimento médio mensal do agregado familiar

		Rendimento mensal do seu agregado familiar						Total	Teste
		Sem rendimento	Menos de 450.00 €	De 451.00 € a 900.00 €	De 901.00 € a 1800.00 €	De 1801.00 € a 3600.00 €	Mais de 3600.00 €		
Negativo	n	14	29	66	55	19	2	185	$\chi^2_{25} = 27.043$
	%	29.8	30.5	19.9	15.0	10.7	6.5	17.6	
Positivo	n	33	66	266	312	158	29	864	
	%	70.2	69.5	80.1	85.0	89.3	93.5	82.4	
Total	n	47	95	332	367	177	31	1049	p = 0.000
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 5.47.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Perceção global dos impactos ambientais do turismo” versus características sociodemográficas dos residentes

A tabela 8.51 permite observar a relação entre a perceção do desenvolvimento turístico em termos ambientais em associação com o rendimento do agregado familiar, podendo-se constatar que a perceção positiva dos impactos do turismo aumenta com o aumento do rendimento e o inverso ocorre quanto à perceção dos impactos ambientais negativos. Este facto pode estar associado às condições de vida que um maior rendimento proporciona, anulando em parte os efeitos negativos desse desenvolvimento turístico em termos ambientais.

Tabela 8.51 - Perceção do desenvolvimento turístico a nível ambiental e rendimento médio mensal do agregado familiar

		Rendimento médio mensal do seu agregado familiar						Total	Teste
		Sem rendimento	Menos de 450.00 €	De 451.00 € a 900.00 €	De 901.00 € a 1800.00 €	De 1801.00 € a 3600.00 €	Mais de 3600.00 €		
Negativo	n	22	37	108	104	36	4	311	$\chi^2_{25} = 23.720$
	%	46.8	38.9	32.5	28.3	20.3	12.9	29.6	
Positivo	n	25	58	224	263	141	27	738	
	%	53.2	61.1	67.5	71.7	79.7	87.1	70.4	
Total	n	47	95	332	367	177	31	1049	p = 0.000
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 9.19.

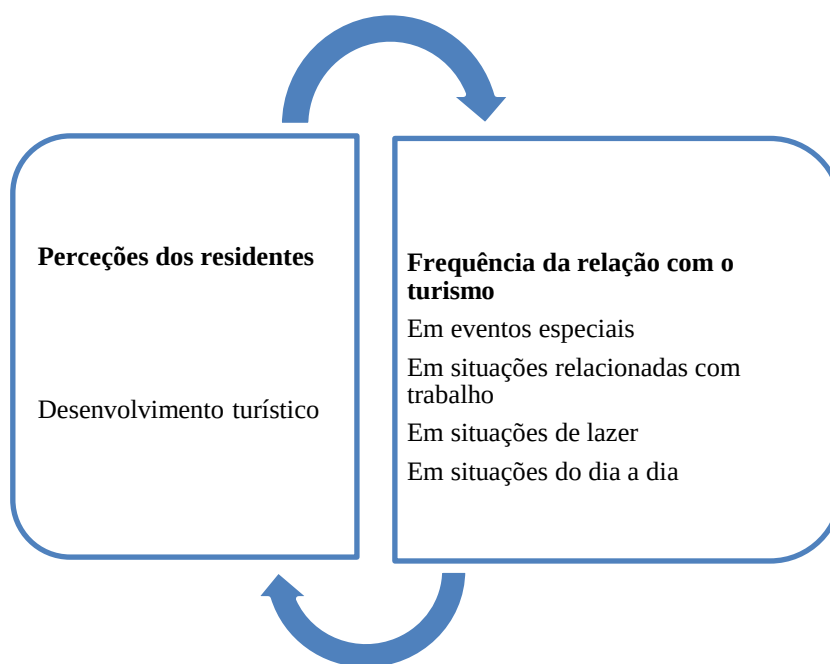
Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

8.2.2.4. Caracterização segundo o tipo e frequência da relação com o turismo

A presente investigação considera também a análise das relações existentes entre a percepção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico e a frequência e tipo de contacto deste com os turistas. Para esta análise procedeu-se ao agrupamento das respostas dos inquiridos, associando, conforme o caso e em cada questão, as respostas reveladoras de percepções positivas e negativas.

A figura 8.28 permite observar as relações analisadas e incorporadas no texto, por se revelarem estatisticamente significativas e relevantes para o estudo.¹⁰⁵

Figura 8.28 – Cruzamento da percepção dos residentes com as suas características sociodemográficas e relação com o turismo



Fonte: Elaboração própria

¹⁰⁵ A indicação de todos os cruzamentos efetuados no apêndice 12.

“Percepção global dos residentes sobre o desenvolvimento turístico versus frequência e tipo de contacto com o turismo

Relativamente à associação entre a percepção global do desenvolvimento turístico e o contacto com turistas em eventos especiais (tabela 8.52) pode constatar-se que 89.3% dos inquiridos que contactam esporadicamente com os turistas neste tipo de eventos percecionam como positivo o desenvolvimento turístico. A mesma opinião revelam os inquiridos que dizem contactar com frequência com turistas neste contexto (88.1%). Entre os residentes que afirmam nunca ter este tipo de contacto há também uma percentagem elevada que considera positivo o desenvolvimento turístico (77.0%). De uma forma global o bastante positiva a percepção dos residentes face ao turismo relativamente ao seu contacto com este em eventos especiais.

Tabela 8.52 - Percepção do desenvolvimento turístico e frequência de contacto com turistas em eventos especiais

		Frequência de contacto com turistas em eventos especiais			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	49	77	14	140	$\chi^2_{22} = 21.674$ $p = 0.000$
	%	23.0	10.7	11.9	13.3	
Positivo	n	164	641	104	909	
	%	77.0	89.3	88.1	86.7	
Total	n	213	718	118	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 15.75.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Pode constatar-se, pela observação da tabela 8.53, que as percepções positivas dos inquiridos relativamente ao desenvolvimento turístico, em função da frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho. É de destacar que a percentagem mais elevada de respostas associadas ao reconhecimento dos impactos negativos do desenvolvimento turístico está associada aos residentes que nunca contactam com turistas em situações de trabalho (17.5%). Percebe-se portanto que, quem afirma contactar com turistas em contexto de trabalho, perceciona mais positivamente este fenómeno.

Tabela 8.53 - Percepção do desenvolvimento turístico e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho

		Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	60	54	25	139	$\chi^2_{22} = 8.238$ $p = 0.016$
	%	17.5	12.1	10.0	13.4	
Positivo	n	282	391	226	899	
	%	82.5	87.9	90.0	86.6	
Total	n	342	445	251	1038	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 33.61.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.54 permite visualizar a relação entre a percepção do desenvolvimento turístico e a frequência de contacto com turistas em situações de lazer. Verifica-se que a percepção positiva dos impactos do turismo aumenta com a frequência do contacto. Observam-se respostas de 80.9% por parte dos residentes que nunca contactam com os turistas, 88.5% dos que contactam esporadicamente e 88.8% das que contactam com frequência. A frequência de contacto em situações de lazer, à semelhança do que ocorre com os eventos especiais, revela-se determinante para a percepção positiva.

Tabela 8.54 - Percepção do desenvolvimento turístico e frequência de contacto com turistas em situações de lazer

		Frequência de contacto com turistas em situações de lazer			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	50	74	16	140	$\chi^2_{22} = 9.951$ $p = 0.007$
	%	19.1	11.5	11.2	13.3	
Positivo	n	212	570	127	909	
	%	80.9	88.5	88.8	86.7	
Total	n	262	644	143	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 19.08. $p < 0.05$

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A percepção do desenvolvimento turístico associada ao contacto dos residentes com os turistas em situações do dia-a-dia, observável na tabela 8.55 revela o mesmo tipo de associação descrita anteriormente. A percepção positiva aumenta com a frequência do contacto. Os dados sugerem que, efetivamente, quanto mais os indivíduos contactam com os turistas mais valorizam os impactos do turismo no destino.

Tabela 8.55 - Percepção do desenvolvimento turístico e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia

		Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	44	64	32	140	$\chi^2_{22} = 21.160$ p = 0.000
	%	23.8	11.1	11.1	13.3	
Positivo	n	141	513	255	909	
	%	76.2	88.9	88.9	86.7	
Total	n	185	577	287	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 24.69.p < 0.05

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Percepção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico a nível económico” versus frequência e tipo de contacto com o turismo

A tabela 8.56 permite observar a associação entre a percepção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico a nível económico e a frequência de contacto com turistas em eventos especiais. Pode-se verificar que, relativamente à percepção dos impactos negativos a nível económico, se regista uma diminuição da percentagem de respostas dos inquiridos à medida que aumenta o contacto neste tipo de eventos (30.5% para os que nunca contactam, 17.3% para os que contactam esporadicamente e 21.2% para os que contactam com frequência). A mesma situação não se verifica nas respostas dos inquiridos, associadas à percepção positiva do desenvolvimento turístico em termos económicos. Neste caso, 82.7 % dos inquiridos que contactam esporadicamente com o turismo consideram o seu impacto positivo, 78.8% dos que contactam com frequência também são desta opinião e um valor inferior, apesar de significativo, apresentam os que nunca contactam com o turismo em eventos especiais (69.5%).

Tabela 8.56 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível económico e frequência de contacto com turistas em eventos especiais

		Frequência de contacto com turistas em eventos especiais			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	65	124	25	214	$\chi^2_{22} = 17.800$ $p = 0.000$
	%	30.5	17.3	21.2	20.4	
Positivo	n	148	594	93	835	
	%	69.5	82.7	78.8	79.6	
Total	n	213	718	118	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 24.07.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que respeita ao contacto com turistas em situações de lazer, tabela 8.57, verifica-se que também existe uma associação direta entre a percentagem de respostas entre os que consideram positivo o impacto económico deste tipo de desenvolvimento e a frequência de contacto. Verifica-se também uma associação direta para as percepções negativas, ou seja, à medida que a frequência do contacto em situações de lazer aumenta, as percepções negativas quanto aos impactos económicos diminuem.

Tabela 8.57 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível económico e frequência de contacto com turistas em situações de lazer

		Frequência de contacto com turistas em situações de lazer			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	71	121	22	214	$\chi^2_{22} = 10.486$ $p = 0.005$
	%	27.1	18.8	15.4	20.4	
Positivo	n	191	523	121	835	
	%	72.9	81.2	84.6	79.6	
Total	n	262	644	143	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 29.17.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Para as situações de contacto no dia-a-dia observa-se na tabela 8.58 que as percepções positivas são muito próximas entre aqueles que contactam esporadicamente com os turistas (82.0 %) e os que contactam com frequência (81.9 %). Em relação aos residentes que nunca contactam com os turistas no dia-a-dia esta percentagem é de 68.6%.

Tabela 8.58 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível económico e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia

		Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	58	104	52	214	$\chi^2_{22} = 16.589$ $p = 0.000$
	%	31.4	18.0	18.1	20.4	
Positivo	n	127	473	235	835	
	%	68.6	82.0	81.9	79.6	
Total	n	185	577	287	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 37.74. $p < 0.05$

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Percepção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico a nível social” versus frequência e tipo de contacto com o turismo

A tabela 8.59, relativa à percepção do desenvolvimento turístico a nível social relativamente à frequência de contacto com turistas em eventos especiais permite, mais uma vez, verificar que a percepção positiva é muito mais evidente do que a negativa (84% e 16%, respetivamente) e que, também no que respeita à percepção dos inquiridos sobre o desenvolvimento turístico associada à frequência de contacto em eventos especiais, se verifica o aumento da percepção positiva com o aumento da frequência de contacto e a diminuição da percepção negativa com o aumento da frequência do mesmo.

Tabela 8.59 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e frequência de contacto com turistas em eventos especiais

		Frequência de contacto com turistas em eventos especiais			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	56	97	15	168	$\chi^2_{22} = 21.030$ $p = 0.000$
	%	26.3	13.5	12.7	16.0	
Positivo	n	157	621	103	881	
	%	73.7	86.5	87.3	84.0	
Total	n	213	718	118	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 18.90.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que se refere ao contacto com os turistas em situações relacionadas com o trabalho, a tabela 8.60 permite também observar que a percepção positiva predomina sobre a negativa (84.0% e 16%, respetivamente). Tal como nos casos anteriores observa-se ainda que a percentagem de resposta mais elevada se regista em termos de percepção positiva e é relativa aos indivíduos que contactam com os turistas esporadicamente em situações de trabalho (87.2 %), seguidos dos que contactam com frequência (86.1%).

Tabela 8.60 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho

		Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	74	57	35	166	$\chi^2_{22} = 12.252$ $p = 0.002$
	%	21.6	12.8	13.9	16.0	
Positivo	n	268	388	216	872	
	%	78.4	87.2	86.1	84.0	
Total	n	342	445	251	1038	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 40.14.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

O contacto com turistas em situações de lazer revela-se também associado à percepção positiva do desenvolvimento turístico. Verifica-se que, quanto mais os residentes contactam com turistas nestas circunstâncias, maior é a sua percepção positiva do turismo e menor a negativa (tabela 8.61).

Tabela 8.61 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e frequência de contacto com turistas em situações de lazer

		Frequência de contacto com turistas em situações de lazer			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	71	85	12	168	$\chi^2_{22} = 33.908$ $p = 0.000$
	%	27.1	13.2	8.4	16.0	
Positivo	n	191	559	131	881	
	%	72.9	86.8	91.6	84.0	
Total	n	262	644	143	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 22.90.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A mesma situação descrita acima, relativamente ao contacto com turistas em situações de lazer, verifica-se agora em relação ao contacto em situações do dia-a-dia (tabela 8.62). Quanto mais os turistas contactam com os residentes em situações do dia-a-dia é maior a sua percepção positiva dos impactos do turismo e menor a percepção negativa sobre os mesmos.

Tabela 8.62 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível social e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia

		Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	53	79	36	168	$\chi^2_{22} = 26.840$ $p = 0.000$
	%	28.6	13.7	12.5	16.0	
Positivo	n	132	498	251	881	
	%	71.4	86.3	87.5	84.0	
Total	n	185	577	287	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 29.63.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Percepção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico a nível cultural” versus frequência e tipo de contacto com o turismo

A frequência de contacto com os turistas em eventos especiais revela-se associada à percepção dos impactos do turismo a nível cultural (tabela 8.63). Neste caso, 82.4% dos inquiridos consideram positivo o desenvolvimento turístico. A percentagem mais elevada de respostas regista-se entre os residentes que contactam esporadicamente com os turistas (85.8 %).

Tabela 8.63 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e frequência de contacto com turistas em eventos especiais

		Frequência de contacto com turistas em eventos especiais			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	59	102	24	185	$\chi^2_{22} = 21.259$ $p = 0.000$
	%	27.7	14.2	20.3	17.6	
Positivo	n	154	616	94	864	
	%	72.3	85.8	79.7	82.4	
Total	n	213	718	118	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 20.81.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Em relação ao contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho (tabela 8.64) pode-se observar que as percepções dos residentes quanto ao desenvolvimento turístico a nível cultural, são maioritariamente positivas (82.4%). De entre os residentes que consideram positivo o desenvolvimento turístico, as percentagens mais elevadas de resposta encontram-se entre os indivíduos que contactam esporadicamente com os turistas (85.4%) e entre os que contactam com frequência (84.1%).

Tabela 8.64 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho

		Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	78	65	40	183	$\chi^2_{22} = 9.609$ $p = 0.008$
	%	22.8	14.6	15.9	17.6	
Positivo	n	264	380	211	855	
	%	77.2	85.4	84.1	82.4	
Total	n	342	445	251	1038	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 44.25.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A associação entre a percepção dos impactos culturais do desenvolvimento turístico e a frequência de contacto com turistas em situações de lazer (tabela 8.65) também se revela positiva para a maior parte dos inquiridos (82.4%) e, neste grupo, são de novo os residentes que contactam esporadicamente com os turistas que revelam uma maior percentagem de respostas (85.6%). No entanto, também se situam nos 84.6% as respostas dos que contactam frequentemente com os turistas.

Tabela 8.65 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e frequência de contacto com turistas em situações de lazer

		Frequência de contacto com turistas em situações de lazer			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	70	93	22	185	$\chi^2_{22} = 19.901$ $p = 0.000$
	%	26.7	14.4	15.4	17.6	
Positivo	n	192	551	121	864	
	%	73.3	85.6	84.6	82.4	
Total	n	262	644	143	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 25.22.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente à frequência de contacto em situações do dia-a-dia (tabela 8.66), verifica-se exatamente a mesma associação descrita para o caso do contacto em eventos especiais e nas situações de lazer. A percepção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico em termos culturais revela-se positiva em todos os casos de contacto existente ou não, com os turistas.

Tabela 8.66 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível cultural e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia

		Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	51	84	50	185	$\chi^2_{22} = 16.335$ $p = 0.000$
	%	27.6	14.6	17.4	17.6	
Positivo	n	134	493	237	864	
	%	72.4	85.4	82.6	82.4	
Total	n	185	577	287	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 32.63.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Percepção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico a nível ambiental” versus frequência e tipo de contacto com o turismo

A frequência de contacto com os turistas em eventos especiais também apresenta associação com a percepção do desenvolvimento turístico em termos ambientais (tabela 8.67). Neste caso verifica-se que 73.0% dos residentes que contactam esporadicamente com os turistas referem considerar o desenvolvimento turístico positivo para o ambiente e 70.3% dos que contactam com frequência também o referem. Constata-se que os inquiridos que revelam maiores percentagens de respostas associadas a percepções negativas do turismo face ao ambiente são os que nunca contactam com turistas (38.5%) ou os que contactam esporadicamente (27.0%).

Tabela 8.67 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível ambiental e frequência de contacto com turistas em eventos especiais

		Frequência de contacto com turistas em eventos especiais			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	82	194	35	311	$\chi^2_{22} = 10.376$ p = 0.000
	%	38.5%	27.0%	29.7%	29.6%	
Positivo	n	131	524	83	738	
	%	61.5%	73.0%	70.3%	70.4%	
Total	n	213	718	118	1049	
	%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 34.98.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A frequência de contacto em situações de lazer revela também uma relação com a percepção do desenvolvimento turístico em termos ambientais (tabela 8.68). Neste caso, constata-se uma percentagem associada às percepções positivas nos grupos que contactam esporadicamente ou com frequência com os turistas (72.8% e 72.0%, respetivamente). No que se refere à percepção negativa destes impactos constata-se que diminui a percentagem de respostas com o aumento do contacto com os turistas.

Tabela 8.68 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível ambiental e frequência de contacto com turistas em situações de lazer

		Frequência de contacto com turistas em situações de lazer			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	96	175	40	311	$\chi^2_{22} = 8.226$ p = 0.016
	%	36.6	27.2	28.0	29.6	
Positivo	n	166	469	103	738	
	%	63.4	72.8	72.0	70.4	
Total	n	262	644	143	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 42.40.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.69 permite visualizar a forma como as percepções dos residentes sobre o desenvolvimento turístico em termos ambientais se associam à frequência de contacto com os turistas no dia-a-dia. Verifica-se que 72.8% dos residentes que contactam esporadicamente com os turistas percebem positivamente este fenómeno e 70.7 % dos que contactam com frequência também se identificam com esta opção de resposta. Valor inferior mas também elevado é o que diz respeito às respostas dos residentes que nunca contactam com o turismo (62.2%).

Tabela 8.69 - Percepção do desenvolvimento turístico a nível ambiental e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia

		Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Negativo	n	70	157	84	311	$\chi^2_{22} = 7.614$ p = 0.022
	%	37.8	27.2	29.3	29.6	
Positivo	n	115	420	203	738	
	%	62.2	72.8	70.7	70.4	
Total	n	185	577	287	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 54.85.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

8.2.2.5. Discussão dos principais resultados relativos à percepção dos impactos do turismo

Percepção global dos impactos do turismo

Relativamente à **percepção global dos impactos do turismo**, verificou-se que se confirma o que a pesquisa exploratória tinha sugerido como relevante. Efetivamente, a **percepção global dos residentes em relação ao desenvolvimento turístico** é predominantemente positiva, como a literatura refere (por exemplo Andereck et al. 2005; Gursoy et al. 2002; Moscardo, 2009), para todos os inquiridos de qualquer escalão etário e nas três regiões naturais, quer em termos globais quer no que respeita à percepção global dos impactos económicos, sociais, culturais e ambientais. A propósito desta percepção global, ao nível de cada tipo de impacto, foi possível verificar que a percepção global positiva dos impactos sociais e culturais apresenta maiores percentagens de resposta do que a relativa aos impactos económicos. Destaca-se ainda que a percepção positiva dos impactos ambientais é a que se revela mais reduzida. Constatou-se, no entanto, que, quando questionados sobre aspetos específicos relacionados com cada tipo de impacto, em termos pessoais e quanto à zona de residência, os residentes apresentam opiniões divergentes relativamente a alguns dos indicadores.

Percepção dos impactos económicos do turismo

No que respeita à **percepção global dos impactos económicos**, denota-se uma percepção positiva por parte dos residentes, tal como a literatura sugere, (Backman e Backman, 1997; Getz, 1986; Liu e Var, 1986; Ritchie, 1988; Tosun, 2002; Walpole e Goodwin, 2000). Um aspeto importante a realçar dos resultados obtidos é o facto de os residentes apreciarem de forma mais positiva estes impactos ao nível da **zona de residência**, nomeadamente no que se relaciona com o aumento do investimento, do empreendedorismo e das oportunidades de emprego na zona onde vivem e não tanto em **termos pessoais**. É de destacar, contudo, que os inquiridos reconhecem com clareza o aumento do custo de vida na zona, como um impacto negativo do desenvolvimento desta atividade.

Os resultados permitiram também constatar a relação positiva existente entre a percepção positiva dos impactos económicos do turismo e o **rendimento mensal** médio do agregado familiar, verificando-se que, para residentes com níveis mais elevados de rendimento esta percepção é também mais forte e que o inverso também ocorre (a percepção negativa dos impactos económicos do turismo diminui com o aumento do rendimento dos inquiridos). Observa-se, contudo, que os indivíduos que dizem não possuir rendimento apresentam percentagens de resposta contrárias a esta tendência, o que poderá, eventualmente, ser explicado pelo facto de estes residentes poderem trabalhar sazonalmente no turismo ou terem familiares próximos que trabalhem nesta área e, por isso, a percepção positiva do turismo aumentar.

A análise da correspondência da percepção dos impactos económicos do turismo, **em termos pessoais**, com a **região natural** em que os indivíduos residem, permitiu verificar que é claramente no Litoral do concelho que os residentes reconhecem, com maior evidência, as consequências do turismo a nível pessoal, nomeadamente no que respeita ao aumento do rendimento e à melhoria do nível de vida. Seguem-se os residentes do Barrocal e por fim os indivíduos que residem na Serra, com percentagens de resposta muito mais baixas. Verifica-se, portanto, uma percepção mais acentuada dos benefícios económicos do turismo nas regiões mais desenvolvidas turisticamente. Este facto deixa antever que os residentes sentem que é o turismo que proporciona maiores

investimentos na sua zona de residência e que, no caso do Litoral, onde se situam os maiores aglomerados urbanos, tal se verifica de uma forma mais evidente.

No que diz respeito à percepção associada aos impactos económicos do turismo ao nível da **zona de residência**, os residentes das três regiões naturais revelam um reconhecimento elevado associado ao aumento das oportunidades de emprego e ao aumento do investimento e do empreendedorismo. No entanto, é de realçar que, para o primeiro aspeto, são as regiões do Litoral e do Barrocal aquelas onde os residentes reconhecem esse aumento de forma mais evidente e que, no que respeita ao investimento e empreendedorismo, é nas regiões do interior do concelho que a percentagem é mais acentuada. Realça-se ainda, neste contexto, o facto de, nas três regiões, haver um reconhecimento semelhante da pouca importância do turismo como fator limitativo do desenvolvimento de outras atividades económicas.

Estes dados podem sugerir que efetivamente há o reconhecimento de uma melhoria das condições de vida por causa do turismo mas que essa melhoria, possivelmente, dependerá menos de um aumento do rendimento pessoal do que de outros fatores (por exemplo os que se relacionam com a região tais como as oportunidades de emprego e o investimento e empreendedorismo). Outra observação possível é a respeitante ao aumento de impostos e taxas devido ao turismo. Neste caso, constata-se que é na Serra que os residentes menos concordam com esta afirmação o que se pode justificar pelo facto de, nesta zona, o turismo estar muito pouco desenvolvido ou ser quase inexistente.

A análise efetuada em relação à percepção dos impactos do turismo em termos económicos e à sua associação com a **frequência e o tipo de contacto com os turistas** permitiu verificar que a maioria dos residentes, quer os que nunca contactam com o turismo, quer os que o fazem esporadicamente quer ainda os que admitem contactar com frequência com turistas¹⁰⁶, percebem positivamente o turismo em termos económicos.

¹⁰⁶ Neste caso, como foi referido no capítulo 8, foram identificados como significativos estatisticamente, o contacto em eventos especiais, em situações de lazer ou do dia-a-dia e não o contacto em situações relacionadas com trabalho.

Percepção dos impactos culturais do turismo

No que diz respeito à **percepção global dos impactos culturais** do turismo, o estudo permitiu verificar que, na sua maioria, os residentes inquiridos percebem positivamente este fenómeno e o impacto negativo não é notório. Estas constatações coincidem com o que a literatura refere na maior parte dos estudos (por exemplo Dogan, 1989; Pizam, 1994; Scherrer, 2011; Teo, 1994). Esta realidade pode dever-se ao facto de as transformações culturais serem mais lentas, menos evidentes para observadores menos atentos e menos objetivas, de uma forma geral ou ao facto de os indivíduos serem pouco conscientes em relação aos indicadores culturais, se comparados, por exemplo, com os económicos. Em **termos pessoais**, os aspetos que reúnem maiores percentagens de resposta são os que dizem respeito ao facto de o turismo desenvolver o conhecimento de outras culturas e permitir melhorar as capacidades linguísticas individuais. No que respeita à **zona de residência**, os impactos culturais que reúnem maior concordância dos inquiridos, são os referentes ao aumento do conhecimento de outras culturas por parte dos residentes e ao aumento da disponibilidade de serviços e de atividades culturais. Os residentes reconhecem e valorizam o turismo como fator importante para a oferta cultural na zona de residência e como promotor do desenvolvimento humano.

A análise das respostas dos inquiridos, segundo a **região natural**, permitiu perceber que, em **termos pessoais**, o aumento do conhecimento de outras culturas é mais valorizado na Serra e no Barrocal do que no Litoral e que, nesta zona, que é a mais desenvolvida turisticamente, se destaca o desenvolvimento das capacidades linguísticas como a principal resposta escolhida pelos residentes. Quanto à **zona de residência**, o estudo permitiu verificar que os residentes, nas três regiões, reconhecem a importância do desenvolvimento turístico para o aumento do conhecimento de outras culturas, sendo muito mais acentuado este sentimento entre os residentes na Serra e no Barrocal. O contrário ocorre em relação ao aumento da disponibilidade de serviços e de atividades culturais (neste caso os residentes do Litoral apresentam uma maior percentagem de resposta do que a obtida nas outras regiões). Estes dados poderão eventualmente estar relacionados, por um lado, com o facto de, na Serra e no Barrocal, os residentes ainda não se terem apercebido do impacto negativo que o desenvolvimento turístico pode

originar em termos de cultura material e imaterial e, por outro lado, com a predisposição maior dos residentes em zonas do interior para novos contactos e aprendizagem.

Em relação à percepção global dos impactos culturais do desenvolvimento turístico, foi possível constatar que predomina, entre os residentes com diferentes níveis de **escolaridade**, a percepção positiva sobre o fenómeno. Conclui-se, contudo, que os inquiridos que possuem mais habilitações ao nível do ensino secundário ou profissional, são aqueles que mais enfatizam o carácter positivo do desenvolvimento turístico. Estes indivíduos são seguidos de perto pelos residentes com formação superior e pelos que não possuem qualquer formação, facto que suscita reflexão acrescida. Verificou-se ainda que os inquiridos com formação ao nível do ensino básico são os que se pronunciam menos positivamente em relação à influência do turismo em termos culturais e apresentam uma percentagem de resposta associada ao reconhecimento dos impactos negativos.

Também relativamente à avaliação dos impactos culturais o estudo permitiu verificar que os residentes que possuem um **rendimento** do agregado familiar mais elevado são aqueles que percecionam mais positivamente o desenvolvimento turístico em termos culturais; o contrário ocorre no que respeita à percepção negativa, sendo estes inquiridos os que percecionam menos negativamente os impactos do turismo.

Esta investigação permitiu ainda verificar que o **tipo e a frequência de contacto** com os turistas, também se revelam determinante da percepção positiva dos impactos do turismo em termos culturais. Neste contexto, os resultados revelam que, para todas as situações de contacto consideradas, são os residentes que contactam esporadicamente com os turistas os que se manifestam mais positivamente sobre os impactos culturais, sendo os valores muito próximos daqueles que contactam com frequência.

Percepção dos impactos ambientais do turismo

Relativamente à **percepção global dos impactos ambientais**, os resultados do estudo revelam também que, na sua maioria, os inquiridos consideram o desenvolvimento turístico positivo. Em **termos pessoais**, o aspeto que reúne uma maior percentagem de resposta é o relativo à promoção da vida ao ar livre, seguido da restrição do número de áreas públicas com acesso livre e do aumento da preocupação com o ambiente. No que concerne à **zona de residência**, os resultados demonstraram que uma percentagem elevada de inquiridos reconhece que o turismo contribui para o embelezamento da zona mas também admite que este desenvolvimento tende a aumentar os problemas de tráfego e contribui para destruir os ecossistemas, o que pode ser sinal de que os residentes estão mais sensibilizados para os impactos negativos do turismo do que para outros tipos de impactos. No entanto, uma percentagem também relevante de residentes admite que o turismo contribui para a preservação do ambiente. Estes dados revelam, por um lado, que as questões estéticas da paisagem são valorizadas pelos residentes e que estes reconhecem a sua melhoria associada ao turismo. Por outro lado, revelam que os indivíduos identificam os problemas de tráfego como uma consequência negativa da maior afluência de pessoas, nomeadamente dos turistas, ao mesmo lugar, num mesmo período de tempo.

A análise dos impactos ambientais, tendo em conta a **região natural** de residência dos inquiridos, demonstrou que há um reconhecimento, a **nível pessoal**, de que o desenvolvimento turístico aumenta a preocupação com o ambiente (aspeto mais claramente referido pelos residentes na Serra) e promove a vida ao ar livre (componente mais enfatizada pelos residentes no Litoral). Quanto à **zona de residência**, o reconhecimento do aumento de problemas de tráfego é generalizado nas três regiões naturais, embora com maior expressão no Litoral e, seguidamente, no Barrocal.

O estudo revela também que o **rendimento** familiar mensal apresenta uma associação importante com a percepção do desenvolvimento turístico a nível ambiental. Mais uma vez, os inquiridos que possuem maiores rendimentos tendem a perceber mais favoravelmente os impactos ambientais do turismo e menos negativamente esses mesmos impactos. Este facto pode estar associado à maior facilidade em contrariar as

consequências negativas do turismo, quer em termos pessoais, quer na zona de residência, pelo facto de possuírem um rendimento mais elevado e terem, eventualmente, outro nível de vida.

Outro aspeto analisado neste estudo refere-se à percepção do desenvolvimento turístico a nível ambiental e à sua associação com o **tipo e frequência de contacto** com os turistas. Os resultados revelam que, de uma forma global, os residentes (quer nunca contactem, quer contactem esporadicamente ou com frequência com o turismo) percebem positivamente o fenómeno. A percepção dos impactos ambientais do turismo, em relação aos eventos especiais, ao contacto em situações de lazer e às situações do dia-a-dia, revela ser a que apresenta percentagens de resposta positivas mais baixas (se comparada com a percepção dos impactos sociais, culturais e económicos), apesar de ser notória.

Estes resultados encontrados no estudo vêm, mais uma vez coincidir com o que estudos de vários autores identificam como relevante a propósito das percepções dos residentes sobre os impactos ambientais do turismo (por exemplo Andereck et al., 2007; Ko e Stewart, 2002; Liu et al. 1997; Scherrer, 2011).

Percepção dos impactos sociais do turismo

No que respeita à percepção global dos **impactos sociais do turismo**, a grande maioria dos residentes inquiridos reconhece como positivo o desenvolvimento turístico. Há mesmo um claro contraste entre os que referem o desenvolvimento turístico como negativo e os que afirmam ter um impacto positivo. A **nível pessoal**, a maioria dos residentes refere concordar com o facto de o turismo proporcionar o aumento das possibilidades de conviver com pessoas diferentes e verificam-se percentagens também elevadas nas opções referentes ao aumento do sentimento de orgulho e pertença à comunidade, aspetos em relação aos quais os inquiridos manifestam, contudo, menor concordância. Relativamente à **zona de residência**, os principais aspetos negativos, reconhecidos pelos residentes como estando associados ao turismo, são os que se

referem ao aumento das atividades ilícitas e ao reconhecimento da mudança do estilo de vida. No que respeita aos impactos sociais positivos verificou-se o reconhecimento do turismo como fenómeno que aumenta a disponibilidade de atividades recreativas, melhora as infraestruturas e aumenta a disponibilidade de serviços. Os resultados vêm reforçar a ideia generalizada de que a proximidade da zona de residência dos residentes da principal zona turística provoca mais alterações no estilo de vida dos habitantes locais (por exemplo Ap, 1990; Deery, 2012; Gursoy et al., 2002; King et al. 1993; Milman, 1988).

A análise da perceção dos impactos sociais pelos residentes, tendo em conta a **região natural** onde residem, revelou que, nas três regiões, é reconhecido pelos inquiridos que, a **nível pessoal**, o turismo aumenta a possibilidade de conviver com pessoas diferentes e que esse aspeto é mais enfatizado pelos que residem na Serra, em seguida pelos que vivem no Barrocal e, por fim, pelos residentes do Litoral. O reforço dos laços comunitários é um impacto social também reconhecido como importante por grande parte dos inquiridos nas três regiões. Neste caso, são os residentes do Litoral os que apresentam uma maior percentagem de resposta, seguidos dos do Barrocal e dos da Serra. Uma conclusão também de realçar é o facto de, relativamente à alteração do estilo de vida devido ao turismo, os residentes do Litoral serem os que apresentam uma percentagem mais elevada de resposta enquanto nas outras zonas este aspeto é, de todos os considerados, o que revela uma menor concordância por parte dos inquiridos. Este facto deixa perceber que, efetivamente, a vida dos residentes na zona onde o turismo se encontra mais desenvolvido, é alterada pelo turismo e que esse facto é reconhecido e valorizado pelos residentes.

Ao nível da **zona de residência**, o aspeto que reúne uma maior percentagem de respostas dos inquiridos nas três regiões é o que se refere ao aumento de atividades recreativas, sendo contudo os residentes do Litoral que, de forma mais evidente, se pronunciam a este propósito. O estudo permite verificar que são os residentes do Litoral que apresentam maior percentagem de resposta relativamente ao reconhecimento do aumento das atividades ilícitas associadas ao turismo, apesar de haver também um elevado número de indivíduos das outras regiões que o reconhecem. No que respeita ao aumento das infraestruturas, os residentes da Serra revelam, de forma evidente, a

concordância com a sua associação ao turismo, provavelmente pelo facto de o investimento nestas zonas do interior ter estado mais presente nos últimos anos. Também são os residentes da Serra que revelam uma maior identificação com a comunidade e um maior sentimento de orgulho e de pertença. Estes mesmos residentes admitem, com maior expressão do que os das outras regiões que, devido ao turismo, são chamados a participar mais nas decisões locais, o que pode revelar que os residentes nesta região participam mais e têm maior orgulho da sua comunidade, do que os residentes nas outras regiões naturais. Este aspeto pode significar que, pelo facto de haver menos atividade turística, a tomada de consciência dos residentes sobre a importância social destes momentos para a comunidade tende a ser maior do que nas zonas mais desenvolvidas turisticamente.

A análise da perceção do **desenvolvimento turístico** por parte dos residentes, na sua componente **social** e associada ao nível de **escolaridade**, revelou que a perceção positiva aumenta com o grau de escolaridade e que a perceção negativa tende a diminuir para estes grupos de indivíduos. A maior escolaridade parece influenciar a perceção do turismo, acentuando as suas consequências positivas, possivelmente porque estes residentes passam a valorizar mais os contextos turísticos a que têm acesso.

Em relação à associação entre a perceção do desenvolvimento turístico e o **rendimento familiar**, o estudo permitiu também verificar, de uma forma geral, uma perceção positiva do desenvolvimento turístico entre os inquiridos. À semelhança do que ocorre com o nível de habilitações, também com o aumento do rendimento diminuem as perceções negativas do turismo, entre os residentes.

A análise da relação entre a perceção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico a nível social e a **sua frequência e tipo de contacto** com o turismo revelou que se verificam, para todas as situações de contacto estudadas (eventos especiais, situações relacionadas com trabalho, situações de lazer e do dia-a-dia), perceções predominantemente positivas, quer para os inquiridos que contactam com frequência e esporadicamente com os turistas, quer para os que assumem nunca contactar. Nos dois primeiros casos, revela-se importante referir que, quanto às situações de lazer, há uma diferença maior de respostas entre os inquiridos que contactam com frequência com

turistas e os que dizem fazê-lo esporadicamente, do que a que ocorre nas outras situações de contacto, em que a percentagem de resposta de ambos os grupos é mais homogénea.

A análise realizada, tendo em conta **as características dos inquiridos** relativamente ao **tipo de relação com o turismo** (frequência e tipo de contacto) revelou que a maioria dos residentes de todos os **escalões etários** classifica como esporádico o seu contacto com os turistas, relativamente às quatro situações estudadas (eventos especiais, situação relacionadas com o trabalho, situações de lazer e do dia-a-dia). No entanto, verifica-se que são os mais novos que reconhecem o contacto mais frequente com os turistas em eventos especiais e em situações de lazer, acontecendo precisamente o oposto no que respeita aos residentes com mais idade. No que respeita às situações relacionadas com trabalho é claramente superior a diferença das respostas entre os residentes. Neste caso assumem um contacto mais frequente com os turistas os residentes dos escalões etários correspondentes aos indivíduos em idade ativa e os residentes mais velhos revelam uma percentagem mais reduzida de respostas sobre este tipo de contacto, evidenciando que a situação laboral influencia o tipo de contacto com os turistas. Quanto às situações do dia-a-dia, verificou-se, em relação ao contacto frequente com os turistas, uma maior percentagem de resposta para todos os escalões etários. No entanto, mais uma vez se constatou que são os mais novos que mais contactam frequentemente com os turistas e os mais velhos os que menos se confrontam com esta situação, sendo mais evidente entre estes a ausência de contacto com turistas no dia-a-dia.

A relação entre o **nível de habilitações** dos residentes e o contacto com os turistas revelou, mais uma vez, que, a maioria dos indivíduos inquiridos, independentemente do seu nível de habilitações, reconhece o contacto esporádico com os turistas. De uma forma global a perceção dos residentes sobre o desenvolvimento turístico é mais positiva entre os que possuem mais elevados níveis de habilitações e a perceção negativa diminui entre estes. É entre os residentes com mais formação que se registam mais respostas relativamente ao contacto com turistas em eventos especiais, em contexto de trabalho, em situações de lazer e do dia a dia, o que pode vir a reforçar a sua perceção positiva do desenvolvimento turístico.

No que respeita à **área de atividade** dos inquiridos o estudo permitiu verificar uma associação entre esta e o tipo e frequência de contacto com os turistas. Neste contexto realça-se o facto de, quer em eventos especiais, quer nas situações de trabalho e de lazer, haver uma maior frequência de contacto com turistas reconhecida por parte dos que trabalham nas áreas do turismo e do comércio, por oposição aos que desenvolvem a sua atividade profissional noutros serviços ou nos sectores primário e secundário. Em relação à frequência de contacto nas situações do dia-a-dia, observa-se, para todas as áreas de atividade, uma maior percentagem de residentes a afirmar contactar com turistas do que a que se verifica relativamente às outras situações de contacto acima referidas, destacando-se contudo, mais uma vez, a área profissional associada ao turismo e ao comércio com percentagens mais elevadas de resposta.

O tipo e frequência de contacto revelam-se diferentes nas três **regiões naturais** do concelho de Loulé. Efetivamente, foi possível constatar que o contacto em eventos especiais é mais frequente no Litoral, menor no Barrocal e ainda menor na Serra e que o inverso ocorre relativamente ao número de inquiridos que refere nunca contactar com turistas (são em muito maior número os residentes da Serra que afirmam não ter este tipo de contacto, em seguida surgem os residentes no Barrocal e, por fim, os do Litoral). Também se verifica que os residentes no Litoral contactam mais frequentemente com turistas em situações relacionadas com trabalho e que esses contactos são menos frequentes no Barrocal e na Serra. No que diz respeito às situações do dia-a-dia, a tendência mantém-se a mesma o que revela que, efetivamente no Litoral, onde o turismo está mais desenvolvido, as situações de contacto e a sua frequência, tendem a ser maiores. Nas regiões do interior esta diversidade e intensidade diminui, destacando-se sempre a Serra como a região onde menos contactos ocorrem.

Este facto pode dever-se ao maior contacto e dependência da população desta região natural, relativamente ao ambiente circundante, uma vez que as atividades económicas predominantes estão, nesta zona, intimamente ligadas aos recursos naturais.

8.2.3. Análise da percepção da qualidade de vida

8.2.3.1. Caracterização univariada dos indicadores

Os indicadores da qualidade de vida estão organizados em vários subgrupos: as percepções globais da qualidade de vida, da felicidade e da satisfação com a vida. Tal como foi referido relativamente à análise da percepção dos impactos do turismo, também no que respeita ao constructo percepção da qualidade de vida, são utilizados indicadores a nível global e, posteriormente, indicadores de maior detalhe, para cada um dos constructos associados: a percepção global da satisfação com a vida e a percepção da felicidade. Assim, na percepção da satisfação com a vida consideram-se indicadores que permitem diferenciar a percepção a nível pessoal e na zona de residência, para cada tipo de bem-estar associado a este constructo (bem-estar material, na saúde e na segurança). Na percepção da felicidade incluem-se indicadores associados ao bem-estar emocional e comunitário.

Na análise das questões relativas à percepção da qualidade de vida procede-se da seguinte forma: para as perguntas sobre a percepção da qualidade de vida (apreciação global da qualidade de vida, satisfação com a vida, felicidade e bem-estar global) agrupam-se os níveis negativos (dois primeiros níveis da escala de Likert¹⁰⁷), mantem-se o nível 3 independente, uma vez que aponta para alguma indiferença e agrupam-se os níveis positivos de resposta (níveis 4 e 5 da escala utilizada¹⁰⁸); para as perguntas associadas ao bem-estar material, na saúde e na segurança, em que o inquirido é questionado sobre o seu grau de satisfação relativamente aos itens apresentados, agrupam-se as opções que revelam insatisfação (“nada satisfeito” e “pouco satisfeito”) e as opções que demonstram satisfação (“satisfeito”, “muito satisfeito” e “totalmente satisfeito”); nas questões sobre o bem-estar comunitário e emocional o procedimento adotado é semelhante pelo que se agrupam as respostas correspondentes aos níveis “muito infeliz” e “infeliz” e as que demonstram a felicidade do inquirido (“feliz” e “muito feliz”).

¹⁰⁷ Níveis correspondentes nas perguntas 4 e 6 a “Muito má/Muito Mau; Má/Mau”

¹⁰⁸ Níveis correspondentes nas perguntas 4 e 6 a “Boa/Bom; Muito Boa/Muito Bom”

Indicadores afetos à percepção global da qualidade de vida

Nos indicadores afetos ao constructo “qualidade de vida global” (tabela 8.70) realça-se a maior percentagem de respostas no nível 3, correspondente à opção “razoável”, sendo que o indicador que apresenta uma percentagem mais elevada é o relativo à qualidade de vida dos vizinhos (62,8%), seguido da qualidade de vida dos colegas (60,8%). Todos os indicadores apresentam moda de 3.

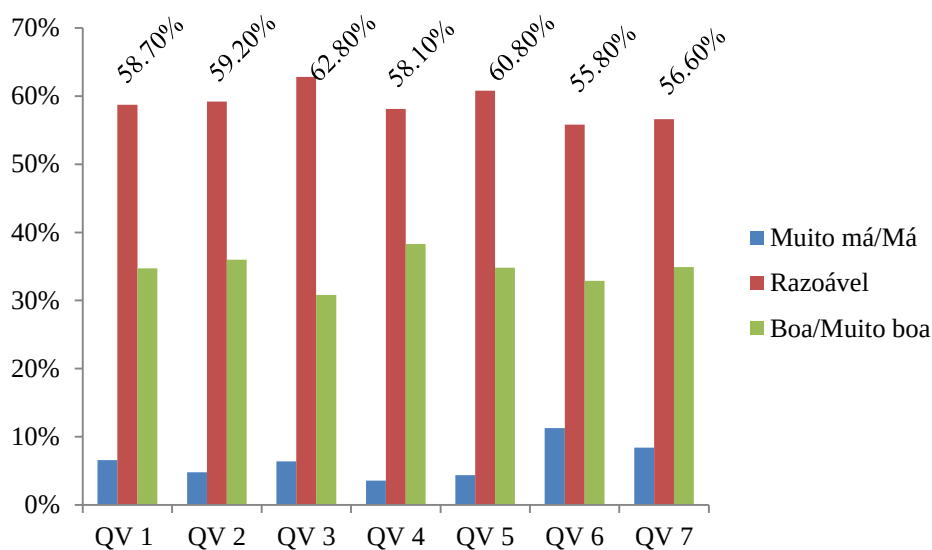
Tabela 8.70 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global da qualidade de vida

	Muito Má (1)	Má (2)	Razoável (3)	Boa (4)	Muito Boa (5)	Total %	Moda	Mediana
QV 1 - Qualidade de vida pessoal atual	1.0%	5.6%	58.7%	32.5%	2.2%	100	3	3
QV 2 - Qualidade de vida da família	0.4%	4.4%	59.2%	33.7%	2.3%	100	3	3
QV 3 - Qualidade de vida dos vizinhos	0.5%	5.9%	62.8%	28.8%	2.0%	100	3	3
QV 4 - Qualidade de vida dos amigos	0.5%	3.1%	58.1%	36.7%	1.6%	100	3	3
QV 5 - Qualidade de vida dos colegas	0.2%	4.2%	60.8%	33.6%	1.2%	100	3	3
QV 6 - Qualidade de vida no Algarve	1.6%	9.7%	55.8%	29.2%	3.7%	100	3	3
QV 7 - Qualidade de vida na zona de residência	0.6%	7.8%	56.6%	31.8%	3.1%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A partir da observação da figura 8.29 é possível observar a diferença de classificação, para cada indicador da percepção global da qualidade de vida, por parte dos inquiridos. Destaca-se, claramente, a diferença entre o nível designado de “Razoável”, com percentagens de resposta que oscilam entre os 55.8% e os 62.8%, o nível correspondente à classificação “Boa /Muito Boa”, com percentagens entre os 30% e os 40%, e o nível designado “Muito má/Má”, com percentagens de 10% ou menos. A classificação é claramente positiva em termos globais em relação a todos os aspetos analisados. Contudo verifica-se que, em geral, os indivíduos têm uma percepção mais positiva da qualidade de vida dos vizinhos, colegas e família do que da sua qualidade de vida.

Figura 8.29 – Percepção global da qualidade de vida



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Indicadores afetos à percepção da satisfação com a vida

Tal como ocorre para a variável qualidade de vida global, também o indicador da satisfação com a vida apresenta uma moda de 3 (tabela 8.71). Como se pode constatar, 56.1% dos inquiridos afirmam estar razoavelmente satisfeitos com a sua vida.

Tabela 8.71 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global da satisfação com a vida

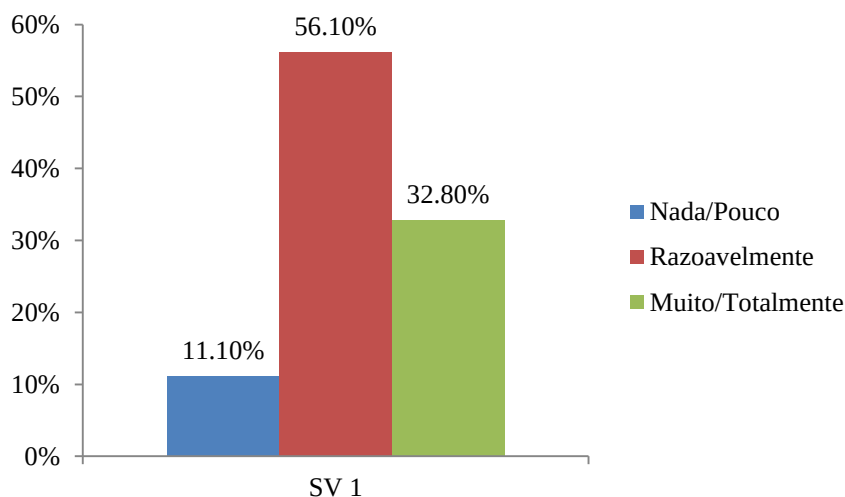
	Nada (1)	Pouco (2)	Razoavelmente (3)	Muito (4)	Totalmente (5)	Total %	Moda	Mediana
SV 1 - Em que medida se sente satisfeito com a sua vida?	1.0%	10.1%	56.1%	29.0%	3.8%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.30 permite observar que 32.8% dos inquiridos se consideram muito ou totalmente satisfeitos com a sua vida, percentagem que corresponde a mais do dobro dos que se consideram nada ou pouco satisfeitos. A maioria dos residentes (56.10%) revela estar razoavelmente satisfeitos com a vida, de uma forma global. Contabilizando

os que se consideram razoavelmente satisfeitos e os que se afirmam muito ou totalmente satisfeitos, chega-se a uma percentagem de 88.90%, o que revela o elevado grau de satisfação dos inquiridos com a sua vida.

Figura 8.30 – Perceção da satisfação global com a vida



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente ao indicador da perceção global do bem-estar material, 61.1% dos inquiridos respondem considerar razoável o seu bem-estar material e apenas 0.6% o considera muito mau. Para este indicador observa-se uma moda de 3 (tabela 8.72).

Tabela 8.72 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à perceção global do bem-estar material

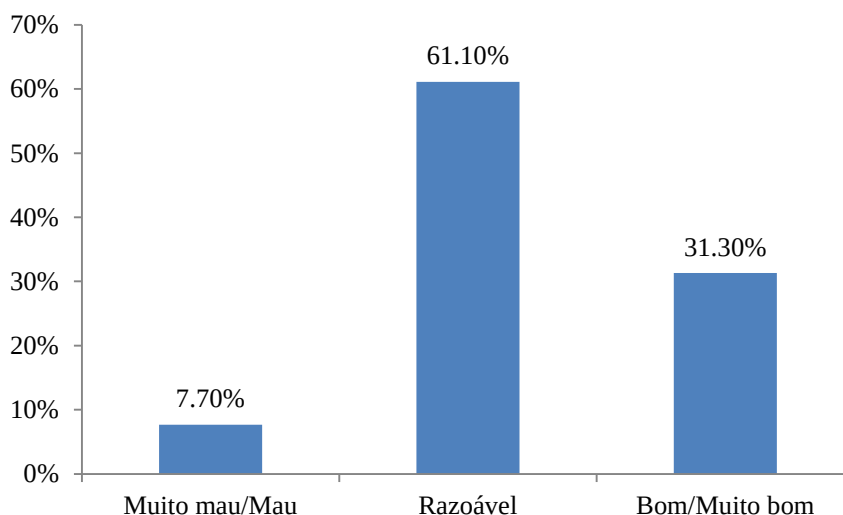
	Muito Mau (1)	Mau (2)	Razoável (3)	Bom (4)	Muito Bom (5)	Total %	Moda	Mediana
PGBEM1 - Como classifica o seu bem-estar a nível material?	.6%	7.1%	61.1%	29.5%	1.8%	100,0	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.31 revela que é notória a concentração das respostas dos residentes inquiridos nos níveis positivos “razoável” (61.1%), “bom/muito bom” (31.3%) e que apenas 7.7% se referem ao bem-estar material global como Mau/Muito mau. Estas percentagens elevadas de respostas, associadas à opção “Razoável”, revelam que, em

termos materiais, os inquiridos estão efetivamente satisfeitos com a sua vida. Realça-se que esta percentagem mais elevada do que as relativas aos mesmos domínios em termos globais.

Figura 8.31 – Perceção global do bem-estar material



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.73 apresenta os indicadores utilizados para avaliar a perceção dos residentes inquiridos sobre o bem-estar material, a nível pessoal, que registam uma moda de 3 “satisfeito”, e na zona de residência em que três dos indicadores revelam uma moda de valor 2 “pouco satisfeito” (desenvolvimento económico (BEMr1); investimento público (BEMr2); investimento privado (BEMr3). Esta tabela permite ainda observar que os indicadores que revelam, a nível pessoal e na zona de residência, percentagens acima dos 50%, são vários. Relativamente aos primeiros destacam-se os indicadores “serviços a que acede” (59.6%) e “condições de trabalho” (58.4%). Quanto à zona de residência destacam-se os “serviços privados” (59.1%), o “saneamento” (55.9 %) e os “estabelecimentos de ensino disponíveis” (55.5%). No que respeita à zona de residência, estes indicadores com maior percentagem de resposta enfatizam de novo a questão dos serviços, agora em termos de disponibilidade na zona.

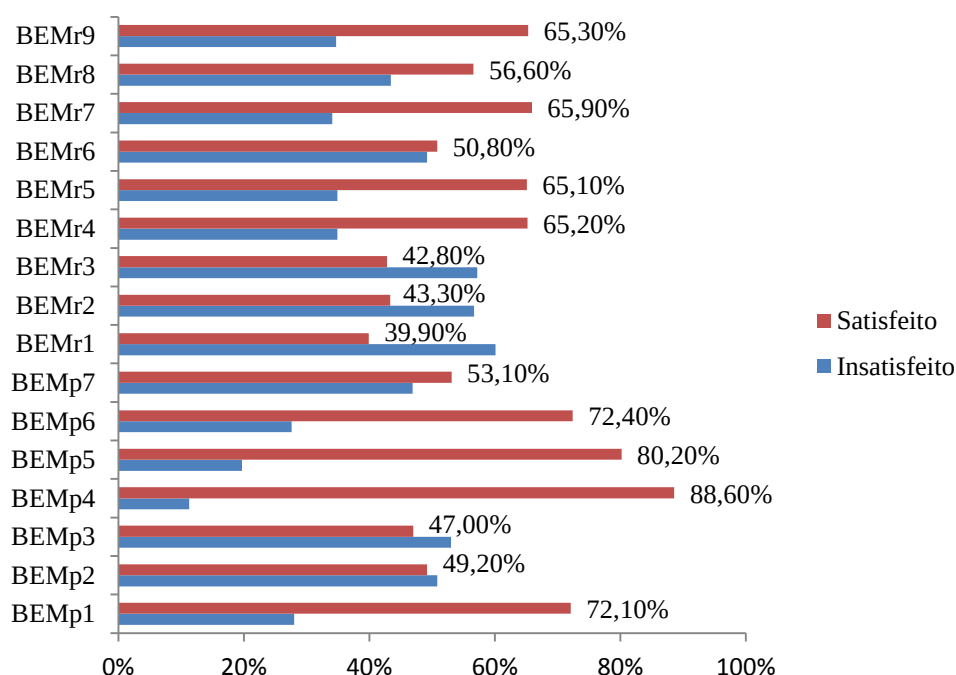
Tabela 8.73 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar material a nível pessoal e na zona de residência

Matéria a nível pessoal e na zona de residência		Nada Satisfeito(a) (1)	Pouco Satisfeito(a) (2)	Satisfeito(a) (3)	Muito Satisfeito(a) (4)	Totalmente Satisfeito(a) (5)	Total %	Moda	Mediana
A nível pessoal	BEMp1 - Com as suas condições de trabalho	6.9%	21.1%	58.4%	11.7%	2.0%	100	3	3
	BEMp2 - Com as perspetivas de progressão no trabalho	12.3%	38.5%	41.3%	7.2%	.7%	100	3	2
	BEMp3 - Com o seu rendimento/ordenado	13.3%	39.7%	41.0%	5.3%	.7%	100	3	2
	BEMp4 - Com a casa onde vive	2.1%	9.2%	54.6%	29.7%	4.3%	100	3	3
	BEMp5 - Com os bens que possui	2.3%	17.4%	56.7%	20.4%	3.1%	100	3	3
	BEMp6 - Com os serviços a que acede	3.1%	24.5%	59.6%	12.0%	.8%	100	3	3
	BEMp7 - Com a sua estabilidade económica	8.5%	38.4%	44.7%	8.0%	.4%	100	3	3
Na zona de residência	BEMr1 - Com o desenvolvimento económico	13.8%	46.3%	35.4%	4.0%	.5%	100	2	2
	BEMr2 - Com o investimento público que tem sido feito	11.2%	45.5%	39.5%	3.7%	.1%	100	2	2
	BEMr3 - Com o investimento privado que tem sido feito	10.6%	46.6%	39.4%	3.2%	.2%	100	2	2
	BEMr4 - Com os estabelecimentos de ensino disponíveis	5.9%	29.0%	55.5%	8.9%	.8%	100	3	3
	BEMr5 - Com as acessibilidades	5.8%	29.1%	54.6%	9.1%	1.4%	100	3	3
	BEMr6 - Com a rede de transportes públicos	13.3%	35.9%	45.7%	4.6%	.5%	100	3	3
	BEMr7 - Com o saneamento	12.0%	22.1%	55.9%	9.0%	1.0%	100	3	3
	BEMr8 - Com os serviços públicos	8.4%	35.0%	52.0%	4.3%	.3%	100	3	3
	BEMr9 - Com os serviços privados	5.9%	28.8%	59.1%	6.0%	.2%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Ao agregar as respostas dos inquiridos (figura 8.32), pode-se verificar que são em maior número os indicadores em que os residentes revelam estar satisfeitos, realçando-se os indicadores associados a aspetos da vida pessoal com valores acima dos 70% (BEMp1; BEMp4, BEMp5, BEMp6). Destacam-se, porém, os indicadores BEMr1, BEMr2, BEMr3 onde o inverso ocorre. Trata-se de indicadores referentes à percepção do bem-estar na zona de residência e que dizem respeito ao desenvolvimento económico, ao investimento público e privado, respetivamente.

Figura 8.32 – Percepção do bem-estar material



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A questão relativa à percepção global do bem-estar na saúde (tabela 8.74) revela um valor 4 “bom” de moda sendo os níveis que apresentam maiores percentagens de respostas o “razoável” (41.3%) e o “bom” (42.8%) e a percentagem mais baixa o nível “muito mau” (0.4%). Ao contrário dos casos descritos anteriormente, em relação à saúde há uma clara associação aos níveis superiores de bem-estar.

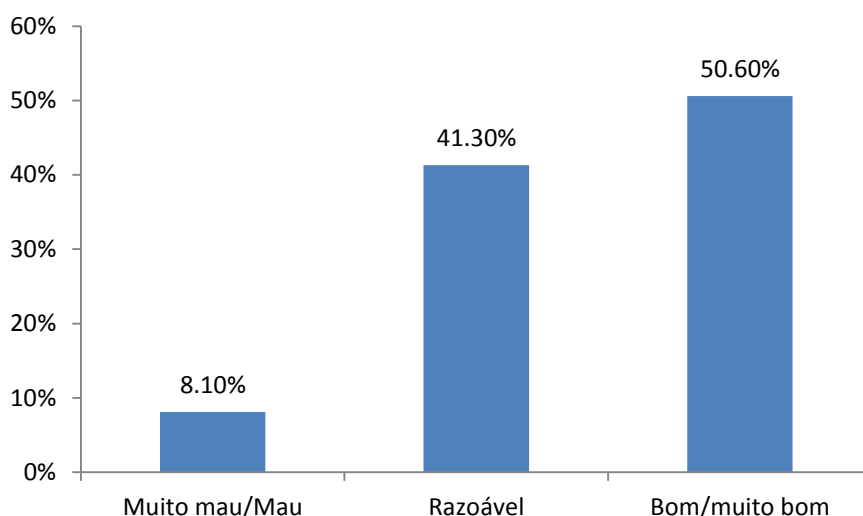
Tabela 8.74 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar na saúde

	Muito Mau (1)	Mau (2)	Razoável (3)	Bom (4)	Muito Bom (5)	Total %	Moda	Mediana
PGBESa1 - Como classifica o seu bem-estar ao nível da saúde?	,4%	7,7%	41,3%	42,8%	7,8%	100	4	4

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.33 revela precisamente a evidência da percepção positiva do bem-estar na saúde uma vez que os níveis “ bom” e “muito bom” totalizam 50.6% das respostas. São apenas 8.10% de respostas as que se associam ao nível Muito mau/Mau, o que é extremamente positivo.

Figura 8.33 - Percepção global do bem-estar na saúde



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Os indicadores utilizados para avaliar a percepção dos residentes relativamente ao bem-estar na saúde a nível pessoal e na zona de residência apresentam (tabela 8.75), no primeiro caso, valor de moda de 3 “satisfeito”, para os três primeiros indicadores, e de 2 “pouco satisfeito” para o indicador BESap4, relativo ao sistema de saúde que o indivíduo possui; no segundo caso, o indicador bem-estar ao nível da saúde (BESar1) também apresenta uma moda de 2 enquanto o outro indicador, BESar2, apresenta uma moda de 3. Estes dados permitem perceber que há um descontentamento de grande parte dos residentes em relação ao seu sistema de saúde que está possivelmente associado, na maioria dos casos, ao sistema público de saúde uma vez que, relativamente à zona de residência, o indicador BESar1 apresenta 48.5% de respostas associadas à opção pouco satisfeito.

Tabela 8.75 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção do bem-estar na saúde

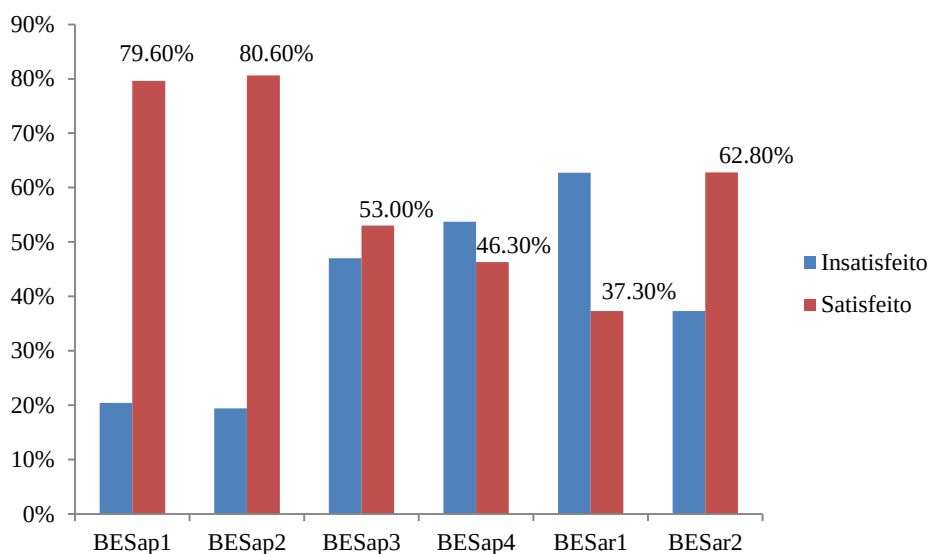
	Nada Satisfeito(a) (1)	Pouco Satisfeito(a) (2)	Satisfeito(a) (3)	Muito Satisfeito(a) (4)	Totalmente Satisfeito(a) (5)	Total %	Moda	Mediana
BESap1 - Com a sua saúde	3.1%	17.3%	57.4%	18.2%	4.0%	100	3	3
BESap2 - Com a saúde da sua família	2.1%	17.3%	59.8%	18.2%	2.6%	100	3	3
BESap3 - Com os serviços de saúde a que acede	8.1%	38.9%	46.5%	5.9%	.6%	100	3	3

BESap4 - Com o sistema de saúde que tem	11.7%	42.0%	41.0%	4.8%	.5%	100	2	2
BESar1 - Com os serviços públicos de saúde disponíveis	14.2%	48.5%	33.7%	3.1%	.5%	100	2	2
BESar2 - Com os serviços privados de saúde disponíveis	8.2%	29.1%	55.3%	6.7%	.8%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.34 permite visualizar a percentagem elevada de satisfação expressa pelos inquiridos, nomeadamente nos indicadores relativos à saúde da família (80.6 %), saúde pessoal (79.6%) e serviços de saúde privados disponíveis (62.8 %).

Figura 8.34 – Perceção do bem-estar na saúde



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que diz respeito à distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar na segurança, 50.5% dos inquiridos escolhem a opção “razoável”, correspondendo a este indicador a moda de valor 3 (tabela 8.76). Apenas 5.0% dos residentes afirmam que o seu bem-estar na segurança como muito mau e 2.5% como muito bom.

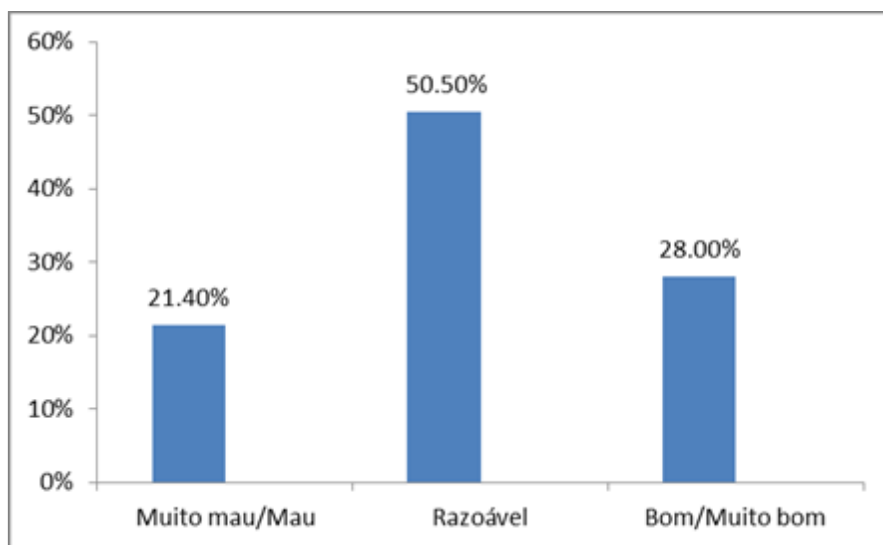
Tabela 8.76 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar na segurança

	Muito Mau (1)	Mau (2)	Razoável (3)	Bom (4)	Muito Bom (5)	Total	Moda	Mediana
PGBESg1 - Como classifica o seu bem-estar ao nível da segurança?	5.6%	15.8%	50.5%	25.5%	2.5%	100.0%	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A percepção global do bem-estar na segurança (figura 8.35) revela uma predominância de respostas na opção “razoável” (50.5 %). Dos inquiridos, 28.0% consideram o seu bem-estar na segurança bom ou muito bom e 21.4% escolhem as opções muito mau ou mau o que revela que a diferença não é muito notória. Estes dados podem revelar que relativamente à segurança, eventualmente os inquiridos não se sentem muito preocupados e, por isso, avaliam como razoável o seu bem-estar, não existindo grande diferença nos níveis positivos e negativos.

Figura 8.35 – Percepção global do bem-estar na segurança



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.77 apresenta a distribuição das respostas dos residentes inquiridos pelas opções relativas à percepção do bem-estar na segurança a nível pessoal e na zona de residência. Em relação a todos os indicadores considerados a moda é 3 “satisfeito”. Excetua-se apenas o indicador BESgr4, relacionado com o controle de atividades ilícitas que apresenta uma moda de 2 e em relação ao qual as maiores percentagens de resposta

se situam no nível “Pouco satisfeito” (43.9%), “Satisfeito” 26.9% e “Nada satisfeito” (25.6).

De todos os indicadores, o que apresenta uma maior percentagem de resposta no é o BESgr6, relativo ao nível de tolerância em relação à presença de turistas (65,4%).

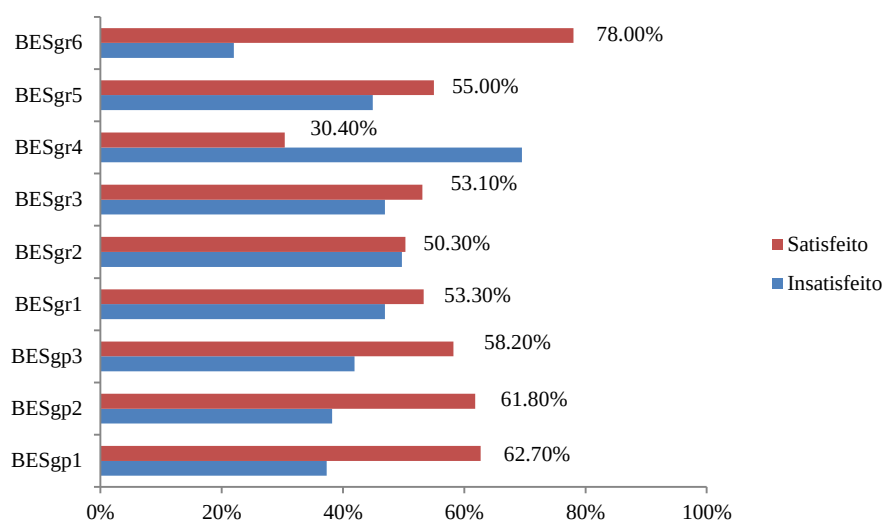
Tabela 8.77 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção do bem-estar na segurança a nível pessoal e na zona de residência

Em que medida se sente satisfeito		Nada Satisfeito(a) (1)	Pouco Satisfeito(a) (2)	Satisfeito(a) (3)	Muito Satisfeito(a) (4)	Totalmente Satisfeito(a) (5)	Total %	Moda	Mediana
A nível pessoal	BESgp1- Com a sua segurança pessoal	9.6%	27.7%	55.2%	6.5%	1.0%	100	3	3
	BESgp2 - Com a segurança da sua família	9.6%	28.6%	54.6%	6.3%	.9%	100	3	3
	BESgp3 - Com a segurança na sua casa	10.8%	31.1%	51.2%	6.0%	1.0%	100	3	3
Na zona de residência	BESgr1 - Com a segurança do local onde vive	11.2%	35.7%	47.7%	5.1%	.5%	100	3	3
	BESgr2 - Com os serviços de segurança pública	11.1%	38.6%	46.2%	3.7%	.4%	100	3	3
	BESgr3 - Com os serviços privados de segurança	11.9%	35.0%	50.3%	2.7%	.1%	100	3	3
	BESgr4 - Com o controle de atividades ilícitas	25.6%	43.9%	26.9%	3.2%	.3%	100	2	2
	BESgr5 - Com o nível de tolerância em relação a residentes estrangeiros	12.5%	32.4%	48.6%	5.2%	1.2%	100	3	3
	BESgr6 - Com o nível de tolerância em relação à presença de turistas	5.8%	16.2%	65.4%	11.0%	1.6%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

O grau de satisfação expresso pelos inquiridos relativamente aos indicadores utilizados a nível pessoal e na zona de residência é apresentado na figura 8.36 e revela-se elevado para todos os casos, exceto para o indicador BESgr4 relativo ao controle de atividades ilícitas onde o grau de insatisfação ultrapassa o grau de satisfação.

Figura 8.36 – Percepção do bem-estar na segurança



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Indicadores afetos à percepção global da felicidade

A percepção global da felicidade apresenta um valor 3 de moda. Dos inquiridos, 56.8% afirmam estar razoavelmente felizes com a sua vida e 31.1% muito felizes. Os que se consideram totalmente felizes são 4.8% dos residentes inquiridos. Apenas 0.9% referem não estar nada felizes (tabela 8.78).

Tabela 8.78 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global da felicidade

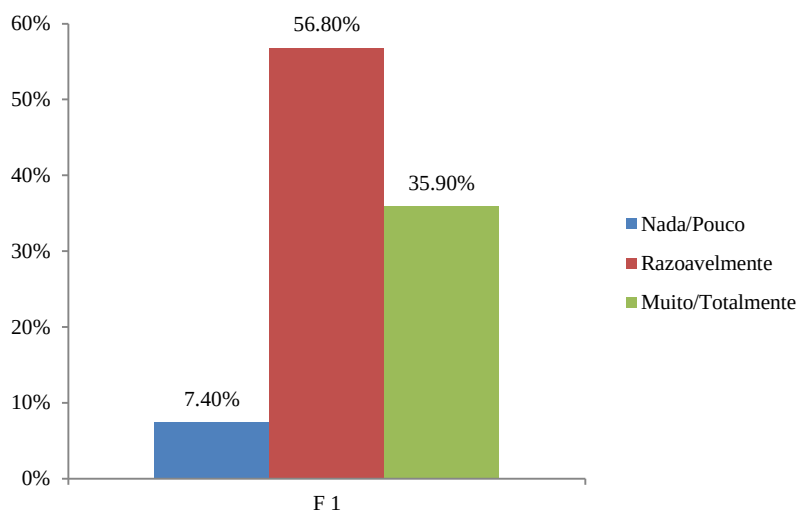
	Nada	Pouco	Razoavelmente	Muito	Totalmente	Total	Moda	Mediana
	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	%		
F1 - Em que medida se sente feliz?	.9%	6.5%	56.8%	31.1%	4.8%	100.0	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Na figura 8.37 verifica-se que os residentes que não se encontram felizes com a sua vida são efetivamente poucos (7.4%). De notar que, quando agrupados os níveis “Muito feliz” e “Totalmente feliz”, obtém-se 35.9% de respostas, o que é uma

percentagem considerável. Verifica-se portanto um sentimento de felicidade global na maioria dos inquiridos no concelho de Loulé.

Figura 8.37 – Perceção global da felicidade



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.79 demonstra que a maioria dos residentes inquiridos (59.3%) afirmam considerar o seu bem-estar comunitário razoável e 31.3% consideram-no bom. Os níveis “Muito mau”; “Mau” e “Muito bom” reúnem percentagens muito reduzidas de respostas (0.4%, 7.3% e 1.7%, respetivamente). Estes dados revelam que predomina, de facto, uma perceção positiva do bem-estar comunitário entre os residentes da zona em estudo. Este indicador apresenta uma moda de 3 (razoável).

Tabela 8.79 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à perceção global do bem-estar comunitário

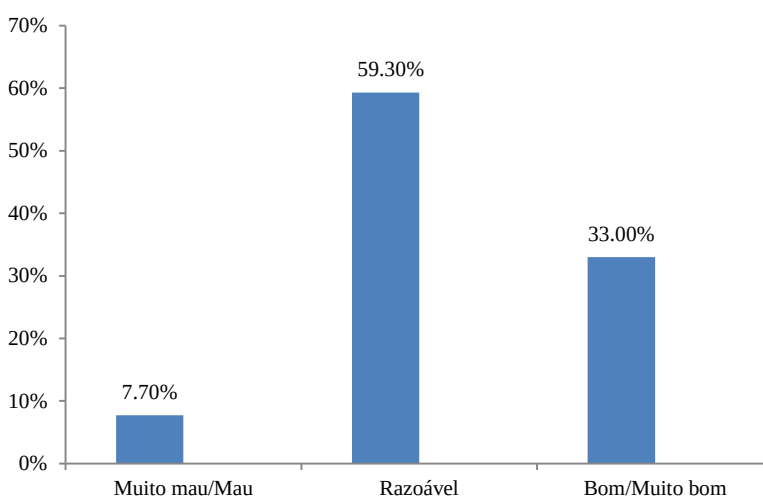
	Muito Mau (1)	Mau (2)	Razoável (3)	Bom (4)	Muito Bom (5)	Total %	Moda	Mediana
PGBEC1- Como classifica o seu bem-estar a nível comunitário?	.4%	7.3%	59.3%	31.3%	1.7%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A distribuição das respostas dos inquiridos sobre o bem-estar comunitário apresenta-se graficamente e de forma agrupada na figura 8.38 onde se destacam, como referido anteriormente, os níveis Razoável (59.3%) e Bom/Muito bom (33.0%) com as principais percentagens de resposta. Estes dois grupos somados apresentam uma percentagem total de 92.3%, uma clara maioria de residentes que não classificam a sua felicidade como inexistente ou pouca.

É de realçar que, comparando a perceção global sobre a satisfação com a vida e a perceção global da felicidade, há uma diferença notória nas percentagens de respostas (a primeira apresenta uma percentagem total de respostas positivas de 78.5% enquanto a segunda, como se referiu, atinge os 92.3%).

Figura 8.38 – Perceção global do bem-estar comunitário



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Quando se analisa a perceção da felicidade ao detalhe verifica-se que os indicadores que apresentam percentagens acima dos 50% situam-se nos níveis “Feliz” (BEC1; BEC2; BEC3; BEC7; BEC8; BEC9) e “Nem feliz nem infeliz” (BEC4; BEC5;

BEC6 e BEC10). É de destacar que os valores mais elevados de resposta, situados acima dos 55%, são os relativos à relação com os amigos (64.8%); à participação política (61.8%) e à participação associativa (61.5%). A felicidade associada ao bem-estar comunitário assume também uma percentagem importante de respostas (60.2%). As relações de trabalho são fatores também muito valorizados pelos residentes (59%). O indicador respeitante à residência de estrangeiros na zona atinge também 57.1% de respostas. Os indicadores relativos ao bem-estar comunitário apresentam modas de 4 e 3 (tabela 8.80).

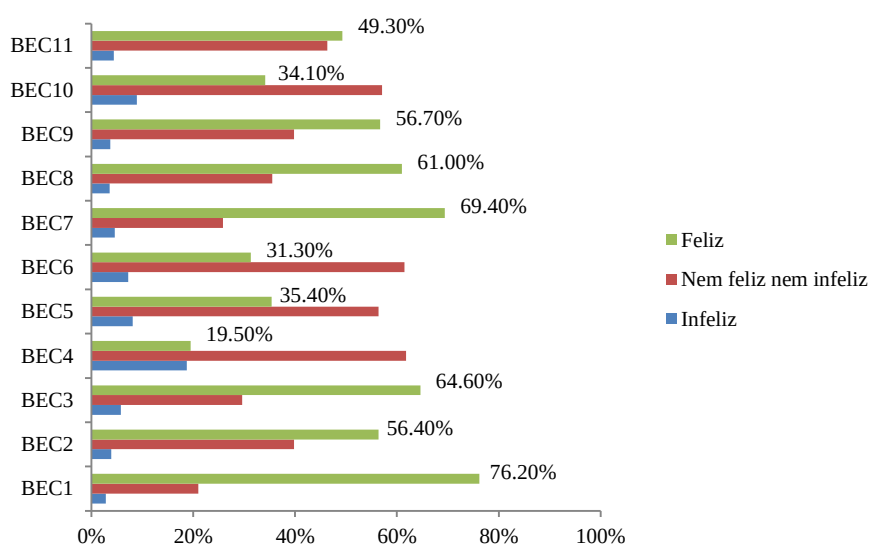
Tabela 8.80 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção do bem-estar comunitário

Até que ponto se sente feliz	Muito Infeliz (1)	Infeliz (2)	Nem Feliz Nem Infeliz (3)	Feliz (4)	Muito Feliz (5)	Total	Moda	Mediana
BEC1 - Com a sua relação com os seus amigos	.4%	2.4%	21.0%	64.8%	11.4%	100.0%	4	4
BEC2 - Com a sua relação com os seus vizinhos	.7%	3.2%	39.8%	51.7%	4.7%	100.0%	4	4
BEC3 - Com as suas relações no trabalho	1.5%	4.3%	29.6%	59.0%	5.6%	100.0%	4	4
BEC4 - Com a sua participação política	5.7%	13.0%	61.8%	18.3%	1.2%	100.0%	3	3
BEC5 - Com a sua participação religiosa	2.5%	5.6%	56.4%	30.3%	5.1%	100.0%	3	3
BEC6 - Com a sua participação associativa	1.6%	5.6%	61.5%	28.4%	2.9%	100.0%	3	3
BEC7 - Por viver na zona onde vive	1.3%	3.3%	25.8%	60.2%	9.2%	100.0%	4	4
BEC8 - Por pertencer à comunidade a que pertence	.7%	2.9%	35.5%	54.8%	6.2%	100.0%	4	4
BEC9 - Por se identificar com a comunidade onde vive	.8%	2.9%	39.8%	52.0%	4.7%	100.0%	4	4
BEC10 - Com a residência de estrangeiros na sua zona	2.6%	6.3%	57.1%	31.6%	2.5%	100.0%	3	3
BEC11 - Com a presença de turistas na sua zona	.4%	4.0%	46.3%	45.3%	4.0%	100.0%	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.39 permite constatar que os indicadores BEC4, BEC5, BEC6 e BEC10 (participação política, participação religiosa, participação associativa e residência de estrangeiros na sua zona) são os que apresentam níveis neutros de felicidade em relação ao bem-estar comunitário. Percebe-se claramente a diminuta infelicidade expressa pelos indivíduos, relativamente a todos os indicadores utilizados.

Figura 8.39 - Perceção do bem-estar comunitário



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

O indicador da percepção global do bem-estar emocional apresenta uma moda de 3 (razoável). Dos residentes inquiridos, 46.4% identificam como “Razoável” o seu bem-estar emocional e 41.6% como “Bom” (tabela 8.81). Os restantes níveis obtiveram percentagens de resposta muito reduzidas (Muitos mau, 0.7%; Mau, 5.4% e Muito bom, 5.9%).

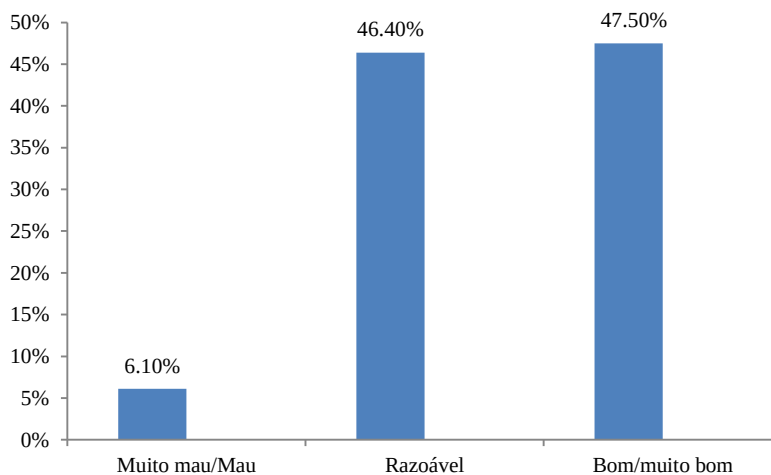
Tabela 8.81 - Distribuição das respostas pelas opções relativas à percepção global do bem-estar emocional

	Muito Mau (1)	Mau (2)	Razoável (3)	Bom (4)	Muito Bom (5)	Total %	Moda	Mediana
PGBEE1 - Como classifica o seu bem-estar a nível emocional?	.7%	5.4%	46.4%	41.6%	5.9%	100	3	3

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

O bem-estar emocional é classificado por 47.5% dos residentes como “Bom/Muito bom” e por 46.4% como “razoável, totalizando esta perspetiva positiva 92.1%. Apenas 6.10% dos inquiridos escolhem a opção “Muito mau/Mau” (figura 8.40). Tal como se descreveu em relação ao bem-estar comunitário, também ao nível do bem-estar emocional os residentes revelam níveis de felicidade altos e baixos níveis de infelicidade.

Figura 8.40 – Percepção global do bem-estar emocional



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.82, relativa aos indicadores do bem-estar emocional revela, para todos os indicadores, o valor 4 (“feliz”) de moda. Os indicadores BEE1, BEE2 e BEE6

são os que reúnem percentagens mais elevadas na opção feliz (63.7%; 54.1% e 54.1%, respetivamente). No domínio do bem-estar emocional verifica-se uma homogeneidade acentuada na classificação no nível “Feliz”.

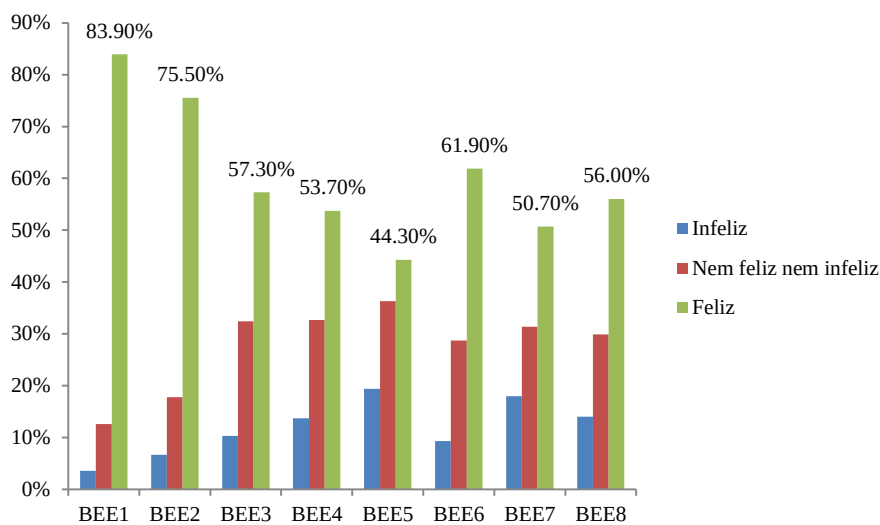
Tabela 8.82 - Distribuição das respostas pelas opções relativas ao bem-estar emocional

Até que ponto se sente feliz	Muito Infeliz (1)	Infeliz (2)	Nem Feliz Nem Infeliz (3)	Feliz (4)	Muito Feliz (5)	Total	Moda	Mediana
BEE1 - Com a sua vida familiar	.8%	2.8%	12.6%	63.7%	20.2%	100.0%	4	4
BEE2 - Com a sua vida amorosa	2.0%	4.7%	17.8%	54.1%	21.4%	100.0%	4	4
BEE3 - Com o seu trabalho	3.9%	6.4%	32.4%	52.4%	4.9%	100.0%	4	4
BEE4 - Com a sua realização profissional	4.2%	9.5%	32.7%	49.6%	4.1%	100.0%	4	4
BEE5 - Com a sua estabilidade no trabalho	6.1%	13.3%	36.3%	40.8%	3.5%	100.0%	4	3
BEE6 - Com a sua formação/educação	2.0%	7.3%	28.7%	54.1%	7.8%	100.0%	4	4
BEE7 - Com o tempo livre que tem	3.6%	14.4%	31.4%	45.6%	5.1%	100.0%	4	4
BEE8 - Com a utilização que faz do seu tempo livre (quotidiano e férias)	2.5%	11.5%	29.9%	48.1%	7.9%	100.0%	4	4

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.41 permite verificar que a maioria dos residentes perceciona o bem-estar emocional como feliz, em todos os indicadores apresentados. Observam-se, contudo, que os indicadores BEE1 e BEE2 (vida familiar e vida amorosa, respetivamente) apresentam percentagens de resposta acima dos 70% o que revela que o contexto familiar e do agregado familiar é favorável, para a maioria dos inquiridos.

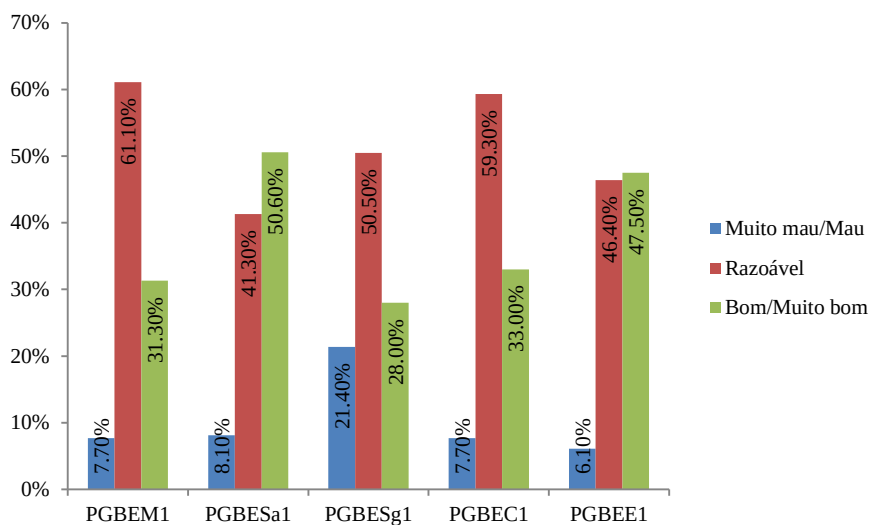
Figura 8.41 – Percepção do bem-estar emocional



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.42 permite visualizar as apreciações globais dos residentes sobre os diferentes tipos de bem-estar: material, saúde, segurança, comunitário e emocional. Como se constatou anteriormente os diferentes tipos de bem-estar são avaliados na generalidade como razoáveis, bons ou muito bons. No entanto, constata-se que os tipos de bem-estar melhor classificados pelos inquiridos são o bem-estar na saúde e o bem-estar emocional (50.6% e 47.5%, respetivamente). A segurança é avaliada mais negativamente do que qualquer outro tipo de bem-estar (21.4%).

Figura 8.42 - Perceção global dos diferentes tipos de bem-estar



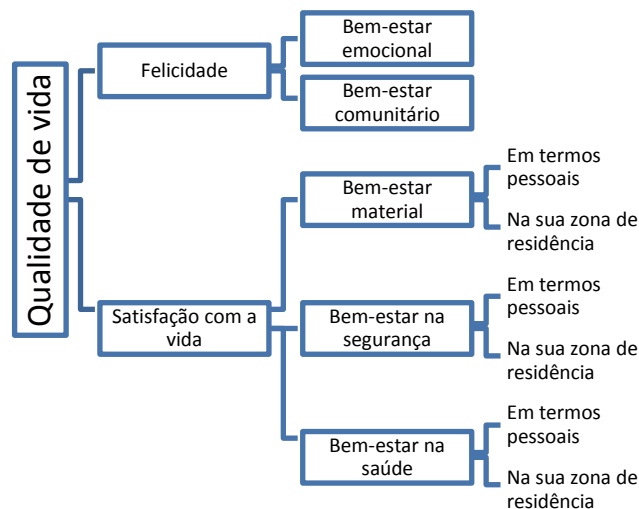
Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

8.2.3.2. Caracterização segundo a região natural

Tal como foi efetuado relativamente aos impactos do turismo, a análise da perceção da qualidade de vida é agora apresentada tendo em consideração as respostas dos residentes às diversas questões na sua relação com regiões naturais do concelho de Loulé, sendo as percentagens apresentadas calculadas com base nos tamanhos amostrais das três regiões naturais. Mais uma vez, pretende-se verificar se existem diferenças entre as perceções dos residentes consoante o local onde vivem.

Na figura 8.43 incluem-se as variáveis tidas em conta nesta análise: perceção da qualidade de vida, felicidade, bem-estar comunitário e emocional, satisfação com a vida, bem-estar material, na saúde e na segurança.

Figura 8.43 – Variáveis consideradas na descrição da percepção da qualidade de vida



Fonte: Elaboração própria

Percepção global da qualidade de vida

A percepção global da qualidade de vida (tabela 8.83) apresenta a percentagem de respostas mais elevada no Barrocal em relação à avaliação positiva da qualidade de vida dos amigos (41.35%). Também nas zonas do Litoral e na Serra é a avaliação da qualidade de vida dos amigos que reúne maior percentagem de respostas dos inquiridos (37.33% e 27.88%, respetivamente). Nas três regiões os inquiridos classificam melhor a qualidade de vida da família do que a sua qualidade de vida pessoal. É também de notar que, no Litoral e no Barrocal, os residentes classificam melhor a qualidade de vida na sua zona de residência do que no Algarve em geral (35.29% face a 30.77% no Litoral; 37.57% face a 36.98% no Barrocal). No que respeita à Serra a situação inverte-se, ou seja, 22.12% dos inquiridos classifica a qualidade de vida no Algarve como “Boa/Muito boa” e 21.15% fazem-no em relação à qualidade de vida na zona de residência.

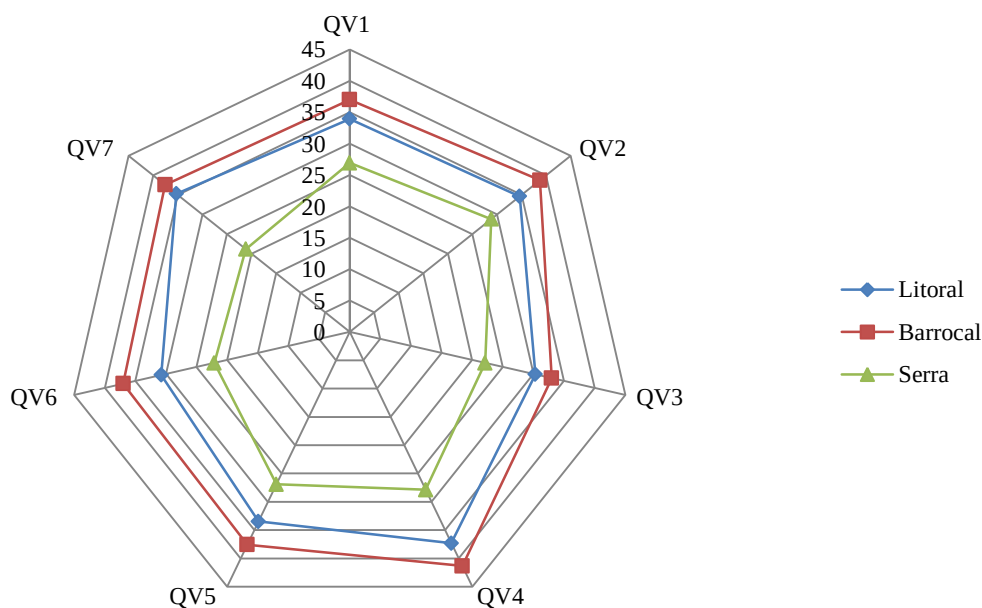
Tabela 8.83 – Percepção global positiva da qualidade de vida, por região natural (em percentagem)

Como classifica	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
QV1 - A sua qualidade de vida atual	33.94	36.98	26.92
QV2 - A qualidade de vida da sua família	34.62	38.77	28.85
QV3 - A qualidade de vida dos seus vizinhos	30.32	33.00	22.12
QV4 - A qualidade de vida dos seus amigos	37.33	41.35	27.88
QV5 - A qualidade de vida dos seus colegas	33.48	37.57	26.92
QV6 - A qualidade de vida no Algarve	30.77	36.98	22.12
QV7 - A qualidade de vida na sua zona de residência	35.29	37.57	21.15

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A observação da figura 8.44 permite claramente identificar que os residentes da região natural do Barrocal percecionam mais positivamente a qualidade de vida global do que os indivíduos que residem no Litoral ou na Serra, sendo esta última a região natural que apresenta níveis mais baixos de apreciação da qualidade de vida. A este propósito há que destacar que o indicador QV7 (qualidade de vida na zona de residência) é o que regista uma apreciação menos favorável na Serra.

Figura 8.44 – Distribuição da percepção global positiva da qualidade de vida, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Percepção global sobre a felicidade e a satisfação com a vida

Quando questionados sobre a sua felicidade e sobre a satisfação com a sua vida (tabela 8.84), 39.37% dos inquiridos do Litoral afirmam estar muito ou totalmente felizes e uma percentagem inferior, 33.71%, muito ou totalmente satisfeitos com a vida. A mesma situação ocorre no Barrocal onde os inquiridos classificam melhor a felicidade do que a satisfação com a vida (34.59% e 32.60, respetivamente). No que diz respeito aos residentes na Serra a situação inverte-se. Neste caso, há uma maior percentagem de inquiridos que respondem estar muito ou totalmente satisfeitos com a sua vida (29.81%) e apenas 26.92% afirma estar muito ou totalmente felizes.

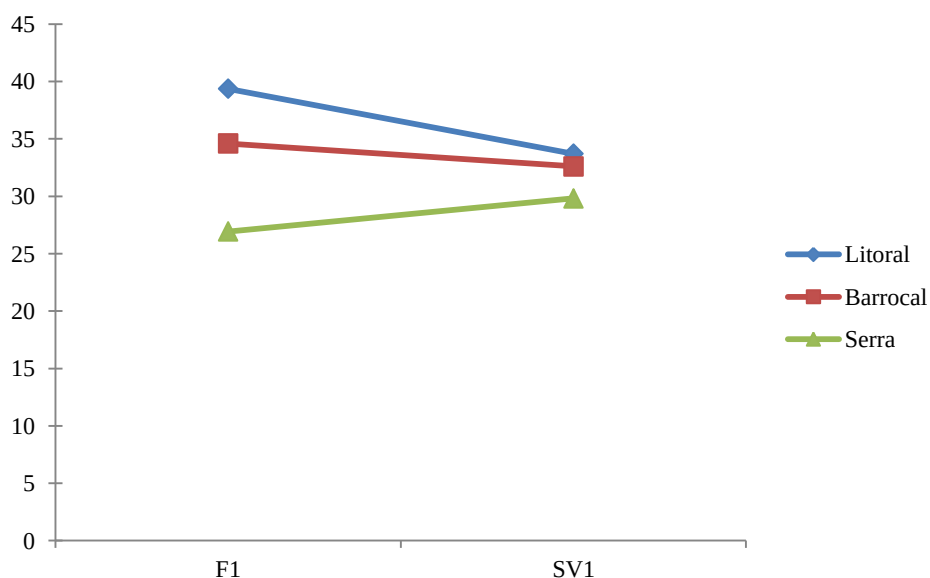
Tabela 8.84 – Percepção global positiva da felicidade e da satisfação com a vida, por região natural (em percentagem)

Em que medida se sente:	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
F1 - Feliz	39.37	34.59	26.92
SV1 - Satisfeito com a sua vida	33.71	32.60	29.81

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A percepção positiva da felicidade e da satisfação com a vida (figura 8.45) revela-se diferente nas três regiões naturais do concelho de Loulé. A análise do gráfico permite constatar que, para o caso do Litoral, há uma diferença acentuada entre o nível de percepção da felicidade e o de satisfação com a vida. No Barrocal, apesar da linha ser também descendente não existe uma diferença tão notória. Relativamente à Serra, que claramente se situa num nível inferior, a satisfação com a vida é melhor percebida do que a felicidade.

Figura 8.45 – Distribuição da percepção global positiva da felicidade e da satisfação com a vida, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Percepção global sobre o bem-estar

No que respeita à percepção global do bem-estar, tendo mais uma vez em conta a região natural de residência dos inquiridos, verifica-se (tabela 8.85) que o bem-estar

material e comunitário é percebido mais positivamente pelos residentes do Barrocal (32.60% e 36.78%, respectivamente) do que pelos inquiridos que residem no Litoral ou na Serra. A percepção do bem-estar emocional, na saúde e na segurança apresenta percentagens de resposta mais elevadas no Litoral (51.36%, 51.81% e 30.54%). A Serra é a região natural que apresenta uma apreciação global menos boa, para todos os tipos de bem-estar, destacando-se o bem-estar na segurança com a percentagem mais baixa de respostas nos níveis bom e muito bom (25.00%). A percepção da segurança desta forma pode dever-se, mais uma vez, aos problemas associados ao isolamento.

Tabela 8.85 – Percepção global positiva do bem-estar, por região natural (em percentagem)

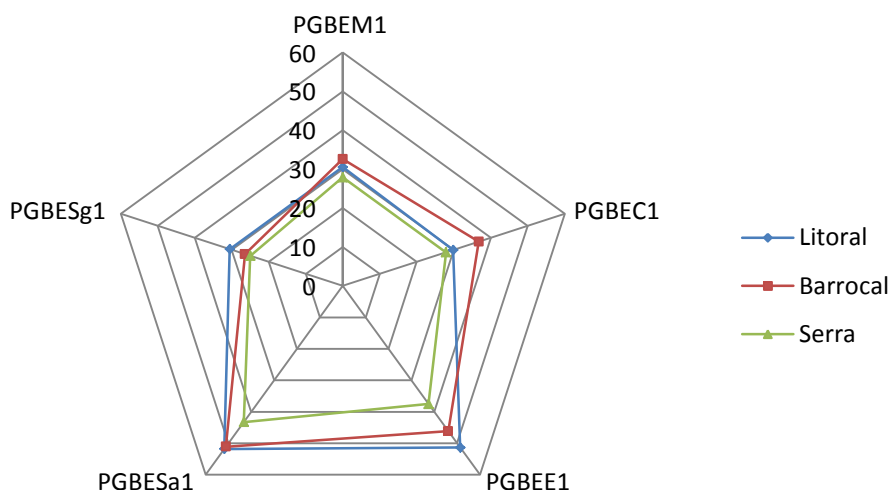
Como classifica o seu bem-estar:	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
PGBEM1 - A nível material	30.54	32.60	27.88
PGBEC1- A nível comunitário	29.86	36.78	27.88
PGBEE1 - A nível emocional	51.36	46.12	37.50
PGBESa1 - Ao nível da saúde	51.81	51.09	43.27
PGBESg1 - Ao nível da segurança	30.54	26.44	25.00

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A observação da figura 8.46 permite identificar os tipos de bem-estar, que maior percentagem de resposta reúnem, por parte dos inquiridos, associadas à classificação de bom ou muito bom, em cada uma das regiões. Nas três regiões, o tipo de bem-estar com maior percentagem de respostas é o bem-estar ao nível da saúde. Neste indicador, a região do Litoral e do Barrocal quase coincidem mas a Serra posiciona-se abaixo, com um número de respostas inferior. Depois deste indicador, a percepção do bem-estar emocional e do bem-estar na segurança são os que atingem maiores percentagens de resposta no Litoral enquanto no Barrocal se destacam, também pela positiva, o bem-estar material e comunitário. No que se refere à Serra os tipos de bem-estar que reúnem

maior percentagem de respostas positivas dos inquiridos são o bem-estar na saúde e o emocional.

Figura 8.46 – Distribuição da percepção global do bem-estar, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Percepção sobre o bem-estar material

A nível pessoal, a avaliação que os residentes fazem do seu bem-estar material (tabela 8.86) revela que o aspeto mais valorizado pelos residentes, em todas as regiões, é a casa onde vivem (BEMp4 - 87.78% no Litoral; 89.26% no Barrocal; 89.42% na Serra). A menor percentagem de resposta regista-se na Serra, relativamente ao indicador associado ao rendimento/ordenado (BEMp3 - 41.24%). Este indicador é, também nas outras regiões, o que regista menores percentagens (47.28% e 47.92%, respetivamente). As respostas relativas aos bens que possui (BEMp5), é o que apresenta percentagens mais elevadas de resposta nas três regiões, sendo mais elevada na Serra (Serra 89.42;

Barrocal, 89.26 e Litoral 87.78). O Barrocal apresenta também uma percentagem de 83.3% relativamente à posse de bens. Em relação aos serviços a que acede (BEMp6) ou condições de trabalho (BEMp1) reúnem percentagens elevadas de resposta, na ordem dos 70% sendo que, no caso do Barrocal, relativamente aos bens que o indivíduo possui (BEMp5), se registam 83.30%.

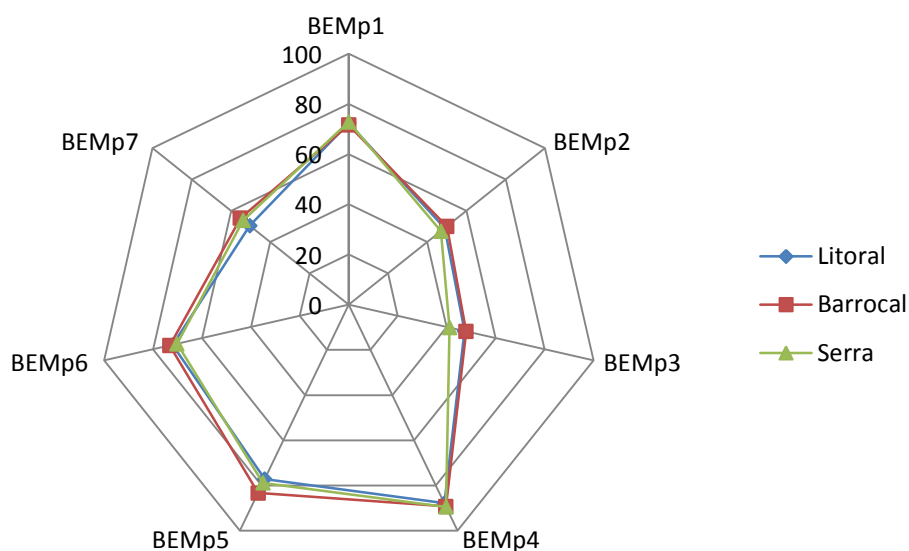
Tabela 8.86 – Grau de satisfação face ao bem-estar material, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)

	Região natural		
	Litoral	Barrocal	Serra
Em que medida está satisfeito(a) em termos pessoais:			
BEMp1 - Com as suas condições de trabalho	72.33	71.61	72.83
BEMp2 - Com as perspetivas de progressão no trabalho	48.89	50.00	46.99
BEMp3 - Com o seu rendimento/ordenado	47.28	47.92	41.24
BEMp4 - Com a casa onde vive	87.78	89.26	89.42
BEMp5 - Com os bens que possui	77.15	83.30	78.85
BEMp6 - Com os serviços a que acede	71.95	73.16	70.19
BEMp7 - Com a sua estabilidade económica	50.45	55.27	53.85

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.47 permite verificar que, nas três regiões, a percentagem de resposta dos inquiridos apresenta a mesma distribuição para qualquer um dos indicadores. Destacam-se os indicadores BEMp2 e BEMp3 como os que apresentam percentagens de resposta mais baixas, sendo que a região da Serra apresenta a menor percentagem, como foi referido anteriormente, ao nível da perceção quanto ao rendimento/ordenado.

Figura 8.47 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar material, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente à avaliação ao nível do bem-estar material na zona de residência (tabela 8.87), verifica-se que, no Litoral, a percentagem de resposta mais elevada é a que diz respeito aos serviços privados (BEMr9) em que a percentagem de resposta se situa nos 66.74% de respostas. O Litoral evidência, como segunda maior percentagem de resposta (66.06 %), os estabelecimentos de ensino disponíveis (BEMr4). No Barrocal, 69.18% dos inquiridos referem estar muito ou totalmente satisfeitos com as acessibilidades (BEMr5) e 68.59% referem-se ao saneamento. A região da Serra apresenta percentagens de resposta relativas à satisfação, sempre inferiores às outras duas regiões. Excetua-se a opinião relativamente ao investimento público que tem sido feito (BEMr2), em que o Litoral revela menor satisfação 39.59%.

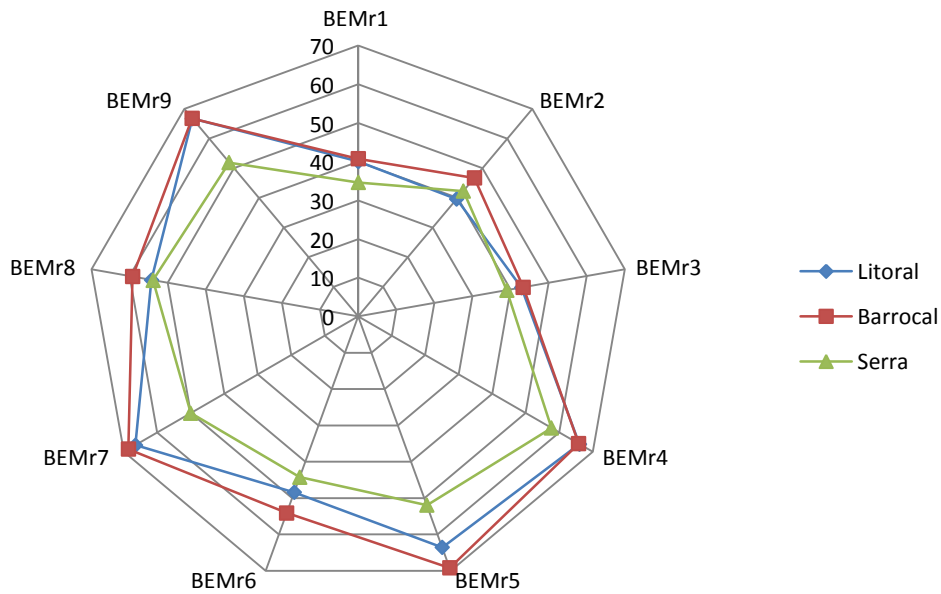
Tabela 8.87 – Grau de satisfação face ao bem-estar material, na zona de residência, por região natural (em percentagem)

Em que medida está satisfeito(a) na sua zona de residência:	Região natural		
	Litoral	Barrocal	Serra
BEMr1 - Com o desenvolvimento económico	40.05	40.76	34.62
BEMr2 - Com o investimento público que tem sido feito	39.59	46.72	42.31
BEMr3 - Com o investimento privado que tem sido feito	42.86	43.34	39.00
BEMr4 - Com os estabelecimentos de ensino disponíveis	66.06	65.81	57.69
BEMr5 - Com as acessibilidades	63.57	69.18	51.92
BEMr6 - Com a rede de transportes públicos	48.42	54.08	44.23
BEMr7 - Com o saneamento	66.52	68.59	50.00
BEMr8 - Com os serviços públicos	54.30	59.24	53.85
BEMr9 - Com os serviços privados	66.74	66.80	51.92

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.48 evidencia a maior satisfação expressa pelos residentes do Barrocal relativamente à generalidade dos itens apresentados os quais coincidem, nalguns casos, com as opiniões expressas pelos inquiridos do Litoral. Os residentes da Serra são efetivamente os que revelam sentir-se menos satisfeitos com o seu bem-estar material ao nível da zona de residência, o que pode estar relacionado com o despovoamento desta zona e consequente isolamento.

Figura 8.48 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar material, na zona de residência, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Perceção sobre o bem-estar na saúde

A análise do grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, a nível pessoal, por região natural (tabela 8.88), revela que os residentes nas três regiões se sentem bastante bem quanto à sua saúde pessoal (79.64% no Litoral; 80.52% no Barrocal; 75.00% na Serra) e relativamente à saúde da sua família (Litoral com 81.45%; Barrocal com 80.91% e Serra com 75.00% de respostas). Pode-se ainda observar que os residentes se revelam menos satisfeitos com o sistema de saúde que possuem do que com os serviços de saúde a que acedem (valores abaixo dos 55% para todos os casos).

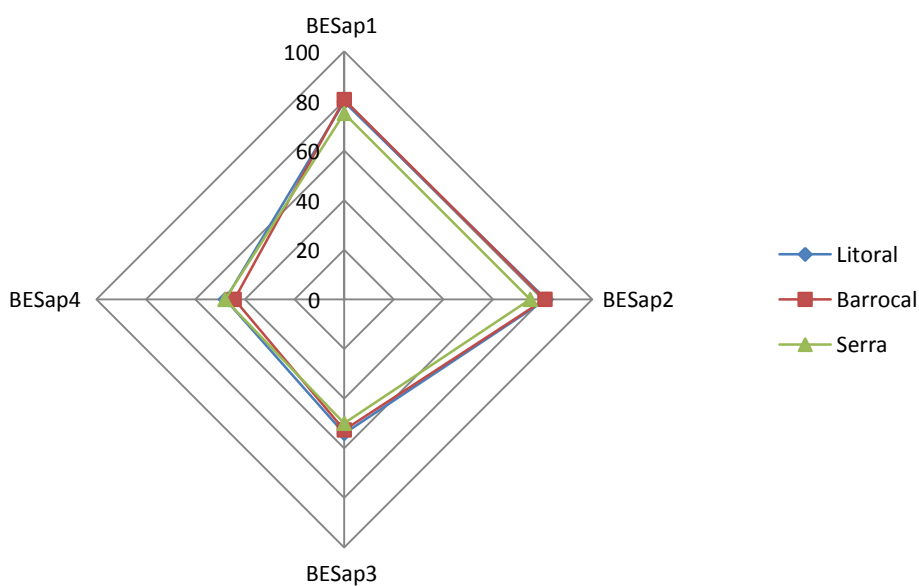
Tabela 8.88 – Grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)

Em que medida está satisfeito(a) em termos pessoais:	Região natural		
	Litoral	Barrocal	Serra
BESap1 - Com a sua saúde	79.64	80.52	75.00
BESap2 - Com a saúde da sua família	81.45	80.91	75.00
BESap3 - Com os serviços de saúde a que acede	54.07	52.68	50.00
BESap4 - Com o sistema de saúde que tem	47.96	44.33	48.08

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

É possível observar na figura 8.49 que nas três regiões naturais existe uma grande proximidade de opiniões quanto à satisfação na saúde a nível pessoal e destacam-se a relevância dos dois primeiros indicadores (a sua saúde pessoal e a saúde da família) face aos segundos (sistema de saúde a que acede e sistema de saúde que tem).

Figura 8.49 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Ao questionar os residentes relativamente ao bem-estar na saúde na zona de residência (tabela 8.89) constata-se uma diferença acentuada entre a satisfação expressa em relação aos serviços públicos de saúde disponíveis, revelando-se os inquiridos da Serra (43.27%) mais satisfeitos do que os do Barrocal (37.77%) e do que os do Litoral (35.29%).

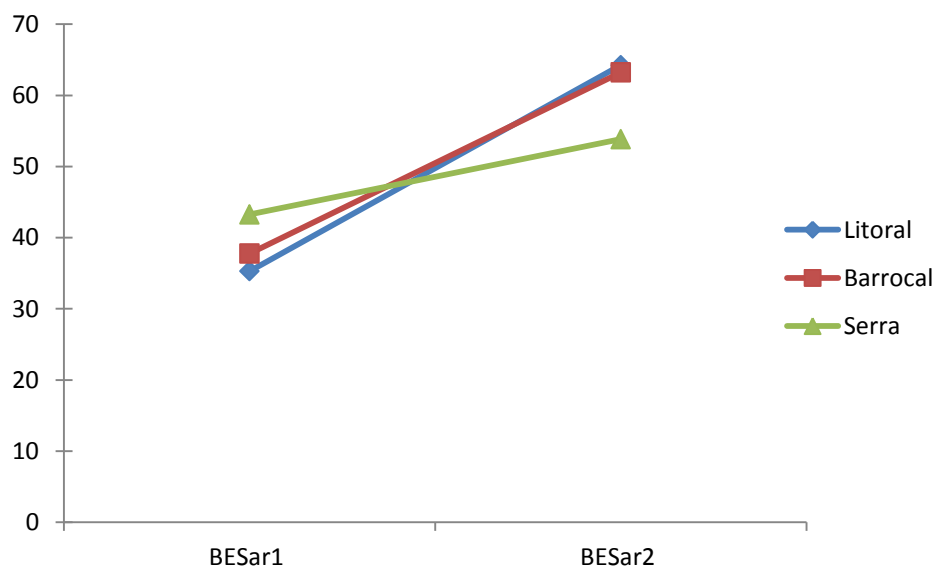
Tabela 8.89 – Grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, na zona de residência, por região natural (em percentagem)

Em que medida está satisfeito(a) na sua zona de residência:	Região natural		
	Litoral	Barrocal	Serra
BESar1 - Com os serviços públicos de saúde disponíveis	35.29	37.77	43.27
BESar2 - Com os serviços privados de saúde disponíveis	64.25	63.22	53.85

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.50 ilustra a distribuição das respostas dos inquiridos relativamente ao grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, tendo em conta a zona de residência e permite observar que o Litoral e o Barrocal se encontram com percentagens de respostas muito mais próximas do que a Serra. É de realçar a percentagem mais elevada das respostas de os inquiridos da Serra em relação aos serviços públicos disponíveis e a menor percentagem quanto aos serviços privados.

Figura 8.50 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar na saúde, na zona de residência, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Perceção sobre o bem-estar na segurança

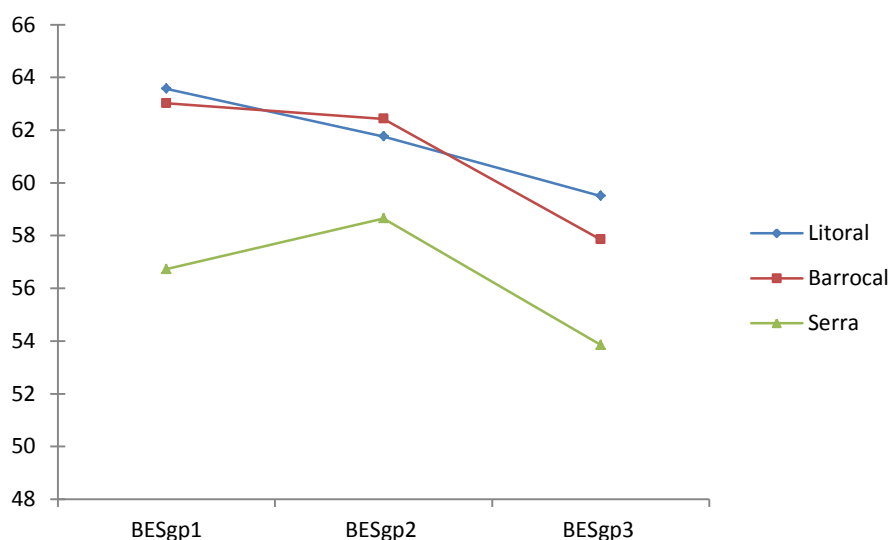
Quando questionados sobre o seu grau de satisfação relativamente ao bem-estar na segurança a nível pessoal (tabela 8.90), mais uma vez, os residentes do Litoral e do Barrocal revelam-se mais satisfeitos do que os da Serra em relação a todos os aspetos sobre os quais lhes é pedido que se pronunciem. Assim, constata-se que os valores mais elevados de satisfação são expressos em relação à segurança pessoal (Litoral, 63.57%, e Barrocal 63.02%), enquanto a Serra apresenta, relativamente a segurança da família, 58.65% de respostas. Na segurança da casa observam-se as percentagens mais baixas mas todas superiores aos 50%

Tabela 8.90 – Grau de satisfação face ao bem-estar na segurança, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)

Em que medida está satisfeito(a) em termos pessoais:	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
BESgp1- Com a sua segurança pessoal	63.57	63.02	56.73
BESgp2 - Com a segurança da sua família	61.76	62.43	58.65
BESgp3 - Com a segurança na sua casa	59.50	57.85	53.85

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Em concordância com a tabela anterior, pode-se observar a figura 8.51 que espelha a forma como se distribuem as respostas dos inquiridos por região natural e relativamente a cada um dos aspetos considerados na segurança a nível pessoal. É notória a diferença entre o Litoral e o Barrocal em comparação com a Serra, que apresenta percentagens de satisfação muito mais baixas em relação a todos os indicadores. Constatase que a segurança da família é o item que reúne efetivamente maior percentagem de satisfação por parte dos inquiridos.

Figura 8.51 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar na segurança, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Em relação à zona de residência (tabela 8.91), a satisfação quanto ao bem-estar na segurança apresenta percentagens bastante elevadas relativamente ao nível de tolerância no que respeita à presença de turistas (na Serra 88.46%; no Litoral 77.38% e no Barrocal 76.34). É de realçar que a percentagem é mais elevada onde existem menos turistas apesar de ser elevada em todas as regiões. A Serra volta a apresentar 70.19% das respostas relativamente ao nível de tolerância em relação a residentes estrangeiros, sendo que para os residentes do Barrocal este é também o item que reúne a segunda maior percentagem de respostas (58.25%).

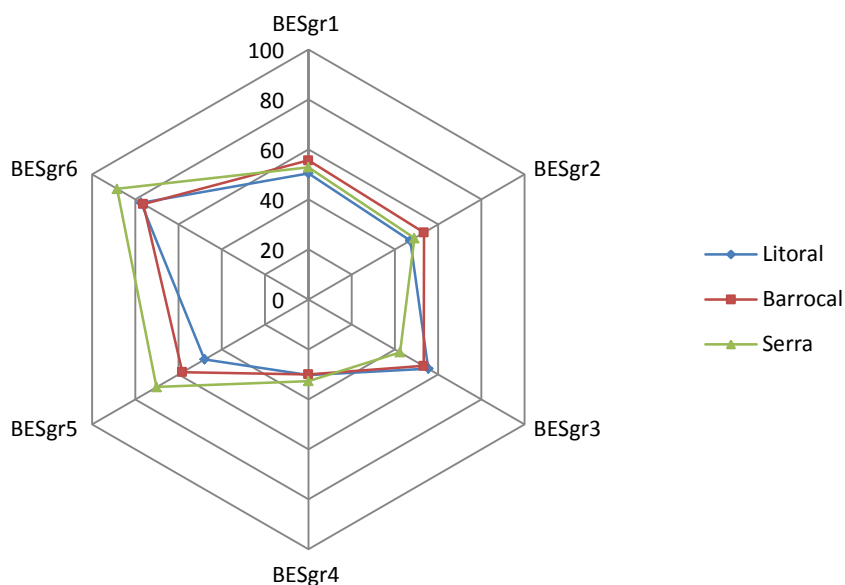
Tabela 8.91 – Grau de satisfação face ao bem-estar na segurança, na zona de residência, por região natural (em percentagem)

Em que medida está satisfeito(a) na sua zona de residência:	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
BESgr1 - Com a segurança do local onde vive	50.45	55.67	52.88
BESgr2 - Com os serviços de segurança pública	47.06	53.48	49.04
BESgr3 - Com os serviços privados de segurança	55.43	53.28	42.31
BESgr4 - Com o controle de atividades ilícitas	30.32	30.02	32.69
BESgr5 - Com o nível de tolerância em relação a residentes estrangeiros	47.96	58.25	70.19
BESgr6 - Com o nível de tolerância em relação à presença de turistas	77.38	76.34	88.46

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.52 revela a satisfação dos inquiridos em relação aos indicadores BESgr6 e BESgr5 e permite observar que, efetivamente, a região da Serra está mais satisfeita em relação à tolerância face à presença dos turistas e dos residentes estrangeiros do que os inquiridos das outras regiões. É de realçar a menor satisfação dos residentes do Litoral face ao nível de tolerância em relação a estrangeiros residentes. Estas diferenças podem dever-se à menor densidade de turistas e de estrangeiros residentes na região da Serra do que no Litoral.

Figura 8.52 – Distribuição do grau de satisfação face ao bem-estar na segurança, na zona de residência, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Perceção em relação ao bem-estar comunitário

No que respeita ao bem-estar comunitário (tabela 8.92), as maiores percentagens de respostas são as relativas à relação com os amigos. A este propósito, 77.73% dos inquiridos do Barrocal, 75.57% do Litoral e 72.12% da Serra afirmam ser felizes ou muito felizes. É de notar a maior percentagem registada entre os residentes do Barrocal, seguida do Litoral, o que revela que o sentimento comunitário está mais presente nestes contextos.

Percentagens elevadas são também as referentes ao bem-estar manifestado pelos inquiridos em relação a viver na zona onde vivem. Neste item as percentagens são maiores para a zona da Serra (72.12%) e do Barrocal (72.37%) do que no Litoral (65.61%).

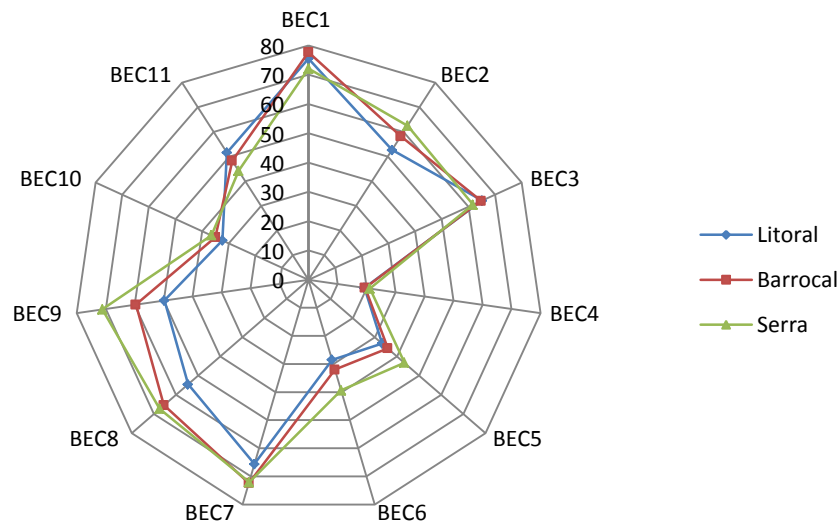
Tabela 8.92 – Grau de felicidade face ao bem-estar comunitário, a nível pessoal, por região natural (em percentagem)

	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
Até que ponto se sente feliz:			
BEC1 - Com a sua relação com os seus amigos	75.57	77.73	72.12
BEC2 - Com a sua relação com os seus vizinhos	52.71	58.25	62.50
BEC3 - Com as suas relações no trabalho	65.12	64.78	61.70
BEC4 - Com a sua participação política	19.23	19.48	21.15
BEC5 - Com a sua participação religiosa	33.26	35.79	43.27
BEC6 - Com a sua participação associativa	28.51	32.01	39.42
BEC7 - Por viver na zona onde vive	65.61	72.37	72.12
BEC8 - Por pertencer à comunidade a que pertence	54.52	65.41	67.31
BEC9 - Por se identificar com a comunidade onde vive	49.77	59.64	71.15
BEC10 - Com a residência de estrangeiros na sua zona	32.35	34.99	36.54
BEC11 - Com a presença de turistas na sua zona	51.58	48.31	44.23

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.53 evidencia a maior satisfação dos inquiridos da Serra face à comunidade onde vivem (BEC9), na sua relação de pertença à comunidade (BEC8), com a sua participação associativa (BEC6), com a sua participação religiosa (BEC5) e com a sua relação com os seus vizinhos (BEC2). A região do Litoral apresenta percentagens de resposta menos elevadas precisamente em relação à zona de residência (BEC7), ao sentimento de pertença (BEC8) e à identificação com a comunidade (BEC9).

Figura 8.53 – Distribuição do grau de felicidade face ao bem-estar comunitário, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Perceção em relação ao bem-estar emocional

O grau de felicidade dos inquiridos face ao bem-estar emocional (tabela 8.93) revela-se mais elevado relativamente à vida familiar (BEE1), apresentando no Litoral 83.71% das respostas, no Barrocal 85.69% e na Serra 75.96%, à sua vida amorosa (BEE2) que apresenta 78.96% de respostas no Litoral, 75.15% no Barrocal e 62.50% na Serra. É de notar que a felicidade relacionada com a vida familiar apresenta valores mais elevados entre os indivíduos residentes no Barrocal, logo seguidos do Litoral e mais distanciados dos da Serra.

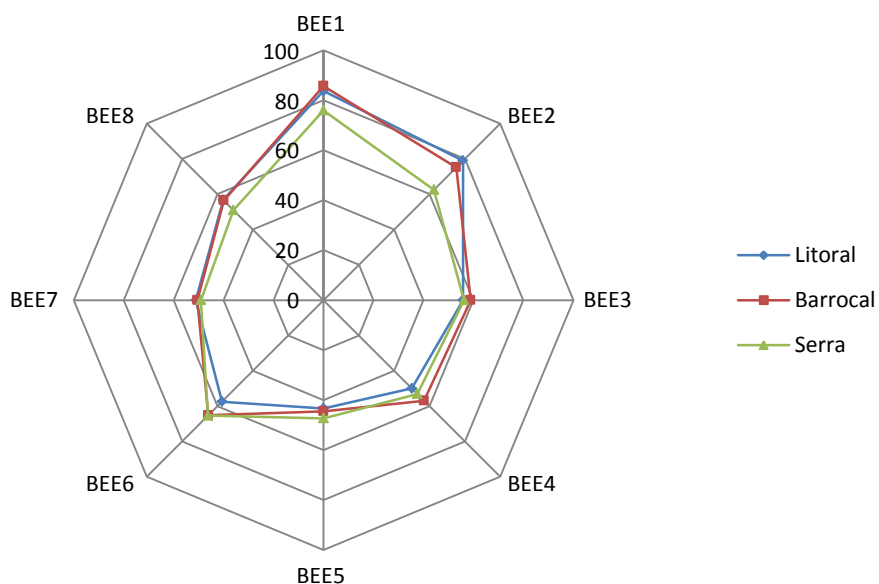
Tabela 8.93 – Grau de felicidade face ao bem-estar emocional, na zona de residência, por região natural (em percentagem)

Até que ponto se sente feliz:	Regiões naturais		
	Litoral	Barrocal	Serra
BEE1 - Com a sua vida familiar	83.71	85.69	75.96
BEE2 - Com a sua vida amorosa	78.96	75.15	62.50
BEE3 - Com o seu trabalho	55.84	58.91	56.25
BEE4 - Com a sua realização profissional	50.00	56.94	53.13
BEE5 - Com a sua estabilidade no trabalho	43.36	44.51	47.31
BEE6 - Com a sua formação/educação	57.47	65.21	65.38
BEE7 - Com o tempo livre que tem	51.13	50.50	49.04
BEE8 - Com a utilização que faz do seu tempo livre (quotidiano e férias)	56.79	56.46	50.96

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A figura 8.54 demonstra a forma como os residentes inquiridos percecionam a sua felicidade relativamente ao bem-estar emocional. Identifica-se claramente que a vida familiar, a vida amorosa e a formação/educação são os aspetos que reúnem a maior percentagem de respostas dos inquiridos nas três regiões naturais. Regista-se ainda que os residentes da região da Serra apresentam níveis inferiores de felicidade em relação às outras regiões.

Figura 8.54 – Distribuição do grau de felicidade face ao bem-estar emocional, por região natural (em percentagem)



Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

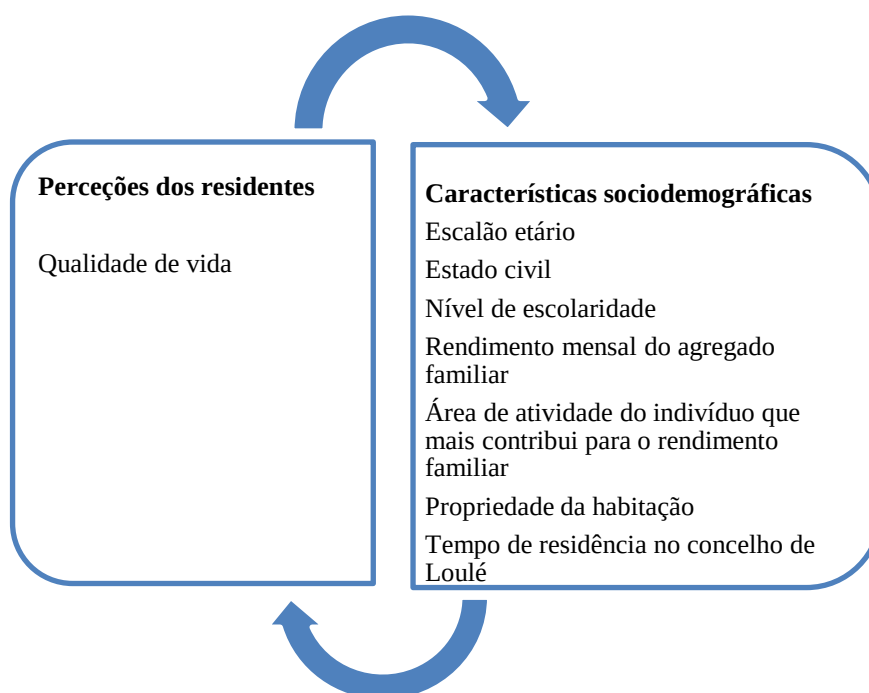
8.2.3.3. Caracterização segundo as características sociodemográficas

Da mesma forma como se efetuou a análise em relação aos impactos do turismo, também a relação entre as variáveis caracterizadoras dos inquiridos é analisada associada às variáveis qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida e bem-estar.

As respostas dos inquiridos são agrupadas, associando, conforme o caso e em cada questão, as respostas reveladoras de felicidade ou infelicidade, de satisfação ou insatisfação.

De forma idêntica ao que se fez para os cruzamentos apresentados anteriormente mostram-se, na figura 8.55, as relações que se verificaram estatisticamente significativas e indica-se ainda as que são consideradas no estudo. No corpo do texto apresentam-se apenas as tabelas relativas aos cruzamentos com associação significativa entre as variáveis consideradas relevantes.¹⁰⁹, sendo as restantes apresentadas no apêndice 12.

Figura 8.55 – Cruzamento da percepção dos residentes sobre a qualidade de vida com as suas características sociodemográficas



Fonte: Elaboração própria

¹⁰⁹ A indicação de todos os cruzamentos efetuados é apresentada no apêndice 12.

“Percepção global da qualidade de vida atual ” *versus* características sociodemográficas dos residentes

A observação da tabela 8.94 permite constatar que a maioria dos residentes mais jovens (54.1% dos inquiridos dos 18 aos 24 anos) considera a sua qualidade de vida atual “Boa/Muito boa”. Nos restantes escalões etários verifica-se que a maior percentagem de resposta diz respeito à opção “Razoável”, podendo observar-se que são os residentes dos escalões etários dos 35-44 e dos 65 anos ou mais que apresentam as maiores percentagens de respostas nesta opção (64.3% e 64.2%, respetivamente). Estes resultados contradizem, em parte, alguns estudos na área da qualidade de vida (Cummins, 1997) que revelam que as pessoas com mais idade admitem ter maior qualidade de vida, distinguindo-se dos de meia-idade.

Tabela 8.94 - Qualidade de vida atual e escalão etário

		Escalões Etários						Total	Teste
		18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 ou mais		
Muito Má / Má	n	3	17	15	12	5	17	69	$\chi^2_{10} = 39.730$ $p = 0.000^*$
	%	3.1	6.9	6.0	5.4	4.5	14.2	6.6	
Razoável	n	42	143	162	132	60	77	616	
	%	42.9	57.7	64.3	59.7	54.5	64.2	58.7	
Boa / Muito Boa	n	53	88	75	77	45	26	364	
	%	54.1	35.5	29.8	34.8	40.9	21.7	34.7	
Total	n	98	248	252	221	110	120	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 6.45.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que respeita ao estado civil (tabela 8.95) verifica-se que 44.8% dos solteiros e 33.1% dos inquiridos que são casados classificam a sua qualidade de vida como Boa/Muito boa. As percentagens mais baixas de resposta registam-se no grupo dos viúvos (24.4%) e dos divorciados ou Separados (22.2%), grupos que reconhecem a sua qualidade de vida como Muito má/Má em 12.2% e 11.1%, respetivamente. A avaliação da qualidade de vida como razoável é a que reúne a maioria das respostas dos inquiridos de todos os estados civis, sendo, no entanto, superior nos casos dos divorciados ou separados (66.7%) e dos viúvos (63.4%).

Tabela 8.95 – Qualidade de vida atual e estado civil

		Estado Civil				Total	Teste
		Solteiro(a)	Casado(a) / União de Facto	Divorciado(a) / Separado(a)	Viúvo(a)		
Muito Má / Má	n	13	42	9	5	69	$\chi^2_{26} = 22.607$ p = 0.001
	%	5.2	6.2	11.1	12.2	6.6	
Razoável	n	124	412	54	26	616	
	%	50.0	60.7	66.7	63.4	58.7	
Boa / Muito Boa	n	111	225	18	10	364	
	%	44.8	33.1	22.2	24.4	34.7	
Total	n	248	679	81	41	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (8.3%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 2.70.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.96 permite observar as respostas dos inquiridos sobre a sua qualidade de vida, tendo em conta as suas habilitações. Entre os residentes com os níveis de habilitações até ao ensino secundário ou profissional a opção de resposta mais escolhida é “Razoável” (analfabetos, 50.0%; ensino básico, 67.8%; ensino secundário e profissional, 59.8%) ao contrário dos inquiridos com ensino superior ou pós graduado que revelam considerar a sua qualidade de vida Boa/Muito boa (56.0%). Relativamente aos inquiridos que classificam a sua qualidade de vida como Muito má/Má pode-se verificar que, quanto mais elevado é o nível de habilitações, menos inquiridos escolhem esta opção como resposta.

Tabela 8.96 – Qualidade de vida e escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós Graduado		
Muito Má / Má	n	2	43	20	4	69	$\chi^2_{26} = 90.162$ p = 0.000
	%	16.7	10.2	5.5	1.6	6.6	
Razoável	n	6	286	217	107	616	
	%	50.0	67.8	59.8	42.5	58.7	
Boa / Muito Boa	n	4	93	126	141	364	
	%	33.3	22.0	34.7	56.0	34.7	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 0.79.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Outro aspeto analisado relativamente à perceção da qualidade de vida é a sua relação com o rendimento médio mensal do agregado familiar. A análise da tabela 8.97

permite constatar que os residentes que auferem rendimentos mais elevados são aqueles que consideram a sua qualidade de vida Boa/Muito boa (80.6% de respostas por parte dos inquiridos com rendimento acima dos 3600€ e 62.7% de respostas entre os que possuem rendimentos entre 1801€ e 3600€). Percentagens também elevadas são as relativas aos residentes que possuem um rendimento mensal entre 451€ e 900€ (70.2%); de menos de 450€ (66.3%); e entre 901€ a 1800€ (61.6%) que referem que a sua qualidade de vida é razoável.

Tabela 8.97 – Qualidade de vida atual e rendimento mensal do agregado familiar

		Em média qual é o rendimento mensal do seu agregado familiar?						Total	Teste
		Sem rendimento	Menos de 450€	De 451€ a 900€	De 901€ a 1800€	De 1801€ a 3600€	Mais de 3600€		
Muito Má / Má	n	9	21	21	17	1	0	69	$\chi^2_{10} = 178.155$ $p = 0.000$
	%	19.1	22.1	6.3	4.6	.6	.0	6.6	
Razoável	n	23	63	233	226	65	6	616	
	%	48.9	66.3	70.2	61.6	36.7	19.4	58.7	
Boa / Muito Boa	n	15	11	78	124	111	25	364	
	%	31.9	11.6	23.5	33.8	62.7	80.6	34.7	
Total	n	47	95	332	367	177	31	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (11.1%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 2.04.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A observação da tabela 8.98 permite verificar que a maioria dos inquiridos considera a sua qualidade de vida razoável e que a área profissional que apresenta uma maior percentagem de respostas é o Turismo/comércio (60.9%). No entanto, as duas outras áreas de atividade consideradas apresentam valores relativamente próximos nesta opção (55.8%, entre aqueles que trabalham na segurança ou noutros serviços e 58.8% entre os que trabalham nos setores primário e secundário).

Tabela 8.98 - Qualidade de vida atual e área profissional do elemento que mais contribui para o rendimento mensal do agregado familiar

		Área profissional do elemento que mais contribui para o rendimento			Total	Teste
		Agricultura /pesca /indústria	Turismo/ comércio	Segurança e outros serviços		
Muito Má / Má	n	1	47	21	69	$\chi^2_{24} = 10.096$ $p = 0.039$
	%	5.9	8.0	4.8	6.6	
Razoável	n	10	360	246	616	
	%	58.8	60.9	55.8	58.7	
Boa / Muito Boa	n	6	184	174	364	
	%	35.3	31.1	39.5	34.7	
Total	n	17	591	441	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (11.1%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 1.12.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.99 permite observar que os residentes que menos reconhecem como Boa/Muito boa a sua qualidade de vida são os que vivem em casa arrendada (18.9%). Pelo contrário, 40.6% dos que residem em casa partilhada, 39.0% dos que possuem casa própria e 35.2% dos que habitam em casa própria com empréstimo afirmam que a sua qualidade de vida é “Boa/Muito boa”.

Tabela 8.99 – Qualidade de vida atual e propriedade da habitação

		Situação Habitacional					Total	Teste
		Casa Própria	Casa Própria com Empréstimo	Casa Arrendada	Casa Partilhada	Outra Situação		
Muito Má / Má	n	23	16	19	6	5	69	$\chi^2_{28} = 29.870$ $p = 0.000$
	%	4.6	6.4	11.2	9.4	7.9	6.6	
Razoável	n	284	146	118	32	36	616	
	%	56.5	58.4	69.8	50.0	57.1	58.7	
Boa / Muito Boa	n	196	88	32	26	22	364	
	%	39.0	35.2	18.9	40.6	34.9	34.7	
Total	n	503	250	169	64	63	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (13.3%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 4.14.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A maioria dos inquiridos, independentemente do número de anos de residência no concelho de Loulé, classifica a sua qualidade de vida como razoável (58.7%). No entanto, observa-se que a percentagem de respostas nesta categoria aumenta com o número de anos de residência no local (tabela 8.100). O mesmo não acontece em

relação aos inquiridos que classificam a sua qualidade de vida como “Boa/ Muito boa”. Neste caso, aqueles cuja residência no concelho oscila entre os 13 e os 23 anos escolhem mais esta opção de resposta (38.3%) do que os que residem há 10 anos ou menos (36.1%) e do que os que residem no concelho há mais de 32 anos (30.6%).

Tabela 8.100 - Qualidade de vida atual e tempo de residência no concelho de Loulé

		Tempo de residência no Concelho de Loulé			Total	Teste a.
		Até 12 anos	De 13 a 32 anos	> 32 anos		
Muito Má / Má	n	17	21	31	69	$\chi^2 = 11.402$ $p = 0.022$
	%	10.2	4.8	6.9	6.6	
Razoável	n	89	248	279	616	
	%	53.6	56.9	62.4	58.7	
Boa / Muito Boa	n	60	167	137	364	
	%	36.1	38.3	30.6	34.7	
Total	n	166	436	447	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 10.92.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Perceção da qualidade de vida na zona de residência ” *versus* características sociodemográficas dos residentes

A análise da associação entre a perceção da qualidade de vida na zona de residência e o escalão etário (tabela 8.101) permite verificar que a maioria dos inquiridos classifica a qualidade de vida como razoável (56.6%) e que 35.0% a classificam como boa ou muito boa. Destaca-se, nesta última classificação, o grupo dos 18 aos 24 anos apresenta a maior percentagem de respostas (44.9%) e o escalão etário dos 35 aos 44 anos que apresenta a percentagem mais baixa (29.8%). Os indivíduos cujas respostas se concentram mais na opção razoável são os que têm entre 35 e os 44 anos (62.7%) e os que possuem mais de 65 anos (63.3%). Pode-se observar que os escalões etários onde a percentagem de resposta à opção “Muito má/Má” é mais elevada é a que corresponde aos indivíduos que possuem idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos (12.5%) e entre os que têm 65 ou mais anos (10%). São precisamente estes dois últimos escalões etários que apresentam percentagens mais elevadas na opção razoável.

No que se refere aos inquiridos que consideram a sua qualidade de vida “Muito má/Má” os valores mais elevados surgem nos escalões etários dos 25 aos 34 anos (12.5%) e a partir dos 65 anos (10%).

Tabela 8.101 - Qualidade de vida na zona de residência e escalão etário

		Escalões Etários						Total	Testes
		18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 ou mais		
Muito Má / Má	n	3	31	19	16	7	12	88	$\chi^2_{10} = 23.669$ p = 0.009
	%	3.1	12.5	7.5	7.2	6.4	10.0	8.4	
Razoável	n	51	121	158	125	63	76	594	
	%	52.0	48.8	62.7	56.6	57.3	63.3	56.6	
Boa / Muito Boa	n	44	96	75	80	40	32	367	
	%	44.9	38.7	29.8	36.2	36.4	26.7	35.0	
Total	n	98	248	252	221	110	120	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	
0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 8.22.									

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente às habilitações dos inquiridos e à sua associação com a perceção da qualidade de vida na zona de residência (tabela 8.102), pode-se constatar que, apesar de a maioria a considerar razoável, os residentes com habilitações ao nível do ensino superior e pós-graduado apresentam igualmente distribuída a percentagem de respostas nas opções “Razoável” e “Boa/Muito boa” (47.6%). Tendo em conta os outros níveis de escolaridade, verifica-se que os residentes com mais baixas qualificações são os que apresentam uma percentagem de resposta mais elevada na opção “Boa/Muito boa” (41.7%), à qual se seguem os inquiridos com ensino secundário ou profissional (39.7%) e 23.2% dos que possuem o ensino básico (entre estes, a opção razoável escolhida por 66.8%, a percentagem mais elevada de resposta registada nesta questão).

Tabela 8.102 - Qualidade de vida na sua zona de residência e escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós Graduação		
Muito Má / Má	n	0	42	34	12	88	$\chi^2_{26} = 50.640$ $p = 0.000$
	%	.0	10.0	9.4	4.8	8.4	
Razoável	n	7	282	185	120	594	
	%	58.3	66.8	51.0	47.6	56.6	
Boa / Muito Boa	n	5	98	144	120	367	
	%	41.7	23.2	39.7	47.6	35.0	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 1.01.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A análise da tabela 8.103 permite constatar que 64.5% dos inquiridos cujo rendimento médio do agregado familiar excede os 3600€ referem que a qualidade de vida na sua zona de residência é “Boa/Muito boa” e 54.8% dos que possuem um rendimento médio entre 1801€ e 3600€ também o referem. Verifica-se que as percentagens de resposta entre os indivíduos com menores rendimentos são muito mais baixas.

Tabela 8.103 - Qualidade de vida na sua zona de residência e rendimento médio mensal do agregado familiar

		Em média qual é o rendimento mensal do seu agregado familiar?						Total	Teste
		Sem rendimento	Menos de 450.00€	De 451.00€ a 900.00€	De 901.00€ a 1800.00€	De 1801.00€ a 3600.00€	Mais de 3600.00€		
Muito Má / Má	n	5	18	34	28	3	0	88	$\chi^2_{210} = 88.549$ $p = 0.000$
	%	10.6	18.9	10.2	7.6	1.7	.0	8.4	
Razoável	n	19	61	213	213	77	11	594	
	%	40.4	64.2	64.2	58.0	43.5	35.5	56.6	
Boa / Muito Boa	n	23	16	85	126	97	20	367	
	%	48.9	16.8	25.6	34.3	54.8	64.5	35.0	
Total	n	47	95	332	367	177	31	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (11.1%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 2.60.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Percepção global da felicidade ” versus características sociodemográficas dos residentes

A tabela 8.104 permite visualizar a relação entre a felicidade e o escalão etário. É possível constatar que a maioria dos inquiridos do escalão etário dos 18 aos 24 anos diz estar muito ou totalmente feliz (52.0%) e que 42.9% afirmam estar razoavelmente felizes. Nos restantes escalões etários verifica-se o oposto. A maioria dos inquiridos refere estar razoavelmente feliz e uma percentagem menor, mas também elevada, afirma, estar muito ou totalmente feliz. Em relação a estes escalões etários destaca-se os 72,5% de residentes com 65 anos ou mais que afirma estar razoavelmente felizes. É de realçar também que, relativamente aos inquiridos que reconhecem estar muito ou totalmente felizes, a percentagem diminui à medida que a idade aumenta (nos escalões etários mais jovens as percentagens são acima dos 40%, para os escalões intermédios rondam os 30% de respostas e para os mais velhos representam apenas 16.7%).

Tabela 8.104 – Felicidade e escalão etário

		Escalões Etários						Total	Teste
		18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 ou mais		
Nada / Pouco	n	5	20	19	12	8	13	77	$\chi^2_{10} = 42.914$ $p = 0.000$
	%	5.1	8.1	7.5	5.4	7.3	10.8	7.3	
Razoavelmente	n	42	118	147	135	67	87	596	
	%	42.9	47.6	58.3	61.1	60.9	72.5	56.8	
Muito / Totalmente	n	51	110	86	74	35	20	376	
	%	52.0	44.4	34.1	33.5	31.8	16.7	35.8	
Total	n	98	248	252	221	110	120	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 7.19.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

O estado civil revela ter alguma influência na felicidade dos indivíduos (tabela 8.105). Entre os que se consideram muito ou totalmente felizes verifica-se que os solteiros são os que apresentam a percentagem de resposta mais elevada (40.7%), seguidos dos casados (36.7%). Pode constatar-se uma grande diferença entre estas e a percentagem de respostas por parte dos divorciados ou separados que admitem ser muito ou totalmente felizes (27.2%). Este grupo de indivíduos é o que apresenta a maior percentagem de respostas associadas ao reconhecimento de ser nada ou pouco feliz

(17.3%). Os viúvos (as) são os que menos admitem ser muito ou totalmente felizes (9.8%). No entanto, não se reconhecem como nada ou pouco felizes (apenas 4.9% o fazem, a percentagem mais baixa nesta opção) mas sim como razoavelmente felizes (85.4%). Este facto poderá levar a admitir que a maior parte dos indivíduos que se encontram nesta situação aceitam a sua condição e, por isso, não se consideram infelizes, ao contrário do que poderá acontecer com os divorciados ou separados.

Tabela 8.105 – Felicidade e estado civil

		Estado Civil				Total	Teste
		Solteiro(a)	Casado(a) / União de Facto	Divorciado(a) / Separado(a)	Viúvo(a)		
Nada / Pouco	n	18	43	14	2	77	$\chi^2_{26} = 30.372$ p = 0.000
	%	7.3	6.3	17.3	4.9	7.3	
Razoavelmente	n	129	387	45	35	596	
	%	52.0	57.0	55.6	85.4	56.8	
Muito / Totalmente	n	101	249	22	4	376	
	%	40.7	36.7	27.2	9.8	35.8	
Total	n	248	679	81	41	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (8.3%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 3.01.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.106 revela a associação entre a felicidade e o nível de escolaridade dos indivíduos inquiridos. Pode-se constatar que é nos níveis de escolaridade mais elevados que se verifica uma maior percentagem de respostas em que os indivíduos reconhecem que são muito ou totalmente felizes (43.3% entre residentes com ensino superior e pós-graduado; 40.5% por parte dos que possuem o ensino secundário e profissional; 28.2% dos inquiridos com o ensino básico e apenas 8.3% entre os residentes que não possuem habilitações). Constata-se uma relação direta e positiva entre o reconhecimento de níveis elevados de felicidade e o nível de habilitações dos inquiridos.

Esta associação direta não se verifica da mesma forma em relação às outras opções de resposta. Efetivamente, entre os inquiridos com o ensino básico, 64% afirmam ser razoavelmente felizes. Entre os analfabetos 58% escolhem esta opção e

52% dos residentes com habilitações ao nível do ensino superior e 51.2% ao nível do secundário admitem ser razoavelmente felizes.

Tabela 8.106– Felicidade e escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós Graduado		
Nada / Pouco	n	4	33	30	10	77	$\chi^2_{26} = 37.498$ p = 0.000
	%	33.3	7.8	8.3	4.0	7.3	
Razoavelmente	n	7	270	186	133	596	
	%	58.3	64.0	51.2	52.8	56.8	
Muito / Totalmente	n	1	119	147	109	376	
	%	8.3	28.2	40.5	43.3	35.8	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 0.88.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A associação entre a felicidade e o rendimento médio mensal do agregado familiar (tabela 8.107) mostra que, para todos os níveis de rendimento, exceto para os residentes que possuem rendimento superior em que a maioria das respostas (54.8%) se situa na opção “Muito/Totalmente feliz”, a maioria dos inquiridos refere considerar-se razoavelmente feliz. Tendo em conta as percentagens de resposta dos residentes que dos que respondem estar muito ou totalmente felizes, pode-se observar que, excetuando os que referem não ter rendimento, a percentagem aumenta com o aumento do rendimento.

Tabela 8.107 – Felicidade e rendimento médio mensal do agregado familiar

		Rendimento médio mensal do agregado familiar						Total	Teste
		Sem rendimento	Menos de 450.0 0€	De 451.0 0€ a 900.0 0€	De 901.00 € a 1800.0 0€	De 1801.0 0€ a 3600.0 0€	Mais de 3600.0 0€		
Nada / Pouco	n	9	12	30	21	4	1	77	$\chi^2_{210} = 53.130$ p = 0.000
	%	19.1	12.6	9.0	5.7	2.3	3.2	7.3	
Razoavelmente	n	24	63	210	195	91	13	596	
	%	51.1	66.3	63.3	53.1	51.4	41.9	56.8	
Muito / Totalmente	n	14	20	92	151	82	17	376	
	%	29.8	21.1	27.7	41.1	46.3	54.8	35.8	
Total	n	47	95	332	367	177	31	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (11.1%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 2.28.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A análise da tabela 8.108 permite perceber que os inquiridos que residem em casa arrendada são os que se consideram menos felizes (11.8% referem que são pouco ou nada felizes; 60.4% dizem-se razoavelmente felizes e apenas 27.8% muito ou totalmente felizes).

Tabela 8.108 – Felicidade situação habitacional

		Situação Habitacional					Total	Teste
		Casa Própria	Casa Própria com Empréstimo	Casa Arrendada	Casa Partilhada	Outra Situação		
Nada / Pouco	n	26	20	20	7	4	77	$\chi^2_{28} = 20.847$ $p = 0.008$
	%	5.2	8.0	11.8	10.9	6.3	7.3	
Razoavelmente	n	299	124	102	31	40	596	
	%	59.4	49.6	60.4	48.4	63.5	56.8	
Muito / Totalmente	n	178	106	47	26	19	376	
	%	35.4	42.4	27.8	40.6	30.2	35.8	
Total	n	503	250	169	64	63	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (13.3%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 4.62.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

No que respeita à associação entre o número de anos de residência no local e o nível de felicidade (tabela 8.109), pode observar-se que 43.4% dos inquiridos residem no concelho há menos de 12 anos. Entre os indivíduos que residem no concelho há um período de tempo compreendido entre os 13 e os 32 anos, a percentagem de respostas nesta opção é de 39.9% enquanto as respostas dos inquiridos que residem há mais de 32 anos é apenas de 29.1%.

Tabela 8.109 – Felicidade e tempo residência no concelho de Loulé

		Tempo de residência no concelho de Loulé			Total	Teste
		Há 12 anos ou menos	Entre 13 e 32 anos	Há mais de 32 anos		
Nada / Pouco	n	18	24	35	77	$\chi^2_{24} = 22.290$ $p = 0.000$
	%	10.8	5.5	7.8	7.3	
Razoavelmente	n	76	238	282	596	
	%	45.8	54.6	63.1	56.8	
Muito / Totalmente	n	72	174	130	376	
	%	43.4	39.9	29.1	35.8	
Total	n	166	436	447	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 12.18.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Percepção global da satisfação com a vida ” *versus* características sociodemográficas dos residentes

Relativamente à associação entre a percepção global da satisfação com a vida e o escalão etário (tabela 8.110) verifica-se que, de uma forma geral, os indivíduos se sentem razoavelmente satisfeitos com a sua vida (56.1%). De entre estes inquiridos constata-se que as percentagens de resposta mais elevadas são as dos residentes com mais de 65 anos (67.5%) seguindo-se os residentes pertencentes ao escalão etário dos 35 aos 44 anos (60.7%). Quanto aos inquiridos que admitem estar muito ou totalmente satisfeitos com a sua vida, pode verificar-se a percentagem mais elevada de respostas entre os dois escalões etários dos mais novos (dos 18 aos 24 anos, 46.9%; dos 25 aos 34 anos, 37.5%), sendo o primeiro caso a percentagem mais elevada de resposta neste escalão etário. Apenas 21.7% dos inquiridos mais velhos referem sentir-se muito ou totalmente satisfeitos com a vida.

Tabela 8.110 - Satisfação com a vida e escalão etário

		Escalões Etários						Total	Teste
		18-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65 ou mais		
Nada / Pouco	n	11	38	27	19	9	13	117	$\chi^2_{10} = 31.062$
	%	11.2	15.3	10.7	8.6	8.2	10.8	11.2	
Razoavelmente	n	41	117	153	131	65	81	588	
	%	41.8	47.2	60.7	59.3	59.1	67.5	56.1	
Muito / Totalmente	n	46	93	72	71	36	26	344	p = 0.001
	%	46.9	37.5	28.6	32.1	32.7	21.7	32.8	
Total	n	98	248	252	221	110	120	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 10.93.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A relação entre o estado civil e a satisfação dos inquiridos pode ser observada na tabela 8.111. A análise permite verificar que, para os inquiridos de todos os estados civis, a opção de resposta que reúne maior percentagem de respostas é a que refere a satisfação com a vida como razoável (56.1%). O grupo que apresenta uma maior percentagem de resposta nesta opção é, de forma bem diferenciada dos restantes, o dos residentes viúvos (75.6%). Os inquiridos inseridos nos restantes estados civis situam-se na ordem dos 50%.

O grupo dos inquiridos solteiros é o que maior percentagem de resposta apresenta na opção “Muito/Totalmente satisfeito” (37.5%). Nesta questão os casados ou em união de facto e os divorciados ou separados apresentam percentagens de respostas mais baixas (32.5% e 32.1%, respetivamente) e apenas 9.8% dos inquiridos viúvos optam por esta resposta. É de destacar ainda que é o grupo dos divorciados ou separados o que maior percentagem de respostas apresenta para a opção associada à insatisfação com a vida (17.3%), tal como se verificou para a questão associada à felicidade.

Tabela 8.111 – Satisfação com a vida e estado civil

		Estado Civil				Total	Teste
		Solteiro(a)	Casado(a) / União de Facto	Divorciado(a) / Separado(a)	Viúvo(a)		
Nada / Pouco	n	30	67	14	6	117	$\chi^2_{26} = 17.635$ p = 0.007
	%	12.1	9.9	17.3	14.6	11.2	
Razoavelmente	n	125	391	41	31	588	
	%	50.4	57.6	50.6	75.6	56.1	
Muito / Totalmente	n	93	221	26	4	344	p = 0.007
	%	37.5	32.5	32.1	9.8	32.8	
Total	n	248	679	81	41	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (8.3%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 4.57.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.112, referente ao cruzamento da satisfação com a vida, expressa pelos residentes, com a sua escolaridade, revela que, relativamente aos inquiridos que afirmam estar muito ou totalmente satisfeitos com a vida, a percentagem de resposta aumenta com o aumento da escolaridade. As percentagens dos que consideram a sua vida razoável evidenciam uma diferença entre os níveis de escolaridade mais baixas (analfabetos e ensino básico, 66,7% e 61,6%, respetivamente) e os outros níveis de escolaridade, com percentagens menos elevadas (49.0% e 56.3%, respetivamente).

Tabela 8.112 – Satisfação com a vida e escolaridade

		Escolaridade				Total	Teste
		Analfabeto	Ensino Básico	Ensino Secundário e Profissional	Ensino Superior e Pós Graduado		
Nada / Pouco	n	2	49	52	14	117	$\chi^2_{26} = 25.927$ $p = 0.000$
	%	16.7	11.6	14.3	5.6	11.2	
Razoavelmente	n	8	260	178	142	588	
	%	66.7	61.6	49.0	56.3	56.1	
Muito / Totalmente	n	2	113	133	96	344	
	%	16.7	26.8	36.6	38.1	32.8	
Total	n	12	422	363	252	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

2 células (16.7%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 1.34.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A análise da tabela 8.113 permite constatar que a satisfação com a vida aumenta com o aumento do rendimento. De uma forma global os residentes manifestam-se razoavelmente satisfeitos com a sua vida (56.1%).

Tabela 8.113 – Satisfação com a vida e rendimento médio mensal do agregado familiar

		Em média qual é o rendimento mensal do seu agregado familiar?						Total	Teste
		Sem rendimento	Menos de 450.00 €	De 451.00 € a 900.00 €	De 901.00€ a 1800.00 €	De 1801.00 € a 3600.00 €	Mais de 3600.00 €		
Nada / Pouco	n	10	18	48	33	8	0	117	$\chi^2_{210} = 51.215$ $p = 0.000$
	%	21.3	18.9	14.5	9.0	4.5	.0	11.2	
Razoavelmente	n	28	59	195	195	98	13	588	
	%	59.6	62.1	58.7	53.1	55.4	41.9	56.1	
Muito / Totalmente	n	9	18	89	139	71	18	344	
	%	19.1	18.9	26.8	37.9	40.1	58.1	32.8	
Total	n	47	95	332	367	177	31	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

1 células (5.6%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 3.46.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente à situação habitacional, a tabela 8.114 permite observar que quem se revela menos satisfeito com a vida são os inquiridos que residem em casa arrendada (19.5%). Destes inquiridos, 61.5% referem estar razoavelmente satisfeitos com a vida e 18.9% afirmam estar muito ou totalmente satisfeitos. Esta percentagem revela ser a mais baixa na opção de resposta “Muito/ Totalmente satisfeitos com a vida”. Neste grupo, observa-se uma percentagem de resposta de 46.9% por parte dos residentes que

partilham casa, 35.6% dos que possuem casa própria e 34.4% dos que vivem em casa própria com empréstimo.

Tabela 8.114 – Satisfação com a vida e situação habitacional

		Situação Habitacional					Total	Teste
		Casa Própria	Casa Própria com Empréstimo	Casa Arrendada	Casa Partilhada	Outra Situação		
Nada / Pouco	n	39	28	33	9	8	117	$\chi^2_{28} = 36.829$ p = 0.000
	%	7.8	11.2	19.5	14.1	12.7	11.2	
Razoavelmente	n	285	136	104	25	38	588	
	%	56.7	54.4	61.5	39.1	60.3	56.1	
Muito / Totalmente	n	179	86	32	30	17	344	
	%	35.6	34.4	18.9	46.9	27.0	32.8	
Total	n	503	250	169	64	63	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 7.03.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente à tabela 8.115 pode observar-se que a percentagem de residentes que responde estar muito ou totalmente satisfeito com a sua vida é maior entre os residentes há menos tempo no concelho (menos de 12 anos, 39.8%; entre 13 e 32 anos, 34.6%; há mais de 32 anos, 28.4%). Pelo contrário, a percentagem de respostas entre os que vivem há 12 anos ou menos, relativamente à opção razoável, é menor (44.0%) do que a que se observa entre os que residem no local há um período de tempo entre os 13 e os 32 anos (54.6%) ou há mais de 32 anos (62.0%).

Tabela 8. 115 – Satisfação com a vida e tempo de residência no concelho de Loulé

		Tempo de residência no concelho de Loulé			Total	Teste
		Há 12 anos ou menos	Entre 13 e 32 anos	Há mais de 32 anos		
Nada / Pouco	n	27	47	43	117	$\chi^2_{24} = 17.687$ p = 0.001
	%	16.3	10.8	9.6	11.2	
Razoavelmente	n	73	238	277	588	
	%	44.0	54.6	62.0	56.1	
Muito / Totalmente	n	66	151	127	344	
	%	39.8	34.6	28.4	32.8	
Total	n	166	436	447	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 18.51.

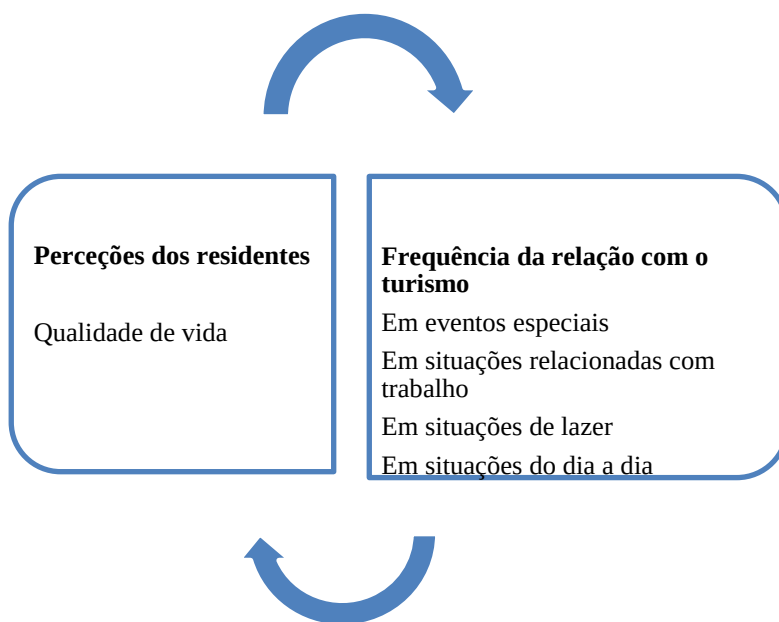
Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

8.2.3.4. Caracterização segundo o tipo e frequência da relação com o turismo

Considerou-se também pertinente a análise das relações existentes entre a percepção da qualidade de vida e a frequência e tipo de contacto com o turismo. Neste caso procedeu-se ao agrupamento das respostas dos inquiridos, associando, conforme o caso e em cada questão, as respostas reveladoras de percepções de concordância, indiferença ou discordância, de felicidade ou infelicidade, de satisfação ou insatisfação.

De forma idêntica ao que se fez para os cruzamentos apresentados anteriormente, na figura 8.56 mostram-se as relações estatisticamente significativas analisadas.¹¹⁰

Figura 8.56 – Cruzamento da percepção dos residentes sobre a qualidade de vida com a sua relação com o turismo



Fonte: Elaboração própria

¹¹⁰ A indicação de todos os cruzamentos efetuados é apresentada no apêndice 12.

“Qualidade de vida atual” versus frequência e tipo de contacto com o turismo

A análise da tabela 8.116 permite constatar que, dos inquiridos que referem contactar com frequência com os turistas, 48.3% consideram a sua vida razoável e 44.9% considera-a boa ou muito boa. As percentagens de resposta mais elevadas verificam-se entre aqueles que classificam a sua qualidade de vida como razoável e referem nunca contactar com os turistas (63.4%), seguidos dos que constatarem esporadicamente (59.1%). Entre os residentes que contactam frequentemente com os turistas em eventos especiais, 44.9% classificam a sua qualidade de vida como Boa/Muito boa. Este aspeto revela que o contacto com o turismo deve ter influência nesta área.

Tabela 8.116 – Qualidade de vida atual e frequência de contacto com turistas em eventos especiais

		Frequência de contacto com turistas em eventos especiais			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Muito Má / Má	n	26	35	8	69	$\chi^2_{24} = 26.848$ $p = 0.000$
	%	12.2	4.9	6.8	6.6	
Razoável	n	135	424	57	616	
	%	63.4	59.1	48.3	58.7	
Boa / Muito Boa	n	52	259	53	364	
	%	24.4	36.1	44.9	34.7	
Total	n	213	718	118	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 7.76.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A observação da tabela 8.117 permite verificar que a perceção dos inquiridos sobre a sua qualidade de vida associada à frequência de contacto com os turistas em situações de lazer se posiciona maioritariamente na opção razoável. Relativamente aos que nunca contactam com os turistas, 65.3% dos inquiridos escolhem esta resposta enquanto entre os que contactam esporadicamente se observam 56.8% de respostas. No grupo dos que contactam frequentemente com os turistas, 55.2% afirmam que a sua qualidade de vida é razoável.

Do grupo dos inquiridos que refere que a sua qualidade de vida é “Boa/Muito boa” constata-se a situação inversa, ou seja 39.9% dos residentes que contactam com frequência com os turistas afirmam que a sua qualidade de vida é Boa/Muito boa. Parece haver uma correspondência entre a frequência de contacto com os turistas em situações de lazer e a percepção de uma melhor qualidade de vida.

Tabela 8.117 - Qualidade de vida atual e frequência de contacto com turistas em situações de lazer

		Frequência de contacto com turistas em situações de lazer			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Muito Má / Má	n	26	36	7	69	$\chi^2_{24} = 18.648$ $p = 0.001$
	%	9.9	5.6	4.9	6.6	
Razoável	n	171	366	79	616	
	%	65.3	56.8	55.2	58.7	
Boa / Muito Boa	n	65	242	57	364	
	%	24.8	37.6	39.9	34.7	
Total	n	262	644	143	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 9.41.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

À semelhança do descrito acima, também no que respeita à frequência de contacto dos residentes com os turistas, em situações do dia-a-dia (tabela 8.118), se pode constatar, pela análise da tabela 8.118, que 38.3% contactam com frequência com dos residentes que contactam com frequência com os turistas classificam a sua vida como boa ou muito boa. No grupo que afirma contactar esporadicamente, 36.0% reconhecem a sua qualidade de vida como Boa/Muito boa e entre os que afirmam nunca contactar com os turistas, 24.9% também o reconhecem. São precisamente estes indivíduos que escolhem, com maior expressão, a opção razoável, para classificar a sua qualidade de vida. (64.9%).

Tabela 8.118 - Qualidade de vida atual e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia

		Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Muito Má / Má	n	19	35	15	69	$\chi^2_{24} = 12.920$ $p = 0.012$
	%	10.3	6.1	5.2	6.6	
Razoável	n	120	334	162	616	
	%	64.9	57.9	56.4	58.7	
Boa / Muito Boa	n	46	208	110	364	
	%	24.9	36.0	38.3	34.7	
Total	n	185	577	287	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 12.17.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Qualidade de vida na zona de residência” versus frequência e tipo de contacto com o turismo

A qualidade de vida na zona de residência é avaliada como “Boa /Muito boa” por 46.6 % de residentes que contactam com frequência com os turistas, por 36.9% dos que contactam esporadicamente e por 22.1% dos que nunca o fazem nestas ocasiões (tabela 8.119). Dos residentes que nunca contactam com os turistas em eventos especiais, 66.2% classificam a qualidade de vida da zona de residência como razoável. Percentagem mais baixa apresenta o grupo dos residentes que afirma contactar esporadicamente com os turistas em eventos especiais (56.4%) e apenas 40.7% dos que contactam com frequência com turistas nestas circunstâncias, escolhem esta opção. É de realçar que, de entre os residentes que admitem contactar com os turistas com frequência, são mais os que classificam a qualidade de vida na zona de residência como boa ou muito boa (46.6%) do que os que referem que é razoável (40.7%) ou muito má/má (12.7%).

Tabela 8.119 - Qualidade de vida na sua zona de residência e frequência de contacto com turistas em eventos especiais

		Frequência de contacto com turistas em eventos especiais			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Muito Má / Má	n	25	48	15	88	$\chi^2_{24} = 32.190$ $p = 0.000$
	%	11.7	6.7	12.7	8.4	
Razoável	n	141	405	48	594	
	%	66.2	56.4	40.7	56.6	
Boa / Muito Boa	n	47	265	55	367	
	%	22.1	36.9	46.6	35.0	
Total	n	213	718	118	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 9.90.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

O cruzamento da frequência de contacto com os turistas em situações de trabalho com a avaliação da qualidade de vida na zona de residência (tabela 8.120) permite verificar que 56.6 % dos inquiridos revelam considerar razoável a qualidade de vida na zona de residência (tabela 8.120). Pode observar-se uma maior percentagem de respostas associadas a residentes com um maior contacto com os turistas (41.4%, contactam com frequência). Registam-se menores valores para os inquiridos que contactam esporadicamente (35.3 %) e para os que nunca contactam com o turismo (29.8%).

Tabela 8.120 - Qualidade de vida na sua zona de residência e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho

		Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Muito Má / Má	n	20	42	25	87	$\chi^2_{24} = 16.132$ $p = 0.003$
	%	5.8	9.4	10.0	8.4	
Razoável	n	220	246	122	588	
	%	64.3	55.3	48.6	56.6	
Boa / Muito Boa	n	102	157	104	363	
	%	29.8	35.3	41.4	35.0	
Total	n	342	445	251	1038	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 21.04.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente à frequência de contacto com turistas em situações de lazer, pode-se verificar (tabela 8.121) que o contacto mais frequente está associado a melhores apreciações da qualidade de vida na zona de residência (45.5% dos inquiridos com contacto frequente; 37.7% com contacto esporádico; 22.5% com ausência de contacto) e, para a opção razoável, verifica-se que quanto menor é o contacto com os turistas em situações de lazer maior é a percentagem de resposta (69.1% na ausência de contacto; 53.7 contactos esporádicos e 46.9 contactos frequentes). Estes dados podem revelar a influência das situações de lazer com contacto com os turistas relativamente ao aumento da percepção positiva da qualidade de vida.

Tabela 8.121 - Qualidade de vida na zona de residência e frequência de contacto com turistas em situações de lazer

		Frequência de contacto com turistas em situações de lazer			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Muito Má / Má	n	22	55	11	88	$\chi^2_{24} = 28.157$ $p = 0.000$
	%	8.4	8.5	7.7	8.4	
Razoável	n	181	346	67	594	
	%	69.1	53.7	46.9	56.6	
Boa / Muito Boa	n	59	243	65	367	
	%	22.5	37.7	45.5	35.0	
Total	n	262	644	143	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 12.00.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A análise da qualidade de vida da zona de residência, tendo em conta a frequência de contacto em situações do dia-a-dia (tabela 8.122), apresenta também a maior percentagem de resposta entre os inquiridos para a opção Boa/Muito boa associada a maiores percentagens de contacto (39.4% com frequência; 37.3% esporadicamente; 21.1% nunca). À semelhança dos cruzamentos anteriores, a maioria dos residentes que menos contacta com o turismo tende a classificar como razoável a qualidade de vida da zona de residência (69.7 % para os que nunca contactam; 55.3 % para os que contactam esporadicamente e 50.9 % de respostas para os que dizem contactar com frequência).

Tabela 8.122 - Qualidade de vida na sua zona de residência e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia

		Indique com que frequência contacta com turistas em situações do dia-a-dia?			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Muito Má / Má	n	17	43	28	88	$\chi^2_{24} = 21.512$ $p = 0.000$
	%	9.2	7.5	9.8	8.4	
Razoável	n	129	319	146	594	
	%	69.7	55.3	50.9	56.6	
Boa / Muito Boa	n	39	215	113	367	
	%	21.1	37.3	39.4	35.0	
Total	n	185	577	287	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 15.52.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Felicidade” versus frequência e tipo de contacto com o turismo

A observação da tabela 8.123 permite constatar que 56.8% dos inquiridos referem que se sentem razoavelmente felizes. Dos residentes que afirmam nunca contactar com turistas em eventos especiais 64.8% afirmam-se razoavelmente felizes e entre os que contactam esporadicamente, 57.0% também o assumem. Entre os inquiridos que contactam com frequência com os turistas, 41.5% admitem sentir-se razoavelmente felizes. Parece haver uma associação entre a frequência de contacto com turistas em eventos especiais e o maior nível de felicidade.

Tabela 8.123 – Felicidade e frequência de contacto com turistas em eventos especiais

		Frequência de contacto com turistas em eventos especiais			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Nada / Pouco	n	23	46	8	77	$\chi^2_{24} = 27.774$ $p = 0.000$
	%	10.8	6.4	6.8	7.3	
Razoavelmente	n	138	409	49	596	
	%	64.8	57.0	41.5	56.8	
Muito / Totalmente	n	52	263	61	376	
	%	24.4	36.6	51.7	35.8	
Total	n	213	718	118	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 8.66.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

O cruzamento dos dados relativos ao contacto dos residentes com turistas em situações relacionadas com trabalho e a felicidade (tabela 8.124) permite verificar que para os inquiridos que se sentem muito ou totalmente felizes com a sua vida há uma relação direta entre o aumento da frequência de contacto e a maior percentagem de indivíduos que assim classifica a sua felicidade.

Tabela 8.124 - Felicidade e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho

		Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Nada / Pouco	n	28	33	15	76	$\chi^2_{24} = 21.599$ $p = 0.000$
	%	8.2	7.4	6.0	7.3	
Razoavelmente	n	221	246	122	589	
	%	64.6	55.3	48.6	56.7	
Muito / Totalmente	n	93	166	114	373	
	%	27.2	37.3	45.4	35.9	
Total	n	342	445	251	1038	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 18.38.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A situação descrita acima verifica-se também relativamente à frequência de contacto com turistas em situações de lazer (tabela 8.125), isto é, a percentagem de respostas para a opção muito ou totalmente feliz aumenta em função do aumento da frequência de contacto. Com efeito, entre os residentes que contactam frequentemente com turistas esta é a opção que apresenta uma maior percentagem (54.5%) enquanto para os dois outros grupos a primeira escolha é a classificação da qualidade de vida como razoável.

Tabela 8.125 – Felicidade e frequência de contacto com turistas em situações de lazer

		Frequência de contacto com turistas em situações de lazer			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Nada / Pouco	n	29	39	9	77	$\chi^2_{24} = 36.863$ $p = 0.000$
	%	11.1	6.1	6.3	7.3	
Razoavelmente	n	164	376	56	596	
	%	62.6	58.4	39.2	56.8	
Muito / Totalmente	n	69	229	78	376	
	%	26.3	35.6	54.5	35.8	
Total	n	262	644	143	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 10.50.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

A tabela 8.126 permite visualizar a associação entre a felicidade expressa pelos indivíduos e a frequência de contacto com os turistas em situações do dia-a-dia. As percentagens de resposta dos inquiridos que respondem ser nada ou pouco felizes ou que se consideram razoavelmente felizes diminui com o aumento da frequência de contacto com os turistas. Pelo contrário, as percentagens de resposta dos residentes que referem ser muito ou totalmente felizes aumentam com a frequência de contacto no dia-a-dia com os turistas. Estes dados revelam que quanto maior é a frequência de contacto com os turistas no dia-a-dia maior o nível de felicidade percebida. Para haver uma valorização, por parte dos residentes, do contacto com os turistas no dia-a-dia.

Tabela 8.126 - Felicidade e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia

		Indique com que frequência contacta com turistas em situações do dia-a-dia?			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Nada / Pouco	n	25	37	15	77	$\chi^2_{24} = 28.316$ $p = 0.039$
	%	13.5	6.4	5.2	7.3	
Razoavelmente	n	118	330	148	596	
	%	63.8	57.2	51.6	56.8	
Muito / Totalmente	n	42	210	124	376	
	%	22.7	36.4	43.2	35.8	
Total	n	185	577	287	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 13.58.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

“Satisfação com a vida” *versus* frequência e tipo de contacto com o turismo

Relativamente à frequência de contacto com os turistas (tabela 8.127), dos inquiridos que referem contactar com frequência com turistas 50.8% estão razoavelmente satisfeitos com a sua vida, 38.1% consideram-se muito ou totalmente satisfeitos e 11.1% referem estar nada ou pouco satisfeitos. Dos inquiridos que referem contactar esporadicamente com os turistas, 54.9% referem estar razoavelmente satisfeitos com a vida, 35.1% afirmam estar muito ou totalmente satisfeitos e 10.0% reconhecem que estão nada ou pouco satisfeitos. Quanto aos residentes que referem nunca contactar com turistas, 62.9 % estão razoavelmente satisfeitos com a sua vida,

22.1% referem estar muito ou totalmente satisfeitos e 15.0% afirmam estar nada ou pouco satisfeitos. Percebe-se assim, pelos dados apresentados que os residentes que constata mais frequentemente com os turistas em eventos especiais tendem a considerar-se mais satisfeitos com a sua vida.

Tabela 8.127 – Satisfação com a vida e frequência de contacto com turistas em eventos especiais

		Frequência de contacto com turistas em eventos especiais			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Nada / Pouco	n	32	72	13	117	$\chi^2_{24} = 15.877$ $p = 0.003$
	%	15.0	10.0	11.0	11.2	
Razoavelmente	n	134	394	60	588	
	%	62.9	54.9	50.8	56.1	
Muito / Totalmente	n	47	252	45	344	
	%	22.1	35.1	38.1	32.8	
Total	n	213	718	118	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 13.16.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Quanto às situações de contacto relacionadas com trabalho (tabela 8.128), verifica-se que as percentagens de respostas entre os residentes que afirmam estar muito ou totalmente satisfeitos com a vida, aumenta com o aumento da frequência de contacto (os que nunca contactam, 28.4%; os que contactam esporadicamente, 33.5%; com frequência, 37.5%). Entre os residentes que respondem que estão razoavelmente satisfeitos com a vida, as percentagens de respostas são idênticas (56.4%; 57.8%; 52.6%).

Tabela 8.128 – Satisfação com a vida e frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho

		Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Nada / Pouco	n	52	39	25	116	$\chi^2_{24} = 12.166$ $p = 0.016$
	%	15.2	8.8	10.0	11.2	
Razoavelmente	n	193	257	132	582	
	%	56.4	57.8	52.6	56.1	
Muito / Totalmente	n	97	149	94	340	
	%	28.4	33.5	37.5	32.8	
Total	n	342	445	251	1038	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 28.05.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

Relativamente às situações relacionadas com lazer (tabela 8.129) verifica-se que, para a maior parte dos inquiridos que nunca contacta com turistas nestas situações (59.9%) sentem-se razoavelmente satisfeitos com a vida. Também é esta a opção de resposta mais frequente entre os que contactam esporadicamente com os turistas em situações de lazer (56.7%). Entre os residentes que contactam com frequência com os turistas nestas situações verifica-se 46.2% de respostas, percentagem mais próxima dos que se consideram “Muito/Totalmente” satisfeitos com a vida (44.8%).

Tabela 8.129 – Satisfação com a vida e frequência de contacto com turistas em situações de lazer

		Frequência de contacto com turistas em situações de lazer			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Nada / Pouco	n	41	63	13	117	$\chi^2(4) = 4.443$ p = 0.108
	%	15.6	9.8	9.1	11.2	
Razoavelmente	n	157	365	66	588	
	%	59.9	56.7	46.2	56.1	
Muito / Totalmente	n	64	216	64	344	
	%	24.4	33.5	44.8	32.8	
Total	n	262	644	143	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	
0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 15.95.						

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

À semelhança do descrito anteriormente, também para as situações de contacto com os turistas no dia-a-dia (tabela 8.130), a percentagem de residentes que afirmam estar muito ou totalmente satisfeitos com a sua vida aumenta com o aumento da frequência de contacto. Esta percentagem diminui para os casos em que os inquiridos referem estar razoavelmente satisfeitos com a vida e nada ou pouco satisfeitos com a mesma.

Tabela 8.130 – Satisfação com a vida e frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia

		Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia			Total	Teste
		Nunca	Esporadicamente	Com frequência		
Nada / Pouco	n	36	57	24	117	$\chi^2_{24} = 10.115$ $p = 0.039$
	%	19.5	9.9	8.4	11.2	
Razoavelmente	n	108	329	151	588	
	%	58.4	57.0	52.6	56.1	
Muito / Totalmente	n	41	191	112	344	
	%	22.2	33.1	39.0	32.8	
Total	n	185	577	287	1049	
	%	100.0	100.0	100.0	100.0	

0 células (0.0%) obtiveram valores esperados inferiores a 5. O valor mínimo esperado é 20.63.

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SPSS

8.2.3.5. Discussão dos principais resultados relativos à percepção da qualidade de vida

Percepção global da qualidade de vida

Relativamente à análise da **percepção da qualidade de vida** destacam-se os principais aspetos resultantes da análise de dados, que permitem perceber as diferenças associadas à sua percepção global, à felicidade e à satisfação com a vida e aos diferentes domínios do bem-estar associados a estes constructos. Em grande medida os resultados obtidos vêm coincidir com os encontrados na literatura na área da qualidade de vida (e.g. Andereck, 1995; Andereck, 2011; Cummins, 1997; Sirgy, 2002; Vickerman, 1980;)

No que diz respeito à **percepção global da qualidade de vida**, a investigação permitiu verificar que as apreciações dos residentes se situam claramente, na sua maioria, no nível razoável, mas que são em número considerável as respostas em que é reconhecida pelos inquiridos a qualidade de vida como boa ou muito boa. Relativamente aos itens estudados, constatou-se que, entre os inquiridos que classificam como razoável a qualidade de vida, a maior percentagem de resposta se verifica

relativamente à qualidade de vida dos vizinhos, a que se segue a qualidade de vida dos colegas e da família e, só depois, a qualidade de vida pessoal atual. Os resultados revelaram que, apesar de haver percentagens muito baixas de respostas nos níveis correspondentes à classificação da qualidade de vida como muito boa e muito má, os valores mais elevados, em ambos os casos, são os que se referem à qualidade de vida no Algarve. O estudo permite ainda constatar que, tal como ocorre para o caso descrito anteriormente sobre a classificação da qualidade de vida como razoável, também relativamente às classificações de boa ou má, a qualidade de vida pessoal atual é classificada em quarto lugar. As principais percentagens, no primeiro caso, dizem respeito à qualidade de vida dos amigos, da família e colegas e, no segundo caso, à qualidade de vida no Algarve, na zona de residência e dos vizinhos. Os estudos na área da qualidade de vida reconhecem que os indivíduos, ao avaliarem a sua qualidade de vida atual, o fazem por comparação com a sua situação passada e em relação aos vizinhos, familiares e pessoas próximas de si (e.g. Constanza, 2007; Lyumbomirsky, 2001; Sheldon, 2004; Sirgy et al., 1995). Os dados do presente estudo vêm reforçar esta tendência e revelam que o nível de exigência em relação à qualidade de vida pessoal atual parece ser grande.

A caracterização efetuada no estudo sobre a qualidade de vida, tendo em conta a **região natural**, permitiu verificar que, no que respeita à **perceção global da qualidade de vida**, os residentes do Barrocal são os que percebem mais positivamente a qualidade de vida relativamente a todos os aspetos considerados. A Serra, pelo contrário, é a região onde os residentes revelam percentagem mais baixas de resposta em relação à apreciação positiva. Considera-se que, provavelmente, nas suas respostas, os inquiridos das zonas do interior valorizam mais a possibilidade de viver em zonas mais movimentadas com acesso mais fácil a bens e serviços e os residentes das zonas mais desenvolvidas turisticamente não valorizam da mesma forma essas comodidades porque as possuem no quotidiano e, eventualmente, porque anseiam por um ambiente mais calmo para a sua vida quotidiana.

Estas evidências podem, eventualmente, ser explicadas pelo facto de, no Litoral, existir uma maior densidade humana, um estilo de vida mais citadino e maior pressão turística, o que leva a que as pessoas sintam maior tensão no seu dia-a-dia e, por isso, classifiquem a sua vida e a daqueles com quem se relacionam com um grau de

qualidade menor do que os residentes do Barrocal. Pelo contrário, os residentes da Serra têm em conta, provavelmente, na avaliação da sua qualidade de vida global, fatores marcantes desta região, comparativamente com as outras regiões, tais como o isolamento, as condições de vida em alguns casos precárias, as inexistentes infraestruturas ou ainda a dificuldade sentida ao nível das oportunidades de emprego e da fixação populacional.

No que concerne à **perceção global da felicidade** os residentes do Litoral são os que se manifestam mais felizes, seguidos dos indivíduos que residem no Barrocal e, por fim, dos residentes da Serra. O estudo revelou que, quanto à **satisfação com a vida**, se verifica de novo uma maior satisfação entre os residentes no Litoral, seguidos dos do Barrocal e dos da Serra. Contudo, enquanto, para as duas primeiras regiões, o nível de felicidade é maior do que o nível de satisfação com a vida, para o caso dos residentes da Serra, ocorre o oposto. Os inquiridos da Serra revelam-se mais satisfeitos com a vida do que felizes. Este facto pode ser resultado de fenómenos como o êxodo rural ou a emigração que originam o despovoamento da Serra e o isolamento dos que continuam a viver na zona. Como a felicidade está associada à componente emocional da qualidade de vida, é natural que o nível de felicidade seja inferior ao registado em relação à satisfação com a vida.

Estas diferenças entre as duas primeiras regiões e a terceira, revelam a maior proximidade entre o Litoral e o Barrocal, quer em termos geográficos quer, principalmente, no que respeita à forma como os indivíduos percecionam a sua qualidade de vida tendo em conta estas duas dimensões (felicidade e satisfação com a vida).

Relativamente às **percepções globais dos domínios do bem-estar** os resultados do estudo mostram que, no que diz respeito ao bem-estar material e comunitário, são os residentes do Barrocal que apresentam as maiores percentagens de resposta indicando a perspetiva positiva. No que respeita ao bem-estar emocional, na saúde e na segurança, são os residentes do Litoral que se pronunciam mais favoravelmente. Em todos os casos observam-se percentagens inferiores por parte dos residentes da Serra.

Perceção global da satisfação com a vida

No que respeita à percepção global da satisfação com a vida a maioria dos inquiridos revela sentir-se muito ou totalmente satisfeitos com a sua vida e uma percentagem elevada de residentes afirmam estar razoavelmente satisfeitos. Efetivamente são poucos os residentes que se reconhecem nada ou pouco satisfeitos. Associados a este constructo, o estudo teve em consideração a percepção do bem-estar dos inquiridos relativamente a vários domínios do bem-estar (material, saúde e segurança).

Perceção global do bem-estar material

Os resultados sobre a **perceção do bem-estar material, a nível pessoal** permitiu verificar que o aspeto mais valorizado pelos residentes, em todas as regiões, é a casa onde residem e que o aspeto menos positivo se relaciona, também nas três regiões naturais, com o rendimento. Outro resultado relevante é o facto de ser na região da Serra que os residentes percebem mais positivamente as condições de trabalho e a casa onde vivem. Em relação aos outros itens considerados no estudo os inquiridos da região do Barrocal são os que apresentam uma perspectiva mais positiva. Este facto pode estar associado à posse de casa mas também de terras, característica marcante no Barrocal e menos frequente entre os indivíduos que residem no Litoral na atualidade.

Quanto à **perceção do bem-estar material na zona de residência** foi possível constatar que, mais uma vez, é a região do Barrocal que apresenta as percentagens mais elevadas de resposta, exceto para o item respeitante aos estabelecimentos de ensino disponíveis, em que o Litoral se sobrepõe. A este facto não será certamente alheia a situação geográfica das freguesias urbanas do concelho de Loulé que, situando-se no Barrocal, e possuindo um maior número de habitantes, acabam por enfatizar estas

discrepâncias entre as três regiões. Neste contexto do bem-estar material na zona de residência, as acessibilidades merecem uma preponderância grande, por parte dos inquiridos do Litoral e do Barrocal. De facto, o investimento público nos últimos anos tem vindo a beneficiar as populações do interior uma vez que eram, até há pouco tempo, desfavorecidas em termos de acessibilidades e saneamento básico. Na região da Serra o fator que reúne maiores percentagens de resposta é o relativo aos estabelecimentos de ensino disponíveis.

Quanto à **perceção global do bem-estar material**, por parte dos residentes, é evidente a classificação do seu bem-estar como positivo, particularmente no nível razoável, embora de forma evidente também no nível bom/muito bom. A incidência das respostas dos inquiridos nestes dois níveis revela uma perceção mais positiva e mais acentuada do que a relativa à perceção global da satisfação com a vida, o que demonstra que o bem-estar material assume uma grande importância para os residentes.

A investigação permitiu também tirar conclusões relativamente à satisfação sobre o **bem-estar material a nível pessoal**. A este propósito os residentes evidenciam uma satisfação generalizada, destacando-se como aspetos em relação aos quais os indivíduos se apresentam como particularmente satisfeitos, os relativos à casa onde habitam, aos bens que possuem, aos serviços a que acedem e às condições de trabalho. As situações que dizem respeito às perspetivas de progressão no trabalho, ao rendimento e à estabilidade económica são as que apresentam uma maior proximidade de respostas associadas à satisfação e à insatisfação. No que diz respeito à perceção do **bem-estar material na zona de residência**, as diferenças entre os graus de satisfação e insatisfação não são tão notórias como em termos pessoais mas verifica-se que a satisfação é claramente predominante e que os aspetos mais valorizados são os relacionados com o saneamento, os serviços privados, os estabelecimentos de ensino disponíveis e as acessibilidades. A insatisfação, neste contexto, manifesta-se, em particular, em relação ao desenvolvimento económico e ao investimento público e privado na zona.

Percepção global do bem-estar na saúde

Os resultados da presente investigação relativamente ao **bem-estar na saúde a nível global** revelaram que a maioria dos residentes perceciona positivamente a sua saúde e que poucos a classificam como má ou muito má. No que respeita aos resultados obtidos, a partir da análise efetuada, sobre a **percepção do bem-estar ao nível da saúde em termos pessoais**, destaca-se a importância atribuída, pelos residentes do Barrocal, à sua saúde pessoal e à saúde da família. Os inquiridos da Serra revelam igual percentagem de resposta relativamente à sua saúde enquanto os residentes do Litoral apresentam a maior percentagem de resposta no que respeita à saúde da família. Relativamente ao sistema de saúde a que se acede, são os residentes da Serra que revelam uma apreciação positiva mais acentuada. Nas três regiões há uma clara valorização da saúde pessoal e da família e uma menor percepção positiva dos residentes em relação aos serviços a que acedem e ao sistema de saúde que possuem.

No que respeita ao **bem-estar na saúde** em relação à zona de **residência**, o estudo permitiu perceber que os inquiridos se encontram maioritariamente insatisfeitos em relação aos serviços públicos de saúde e satisfeitos em relação aos serviços privados nesta área.

Os resultados relativos ao **bem-estar na saúde na zona de residência** revelam que os residentes do Litoral e do Barrocal respondem de forma muito idêntica e os residentes da Serra percecionam melhor os serviços de saúde públicos do que os primeiros. Em todas as regiões os serviços públicos são percecionados menos positivamente do que os serviços privados. Esta diferença pode dever-se ao facto de existirem delegações do centro de saúde nas várias localidades situadas no interior e, uma vez que existem menos habitantes nestas zonas, o acesso aos cuidados médicos e de enfermagem são mais fáceis do que no Litoral e nos centros urbanos de grande dimensão. Esta situação deve-se ainda, provavelmente, ao facto de, na Serra do concelho de Loulé, praticamente não existir oferta de serviços privados de saúde, ao contrário do que acontece no Litoral e em parte do Barrocal, sendo que os residentes do interior, para recorrerem a serviços privados, têm que sair da sua zona de residência.

Percepção global do bem-estar na segurança

A análise da **percepção global do bem-estar ao nível da segurança** permitiu concluir que a maioria dos inquiridos também o classifica como razoável. No entanto, contrariamente ao que ocorre para os dois domínios do bem-estar apresentados anteriormente, a diferença entre os que consideram bom ou muito bom o seu bem-estar e os que o consideram muito mau ou mau, não é muito grande. Em **termos pessoais**, os residentes mostram-se satisfeitos em relação à sua segurança pessoal, da família e da casa onde vivem. Relativamente à segurança na **zona de residência**, o aspeto em que os inquiridos se manifestam, de forma notória, nada ou pouco satisfeitos é o que respeita ao controle das atividades ilícitas. De qualquer forma, para todos os casos, as percentagens mais elevadas de resposta situam-se nos níveis satisfeito e pouco satisfeito, revelando que, efetivamente, existe algum desconforto em relação à segurança, o que vem corroborar o que os estudos sobre os impactos do turismo tendem a apresentar relativamente ao reconhecimento ao crescimento das atividades ilícitas nos destinos turísticos (e.g. Andereck et al., 2005; 2007; Jurowsky e Gursoy, 2004).

A investigação permitiu verificar também que, no que respeita à percepção do **bem-estar na segurança em termos pessoais**, há uma clara percepção menos positiva entre os residentes da Serra, em particular no que respeita à segurança pessoal e da casa. As percepções entre os residentes do Litoral e do Barrocal são muito semelhantes mas constata-se que a percepção sobre a segurança em casa é mais reduzida no Barrocal. No que se refere ao **bem-estar na segurança ao nível da zona de residência** a satisfação mais elevada manifestada pelos residentes foi a que se observou entre os inquiridos da Serra, relativamente à tolerância em relação à presença de turistas e a residentes estrangeiros. Estes aspetos são também os que mais percentagem de resposta apresentam entre os residentes no Barrocal, enquanto no Litoral apenas o primeiro apresenta percentagem elevada de respostas e a segunda opção escolhida é a referente aos serviços privados. A este facto não será certamente alheia a circunstância de viverem nas zonas do interior do concelho muitos indivíduos estrangeiros e dos residentes contactarem quotidianamente com eles, criando laços mais fortes. As percentagens mais baixas para todas as regiões são as relativas ao controle de atividades ilícitas.

Percepção global da felicidade

O estudo da **felicidade global** foi outro dos aspetos considerados na investigação. Neste domínio, verifica-se que os residentes, na sua maioria, se consideram razoavelmente felizes o que, dada a natureza volátil da felicidade, é facilmente compreensível (e.g. Constanza, 2007; Diener e Fugita, 1995; Lyumbormisky, 2001). No entanto, uma percentagem significativa de inquiridos afirma ser muito feliz. Associados a este constructo da felicidade englobam-se os domínios do bem-estar emocional e comunitário. Ao nível da **percepção global do bem-estar comunitário**, a percentagem de residentes que se afirmam razoavelmente felizes é notória e verifica-se também uma considerável percentagem de residentes que reconhecem que o seu bem-estar comunitário é bom ou muito bom.

Percepção global do bem-estar comunitário

Ao efetuar a análise das respostas para itens específicos relativos ao **bem-estar comunitário**, foi possível perceber que a relação com os amigos é claramente o aspeto mais valorizado pelos indivíduos, associado ao seu reconhecimento da felicidade. Seguem-se fatores como o facto de viver na zona onde vive, as relações de trabalho, a pertença e identificação com a comunidade e a relação com os vizinhos. No que respeita aos aspetos mais enfatizados associados aos que consideram que o seu bem-estar comunitário é razoável, evidencia-se a participação política e associativa, a residência de estrangeiros na zona, a participação religiosa e a presença de turistas na zona (aspeto este que também é referido com percentagem de resposta semelhante, entre os residentes que se consideram felizes em termos comunitários).

A análise da **percepção do bem-estar comunitário** permite verificar que, em todas as regiões, as maiores percentagens de resposta se verificam relativamente à relação com os amigos, ao facto de viverem na zona onde vivem e pertencerem à comunidade a que pertencem. Observam-se, contudo, algumas diferenças entre as três regiões. A região do Litoral apresenta uma percentagem mais elevada de respostas do que as outras regiões apenas no que diz respeito às relações de trabalho e quanto à presença de turistas na zona. No caso do Barrocal os itens que diferenciam esta região das outras regiões, por apresentarem percentagens de resposta mais elevadas, são os que

se referem à relação com os amigos e com os vizinhos e o facto de viverem na zona. Os residentes da Serra apresentam uma maior percentagem de resposta na questão associada à identificação com a comunidade, seguindo-se a identificação e a pertença à comunidade e as participações religiosa, associativa e política. Estes dados revelam que o sentido comunitário está muito mais presente na região da Serra do que no Barrocal e que no Litoral é onde este sentimento é menos notório.

Perceção global do bem-estar emocional

No que respeita à **perceção global do bem-estar emocional**, verifica-se uma aproximação muito grande entre os residentes que o consideram razoável e os que o consideram bom ou muito bom, o que contrasta com os poucos residentes que afirmam que o seu bem-estar emocional é muito mau ou mau. A análise mais detalhada do bem-estar emocional permitiu observar os aspetos que os residentes mais têm em consideração na classificação deste tipo de bem-estar. Efetivamente, foi possível verificar que, de forma diferente do que ocorre em relação à componente cognitiva da qualidade de vida (bem-estar material, na saúde e na segurança) e também de forma diferente do que se apresentou em relação ao bem-estar comunitário, relativamente ao bem-estar emocional, a percentagem de respostas associadas ao sentimento de felicidade quanto à vida familiar e amorosa é muito mais elevada do que qualquer outra, o que revela a importância que estes dois aspetos têm na formação da felicidade. Em todos os outros aspetos estudados, a perceção positiva apresenta-se, neste caso, com percentagens maiores de resposta do que a opção de neutralidade ou a afirmação da infelicidade. Os resultados do estudo vêm corroborar os que são apresentados na literatura como fatores determinantes da felicidade global (p. ex. Seligman, 2000; Cummins, 2007).

Relativamente ao grau de felicidade associado à **perceção do bem-estar emocional**, foi possível verificar que os residentes nas três regiões naturais apresentam percentagens mais elevadas de resposta relativamente à vida familiar. No caso do Litoral e da Serra, a vida amorosa surge como a segunda opção mais referenciada pelos residentes. Entre os inquiridos que residem na Serra, é a formação/educação que ocupa

esse lugar. A questão que recolhe menos percentagem de respostas em todas as regiões é a que se relaciona com a estabilidade no trabalho. Provavelmente este facto reflete o estilo de vida dos indivíduos. Efetivamente, no Barrocal, existem ainda muitas famílias alargadas a viver no mesmo local; no Litoral, as famílias nucleares são mais frequentes e na Serra há um afastamento de algumas das famílias devido ao facto de os mais novos procurarem melhores condições de vida e de emprego nos centros urbanos ou no Litoral.

Perceção global dos diferentes tipos de bem-estar

A comparação das **apreciações globais dos diferentes tipos de bem-estar** revela que, efetivamente, o bem-estar material apresenta a percentagem mais elevada de respostas como predominantemente razoável, sendo seguido de perto pelo bem-estar comunitário que apresenta, contudo, uma percentagem mais elevada de residentes a reconhecerem-no como bom ou muito bom. O bem-estar na saúde é o que surge com a percentagem seguinte de respostas associadas à opção razoável. Por fim, o bem-estar na saúde destaca-se com uma maior percentagem de respostas associadas à classificação de bom ou muito bom e o bem-estar emocional também apresenta, embora com pouca diferença, mais respostas de inquiridos que o consideram bom ou muito bom do que aquelas que revelam que o consideram razoável.

Características sociodemográficas e perceção

O estudo permitiu ainda perceber a associação entre as **características sociodemográficas** dos residentes e a sua **perceção da qualidade de vida**. Assim, relativamente ao **escalão etário**, pode-se constatar que a maioria dos inquiridos mais jovens classificam a sua qualidade de vida atual como boa ou muito boa enquanto entre os mais velhos, são os residentes com idades compreendidas entre os 55 e os 64 anos os que o referem com maior evidência. A percentagem diminui drasticamente para os residentes com 65 anos ou mais.

No que respeita ao **estado civil** é possível verificar que, em termos gerais, os residentes consideram a sua qualidade de vida razoável. No entanto, o estudo permite também concluir que são os divorciados ou separados que registam percentagens mais baixas de respostas, seguidos dos viúvos. Pelo contrário, os solteiros são os que assumem, de forma mais evidente, a sua qualidade de vida como boa ou muito boa e, em segundo lugar surgem os casados. Ao contrário dos estudos sobre a qualidade de vida, estes dados indicam que os indivíduos solteiros se sentem mais felizes que os casados. No entanto, em relação à menor percentagem de viúvos e de separados ou divorciados a considerarem boa ou muito boa a sua qualidade de vida, estes dados coincidem com os referidos na literatura (por exemplo Diener, 2001; Cummins, 1997).

Relativamente à **escolaridade**, foi possível perceber que, em todos os níveis de habilitações, exceto entre os residentes com habilitações superiores, a maioria dos inquiridos avalia a sua qualidade de vida como razoável. Entre os residentes que assumem que a sua qualidade de vida é boa ou muito boa observa-se, efetivamente, uma predominância das respostas dos que possuem ensino superior ou pós-graduado. O estudo realizado considerou também a relação entre a perceção da qualidade de vida e o rendimento do agregado familiar. A este propósito foi possível verificar que é entre os residentes que possuem rendimentos familiares mais elevados que se regista a maior percentagem de resposta em que é assumida uma qualidade de vida boa ou muito boa; no entanto, verifica-se que indivíduos com menores rendimentos também referenciam níveis de felicidade elevados.

Também no que respeita à associação entre a perceção da qualidade de vida e a **área de atividade** se verifica que a maior parte dos inquiridos classifica a sua qualidade de vida como razoável. Tendo em conta os inquiridos que trabalham no turismo ou no comércio são poucos os que consideram a sua qualidade de vida boa ou muito boa, provavelmente pelo estilo de vida que está associado a estas atividades (trabalho por turnos e em época de férias). Observa-se, pelo contrário, que entre os residentes que trabalham na segurança e noutros serviços, há um maior reconhecimento da sua qualidade de vida como boa ou muito boa. Também entre os residentes que trabalham nos setores primário e secundário, a percentagem dos que escolhem esta opção é maior do que a que se regista entre os residentes que trabalham no turismo e no comércio.

Tendo em consideração a **propriedade da habitação** e a sua relação com a percepção da qualidade de vida, os resultados demonstraram que a qualidade de vida é classificada como boa ou muito boa, preferencialmente pelos indivíduos que possuem casa própria ou partilhada e que é menos valorizada pelos que vivem em casa arrendada.

Os resultados coincidem com as conclusões de vários estudos referidos na revisão da literatura, que revelam existir associação entre a posse da casa e a avaliação positiva da qualidade de vida (por exemplo Cummins, 2007; Diener, 2001). Em relação à elevada percentagem de inquiridos que residem em casa partilhada e que afirmam que a sua qualidade de vida é boa ou muito boa, pode pensar-se na possibilidade de estar associada às situações de estudantes que partilham casa com os colegas, uma vez que se constatou anteriormente que há uma percentagem elevada de jovens que também reconhecem a sua qualidade de vida desta forma.

O **tempo de residência no concelho** revela-se também importante para explicar a percepção da qualidade de vida por parte dos residentes. Neste caso, observa-se que os residentes que melhor classificam a sua qualidade de vida são os que residem há um período de 13 a 32 anos no concelho e uma parte significativa dos que residem há 12 anos ou menos neste local também classificam desta forma a sua qualidade de vida. Os residentes que vivem há mais de 32 anos no concelho são os que apresentam a percentagem mais baixa de resposta no nível correspondente à classificação da qualidade de vida como boa ou muito boa. Os resultados podem levar a pensar na possibilidade de os residentes que vivem há mais anos no concelho experimentarem um sentimento de habituação relativamente à sua qualidade de vida, não se expressando de forma tão evidente quanto à sua avaliação. De uma forma global, a maioria dos residentes, independentemente do número de anos de residência no concelho, escolhem a opção razoável como a que melhor expressa a sua qualidade de vida.

A associação da **percepção da qualidade de vida na zona de residência** e as características sociodemográficas dos inquiridos revelou-se significativa no que respeita ao escalão etário e à escolaridade. Relativamente ao **escalão etário**, destaca-se que os inquiridos com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos são os que apresentam

maior percentagem de resposta para a classificação da qualidade de vida como boa ou muito boa. Pelo contrário, são os residentes pertencentes ao escalão etário dos 35 aos 44 anos que menos escolhem esta opção de resposta. As idades dos residentes que referem a sua qualidade de vida como muito má ou má situam-se entre os 25 e os 34 anos e entre os que possuem 65 anos ou mais.

Relativamente às **habilitações** dos residentes, apesar de, mais uma vez, a maioria considerar a sua qualidade de vida razoável, os inquiridos que possuem formação superior apresentam a mesma percentagem de respostas nas opções razoável e boa ou muito boa. Os residentes que possuem o ensino básico destacam-se relativamente à opção de classificação da qualidade de vida como boa ou muito boa pelo facto de apresentarem a percentagem mais baixa de resposta.

Grande parte dos inquiridos cujo **rendimento** médio do agregado familiar é elevado refere que a qualidade de vida na sua zona de residência é boa ou muito boa e os que possuem um rendimento médio também o referem. No entanto, é de realçar que os inquiridos sem rendimento também classificam desta forma a qualidade de vida na zona onde habitam, ao contrário dos que possuem um rendimento mensal familiar baixo. Estes dados permitem questionar a relação entre o rendimento e a avaliação da qualidade de vida na região, uma vez que existe uma grande discrepância de percentagens de respostas entre estes dois grupos e os valores mais elevados se verificam nos grupos opostos em termos de rendimento. Este aspeto merece uma análise mais detalhada em futuros estudos que permitam averiguar as razões de tal discrepância.

Os resultados da presente investigação revelam também que a **perceção global da felicidade** está associada a várias características sociodemográficas. De facto, no que respeita ao **escalão etário**, os dados permitiram concluir que são os mais jovens que se consideram mais felizes e que, nos escalões etários superiores se verifica a predominância da classificação da qualidade de vida como razoável. A percentagem dos que se consideram felizes ou muito felizes tende a diminuir com o aumento da idade.

Os estudos na área da felicidade suportam, em parte, os resultados deste estudo. De facto, a literatura (por exemplo Cummins, 1997) refere elevados níveis de felicidade associados aos mais jovens mas realça que a felicidade está diretamente associada às práticas quotidianas de convívio com amigos, familiares e vivência de momentos felizes (aspetos que não foram desenvolvidos neste estudo). O que ocorre é que, à medida que a idade avança, há tendência para um maior isolamento, associado ao aumento de preocupações e, entre os mais velhos a solidão, em muitos casos, tende a aumentar e, por isso, a felicidade a diminuir.

Quanto ao **estado civil**, tal como se descreveu relativamente à avaliação da qualidade de vida, são os residentes solteiros e em seguida os casados que se manifestam mais felizes. Outro aspeto a realçar dos dados obtidos no estudo é o que diz respeito ao divorciados ou separados que são os que menos reconhecem ser muito ou totalmente felizes e que mais se assumem como infelizes. Quanto aos viúvos, apesar de não haver uma identificação com a condição de felicidade, optam mais por considerar a sua vida razoável do que infeliz.

No que se refere à **escolaridade** dos indivíduos e à sua associação ao nível de escolaridade, o estudo permitiu verificar que, entre os residentes que se consideram muito ou totalmente felizes, são os que possuem mais habilitações os que se consideram mais felizes. Para esta opção, quanto mais habilitações os indivíduos possuem mais felizes se consideram. No entanto, entre os que se consideram razoavelmente felizes esta associação não se verifica da mesma forma. Constata-se que os inquiridos com o ensino básico apresentam a maior percentagem de respostas associadas à opção razoavelmente feliz, sendo seguidos pelos que não sabem ler nem escrever e pelos que possuem o ensino superior. Os residentes com ensino secundário ou profissional são os que menos escolhem esta opção. Acredita-se que estas diferenças que se constatarem possam estar relacionadas não só com a formação mas também com as atividades profissionais que essas habilitações proporcionam.

Quanto ao **rendimento mensal**, os resultados permitiram concluir que, por parte dos residentes, o reconhecimento de que são muito ou totalmente felizes aumenta com o

aumento do rendimento familiar, para todos os inquiridos, independentemente do nível de rendimento (exceto para os residentes que não possuem qualquer rendimento). Neste caso, observam-se percentagens mais elevadas de resposta por parte dos indivíduos que não possuem rendimento e afirmam que são muito ou totalmente felizes, do que entre os residentes que possuem rendimentos até aos 900€. Estes níveis de felicidade apresentados pelos indivíduos que não possuem rendimento pode levar a pensar que são outros os fatores que contribuem para a avaliação da felicidade e que também pode haver um erro associado ao que significa não ter rendimento, podendo, nalguns casos, ter sido confundido com ausência de ordenado, ignorando outras fontes de rendimento.

No que se refere à **propriedade da habitação**, os resultados indicam claramente que os inquiridos que vivem em casas arrendadas são os que se consideram menos felizes, admitindo a maioria que a sua felicidade se situa no nível razoável. Pelo contrário, observa-se que os inquiridos que vivem em casa própria com empréstimo e os que vivem em casa partilhada são os que se mostram mais felizes com a sua vida. Os residentes que possuem a propriedade da casa também se consideram felizes.

Relativamente ao **número de anos de residência no concelho**, o estudo conduziu à constatação de que, para a maioria dos inquiridos, apesar de a classificação da felicidade como razoável ser a que reúne uma maior percentagem de respostas, o reconhecimento da sua vida como muito ou totalmente feliz é também marcante para todos os inquiridos. No entanto, neste contexto, verifica-se que o nível de felicidade é maior entre os que vivem há menos anos no concelho e diminui à medida que aumenta o número de anos de residência no local. Parece, por isso, haver uma correspondência entre o menor número de anos de residência e uma valorização da felicidade, o que pode contradizer, em parte, as conclusões da literatura no que respeita à importância da identidade e do sentido de pertença associados a maior felicidade (e.g. Jurowski et al., 2007; Lyumbomirsky, 2001)

O estudo levado a efeito também explorou a relação entre a **perceção global da satisfação com a vida** e as características sociodemográficas dos residentes. Neste contexto, relativamente ao **escalão etário**, foi possível verificar que a maioria dos indivíduos com idades a partir dos 25 anos se sente razoavelmente satisfeitos com a sua vida. Apenas os inquiridos inseridos no escalão etário dos 18 aos 24 anos apresentam uma maior percentagem associada à classificação da sua satisfação com a vida como

boa ou muito boa, tendo, contudo, uma percentagem ligeiramente inferior no nível razoável. Em relação aos restantes escalões etários, observa-se que os residentes com idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos e que possuem mais de 65 anos são os que menos se assumem como muito ou totalmente satisfeitos. Este facto pode estar relacionado com a fase da vida em que as obrigações familiares são muitas e, grande parte das vezes, existem também grandes desafios profissionais ou dificuldades acrescidas.

No que respeita ao **estado civil**, observou-se que o sentimento de satisfação razoável com a vida é o escolhido pela maioria dos inquiridos. Quanto à classificação da satisfação com a vida no nível muito ou totalmente feliz é possível observar que são os solteiros que escolhem esta opção com maior evidência e que esta é menor entre os que são casados, menor ainda entre os divorciados ou separados e decresce drasticamente entre os viúvos. É relevante destacar ainda que são os residentes divorciados ou separados que apresentam uma maior percentagem de resposta associada ao reconhecimento da condição de nada ou pouco feliz.

A **escolaridade**, analisada na sua associação com a perceção da satisfação com a vida, revela-se determinante entre os indivíduos que assumem estar muito ou totalmente satisfeitos. Efetivamente, a percentagem de respostas aumenta à medida que aumenta a formação dos inquiridos. Entre os residentes que consideram a sua vida razoável destacam-se os que não sabem ler nem escrever. Os que possuem o ensino básico referem esta opção com grande evidência e os residentes com formação superior e pós graduada também revelam uma percentagem elevada de respostas neste item.

Relativamente ao **rendimento mensal médio do agregado familiar**, constata-se que, entre os residentes que se consideram muito ou totalmente satisfeitos com a vida, a satisfação aumenta com o aumento do rendimento. Tal como ocorreu no caso da análise da felicidade, apenas os residentes sem rendimento apresentam valores de resposta superiores aos dos residentes dos dois níveis seguintes de rendimento auferido. Este facto pode dever-se, como se referiu anteriormente, a uma perceção errada do que se entende por “sem rendimento” ou a valorização de outros aspetos, que não o rendimento, para a avaliação da satisfação com a vida.

No que respeita à **propriedade da casa**, observa-se, para todos os casos, exceto para os indivíduos que residem em casa partilhada, que a opção mais frequente de resposta é a relativa à satisfação razoável com a vida. Os que residem em casa partilhada apresentam como principal escolha a relativa à situação de muito ou totalmente satisfeitos. Tal como se verificou para o caso da felicidade, também os residentes que vivem em casa arrendada são os que menor percentagem de resposta apresentam para a opção de muito ou totalmente satisfeitos.

Quanto ao **número de anos de residência** e à sua relevância para a classificação da satisfação com a vida, observa-se que os que residem há menos tempo no concelho se mostram mais satisfeitos com a vida do que os restantes. O mesmo não acontece para os que classificam a sua satisfação com a vida como razoável. Neste caso a percentagem aumenta à medida que aumenta o número de anos de residência. Estes dados podem estar associados ao facto de os residentes há mais anos no concelho de Loulé se aperceberem mais intensamente das alterações no local de residência e, por isso, classificam menos bem a sua satisfação com a vida.

Perceção e frequência e tipo de contacto com os turistas

Outra análise efetuada nesta investigação foi a respeitante ao cruzamento entre a **perceção dos residentes sobre a qualidade de vida** e a **frequência e tipo de contacto com os turistas**.

Os resultados indicam que, dos inquiridos que reconhecem assumir a **frequência do contacto com os turistas em eventos especiais**, uma percentagem elevada admite ter uma qualidade de vida atual boa ou muito boa. No entanto, a maioria dos residentes refere que a sua qualidade de vida é razoável e, neste contexto, observa-se que a percentagem de respostas diminui à medida que aumenta a frequência de contacto com os turistas, o que pode levar a perceber que existe de facto uma influência entre este tipo de contacto e a avaliação da satisfação com a vida. Quanto ao contacto com turistas em **situações de lazer**, também se observa uma apreciação mais positiva da qualidade de vida entre os que contactam mais frequentemente com os turistas, o mesmo ocorrendo relativamente à **frequência de contacto no dia-a-dia**.

No que se refere à avaliação da **qualidade de vida na zona de residência**, constata-se que, quanto à **frequência de contacto em eventos especiais, situações relacionadas com trabalho, situações de lazer e do dia-a-dia**, os residentes afirmam, em todas as situações, com maior evidência, considerar a qualidade de vida razoável. Contudo, pode-se observar que, tendo em conta os inquiridos que afirmam que a qualidade de vida na zona de residência é boa ou muito boa, a percentagem de resposta é maior entre aqueles que mais contactam com o turismo e que este facto se verifica para todas as situações de contacto em estudo. Também entre os residentes que afirmam que a qualidade de vida na zona de residência é razoável se observam percentagens mais elevadas de resposta entre os que menos contactam com turistas e uma menor percentagem entre os que menos contactos têm.

Relativamente à análise da **felicidade** e das situações **frequência de contacto com os turistas em eventos especiais, situações relacionadas com trabalho, situações de lazer e do dia-a-dia**, foi possível observar que também entre os inquiridos que afirmam que a sua felicidade é razoável, a percentagem diminui à medida que o contacto com os turistas aumenta, para qualquer uma destas situações em análise. O contrário ocorre em relação aos que se reconhecem muito ou totalmente felizes. Neste caso as percentagens de resposta são mais elevadas entre aqueles que contactam mais frequentemente com o turismo. É ainda de realçar que, para os residentes que afirmam não ser felizes, a percentagem mais baixa de resposta é a registada por aqueles que contactam com frequência com o turismo.

Quanto a estudo da **satisfação com a vida** na sua relação com a **frequência e tipo de contacto com os turistas**, verifica-se exatamente a mesma tendência observada no estudo da felicidade neste contexto. Efetivamente, tanto relativamente ao contacto em **eventos especiais**, como no que respeita ao contacto em **situações de lazer, trabalho e do dia-a-dia**, verifica-se a associação entre o nível de satisfação com a vida manifestado pelos residentes e a frequência de contacto. Mais uma vez, tal como foi descrito anteriormente entre os que, a este propósito, referem ser nada ou pouco felizes, a menor percentagem de resposta é evidente entre os que afirmam contactar com frequência com o turismo. A percentagem de resposta dos inquiridos, associada à sua satisfação razoável com a vida, é maior entre os que nunca contactam e diminui à medida que o contacto aumenta. O inverso pode-se observar para os residentes que afirmam estar muito ou totalmente felizes com a vida. Nesta situação as maiores

percentagens de resposta estão associadas aos indivíduos que afirmam contactar mais com os turistas.

8.2.4. Estimação e avaliação do modelo

A avaliação do modelo de equações estruturais, estimado segundo a abordagem PLS-PM, realiza-se em dois momentos, como foi anteriormente referido. Primeiramente procede-se à análise do modelo de medida, ou *outer model* e, em seguida, à análise do modelo estrutural, o designado *inner model*. Assim, serão apresentadas, nesta sequência, as avaliações dos referidos modelos.

8.2.4.1. Avaliação do modelo de medida

Relativamente ao modelo de medida há que distinguir, como Hair et al. (2011) referem citando Henseler et al. (2009), os modelos de medida refletivos e formativos.

Na presente investigação, o modelo proposto é formado por duas partes: a perceção dos residentes sobre o impacto do turismo e a perceção dos residentes sobre a sua qualidade de vida. Como se referiu, a primeira parte do modelo é refletiva uma vez que se avaliam as consequências do desenvolvimento turístico na perceção dos residentes sobre o fenómeno e a segunda é formativa visto que se analisam as causas inerentes à apreciação da qualidade de vida por parte dos residentes e nas suas várias dimensões.

Passa-se a descrever, em seguida, os procedimentos para a avaliação do modelo de medida, apresentando primeiro o modelo refletivo e depois o modelo formativo.

Modelo de medida refletivo – perceção dos residentes sobre o impacto do turismo

A avaliação do modelo de medida refletivo implica uma análise da sua consistência interna, validade convergente e discriminante.

Para a avaliação da consistência interna do modelo de medida utilizam-se os *loadings* associados a cada indicador considerado e o coeficiente de consistência interna compósita (*composite reliability*) que permite perceber até que ponto as variáveis observadas representam de forma adequada a variável latente que estão a medir.

No presente estudo observa-se que cerca de 78% dos indicadores do modelo de medida refletivo apresentam *loadings* com valores superiores a 0.7 (ver tabela 8.131). Os restantes apresentam valores iguais ou superiores a 0.5, superando assim o mínimo aceitável. Os indicadores com *loadings* inferiores a 0.5, indicadores assinalados a cinza na tabela 8.131, foram retirados do modelo. Desta forma, obtém-se o novo modelo de medida que será o que se considera para a análise posterior, baseado nos valores dos indicadores e respetivos *loadings* apresentados na tabela 8.131.

Tabela 8.131 - Loadings finais do modelo após reestimação

Constructo		Indicadores	Loadings
Percepção global dos impactos do turismo (PGIT)		IGT1	1.000
Percepção global dos impactos económicos do turismo (PGIET)		IGET1	1.000
Percepção global dos impactos sociais do turismo (PGIST)		IGST1	1.000
Percepção global dos impactos culturais do turismo (PGICT)		IGCT1	1.000
Percepção global dos impactos ambientais do turismo (PGIAT)		IGAT1	1.000
Percepção dos impactos económicos do turismo	A nível pessoal	IETp1	0.960
		IETp2	0.957
	Na zona de residência	IETr1	0.895
		IETr2	0.919
		IETr3	0.589
		IETr4	0.478
Percepção dos impactos sociais do turismo	A nível pessoal	ISTp1	0.794
		ISTp2	0.522
		ISTp3	0.757
		ISTp4	0.796
		ISTp5	0.757
	Na zona de residência	ISTr1	0.771
		ISTr2	0.816
		ISTr3	0.826
		ISTr4	0.785
		ISTr5	0.698
		ISTr6	0.662
		ISTr7	0.622
		ISTr8	0.510
		ISTr9	0.638
		ISTr10	
Percepção dos impactos culturais do turismo	A nível pessoal	ICTp1	0.854
		ICTp2	0.763
		ICTp3	0.876
		ICTp4	0.711
	Na zona de residência	ICTr1	0.804
		ICTr2	0.777
		ICTr3	0.817
		ICTr4	0.727
		ICTr5	
		ICTr6	
Percepção dos impactos ambientais do turismo	A nível pessoal	ICTr7	0.717
		IATp1	
		IATp2	1.000
	Na zona de residência	IATp3	
		IATr1	0.824
		IATr2	0.935
		IATr3	
		IATr4	
		IATr5	

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SmartPLS 2.0 M3

Seguidamente, cada variável latente foi também submetida a uma análise de consistência interna, observando os coeficientes da consistência interna compósita. Como se pode observar na tabela 8.132, estes coeficientes são bastante elevados (acima de 0.8), o que indica uma muito boa consistência interna compósita.

Tabela 8.132 – Consistência interna das variáveis latentes

Variável latente	Consistência interna compósita
Percepção global dos impactos do turismo	1.000
Percepção global dos impactos económicos do turismo	1.000
Percepção global dos impactos sociais do turismo	1.000
Percepção global dos impactos culturais do turismo	1.000
Percepção global dos impactos ambientais do turismo	1.000
Percepção dos impactos económicos em termos pessoais	0.958
Percepção dos impactos económicos na zona de residência	0.823
Percepção dos impactos sociais em termos pessoais	0.850
Percepção dos impactos sociais na zona de residência	0.900
Percepção dos impactos culturais em termos pessoais	0.879
Percepção dos impactos culturais na zona de residência	0.879
Percepção dos impactos ambientais em termos pessoais	1.000
Percepção dos impactos ambientais na zona de residência	0.874

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SmartPLS 2.0 M3

Ainda no âmbito da análise do modelo de medida refletivo, segue-se a avaliação da validade convergente e da validade discriminante.

A Variância Média Extraída (AVE) das variáveis latentes foi usada, num primeiro momento, para aferir a validade convergente do modelo de medida. Neste caso, a AVE deve apresentar como valor mínimo para aceitação 0,5, como foi referido no ponto 7.4. Neste estudo, mais uma vez, verifica-se que os resultados obtidos para todas as variáveis relacionadas com a percepção dos impactos do turismo se situam acima desse valor, conforme a tabela 8.133.

Tabela 8.133 – Validade convergente das variáveis latentes (AVE)

Variável latente	AVE (Variância Média Extraída)
Percepção global dos impactos do turismo	1,000
Percepção global dos impactos económicos do turismo	1,000
Percepção global dos impactos sociais do turismo	1,000
Percepção global dos impactos culturais do turismo	1,000
Percepção global dos impactos ambientais do turismo	1,000
Percepção dos impactos económicos em termos pessoais	0,919
Percepção dos impactos económicos na zona de residência	0,555
Percepção dos impactos sociais em termos pessoais	0,536
Percepção dos impactos sociais na zona de residência	0,504
Percepção dos impactos culturais em termos pessoais	0,646
Percepção dos impactos culturais na zona de residência	0,592
Percepção dos impactos ambientais em termos pessoais	1,000
Percepção dos impactos ambientais na zona de residência	0,777

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SmartPLS 2.0 M3

No presente estudo, complementou-se a análise da validade convergente com a análise da significância estatística dos *loadings*¹¹¹. Como se pode observar a partir da tabela 8.134, todos os *loadings* relativos à percepção dos impactos do turismo apresentam um valor t superior a 3,291 o que significa que todos eles manifestam uma correlação significativa, ao nível de 10%, relativamente à variável latente à qual se encontram associados. Pode-se, desta forma, afirmar que existe evidência de validade convergente.

Tabela 8.134 – Valores t dos *loadings*

Constructo		Indicadores	Loadings	Valor t
Percepção global dos impactos do turismo (PGIT)		IGT1	1.000	0.000
Percepção global dos impactos económicos do turismo (PGIET)		IGET1	1.000	0.000
Percepção global dos impactos sociais do turismo (PGIST)		IGST1	1.000	0.000
Percepção global dos impactos culturais do turismo (PGICT)		IGCT1	1.000	0.000
Percepção global dos impactos ambientais do turismo (PGIAT)		IGAT1	1.000	0.000
Percepção dos impactos económicos do turismo	A nível pessoal (PITP)	IETp1	0.960	179.151
		IETp2	0.957	192.141
	Na zona de residência (PITR)	IETr1	0.895	41.937
		IETr2	0.919	56.969
		IETr3	0.589	10.198
		IETr4	0.478	7.299
Percepção dos impactos sociais do turismo	A nível pessoal	ISTp1	0.794	30.447
		ISTp2	0.522	9.869
		ISTp3	0.757	25.822
		ISTp4	0.796	28.084
		ISTp5	0.757	22.199
	Na zona de residência	ISTr1	0.771	35.311
		ISTr2	0.816	40.484
		ISTr3	0.826	53.013
		ISTr4	0.785	35.874
		ISTr5	0.698	24.666
		ISTr6	0.662	18.558
		ISTr7	0.622	14.937
		ISTr8	0.510	10.517
		ISTr9	0.638	17.140
Percepção dos impactos culturais do turismo	A nível pessoal	ICTp1	0.854	45.470
		ICTp2	0.763	30.868
		ICTp3	0.876	76.602
		ICTp4	0.711	21.796
	Na zona de residência	ICTr1	0.804	44.416
		ICTr2	0.777	30.179
		ICTr3	0.817	43.606
		ICTr4	0.727	26.037
Percepção dos impactos ambientais do turismo	A nível pessoal	IATp2	1.000	0.000
		IATr1	0.824	23.792
	Na zona de residência	IATr2	0.935	57.298

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SmartPLS 2.0 M3

¹¹¹ Esta análise é feita para as variáveis latentes associadas a dois ou mais indicadores.

Para a análise da validade discriminante procedeu-se à comparação das correlações entre as variáveis latentes ou constructos e o valor da raiz quadrada da AVE de cada constructo, seguindo o critério de Fornell e Larcker (1981). A tabela 8.135 permite observar essas correlações e os valores mostram que a raiz quadrada da variância média, que se situa na diagonal principal, é superior às correlações entre as variáveis que se apresentam em linha e em coluna.

Tabela 8.135 – Validade discriminante das variáveis latentes (correlação entre constructos)

	PGIA	PGIC	PGIE	PGIS	PGIT	PIATP	PIATR	PICTP	PICTR	PIETP	PIETR	PISTP	PISTR
PGIA	1,000												
PGIC	0,612	1,000											
PGIE	0,533	0,759	1,000										
PGIS	0,613	0,831	0,796	1,000									
PGIT	0,565	0,767	0,822	0,767	1,000								
PIATP	0,108	0,120	0,049	0,106	0,093	1,000							
PIATR	0,233	0,136	0,097	0,121	0,116	0,452	0,882						
PICTP	0,227	0,326	0,264	0,282	0,300	0,304	0,385	0,804					
PICTR	0,208	0,256	0,210	0,219	0,222	0,351	0,479	0,699	0,769				
PIETP	0,303	0,290	0,261	0,287	0,280	0,239	0,237	0,411	0,348	0,959			
PIETR	0,200	0,329	0,364	0,336	0,351	0,183	0,242	0,388	0,419	0,415	0,745		
PISTP	0,254	0,326	0,248	0,295	0,291	0,350	0,350	0,520	0,487	0,404	0,436	0,732	
PISTR	0,248	0,276	0,230	0,240	0,265	0,362	0,419	0,482	0,606	0,429	0,462	0,546	0,710

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SmartPLS 2.0 M3

A literatura recomenda que, para aferir a validade discriminante, se proceda também à análise dos *cross-loadings* com o objetivo de verificar o contributo dos indicadores para constructos que não aqueles com os quais diretamente se relacionam (Barclay et al., 1995; Chin e Newsted, 1999; Henseler et al., 2009). Neste sentido, a tabela 8.136, permite observar essas relações.

A análise dos resultados apresentados na tabela 8.136 permite verificar que os indicadores selecionados para medir os constructos em análise se revelam válidos, pois nenhum constructo apresenta outros indicadores com *loadings* superiores aos exibidos pelos indicadores associados. Verifica-se assim que cada indicador mede apenas o constructo correspondente. Estas constatações permitem afirmar que os indicadores se encontram corretamente associados a cada uma das variáveis latentes que pretendem medir.

Tabela 8.136 – Cross-loadings

Indicadores		Variáveis latentes – Percepção dos impactos do turismo												
Sigla	Pergunta	Globais	Económicos			Sociais			Culturais			Ambientais		
		PGIT	PGIET	PIEp	PIETr	PGIST	PISTp	PISTr	PGICT	PICTp	PICTr	PIGAT	PIATp	PIATr
PGIT1	P 12.1.	1,000	0,822	0,280	0,351	0,767	0,291	0,265	0,767	0,300	0,222	0,565	0,093	0,116
PGIET1	P 12.2.	0,822	1,000	0,261	0,364	0,796	0,248	0,230	0,759	0,264	0,210	0,533	0,049	0,097
PIETp1	P 13.1.	0,269	0,254	0,960	0,377	0,273	0,367	0,403	0,286	0,383	0,319	0,288	0,222	0,205
PIETp2	P 13.2.	0,267	0,246	0,957	0,420	0,277	0,408	0,420	0,270	0,404	0,347	0,292	0,237	0,250
PIETr1	P 13.3.	0,349	0,346	0,469	0,895	0,323	0,424	0,442	0,328	0,375	0,406	0,199	0,193	0,263
PIETr2	P 13.4.	0,332	0,355	0,439	0,919	0,336	0,436	0,467	0,323	0,389	0,432	0,216	0,180	0,243
PIETr3	P 13.5.	0,160	0,171	0,045	0,589	0,143	0,167	0,182	0,125	0,148	0,154	0,064	0,052	0,054
PIETr4	P 13.6.	0,102	0,115	0,024	0,478	0,091	0,134	0,138	0,093	0,120	0,100	0,018	0,045	0,047
PGITS1	P 12.3.	0,767	0,796	0,287	0,336	1,000	0,295	0,240	0,831	0,282	0,219	0,613	0,106	0,121
PISTp1	P 14.1.	0,360	0,320	0,319	0,440	0,330	0,794	0,420	0,381	0,501	0,406	0,257	0,235	0,252
PISTp2	P 14.2.	0,049	0,038	0,267	0,227	0,108	0,522	0,294	0,106	0,252	0,214	0,063	0,230	0,095
PISTp3	P 14.3.	0,134	0,091	0,337	0,236	0,162	0,757	0,411	0,172	0,379	0,360	0,181	0,267	0,280
PISTp4	P 14.4.	0,188	0,167	0,279	0,301	0,210	0,796	0,426	0,213	0,336	0,367	0,173	0,293	0,298
PISTp5	P 14.5.	0,157	0,122	0,293	0,284	0,134	0,757	0,457	0,163	0,333	0,394	0,173	0,304	0,350
PISTr1	P 14.7.	0,269	0,245	0,326	0,384	0,233	0,388	0,771	0,259	0,360	0,389	0,211	0,200	0,311
PISTr2	P 14.8.	0,251	0,227	0,384	0,361	0,226	0,369	0,816	0,270	0,354	0,436	0,249	0,237	0,298
PISTr3	P 14.9.	0,241	0,228	0,315	0,406	0,235	0,430	0,826	0,261	0,399	0,499	0,193	0,278	0,295
PISTr4	P 14.10.	0,175	0,120	0,317	0,322	0,148	0,434	0,785	0,177	0,402	0,509	0,148	0,313	0,310
PISTr5	P 14.11.	0,167	0,155	0,304	0,342	0,144	0,312	0,698	0,168	0,304	0,436	0,197	0,266	0,328
PISTr6	P 14.12.	0,101	0,085	0,310	0,232	0,098	0,394	0,662	0,111	0,353	0,444	0,129	0,294	0,343

Indicadores		Variáveis latentes – Percepção dos impactos do turismo													
Sigla	Pergunta	Globais	Económicos				Sociais			Culturais			Ambientais		
		PGIT	PGIET	PIEp	PIETr	PGIST	PISTp	PISTr	PGICT	PICTp	PICTr	PIGAT	PIATp	PIATr	
PISTr7	P 14.13.	0,138	0,072	0,291	0,254	0,138	0,516	0,622	0,153	0,333	0,447	0,166	0,309	0,353	
PISTr8	P 14.14.	0,080	0,071	0,234	0,294	0,076	0,390	0,510	0,099	0,264	0,336	0,078	0,286	0,238	
PISTr9	P 14.15.	0,113	0,105	0,256	0,318	0,092	0,383	0,638	0,107	0,348	0,490	0,118	0,287	0,284	
PGICT1	P 12.4.	0,767	0,759	0,290	0,329	0,831	0,326	0,276	1,000	0,326	0,256	0,612	0,120	0,136	
PICTp1	P 16.1	0,295	0,262	0,326	0,351	0,255	0,428	0,379	0,288	0,854	0,592	0,224	0,193	0,322	
PICTp2	P 16.2.	0,165	0,118	0,315	0,225	0,181	0,400	0,406	0,197	0,763	0,589	0,180	0,314	0,374	
PICTp3	P 16.3.	0,309	0,288	0,348	0,366	0,283	0,449	0,409	0,339	0,876	0,567	0,186	0,234	0,262	
PICTp4	P 16.4.	0,127	0,111	0,356	0,270	0,142	0,407	0,381	0,168	0,711	0,528	0,126	0,299	0,343	
PICTr1	P 16.5.	0,211	0,203	0,324	0,392	0,195	0,403	0,522	0,237	0,612	0,804	0,135	0,320	0,374	
PICTr2	P 16.6.	0,111	0,099	0,315	0,292	0,124	0,342	0,520	0,133	0,522	0,777	0,159	0,290	0,348	
PICTr3	P 16.7.	0,176	0,168	0,244	0,342	0,169	0,396	0,451	0,224	0,595	0,817	0,188	0,233	0,360	
PICTr4	P 16.8.	0,160	0,145	0,237	0,248	0,150	0,394	0,445	0,185	0,457	0,727	0,152	0,243	0,376	
PICTr5	P 16.11.	0,172	0,165	0,221	0,311	0,188	0,319	0,404	0,176	0,472	0,717	0,170	0,267	0,387	
PGIAT1	P 12.5.	0,565	0,533	0,303	0,200	0,613	0,254	0,248	0,612	0,227	0,208	1,000	0,108	0,233	
PIATp1	P 15.2.	0,093	0,049	0,239	0,183	0,106	0,350	0,362	0,120	0,304	0,351	0,108	1,000	0,452	
PIATr1	P 15.4.	0,161	0,152	0,184	0,292	0,149	0,342	0,408	0,168	0,388	0,431	0,152	0,403	0,824	
PIATr2	P 15.5.	0,068	0,045	0,229	0,170	0,083	0,294	0,353	0,093	0,317	0,426	0,243	0,404	0,935	

Fonte: Elaboração Própria a partir do *software* SmartPLS 2.0 M3

Modelo de medida formativo – percepção dos residentes sobre a sua qualidade de vida

Para a avaliação do modelo de medida formativo, é fundamental analisar a contribuição de cada indicador para o índice formativo. Assim apresentam-se na tabela 8.137 os *weights* de cada indicador e o respetivo valor *t bootstrapp*, indicador da significância estatística. Na mesma tabela são ainda apresentados os fatores de inflação da variância, VIF, para cada indicador. Através desta medida pretende-se identificar o nível de multicolinearidade associada a cada indicador. Um indicador com um nível elevado de multicolinearidade (VIF) pode ser portador de informação redundante e, portanto, origina falta de significância estatística da estimativa do *weight*.

Tabela 8.137 – Resultados do modelo de medida formativo

Constructo		Indicadores	Weights	T-Statistic	VIF
Percepção global da qualidade de vida		QVG1	0.535	6.212	3.117
		QVG2	0.217	2.681	3.421
		QVG3	-0.078	1.158	1.962
		QVG4	0.013	0.167	2.620
		QVG5	0.119	1.400	2.405
		QVG6	0.228	3.601	1.779
		QVG7	0.147	2.098	2.150
Percepção global da felicidade		FG1	1	0	----
Percepção global da satisfação com a vida		SVG1	1	0	----
Percepção global do bem-estar material		BEGM1	1	0	----
Percepção global do bem-estar comunitário		BEGC1	1	0	----
Percepção global do bem-estar emocional		BEGE1	1	0	----
Percepção global do bem-estar na saúde		BEGSa1	1	0	----
Percepção global do bem-estar na segurança		BEGSg1	1	0	----
Percepção do bem-estar material	A nível pessoal	BEMp4	0.411	2.749	1,976
		BEMp5	0.167	6.379	2,419
		BEMp6	0.468	2.723	1,691
		BEMp7	0.164	8.615	1,592
	Na zona de residência	BEMr1	0.143	8.137	1,623
		BEMr2	0.146	1.056	1,802
		BEMr4	-0.153	4.267	1,654
		BEMr5	0.131	1.254	1,960
		BEMr6	0.200	1.727	1,511
		BEMr7	-0.095	1.195	1,815
		BEMr8	0.707	1.536	2,167
		BEMr9	0.117	0.809	1,875
Percepção do bem-estar na saúde	A nível pessoal	BESap1	0.981	25.720	1,887
		BESap2	0.025	0.449	1,900
		BESap3	-0.003	0.044	2,460
		BESap4	0.010	0.149	2,273
	Na zona de residência	BESar1	0.288	1.684	1,386
		BESar2	0.818	6.410	1,386
Percepção do bem-estar na segurança	A nível pessoal	BESgp1	0.491	4.312	7,193
		BESgp2	0.159	1.284	7,796
		BESgp3	0.394	4.403	4,189
	Na zona de residência	BESgr1	0.679	11.083	1,900
		BESgr2	0.161	2.211	2,336
		BESgr3	0.103	1.438	2,172
		BESgr4	0.109	1.402	1,979
		BESgr5	0.133	1.958	1,908
		BESgr6	-0.007	0.109	1,775
Percepção do bem-estar comunitário		BEC1	0.519	4.974	1.657
		BEC2	0.040	0.355	1.708
		BEC7	0.322	2.519	2.072
		BEC8	-0.138	0.821	2.904
		BEC9	0.216	1.163	2.618
		BEC10	0.352	3.489	1.494
		BEC11	0.049	0.415	1.503
Percepção do bem-estar emocional		BEE1	0.384	5.304	1.624
		BEE2	0.389	5.168	1.569
		BEE3	0.304	4.172	1.288
		BEE4	0.312	4.362	1.283

Fonte: Elaboração Própria a partir do *software* SmartPLS 2.0 M3

Assim verifica-se que a grande maioria dos *weights* são estatisticamente significativos ao nível de 5% e que existem indicadores que não são estatisticamente significativos, os quais se encontram sombreados.

Todos os indicadores apresentam VIF inferiores a 5 (Hair et al., 2011), limite acima do qual o nível de multicolinearidade é considerado crítico.¹¹²

8.2.4.2. Avaliação do modelo estrutural

A avaliação do modelo estrutural implica três etapas: (i) a análise dos coeficientes estruturais; (ii) a observação dos R^2 das variáveis latentes endógenas; (iii) a avaliação da capacidade de previsão do modelo.

Análise dos coeficientes estruturais

A análise dos coeficientes do modelo estrutural permite medir a magnitude e a direção das relações entre as variáveis latentes do modelo. Esta análise permite obter informação necessária para o teste das hipóteses que preveem efeitos diretos entre variáveis latentes.

A figura 8.57 permite observar os efeitos diretos das variáveis latentes do modelo e na tabela 8.138 identificam-se as estimativas com valor t significativo. Constata-se que todas apresentam sinal positivo. Quatro estimativas apresentam um valor t inferior ao valor de referência 1.645 ou 1.96 (conforme estejamos a falar de um teste de hipóteses unilateral ou bilateral. Os testes de hipóteses serão detalhados no ponto 8.2.5.

¹¹² Conforme foi explicado no capítulo da metodologia (ponto 7.4), apenas se eliminaram os indicadores eu não sejam simultaneamente significativos no modelo refletivo e formativo.

Figura 8.57 – Modelo Estrutural

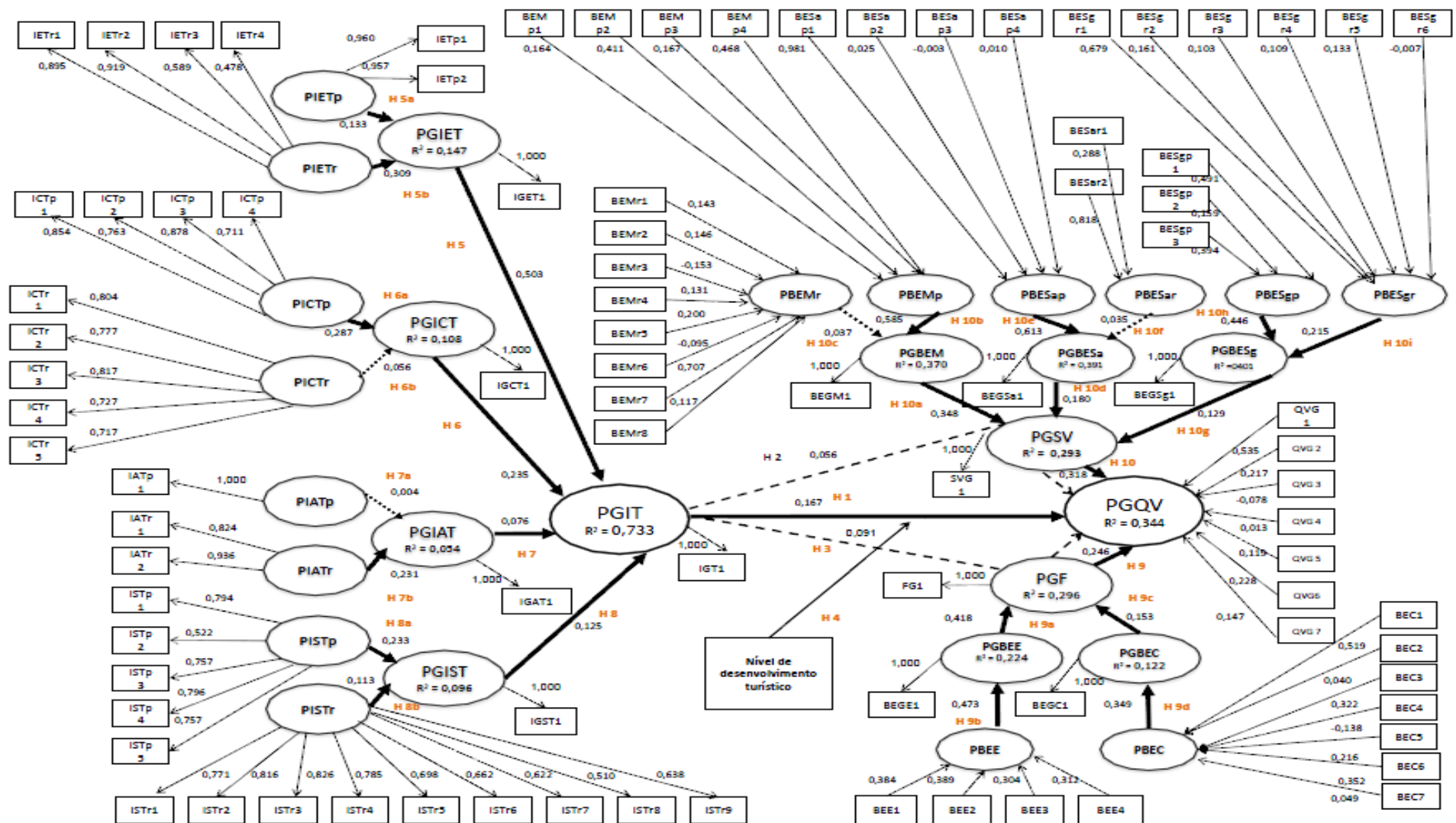


Tabela 8.138 – Resultados do modelo estrutural

Relações entre variáveis	Coeficientes		DP	Erro padrão	T
	Amostra	Média			
PGIT- PGQV	0,167	0,169	0,029	0,029	5,816
PGIET – PGIT	0,503	0,503	0,040	0,040	12,711
PGIST- PGIT	0,125	0,125	0,051	0,051	2,427
PGICT – PGIT	0,235	0,235	0,047	0,047	5,048
PGIAT – PGIT	0,076	0,076	0,027	0,027	2,856
PIETP – PGIET	0,133	0,133	0,037	0,037	3,576
PIETR– PGIET	0,309	0,309	0,035	0,035	8,785
PISTP – PGIST	0,233	0,235	0,037	0,037	6,362
PISTR – PGIST	0,113	0,117	0,038	0,038	2,946
PICTP– PGICT	0,287	0,286	0,041	0,041	7,005
PICTR– PGICT	0,056	0,060	0,040	0,040	1,406
PIATP– PGIAT	0,004	0,001	0,033	0,033	0,108
PIATR– PGIAT	0,231	0,233	0,035	0,035	6,559
PGF – PGQV	0,246	0,248	0,047	0,047	5,247
PGBEC-PGF	0,153	0,153	0,036	0,036	4,223
PBEC-PGBEC	0,349	0,358	0,028	0,028	12,634
PGBEE – PGF	0,418	0,418	0,037	0,037	11,374
PBEE – PGBEE	0,473	0,475	0,026	0,026	18,132
PGSV- PGQV	0,318	0,319	0,042	0,042	7,499
PGBEM– PGSV	0,348	0,347	0,035	0,035	10,024
PBEMP-PGBEM	0,585	0,576	0,027	0,027	21,784
PBEMR-PGBEM	0,037	0,056	0,030	0,030	1,238
PGBESa – PGSV	0,180	0,182	0,035	0,035	5,149
PBESap– PGBESa	0,613	0,615	0,022	0,022	28,026
PBESar – PGBESa	0,035	0,038	0,022	0,022	1,599
PGBESG – PGSV	0,129	0,127	0,033	0,033	3,946
PBESgp–PGBESg	0,446	0,438	0,041	0,041	10,935
PBESgr- PGBESg	0,215	0,228	0,044	0,044	4,890

Fonte: Elaboração Própria a partir do software SmartPLS 2.0 M3

Observação dos R^2 das variáveis latentes endógenas

O coeficiente de determinação associado a cada variável latente pode ser observado na figura 8.57, dentro de cada elipse. Este valor reflete a percentagem de variância de um constructo explicada pelas variáveis latentes que compõem o respetivo modelo. Como Chin (1998) refere, no contexto da abordagem PLS-PM, o R^2 considera-se elevado quando apresenta um valor superior a 0.67. O autor acrescenta que valores elevados só são expectáveis em variáveis latentes endógenas explicadas por várias variáveis latentes exógenas.

No presente estudo verifica-se que, à exceção das variáveis PGBEC, PGBEE, PGIA, PGIC, PGIE e PGIS, que apresentam um R^2 fraco, as restantes variáveis, que representam cerca de 54% das variáveis em estudo, apresentam R^2 moderados a substanciais. De notar o valor elevado do R^2 associado à variável latente PGIT (0.733) e o valor mais moderado de R^2 da variável latente PQV (0.344).

Análise da capacidade de previsão do modelo

Para avaliar a capacidade de previsão do modelo recorre-se à técnica *blindfolding* por meio do índice de Stone-Geisser. Esta técnica permite saber em que medida os valores observados podem ser obtidos a partir dos parâmetros estimados (ver tabela 8.139).

Tabela 8.139 – Resultados da capacidade de previsão do modelo

Variáveis latentes ou Constructos	Q^2
PGIA	0,054
PGIC	0,108
PGIE	0,147
PGIS	0,096
PGIT	0,733
PGQV	0,192

Fonte: Elaboração Própria a partir do software SmartPLS 2.0 M3

Concluiu-se que, uma vez que todos os Q^2 são maiores que zero, os modelos correspondentes a todas as variáveis latentes têm capacidade de previsão. A variável endógena percepção global dos impactos do turismo (PGIT) apresenta a capacidade de previsão mais elevada, com um Q^2 igual a 0,73. A variável percepção global da qualidade de vida (PGQV) apresenta uma capacidade de previsão menor, dado que o Q^2 é mais baixo (0.192). As variáveis com menor capacidade de previsão no modelo são a percepção global dos impactos ambientais ($Q^2 = 0,054$), culturais ($Q^2 = 0,108$), económicos ($Q^2 = 0,147$) e sociais ($Q^2 = 0,096$).

8.2.5. Teste das hipóteses de investigação

Uma vez terminada a análise dos modelos de medida e estrutural procede-se ao teste de cada uma das hipóteses de investigação. Uma vez que se formularam hipóteses que exploram relações diretas, indiretas e moderadora entre variáveis latentes, no presente estudo a análise segue este critério de agrupamento, procedendo-se, em cada um dos grupos, à avaliação de cada hipótese individualmente.

Para a não rejeição ou rejeição da hipótese nula são efetuados testes para níveis de significância de 5%, sendo considerado, para as hipóteses unilaterais, que dizem respeito a relações de sentido positivo entre duas variáveis latentes como ponto crítico da distribuição t o valor 1.645. Para as hipóteses bilaterais, o valor crítico a atender é 1.96.¹¹³

Teste às relações diretas entre as variáveis latentes

Na tabela 8.140 são apresentados o coeficiente estrutural estimado e o valor t correspondente, para cada hipótese associada a relações diretas entre variáveis em estudo. Assim, verifica-se que apenas quatro das hipóteses formuladas não são validadas: a hipótese H6b ($t=1.406$), relativa à percepção dos impactos culturais do turismo na zona de residência e à sua influência direta e positiva na percepção global dos impactos culturais do turismo; a hipótese H7a ($t=0.108$) que enuncia a influência direta positiva entre a percepção dos impactos ambientais do turismo em termos pessoais e a percepção global dos impactos ambientais do turismo; a hipótese H10c ($t=1.238$), respeitante à percepção do bem-estar material na zona de residência e à sua influência, direta e positiva na percepção global do bem-estar material; e, por fim a hipótese H10f ($t=1.599$), que se refere à relação de influência direta e positiva entre a percepção do bem-estar na saúde na zona de residência, i.e., a percepção global do bem-estar na saúde.

Tendo em consideração as hipóteses que se confirmam é de notar os valores t elevados que de uma forma global apresentam e, em particular, aquelas a que estão associados valores t superiores a 10, o que revela a forte relação entre as variáveis em

¹¹³ Para um valor t inferior a 1.645, para as hipóteses unilaterais, ou entre -1.96 e 1.96, para as hipóteses bilaterais, a hipótese nula (que sugere a ausência de relação entre as variáveis em causa) não é rejeitada. Isto significa que a relação entre as variáveis não é significativa e que a hipótese de investigação não é confirmada.

análise: H10e ($t=28.026$), H10b ($t=21.784$), H9b ($t=18.132$), H5 ($t=12.711$), H9d ($t=12.634$), H9a ($t=11.374$) e H10h ($t=10.935$).

Tabela 8.140 – Testes às hipóteses de investigação que preveem efeitos diretos

	Hipótese	Coeficiente estrutural	Valor t	Decisão
H1	A percepção global dos impactos do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global da qualidade de vida.	0,167	5,816	Confirmada
H5	A percepção global dos impactos económicos do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.	0,503	12,711	Confirmada
H5a	A percepção dos impactos económicos do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos económicos do turismo.	0,133	3,576	Confirmada
H5b	A percepção dos impactos económicos do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos económicos do turismo.	0,309	8,785	Confirmada
H6	A percepção global dos impactos culturais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.	0,235	5,048	Confirmada
H6a	A percepção dos impactos culturais do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos culturais do turismo.	0,287	7,005	Confirmada
H6b	A percepção dos impactos culturais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos culturais do turismo.	0,056	1,406	Não confirmada
H7	A percepção global dos impactos ambientais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.	0,076	2,856	Confirmada
H7a	A percepção dos impactos ambientais do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a Percepção global dos impactos ambientais do turismo.	0,004	0,108	Não confirmada
H7b	A percepção dos impactos ambientais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos ambientais do turismo.	0,231	6,559	Confirmada
H8	A percepção global dos impactos sociais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.	0,125	2,427	Confirmada
H8a	A percepção dos impactos sociais do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos sociais do turismo.	0,233	6,362	Confirmada
H8b	A percepção dos impactos sociais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos sociais do turismo.	0,113	2,946	Confirmada
H9	A percepção global da felicidade influencia, direta e positivamente, a percepção global da qualidade de vida.	0,246	5,247	Confirmada
H9a	A percepção global do bem-estar emocional influencia, direta e positivamente, a percepção global da felicidade.	0,418	11,374	Confirmada
H9b	A percepção do bem-estar emocional influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar emocional.	0,473	18,132	Confirmada
H9c	A percepção global do bem-estar comunitário influencia, direta e positivamente, a percepção global da	0,153	4,223	Confirmada

	felicidade.			
H9d	A percepção do bem-estar comunitário influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar comunitário.	0,349	12,634	Confirmada
H10	A global da satisfação com a vida influencia, direta e positivamente, a percepção global da qualidade de vida.	0,318	7,499	Confirmada
H10a	A percepção global do bem-estar material influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida.	0,348	10,024	Confirmada
H10b	A percepção do bem-estar material, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar material.	0,585	21,784	Confirmada
H10c	A percepção do bem-estar material, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar material.	0,037	1,238	Não confirmada
H10d	A percepção global do bem-estar na saúde influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida.	0,180	5,149	Confirmada
H10e	A percepção do bem-estar na saúde, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na saúde.	0,613	28,026	Confirmada
H10f	A percepção do bem-estar na saúde, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na saúde.	0,035	1,599	Não confirmada
H10g	A percepção global do bem-estar na segurança influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida.	0,129	3,946	Confirmada
H10h	A percepção do bem-estar na segurança, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na segurança.	0,446	10,935	Confirmada
H10i	A percepção do bem-estar na segurança, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na segurança.	0,215	4,890	Confirmada

Fonte: Elaboração Própria a partir do software SmartPLS 2.0 M3

Testes às relações indiretas entre as variáveis latentes

O teste às relações indiretas entre variáveis latentes, como foi referido no ponto 7.4, permite obter uma estimativa para o efeito indireto através da multiplicação dos efeitos diretos das variáveis em questão. Para o teste é também necessário calcular os percentis *bootstrapp* que irão definir o intervalo de confiança a 95%, sendo que este intervalo pode ser usado para testar a hipótese nula do teste.

A tabela 8.141 apresenta as hipóteses formuladas correspondentes aos testes realizados para as hipóteses associadas a efeitos mediadores.

Tabela 8.141 - Testes às hipóteses de investigação que preveem efeitos indiretos e mediadores

H2	A percepção global dos impactos do turismo tem um efeito indireto positivo na percepção global da qualidade de vida, via satisfação com a vida.
H3	A percepção global dos impactos do turismo tem um efeito indireto positivo na percepção global da qualidade de vida, via felicidade.

Fonte: Elaboração Própria

Para testar a hipótese 2 (H2), multiplicaram-se os efeitos diretos do modelo estrutural, resultando que o efeito indireto das percepções globais face ao turismo, na percepção global da qualidade de vida, via satisfação com a vida, é 0.018 (ou seja, 0.056×0.318). Uma vez obtidas as estimativas para este efeito nas 1000 amostras *bootstrapp*, através dos percentis *bootstrapp*, é determinado o intervalo de confiança de 0,0009 a 0,035 (tabela 8.142). Este resultado permite concluir que a hipótese $b=0$ deve ser rejeitada para um nível de significância de 5%, e que o efeito indireto é significativo. Não se rejeita, assim, que as percepções globais face ao turismo tenham um efeito indireto na percepção global da qualidade de vida, via satisfação com a vida.

Tabela 8.142 - Percentil *Bootstrapp* para testar a H2

N	Válido	1000
	Omissos	0
Percentis	2,5	0,0009
	97,5	0,0349

Fonte: Elaboração própria a partir do Output do SPSS 18

Para testar a hipótese 3 (H3), multiplicaram-se os efeitos diretos do modelo estrutural. Assim, o efeito indireto das percepções globais face ao turismo na percepção global da qualidade de vida, via felicidade, é 0.022 (ou seja, 0.091×0.246). Uma vez obtidas as estimativas para este efeito nas 1000 amostras *bootstrapp*, através dos percentis *bootstrapp*, determinou-se um intervalo de confiança de 0,0083 a 0.0403 (tabela 8.143). Nestas circunstâncias a hipótese $b=0$ deve ser rejeitada para um nível de significância de 5%, concluindo-se que o efeito indireto é significativo. Não se rejeita, assim, que as percepções globais face ao turismo tenham um efeito indireto na percepção global da qualidade de vida, via felicidade.

Tabela 8.143 - Percentil *Bootstrapp* para testar a H3

N	Válido	1000
	Omissos	0
Percentis	2,5	0,0083
	97,5	0,0403

Fonte: Elaboração própria a partir do Output do SPSS 18

Os efeitos direto e indireto apresentam-se na tabela 8.144, das variáveis latentes associadas às hipóteses testadas. A percepção global do impacto do turismo tem um efeito direto sobre a percepção global da qualidade de vida (0,167) e apresenta também um efeito indireto sobre a qualidade de vida, através da satisfação com a vida (0,018) e da felicidade (0,022). Estes resultados revelam que a felicidade tem um efeito mediador mais importante do que a satisfação com a vida, sobre esta relação. O efeito total da variável Percepção Global dos Impactos do Turismo, ou seja, a soma dos efeitos direto e indireto sobre a Percepção Global da Qualidade de Vida, é de 0,207, sendo que este efeito é significativo ($t=6.800$).

Tabela 8.144 – Efeitos diretos, indiretos e totais entre as variáveis latentes

Caminho (path)	Efeito direto	Efeito indireto	Efeito total
PGIT -> PGQV	0,167	----	0,207
PGIT ->(PGSV)-> PGQV	----	0,018	
PGIT -> (PGF)-> PGQV	----	0,022	

Fonte: Elaboração própria a partir do *software* SmartPLS 2.0 M3

Teste aos efeitos moderadores entre variáveis latentes

Para o teste dos efeitos moderadores (tabela 8.145) foi estimada a relação entre as variáveis consideradas para testar a validade da hipótese 4 (H4), que, em baixo, se apresenta.

Tabela 8.145 - Testes a hipótese de investigação que prevê um efeito moderador

H4	O nível de desenvolvimento turístico da zona de residência tem efeito moderador positivo sobre a relação entre a perceção global dos impactos do turismo e a perceção global da qualidade de vida.

Fonte: Elaboração própria

Tendo os inquiridos sido questionados tomando como base, para a amostra, a sua freguesia de residência, foi necessário proceder à recodificação das respostas, associando cada indivíduo à região natural a que a sua freguesia de residência pertence e, assim, poder avaliar em que medida o nível de desenvolvimento turístico da zona de residência se revela importante como efeito moderador da relação entre a PGIT e a PGQV. Como se pode observar na tabela abaixo apresentada (tabela 8.146), a variável utilizada foi a Região Natural, correspondendo as categorias identificadas às três Regiões Naturais do concelho de Loulé: o Litoral, o Barrocal e a Serra. Desta forma consideraram-se duas variáveis *dummies*, que permitem identificar as três regiões.

Tabela 8.146 – Categorias consideradas e respetivas dummies

Variável	Categoria	N.º de <i>dummies</i>	Categorias identificadas com o valor 1	Designação atribuída às variáveis <i>dummy</i>
Região Natural	Litoral Barrocal Serra	2	Litoral Barrocal	<i>Dummy 1</i> <i>Dummy 2</i>

Fonte: Elaboração própria a partir do Output do SPSS 18

Para a confirmação ou não da H4, são analisados os valores obtidos para as estatísticas t dos coeficientes moderadores (ver tabela 8.147). O valor superior a 1,96 (ou inferior a - 1.96) implica a rejeição da hipótese nula, o que revela que há um efeito moderador significativo; o valor entre -1,96 e 1.96 implica a não rejeição da hipótese nula e, portanto, a não existência de efeito moderador significativo. A mesma tabela apresenta o efeito multiplicativo, referido anteriormente, para a relação que está a ser testada.

Os resultados apresentados revelam que, neste estudo, o efeito moderador em análise não é significativo e que, portanto, a H4 não se confirma.

Tabela 8.147 – Teste aos efeitos moderadores

Efeito multiplicativo	Coeficiente estrutural	t	Decisão quanto ao efeito moderador
PGIT *Litoral	0,049	0,247	Não significativo
PGIT *Barrocal	0,091	0,610	Não significativo

Fonte: Elaboração Própria a partir do software SmartPLS 2.0 M3

8.2.6. Discussão das hipóteses de investigação

A análise dos dados e o teste das hipóteses levada a efeito permite agora proceder à discussão dos mesmos, tendo em consideração o enquadramento teórico da investigação.

A tabela 8.148 permite visualizar, de forma sistematizada, o resultado do teste de todas as hipóteses, sendo estas organizadas pelo constructo em análise. Pode-se, assim, verificar que, de todas as hipóteses formuladas, apenas cinco não são confirmadas neste estudo.

Tabela 8.148 – Síntese dos resultados dos testes das hipóteses de investigação

Constructos		Hipótese		Decisão
Percepção Global dos Impactos do Turismo e Percepção Global da Qualidade de Vida		H1	A percepção global dos impactos do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global da qualidade de vida.	Confirmada
		H2	A percepção global dos impactos do turismo tem um efeito indireto positivo na percepção global da qualidade de vida, via satisfação com a vida.	Confirmada
		H3	A percepção global dos impactos do turismo tem um efeito indireto positivo na percepção global da qualidade de vida, via felicidade.	Confirmada
		H4	O nível de desenvolvimento turístico da zona de residência tem um efeito moderador positivo sobre a relação entre a percepção global dos impactos do turismo e a percepção global da qualidade de vida.	Não confirmada
Percepção global dos impactos do turismo	Percepção Global dos Impactos Económicos do Turismo	H5	A percepção global dos impactos económicos do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.	Confirmada
		H5a	A percepção dos impactos económicos do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos económicos do turismo.	Confirmada
		H5b	A percepção dos impactos económicos do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos económicos do turismo.	Confirmada
	Percepção Global dos Impactos Culturais do Turismo	H6	A percepção global dos impactos culturais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.	Confirmada
		H6a	A percepção dos impactos culturais do turismo em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos culturais do turismo.	Confirmada
		H6b	A percepção dos impactos culturais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos culturais do turismo.	Não confirmada
	Percepção Global dos Impactos Ambientais do Turismo	H7	A percepção global dos impactos ambientais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.	Confirmada
		H7a	A percepção dos impactos ambientais do turismo, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos ambientais do turismo.	Não confirmada
		H7b	A percepção dos impactos ambientais do turismo, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos ambientais do turismo.	Confirmada
	Percepção Global dos Impactos Sociais do Turismo	H8	A percepção global dos impactos sociais do turismo influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo.	Confirmada
		H8a	A percepção dos impactos sociais do turismo, em termos pessoais influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos sociais do turismo.	Confirmada
		H8b	A percepção dos impactos sociais do turismo na zona de residência influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos sociais do turismo.	Confirmada
Percepção Global da Qualidade de vida	Percepção Global da Felicidade	H9	A percepção global da felicidade influencia direta e positivamente a percepção da qualidade de vida pelos residentes.	Confirmada
		H9a	A percepção global do bem-estar emocional influencia, direta e positivamente, a percepção global da felicidade.	Confirmada
		H9b	A percepção do bem-estar emocional influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar emocional.	Confirmada
		H9c	A percepção global do bem-estar comunitário influencia, direta e positivamente, a percepção global da felicidade.	Confirmada

	H9d	A percepção do bem-estar comunitário influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar comunitário.	Confirmada
Percepção Global da Satisfação com a Vida	H10	A percepção global da satisfação com a vida influencia, direta e positivamente, a percepção da qualidade de vida pelos residentes.	Confirmada
	H10 a	A percepção global do bem-estar material influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida.	Confirmada
	H10 b	A percepção do bem-estar material, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar material.	Confirmada
	H10 c	A percepção do bem-estar material na zona de residência influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar material.	Não confirmada
	H10 d	A percepção global do bem-estar na saúde influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida.	Confirmada
	H10 e	A percepção do bem-estar na saúde, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na saúde.	Confirmada
	H10 f	A percepção do bem-estar na saúde, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na saúde.	Não confirmada
	H10 g	A percepção global do bem-estar na segurança influencia, direta e positivamente, a percepção global da satisfação com a vida.	Confirmada
	H10 h	A percepção do bem-estar na segurança, em termos pessoais, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na segurança.	Confirmada
	H10 i	A percepção do bem-estar na segurança, na zona de residência, influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na segurança.	Confirmada

Fonte: Elaboração Própria

Procede-se, em seguida, à análise detalhada dos resultados, para cada hipótese formulada, agrupando-as tendo em consideração os constructos considerados na investigação.

Hipóteses associadas à relação entre a Percepção Global dos Impactos do Turismo e a Percepção Global da Qualidade de Vida

No que respeita às hipóteses que postulam a relação entre os constructos Percepção Global dos Impactos do Turismo e Percepção Global da Qualidade de vida, verifica-se que a hipótese H1 se confirma ($t=5.816$), revelando, assim, a associação direta e positiva entre estes dois constructos, o que vem corroborar a ideia generalizada na literatura de que os residentes que, de forma global, percecionam mais positivamente os impactos do turismo têm uma percepção mais positiva da sua qualidade de vida (Ap e

Crompton, 1993; Gursoy et al., 2002; Haralambopoulos e Pizam, 1996; Jurowski et al., 1997; Lankford, 1994; Liu e Var, 1986; Perdue et al., 1990; Tosun, 2002).

As hipóteses H2 e H3, que se associam às relações indiretas entre os constructos Percepção Global dos Impactos do Turismo e Percepção Global da Qualidade de Vida, através das variáveis latentes Percepção Global da Satisfação com a Vida e Percepção Global da Felicidade, são também confirmadas, ou seja, efetivamente as percepções globais face ao turismo têm um efeito indireto na percepção global da qualidade de vida, via felicidade e via satisfação com a vida. Tal como a literatura na área da qualidade de vida sugere, verifica-se que a inclusão destes dois constructos, como perspetivas distintas e complementares da qualidade de vida, faz sentido para o estudo da qualidade de vida e da sua relação com a percepção dos impactos do turismo (Andereck et al., 2005; Diener, 1984; Ferrão, 2004; Manso e Simões, 2007; Sirgy, 2001; Veenhoven, 1991; The WHOQOL Group, 1995). De facto, não só as duas hipóteses se confirmam, como apresentam resultados diferentes, demonstrando que a felicidade e a satisfação com a vida contribuem, de forma distinta, para a explicação da relação entre a Percepção Global dos Impactos do Turismo e a Percepção Global da Qualidade de Vida. Efetivamente, a relação indireta, entre a Percepção Global dos Impactos do Turismo e a Percepção Global da Qualidade de Vida, apresenta um efeito mediador mais importante através da felicidade (0.022), do que a que ocorre através da satisfação com a vida (0.018).

Ainda no âmbito do estudo da relação entre a Percepção Global dos Impactos do Turismo e a Percepção Global da Qualidade de Vida, a hipótese H4 explora o efeito moderador do desenvolvimento turístico da zona de residência nesta relação (neste caso as regiões naturais do concelho de Loulé). Ao contrário do que a literatura sugere, nesta investigação, o nível de desenvolvimento turístico não se revela uma variável moderadora, sendo que H4 não é confirmada (Butler, 1980; Doxey, 1975; Sharpley e Forster, 2003). A não confirmação desta hipótese acredita-se poder estar associada às características do objeto de estudo apesar de o concelho de Loulé ser um território com claras diferenças socioeconómicas e turísticas, nas três regiões naturais. Este efeito moderador merece, portanto, um estudo mais aprofundado, conduzido no sentido da identificação de indicadores mais específicos que permitam identificar eventuais

diferenças na relação entre os dois tipos de percepções (o turismo e da qualidade de vida).

Hipóteses decorrentes da Percepção Global dos Impactos do Turismo

Associadas ao constructo Percepção Global dos Impactos do Turismo, as hipóteses formuladas relacionam-se com as diferentes tipologias de impactos (económicos, culturais, sociais e ambientais). Da análise de dados efetuada verifica-se que todas as hipóteses relacionadas com os impactos económicos do turismo se confirmam (H5; H5a e H5b), o que permite verificar a coincidência com as ideias expressas por diversos autores que realçam a relação direta entre a percepção global dos impactos económicos do turismo e a percepção global dos impactos do turismo (H5 $t=12.711$), por parte dos residentes. O mesmo ocorre no que respeita à relação entre a percepção dos impactos económicos do turismo na zona de residência (H5b $t=8.785$) e em termos pessoais (H5a $t=3.576$), relativamente à percepção dos impactos económicos do turismo (Backman e Backman, 1997; Backman et al., 1991; Getz, 1986; Liu et al., 1987; Ritchie, 2002; Tossun, 2002; Var, 1993; Walpole e Goodwin, 2000). Este tipo de relação expressa-se, por exemplo, através do reconhecimento, pelos residentes, da melhoria do nível de vida, do aumento do rendimento na região ou a nível pessoal ou da não equitativa distribuição da riqueza gerada.

As hipóteses relacionadas com os impactos sociais do turismo também são todas confirmadas neste estudo (H6 $t=2.427$; H6a $t=6.362$ e H6b $t= 2.946$), o que corresponde às ideias mais frequentemente referidas na literatura (Ahmed e Krohn, 1992; Backman e Backman, 1997; Davis et al., 1988; Liu e Var, 1986; Perdue et al., 1990; Pizam et al., 1994; Ritchie, 2002; Tosun, 2002; Var, 1993; Walpole e Goodwin, 2000). Tal como nesta investigação, os trabalhos anteriores constataam a relação direta e positiva entre a percepção dos impactos sociais do turismo e a percepção global dos impactos do turismo e ainda entre a percepção dos impactos sociais a nível pessoal e na zona de residência e a percepção global do turismo. Realça-se o facto de a relação entre a percepção do turismo, em termos pessoais, se revelar mais intensa do que as restantes relações, o que vem também coincidir com a ideia expressa na literatura sobre a importância da ligação, e

eventual dependência dos indivíduos face ao turismo, na sua percepção do turismo e das suas consequências.

No que respeita às hipóteses relativas aos impactos culturais do turismo há menor consenso nos resultados obtidos do que o descrito anteriormente em relação à percepção dos impactos económicos e sociais, tal como ocorre na literatura (Belisle e Hoy, 1980; Besculides et al., 2002; Cohen, 1988; Liu e Var, 1986; Maitheson e Wall, 1982; Pizam, 1978; Sharpley, 1994; Weaver e Lawton, 2001).

Neste caso, confirmam-se as hipóteses H7 e H7a, a primeira respeitante à relação entre a percepção global dos impactos culturais e à sua influência direta e positiva na percepção global dos impactos do turismo ($t=5.048$) e a segunda, que se refere à relação entre a percepção destes mesmos impactos, a nível pessoal, e à sua influência na percepção global do turismo ($t=7.005$). Constatou-se que a percepção dos impactos em termos pessoais revela uma relação mais forte com a percepção global dos impactos do turismo do que a percepção dos impactos culturais do turismo, a nível pessoal. Pelo contrário, não se confirma, a hipótese H7b, relativa à percepção dos impactos culturais do turismo na zona de residência e à sua influência, direta e positiva, sobre a percepção global dos impactos culturais do turismo, o que reforça ainda mais o carácter pessoal com que os residentes parecem percecionar os impactos culturais e a sua relação com a percepção global do turismo.

A percepção dos impactos ambientais é analisada tendo também como base três hipóteses (H8; H8a e H8b), sendo que, duas delas se vêm a confirmar, H8 ($t=2.856$) e H8b ($t=6.559$). Estes dados revelam que as percepções globais dos residentes sobre os impactos ambientais do turismo, influenciam, direta e positivamente, a percepção global dos impactos do turismo e que a percepção dos impactos ambientais do turismo, na zona de residência, também influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos ambientais do turismo. O mesmo não acontece em relação à hipótese H8a ($t=0.108$), que não se confirma, indicando que a percepção dos impactos ambientais do turismo, em termos pessoais, não influencia, direta e positivamente, a percepção global dos impactos sociais do turismo. Estas constatações permitem verificar que, relativamente aos impactos ambientais, ocorre, o contrário do descrito em relação aos

impactos culturais. Enquanto para os primeiros há uma clara valorização da componente associada à zona de residência, para os segundos a perspectiva pessoal é mais relevante.

Estes resultados sobre a percepção dos impactos ambientais vêm corroborar a diversidade de conclusões dos estudos relativamente à percepção dos impactos do turismo (Andereck, 1995; Liu et al., 1987; Perdue et al., 1987; Pizam, 1978; Ritchie, 1988). Com efeito, parece haver uma associação entre o local em estudo e a forma como os residentes percebem os impactos ambientais deste fenómeno, realçando-se que as percepções associadas às consequências pessoais, ao nível do ambiente, se revelam distintas das apresentadas quanto à percepção global relacionada com a zona de residência

Hipóteses decorrentes da Percepção Global da Qualidade de Vida

As hipóteses decorrentes da Percepção Global da Qualidade de vida estão organizadas, como atrás se referiu, em dois grupos: as que se associam à Percepção Global da Felicidade (H9; H9a; H9b; H9c; H9d) e as relativas à Percepção Global da Satisfação com a Vida (H10; H10a; H10b; H10c; H10d; H10e; H10f; H10g; H10h; H10i). Esta organização segue a linha orientadora de alguns autores, a qual se vem a revelar adequada depois de testadas as hipóteses (Constanza et al., 2007; Cummins, 1996; Diener, 1984; Diener e Fujita, 1995; Jurovski et al., 1997; OECD, 2011; Seligman e Csikszentmihalyi, 2000; Sirgy, 2002; Veenhoven, 1999; TheWHOQOL Group, 1995).

Relativamente ao constructo Percepção Global da Felicidade, a análise permitiu verificar que todas as hipóteses se confirmam (H9 $t=5.247$; H9a $t=11.374$; H9b $t=18.132$; H9c $t=4.223$; H9d $t=12.634$) o que revela que existe efetivamente uma relação entre o constructo Percepção Global da Felicidade e a percepção da qualidade de vida global. Neste contexto, realça-se a importância da relação entre a percepção do bem-estar emocional e a percepção global do bem-estar emocional (H9b) e a relação entre o bem-estar emocional e a percepção global da felicidade (H9a). Estes resultados vêm ao encontro dos enunciados por vários autores na área de estudo dedicada à qualidade de vida. Com resultados que apontam no mesmo sentido, podem-se destacar os de autores

como (Andereck, 1995; Andrews e Robinson, 1991; Brinkman, 1989; Cummins, 1997; Flanagan, 1978; Krupinski, 1980; Lane, 1994; Neal et al., 1997; Neal et al., 1999; Scoot et al., 1998).

Em relação às hipóteses relacionadas com a Perceção Global da Satisfação com a vida, ao contrário do que era esperado, duas hipóteses não se confirmam. Este facto revela que a percepção dos residentes sobre o bem-estar material na zona de residência não influencia, direta e positivamente, a sua percepção global do bem-estar material ($H10c$ $t=1.238$) e que a percepção do bem-estar na saúde, na zona de residência, também não influencia, direta e positivamente, a percepção global do bem-estar na saúde ($H10f$ $t=1.599$). Estes factos podem revelar que os indivíduos, quanto ao bem-estar material, valorizam mais a componente pessoal e, quanto à percepção do bem-estar ao nível da saúde, também enfatizam mais a sua componente pessoal do que a relativa à zona de residência. De facto, tal como a literatura sugere, os benefícios económicos e materiais a nível pessoal concentram grande parte das preocupações dos residentes e a saúde pessoal merece uma maior atenção por parte dos indivíduos (Andereck, 1995; Andrews e Withey, 1976; Brickman et al., 1978; Constanza et al., 2007; Cummins, 1997; Diener, 1984; Flanagan, 1978; Lane, 1994; Liu et al., 1987; Neal et al., 1997; Neal et al., 1999; OECD, 2011; Perdue, 1987; Pizam, 1978; Ritchie, 1988; Scott et al., 1998; Seligman e Csikszentmihalyi, 2000; Sirgy, 2002; Veenhoven, 1999; Vickerman, 1980; The WHOQOL Group, 1995)

As restantes hipóteses associadas à satisfação com a vida são todas confirmadas e apresentam valores t bastante expressivos. Neste contexto, destacam-se em particular as hipóteses $H10e$ ($t= 28.026$), em que se testa a relação entre a percepção do bem-estar na saúde em termos pessoais e a percepção global do bem-estar na saúde e $H10b$ ($t=21.784$) que se refere à relação entre a percepção do bem-estar material, em termos pessoais, e a percepção global do bem-estar material, que apresentam valores bastante elevados e, portanto, revelam a importância destas relações consideradas no estudo.

Síntese conclusiva

Este capítulo iniciou-se com os resultados da pesquisa exploratória e em seguida foram apresentados os dados resultantes da aplicação do questionário. Assim, relativamente a estes dados procedeu-se à caracterização da amostra e à descrição das variáveis associadas à perceção dos impactos do turismo e à qualidade de vida.

Num momento seguinte foi feito o cruzamento de variáveis, seleccionando as que se consideraram relevantes para a investigação, tendo em conta os objetivos da mesma e a pergunta de partida. Seguiu-se a estimação e avaliação do modelo proposto e, por fim, o teste e discussão das hipóteses de investigação, à luz da revisão bibliográfica efetuada.

CAPÍTULO 9. CONCLUSÕES

Ao iniciar a investigação, definiu-se como objetivo principal desta tese analisar em que medida a percepção dos impactos do turismo, por parte dos residentes de um destino turístico, influencia a percepção da sua qualidade de vida, tendo sido adotado como estudo de caso o concelho de Loulé. Evidenciam-se, em primeiro lugar as principais ideias de cada capítulo da tese, nomeadamente as reflexões resultantes da revisão da literatura e prossegue-se com a síntese dos principais resultados obtidos. Em seguida, apresentam-se as principais implicações teóricas e práticas dos resultados desta investigação e referem-se também as limitações do estudo. Por último, são enumeradas algumas linhas de investigação futura e apresentadas considerações finais.

9.1. Reflexão crítica e principais resultados

O principal objetivo desta tese, definido no início da investigação, era analisar em que medida a percepção dos impactos do turismo, por parte dos residentes de um destino turístico, influencia a percepção destes sobre a sua qualidade de vida. Neste sentido foi proposto um modelo que permitisse explicitar esta relação, bem como identificar e explicar a forma como os impactos do turismo são percebidos pelos residentes e os fatores determinantes das variáveis associadas à sua percepção da qualidade de vida.

A revisão da literatura, correspondente aos primeiros capítulos da tese, revelou-se fundamental na presente investigação, tendo em conta os objetivos definidos. Por um lado, permitiu definir claramente a problemática do estudo e o problema de investigação; por outro lado, constituiu-se como uma importante base de sustentação teórica do estudo e, por fim, revelou-se um meio eficaz de identificação da metodologia para a pesquisa, incluindo não só a escolha dos métodos e técnicas a aplicar mas também ajudando na definição das variáveis e indicadores a utilizar no estudo.

Neste sentido, no **capítulo 2** foram tratadas questões globais relacionadas com o fenómeno turístico, nomeadamente as respeitantes à sua natureza e estudo, ao

planeamento, à sustentabilidade, à competitividade turística dos destinos e aos modelos teóricos do desenvolvimento turístico. Este capítulo permitiu clarificar o contributo de diversas abordagens científicas e de autores de referência, identificar as mais relevantes para a investigação e realçar a importância da interdisciplinaridade no estudo do turismo. Permitiu ainda reunir um conjunto de ideias centrais resultantes dos modelos de desenvolvimento turístico, essenciais para caracterizar e analisar tanto o território em estudo como as perceções dos residentes sobre os impactos do turismo e sobre a qualidade de vida.

No **capítulo 3** identificaram-se as principais teorias associadas à relação com o turismo e com os turistas e às perceções e atitudes dos residentes face ao desenvolvimento turístico. Constatou-se que muitas das teorias apresentadas têm vindo a ser questionadas e atualizadas por diversos autores e concluiu-se também que cada vez mais as perceções e as atitudes dos residentes são tidas em consideração no estudo do turismo, verificando-se, contudo, lacunas no conhecimento nesta área o que conduz à necessidade de estudos mais aprofundados sobre os residentes e as comunidades recetoras, no contexto do desenvolvimento dos destinos turísticos.

O **capítulo 4** foi reservado aos estudos sobre a qualidade de vida, pelo que incluiu a referência aos conceitos e teorias que se consideraram melhor permitir compreender como a sua avaliação se processa, por parte dos residentes. Neste capítulo, como forma de melhor compreender e explicar a qualidade de vida, foi realçada a diferença entre a satisfação com a vida e a felicidade (dois constructos considerados caracterizadores da qualidade de vida), nomeadamente através dos domínios do bem-estar considerados no estudo. O capítulo compreendeu ainda a relação entre a perceção dos residentes sobre a sua qualidade de vida e a perceção dos mesmos sobre os impactos do turismo, temática ainda pouco explorada na literatura.

No **capítulo 5** procedeu-se à caracterização do concelho de Loulé, destacando a sua diversidade geográfica (Litoral, Barrocal e Serra), socioeconómica e turística. Desta forma, o capítulo forneceu os elementos fundamentais para enquadrar a pesquisa efetuada no concelho de Loulé, junto dos residentes das várias regiões naturais, com diferentes níveis de desenvolvimento turístico.

O **capítulo 6** incluiu uma síntese da revisão da literatura, apresentada nos capítulos iniciais e a apresentação e explicação do quadro conceptual do estudo. Desta forma pretendeu-se explicitar a perspetiva de análise adotada e enquadrar o modelo proposto na tese, e também apresentado detalhadamente neste capítulo.

No **capítulo 7** foi apresentada a metodologia da investigação, definida de acordo com os procedimentos sugeridos na literatura para estudos desta natureza. Incluiu-se a descrição das decisões tomadas em todas as fases da investigação, desde a pesquisa exploratória ao trabalho de campo. Os aspetos relacionados com a construção do questionário e a definição da amostra mereceram, neste capítulo, uma descrição detalhada, pela importância que possuem para a investigação. Foi também neste capítulo que se esclareceram os procedimentos adotados na recolha de dados e os métodos de análise de dados seguidos no estudo.

No **capítulo 8** foram apresentados os resultados da pesquisa e a discussão dos resultados. Neste caso, foi, num primeiro momento, apresentada a análise descritiva dos dados, organizada tendo em conta a perceção dos impactos do turismo e a perceção da qualidade de vida. Num segundo momento procedeu-se à estimação e avaliação do modelo, ao teste das hipóteses e finalmente à discussão das mesmas.

Os resultados da presente investigação resultam da pesquisa exploratória e da análise dos dados obtidos a partir da aplicação do questionário à amostra de residentes do concelho de Loulé.

A **pesquisa exploratória** permitiu concluir que existe um sentimento positivo generalizado relativamente ao turismo e ao seu desenvolvimento embora os diversos *stakeholders* contactados reconheçam a existência de impactos negativos em diversos domínios e áreas, destacando-se, em particular, a preocupação manifestada com as questões ambientais, fundamentalmente nas regiões do interior, a sensibilidade acrescida relativamente às questões sociais, principalmente observadas nas zonas de litoral e a valorização acentuada, em todo o território de uma forma global, dos impactos positivos do turismo, em termos económicos e sociais.

Foi possível, contudo, nesta fase exploratória, identificar diferenças nas percepções dos *stakeholders* em geral e dos residentes em particular resultantes do nível de desenvolvimento turístico da zona de residência, em função da distância desta relativamente à principal zona turística, relativamente à frequência e tipo de contacto com os turistas e à dependência económica do turismo, conforme o número de anos de residência no local, a idade ou as habilitações. De facto, a análise qualitativa dos resultados da investigação exploratória revela que as potencialidades e os problemas associados à atividade turística são percecionados de forma distinta por *stakeholders* de zonas do concelho de Loulé com diferentes níveis de desenvolvimento turístico. Com efeito, nas regiões mais turísticas do concelho identifica-se, por parte dos indivíduos, uma maior consciência das vantagens e desvantagens do desenvolvimento turístico do que aquela que é expressa em zonas menos desenvolvidas, nas quais predomina uma percepção mais positiva em relação ao turismo e uma maior expectativa relativamente ao seu desenvolvimento.

Ainda nesta fase inicial da pesquisa foi possível também verificar a existência, por parte dos residentes, de diferenças na percepção da qualidade de vida, nomeadamente no que respeita à felicidade e à satisfação com a vida. Constatou-se que os residentes valorizam de forma distinta as componentes do bem-estar consideradas no estudo (bem-estar emocional e comunitário, bem estar material, na saúde e na segurança). Neste contexto foi possível verificar, quer nas entrevistas quer nos momentos da observação, a valorização da componente emocional na avaliação global da qualidade de vida, em particular a valorização das questões relacionadas com a família, com a vida amorosa e com a vivência comunitária. É de destacar ainda, na componente cognitiva, uma importância reconhecida relativamente à saúde a nível pessoal e ao contexto comunitário, nomeadamente a relação com os vizinhos, como elementos marcantes para a avaliação da qualidade de vida.

A **aplicação dos questionários** e o tratamento de dados permitiu perceber de forma mais precisa como se caracteriza a percepção dos residentes do concelho de Loulé, relativamente ao turismo e à sua qualidade de vida. Neste contexto, destacam-se os principais resultados e conclusões que foi possível obter nesta pesquisa.

Apreciação global

Relativamente à **Perceção Global dos Impactos do Turismo**, os resultados da análise dos dados, resultantes da aplicação do questionário, permitiram confirmar que os residentes consideram positivo o impacto do turismo, quer em termos globais quer no que se refere à percepção global destes impactos em termos económicos, sociais, culturais e ambientais. Esta tendência positiva relativamente à apreciação global verifica-se em relação à maioria dos residentes, independentemente da sua idade, escolaridade, profissão ou região de residência.

No entanto, foi também possível constatar diferenças na percepção em relação a estes vários tipos de impactos e no que respeita à sua apreciação em termos pessoais e quanto à zona de residência, por parte dos residentes inquiridos, nomeadamente quanto a algumas características sociodemográficas tais como as habilitações, a atividade profissional, o rendimento e, em particular, a relação com o turismo em eventos especiais e situações de lazer ou em situações relacionadas com o trabalho e do dia-a-dia.

Foi também notória a diferença de percepção em relação aos impactos do turismo por parte dos residentes das três regiões naturais do concelho de Loulé. O estudo permitiu verificar que os residentes que residem na região do Litoral, a zona mais turística do concelho de Loulé, reconheceram contactar mais frequentemente com os turistas em todas as situações analisadas e percebem mais favoravelmente o turismo do que os que residem em regiões com menor desenvolvimento turístico. Verifica-se ainda, provavelmente associado a esse aspeto, que os inquiridos que trabalham no turismo ou no comércio, percebem mais claramente as consequências positivas do turismo embora reconheçam também impactos negativos. Em oposição, é de realçar que os residentes na Serra se revelam particularmente predispostos ao contacto com os turistas e enfatizam as consequências positivas deste fenómeno.

De uma forma global também foi possível verificar uma associação entre o nível de habilitações literárias e a percepção positiva do turismo, assim como se constatou que os residentes com maiores rendimentos tendem também a perceber mais positivamente o turismo.

No que respeita à **Perceção Global da Qualidade de Vida**, o estudo realizado permitiu também constatar que predomina, nas três regiões naturais e para os indivíduos

com diferentes idades, profissões, habilitações, agregados familiares, estados civis e rendimentos, uma percepção tendencialmente positiva sobre a sua qualidade de vida. Esta percepção manifestou-se também positiva quer em relação à Percepção global da Felicidade e à Percepção da Satisfação com a Vida quer no que respeita à Percepção dos domínios do Bem-estar considerados (Emocional, Comunitário, Material, na Saúde e na Segurança). Efetivamente, os residentes valorizam fortemente todos os domínios do bem-estar mas destacam-se da análise as componentes do bem-estar associadas à saúde e aos aspetos emocionais e materiais.

No entanto, quando analisadas estas percepções ao pormenor, foi possível também constatar diferenças por parte dos residentes, tendo em conta a região natural onde habitam e em função de características sociodemográficas tais como a idade, o estado civil, as habilitações, a atividade profissional ou rendimento e ainda se identificaram diferentes percepções sobre a sua qualidade de vida em função do tipo e da frequência de contacto com os turistas. Foi possível, neste contexto, perceber que a tendência generalizada é para que os residentes mais novos considerem a sua qualidade de vida melhor do que os mais velhos, sendo que se consideram também mais felizes e satisfeitos com a vida. No entanto, foi possível também identificar a tendência para que os residentes mais velhos se considerem mais satisfeitos com a vida do que felizes e que o nível de felicidade entre os indivíduos solteiros e casados seja mais elevado do que o observado entre os residentes divorciados e mais velhos.

A investigação revelou ainda que os residentes que contactam mais frequentemente com o turismo tendem a reconhecer níveis mais elevados de felicidade e de satisfação com a vida, assim como a classificar a sua qualidade de vida global mais positivamente.

De uma forma global, o estudo permitiu concluir que existe uma influência importante da percepção dos impactos do turismo na percepção da qualidade de vida, por parte dos residentes, uma vez que a maioria das relações analisadas se revelam significativas, apresentando, em grande parte dos casos, valores *t* elevados, e em todos os casos, valores positivos. Assim, relativamente ao principal objetivo da pesquisa, relativo ao estudo da relação entre a **Percepção Global dos Impactos do Turismo** e a **Percepção Global da Qualidade de Vida**, verificou-se que, efetivamente, a percepção que os residentes têm sobre o turismo e sobre os seus impactos influencia a percepção sobre a sua qualidade de vida.

No que respeita ao estudo das relações indiretas entre a Perceção Global dos Impactos do Turismo e a Perceção Global da Qualidade de Vida, via felicidade e via satisfação com a vida, a investigação permitiu também constatar que, em ambos os casos, existe uma relação positiva. Para estas variáveis foi ainda possível perceber que a **Perceção Global da Felicidade** contribui, mais do que a **Perceção Global da Satisfação com a Vida**, para a explicação da relação entre a Perceção Global dos Impactos do Turismo e a Perceção Global da Qualidade de Vida.

Contudo, a análise do efeito moderador do **Nível de Desenvolvimento Turístico** da zona de residência, na relação entre a Perceção Global dos Impactos do Turismo e a Perceção Global da Qualidade de Vida não se revelou significativo, apesar de, como atrás se referiu, ao nível da análise de cada uma das perceções se constatarem diferenças entre os inquiridos nas três regiões naturais. Claramente este é um aspeto que merece ser mais investigado no futuro.

No que diz respeito às relações associadas à **perceção global dos impactos económicos, sociais, culturais e ambientais do turismo**, foi possível constatar, para todos os tipos de impacto, a influência direta e positiva na **perceção global dos impactos do turismo**. Verifica-se, contudo, que a perceção global dos impactos económicos do turismo se revela muito mais determinante para a perceção global do turismo, seguindo-se a perceção global dos impactos culturais, a perceção global dos impactos sociais, e, por fim, a perceção global dos impactos ambientais.

O estudo permitiu ainda concluir que, relativamente à influência da **perceção dos impactos económicos, sociais, culturais e ambientais do turismo, em termos pessoais e na zona de residência**, todas as relações se confirmam, exceto as que dizem respeito à influência direta e positiva da perceção dos **impactos culturais do turismo na zona de residência** na perceção global dos impactos culturais do turismo e a que respeita à influência direta e positiva da **perceção dos impactos ambientais do turismo, em termos pessoais** relativamente à perceção global dos impactos ambientais do turismo. Observa-se, portanto, que, em termos culturais, os aspetos particulares dos impactos relacionados com a zona de residência não são significativos enquanto para o caso dos impactos ambientais são os aspetos considerados a nível pessoal que não se revelam significativos.

Foi também constatado no estudo que a **Percepção Global da Felicidade** influencia direta e positivamente a **Percepção Global da Qualidade de Vida**, tal como ocorre com a **Percepção Global da Satisfação com a Vida** o que põe em evidência a importância do conhecimento de cada uma destas variáveis no estudo da qualidade de vida.

A investigação permitiu ainda constatar que a **Percepção do Bem-estar Emocional e do Bem-estar Comunitário** se encontram positiva e diretamente associados à **Percepção Global da Felicidade** e que a **Percepção Global do Bem-estar Material**, na **Saúde** e na **Segurança** também se revelaram direta e positivamente relacionados com a **Percepção da Satisfação com a Vida**. O mesmo aconteceu no que respeita à Percepção do Bem-estar Material, na Saúde e na Segurança, a nível pessoal, relativamente à Percepção Global de cada um destes tipos de bem-estar. Pelo contrário, para estes três tipos de bem-estar, no que respeita à percepção na **zona de residência**, apenas se revela significativa a relação entre o **Bem-estar na Segurança** e a **Percepção Global do Bem-estar na Segurança**.

A investigação e, nomeadamente, o teste das hipóteses, revelou que a relação mais forte¹¹⁴ identificada é a respeitante à **Percepção do Bem-estar na Saúde em termos pessoais** relativamente à Percepção Global do Bem-estar na Saúde. Segue-se a Percepção do Bem-estar Material a nível pessoal, relativamente ao Bem-estar Material, o Bem-estar Emocional, relativamente à Percepção Global do Bem-estar Emocional, a Percepção dos Impactos Económicos do Turismo, relativamente à Percepção Global dos Impactos do Turismo e a Percepção do Bem-estar Comunitário, relativamente à Percepção Global do Bem-estar Comunitário.

Como apreciação global pode-se afirmar que a investigação permitiu verificar que efetivamente existem **diferenças de percepção** entre os residentes nas **três regiões naturais** do concelho de Loulé, tanto no que diz respeito aos impactos do turismo quer no que se refere à qualidade de vida. Neste contexto percebe-se que os residentes das zonas do interior, particularmente os da Serra, com menos contacto com os turistas, embora percecionem impactos negativos e positivos do desenvolvimento turístico,

¹¹⁴ Em que os valores t se situam acima dos 10.

tendem a apreciar mais os impactos positivos do que os residentes na região do Litoral. No entanto, também se constata que são **aqueles que mais contactam com os turistas** que percebem, de forma mais evidente, o seu impacto, quer positivo, quer negativo.

9.2. Contributos e implicações do estudo

A presente investigação e as conclusões a que foi possível chegar através da metodologia adotada, permitem identificar um conjunto de implicações de natureza teórica e prática.

O principal contributo que, do ponto de vista teórico, esta pesquisa apresenta, é o facto de reunir, num mesmo estudo, a análise da percepção dos impactos do turismo e a percepção da qualidade de vida, tendo em consideração a perspetiva dos residentes. Outro aspeto relevante é o facto de, em termos teóricos, se considerar na análise as duas componentes da qualidade de vida, a emocional e a cognitiva, concretamente através da inclusão das variáveis Felicidade e Satisfação com a Vida, e das componentes do bem-estar associadas a estes constructos. De facto, poucos são os estudos que agregam as componentes subjetiva e objetiva do bem-estar e também são em número reduzido os que adotam a perspetiva dos residentes de um destino turístico.

A identificação e clarificação dos conceitos associados ao estudo da qualidade de vida constituem um contributo também importante desta investigação para o reforço do quadro conceptual do estudo da qualidade de vida. Realça-se, a este propósito, que foi tida em consideração não só a avaliação da qualidade de vida, a nível pessoal, mas também relativamente à zona de residência, associando estes resultados ao nível de desenvolvimento turístico da região em estudo.

Outro contributo teórico relevante prende-se com a especificação e validação de um modelo de equações estruturais no estudo desta temática, nomeadamente pelo facto de este incluir uma componente refletiva para o estudo da percepção dos residentes sobre os impactos do turismo (mais frequentemente utilizada nos estudos académicos) e uma componente formativa aplicada à análise da percepção da qualidade de vida (menos explorada na literatura).

O modelo conceptual proposto e a sua aplicação a uma zona turística onde existem regiões com vários níveis de desenvolvimento turístico contribui para a compreensão mais apurada dos constructos associados à percepção dos impactos do turismo e à percepção da qualidade de vida por parte dos residentes de um destino turístico, perspectivas que ainda carece de pesquisa mais detalhada na área do turismo e que é muito pouco utilizada no estudo da qualidade de vida.

O estudo contribui para uma melhor compreensão dos elementos que caracterizam a percepção dos residentes sobre os impactos do turismo e sobre a sua qualidade de vida, uma vez que os resultados obtidos sustentam a existência de relação entre estas variáveis.

Do ponto de vista prático, considera-se que os resultados da presente investigação se revelam um contributo importante para os responsáveis pelo desenvolvimento do destino turístico e para os atuais e potenciais investidores na área do turismo na região em estudo, pelo facto de, por um lado fornecerem um retrato da percepção dos residentes do concelho de Loulé sobre os impactos do turismo, em termos pessoais e na zona de residência. Por outro lado, porque caracterizam a forma como estes mesmos indivíduos percebem a sua qualidade de vida. Por fim, porque demonstra a importância da percepção do turismo na percepção da qualidade de vida.

Acredita-se que o modelo proposto, com as necessárias adequações às especificidades de cada destino turístico, permitirá constituir-se como um instrumento credível para a tomada de decisões a nível político e económico.

Considera-se ainda que esta investigação vem reforçar a importância de considerar a perspectivas dos residentes na definição da estratégia de desenvolvimento dos territórios e, em particular, do seu desenvolvimento turístico, não só criando momentos partilhados de reflexão para os quais os residentes são já chamados, mas também considerando de facto os seus contributos no processo de planeamento turístico.

9.3. Limitações do estudo

À semelhança do que acontece na generalidade das investigações científicas, também a presente investigação apresenta algumas limitações que se passam a identificar resumidamente.

- O modelo proposto foi aplicado a uma zona delimitada (o concelho de Loulé) inserida no destino turístico Algarve, um destino maduro e posicionado claramente como de sol e mar. A aplicação do modelo noutros destinos turísticos com características distintas poderia eventualmente conduzir a conclusões diferentes e permitiria realizar análises comparativas.
- O estudo empreendido teve em consideração os residentes de nacionalidade portuguesa com 18 anos ou mais, não contemplando portanto faixas etárias mais jovens nem residentes com outras nacionalidades que efetivamente estão presentes no território em estudo e que se supõe terem perceções diferentes quer sobre os impactos do turismo quer sobre a qualidade de vida.
- A aplicação dos questionários ocorreu durante o período correspondente à época baixa do turismo na região, o que pode condicionar as respostas dos inquiridos e diferenciá-las das que poderão ser expressas na época alta, nomeadamente devido à pressão que o fluxo de turistas poderá exercer nas perceções dos residentes, em particular nas zonas onde o turismo está mais desenvolvido.
- O estudo foi realizado num único período de tempo (estudo seccional), não sendo por isso possível comparar a evolução da perceção dos inquiridos, ao longo do tempo, e de acordo com a evolução do desenvolvimento turístico (estudo longitudinal).

9.4. Novas perspetivas de investigação

A realização deste estudo e as conclusões a que foi possível chegar permitem identificar linhas de investigação futura que resultam, por um lado, das limitações atrás

identificadas e, por outro lado, de aspetos associados à temática em causa, que não foram objetivo do estudo nesta tese mas que se revestem de particular interesse científico.

Assim, podem-se identificar como novas perspectivas de investigação as seguintes:

- Aplicação do modelo proposto a outros destinos turísticos na mesma fase de desenvolvimento ou em fases distintas, com características semelhantes ou diferentes no que diz respeito ao seu produto turístico base.
- Realização do mesmo estudo, com as devidas adequações metodológicas, aos residentes deste mesmo concelho ou a toda a região do Algarve, incluindo as comunidades estrangeiras residentes.
- Aplicação do questionário em duas épocas do ano (época baixa e época alta), de forma a poder identificar alterações ao nível da perceção dos residentes relativamente aos impactos do turismo e à qualidade de vida.
- Desenvolvimento de estudos longitudinais que permitam a monitorização da perceção e atitude dos residentes de um destino turístico ao longo de um período alargado de tempo.
- Análise em detalhe dos constructos associados à perceção dos impactos do turismo e à perceção da qualidade de vida, nomeadamente através da inclusão de maior nível de detalhe na avaliação dos impactos do turismo em termos pessoais e na zona de residência e na identificação da perceção da felicidade, da satisfação com a vida e do bem-estar emocional, comunitário, material, na saúde e na segurança.
- Aprofundamento do modelo teórico proposto explorando a relação entre outras variáveis tais como, por exemplo, a perceção dos impactos económicos do turismo e a perceção do bem-estar material, ou a perceção dos impactos sociais e culturais do turismo e a perceção do bem-estar comunitário e emocional.
- Utilização de outros métodos e técnicas complementares na investigação como, por exemplo, o método *delphi* para a identificação e análise das opiniões dos diferentes *stakeholders* e como forma de compreender as dinâmicas internas entre os mesmos.

9.5. Considerações finais

O turismo é, como houve oportunidade de referir em diferentes momentos desta tese, um fenómeno não só complexo mas multifacetado, diverso na sua natureza e expressões. À prática turística associa-se, como se viu, o desejo de mudança e descoberta, o enriquecimento, a partilha, a expectativa. Por isso o fenómeno turístico se afirma na sociedade contemporânea, porque diretamente se relaciona com o sonho. O mesmo sonho que habita os indivíduos em relação à sua qualidade de vida, independentemente do turismo, e que, aos seus olhos, se torna mais evidente quando o tema é a felicidade e a satisfação com a vida.

Estudar cientificamente cada uma destas temáticas e conceitos afigurava-se, desde logo, um trabalho complexo. Revelou-se, no final, um estudo extremamente interessante e desafiador.

Sinto que dei os primeiros passos de uma caminhada rumo ao melhor entendimento de alguns dos aspetos mais valorizados pelo ser humano: o seu sonho e a sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACL e FCG (2001) Academia das Ciências de Lisboa, In: Educação, M. D. e Camões, I., (eds.), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: Verbo.
- Adams, J. S. (1965) *Inequity in Social Exchange*, New York: Academic Press.
- Adelfer, C. P. (1969) An Empirical Test of a New Theory of Human Needs, *Organizational Behaviour and Human Performance*, Elsevier.
- Ahmed, S. A. (1986) Perceptions of the Socioeconomic and Cultural-Impact of Tourism in Sri-Lanka, *Revue Canadienne d' Etudes du Developpement-Canadian Journal of Development Studies*, 7.
- Ahmed, Z. U. e Krohn, F. B. (1992) International Tourism, Marketing and Quality of Life in the Third World: India, a Case in Point, In: Sirgy, J. P., Meadow, M. H., Rahtz, D. e Samli, A. C., (eds.), *Development in Quality of Life Studies in Marketing*. Blacksburg - Virginia: Academy of Marketing Science.
- Akis, S., Peristianis, N. e Warner, J. (1996) Residents' Attitudes to Tourism Development: The Case of Cyprus, *Tourism Management*, 17 (7), 481-494.
- Alkire, S. (2002) Dimensions of Human Development, *World Development*, 30 (2), 181-205.
- Allen, H. (1997) The New Niagara: Tourism, Technology, and the Landscape of Niagara Falls, 1776-1917 by W. Irwin (Jan 9, Pg 48, 1997), *New York Review of Books*, 44 (3).
- Allen, L. R., Hafer, H. R., Long, P. T. e Perdue, R. R. (1993) Rural Residents' Attitudes Toward Recreation and Tourism Development: The Case of Cyrus, *Journal of Travel Research*, 1 (4), 27-37.
- Allen, L. R., Long, P. T., Perdue, R. R. e Kieselbach, S. (1988) The Impact of Tourism Development on Residents' Perceptions of Community Life, *Journal of Travel Research*, 27, 16-21.
- Almargem (2012) Associação Almargem – Projecto Via Algarviana: Um Projecto Estruturante para o Interior Algarvio, disponível em: <http://www.viaalgarviana.org/>, consultado em 2012.
- Almeida-Santos, C. e Buzinde, C. (2007) Politics of Identity and space. Representational Dynamics, *Journal of Travel Research*, 45 (3), 322-333.
- Altinay, L. e Paraskevas, A. (2008) *Planning Research in Hospitality and Tourism*, Oxford: Elsevier.
- Álvarez, I., Bados, A. e Però, M. (2010) Factorial Structure and Validity of the Multicultural Quality of Life Index, *Quality of Life Research*, 19, 225-229.
- AMAL (2011) *Comunidade Intermunicipal Do Algarve*, disponível em: <http://www.amal.pt/site/index.php>, consultado em 2011.
- ANA (2011) Aeroportos de Portugal, <http://www.ana.pt>, consultado em 2011.
- Andereck, K. e Jurowski, C. (2005) Tourism and Quality of Life, In: Jennings, G. e Nickerson, N., (eds.), *Quality Tourism Experiences*. Oxford: UK Elsevier.
- Andereck, K. e Jurowski, C. (2006) Chapter 8 - Tourism and Quality of Life, In: Gayle, J. e Norma Polovitz, N., (eds.), *Quality Tourism Experiences*. Boston: Butterworth-Heinemann.
- Andereck, K. L. (1995) Environmental Consequences of Tourism: A Review of Recent Research, Linking Tourism, the Environment, and Sustainability: Topical Volume of Compiled Papers from a Special Session of the *Annual Meeting of the National Recreation and Park Association*, 1994, 323, 77-81.

- Andereck, K. L. e Nyaupane, G. (2011) Development of a Tourism and Quality-of-Life Instrument, In: Budruk, M. e Philips, R., (eds.), *Quality-of-Life Community Indicators for Parks, Recreation and Tourism Management*.
- Andereck, K. L. e Vogt, C. A. (2000) The Relationship between Residents' Attitudes toward Tourism and Tourism Development Options, *Journal of Travel Research*, 39 (27), 26-36.
- Andereck, K. L., Valentine, K. M., Knopf, R. C. e Vogt, C. A. (2005) Residents' Perceptions of Community Tourism Impacts, *Annals of Tourism Research*, 32 (4), 1056-1076.
- Andereck, K. L., Valentine, K. M., Vogt, C. A. e Knopf, R. C. (2007) A Cross-Cultural Analysis of Tourism and Quality of Life Perceptions, *Journal of Sustainable Tourism*, 15 (5), 483-503.
- Anderson, R., Mikulić, B., Vermeylen, G., Lyly-Yrjanainen, M. e Zigante, V. (2009) *Second European Quality of Life Survey Overview*.
- Andrews, F. M. e Robinson, J. P. (1991) Measures of Subjective Well-Being, In: Robinson, J. P., Shaver, P. R. e Wightman, L. S., (eds.), *Measures of Personality and Social Psychological Attitudes*. San Diego: Academic Press.
- Andrews, F. M. e Withey, S. B. (1976) *Social Indicators of Well-Being: America's Perception of Quality of Life*, New York: Plenum Press.
- Andriotis, K. e Vaughan, R. D. (2003) Urban Residents' Attitudes toward Tourism Development: The Case of Crete, *Journal of Travel Research*, 42 (2), 172-185.
- Ap, J. (1990) Residents Perceptions Research on the Social Impacts of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 17 (4), 610-616.
- Ap, J. (1992) Residents Perceptions on Tourism Impacts, *Annals of Tourism Research*, 19 (4), 665-690.
- Ap, J. e Crompton, J. L. (1993) Residents' Strategies for Responding to Tourism Impacts, *Journal of Travel Research*, 32 (1), 47-50.
- Ap, J. e Crompton, J. L. (1998) Developing and Testing a Tourism Impact Escale, *Journal of Travel Research*, 37 (2), 120-130.
- Arbuckle, J. (2005) Amos 6.0 User's Guide, Chicago, Amos Development Corporation.
- Archer, B. (1996) *Sustainable Tourism - Do Economists Really Care?*, *Progress in Tourism and Hospitality Research*, Routledge.
- Archer, B. H. (1973) *The Impact of Domestic Tourism*, Cardiff: University of Wales Press.
- Argyle, M. (1996) *The Social Psychology of Leisure*, London: Penguin.
- Argyle, M. (1999) Causes and Correlates of Happiness, In: Hkahneman, D., Diener, E. e Schwarz, N., (eds.), *Well-Being: The Foundations of Hedonic Psychology*. New York: Russell Sage Foundation.
- Armenski, T., Dragicevic, V., Pejovic, L., Lukic, T. e Djurdjev, B. (2011) Interaction between Tourists and Residents: Influence on Tourism Development, *Polish Sociological Review*, 173, 107-118.
- Ashworth, G. e Voogdt, H. (1991) Can Places Be Sold for Tourism?, In: Ashworth e Goodall, (eds.), *Marketing Tourism Places*. London and New York: Routledge.
- Aziz, Y. A., Awang, K. W. e Hassan, H. (2010) The Impact of Internal Marketing on Resident's Quality of Life and Attitude Towards Additional Tourism Development: A Structural Equation Modeling Approach, *Seminário Interdisciplinaridade, Mediação e Qualidade de vida*, Auditório da Escola Superior de Saúde da Universidade do Algarve- Faro.
- Bachleitner, R. e Zins, A. H. (1999) Cultural Tourism in Rural Communities: The Residents' Perspective, *Journal of Business Research*, 44 (3), 199-209.

- Backhaus, K., Erickson, B., Plinke, W. e Wieber, R. (2003) *Multivariate Analysemethoden*, Berlin: Springer.
- Backman, K. F. e Backman, S. J. (1997) An Examination of the Impacts of Tourism in a Gateway Community, In: Meadow, H. L., (ed.) *Development in Quality of Life Studies*. Blacksburg - Virginia: International Society for Wuality of Life Studies.
- Backman, S. J., Uysal, M. e Backman, K. (1991) Regional-Analysis of Tourism Resources, *Annals of Tourism Research*, 18 (2).
- Bagozzi, R. P. e Yi, Y. (1989) On the Use of Structural Equation Models in Experimental Designs, *Journal of Marketing Research*, 26 (3), 271-284.
- Baptista, M. (1997) *Turismo: Competitividade Sustentável*, Lisboa e São Paulo: Verbo.
- Barclay, D. C., Higgins, C. e Thompson, R. (1995) The Partial Least Squares (PLS) Approach to Casual Modeling. *Personal Computer Adoption and Use as an Illustration*, Technology studies, 2, 285-309.
- Baron, R. M. e Kenny, D. A. (1986) The Moderator-Mediator Variable Distinction in Social Psychological Research: Conceptual, Strategic and Statistical Considerations, *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 1173-1182.
- Barreto, M. (2005) *Planejamento Responsável do Turismo*, Campinas: Papirus.
- Belisle, F. J. e Hoy, D. R. (1984) Tourism Impact in Santa-Marta, Colombia - a Reply, *Annals of Tourism Research*, 11 (2), 297-298.
- Belisle, F. J. e Hoy, D. R. (1980) The Perceived Impact of Tourism by Residents : a case study is Santa Marta, Columbia, *Annals of Tourism Research*, 7 (4), 83-101.
- Belk, R. W. (1988) *Third World Consumer Culture, Research in Marketing: Marketing and Development - toward Broader Dimensions*. Greenwich, Connecticut: JAI Press.
- Beni, M. C. (1997) *Análise Estrutural do Turismo*, São Paulo: Senac.
- Besculides, A., Lee, M. E. e McCormick, P. J. (2002) Residents' Perceptions of the Cultural Benefits of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 29 (2), 303-319.
- Biderman, A. D. (1974) Social Indicators, In: Clewett, R. e Olson, J., (eds.), *Whence and Whither in Social Indicators and Marketing*. Chicago: American Marketing Association.
- Blank, U. (1989) *The Community Tourism Industry Imperative*, State College, PA: Venture Publishing Inc.
- Blau, P. M. (1964) *Exchange and Power in Social Life*, New York, Wiley.
- Bollen, K. A. (1989) *Structural Equation with Latent Variables*, New York: Wiley.
- Bordas, E. (1994) Competitiveness of Tourist Destinations in Long Distance Markets, *Review de Tourism*, 49 (3), 3-9.
- Bramwell, L. (2003) Promised Lands - Promotion, Memory, and the Creation of the American West, *Pacific Northwest Quarterly*, 95.
- Brayley, R. e Var, T. (1989) Canadian Perceptions of Tourism Influence on Economic and Social Conditions, *Annals of Tourism Research*, 16 (4).
- Brayley, R., Var, T. e Sheldon, P. (1990) Perceived Influence of Tourism on Social-Issues, *Annals of Tourism Research*, 17 (2).
- Brickman, P., Coates, D. e Janoffbulman, R. (1978) Lottery Winners and Accident Victims - Is Happiness Relative, *Journal of Personality and Social Psychology*, 36 (8).
- Brinkman, D. D. (1989) *An Evaluation of the Spiritual Well-Being Scale: Reliability and Response Measurement*, Dissertation Abstracts International. University Microfilms International.

- Britton, S. (1982) The Political Economy of Tourism in the Third World, *Annals of Tourism Research*, 9 (3), 331-358.
- Brohman, J. (1996) New Directions in Tourism for Third World Development, *Annals of Tourism Research*, 23 (1).
- Broostin, D. (1964) *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*, Harper & Ron: New York.
- Brougham, J. e Butler, R. (1981) A Segmentation Analysis of Resident Attitudes to the Social Impact of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 8 (4), 569-590.
- Brown, D. O. (1998) In Search of an Appropriate Form of Tourism for Africa: Lessons from the Past and Suggestions for the Future, *Tourism Management*, 19 (3).
- Brunt, P. e Courtney, P. (1999) Host Perceptions of Sociocultural Impacts, *Annals of Tourism Research*, 26 (3), 493-515.
- Bubloz, M., Eicher, J., Evers, J. e Sontag, M. (1980) A Human Ecological Approach to Quality of Life: Conceptual Framework and Results of a Preliminary Study, *Social Indicators Research*, 7, 103-116.
- Bufford, R. K., Paloutzian, R. F. e Ellison, C. W. (1991) Norms for the Spiritual Well-Being Scale, *Journal of Psychology and Theology*, 19, 56-70.
- Buhalis, D. (2000) Marketing the Competitive Destination of the Future, *Tourism Management*, 21, 97-116.
- Bull, A. (1996) *The Economics of Travel and Tourism*, Melbourne, Australia: Longman.
- Burgess, R. G. (1997) *A Pesquisa de Terreno - Uma Introdução*, Oeiras: Celta Editora.
- Burns, D. (1996) Attitude Towards Tourism Development, *Annals of Tourism Research*, 23 (4), 935-938.
- Butler, D. L., Carter, P. L. e Brunn, S. D. (2002) African-American Travel Agents - Travails and Survival, *Annals of Tourism Research*, 29 (1).
- Butler, R. (2011) Tourism Area Life Cycle, In: Cooper, C., (ed.) *Contemporary Tourism Reviews*. Woodeaton, Oxford: Goodfellow Publishers Limited.
- Butler, R. (1974) Social Implication of Tourism Development, *Annals of Tourism Research*, 2 (2), 100-111.
- Butler, R. (1980) The Concept of a Tourism Area Cycle of Evolution: Implications for Management of Resources, *Canadian Geographer*, 24, 5-12.
- Butler, R. (2001) *Seasonality in Tourism: Issues and Implications*, Seasonality in Tourism. Pergamon.
- Butler, R. W. (2006) Music and Tourism: On the Road Again, *Annals of Tourism Research*, 33 (2).
- Butler, R. W. e Butler, A. C. (2007) Tourism Destination Development and the Environment: Paradoxes or Progress?, In: Jokimaki, J., Kaisanlahti, J., Tuulentie, M. L., Laine, S. e Uusitalo, K., (eds.), *Environment, Local Society and Sustainable Tourism*.
- Cahhhabra, D. e Gursoy, D. (2009) Life Dynamism Explorations on Perceived Quality of Life and Social Exchange Paradigms in Casino Settings, *Leisure Sciences*, 31, 136-157.
- Campanelli, P. (2008) Testing Survey Questions, In: In E. Leeuw, J. H., E D. Dillman, (ed.) *International Handbook of Survey Methodology*, London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Campbell, A. (1972) Aspiration, Satisfaction and Fulfillment, In: Campbell, A. e Converse, P., (eds.), *The Human Meaning of Social Change*, New York: Russell Sage.
- Campbell, A. (1981) *The Sense of Well-Being in America*, New York: McGraw Hill.

- Campbell, A. C. (1976) Subjective Measure of Well Being, *American Psychologist*, 31, 117-124.
- Campbell, A. C., Converse, P. E. e Rogers, W. L. (1976) *The Quality of American Life*, New York: The Russel Serge Foundation.
- Campbell, L. M. (1999) Ecotourism in Rural Developing Communities, *Annals of Tourism Research*, 26 (3), 534-553.
- Cantril, H. (1967) *The Pattern of Human Concerns*, New Brunswick: Rutgers University Press.
- Carmichael, B. A. (2000) A Matrix Model for Resident Attitudes and Behaviours in a Rapidly Changing Tourist Area, *Tourism Management*, 21 (6), 601-611.
- Carmichael, B. A. (2006) Linking Quality Tourism Experiences, Residents' Quality of Life and Quality Experiences for Tourists, In: Jennings, G. e Nickerson, N., (eds.), *Quality Tourism Experiences*, Oxford: Elsevier.
- Carmo, H. e Ferreira, M. M. (1998) *Metodologia da Investigação - Guia Para Auto-Aprendizagem*, Lisboa: Universidade Aberta.
- Carneiro, M. J. e Eusébio, C. (2011) Segmentation of Tourism Market Using the Impact of Tourism on Quality of Life, *Tourism and Managment Studies*, 91-100.
- Carr, N. (2006) A Comparison of Adolescents' and Parents' Holiday Motivations and Desires, *Tourism and Hospitality Research*, 6 (2), 129-142.
- Cassel, C. M., Hackl, P. e Westlund, A. H. (2000) On Measurment of Intangible Assets: A Study of Robustness of Partial Least Squares, *Total Quality Management*, 11 (7), 897-907.
- CCDRAlg (2006) *Estratégia de Desenvolvimento do Algarve 2007- 2013*, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve.
- CCDRAlg (2011) *Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve*, disponível em: <http://www.ccdr-alg.pt/ccdr/index.php>, consultado em 2011.
- CEC, OECD, WTO e UN (2001) *Tourism Satellite Account: Recommended Methodological Framework*, Luxembourg, Madrid, New York, Paris: Commission of the European Communities - Eurostat; Organization for Economic Co-operation and Development; World Tourism Organization; United Nations Statistics Division.
- Chen, J. S. (2000) An Investigation of Urban Residents' Loyalty to Tourism, *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 24 (1), 5-19.
- Chen, K. C. e Yao, G. (2010) Investigating Adolescent Health-Related Quality of Life: From a Self-Identity Perspective, *Social Indicators Research*, 96, 403-415.
- Chiavenato, I. (1982) *Administração: Uma Abordagem Contingencial*, São Paulo: McGraw-Hill.
- Chin, W. W. (1998) The Partial Least Squares Approach to Structural Equation Modeling, *Modern Methods for Business Research*, 295-336.
- Chin, W. W. (2010) How to Write up and Report PLS Analyses, In: Vinzi, V. E., Chin, W. W., Henseler, J. e Wang, H., (eds.), *Handbook of Partial Least Squares. Concepts, Methods and Applications*, Heidelberg: Springer.
- Chin, W. W. e Newsted, P. R. (1999) Structural Equation Modeling Analysis Wth Small Samples Using Partial Leats Squares, In: Hoyle, R., (ed.) *Statistical Strategies for Small Sample Research*, Thousand Oaks, CA: Sage.
- Choi, H. C. e Murray, I. (2010) Resident Attitudes toward Sustainable Community Tourism, *Journal of Sustainable Tourism*, 18 (4), 575-594.
- CHQLI (2012) *Calvert-Henderson Quality of Life Indicators 2000*, disponível em: <http://www.calvert-henderson.com/>, consultado em 2012.

- Christaller, W. (1963) *Some Considerations of Tourism Location in Europe: The Peripheral Regions, Underdeveloped Countries, Recreation Areas*, Regional Science Association: Lind Congress.
- CML (2012) *Câmara Municipal de Loulé*, disponível em: <http://www.cm-loule.pt/default.aspx>, consultado em 2012.
- Coca-Cola (2011) *Instituto Da Felicidade Coca-Cola*, disponível em: <http://www.institutodafelicidade.com.pt/>, consultado em 2011.
- Cochran, W. (1963) *Sampling Techniques*, New York: John Willey & Sons.
- Cock, P. e Pfueller, S. (2000) *Australian Ecotourism: Contributing to Ecological and Community Sustainability*, Melbourne: Monash University.
- Cohen, E. (1972) Towards a Sociology of International Tourism, *Social Research*, 39, 64-82.
- Cohen, E. (1979) Rethinking the Sociology of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 6 (1), 18-35.
- Cohen, E. (1982) Marginal Paradises - Bungalow Tourism on the Islands of Southern Thailand, *Annals of Tourism Research*, 9 (2), 189-228.
- Cohen, E. (1988) Authenticity and Commoditization in Tourism, *Annals of Tourism Research*, 15 (3), 371-386.
- Constanza, R., Fisher, B., Ali, S., Beer, C., Bond, L., Boumans, R., Danigelis, N., Dickson, H., Hudspeth, T. e Mahoney, D. (2007) Quality of Life: An Approach Integrating Opportunities, Human Needs, and Subjective Well-Being, *Ecological Economics*, 61 (2-3), 267-276.
- Cook, K. (1982) Guidelines for Socially Appropriate Tourism Development in British Columbia, *Journal of Travel Research*, 21 (1), 22-28.
- Cooper, C. (1994) Tourism Product Life Cycle, In: Seaton, A., (ed.) *Tourism: The State of the Art*. Chichester: Willey.
- Cooper, C., Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D. e Wanhill, S. (2007) *Turismo: Princípios E Práticas*, Porto Alegre: Bookman.
- Cooper, C., Fletcher, J., Gilbert, D. e Wanhill, S. (1998) *Tourism: Principles and Practice*, London: Financial Times Prentice Hall.
- Coppock, J. (1977) *Second Homes: Curse or Blessing?*, Oxford: Pergamon Press.
- Costa, C. (1996) *Towards the Improvement of the Efficiency and Effectiveness of Tourism Planning and Development at the Regional Level: Planning, Organizations and Networks. The Case of Portugal.*, PhD Thesis, Type, Universidade de Surrey.
- Costa, C. (2001) An Emerging Tourism Planning Paradigm? A Comparative Analysis between Town and Tourism Planning, *International Journal of Tourism Research*, 3, 425-441.
- Costa, C. (2006) Tourism Planning, Development and the Territory, In: Dimitrios, B. e Costa, C., (eds.), *Tourism Management Dynamics*, Oxford: Elsevier.
- Csikszentimihalyi, M. (1998) *Finding Flow, Psychology of Engagement in Everyday Life*, New York: Basic Books.
- Cummins, R. A. (2000) Objective and Subjective Quality of Life: An Interactive Model, *Social Indicators Research*, 52, 55-72.
- Cummins, R. A. (1996) The Domains of Life Satisfaction: An Attempt to Order Chaos, *Social Indicators Research*, 38, 303-332.
- Cummins, R. A. (1997) *Comprehensive Quality of Life Scale- Adult Fifth Edition (Comqol-A5)*, Melbourne: School of Psychology of Deakin University.
- Cunha, L. (2006) *Economia e Política do Turismo*, Lisboa: Editorial Verbo.
- Daly, H. E. e Cobb, J. B. (1989) *For the Common Good*, Boston: Beacon Press.

- Dann, G. e Cohen, E. (1991) Sociology and Tourism, *Annals of Tourism Research*, 18 (1), 155-179.
- Davis, D. J., Allen, J. S. e Cosenza, R. M. (1988) Segmenting Local Residents Interests and Opinions to Tourism, *Journal of Travel Research*, 27 (3), 2-8.
- Day, J., Skidmore, S. e Koller, T. (2002) Image Selection in Destination Positioning: A New Approach, *Journal of Vacation Marketing*, 8 (2), 177-186.
- Deery, M., Jago, L. e Fredline, L. (2012) Rethinking Social Impacts of Tourism Research: A New Research Agenda, *Tourism Management*, 33 (1), 64-73.
- Dekadt, E. (1979) *Tourism Passport to Development?: Perspective on the Social and Cultural Effects of Tourism in Developing Countries*, New York/ London: Oxford University Press.
- Dencker, A. F. M. (1998) *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo*, São Paulo: Futura.
- Diamantopoulos, A. e Winklhofer, H. (2001) Index Construction with Formative Indicators: An Alternative to Scale Development, *Journal of Marketing Research*, 38, 269-272.
- Diamantopoulos, A., Reifler, P. e Roth, K. P. (2008) Advancing Formative Measurement Models, *Journal of Business Research*, 12, 1203-1218.
- Diener, E. (1984) Subjective Well-Being, *Psychological Bulletin*, 95, 542-475.
- Diener, E. (1994) Assessing Subjective Well-Being: Progress and Opportunities, *Social Indicators Research*, 31 (2), 103-157.
- Diener, E. e Fujita, F. (1995) Resources, Personal Strivings and Subjective Well-Being: A Homothetic and Idiographic Approach, *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 926-935.
- Diener, E. e Suh, E. M. (1997) Measuring Quality of Life: Economic, Social, and Subjective Indicators, In: *Social Indicators Research*, Netherlands: Kluwer Academic Publishers.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E. e Smith, H. L. (1999) Subjective Well-Being: Three Decades of Progress, *Psychological Bulletin*, 125 (2), 276-302.
- Dogan, H. Z. (1989) Forms of Adjustment - Sociocultural Impacts of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 16 (2), 216-236.
- Dowrick, S., Dunlop, Y. e Quiggin, J. (2003) Social Indications and Comparisons of Living Standards, *Journal of Development economics*, 70 (2), 501-529.
- Doxey, G. (1975) A Causation Theory of Visitor-Resident Irritants: Methodology and Research Inferences in the Impact of Tourism, *Sixth Annual Conference Proceedings of the Travel Research Association*. San Diego.
- Ducan, O. D. (1975) Does Money Buy Satisfaction?, *Social Indicator Research*, 2, 267-274.
- Dumazedier, J. (1962) *Vers Une Civilization du Loisir*, Paris : Seuil.
- Dwyer, L., Edwards, D., Mistilis, N., Roman, C. e Scott, N. (2009) Destination and Enterprise Management for a Tourism Future, *Tourism Management*, 30 (1), 63-74.
- Dyer, P., Gursoy, D., Sharma, B. e Carter, J. (2007) Structural Modeling of Resident Perceptions of Tourism and Associated Development on the Sunshine Coast, Australia, *Tourism Management*, 28 (2), 409-422.
- Easterlin, R. A. (1973) Does Money Buy Happiness?, *The Public Interest*, 30, 3-10.
- Easterling, D. (2004) The Residents' Perspective in Tourism Research: A Review and Synthesis, *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 17 (4), 45-62.
- Echtner, C. e Jamal, T. (1997) The Disciplinary Dilemma of Tourism Studies, *Annals of Tourism Research*, 24, 868-883.

- Efron, B. (1979) Bootstrap Methods: Another Look of at the Jackknife, *The Annals of Statistics*, 7, 1-26.
- Ellison, C. W. (1983) Spiritual Well-Being: Conceptualization and Measurement, *Journal of Psychology and Theology*, 11, 330-340.
- Emerson, R. (1972) Exchange Theory - Part 1: Psychological Basis for Social Exchange., In: Berger, J., Zelditch, M. e Anderson, B., (eds.), *Social theory in progress*, New York: Houghton-Mifflin.
- Eurico, S. T. (2011) *Satisfação e Empregabilidade*, Tese de Doutorado, Faculdade de Economia, Universidade do Algarve.
- Farrell, B. H. (1977) *The Social and Economic Impact of Tourism on Pacific Communities*, Santa Cruz – California: Center for South Pacific Studies.
- Farias, S. e Santos, R. (2000) *Modelagem de Equações Estruturais e Satisfação do Consumidor: Uma Investigação Teórica e Prática*, RAC, 4, 107-132.
- Farrel, B. H. e Runyan, D. (1991) Ecology and Tourism, *Annals of Tourism Research*, 18 (1), 26-40.
- Faulkner, B. e Tideswell, C. (1997) A Framework for Monitoring Community Impacts of Tourism, *Journal of Sustainable Tourism*, 5 (1), 3-28.
- Félix Martins, J. (2000) *Attitudes of Residents Towards Tourism in Madeira*, PhD Thesis, University of Surrey.
- FEMCTV (2003) *Quality of Life in Europe. First European Quality of Life Survey 2003*, Fundação Europeia.
- Fernandes, C. O. e Rassing, C. R. (2000) *Measuring Sustainable Tourism Development in Remote Rural Communities of Europe*, Leisure and Human Development [online].
- Ferrão, J. (2004) Município, *Sustentabilidade e Qualidade de Vida: Contributos para a construção de um sistema de indicadores da qualidade de Vida dos Municípios Portugueses (Continente)*.
- Fisher, D. (2004) The Demonstration Effect Revisited, *Annals of Tourism Research*, 31(2).
- Flanagan, J. C. (1978) A Research Approach to Improving Our Quality of Life, *American Psychologist*, 33, 138-147.
- Fleck, M. P. A., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L. e Pinzon, V. (1999) Aplicação da versão em português do instrumento de avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (Whoqol-100), *Revista de Saúde Pública*, 33 (2), 198-205.
- Fletcher, J. E. (1989) Input-Output-Analysis and Tourism Impact Studies, *Annals of Tourism Research*, 16 (4), 514-529.
- Formica, S. e Uysal, M. (1998) Market Segmentation of an International Cultural-Historical Event in Italy, *Journal of Travel Research*, 36 (4), 16-24.
- Fornell, C. e Bookstein, F. (1982) A Comparative Analysis of Two Structural Equation Models: Lisrel and PLS Applied to Market Data, In: Fornell, C., (ed.) *A Second Generation of Multivariate Analysis*, New York: Praeger.
- Fornell, C. e Larcker, D. F. (1981) Evaluating Structural Equation Models with an Unobservable Variables and Measurement Error, *Journal of Marketing Research*, 18, 39-50.
- Fortin, M. F. (1999) *O Processo de Investigação: da concepção à realização*, Loures, Lusociência.
- Fredline, E. e Faulkner, B. (2000) Host Community Reactions - a Cluster Analysis, *Annals of Tourism Research*, 27 (3), 763-784.

- Freeman, R. (1984) *Strategic Management: A Stakeholder Approach*, Boston, MA: Pitman.
- Galinha, I. e Ribeiro, J. (2005) História e Evolução do Conceito de Bem-Estar Subjectivo, *Psicologia, Saúde e Doenças*, VI (2), 203-214.
- Gee, C. Y., Mackens, J. C. e Choy, D. J. (1989) *The Travel Industry*, New York: Van Nostrand Reinhold.
- Getz, D. (1986) Models in Tourism Planning: Towards Integration of Theory and Practice, *Tourism Management*, 7 (1), 21-32.
- Getz, D. (1992) Tourism Planning and Destination Life Cycle, *Annals of Tourism Research*, 19 (4), 752-780.
- Getz, D. (1994) Residents Attitudes Towards Tourism - a Longitudinal-Study in Spey Valley, Scotland, *Tourism Management*, 15(4), 247-258.
- Giddens, A. (2000) Sociologia, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gilbert, D. (1989) Rural Tourism and Marketing: Synthesis and New Ways of Working, *Tourism Management*, 10 (1), 39-50.
- Gilbert, D. (1990) Strategic Marketing Planning for National Tourism, *The tourist review*, 1, 18-27.
- Gilbert, D. e Clark, M. (1997) An Exploratory Examination of Urban Tourism Impact, with Reference to Residents Attitudes, in the Cities of Canterbury and Guildford, *Cities*, 14 (6), 343-352.
- GNH (2012) *Gross National Happiness*, disponível em: <http://www.grossnationalhappiness.com/>, consultado em 2012.
- Goeldner, C. R., Ritchie, J. R. B. e McIntosh, R. W. (2002) Turismo: *Princípios, Práticas e Filosofias*, Porto Alegre: Bookman.
- Goffman, E. (1959) *The Presentation of Self in Everyday Life*, University of Edinburgh: Social Sciences Research Centre.
- Gotz, O., Liehr-Gobbers, K. e Krafft, M. (2010) Evaluation of Structural Equation Models Using the Partial Least Squares (PLS) Approach, In: Vinzi, E., Chin, W. W., Henseler, J. e Wang, H., (eds.), *Handbook of Partial Least Squares, Concepts, Methods and Applications*, Heidelberg: Springer.
- GP (1997) *Programa Operacional Regional do Algarve 2007-2013* [FEDER]
- GP (2011) Governo de Portugal - Presidência do Conselho de Ministros. *Programa do XIX Governo Constitucional*, www.portugal.gov.pt.
- Graburn, N. (1983) The Anthropology of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 10 (1), 9-33.
- Gray, H. (1984) Tourism Theory and Practice - a Reply, *Annals of Tourism Research*, 11 (2), 286-290.
- Gunn, C. (1994) *Tourism Planning*, New York: Taylor and Francis.
- Gursoy, D. e Kendall, K. W. (2006) Hosting Mega Events - Modeling Locals' Support, *Annals of Tourism Research*, 33, 603-623.
- Gursoy, D. e Rutherford, D. G. (2004) Host Attitudes toward Tourism - an Improved Structural Model, *Annals of Tourism Research*, 31 (3), 495-516.
- Gursoy, D., Chi, C. G. e Dyer, P. (2009) An Examination of Locals' Attitudes, *Annals of Tourism Research*, 36 (4), 723-726.
- Gursoy, D., Jurowski, C. e Uysal, M. (2002) Resident Attitudes - a Structural Modeling Approach, *Annals of Tourism Research*, 29 (1), 79-105.
- Gursoy, D., Kim, K. e Uysal, M. (2004) Perceived Impacts of Festivals and Special Events by Organizers: An Extension and Validation, *Tourism Management*, 25 (2), 171-181.

- Haggard, L. M. (1995) Quality of Life and the Leisure Life Experience: Development and Test of a Structural Model, In: Meadow, H. L., Sirgy, M. J. e Rahtz, D. R., (eds.), *Developments in Quality of Life Studies in Marketing*. DeKalb, Illinois: Academy of marketing science and the international society for quality of life studies.
- Hair, J. (1998) *Multivariate Data Analysis*, New Jersey: Prentice Hall.
- Hair, J., Ringle, C. e Sardoedt, M. (2011) Pls-Sem: Indeed a Silver Bullet, *Journal of Marketing Theory and Practices*, 19(2), 139-151.
- Haralambopoulos, N. e Pizam, A. (1996) Perceived Impacts of Tourism - the Case of Samos, *Annals of Tourism Research*, 23 (3), 503-526.
- Harill, R. (2004) Residents' Attitudes toward Tourism Development: A Literature Review with Implication for Tourism Planning, *Journal of Planning Literature*, 18 (3), 251-266.
- Haywood, K. M. (1988) Responsible Ans Responsive Tourism Planning in the Community, *Tourism Management*, 9 (2), 105-118.
- Henseler, J. e Fassot, G. (2010) Testing Moderating Effects in PLS Path Models, In: Vinzi, E., Chin, W. W., Henseler, J. e Wang, H., (eds.), *Handbook of Partial Least Squares, Concepts, Methods and Applications*. Berlin Heidelberg: Springer.
- Henseler, J., Ringle, C. e Sinkovics, R. (2009) *The Use of Partial Least Squares Path Modeling in International Marketing, New Challenges to International Marketing: Advances in International Marketing*.
- Herzberg, F. (1966) *Work and the Nature of Man*, Cleveland: World.
- Hill, M. e Hill, A. (2005) *Investigação por Questionário*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Holloway, J. C. (1995) *The Business of Tourism*, London: Longman.
- Homans, G. (1958) Social Behavior as Exchange, *American Journal of Sociology*, 62, 597-606.
- Houaiss, A. e Villar, S. (2005) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa: Temas e Debates.
- Hung, Y. H., Huang, M. L. e Chen, K. S. (2003) Service quality evaluation by service quality performance matrix. *Total Quality Management*, 14: 79-89.
- Hunt, J. (1991) *Tourism on Our Terms: Tourism in the Western United States*, Denver CO: Western Governors| Association.
- Husband, W. (1989) Social Status and Perception of Tourism in Zambia, *Annals of Tourism Research*, 16, 237-255.
- Ignarra, L. R. (2003) *Fundamentos do Turismo*, São Paulo: Thomson.
- Inbakaran, R. e Jackson, M. (2005) Marketing Regional Tourism: How Better to Target and Address Community Attitudes to Tourism, *Journal of Vacation Marketing*, 11 (4), 323-339.
- INE (2010) Censos 2001 - *Instituto Nacional de Estatística*, disponível em: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_censos_indicadores&xpid=CENSOS, consultado em 2010.
- INE (2012) *Instituto Nacional de Estatística*, disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main, consultado em 2012.
- Infopédia (2011) *Enciclopédia e Dicionários Porto Editora*, disponível em: <http://www.infopedia.pt/>, consultado em 2011.
- Inskeep, E. (1991) *Tourism Planning - an Integrated and Sustainable Approach*, New York: Van Nostrand-Reinhold.
- Inskeep, E. (1994) *National and Regional Tourism Planning*, New York: Routledge.

- INTEC (2009) *M2v Global Report 2009 - A Qualidade de Vida Em Portugal*, Lisboa.
- Ishikawa, N. e Fukushima, M. (2006) Who Expects the Municipalities to Take Initiative in Tourism Development? Residents' Attitudes of Amami Oshima Island in Japan, *Tourism Management*, 28, 461-475.
- Jafari, J. (2001) The Scientification of Tourism, In: Smith, V. e Brent, M., (eds.), *Tourism Issues of the 21st Century*. New York: Cognizant Communications Corporation.
- Jafari, J. (2005) El Turismo Como Disciplina Científica, *Política y Sociedad*, 42 (1), 39-56.
- Jafari, J. (2010), *The Body of Knowledge in Tourism - Using and Contributing to It*, Faculdade de Economia, Universidade do Algarve.
- Jamal, T. e Getz, D. (1995) Collaboration Theory and Community Tourism Planning, *Annals of Tourism Research*, 22 (1), 186-204.
- Jarvis, C. B., Mackenzie, S. B. e Podsakoff, P. M. (2003) A Critical Review of Construct Indicators and Measurement Model Misspecification in Marketing and Consumer Research, *Journal of Consumer Research*, 30, 199-218.
- Joaquim, G. (1994) *Turismo e Ambiente: Complementaridade e Responsabilidade*, Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa.
- Jodelet, D. (1985) *La Representación Social: Fenómenos, Concepto Y Teoría*, In: Moscovici, S., (ed.) *Psicología Social*, Barcelona: Paídos.
- Joreskog, K. e Sorbom, D. (1998) *Lisrel 8: Estrutural Equation Modeling with Simple Command Language*, Mooresville: Scientific Software.
- Jurowski, C. (2004) Tourism in Destination Communities, *Tourism Management*, 25(2), 644-646.
- Jurowski, C. e Gursoy, D. (2004) Distance Effects on Residents' Attitudes toward Tourism, *Annals of Tourism Research*, 31(5), 296-312.
- Jurowski, C., Uysal, M. e Williams, D. (1997) A Theoretical Analysis of Host Community Resident Reactions to Tourism, *Journal of Travel Research*, 36 (2), 3-11.
- Kastenholz, E. (2002) *The Role and Marketing Implications of Destination Images on Tourist Behavior: The Case of Northern Portugal*, PhD Thesis, Universidade de Aveiro.
- Kendall, J. W. e Var, T. (1984) *The Perceived Impacts of Tourism: The State-of-the-Art*, Honolulu, University of Hawaii.
- Keogh, B. (1990) Public Participation in Community Tourism Planning, *Annals of Tourism Research*, 17, 449-465.
- Khan, M. M. (1997) Tourism Development and Dependency Theory: Mass Tourism Vs. Ecotourism, *Annals of Tourism Research*, 24 (4), 988-991.
- Kim, K. (2002) *The Effects of Tourism Impacts Upon Quality of Life of Residents in the Community*, PhD Thesis, Faculty of the Virginia Polytechnic Institute and State University.
- Kim, Y. K. e Crompton, J. L. (1990) Role of Tourism in Unifying the 2 Koreas, *Annals of Tourism Research*, 17(3).
- King, B., Pizam, A. e Milman, A. (1993) Social Impacts of Tourism - Host Perceptions, *Annals of Tourism Research*, 20 (4), 650-665.
- Knox, J. M. (1982) Resident-Visitor Interaction: Review of the Literature and General Policy Alternatives, In: Rajotte, F., (ed.) *The Impact of Tourism Development in the Pacific*. Peterborough, Ontario: Environmental resources study program, Trent University.

- Ko, D.-W. e Stewart, W. P. (2002) A Structural Equation Model of Residents' Attitudes for Tourism Development, *Tourism Management*, 23 (5), 521-530.
- Kontogeorgopoulos, N. (1998) *Creating Island Resorts*, Pacific Affairs, 71.
- Kotler, P. e Gertner, D. (2002) Country as Brand, Product, and Beyond: A Place Marketing and Brand Management Perspective, *Special Issue Brand Management*, 9 (5), 249-261.
- Krippendorff, J. (1987) *The Holiday Makers*, Oxford: Heinemann.
- Krippendorff, J. (1989) *Sociologia do Turismo - Para uma Nova Compreensão do Lazer e das Viagens*, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Krupinski, J. (1980) *Health and Quality-of-Life - Social Science and Medicine*.
- Kuhn, T. (2009) *A Estrutura Das Revoluções Científicas*, Lisboa: Editora Guerra e Paz.
- Lacher, R. G. e Nepal, S. K. (2010) Dependency and Development in Northern Thailand, *Annals of Tourism Research*, 37 (4), 947-968.
- Lane, R. E. (1991) *The Marketing Experience*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Lane, R. E. (1994) Quality of Life and Quality of Persons. A New Role for Government?, *Political Theory*, 22, 219-252.
- Lankford, S. (1994) Attitudes and Perceptions toward Tourism and Rural Regional Development, *Journal of Travel Research*, 32(3), 35-43.
- Lankford, S. V. e Howard, D. R. (1994) Developing a Tourism Impact Attitude Scale, *Annals of Tourism Research*, 21(1), 121-139.
- Lankford, S. V., Chen, J. S. Y. e Chen, W. L. (1994) Tourisms Impacts in the Penghu-National-Scenic-Area, Taiwan, *Tourism Management*, 15 (3), 222-227.
- Lawn, P. A. (2003) A Theoretical Foundation to Support the Index of Sustainable Economic Welfare (ISEW), Genuine Progress Indicator (GPI), and Other Related Indexes, *Ecological Economics*, 44 (1), 105-118.
- Lawn, P. e Sanders, R. (1999) Has Australia Surpassed Its Optimal Macroeconomic Scale? Finding out with the Aid of 'Benefit' and 'Cost' Accounts and a Sustainable Net Benefit Index, *Ecological Economics*, 28, 213-299.
- Laws, E. (1995) *Tourist Destination Management*, London: Routledge.
- Lawson, R. W., Williams, J., Young, T. e Cossens, J. (1998) A Comparison of Residents' Attitudes Towards Tourism in 10 New Zealand Destinations, *Tourism Management*, 19 (3), 247-256.
- Leelakulthanit, O., Day, R. e Walters, R. (1991) Investigating the Relationship between Marketing and Overall Satisfaction with Life in a Developing Country, *Journal of Macro Marketing*, (spring) 3-23.
- Leiper, N. (1979) The Framework of Tourism - Towards a Definition of Tourism, Tourist and Tourist Industry, *Annals of Tourism Research*, 6 (4), 390-407.
- Leiper, N. (1983) An Etymology of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 10 (2), 277-280.
- Lepp, A. (2007) Residents' Attitudes Towards Tourism in Bigodi Village, Uganda, *Tourism Management*, 28 (3), 876-885.
- Lévi-Strauss, C. (1958) *Anthropologie Structurale*, Paris : Plon.
- Lewis, R. e Green, S. (1988) Planning for Stability and Managing Chaos: The Case of Alpine Ski Resorts, In: Laws, E., Faulkner, B. e Moscardo, G., (eds.), *Embracing and Managing Change in Tourism: International Case Studies*. London: Routledge.
- Lindberg, K. e Johnson, R. L. (1997a) The Economic Values of Tourism's Social Impacts, *Annals of Tourism Research*, 24(1), 90-116.

- Lindberg, K. e Johnson, R. L. (1997b) Modeling Resident Attitudes toward Tourism, *Annals of Tourism Research*, 24(2), 402-424.
- Lindberg, K., Enriquez, J. e Sproule, K. (1996) Ecotourism Questioned - Case Studies from Belize, *Annals of Tourism Research*, 23 (3).
- Lindberg, K., Molstad, A., Hawkins, D. e Jamieson, W. (2001) International Development Assistance in Tourism, *Annals of Tourism Research*, 28 (2).
- Liu, J. (1979) *The Economic Impact of Tourism on an Island Economy: A Case Study of Victoria*, B.C., PhD Thesis, Simon Fraser University.
- Liu, J. C., Sheldon, P. J. e Var, T. (1987) Resident Perception of the Environmental Impacts of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 14, 17-37.
- Liu, J. e Var, T. (1986) Resident Attitudes toward Tourism Impacts in Hawaii, *Annals of Tourism Research*, 13 (2), 193-214.
- Locke, E. A. (1968) *Toward Theory of Task Motivation and Incentives*, Organizational behaviour and human performance, 157-189.
- Lohmoller, J. (1989) *Latent Variables Path Modeling with Partial Least Squares*, Heidelberg: Physica.
- Lohr, S. (2009) *Sampling: Design and Analysis*, Boston: Books /Cole.
- Long, P. T., Perdue, R. R. e Allen, L. R. (1990) Rural Resident Tourism Perceptions and Attitudes by Community Level of Tourism, *Journal of Travel Research*, 28, 3-9.
- Lopes, F. e Monteiro, A. (2010) Modelado Cársico no Concelho de Loulé, disponível em: <http://sapiens.no.sapo.pt>, consultado em 2010.
- Louette, A. (2007) *Compêndio para a Sustentabilidade: Uma Contribuição para o Desenvolvimento Sustentável*, São Paulo: Willis Harmon House.
- Louro, M. (2003) Turismo e Desenvolvimento Sustentável: Uma Aplicação à Escala Local, O Caso do Concelho de Loulé, Tese de Doutoramento, Universidade do Algarve, Faculdade de Economia.
- Lowenthal, D. (1990) *The Past in a Foreign Country*, Cambridge: University Press.
- Lumsdon, L. (2000) *Tourism Marketing*, London: International Thomson Business Press.
- Lundberg, D. E. (1990) *The Tourist Business*, New York: Van Nostrand-Reinhold.
- Lyumbomirsky, S. (2001) Why Are Some People Happier Than Others?: The role of Cognitive and Motivational Process in Well-Being, *American Psychologist*, 56, 239-249.
- Lyumbomirsky, S., Sheldon, K. e Schkade, D. (2005) Pursuing Happiness: The Architecture of Sustainable Change, *Review of General Psychology*, 9 (2), 111-131.
- MacCannell, D. (1989) *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*, Shocken Books: New York.
- Maddox, G. L. e Douglas, E. B. (1978) Self Assessment of Health -a Longitudinal Study of Elderly Subjects, *Journal of Health and Social Behavior*, 14 (march), 87-92.
- Madrigal, R. (1993) A Tail of Tourism in Two Cities, *Annals of Tourism Research*, 20 (2), 336-353.
- Maitheson, A. e Wall, G. (1982) *Tourism: Economic, Physical and Social Impacts*, Harlow: Longman.
- Malhotra, N. (2004) *Pesquisa De Marketing - Uma orientação aplicada*, São Paulo: Bookman.
- Mansfeld, Y. e Ginosar, O. (1994) *Determinants of Locals Perceptions and Attitudes Towards Tourism Development in Their Locality*, *Geoforum*, 25, 227-248.

- Manso, J. R. e Simões, N. M. (2007) *Os Municípios e a Qualidade de Vida em Portugal: Proposta metodológica com vista à sua mensuração e ordenação*, Covilhã, Observatório para o desenvolvimento económico e social.
- MAOTDR (2007) QREN - *Quadro de Referência Estratégica Nacional*, MAOTDR, (ed.) Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional .
- Marks, N. (2006) *The (Un)Happy Planet Index: An Index of Human Well-Being and Environmental Impact*, London: NEF.
- Maruyama, G. M. (1998) *Basics of Structural Equation Modeling*, London: Sage Publications.
- Maslow, A. H. (1943) A Theory of Human Motivation, *Psychological Review*, 50, 370-396.
- Maslow, A. H. (1954) *Motivation and Personality Way*, New York: Herper.
- Mason, P. e Cheyne, J. (2000) Residents' Attitudes to Proposed Tourism Development, *Annals of Tourism Research*, 27 (2), 391-411.
- Massam, B. H. (2002) Quality of Life: Public Planning and Private Living, *Progress in Planning*, 58 (1), 141-227.
- Matin, B. S. e Uysal, M. (1990) An Examination of the Relationship between Caring Capacity and the Tourism Life Cycles: Management and Policy Implications, *Journal of Environmental Management*, 31, 327-333.
- Mauss, M. (1926) *Manuel D'ethnographie*. Édition électronique (Microsoft Word 2001) MacIntosh.
- Max-Neef, M. (1995) Economic Growth and Quality of Life" a Threshold Hypothesis, *Ecological Economics*, 15, 115-118.
- Mbaiwa, J. E. (2005) Enclave Tourism and Its Socio-Economic Impacts in the Okavango Delta, Botswana, *Tourism Management*, 26 (2).
- Mbaiwa, J. E. (2011) Changes on Traditional Livelihood Activities and Lifestyles Caused by Tourism Development in the Okavango Delta, Botswana, *Tourism Management*, 32 (5), 1050-1060.
- McClelland (1961) *The Achieving Society*, New York: Van N. Reinhold.
- McCool, S. e Moisey, N. (2009) Tourism, Recreation, and Sustainability, 2nd Ed., *Annals of Tourism Research*, 36(4), 749-750.
- McCool, S. F. e Martin, S. T. (1994) Community Attachment and Attitudes Towards Tourism Development, *Journal of Travel Research*, 32 (3), 29-34.
- McGehee, N. G. e Andereck, K. L. (2004) Factors Predicting Rural Residents' Support of Tourism, *Journal of Travel Research*, 43, 131-140.
- McIntoch, R. e Goeldner, C. (1990) *Tourism, Principles, Pratices, Philosophies*, New York, John Willey & Sons.
- McIntosh, R. e Goeldner, C. (1990) *Tourism: Principles, Practices and Philosophies*, New York, Wiley.
- Mead, G. H. (1934) *On Social Psychology*, Chicago: University of Chicago Press.
- Meadow, H. L. (1983) *The Relationship between Consumer Satisfaction and Life Satisfaction for the Elderly*, PhD Thesis, Virginia Polytechnic Institute and State University.
- Meadows, D. H., Meadows, D. L., Randers, J. e Behrens (1972) *The Limits to Growth: A Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of the Mankind*, New York: Universe Books.
- Metzen, E. J., Dannerbeck, A. M. e Song, J. H. (1997) Life Satisfaction among Married and Non Married Parents, In: Meadow, H. L., (ed.) *Development in*

- Quality-of-Life Studies in Marketing*. Blacksburg- Virginia: Virginia International Society for Quality-of -Life Studies.
- Michalkó, G., Kiss, K., Kovács, B. e Sulyok, J. (2009) The Impact of Tourism on Subjective Quality of Life among Hungarian Population, *Hungarian Geographical Bulletin*, 58 (2), 121-136.
- Michalos, A. C. (1980) Satisfaction and Happiness, *Social Indicators Research*, 8 (2), 385-422.
- Mill, R. C. e Morrison, A. M. (1992) *The Tourism system*, Prentice-Hall International.
- Milman, A. e Pizam, A. (1988) Social Impacts of Tourism on Central Florida, *Annals of Tourism Research*, 15 (2), 191-204.
- Milne, K. (1987) Law for the Rich, *New Society*, 82.
- Mitchell, L. S. e Murphy, P. E. (1991) Geography and Tourism, *Annals of Tourism Research*, 18 (1), 57-70.
- Moscardo, G. (2006) Is near Enough Good Enough? Understanding and Managing Customer Satisfaction with Wildlife-Based Tourism Experiences, In: Prideaux, B., Moscardo, G. e Laws, E., (eds.), *Managing Tourism and Hospitality Services: Theory and International Applications*. CABI.
- Moscardo, G. (2009) Tourism and Quality of Life: Towards a More Critical Approach, *Tourism and Hospitality Research*, 9 (2), 159-170.
- Moscardo, G. (2011) Exploring Social Representations of Tourism Planning: Issues for Governance, *Journal of Sustainable Tourism*, 19 (4-5), 423-436.
- Moscovici, S. (1981) On Social Representations, In: Forgas, J. P., (ed.) *Social Cognition: Perspectives in Everyday Understanding*, London: Academic Press.
- Moscovici, S. (2007) *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*, Petrópolis: Vozes.
- Murphy, J. e Tan, I. (2003) Journey to Nowhere? E-Mail Customer Service by Travel Agents in Singapore, *Tourism Management*, 24 (5).
- Murphy, P. (1983) Tourism as a Community Industry, *Tourism Management*, 4 (3), 180-193.
- Murphy, P. (1985) *Tourism: a Community Approach*, London: Routledge.
- Murphy, P. A. e Watson, S. (1995) Winners, Losers and Curate's Eggs: Urban and Regional Outcomes of Australian Economic Restructuring 1971-1991, *Geoforum*, 26.
- Murphy, P. E. (1981) Community Attitudes to Tourism: A Comparative Studies, *Tourism Management*, 2, 189-195.
- Murphy, P. E. (1989) Ambiguous Alternative - Tourism in Small Developing-Countries - Britton,S, Clarke,Wc, *Geographical Review*, 79 (1).
- Murphy, P. E. e Murphy, A. E. (2004) *Strategic Management for Tourism Communities: Bridging the Gaps*, Clevedon, Aspects of Tourism Series, Channel view Publications.
- Myers, D. e Diener, E. (1996) The Pursuit of Happiness: New Research Uncovers Some Anti-Intuitive Insights into How Many People Are Happy - and Why, *Scientific American*, (may).
- Nash, D. (1981) Tourism as an Anthropological Subject, *Current Anthropology*, 22 (5), 461-481.
- Nash, D. (1989a) Tourism as a Form of Imperialism, In: Smith, V., (ed.) *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. 2.ed, Philadelphia: UPP.
- Nash, D. (1996) *Anthropology of Tourism*, Oxford: Pergamon.
- Nash, D. e Smith, V. (1991) Anthropology and Tourism, *Annals of Tourism Research*, 18 (1), 12-25.

- Nash, M. (1989b) *The Cauldron of Ethnicity in the Modern World*, Chicago: University of Chicago Press.
- Neal, J. D. (2000) *The Effects of Different Aspects of Tourism Services on Travelers' Quality-of-Life: Model Validation, Refinement, and Extension*, PhD Thesis, Virginia Polytechnic Institute and State University.
- Neal, J. D., Sirgy, M. J. e Uysal, M. (1999) The Role of Satisfaction with Leisure Travel/Tourism Services and Experience in Satisfaction with Leisure Life and Overall Life, *Journal of Business Research*, 44 (3), 153-163.
- Neal, J., Sirgy, M. J. e Uysal, M. (1997) Satisfaction of Various Aspects of Travel, Tourism, Leisure and Life: Difference between Allocentrics and Psicocentrics, In: Meadow, H. L., (ed.) *Development in Quality-of-Life Studies in Marketing*. Blacksburg, Virginia: International society for quality-of-life studies.
- Nicholas, L. N., Thapa, B. e Ko, Y. J. (2009) Residents' Perspectives of a World Heritage Site the Pitons Management Area, St. Lucia, *Annals of Tourism Research*, 36 (3), 390-412.
- Norman, W. C., Harwell, R. e Allen, L. R. (1997) The Role of Recreation of the Quality-of-Life of Residents in Rural Communities on South Carolina, In: Meadow, H. L., (ed.) *Development in Quality-Of-Life Studies in Marketing*. Blacksburg, Virginia: Virginia International Society for Quality-of-Life studies.
- Núñez, T. (1963) Tourism, Traditional and Acculturation: Weekendismo in a Mexican Village, *Ethnology*, 2 (3), 347-352.
- O' Brien, D. J. e Lange, J. K. (1986) Racial Composition and Neighborhood Evaluation, *Journal of Urban Affairs*, 8 (1), 43-62.
- O' Donnell, M. P. (1986) Definition of Health Promotion, *American Journal of Health Promotion*, 1 (1), 4-5.
- OECD (2011) *Measuring Well-Being and Progress: Organization for Economic Co-operation and Development*.
- Okun, M. A., Stock, W. A., Haring, M. J. e Witter, R. A. (1984) Health and Subjective Well-Being: A Meta Analysis, *International Journal of Aging and Human Development*, 19, 111-132.
- Oliveira, L. E. A. (1977) In: Oliveira, L., (ed.) *Nova Enciclopédia Larousse*: Círculo de Leitores.
- ONU (2011) Índice De Desenvolvimento Humano (IDH), Nova Iorque: ONU - Organização das Nações Unidas, consultado em 2011.
- O'Reilly, A. M. (1986) Tourism Carrying Capacity: Concept and Issues, *Tourism Management*, 7(4), 254-258.
- Ortega (2008) *The Case for Happiness- Increase Research*. disponível em: <http://thehappinessshow.com/HappinessResearchStillNeeded.htm>, consultado em 2011.
- Oviedo-Garcia, A. M., Castellanos-Verdugo, M. e Martin-Ruiz, D. (2008a) Gaining Residents' Support for Tourism and Planning, *International Journal of Tourism Research*, 10 (2), 95-109.
- Page-Wood, E. P., Lane, P. M. e Lindquist, J. D. (1990) The Leisure Components in Quality-of-Life: Quality Leisure and the Fourth Dimension, In: Meadow, H. L. e Sirgy, M. J., (eds.), *Quality of Life Studies in Marketing and Management*. Blacksburg, Virginia: Virginia Technology Center for Strategy and marketing Studies.
- Palma, P. e Lopes, M. (2008) *Os Municípios e a Qualidade de Vida em Portugal*, Forum: Inovar, Transformar, Modernizar.

- Paloutzian, R. F. (1997) Religious and Spiritual Factors in Individual and Societal Well-Being: Positive and Negative Contributions, *Developments in quality of life studies: Proceedings of the first conference of the international society of quality of life studies*, Volume I.
- Paloutzian, R. F. e Ellison, C. W. (1982) Loneliness, Spiritual Well-Being and the Quality of Life, In: Peplau, L. A. e Perlman, D., (eds.), *Loneliness, a Sourcebook of Current Theory, Research and Therapy*. Nova York: Wiley.
- Parke, R. e Sheldon, E. B. (1974) Social Indicator One Year Later: An Overview, In: Robert, L., Clewett e Olson, J. C., (eds.), *Social Indicators and Marketing*. Chicago: American Marketing Association.
- Parker, M. (1997) Loss in the Lives of Southeast Asian Elders, In: Meadow, H. L., (ed.) *Development in Quality-of-Life Studies in Marketing*. Blacksbourg, Virginia: International Society for Quality-of-life Studies.
- Pearce, D. (1988) Who from Their Labours Rest - Conflict and Practice in Rural Tourism - Bouquet, M, Winter, M, Journal of Rural Studies, 4.
- Pearce, D., G. (2002) *Introdução: Temas e Abordagens*, In: Pearce, D., Butler, R. e Richerd, W., (eds.), *Desenvolvimento Em Turismo: Temas Contemporâneos*. São Paulo: Contexto.
- Pearce, P. L. (1982) Perceived Changes in Holiday Destinations, *Annals of Tourism Research*, 9 (2), 145-164.
- Pearce, P. L., Moscardo, G. e Ross, F. (1996) *Tourism Community Relationship*, Oxford: Pergamon.
- Pembina (2001) *Alberta Sustainability 2000: The Genuin Pogress Indicator Report 1961-1969*, Dayton Valley, Alberta: Pembina Institute.
- Perdue, R. R. (1987) Ecology, Recreation, and Tourism - Edington, Jm, Edington, Ma, *Journal of Leisure Research*, 19.
- Perdue, R. R., Long, P. T. e Allen, L. (1990) Resident Support for Tourism Development, *Annals of Tourism Research*, 17, 586-599.
- Perdue, R. R., Long, P. T. e Allen, L. R. (1987) Rural Resident Tourism Perceptions and Attitudes, *Annals of Tourism Research*, 14, 420-429.
- Perdue, R. R., Long, P. T., and Gustke, L. D. (1991) The Effects of Tourism Development Objective Indicators of Local Quality of Life. Tourism: Building Credibility for a Credible Industry: Proceedings of the 22nd Annual TTRA International Conference. *Travel and Tourism Research Association*, Salt Lake City, UT, pp. 191-201.
- Pestana, M. e Gageiro, J. (2003) *Análise De Dados Para Ciências Sociais. A Complementaridade do SPSS*, Edições Sílabo.
- Peters, M. (1969) *International Tourism*, London: Hutchinson.
- Pizam, A. (1978) Tourism's Impacts: The Social Costs to the Destination Community as Perceived by Its Residents, *Journal of Travel Research*, 16 (4), 8-12.
- Pizam, A., Milman, A. e King, B. (1994) The Perceptions of Tourism Employees and Their Families Towards Tourism - a Cross-Cultural-Comparison, *Tourism Management*, 15 (1), 53-61.
- Plog, S. (1977) Why Destination Areas Rise and Fall in Popularity, In: Kelly, E., (ed.) *Domestic and International Tourism*. Wellesley, Massachusetts: Institute of Certified Travel Agents.
- Plog, S. (2001) *Why Destination Areas Rise and Fall in Popularity - an Update of a Cornell Quarterly Classic*, Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly, 42, 13-24.

- Plog, S. (2002) The Power of Psychographics and the Concept of Venturesomeness, *Journal of Travel Research*, 40, 244-251.
- Poon, A. (1993) *Tourism, Technology and Competitive Strategies*, Wallingford, CAB International.
- Pordata (2012) *Base de dados Portugal Contemporâneo*, disponível em: <http://www.pordata.pt/>, consultado em 2012.
- Porter, M. (1980) *Competitive Strategy: Technics for Analyzing Industries and Competitors*, New York: Free Press.
- Porter, M. (1990) *The Competitive Advantage of Nations*, London: McMillan.
- Pratt, S. (2011) Economic Linkages and Impacts across the TALC, *Annals of Tourism Research*, 38 (2), 630-650.
- Prentice, R. (1993) Community-Driven Tourism Planning and Resident's Preferences, *Tourism Management*, 14, 218-227.
- Pukeliene, V. e Starkauskiene, V. (2009) *Quality of Life Concepts, Measurement and Challenges*, *Taikomoji Ekonomika*, 3/2, 51-65.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (1992) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- Rahtz, D. R., Sirgy, M. J. e Meadow, H. L. (1989) The Elderly Audience: Correlates of Television Orientation, *Journal of Advertising*, 18, 9-20.
- Raphael, D., Brown, I., Renwick, R. e Rootman, I. (1996) Quality of Life Indicators and Health: Current Status and Emerging Conceptions, *Social Indicators research*, 39, 65-88.
- Rapley, M. (2003) *Quality of Life Research: A Critical Introduction*, London: Sage.
- Reid, R. e Bojanic, D. (2006) *Hospitality Marketing Management*, Wiley and Sons.
- Rettig, K. D. e Leichtentritt, R. D. (1999) A General Theory for Perceptual Indicators of Family Life Quality, *Social Indicators Research*, 47(3), 307-342.
- Richards, G. (2011) Understanding Tourism: A Critical Introduction, *Annals of Tourism Research*, 38(2), 727-729.
- Ringle, C. M., Wende, S. e Will, A. (2005) *Smart PLS 2.0 (Beta)*, Hamburg: Germany, University of Hamburg.
- Ritchie, B. (2002) Tourism, Development and Growth: The Challenge of Sustainability, *Tourism Management*, 23 (2).
- Ritchie, J. R. B. (1988) Consensus Policy for Relation in Tourism, *Tourism Management*, 9 (3), 199-216.
- Ritchie, J. R. B. e Crouch, G. I. (2003) *The Competitive Destination: A Sustainable Tourism Perspective*, London: Cabi Publishing.
- Roach, M. J. e O'brien, D. J. (1982) The Impact of Different Kind of Neighbourhood Involvement on Residents' Overall Evaluation of Their Neighbourhoods, *Sociological Focus*, 15 (2), 379-392.
- Romeril, M. (1985) Tourism and Conservation in the Channel Islands, *Tourism Management*, 1, 43 - 50.
- Ross, G. F. (1992) Resident Perceptions of Impact of Tourism on an Australian City, *Journal of Travel Research*, 30, 13-17.
- Rothman, R. A. (1978) Residents and Transients: Community Reaction to Seasonal Visitors, *Journal of Travel Research*, 16 (3), 8-13.
- Ryan, C. (1991) *Recreational Tourism, a Social Science Perspective*, London: Routledge.
- Ryan, C. (2002) Equity, Management, Power Sharing and Sustainability - Issues of the 'New Tourism', *Tourism Management*, 23 (1).

- Ryan, C. e Cave, J. (2005) Structuring Destination Image: A Qualitative Approach, *Journal of Travel Research*, 44 (4), 143-150.
- Ryan, C. e Montgomery, D. (1994) The Attitudes of Bakewell Residents to Tourism and Issues in Community Responsive Tourism, *Tourism Management*, 15 (5), 358-369.
- Sautter, E. T. e Leisen, B. (1999) Managing Stakeholders a Tourism Planning Model, *Annals of Tourism Research*, 26 (2), 312-328.
- Scherrer, P., Smith, A. J., Randall, M. e Dowling, R. (2011) Environmental and Cultural Implications of Visitor Access in the Kimberley Region, Australia, *Australian Geographer*, 42 (3).
- Scheyvens, R. (2002) Backpacker Tourism and Third World Development, *Annals of Tourism Research*, 29 (1).
- Schmidheiny, K. (2009) *The Bootstrapp, Short Guides to Microeconometrics*. Universitat Pompeu Fabra.
- Schoroeder, T. (1996) The Relationship the Residents' Image of Their State as a Tourist Destination and Their Support for Tourism, *Journal of Travel Research*, 34 (4), 71-74.
- Schuman, H., Gruenberg, B. e Hill, C. (1972) Dissatisfaction with City Services: Is Race an Important Factor?, In: Hahn, H., (ed.) *People and Politics in Urban Society*. Beverly Hills: Sage.
- Schumm, W. R., Paff-Bergen, L. A., Hatch, R. C., Oborah, F. C., Copeland, J. M., Meens, L. D. e Bugaighis, M. A. (1986) Concurrent and Discriminant Validity of the Kansas Marital ' Satisfaction, *Journal of Marriage and the Family*, 48, 381-387.
- Scott, E., Agresti, A. e Fitchett, G. (1998) Factor Analysis of the Spiritual Well-Being Scale and Its Clinical Utility with Psychiatric Inpatients, *Journal of Scientific Study Religion*, 37 (2), 314-318.
- Seligman, M. e Csikszentimihalyi, M. (2000) Positive Psychology, *American Psychologist*, 55.
- Seligman, M. E. P. (2004) *Felicidade Autêntica: Usando a Nova Psicologia Positiva Para a Realização Permanente*, Rio de Janeiro: Objetiva.
- Sethna, R. J. e Richmond, O. (1978) Us Virgin Islanders' Perceptions of Tourism, *Journal of Travel Research*, 17 (1), 30-37.
- Sharma, S. (1996) *Applied Multivariate Techniques*, New York: John Wiley & Sons.
- Sharpley, R. (1994) *Tourism, Tourists & Society*, Huntingdon, Cambridgeshire: ELM Publications.
- Sharpley, R. (2008) Global Tourism Higher Education: Past, Present, Future, *Current Issues in Tourism*, 11 (3).
- Sharpley, R. e Forster, G. (2003) The Implications of Hotel Employee Attitudes for the Development of Quality Tourism: The Case of Cyprus, *Tourism Management*, 24 (6).
- Sheldon, K. M. (2004) The Benefits of "Sidelong" Approach to Self-Esteem Need-Satisfaction: Comment on Crocker and Park (2004), *Psychological Bulletin*, 130, 421-424.
- Sheldon, P. J. e Var, T. (1984) Residents' Attitudes to Tourism in North Wales, *Tourism Management*, 5 (1), 40-47.
- Singh, S. (2011) The Tourism Area 'Life Cycle': A Clarification, *Annals of Tourism Research*, 38 (3), 1185-1187.
- Sirgy, M. J. (1998) Materialism and Quality-of-Life, *Social Indicators Research*, 43, 227-260.

- Sirgy, M. J. (2001) *Handbook of Quality-Of-Life Research: An Ethical Marketing Perspective*, Northdrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Sirgy, M. J. (2002) *The Psychology of Quality of Life*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Sirgy, M. J. e Cornwell, T. (2001) Further Validation of the Sirgy Et Al.'S Measure of Community Quality of Life, *Social Indicators Research*, 56 (2), 125-143.
- Sirgy, M. J. e Samli, A. C. (1995) *New Dimensions in Marketing/Quality of Life Research*, US: British Library.
- Sirgy, M. J., Michalos, A. C., Ferriss, A. L., Easterlin, R. A., Donald, P. e Pavot, W. (2006) The Quality-of-Life (QOL) Research Movement: Past, Present and Future, *Social Indicators Research*, 76, 343-466.
- Sirgy, M. J., Rahtz, D. R., Meadow, H. L. e Littlefield, J. E. (1995) Satisfaction with Health Care Services and Life Satisfaction among Helderly and Non Helderly Consumers, In: Meadow, H. L., Sirgy, M. J. e Rahtz, D. R., (eds.), *Developments in Quality-Of-Life Studies in Marketing*. DeKalb, Illinois: Academy of Marketing Science and the International Society of quality of life studies.
- Sirgy, M. J., Rathz, D. R., Cicic, M. e Underwood, R. (2000) A Method for Assessing Resident's Satisfaction with Community-Based Services: A Quality-of-Life Perspective, *Social Indicators Research*, 49, 279-316.
- Skevington, S. M., Lotfy, M. e O'connell, K. A. (2004) The World Health Organization's Whoqol-Bref Quality of Life Assessment: Psychometric Properties and Results of the International Field Trial: A Report from the WHOQOL Group, *Quality of Life Research*, 13, 299-310.
- Skinner, B. (1953) *Science and Human Behavior*, New York: Macmillan.
- Smith, M. D. e Krannich, R. S. (1998) Tourism Dependence and Resident Attitudes, *Annals of Tourism Research*, 25 (4), 783-802.
- Smith, R. A. (1992) Beach Resort Evaluation: Implications for Planning, *Annals of Tourism Research*, 19, 304-322.
- Smith, S. (2010) *Practical Tourism Research*, Cambridge: Cabi Tourism Texts.
- Smith, S. L. J. (1988) Defining Tourism - a Supply-Side View, *Annals of Tourism Research*, 15 (2).
- Smith, V. (1989) *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*, Philadelphia: Univesity of Pennsilvannia Press.
- Smith, V. e Eadington, W. (1992) *Tourism Alternatives: Potentials and Problems in the Development of Tourism*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Smith, V. L. (1992b) *Hosts and Guests Revisited*, American Behavioral Scientist, 36.
- Snaith, T. e Haley, A. (1999) Residents' Opinions of Tourism Development in the Historic City of York, England, *Tourism Management*, 20 (5), 595-603.
- Sousa, C. (2005) *Alte: Elites Locais e Recriação Identitária numa Aldeia Algarvia*, Tese de Doutoramento, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa- ISCTE.
- Sousa, M. D. (2008) Opinião, disponível em: <http://competitividade.com.sapo.pt/>, consultado em 2008.
- Souza, D. B. e Dall Agnol, C. M. (2008) Social Representations of Health Surveillance among Workers, *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 16 (3).
- Staats, S., Heaphy, K., Miller, D., Partlo, C., Romine, N. e Stubbs, K. (1993) Subjective Age and Health Perceptions of Older Reasons: Maintaining the Youthfulness Bias in Sickness and in Health, *International Journal of Aging and Human Developments*, 37, 191-203.

- Stiglitz, J. E., Sen, A. e Fitoussi, J. P. (2009) *Report by Teh Comission on the Measurment of Economic Performance and Social Progress*, Paris.
- Taylor, S. E. e Brown, J. D. (1988) Illusion and Well-Being: A Social Psychological Perspective on Mental Health, *Psychological Bulletin*, 103, 193-210.
- Telfer, D. J. e Sharpley, R. (2008) *Tourism and Development in the Developing World*, London: Routledge.
- Teo, P. (1994) Assessing Sociocultural Impacts - the Case of Singapore, *Tourism Management*, 15 (2), 126-136.
- Terris, M. (1975) Approaches to an Epidemiology of Heath, *The American Journal of Public Health*, 65, 1037-1045.
- Teye, V., Sonmez, S. F. e Sirakaya, E. (2002) Residents' Attitudes toward Tourism Development, *Annals of Tourism Research*, 29 (3), 668-688.
- The WHOQOL Group. (1995) *The World Health Organization Quality of Life Assessment (WHOQOL)*, Position paper from World Health Organization, 41, 1403-1409.
- Thibaut, J. e Kelley, H. (1959) *The Social Psychology of Groups*, New York: Wiley and Sons.
- Toh, R. S., Khan, H. e Ikoh, A. J. (2001) A Travel Balance Approach for Examining Tourism Area Life Cycles: The Case of Singapore, *Journal of Travel Research*, 39, 426-432
- Tosun, C. (2000) Limits to Community Participation in the Tourism Development Process in Developing Countries, *Tourism Management*, 21, 613-633.
- Tosun, C. (2002) Host Perceptions of Impacts - a Comparative Tourism Study, *Annals of Tourism Research*, 29 (1), 231-253.
- TP (2006) *PENT - Plano Estratégico Nacional do Turismo*, Turismo de Portugal.
- TP (2011) *Turismo de Portugal*, www.turismodeportugal.pt, consultado em 2011.
- Turner, L. e Ash, J. (1975) *The Golden Hordes: International Tourism and the Pleasure Periphery*, London, Costable.
- Tyrrell, T. e Spaulding, I. (1984) A Survey of Attitudes toward Tourism Growth in Rohde Island, *Hospitality Education and Research Journal*, 8, 22-33.
- Um, S. e Crompton, J. L. (1990) Attitude Determinants in Tourism Destination Choice, *Annals of Tourism Research*, 17 (3).
- UN (1987) *Our Common Future - Report of the World Commission on Environment and Development*, Liber Editores Lda.
- Unger, L. e Kernan, J. (1983) On the Meaning of Leisure: An Investigation of Some Determinants of the Subjective Experience, *Journal of Consumer Research*, 9, 381-392.
- UNWTO (1994): *World Tourism Organization Network*, disponível em: <http://www2.unwto.org/>, consultado em 1994.
- UNWTO (2004), *World Tourism Organization Network* , disponível em: www.unwto.org/sdt/mission/en/mission.php, consultado em 2004.
- UNWTO (2006) *Mensage by Un Secretary-General, Francesco Frangialli, World Tourism Organization Network*, disponível em: <http://wtd.unwto.org/sites/all/files/docpdf/wtdwebsiteeng06.pdf>, consultado em 2006.
- UNWTO (2011): *World Tourism Organization Network*, disponível em: <http://www2.unwto.org/en/search/node/tourism%20barometer>, consultado em 2011.
- Urry, J. (1990) *The Tourist Gaze*, London: Sage.

- Urry, J. (1996) Heritage, Tourism and Society - Herbert, Dt, *International Journal of Urban and Regional Research*, 20 (4).
- Var, T. (1993) Reducing Environmental Impacts of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 20, 769-770.
- Var, T. e Kim, Y. (1989) *Measurement and findings on the Tourism Impact*, Texas A&M University, USA: Department of Recreation, Park and Tourism Sciences.
- Var, T., Brayley, R. e Korsay, M. (1989) Tourism and World-Peace - Case of Turkey, *Annals of Tourism Research*, 16 (2).
- Vargas-Sánchez, A., Plaza-Mejía, M. e Porras-Bueno, N. (2009) Understanding Residents' Attitudes toward the Development of Industrial Tourism in a Former Mining Community, *Journal of Travel Research*, 47 (3), 373-387.
- Vargas-Sánchez, A., Porras-Bueno, N. e Plaza-Mejia, M. (2011) Explaining Residents' Attitudes to Tourism - Is a Universal Model Possible?, *Annals of Tourism Research*, 38 (1), 460-480.
- Veenhoven, R. (1991) Is Happiness Relative?, *The Social Indicators Research*, 24, 1-34.
- Veenhoven, R. (1996) The Study of Life Satisfaction, In: Saris, W. E., Veenhoven, R., Scherpenzeel, A. C. e Bunting, B., (eds.), *A Comparative Study of Zatisfaction with Lifein Europe*. Eötvös: University Press.
- Veenhoven, R. (1999) Quality of Life in Individualistic Society: A Comparison of 43 Nations in the Early 1990's, *Social Indicators Research*, 48, 1-58.
- Veenhoven, R. (2000) The Four Qualities of Life: Ordering Concepts and Measures of the Goog Life, *Journal of Happiness*, 1, 1-39.
- Veenhoven, R. (2005) Apparent Quality-of-Life in Nations: How Long and Happy People Live, Springer, (ed.) *Social Indicators Research* (1).
- Veenhoven, R. (2010) *World Database of Happiness*, disponível em: <http://www1.eur.nl/fsw/happiness/>, consultado em 2010.
- Vemuri, A. W. e Costanza, R. (2006) The Role of Human, Social, Built, and Natural Capital in Explaining Life Satisfaction at the Country Level: Toward a National Well-Being Index (NWI). 58, [disponível em]: <http://badger.uvm.edu/dspace/handle/2051/7280?show=full> 58.
- Vicente, L. e Silva, L. (2006) *Carta Educativa do Concelho de Loulé*, Loulé, Câmara Municipal de Loulé.
- Vickerman, R. W. (1980) *The New Leisure Society: An Economic Analysis*, Futures, 12, 191-200.
- Vickerman, S. (1988) Published Simulating Tourism and Economic Growth by Futuring New Wildlife Recreation Opportunities. *Transactions of the 53.rd North American Wildlife Natural Resources Conference*, 414-423.
- Villavicencio, B. P. e Prado, G. L. (1999) Reflexiones Sobre La Calidade de Vida e Desarrollo., *Región y Sociedad*, XI (17).
- Vinzi, V. E., Chin, W. W., Henseler, J. e Wang, H. (2010) *Handbook of Partial Least Squares. Concepts, Methods and Applications*, Heidelberg: Springer.
- Vroom, V. H. (1964) *Work and Motivation*, New York: John Wiley.
- Wagner, S. (1995) Cities That Satisfy, *American Demographics* 17 (9), 18-20
- Walker, R., Lee, M. P. e Bubolz, M. (1990) The Effects of Family Resources and Demands in Quality-of-Life: A Rural-Urban Comparison of Human in Middle Years, In: Meadow, H. L. e Sirgy, M. J., (eds.), *Quality-of-Life Students in Marketing and Managment*. Blacksburg, Virginia: Virginia Tech., Center for Strategy and marketing studies.

- Walpole, M. J. e Goodwin, H. J. (2000) Local Economic Impacts of Dragon Tourism in Indonesia, *Annals of Tourism Research*, 27 (3).
- Wang, Y. e Pfister, R. E. (2008) Residents' Attitudes toward Tourism and Perceived Personal Benefits in a Rural Community, *Journal of Travel Research*, 47 (2), 84-93.
- WB (1995) *Monitoring Environmental Progress, Environmentally Sustainable Development*, Washington: The World Bank.
- Wearing, S. e Neil, J. (1999) *Ecotourism: Impacts, Potentials and Possibilities*, Oxford: Butterworth Heinemann.
- Weaver, D. B. (1998) Peripheries of the Periphery - Tourism in Tobago and Barbuda, *Annals of Tourism Research*, 25 (2).
- Weaver, D. B. (2000) A Broad Context Model of Destination Development Scenarios, *Tourism Management*, 21(3), 217-224.
- Weaver, D. B. (2006) *Sustainable Tourism: Theory and Practice*, Oxford: Elsevier Ltd.
- Weaver, D. B. e Lawton, L. J. (2001) Resident Perceptions in the Urban-Rural Fringe, *Annals of Tourism Research*, 28 (2), 439-458.
- WEF (2011) *World Economic Forum. The Travel & Tourism Competitiveness 2011*, <http://www.weforum.org/>, consultado em 2011.
- White, P. E. (1974) *The Social Impact of Tourism on Host Communities: A Study of Language Change in Switzerland*, Oxford: University of Oxford, School of Geography.
- Williams, J. e Lawson, R. (2001) Community Issues and Resident Opinions of Tourism, *Annals of Tourism Research*, 28 (3), 269-290.
- Wilson, J. Q. (1975) *Thinking About Crime*, New York: Basic Books.
- Wilson, W. (1967) Correlate of Avowed Happiness, *Psychological bulletin*, 67, 294-306.
- Yoon, Y., Gursoy, D. e Chen, J. S. (2001) Validating a Tourism Development Theory with Structural Equation Modeling, *Tourism Management*, 22 (4), 363-372.
- Young, G. (1973) *Tourism Blessing or Blight?*, Middlesex: Penguin, Ltd.
- Zeithaml, V. A. e Bitner, M. J. (1996) *Services Marketing*, New York: McGraw-Hill.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Inquérito aos Informantes-chave



Desenvolvimento turístico no concelho de Loulé

Desenvolvimento turístico no concelho de Loulé

Ex.mo Senhor (a),

No âmbito da minha investigação conducente a tese de doutoramento em turismo pela Universidade do Algarve - Faculdade de Economia, venho por este meio solicitar a sua colaboração, na qualidade de informante chave.

Solicita-se que expresse a sua opinião relativamente ao nível de desenvolvimento turístico das regiões naturais do concelho de Loulé - Litoral, Barrocal e Serra. Neste contexto, considere, entre outros, os seguintes aspectos: a oferta turística, existente ou não em cada região (por exemplo alojamento, restauração, atracções) e a procura turística (p. exemplo o n.º de turistas que visitam e/ou permanecem em cada uma das regiões).

As três regiões naturais distinguem-se, entre outros aspectos, pelas suas características geográficas, sociais e económicas:

O Litoral - zona costeira que se estende até à cidade de Loulé, a zona mais habitada do concelho;

O Barrocal - zona intermédia entre o Litoral e a Serra, que se caracteriza fundamentalmente pela predominância de pomares de sequeiro e menor densidade populacional;

A Serra - zona de relevo mais acentuado, baixa densidade populacional e presença de sobreiral.

Agradeço desde já a sua colaboração e apresento os meus melhores cumprimentos,

Ana Isabel Renda

Nota: Este questionário é preenchido e submetido on-line, através do link abaixo apresentado. Depois de preenchido deverá clicar em SUBMIT para validar a sua resposta.

Ana Isabel Renda

Universidade do Algarve - Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo
Núcleo de Turismo, Hotelaria e Ciências Sociais
Campus da Penha 8005-139 Faro Portugal
Tel.: +351289800136 Fax: +351289888409
Website: www.esght.ualg.pt
e-mail: arenda@ualg.pt

* Required

Na sua opinião, qual o nível de desenvolvimento turístico das regiões naturais do concelho de Loulé? *

Fase inicial	Fase de crescimento	Fase de maturidade	Fase de declínio

Litoral	☐	☐	☐	☐
Barrocal	☐	☐	☐	☐
Serra	☐	☐	☐	☐

Gênero *

☐ Feminino

☐ Masculino

Escalão etário *

☐ 18-35

☐ 36-55

☐ 56-66

☐ + de 66

Habilitações *

☐ Ensino primário

☐ Ensino secundário

☐ Ensino superior

Actividade profissional *

Powered by [Google Docs](#)

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

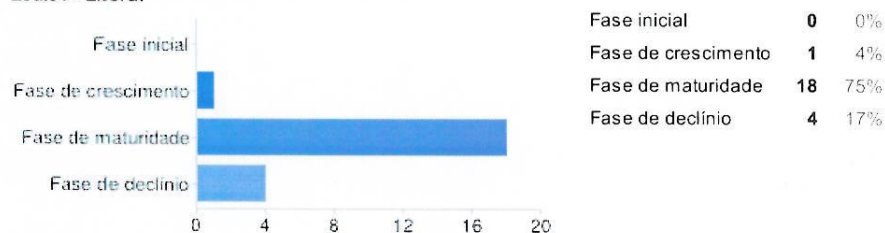
Apêndice 2 – Respostas dos Informantes-chave

Apêndice 2 [Desenvolvimento turístico no concelho de Loulé] - Google Docs

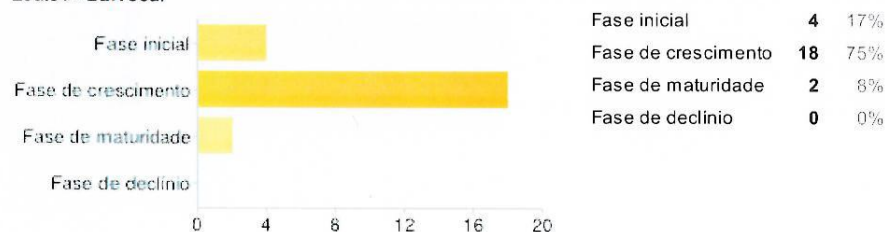
24 responses

Summary [See complete responses](#)

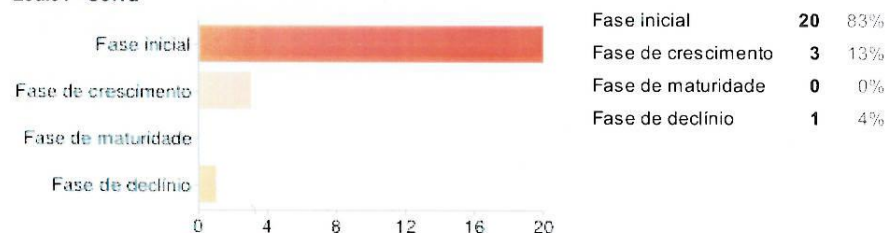
Na sua opinião, qual o nível de desenvolvimento turístico das regiões naturais do concelho de Loulé? - Litoral



Na sua opinião, qual o nível de desenvolvimento turístico das regiões naturais do concelho de Loulé? - Barrocal



Na sua opinião, qual o nível de desenvolvimento turístico das regiões naturais do concelho de Loulé? - Serra



Form - [Desenvolvimento turístico no concelho de Loulé] - Google Docs

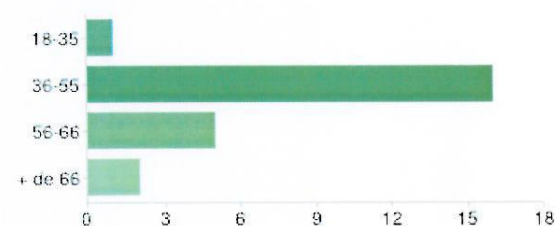
Género



Feminino	13	54%
Masculino	11	46%

People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

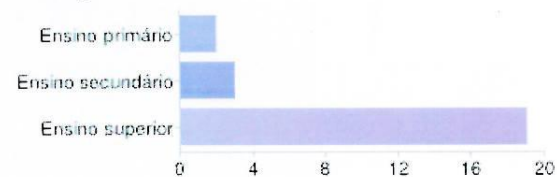
Escalão etário



18-35	1	4%
36-55	16	67%
56-66	5	21%
+ de 66	2	8%

People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

Habilitações



Ensino primário	2	8%
Ensino secundário	3	13%
Ensino superior	19	79%

People may select more than one checkbox, so percentages may add up to more than 100%.

Actividade profissional

Docente Universitário Presidente de junta jornalista Professor Professora Universitária Presidente de junta Presidente da junta docente Técnico superior da Administração Pública Engº Civil Dirigente Associativo. Chefe da Divisão de Turismo da CML Empresário em Nome Individual Professora Professor Chefe de Divisão de Estudos Regionais CCDR Algarve Educadora Social Professor Docente Ensino Superior Professora Universitária Professora Universitária Psicóloga Professora aposentada do Ensino Secundário Professora aposentada do Ensino Secundário. Comercio e serviços

Number of daily responses

https://docs.google.com/spreadsheets/gform?key=0AuYC_48N0o3WdFBWbUY0RFBxUzhqQFRvVF...

2/3

Apêndice 3 – Caracterização dos recursos naturais e turísticos das freguesias do concelho de Loulé

Concelho de Loulé		Principais recursos					
Região Natural	Freguesia	Naturais	Construídos/locais de interesse	Alojamento	Restauração	Animação	Golfe
Litoral	Almancil	Praias: Vale do Lobo Garrão Poente Garrão Nascente Ancão Quinta do Lago Ria Formosa	Igreja de S. Lourenço Centro Cultural de S. Lourenço Estádio do Algarve	Hotéis: Hotel Quinta do Lago ***** Dona Filipe & San Lorenzo Golf Resort ***** Ria Park Hotel & Spa ***** Ria Park Garden ***** Motel Pinus Ria **** Hotel Apartamentos Formosa Parque ***** Apartamentos: Apart. Turíst. Valeverde *** Apart. Turíst. Terraços da Ria Formosa (Quinta do Lago Country Club) ***** Apart. Turíst. José de Sousa ** Apart. Turíst. Centro Desp. Vale Lobo Aldeamentos: Monte da Quinta Club ***** Ald. Turíst. Vilar do Golf ***** Ald. Turíst. Four Seasons Fairways ***** Ald. Turíst. Four Seasons Country Club ***** Alojamento Local: Quinta dos Rochas	Zanges Y.Not Tucano's Tino's Sr. Frango Solar do Poeta São Gabriel San Marco Rouge Rosa Branca Rosa's Cantina Praya By Chakall Pizza Pasta Fantasia Pequeno Mundo Estevens Paixa Pacheco Oh! Vitor O Ribeiro Memórias da China Lusitanos Jorge do Peixe Grill António Graças do Alentejo Dom Duarte (Hotel D. ^a Filipa) Dois Passos D. Giovani Cheers Casa do Lago Brisa do Mar Bistro des Z'artes Aux Bons Enfants Alambique	Discoteca Trigonometria Karting de Almancil Vale do Lobo Grand Champions	Ocean Golf Course Royal Golf Course Quinta do Lago Sul Quinta do Lago Norte Pinheiros Altos Campos de Golfe San Lorenzo Golf Course Laranjal Golf Course
	Boliqueime				Van Gogh		

Concelho de Loulé		Principais recursos					
Região Natural	Freguesia	Naturais	Construídos/locais de interesse	Alojamento	Restauração	Animação	Golfe
					Retiro Dos Arcos QB Pizzasol Perdição Olé Pizza O Beco O Avenida Naturalment e Museu do Lagar Monte da Eira Jardim do Vale Henrique Leis Flôr da Praça Casa dos Arcos Calypso Bica Velha Avenida Velha Atelier do Bacalhau Analide Afonso III A Muralha A Moagem 3 Wonders		
	Quarteira	Praias: Vilamoura Quarteira Forte Novo Almargem Loulé Velho	Mercado do Peixe Galeria de Arte Praça do Mar Igreja de N. Sr.ª da Conceição Igreja de S. Pedro do Mar Av.ª Infante de Sagres (Marginal de Quarteira) Ruínas Romanas do Cerro da Vila Casino de Vilamoura Marina de Vilamoura	Hoteis: Hotel Apartamento do Golfe *** Hotel Pinhal do Sol *** Hotel Zodiaco *** Quarteirasol Hotel *** Hotel Dom José *** Hotel AtisMar *** Hotel Vila Galé Marina **** Hotel D. Pedro Marina **** Hotel & Resort D. Pedro Golf ***** Hotel & Resort Tivoli Victoria ***** Hotel Hilton Vilamoura "As Cascatas Golf Resort & Spa" ***** The Lake Resort ***** Hotel Vila Sol - Spa & Golf Resort ***** Hotel Tivoli Marinotel ***** Hotel Crowne Plaza ***** Apartamentos: Apart. Turíst. Verde Pino *** Apart. Turísticos Morgado ***	Zu Yi Vitória Vasco da Gama Thai Takô Sushi Sol e Mar Planalto Pic-Nic Pier One Pepper's Steakhouse Oriental Don Wang Oceânico Restaurante Pinhal do Golf Course O Pescador O Marisco O Cesteiro News Café Lendário Miróbriga II Miróbriga I Millenium Menta McDonald's Mayflower Marisqueira Central Mariscada Marenostrium Maharaja Gigi Beach Fuzio's Fusion Frutos do Mar	Bar Sete El Salero Irish Pub Discoteca Black Jack Casino de Vilamoura Roma Golf Park Aquashow	The Old Course Pinhal Golf Course Laguna Golf Course Course Millennium Golf Course Vila Sol Spa & Golf Resort Victoria Clube de Golfe

Concelho de Loulé		Principais recursos					
Região Natural	Freguesia	Naturais	Construídos/locais de interesse	Alojamento	Restauração	Animação	Golfe
				Apart. Turíst. Scalabis *** Apart. Turíst. Edifício Ria *** Apart. Turíst. Éden Village *** Apart. Turíst. Alba Moura *** Apart. Turíst. Solgarve *** Apart. Turíst. Parque Mourabel *** Apart. Turíst. Oasis Village *** Apart. Turíst. Muraliz *** Apart. Turíst. Mouragolfe Village *** Apart. Turíst. Mar Sol Villas *** Clube Hotel Apartamento do Algarve *** Apart. Turíst. Crisgolfe *** Apart. Turíst. Pinhal da Marina ***** Apart. Turíst. Marbel Sol ***** Aldeamentos: Ald. Turíst. Aldeia do Golf ***** Ald. Turíst. Prado do Golf *** Ald. Turíst. Prado Villas *** Parques de campismo: Parque de Campismo de Quarteira (Orbitur)	Espetada à Madeira Emo Don Alfonso Dom Miguel Dallas Chico's Real Casa do Pescador Casa do Hugo Carteira Caravela Boca Dela Veritá Bem Bom Aquarela Alphonsos Aiki – Bom A Praça do Peixe A Cabana do Pescador A Barca		
Barrocal	Alte		Igreja Matriz Fonte Grande Fonte Pequena Polo Museológico do Esparto Polo Museológico Cândido Guerreiro e Condes de Alte	Hoteis: Hotel Alte ***	O Rosmaninho		
	Benafim		Igreja matriz Quinta do Freixo	Alojamento Local: Casa D'Alvada			
	Boliqueime	Ribeira de Quarteira	Igreja Matriz	Alojamento Local: Quinta Matias Quinta da Cebola Vermelha Casa Belaventura Quinta de S. Faustino Horta da Música Casa do Moinho do Zambujal		Discoteca Kadoc	
	Querença		Igreja N. Sra. Da Assunção Sítio Classificado		De Querença		

Concelho de Loulé		Principais recursos					
Região Natural	Freguesia	Naturais	Construídos/locais de interesse	Alojamento	Restauração	Animação	Golfe
			da Fonte da Benémola				
	S. Clemente		Nossa Sra. Da Piedade Zona Histórica de Loulé Igreja matriz Igreja N. Sra. Conceição Pólo Museológico dos frutos secos Museu arqueológico Municipal			Campus Joker Bafo de Baco Carnaval de Loulé Festival Internacional de Jazz Festa da Mãe Soberana Festival MED	
	S. Sebastião		Polo museológico de cozinha tradicional Castelo Galeria de Arte do Convento Espírito Santo Monumento a Duarte Pacheco Igreja de Santa Luzia	Hotel Loulé Jardim Residencial ***			
	Tôr		Igreja de St.ª Rita de Cássia Ponte				
Serra	Salir	Caldeirão	Ruínas do Castelo de Salir e Pólo Museológico de Salir (arqueologia) Igreja de S. Sebastião Sítio Classificado da Rocha da Pena		Quinta do Cavaco Adega da Nave	Rally de Portugal Salir no tempo	
	Ameixial	Caldeirão	Igreja Matriz Anta da pedra do Aldargar Anta do Beringel Casas Circulares	Autocaravanismo : Estacionamento e área de serviço para autocaravanas		Rally de Portugal	

Apêndice 4 – Exemplo de tabela síntese de artigo científico

Autor: Dyer, P.; Gurdoy, D.; Sharma, B.; Cártter, J.

Data: Abril 2006

Título: Structural Modeling of Resident Perceptions of Tourism and associated development on the Sunshine Coast, Australia.

Keywords: Turismo; Modelo estrutural; Percepção dos residentes.

Objectivos: Determinar a validade da escala de impactos do turismo norte-americano em regiões australianas.

Desenvolver um modelo estrutural que descreva as percepções dos impactos do turismo pelos residentes na Austrália.

Perceber de que forma essas percepções afectam o nível de tolerância (support) face ao do desenvolvimento turístico.

Método: Questionário auto-administrado a amostra de residentes de 3 destinos costeiros na Austrália.

Conclusões e contributos:

Desenvolvimento de uma escala de percepção dos impactos do turismo para a Austrália.

A percepção do impacto económico positivo e dos benefícios culturais do turismo são os factores mais importantes para aumentar o nível de tolerância, por parte dos residentes, relativamente ao desenvolvimento turístico.

Resultados consistentes com outros estudos (Gursoy & Rutherford, 2004; Yoon et al. 2001).

O estudo constitui um contributo importante para as autoridades locais e agentes de desenvolvimento quanto à importância das percepções dos residentes face ao desenvolvimento turístico.

Não existe um factor ambiental isolado, este está incluído no factor principal constituído por impactos positivos económicos e culturais percebidos.

Os resultados contradizem a teoria do ciclo de vida de Butler (1980) uma vez que consta, para estes destinos costeiros maduros que os residentes continuam a dar importância aos impactos percebidos como positivos económica e culturalmente.

Os resultados sugerem ainda que os residentes locais estão dispostos a admitir mais desenvolvimento turístico devido a estes benefícios percebidos.

Limitações do estudo e GAP's:

O estudo apenas foi aplicado a residentes em destinos costeiros.

Outras regiões geográficas deveriam ser exploradas e estudos adicionais desenvolvidos.

Os residentes não foram inquiridos sobre até que ponto o desenvolvimento turístico lhes parece aceitável nem sobre desenvolvimento sustentável.

Apenas Ihes foi questionado em que medida se opõem ou aceitam os programas de desenvolvimento turístico em termos naturais, culturais e históricos.

A especificação do nível de desenvolvimento turístico e a inclusão de questões relativas à sustentabilidade poderiam modificar a magnitude e tendência das relações verificadas.

Principais referências: Gursoy & Rutherford, 2004

Apêndice 5 - Caráter dependente ou independente das variáveis em estudo

			Tipo de Variável Latente	
			Dependente (Endógena)	Independente (Exógena)
Designação da Variável Latente	Perceção dos Impactos do Turismo	Global (PGIT)	✓	
		Económico	Global (PGIET)	✓
			Pessoais (PIETp)	✓
			Residência (PIETr)	✓
		Social	Global (PGIST)	✓
			Pessoais (PSITp)	✓
			Residência (PSITr)	✓
		Cultural	Global (PGICT)	✓
			Pessoais (PICTp)	✓
			Residência (PICTr)	✓
		Ambiental	Global (PGIAT)	✓
			Pessoais (PIATp)	✓
			Residência (PIATr)	✓
	Perceção da Qualidade de Vida	Global (PGQV)	✓	
		Felicidade	Global (PGF)	✓
			Bem-estar emocional Global (PGBEE)	✓
			Bem-estar comunitário Global (PGBEC)	✓
			Bem-estar emocional (PBEE)	✓
			Bem-estar comunitário (PBEC)	✓
		Satisfação com a vida	Global (PGSV)	✓
			Bem-estar material (PGBEM)	✓
			Pessoal (PBEMp)	✓
			Residência (PBEMr)	✓
			Bem-estar saúde (PGBESa)	✓
			Pessoal (PBESap)	✓
			Residência (PBESar)	✓
			Bem-estar segurança (PGBESg)	✓
			Pessoal (PBESgp)	✓
			Residência (PBESgr)	✓

Variáveis observadas endógenas e exógenas

Variáveis Observadas (Indicadores)	Variável observada	
	Dependente (endógena)	Independente (exógena)
Qualidade de vida atual	✓	
Qualidade de vida da sua família	✓	
Qualidade de vida dos seus vizinhos	✓	
Qualidade de vida dos seus amigos	✓	
Qualidade de vida dos seus colegas	✓	
Qualidade de vida no Algarve	✓	
Qualidade de vida na sua zona de residência	✓	
Felicidade	✓	
Satisfação com a vida	✓	
Bem-estar material	✓	
Bem-estar comunitário	✓	
Bem-estar emocional	✓	
Bem-estar na saúde	✓	
Bem-estar na segurança	✓	
Condições de trabalho		✓
Perspetivas de progressão no trabalho		✓
Rendimento/ordenado		✓
Casa onde vive		✓
Bens que possui		✓
Serviços a que acede		✓

Variáveis Observadas (Indicadores)	Variável observada	
	Dependente (endógena)	Independente (exógena)
Estabilidade económica		✓
Desenvolvimento económico		✓
Investimento público que tem sido feito		✓
Investimento privado que tem sido feito		✓
Estabelecimentos de ensino disponíveis		✓
Acessibilidades		✓
Rede de transportes públicos		✓
Saneamento		✓
Serviços públicos		✓
Serviços privados		✓
Com a sua saúde		✓
Saúde da sua família		✓
Serviços de saúde a que acede		✓
Sistema de saúde que tem		✓
Serviços públicos de saúde disponíveis		✓
Serviços privados de saúde disponíveis		✓
Segurança pessoal		✓
Segurança da sua família		✓
Segurança na sua casa		✓
Segurança do local onde vive		✓
Serviços de segurança pública		✓

Variáveis Observadas (Indicadores)	Variável observada	
	Dependente (endógena)	Independente (exógena)
Serviços privados de segurança		✓
Controle de atividades ilícitas		✓
Nível de tolerância em relação a residentes estrangeiros		✓
Nível de tolerância em relação à presença de turistas		✓
Relação com os seus amigos		✓
Relação com os seus vizinhos		✓
Relações no trabalho		✓
Participação política		✓
Participação religiosa		✓
Participação associativa		✓
Zona onde vive		✓
Pertença à comunidade		✓
Identificação com a comunidade		✓
Residência de estrangeiros na zona		✓
Presença de turistas na zona		✓
Vida familiar		✓
Vida amorosa		✓
Trabalho		✓
Realização profissional		✓
Estabilidade no trabalho		✓

Variáveis Observadas (Indicadores)	Variável observada	
	Dependente (endógena)	Independente (exógena)
Formação/educação		✓
Tempo livre que tem		✓
Utilização do tempo livre (quotidiano e férias)		✓
Perceção dos impactos do turismo a nível global	✓	
Perceção dos impactos do turismo a nível económico	✓	
Perceção dos impactos do turismo a nível social	✓	
Perceção dos impactos do turismo a nível cultural	✓	
Perceção dos impactos do turismo a nível ambiental	✓	
Impactos no rendimento		✓
Impactos no nível de vida		✓
Impactos nas oportunidades de emprego		✓
Impactos no investimento e o empreendedorismo		✓
Impactos no custo de vida		✓
Impactos nos impostos e as taxas		✓
Impactos no desenvolvimento de outras atividades económicas		✓
Impactos na possibilidade de conviver com pessoas diferentes		✓
Impactos no estilo de vida		✓

Variáveis Observadas (Indicadores)	Variável observada	
	Dependente (endógena)	Independente (exógena)
Impactos nos laços sociais na comunidade		✓
Impactos no sentimento de orgulho em relação à comunidade		✓
Impactos no sentimento de pertença à comunidade		✓
Impactos na tranquilidade		✓
Impactos nas infraestruturas		✓
Impactos na disponibilidade de serviços		✓
Impactos na disponibilidade de atividades recreativas		✓
Impactos na procura de atividades recreativas pelos residentes		✓
Impactos na segurança pública		✓
Impactos na participação dos residentes nas decisões a nível local		✓
Impactos no sentimento de orgulho e pertença à comunidade		✓
Impactos no estilo de vida dos residentes		✓
Impactos na procura de formação por parte dos residentes		✓
Impactos nas atividades ilícitas		✓
Impactos no número de áreas públicas com acesso livre		✓
Impactos na vida ao ar livre		✓
Impactos na preocupação com o ambiente		✓

Variáveis Observadas (Indicadores)	Variável observada	
	Dependente (endógena)	Independente (exógena)
Contribui para o embelezamento da zona		✓
Impactos na preservação do ambiente		✓
Impactos nos problemas de tráfego		✓
Impactos nos ecossistemas		✓
Impactos na poluição		✓
Impactos no conhecimento de outras culturas		✓
Impactos no conhecimento da cultura local		✓
Impactos nas capacidades linguísticas		✓
Impactos no estudo mais e/ou a aperfeiçoamento de competências profissionais		✓
Impactos na disponibilidade de serviços e de atividades culturais		✓
Impactos na procura de atividades culturais pelos residentes		✓
Impactos no conhecimento de outras culturas por parte dos residentes		✓
Impactos na identidade local		✓
Impactos nas tradições da zona		✓
Impactos nos valores da comunidade		✓
Impactos na preservação e promoção do património		✓

Apêndice 6 – Exemplo de Guião de entrevistas exploratórias

A qualidade de vida no concelho de Loulé

A qualidade de vida no concelho de Loulé

Ex.mo Senhor,

Sou docente na Universidade do Algarve, residente no Concelho de Loulé e venho por este meio solicitar a sua colaboração para a investigação que estou a desenvolver no âmbito da minha tese de doutoramento sobre a Qualidade de vida e o turismo no concelho de Loulé. Peço-lhe apenas que responda em breves minutos a algumas perguntas sobre o Concelho de Loulé.

Agradeço desde já a sua colaboração e apresento os meus melhores cumprimentos,

Ana Isabel Renda

Nota: Este questionário é preenchido on-line pelo que deverá clicar no link situado na parte inferior deste e-mail e, depois de ter respondido, clicar em SUBMIT, que aparece no final do questionário.

Ana Isabel Renda
Universidade do Algarve
Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo
Núcleo de Turismo, Hotelaria e Ciências Sociais
Campus da Penha
8005-139 Faro
Portugal
Tel.: +351289800136 Fax: +351289888409
Website: www.esght.ualg.pt
e-mail: arenda@ualg.pt

* Required

O Concelho de Loulé

Como descreve, em poucas palavras, o Concelho de Loulé ? *

Identifique até 5 características principais.

No que respeita ao nível de desenvolvimento, considera que o Concelho de Loulé é: *

- ☐ Nada desenvolvida
- ☐ Pouco desenvolvida
- ☐ Desenvolvida
- ☐ Muito desenvolvida

A qualidade de vida no concelho de Loulé

Os Residentes

O que pensa sobre a qualidade de vida dos residentes do Concelho de Loulé? *

Refira como classifica a qualidade de vida dos residentes e explique as principais razões da sua resposta.

Quais os aspectos que considera mais relevantes para melhorar a qualidade de vida dos residentes? *

Considera que os residentes se sentem felizes por viver neste concelho? *

Porquê?

Quais os aspectos em que considera que os residentes se sentem mais satisfeitos e mais insatisfeitos em relação à sua vida? *

<https://docs.google.com/spreadsheets/viewform?fromEmail=true&formkey=dHBReGdqZDdWS25rc1...>

3/5

A qualidade de vida no concelho de Loulé

☐ Extremamente desenvolvida

Quais considera serem as principais necessidades e problemas do Concelho de Loulé? *
 Indique até 5 aspectos principais

Quais considera serem os aspectos mais positivos da da(s) zona(s) do Concelho de Loulé? *
 Indique até 5 aspectos principais

Que importância atribui ao turismo na(s) diversas freguesias do Concelho de Loulé? *
 Considera o turismo importante para o seu desenvolvimento e uma actividade a incentivar ou, pelo contrário, considera outras actividades socioeconómicas, mais relevantes?

Quais pensa serem os principais impactos e desafios do desenvolvimento turístico do Concelho de Loulé? *

<https://docs.google.com/spreadsheets/viewform?fromEmail=true&formkey=dHBReGdqZDdWS25rc1...>

A qualidade de vida no concelho de Loulé

Questões gerais

Como perspectiva o futuro do Concelho de Loulé? *



Há algum aspecto que queira referir, a propósito da qualidade de vida, do desenvolvimento e do turismo no Concelho de Loulé, que não tenha referido anteriormente? *



Caracterização do inquirido

Sexo *

- ☐ Feminino
☐ Masculino

Idade *

- ☐ 18-35
☐ 36-55
☐ 56- 66
☐ + de 66

Habilitações *

Indique o nível de ensino até onde frequentou a escola

- ☐ Ensino básico
☐ Ensino secundário
☐ Ensino superior

<https://docs.google.com/spreadsheets/viewform?fromEmail=true&formkey=dHBReGdqZDdWS25rc1...>

4/5

A qualidade de vida no concelho de Loulé

Profissão *

Trabalha ou já trabalhou no sector do turismo? *

☐ Sim

☐ Não

Powered by [Google Docs](#)

[Report Abuse](#) - [Terms of Service](#) - [Additional Terms](#)

<https://docs.google.com/spreadsheet/viewform?fromEmail=true&formkey=dHBReGdqZDdWS25rc1...>

Apêndice 7 – Exemplo de grelha de observação

GRELHA DE OBSERVAÇÃO - GERAL 2010							
FREGUESIA	LOCAL	SITUAÇÃO OBSERVADA		DIA E HORA	PRINCIPAIS INTERVENIENTES	OCORRÊNCIAS	OBSERVAÇÕES
		Quotidiana	Evento				
Almancil							
Alte							
Ameixial							
Benafim							
Boliqueime							
Quarteira							
Querença							
Salir							
São Clemente							
São Sebastião							
Tôr							

1	Assinatura do Observador:
	Data:

Questionários

Apêndice 8 – Questionário piloto aos residentes do concelho de Loulé



Questionário a Residentes do Concelho de Loulé

Ex. mo (a) Senhor (a) Residente do Concelho de Loulé,
Este questionário diz respeito ao estudo da qualidade de vida dos residentes do Concelho de Loulé e faz parte de uma investigação que está a ser realizada na Universidade do Algarve.

A sua participação, sendo totalmente voluntária e confidencial, é muito importante para ajudar a perceber que medidas podem promover a qualidade de vida dos residentes.

Pedimos que responda com a maior sinceridade, assinalando em cada pergunta a resposta que considera ser a mais adequada. Agradecemos desde já a sua colaboração

1) Em que freguesia do Concelho de Loulé reside?					
2) Há quanto tempo reside:		Nesta freguesia			
(Indique por favor o n.º de anos aproximado)		No Concelho de Loulé			
Qualidade de vida (apreciação global)					
3) Como classifica:	Muito	Má	Razoável	Bom	Muito Bom
	1	2	3	4	5
A sua qualidade de vida actual	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida da sua família	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida dos seus vizinhos	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida dos seus amigos	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida dos seus colegas	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida no Algarve	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida na sua zona de residência	☐	☐	☐	☐	☐
Felicidade e satisfação com a vida					
4) Em que medida se sente:	Nada	Pouco	Razoável - mente	Muito	Totalment e
	1	2	3	4	5
Feliz	☐	☐	☐	☐	☐
Satisfeito com a sua vida	☐	☐	☐	☐	☐

Bem-estar (apreciação global)					
5) Como classifica o <u>seu bem-estar</u> :	Muito mau	Mau	Razoável	Bom	Muito bom
	1	2	3	4	5
A nível material	☐	☐	☐	☐	☐
A nível comunitário	☐	☐	☐	☐	☐
A nível emocional	☐	☐	☐	☐	☐
Ao nível da saúde	☐	☐	☐	☐	☐
Ao nível da segurança	☐	☐	☐	☐	☐

Bem-estar material						
8) Em que medida está satisfeito(a):		Nada satisfeito (a)	Pouco Satisfeito (a)	Muito Satisfeito (a)	Totalmente Satisfeito (a)	
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Com as suas condições de trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
	Com as perspectivas de progressão no trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o seu rendimento/ordenado	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a casa onde vive	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os bens que possui	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços a que acede	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a sua estabilidade económica	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Com o desenvolvimento económico	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o investimento público que tem sido feito	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o investimento privado que tem sido feito	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os estabelecimentos de ensino disponíveis	☐	☐	☐	☐	☐
	Com as acessibilidades	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a rede de transportes públicos	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o saneamento	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços públicos	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços privados	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Bem-estar na saúde						
7) Em que medida está satisfeito(a):		Nada satisfeito (a)	Pouco Satisfeito (a)	Muito Satisfeito (a)	Totalmente Satisfeito (a)	
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Com a sua saúde	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a saúde da sua família	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços de saúde a que acede	☐	☐	☐	☐	☐

	Com o sistema de saúde que tem	☐	☐	☐	☐	☐		
Na sua zona de residência	Com os serviços públicos de saúde disponíveis	☐	☐	☐	☐	☐		
	Com os serviços privados de saúde disponíveis	☐	☐	☐	☐	☐		
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐		
Bem-estar na segurança								
8) Em que medida está satisfeito(a):		Nada satisfeito (a)	Pouco satisfeito (a)	Muito satisfeito (a)	Totalmente satisfeito (a)			
		1	2	3	4	5		
Em termos pessoais	Com a sua segurança pessoal	☐	☐	☐	☐	☐		
	Com a segurança da sua família	☐	☐	☐	☐	☐		
	Com a segurança na sua casa	☐	☐	☐	☐	☐		
Na sua zona de residência	Com a segurança do local onde vive	☐	☐	☐	☐	☐		
	Com os serviços de segurança pública (GNR, Bombeiros, Polícia Municipal, Protecção civil)	☐	☐	☐	☐	☐		
	Com os serviços privados de segurança	☐	☐	☐	☐	☐		
	Com o controle de actividades ilícitas (p. ex. crimes, violência, prostituição, furtos)	☐	☐	☐	☐	☐		
	Com o nível de tolerância em relação a residentes estrangeiros	☐	☐	☐	☐	☐		
	Com o nível de tolerância em relação à presença de turistas	☐	☐	☐	☐	☐		
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐		
Bem-estar comunitário								
8) Até que ponto se sente feliz:				Muito infeliz	Infeliz	Nem feliz nem infeliz	Feliz	Muito feliz
				1	2	3	4	5
Com a sua relação com os seus amigos				☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua relação com os seus vizinhos				☐	☐	☐	☐	☐
Com as suas relações no trabalho				☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua participação política				☐	☐	☐	☐	☐

Com a sua participação religiosa	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua participação associativa	☐	☐	☐	☐	☐
Por viver na zona onde vive	☐	☐	☐	☐	☐
Por pertencer à comunidade a que pertence	☐	☐	☐	☐	☐
Por se identificar com a comunidade onde vive	☐	☐	☐	☐	☐
Com a residência de estrangeiros na sua zona	☐	☐	☐	☐	☐
Com a presença de turistas na sua zona	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto: Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐
Bem-estar emocional					
10) Até que ponto se sente feliz:	Muito infeliz	Infeliz	Nem feliz nem infeliz	Feliz	Muito feliz
	1	2	3	4	5
Com a sua vida familiar	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua vida amorosa	☐	☐	☐	☐	☐
Com o seu trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua realização profissional	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua estabilidade no trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua formação/educação	☐	☐	☐	☐	☐
Com o tempo livre que tem	☐	☐	☐	☐	☐
Com a utilização que faz do seu tempo livre (quotidiano e férias)	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto: Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐
Impacto do turismo (apreciação global)					
11) Em que medida considera positivo o <u>desenvolvimento turístico</u> :	Nada positivo	Pouco positivo	Positivo	Muito positivo	Extremamente Positivo
	1	2	3	4	5
A nível global	☐	☐	☐	☐	☐
A nível económico	☐	☐	☐	☐	☐
A nível social	☐	☐	☐	☐	☐
A nível cultural	☐	☐	☐	☐	☐
A nível ambiental	☐	☐	☐	☐	☐
Impactos económicos do turismo					
12) Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência:	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
	1	2	3	4	5

Em termos pessoais	Aumenta o seu rendimento	☐	☐	☐	☐	☐
	Melhora o seu nível de vida	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Aumenta as oportunidades de emprego	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o investimento e o empreendedorismo	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o custo de vida	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta os impostos e as taxas	☐	☐	☐	☐	☐
	Dificulta o desenvolvimento de outras actividades económicas	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐
Impactos sociais do turismo						
13) Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência:		Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Aumenta as possibilidades de conviver com pessoas diferentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Altera o seu estilo de vida	☐	☐	☐	☐	☐
	Reforça os laços sociais na comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o sentimento de orgulho em relação à comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o sentimento de pertença à comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
	Diminui a sua tranquilidade	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Melhora as infraestruturas (acessos, saneamento, etc)	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a disponibilidade de serviços	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a disponibilidade de actividades recreativas	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a procura de actividades recreativas pelos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Melhora a segurança pública (GNR, Bombeiros, Polícia Municipal, Protecção Civil)	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a participação dos residentes nas decisões a nível local	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o sentimento de orgulho e pertença à comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
	Muda o estilo de vida dos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a procura de formação por parte dos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta as actividades ilícitas (crimes, drogas, prostituição, roubos)	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Impactos culturais do turismo						
14) Em que medida concorda que o <u>desenvolvimento turístico</u> na sua zona de residência:		Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Aumenta o seu conhecimento de outras culturas	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o seu conhecimento da cultura local	☐	☐	☐	☐	☐
	Desenvolve as suas capacidades linguísticas	☐	☐	☐	☐	☐
	Motiva-o(a) a estudar mais e/ou a aperfeiçoar as suas competências profissionais	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Aumenta a disponibilidade de serviços e de actividades culturais	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a procura de actividades culturais pelos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o conhecimento de outras culturas por parte dos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Afirma a identidade local	☐	☐	☐	☐	☐
	Altera as tradições da zona	☐	☐	☐	☐	☐
	Altera os valores da comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Contribui para a preservação e promoção do património	☐	☐	☐	☐	☐
	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐
Impactos ambientais do turismo						
15) Em que medida concorda que o <u>desenvolvimento turístico</u> na sua zona de residência:		Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Restringe o número de áreas públicas a que tem acesso livre	☐	☐	☐	☐	☐
	Promove a sua vida ao ar livre	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a sua preocupação com o ambiente	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Contribui para o embelezamento da zona	☐	☐	☐	☐	☐
	Contribui para preservar o ambiente	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta os problemas de tráfego	☐	☐	☐	☐	☐
	Destroi os ecossistemas	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a poluição (água, ar, lixo, ruído)	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Relação com o turismo					
18) Indique com que frequência:	Nunca	Esporadi- camente	Todos os meses	Todas as semanas	Todos os dias
	1	2	3	4	5
Contacta com turistas em eventos especiais (p. ex. festas, festivais)	☐	☐	☐	☐	☐
Contacta com turistas em situações relacionadas com trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
Contacta com turistas em situações de lazer (p. ex. passeios, prática desportiva, centros de bem estar)	☐	☐	☐	☐	☐
Contacta com turistas em situações do dia a dia (p. ex. trânsito, restaurantes, serviços públicos)	☐	☐	☐	☐	☐
Caracterização do Inquirido					
17) Qual a sua situação actual face ao emprego?	☐ Estou a trabalhar ☐ Estou desempregado(a) ☐ Sou estudante ☐ Sou doméstico(a) ☐ Estou reformado(a) ☐ Outra. Qual? _____				
18) Em média, qual é o rendimento mensal do seu agregado familiar?	☐ Sem rendimento ☐ Menos de 450,00€ ☐ De 451,00€ a 900,00€ ☐ De 901,00€ a 1800,00€ ☐ De 1801,00€ a 3600,00€ ☐ Mais de 3600,00€				
19) Como é composto o seu agregado familiar? (Indique as pessoas que vivem em sua casa)	☐ O próprio ☐ Conjuge/Companheiro(a) ☐ Filhos menores. Quantos? ____ ☐ Filhos maiores. Quantos? ____ ☐ Outras pessoas. Quem? ____				
20) A casa onde vive	☐ É sua ☐ É sua mas está a pagar o empréstimo ao banco ☐ É arrendada ☐ É partilhada ☐ Outra situação. Qual? _____				

Caracterização do Inquirido (continuação)			
21) Sexo	☐ Masculino ☐ Feminino		
22) Idade			
23) Estado civil	☐ Solteiro(a) ☐ Casado(a) / União de facto ☐ Divorciado(a) / Separado(a) ☐ Viúvo(a)		
24) Nacionalidade			
25) Naturalidade			
26) Nível de estudos concluído	☐ Não sabe ler nem escrever ☐ 1.º ciclo / ensino primário ☐ 2.º ciclo / 5.º ou 6.º ano ☐ 3.º ciclo / 7.º, 8.º, 9.º ano ☐ Ensino profissional ☐ Bacharelato/Licenc. ☐ Mestrado; doutoramento; formação pós graduada		
27) Que elemento do seu agregado familiar mais contribui para o rendimento mensal?	☐ Eu ☐ O(a) meu/minha conjugelcompanheiro(a) ☐ Todos de igual forma ☐ Outro elemento. Qual?		
28) Qual a profissão actual da pessoa que mais contribui para o rendimento familiar? (no caso de haver mais do que uma pessoa, por favor, indique as respectivas profissões)			
28) Relativamente à sua profissão, diga-nos por favor, em que área(s): (apenas para quem trabalha actualmente ou já trabalhou)	Agricultura/pesca	Trabalha	Já trabalhou
	Indústria (extractiva/transformadora)	☐	☐
	Turismo (p. ex. hotelaria, restauração, agências de viagens)	☐	☐
	Comércio	☐	☐
	Serviços (públicos e privados)	☐	☐

CHEGOU AO FIM DO QUESTIONÁRIO. MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO

Apêndice 9 – Questionário aos residentes do concelho de Loulé



Questionário a Residentes do Concelho de Loulé

Ex. mo (a) Senhor (a) Residente do Concelho de Loulé,

Este questionário diz respeito ao estudo da qualidade de vida dos residentes do Concelho de Loulé e faz parte de uma investigação que está a ser realizada na Universidade do Algarve.

A sua participação, sendo totalmente voluntária e confidencial, é muito importante para ajudar a perceber que medidas podem promover a qualidade de vida dos residentes.

Pedimos que responda com a maior sinceridade, assinalando em cada pergunta a resposta que considera ser a mais adequada.

Agradecemos desde já a sua colaboração.

1) Em que freguesia do Concelho de Loulé reside?

2) Há quanto tempo reside nesta freguesia: (n.º de anos aproximado)

3) Há quanto tempo reside no Concelho de Loulé: (n.º de anos aproximado)

Qualidade de vida (apreciação global)

4) Como classifica:	Muito má	Má	Razoável	Bom	Muito Bom
	1	2	3	4	5
A sua qualidade de vida actual	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida da sua família	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida dos seus vizinhos	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida dos seus amigos	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida dos seus colegas	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida no Algarve	☐	☐	☐	☐	☐
A qualidade de vida na sua zona de residência	☐	☐	☐	☐	☐

Felicidade e satisfação com a vida

5) Em que medida se sente:	Nada	Pouco	Esmodamente	Muito	Totalmente
	1	2	3	4	5
Feliz	☐	☐	☐	☐	☐
Satisfeito com a sua vida	☐	☐	☐	☐	☐

Bem-estar (apreciação global)

6) Como classifica o <u>seu</u> bem-estar:	Muito mau	Mau	Razoável	Bom	Muito bom
	1	2	3	4	5
A nível material	☐	☐	☐	☐	☐
A nível comunitário	☐	☐	☐	☐	☐
A nível emocional	☐	☐	☐	☐	☐
Ao nível da saúde	☐	☐	☐	☐	☐
Ao nível da segurança	☐	☐	☐	☐	☐

Bem-estar material						
7) Em que medida está satisfeito(a):		Nada satisfeito(a)	Pouco satisfeito(a)	Satisfeito(a)	Muito satisfeito(a)	Totalmente satisfeito(a)
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Com as suas condições de trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
	Com as perspectivas de progressão no trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o seu rendimento/ordenado	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a casa onde vive	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os bens que possui	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços a que acede	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a sua estabilidade económica	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Com o desenvolvimento económico	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o investimento público que tem sido feito	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o investimento privado que tem sido feito	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os estabelecimentos de ensino disponíveis	☐	☐	☐	☐	☐
	Com as acessibilidades	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a rede de transportes públicos	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o saneamento	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços públicos	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços privados	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Bem-estar na saúde						
8) Em que medida está satisfeito(a):		Nada satisfeito(a)	Pouco satisfeito(a)	Satisfeito(a)	Muito satisfeito(a)	Totalmente satisfeito(a)
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Com a sua saúde	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a saúde da sua família	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços de saúde a que acede	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o sistema de saúde que tem	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Com os serviços públicos de saúde disponíveis	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços privados de saúde disponíveis	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Bem-estar na segurança						
9) Em que medida está satisfeito(a) :		Não satisfeito(a)	Pouco satisfeito(a)	Satisfeito(a)	Muito satisfeito(a)	Totalmente satisfeito(a)
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Com a sua segurança pessoal	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a segurança da sua família	☐	☐	☐	☐	☐
	Com a segurança na sua casa	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Com a segurança do local onde vive	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços de segurança pública (GNR, Bombeiros Polícia Municipal, Protecção civil)	☐	☐	☐	☐	☐
	Com os serviços privados de segurança	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o controle de actividades ilícitas (p. ex. crimes, violência, prostituição, furtos)	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o nível de tolerância em relação a residentes estrangeiros	☐	☐	☐	☐	☐
	Com o nível de tolerância em relação à presença de turistas	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Bem-estar comunitário					
10) Até que ponto se sente feliz:	Muito infeliz	Infeliz	Nem feliz nem infeliz	Feliz	Muito feliz
	1	2	3	4	5
Com a sua relação com os seus amigos	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua relação com os seus vizinhos	☐	☐	☐	☐	☐
Com as suas relações no trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua participação política	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua participação religiosa	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua participação associativa	☐	☐	☐	☐	☐
Por viver na zona onde vive	☐	☐	☐	☐	☐
Por pertencer à comunidade a que pertence	☐	☐	☐	☐	☐
Por se identificar com a comunidade onde vive	☐	☐	☐	☐	☐
Com a residência de estrangeiros na sua zona	☐	☐	☐	☐	☐
Com a presença de turistas na sua zona	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto: Qual?	☐	☐	☐	☐	☐

Bem-estar emocional					
11) Até que ponto se sente feliz:	Muito infeliz	Infeliz	Nem feliz nem infeliz	Feliz	Muito feliz
	1	2	3	4	5
Com a sua vida familiar	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua vida amorosa	☐	☐	☐	☐	☐
Com o seu trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua realização profissional	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua estabilidade no trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
Com a sua formação/educação	☐	☐	☐	☐	☐
Com o tempo livre que tem	☐	☐	☐	☐	☐
Com a utilização que faz do seu tempo livre (quotidiano e férias)	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto: Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Impacto do turismo (apreciação global)					
12) Em que medida considera positivo o <u>desenvolvimento turístico</u> :	Nada positivo	Pouco positivo	Positivo	Muito positivo	Extremamente Positivo
	1	2	3	4	5
A nível global	☐	☐	☐	☐	☐
A nível económico	☐	☐	☐	☐	☐
A nível social	☐	☐	☐	☐	☐
A nível cultural	☐	☐	☐	☐	☐
A nível ambiental	☐	☐	☐	☐	☐

Impactos económicos do turismo						
13) Em que medida concorda que o <u>desenvolvimento turístico</u> na sua zona de residência:		Discorda totalmente	Discorda	Nem concorda nem discorda	Concorda	Concorda totalmente
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Aumenta o seu rendimento	☐	☐	☐	☐	☐
	Melhora o seu nível de vida	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Aumenta as oportunidades de emprego	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o investimento e o empreendedorismo	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o custo de vida	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta os impostos e as taxas	☐	☐	☐	☐	☐
	Dificulta o desenvolvimento de outras actividades económicas	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Impactos sociais do turismo						
14) Em que medida concorda que o <u>desenvolvimento turístico</u> na sua zona de residência:		Discorda totalmente	Discorda	Nem concorda nem discorda	Concorda	Concorda totalmente
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Aumenta as possibilidades de conviver com pessoas diferentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Altera o seu estilo de vida	☐	☐	☐	☐	☐
	Reforça os laços sociais na comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o sentimento de orgulho em relação à comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o sentimento de pertença à comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
	Diminui a sua tranquilidade	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Melhora as infraestruturas (acessos, saneamento, etc)	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a disponibilidade de serviços	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a disponibilidade de actividades recreativas	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a procura de actividades recreativas pelos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Melhora a segurança pública (GNR, Bombeiros, Polícia Municipal; Protecção Civil)	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a participação dos residentes nas decisões a nível local	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o sentimento de orgulho e pertença à comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
	Muda o estilo de vida dos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a procura de formação por parte dos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta as actividades ilícitas (crimes, drogas, prostituição, roubos)	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Impactos ambientais do turismo						
15) Em que medida concorda que o <u>desenvolvimento turístico</u> na sua zona de residência:		Discorda totalmente	Discorda	Nem concorda nem discorda	Concorda	Concorda totalmente
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Restringe o número de áreas públicas a que tem acesso livre	☐	☐	☐	☐	☐
	Promove a sua vida ao ar livre	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a sua preocupação com o ambiente	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Contribui para o embelezamento da zona	☐	☐	☐	☐	☐
	Contribui para preservar o ambiente	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta os problemas de tráfego	☐	☐	☐	☐	☐
	Destroi os ecossistemas	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a poluição (água, ar, lixo, ruído)	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Impactos culturais do turismo						
16) Em que medida concorda que o desenvolvimento turístico na sua zona de residência:		Discorda totalmente	Discorda	Nem concorda nem discorda	Concorda	Concorda totalmente
		1	2	3	4	5
Em termos pessoais	Aumenta o seu conhecimento de outras culturas	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o seu conhecimento da cultura local	☐	☐	☐	☐	☐
	Desenvolve as suas capacidades linguísticas	☐	☐	☐	☐	☐
	Motiva-o(a) a estudar mais e/ou a aperfeiçoar as suas competências profissionais	☐	☐	☐	☐	☐
Na sua zona de residência	Aumenta a disponibilidade de serviços e de actividades culturais	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta a procura de actividades culturais pelos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Aumenta o conhecimento de outras culturas por parte dos residentes	☐	☐	☐	☐	☐
	Afirma a identidade local	☐	☐	☐	☐	☐
	Altera as tradições da zona	☐	☐	☐	☐	☐
	Altera os valores da comunidade	☐	☐	☐	☐	☐
	Contribui para a preservação e promoção do património	☐	☐	☐	☐	☐
Outro aspecto	Qual? _____	☐	☐	☐	☐	☐

Relação com o turismo					
17) Indique com que frequência:	Nunca	Esparadamente	Todas as semanas	Todas as semanas	Todas as dias
	1	2	3	4	5
Contacta com turistas em eventos especiais (p. ex. festas, festivais)	☐	☐	☐	☐	☐
Contacta com turistas em situações relacionadas com trabalho	☐	☐	☐	☐	☐
Contacta com turistas em situações de lazer (p. ex. passeios, prática desportiva, centros de bem estar)	☐	☐	☐	☐	☐
Contacta com turistas em situações do dia a dia (p. ex. trânsito, restaurantes, serviços públicos)	☐	☐	☐	☐	☐

Caracterização do inquirido	
18) Qual a sua situação actual face ao emprego?	☐ Estou a trabalhar. Qual a profissão? _____ ☐ Estou desempregado(a) ☐ Sou estudante ☐ Sou doméstico(a) ☐ Estou reformado(a) ☐ Outra. Qual? _____
19) Em que área (s) já trabalhou:	☐ Agricultura/pesca ☐ Indústria (extractiva/transformadora) ☐ Turismo (p. ex. hotelaria, restauração, agências de viagens) ☐ Comércio ☐ Serviços (públicos e privados)

Caracterização do inquirido	
20) Em média, qual é o rendimento mensal do seu agregado familiar?	☐ Sem rendimento ☐ Menos de 450,00€ ☐ De 451,00€ a 900,00€ ☐ De 901,00€ a 1800,00€ ☐ De 1801,00€ a 3600,00€ ☐ Mais de 3600,00€
21) Quem vive consigo?	☐ Conjugue/Companheiro(a) ☐ Filhos menores. Quantos? ____ ☐ Filhos maiores. Quantos? ____ ☐ Outras pessoas. Quantos? ____
22) A casa onde vive	☐ É minha ☐ É minha mas estou a pagar o empréstimo ao banco ☐ É arrendada ☐ É partilhada ☐ Outra situação. Qual? _____
23) Sexo	☐ Masculino ☐ Feminino
24) Idade	
25) Estado civil	☐ Solteiro(a) ☐ Casado(a) / União de facto ☐ Divorciado(a) / Separado(a) ☐ Viúvo(a)
26) Naturalidade (o local onde nasceu)	_____
27) Nível de estudos concluído	☐ Não sabe ler nem escrever ☐ 1.º ciclo / ensino primário ☐ 2.º ciclo / 5.º ou 6.º ano ☐ 3.º ciclo / 7.º, 8.º; 9.º ano ☐ Ensino secundário (10.º; 11.º ou 12.º ano) ☐ Ensino profissional ☐ Bacharelato/Licenc. ☐ Mestrado; doutoramento; formação pós graduada
28) Que elemento do seu agregado familiar mais contribui para o rendimento mensal?	☐ Eu. Profissão _____ ☐ O(a) meu/minha conjugue/companheiro(a) Profissão _____ ☐ Outro elemento. Profissão _____ ☐ Todos de igual forma

CHEGOU AO FIM DO QUESTIONÁRIO. MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO

Apêndice 10 – Cartões de apoio à aplicação dos questionários

- NADA PREOCUPADO(A)
- POUCO PREOCUPADO(A)
- PREOCUPADO(A)
- MUITO PREOCUPADO(A)
- EXTREMAMENTE PREOCUPADO(A)

- MUITO NEGATIVA
- NEGATIVA
- NEM POSITIVA NEM NEGATIVA
- POSITIVA
- MUITO POSITIVA

Na sua freguesia destaca-se:

- Beleza natural
- Tradições locais
- Festividades
- Artesanato
- Património construído
- Actividades tradicionais
- Simpatia das gentes
- Outra característica

- NADA IMPORTANTE
- POUCO IMPORTANTE
- IMPORTANTE
- MUITO IMPORTANTE
- EXTREMAMENTE IMPORTANTE

•MUITO DESFAVORÁVEL

•DESFAVORÁVEL

•INDIFERENTE

•FAVORÁVEL

•MUITO FAVORÁVEL

O TURISMO NA SUA FREGUESIA

• ACEITA

• APOIA

• IMPLEMENTA / DESENVOLVE

• TOLERA

• REJEITA

**RENDIMENTO MENSAL
AGREGADO FAMILIAR**

- **MENOS 35 CONTOS**
- **DE 36 A 70 CONTOS**
- **DE 71 A 100 CONTOS**
- **DE 101 A 150 CONTOS**
- **MAIS DE 150 CONTOS**

Apêndice 11 – Procedimentos a adotar na aplicação dos questionários

Na aplicação do questionário dever-se-á proceder da seguinte forma:

O inquiridor deve começar pól os cumprimentos e por se apresentar, a si próprio e ao estudo, reforçando a confidencialidade das respostas dadas e os objectivos académicos do estudo. Deverá ainda:

- Aplicar apenas a pessoas de nacionalidade portuguesa;
- Perguntar, em primeiro lugar, se é residente no concelho de Loulé – caso não seja, agradecer a atenção mas não aplicar o questionário;
- Ter em conta que, sempre que possível deverá ser o próprio inquirido a registar a sua resposta no formulário do questionário, devendo o inquiridor estar por perto para esclarecer alguma dúvida;
- Verificar se o questionário está totalmente preenchido e caso haja perguntas por responder alertar o inquirido para o facto, solicitando-lhe a resposta a estas mesmas perguntas;
- No caso do inquirido não saber ler nem escrever ou preferir que o entrevistador registre a resposta, este deve fazê-lo e fornecer ao inquirido, caso considere adequado, os cartões com as opções de respostas correspondentes a cada pergunta (para que o inquirido utilize na resposta a escala adequada);
- Também neste caso o inquiridor deverá certificar-se que o questionário está totalmente preenchido.

Os questionários deverão ser aplicados a:

- Residentes no concelho de Loulé, em cada uma das freguesias de acordo com a amostra;
- Residentes de ambos os sexos de acordo com o indicado na amostra para cada freguesia;
- Residentes de nacionalidade portuguesa
- Residentes com 18 anos ou mais (pelo menos até aos 65 anos inclusive)
- Residentes diversificados, tanto quanto possível, tendo em conta as habilitações e o estatuto socioeconómico.

Apêndice 12 – Listagem dos cruzamentos efetuados

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo
Características do inquirido	Relação do inquirido com o turismo - frequência do contacto com os turistas		
Sexo	Eventos especiais	Não	N.A. ¹¹⁵
	Situações relacionadas com trabalho	Não	N.A.
	Situações de lazer	Não	N.A.
	Situações do dia-a-dia	Não	N.A.
Escala Etário	Eventos especiais	Sim	Sim
	Situações relacionadas com trabalho	Sim	Sim
	Situações de lazer	Sim	Sim
	Situações do dia-a-dia	Sim	Sim
Área de actividade	Eventos especiais	Sim	Sim
	Situações relacionadas com trabalho	Sim	Sim
	Situações de lazer	Sim	Sim
	Situações do dia-a-dia	Sim	Sim
Estado civil	Eventos especiais	Não	N.A.
	Situações relacionadas com trabalho	Sim	Não
	Situações de lazer	Sim	Não
	Situações do dia-a-dia	Sim	Não
Nível de escolaridade	Eventos especiais	Sim	Sim
	Situações relacionadas com trabalho	Sim	Sim
	Situações de lazer	Sim	Sim
	Situações do dia-a-dia	Sim	Sim
Região Natural	Eventos especiais	Sim	Sim
	Situações relacionadas com trabalho	Sim	Sim
	Situações de lazer	Não	N.A.
	Situações do dia-a-dia	Sim	Sim

¹¹⁵ N.A. – não aplicável

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
Qualidade de vida actual	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	Sim
	Estado civil	Sim	Sim
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	Sim
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Sim	Sim
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Qualidade de vida da sua família	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	
	Estado civil	Sim	X
	Nível de escolaridade	Sim	X
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações	Sim	X

¹¹⁶ N.A. - Não Aplicável

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
	relacionadas com trabalho		
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Qualidade de vida dos seus vizinhos	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Não	N.A.
	Estado civil	Não	N.A.
	Nível de escolaridade	Sim	X
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Não	N.A.
Qualidade de vida dos seus amigos	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	X
	Estado civil	Não	N.A.
	Nível de escolaridade	Sim	X
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Qualidade de vida dos seus colegas	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	X
	Estado civil	Sim	X
	Nível de escolaridade	Sim	X
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Qualidade de vida no Algarve	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	X
	Estado civil	Não	N.A.
	Nível de escolaridade	Sim	X
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Qualidade de vida na zona de residência	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	Sim
	Estado civil	Não	N.A.
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Felicidade	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	Sim

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Estado civil	Sim	Sim
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Satisfação com a vida	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	Sim
	Estado civil	Sim	Sim
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações	Sim	X

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
	de lazer		
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Bem-estar a nível material	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	Sim
	Estado civil	Sim	Sim
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Bem-estar a nível comunitário	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Não	n.a
	Estado civil	Sim	Sim
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Sim	X
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Não	N.A.

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Bem-estar a nível emocional	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	Sim
	Estado civil	Sim	Sim
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Sim	X
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Bem-estar ao nível da saúde	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Sim	Sim
	Estado civil	Sim	Sim
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Sim	X
	Tempo de residência no concelho de Loulé		

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Bem-estar ao nível da segurança	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Não	n.a
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Estado civil	Sim	Sim
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Desenvolvimento turístico a nível global	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Não	N.A.
	Estado civil	Sim	X
	Nível de escolaridade	Sim	Sim

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Desenvolvimento turístico a nível económico	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Não	N.A.
	Estado civil	Sim	X
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
Desenvolvimento turístico a nível social	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Não	N.A.
	Estado civil	Não	N.A.
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Desenvolvimento turístico a nível cultural	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Não	N.A.
	Estado civil	Não	N.A.
	Nível de escolaridade	Sim	Sim
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações	Sim	X

Variáveis a cruzar		Variáveis com associação estatística	Variáveis consideradas relevantes para o estudo ¹¹⁶
Percepção do inquirido sobre a qualidade de vida, felicidade, satisfação com a vida, bem-estar e impactos do turismo	Características do inquirido e da sua relação com o turismo (frequência do contacto com os turistas)		
	de lazer		
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X
Desenvolvimento turístico a nível ambiental	Sexo	Não	N.A.
	Escalão Etário	Não	N.A.
	Estado civil	Não	N.A.
	Nível de escolaridade	Não	N.A.
	Rendimento mensal do agregado familiar	Sim	X
	Área de actividade do individuo que mais contribui para o rendimento familiar	Não	N.A.
	Tempo de residência no concelho de Loulé		
	Propriedade da habitação	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em eventos especiais	Sim	Sim
	Frequência de contacto com turistas em situações relacionadas com trabalho	Não	N.A.
	Frequência de contacto com turistas em situações de lazer	Sim	X
	Frequência de contacto com turistas em situações do dia-a-dia	Sim	X